



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

MARCOS CARVALHO MACEDO

A REPORTAGEM ESPECIAL TRANSMÍDIA: uma proposta de roteirização

Recife
2024

MARCOS CARVALHO MACEDO

A REPORTAGEM ESPECIAL TRANSMÍDIA: uma proposta de roteirização

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de doutor em Comunicação.

Área de concentração: Comunicação.

Orientadora: Prof^a. Dra. Yvana Carla Fechine de Brito

Recife

2024

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Macedo, Marcos Carvalho.

A reportagem especial transmídia: uma proposta de roteirização / Marcos
Carvalho Macedo. - Recife, 2024.

348 : il., tab.

Orientador(a): Yvana Carla Fechine de Brito

Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e
Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, 2024.

Inclui referências, apêndices, anexos.

1. Jornalismo. 2. Transmídia. 3. Reportagem especial. 4. Roteirização. 5.
Método. I. Brito , Yvana Carla Fechine de. (Orientação). II. Título.

070 CDD (22.ed.)

UFPE (CAC 2024 - 50)

MARCOS CARVALHO MACEDO

A REPORTAGEM ESPECIAL TRANSMÍDIA: uma proposta de roteirização

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico de Comunicação (CAC), como requisito para a obtenção do título de Doutor em Comunicação. Área de concentração: Comunicação.

Aprovado em: 01/ 03/2024.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Yvana Carla Fachine de Brito (Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

Prof^a. Dr^a. Isaltina Maria de Azevedo Mello Gomes (Examinadora Interna)
Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

Prof^a. Dr^a. Paula Reis Melo (Examinadora Externa)
Universidade Federal de Pernambuco – DCOM/UFPE

Prof^a. Dr^a. Maria Carolina Maia Monteiro (Examinadora Externa)
Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP

Prof^a. Dr^a. Geane Carvalho Alzamora (Examinadora Externa)
Universidade Federal de Minas Gerais

Para meus avós, Manoel e Florência (in memoriam).

AGRADECIMENTOS

A Deus, fonte de vida, pelos dons a mim confiados e por me permitir desenvolvê-los ao longo dessa jornada; pelas graças alcançadas e pelos desafios superados.

À minha mãe Elinete, minha irmã Letícia e meu irmão Igor, que mesmo à distância me acompanham e dão apoio.

À minha orientadora Yvana Fechine, com quem compartilho este ciclo de pesquisa iniciado na graduação em jornalismo, pelos ensinamentos e provocações, mas sobretudo pelo incentivo, prontidão, cuidado, paciência e segurança manifestados efetiva e afetivamente no decorrer desta caminhada.

Aos membros do corpo técnico do PPGCOM/UFPE pela assistência, em particular a Roberta Bacelar pelo suporte nas emergências; e ao corpo docente, especialmente à professora Isaltina Mello, pela presença e importantes contribuições desde o mestrado.

À professora Carolina Monteiro pelas sugestões na banca de qualificação, assim como à Paula Reis, que tem acompanhado esse percurso de pesquisa desde a graduação até agora, contribuindo de forma valiosa e pertinente para seus resultados. À Professora Geane Alzamora por ter aceitado o convite para colaborar na banca de doutorado.

Aos jornalistas em formação da Universidade Federal de Pernambuco e da Universidade Federal de Alagoas, hoje provavelmente já exercendo a profissão, que aceitaram o desafio de participar desta pesquisa e colaboraram tanto para o seu resultado como para a minha formação enquanto docente.

Aos amigos que em diversos momentos se fizeram presentes e iluminaram esse trecho da minha jornada: Francimário, Silvana, Lúcio Vânio, Débora, José Mário, Gleice, Luciana, Roseli, Zilma, Socorro, Carol, Simone, Ir. Julita, Pe. Joatan, Pe. Douglas, Fr. Walter, Fr. Edilson, Fr. Rogério, Fr. Artur, Amaro, Emivaldo, Maurílio, Betânia, Marco Antônio, Graça Cruz, Graça Palhares, Ana Torres, Ana Hermelinda e Goretti (in memoriam), Alexandre, Cleide, Israel, Samuel, Ângela, Cristiane, Maria José, Dinha, Carminha, Sirlene, Eliane, Paulo, Magnólia, Pedro, Amanda, Francisco Mário e tantos outros.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

“Há uma idade em que se ensina o que se sabe; mas vem em seguida outra, em que se ensina o que não se sabe: isso se chama *pesquisar*”. (Barthes, 1996, p. 45).

RESUMO

Esta tese propõe um método de roteirização para reportagens especiais transmídia com base nos estudos da linguagem e na pesquisa aplicada realizada com estudantes de jornalismo de universidades públicas, especialmente diante da ausência de referências mais específicas capazes de subsidiar a prática jornalística transmídia. A partir de investigações e análises que destacaram a importância das relações temáticas para configuração textual desse tipo de reportagem (Macedo, 2019), desenvolveu-se um instrumental metodológico denominado mapa midiático-temático, que permite representar visualmente as estratégias de expansão transmídia de textos associados a um texto de referência, nos moldes da transmidiação (Fechine, 2018). As etapas sucessivas que constituem o método são: a) caracterização do jornalismo transmídia; b) discussão do projeto transmídia; c) roteirização do texto de referência; d) roteirização dos textos de expansão; e) revisão do mapa midiático-temático; f) produção jornalística transmídia; e g) circulação jornalística transmídia. A ferramenta e o método propostos foram colocados à prova em disciplinas dos cursos de Jornalismo da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), demonstrando que a roteirização para reportagens especiais transmídia, baseada no desdobramento dos aspectos temáticos, sustenta-se tanto teórica quanto operacionalmente. Os roteiros produzidos pelos estudantes com o emprego do método mostraram que ele estimula efetivamente o desenvolvimento de textos de expansão, fazendo avançar o percurso temático segundo determinadas organizações argumentativas mais gerais. A pesquisa realizada constatou a operatividade do mapa temático-midiático para o ensino de jornalismo e, a partir da avaliação feita pelos jornalistas em formação, sinalizou ainda seu potencial para emprego por profissionais, o que poderá ser realizado em experiências futuras.

Palavras-chave: Jornalismo; Transmídia; Reportagem Especial; Roteirização; Método.

ABSTRACT

This thesis proposes a scripting method for transmedia special reporting based on language studies and applied research carried out with journalism students from public universities, especially in the absence of more specific references to supporting transmedia journalistic practice. Based on research and analysis that highlighted the importance of thematic relationships for the textual configuration of this type of reporting (Macedo, 2019), a methodological tool called a media-thematic map was developed, which allows us to visually represent the transmedia expansion strategies of texts associated with a reference text, along the lines of transmediation (Fechine, 2018). The successive stages that constitute the method are: a) characterization of transmedia journalism; b) discussion of the transmedia project; c) scripting of the reference text; d) scripting of the expansion texts; e) revision of the media-thematic map; f) transmedia journalistic production; and g) transmedia journalistic circulation. The proposed tool and method were put to the test in Journalism courses at the Federal University of Pernambuco (UFPE) and the Federal University of Alagoas (UFAL), demonstrating that scripting for transmedia special reporting, based on the unfolding of thematic aspects, is both theoretically and operationally sustainable. The scripts produced by the students using the method showed that it effectively stimulates the development of expansion texts, advancing the thematic pathway according to certain more general argumentative organizations. The research confirmed the operability of the thematic-media map for teaching journalism and, based on the evaluation made by journalists in training, also indicated its potential for use by professionals, which could be carried out in future experiments

Keywords: Journalism; Transmedia; Special Reporting; Scripting; Method.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Plano da série de reportagens <i>Brasil em Constituição</i> (Jornal Nacional, 2022)	76
Figura 2 –	Plano da reportagem especial <i>Floresta sem fim</i> (Folha de S. Paulo, 2015)	79
Figura 3 –	Plano da reportagem especial <i>Brasil Desigual</i> (Radio Senado, 2005)	82
Figura 4 –	Plano da série de reportagens <i>Sotaques do Brasil</i> (Jornal Hoje, 2014)	83
Figura 5 –	Plano do programa sobre redução da maioridade penal (Profissão Repórter, 2015)	85
Figura 6 –	Plano da reportagem <i>Crack: invasão da droga nos rincões do sossego</i> (O Estado de São Paulo, 2014)	88
Figura 7 –	Plano da reportagem <i>Crime sem castigo</i> (Folha de S. Paulo, 2014)	90
Figura 8 –	Planos dissertativos segundo as formas de raciocínio	91
Figura 9 –	Análise do VT1 da Série de reportagem Fome (Jornal Nacional, 2021)	107
Figura 10 –	Representação de <i>transmídia storytelling</i>	117
Figura 11 –	Modelo de bíblia transmídia	117
Figura 12 –	Infográfico da Narrativa Transmídia <i>The Matrix</i>	118
Figura 13 –	Jornada de usuário simples	118
Figura 14 –	Criação da ideia inicial para <i>Parasitas</i>	119
Figura 15 –	Mapa Transmídia	120
Figura 16 –	Mapa genérico do universo transmídia oficial e extraoficial de uma narrativa transmídia	121
Figura 17 –	Fluxograma Circular Rizomático	122
Figura 18 –	Expansão temática do especial <i>Tudo Sobre Belo Monte</i>	123
Figura 19 –	Mapa Midiático-temático do especial <i>Tudo Sobre Belo Monte</i>	124
Figura 20 –	Mapa midiático-temático genérico do especial <i>Tudo Sobre Belo Monte</i>	125
Figura 21 –	Modelo hipotético de Mapa midiático-temático de reportagem transmídia	127
Figura 22 –	Enquete do caso Boy do Bote	142
Figura 23 –	Revisão da aula	143
Figura 24 –	Primeiro exercício de tematização utilizando o mapa midiático-temático	147
Figura 25 –	Mapa Midiático-temático de reportagem sobre Futuro do trabalho	149
Figura 26 –	Apresentação da 1ª versão do Mapa midiático temático <i>Megaprojetos em Pernambuco</i>	152

Figura 27 –	Período letivo dos estudantes da disciplina Processo de Roteirização em Jornalismo (UFPE, Semestre 2020.2)	170
Figura 28 –	Compreensão dos conteúdos teóricos sobre roteirização de reportagens transmídia dos estudantes na disciplina Processo de Roteirização em Jornalismo (UFPE, Semestre 2020.2)	170
Figura 29 –	Avaliação do roteiro da reportagem especial transmídia elaborado pelos estudantes na disciplina Processo de Roteirização em Jornalismo (UFPE, Semestre 2020.2)	171
Figura 30 –	Avaliação quanto ao nível de dificuldade na elaboração do roteiro transmídia pelos estudantes da disciplina Processo de Roteirização em Jornalismo (UFPE, Semestre 2020.2)	171
Figura 31 –	Avaliação da contribuição do mapa midiático-temático para elaboração do roteiro transmídia pelos estudantes da disciplina Processo de Roteirização em Jornalismo (UFPE, Semestre 2020.2)	173
Figura 32 –	Possibilidade de utilizar do mapa midiático-temático para roteirizar reportagens transmídia entre os estudantes da disciplina Processo de Roteirização em Jornalismo (UFPE, Semestre 2020.2)	173
Figura 33 –	Compreensão dos conteúdos teóricos sobre roteirização de reportagens transmídia dos estudantes na disciplina Telecinejornalismo (UFPE, Semestre 2021.1)	197
Figura 34 –	Avaliação do roteiro da reportagem especial transmídia elaborado pelos estudantes na disciplina Telecinejornalismo (UFPE, Semestre 2021.1)	197
Figura 35 –	Avaliação quanto ao nível de dificuldade na elaboração do roteiro transmídia pelos estudantes da disciplina Telecinejornalismo (UFPE, Semestre 2021.1)	198
Figura 36 –	Avaliação da contribuição do mapa midiático-temático para elaboração do roteiro transmídia pelos estudantes da disciplina Telecinejornalismo (UFPE, Semestre 2021.1)	199
Figura 37 –	Possibilidade de utilizar do mapa midiático-temático para roteirizar reportagens transmídia entre os estudantes da disciplina Telecinejornalismo (UFPE, Semestre 2021.1)	199
Figura 38 –	Modelo do mapa midiático-temático na plataforma Figma	204

Figura 39 –	Organização da apuração do roteiro “Violência contra Mulher em Alagoas” no Google Drive	216
Figura 40 –	Exemplo de cronograma de circulação de reportagem especial transmídia	223
Figura 41 –	Avaliação do roteiro da reportagem especial transmídia elaborado pelos estudantes na disciplina Laboratório de Webjornalismo e Jornalismo Multimídia (UFAL, Semestre 2022.1)	226
Figura 42 –	Avaliação quanto ao nível de dificuldade na elaboração do roteiro transmídia pelos estudantes da disciplina Laboratório de Webjornalismo e Jornalismo Multimídia (UFAL, Semestre 2022.1)	227
Figura 43 –	Avaliação da contribuição do mapa midiático-temático para elaboração do roteiro transmídia pelos estudantes da disciplina Laboratório de Webjornalismo e Jornalismo Multimídia (UFAL, Semestre 2022.1)	228
Figura 44 –	Possibilidade de utilizar do mapa midiático-temático para roteirizar reportagens transmídia entre os estudantes da disciplina Laboratório de Webjornalismo e Jornalismo Multimídia (UFAL, Semestre 2022.1)	228
Figura 45 –	Mapa Midiático-temático para roteirização de reportagens especiais transmídia	244

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Estratégias transmídia na série <i>Tudo Sobre</i>	40
Quadro 2 – Funcionamento discursivo das tipologias textuais	67
Quadro 3 – Finalidades do Jornalismo	93
Quadro 4 – Elementos da pauta de uma reportagem	111
Quadro 5 – Descrição das funções dos textos de expansão transmídia no Jornalismo	128
Quadro 6 – Etapas do método de roteirização de reportagens especiais transmídia	251

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Levantamento de justaposição e expansão temática nos conteúdos propostos para outras mídias e plataformas dos mapas midiáticos-temáticos produzidos para a disciplina Processo de Roteirização em Jornalismo (UFPE / Semestre 2020.2)	165
Tabela 2 – Levantamento de justaposição e expansão temática nos conteúdos propostos para outras mídias e plataformas dos mapas midiáticos-temáticos produzidos para a disciplina Telecinejornalismo (UFPE / Semestre 2021.1)	190
Tabela 3 – Levantamento de justaposição e expansão temática nos conteúdos propostos para outras mídias e plataformas nos mapas midiáticos-temáticos produzidos na Disciplina Laboratório de Webjornalismo e Jornalismo Multimídia (UFAL/Semestre 2022.1)	212
Tabela 4 – Comparação da justaposição e expansão temática dos conteúdos para outras mídias e plataformas roteirizados e produzido na Disciplina Laboratório de Webjornalismo e Jornalismo Multimídia (UFAL / Semestre 2022.1)	220

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	18
2	POR UM JORNALISMO TRANSMÍDIA	25
2.1	Dos estudos às práticas	28
2.1.1	As experimentações nas redações	30
2.1.2	As experimentações na academia	34
2.2	A série <i>Tudo Sobre</i>: um caso emblemático, um ponto de partida	37
2.2.1	As articulações textuais	37
2.2.2	As articulações midiáticas	42
3	O ESTATUTO DA REPORTAGEM ESPECIAL	52
3.1	As formas especiais do discurso jornalístico	54
3.1.1	Reportagens especiais no jornalismo impresso	56
3.1.2	Reportagens especiais no radiojornalismo	59
3.1.3	Reportagens especiais no telejornalismo	61
3.1.4	Reportagens especiais no Webjornalismo	62
3.2	As reportagens especiais argumentativas	64
3.2.1	Encontrar os temas (<i>inventio</i>)	69
3.2.2	Organizar os temas (<i>dispositio</i>)	74
3.2.2.1	<i>Plano Inventário</i>	75
3.2.2.2	<i>Plano Ilustração e explicitação e uma afirmação</i>	78
3.2.2.3	<i>Plano Comparativo</i>	80
3.2.2.4	<i>Plano Dialético</i>	84
3.2.2.5	<i>Plano Problema, causas e soluções</i>	86
3.2.2.6	<i>Combinação de diferentes planos</i>	89
3.3	As funções jornalísticas na reportagem especial	92
3.3.1	Funções essenciais: informar e contextualizar	96
3.3.2	Funções complementares: debater, orientar e experienciar	98
4	O MAPA MIDIÁTICO-TEMÁTICO E A ROTEIRIZAÇÃO DE REPORTAGENS ESPECIAIS TRANSMÍDIA	101
4.1	O processo de roteirização no jornalismo	102
4.1.1	O roteiro para documentário e telejornalismo	105
4.1.2	A pauta jornalística como roteiro	108

4.2	O mapa midiático-temático	115
4.2.1	A representação visual para compreensão transmídia	116
4.2.2	Da representação analítica à representação operacional	122
4.3	A roteirização com o mapa midiático-temático	130
4.3.1	Mídia e texto de referência	131
4.3.2	Mídias e textos de expansão	132
4.3.3	Para além da representação visual	135
5	AS EXPERIÊNCIAS DE APLICAÇÃO DO MÉTODO DE ROTEIRIZAÇÃO DE REPORTAGENS ESPECIAIS TRANSMÍDIA	138
5.1	Disciplina Processo de Roteirização em Jornalismo	141
5.1.1	Orientação para roteirização	150
5.1.2	Análise dos Roteiros	162
5.1.3	Avaliação discente	169
5.2	Disciplina Telecinejornalismo	175
5.2.1	Orientação para roteirização	176
5.2.2	Análise dos Roteiros	189
5.2.3	Avaliação discente	196
5.3	Disciplina Laboratório de Webjornalismo e Jornalismo Multimídia	201
5.3.1	Orientações para roteirização e Análise dos Roteiros	205
5.3.2	Apuração transmídia	215
5.3.3	Redação, edição e circulação transmídia	218
5.3.4	Avaliação discente quanto à roteirização	226
5.3.5	Avaliação discente quanto à produção transmídia	230
5.4	Considerações sobre a aplicação do método	233
6	Á GUIA DE CONCLUSÃO: O EMPREGO, AS LIMITAÇÕES E AS POTENCIALIDADES DO MÉTODO	239
6.1	Um roteiro para a roteirização transmídia	241
6.2	Considerações finais	252
	REFERÊNCIAS	258
	APÊNDICE A – QUADRO COMPARATIVO DOS ITENS E CRITÉRIOS DE SELEÇÃO DE EDITAIS DE BOLSA-REPORTAGEM LANÇADOS EM 2022	270

APÊNDICE B – MAPAS MIDIÁTICO-TEMÁTICOS DOS ESPECIAIS <i>TUDO SOBRE</i>	275
APÊNDICE C – CONHECIMENTOS TRANSMÍDIA - TURMA PROCESSO DE ROTEIRIZAÇÃO EM JORNALISMO	281
APÊNDICE D – COMPREENSÃO DAS ESTRATÉGIAS TRANSMÍDIA - TURMA PROCESSO DE ROTEIRIZAÇÃO EM JORNALISMO	283
APÊNDICE E – SÍNTESE DE APRENDIZADOS DE JORNALISMO TRANSMÍDIA - TURMA PROCESSO DE ROTEIRIZAÇÃO EM JORNALISMO	284
APÊNDICE F – COMPREENSÃO DE ROTEIRO - TURMA PROCESSO DE ROTEIRIZAÇÃO EM JORNALISMO	285
APÊNDICE G – RESPOSTAS AO QUESTIONÁRIO SOBRE UTILIZAÇÃO DO MÉTODO DE ROTEIRIZAÇÃO TRANSMÍDIA - TURMA PROCESSOS DE ROTEIRIZAÇÃO EM JORNALISMO	286
APÊNDICE H – RESPOSTAS AO QUESTIONÁRIO SOBRE UTILIZAÇÃO DO MÉTODO DE ROTEIRIZAÇÃO TRANSMÍDIA - TURMA TELECINEJORNALISMO	295
APÊNDICE I – RESPOSTAS AO QUESTIONÁRIO SOBRE UTILIZAÇÃO DO MÉTODO DE ROTEIRIZAÇÃO TRANSMÍDIA - TURMA LABORATÓRIO DE WEBJORNALISMO E JORNALISMO MULTIMÍDIA	301
ANEXO 1 – PLANO DE ENSINO DA DISCIPLINA PROCESSO DE ROTEIRIZAÇÃO EM JORNALISMO	307
ANEXO 2 – MAPA MIDIÁTICO-TEMÁTICO MEGAPROJETOS EM PERNAMBUCO.	310
ANEXO 3 – MAPA MIDIÁTICO-TEMÁTICO INCIDENTES COM TUBARÃO EM PERNAMBUCO	312
ANEXO 4 – MAPA MIDIÁTICO-TEMÁTICO INCENTIVO E FORMAÇÃO DE ATLETAS PARA AS OLIMPÍADAS DE PARIS 2024	314
ANEXO 5 – ANÁLISE TEMÁTICA DA REPORTAGEM MULTIMÍDIA A BATALHA DE BELO MONTE	316

ANEXO 6 – SLIDES DE AULA COM ANÁLISE DA SÉRIE DE REPORTAGEM TRANSPLANTES	320
ANEXO 7 – MAPA MIDIÁTICO-TEMÁTICO SAÚDE MENTAL NOS ESPORTES	321
ANEXO 8 – MAPA MIDIÁTICO-TEMÁTICO REALIDADE DOS ATLETAS BRASILEIROS ENTRE AS OLIMPÍADAS	323
ANEXO 9 – MAPA MIDIÁTICO-TEMÁTICO AS TRANSFORMAÇÕES NA INDÚSTRIA CINEMATOGRAFICA	325
ANEXO 10 – PLANO DE ENSINO DA DISCIPLINA TELECINEJORNALISMO	326
ANEXO 11 - MAPA MIDIÁTICO-TEMÁTICO INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL	329
ANEXO 12 – MAPA MIDIÁTICO-TEMÁTICO EXTERMÍNIO NEGRO DA PERIFERIA	331
ANEXO 13 – MAPA MIDIÁTICO-TEMÁTICO INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS – ISTS	332
ANEXO 14 – MAPA MIDIÁTICO-TEMÁTICO HIV	334
ANEXO 15 – MAPA MIDIÁTICO-TEMÁTICO VIDA TRANS	336
ANEXO 16 – MAPA MIDIÁTICO-TEMÁTICO MOBILIDADE URBANA	338
ANEXO 17 – MAPA MIDIÁTICO-TEMÁTICO DECLÍNIO DA CLASSE C	339
ANEXO 18 – PLANO DE ENSINO DA DISCIPLINA LABORATÓRIO DE WEBJORNALISMO E JORNALISMO MULTIMÍDIA	341
ANEXO 19 – MAPA MIDIÁTICO-TEMÁTICO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA	343
ANEXO 20 – MAPA MIDIÁTICO-TEMÁTICO VIOLÊNCIA CONTRA MULHER EM ALAGOAS	345
ANEXO 21 – MAPA MIDIÁTICO-TEMÁTICO MIGRAÇÃO VENEZUELANA EM ALAGOAS	347

1 INTRODUÇÃO

Quando as primeiras referências sobre narrativa transmídia se popularizaram, evidenciando um fenômeno mais específico do contexto da convergência de mídias, ninguém contestava a possibilidade de suas propriedades serem úteis e empregadas também no jornalismo. A produção e distribuição articulada de conteúdos, realidade já experimentada antes do processo de digitalização, apenas se complexificaria em um jornalismo integrado. Seria a oportunidade de, incorporando novas estratégias às rotinas produtivas dos jornalistas, incentivar o público a acessar novas plataformas para ver mais, saber mais, conferir outros detalhes e até dar sua contribuição sobre os assuntos discutidos.

Mas a lógica de produção diária das redações, marcadas por um *dealdine* contínuo e pela instantaneidade do jornalismo online, dificilmente fariam bom uso de estratégias tão complexas e princípios tão diversos como aqueles elencados por Jenkins (2009a, 2009b, 2009c). As produções jornalísticas que melhor se adequariam à forma de uma narrativa transmídia seriam as reportagens, referendam ainda hoje os estudos, de modo particular as reportagens especiais. Considerado o gênero nobre do jornalismo, elas se apresentam como campo fértil para esse tipo de produção, pois possibilitam maior empenho do profissional para sua roteirização, apuração, edição e circulação. Por se caracterizarem pelo tratamento de um assunto ou situação em profundidade, as reportagens especiais também apresentam grande potencial para expandir-se textualmente, seja no plano do conteúdo, dos temas abordados, seja no plano da expressão, das mídias e plataformas e suas respectivas linguagens, formatos e recursos interativos, estimulando o exercício criativo dos jornalistas.

Apesar dos estudos sobre as produções transmídia no jornalismo defenderem essa perspectiva, as experiências de veículos brasileiros com esse tipo de produção têm sido experimentais. Nos jornais impressos em processo de digitalização, os antigos cadernos especiais têm dado lugar a grandes reportagens para web, os chamados especiais multimídia, que exploram diferentes linguagens, mas pouco avançam no sentido de propor estratégias para expandir os conteúdos para outras mídias. No radiojornalismo, a digitalização também incentivou que as emissoras de rádio construíssem páginas na internet, mas que funcionam como mais uma modalidade de transmissão ou apenas como repositórios para os conteúdos já veiculados. O mesmo ocorre no telejornalismo, que além disso vale-se do potencial de penetração nas audiências para propagar conteúdos dos portais de notícias ligados às emissoras. Em resumo, o jornalismo praticado pelas mídias de massa tem buscado se adaptar ao ambiente de convergência, adotando procedimentos de articulação de seus conteúdos com outras mídias,

mas investe muito pouco na construção de produções mais robustas, de reportagens especiais transmídia.

Um fator que pode ter contribuído para isso está ligado ao modo como o termo transmídia se popularizou, reforçando características da cultura da convergência e, principalmente, associando-o a inovações tecnológicas e novos formatos digitais como *newsgames* e aplicativos de realidade virtual e realidade aumentada. O conhecimento dos profissionais de jornalismo e das redações acerca de procedimentos mais exequíveis para produção de uma narrativa transmídia jornalística reflete a própria escassez dessas produções e questiona também a viabilidade do formato nesse campo.

A pesquisa acadêmica, por sua vez, reforça as possibilidades de utilização do modelo transmídia no jornalismo, procurando definir suas características a partir de análise de produções que manifestam alguma articulação midiática, ainda que bem menor do ponto de vista narrativo. Poucas são as contribuições no sentido de propor pistas para uma compreensão mais sistemática do processo de produção transmídia no jornalismo ou de procedimentos metodológicos para sua roteirização, considerando se tratem de narrativas complexas que exigem um bom planejamento.

A audiência até reconhece os processos de remissão de conteúdos entre mídias e plataformas e segue os percursos de articulação propostos pelos produtores, mas pouco identifica esta prática como transmídia. Apesar disso, rejeita a simples transposição ou adaptação de conteúdos e a ausência de maior complementaridade ou acréscimo informativo que justifique a migração para uma outra mídia ou plataforma. Há também uma parte do público que, estimulada pela cultura participativa que muitas das novas plataformas possibilitam, não se contenta mais em assumir apenas o papel de destinatário-consumidor e se propõe a compartilhar, comentar, produzir ou mesmo moderar conteúdos, e tais questões também precisam ser consideradas na prática de um jornalismo transmídia.

Tanto profissionais quanto pesquisadores não apresentam um modo mais concreto e sistemático para a prática do jornalismo transmídia. Em relação à narrativa transmídia jornalística, o que se identifica são experiências singulares e postulações baseadas em características – muitas delas de outros campos da comunicação – que devem ou não estar presentes nas produções. A ausência de um método com procedimentos e etapas mais específicas para elaboração de reportagens especiais transmídia, sobretudo para o planejamento e organização da sua arquitetura textual e midiática, foi o ponto de partida para propor esta tese.

Assim, a questão que orienta essa pesquisa é: como se planeja a produção de uma narrativa transmídia jornalística? Como assumimos que estas produções são mais apropriadas

a partir de uma reportagem especial, a pergunta pode ser formulada também da seguinte forma: como se roteiriza uma reportagem especial transmídia, de modo a acentuar a complementaridade e autonomia de sentido entre seus textos? A resposta não deve ser em forma de receita ou fórmula, e exige a investigação dos elementos constitutivos desse tipo de produção e de sua estrutura mais geral, que engloba componentes e articulações midiáticas e discursivas dos textos que formam o todo, o texto transmídia.

A principal hipótese que levantamos para responder a esta problemática tem como ponto de partida os achados da pesquisa de mestrado desenvolvida por este autor (Macedo, 2019) e sugere que os parâmetros utilizados para caracterizar as reportagens especiais como narrativas transmídia jornalísticas poderiam ser reconfigurados como método para roteirização desse mesmo tipo de produção. Na referida investigação, além da utilização de diferentes mídias e plataformas, foram consideradas fundamentais para a análise das produções as relações temáticas e as funções dos textos que expandem a abordagem. Da retomada desses elementos, esboçamos alguns procedimentos possíveis para roteirização transmídia de reportagens especiais e um instrumental para orientar esse processo, o mapa midiático-temático, cuja fundamentação e procedimentos de uso foram descritos ao longo do quarto capítulo desta tese.

Dessa maneira, o objetivo desta tese é propor um método de roteirização para reportagens especiais transmídia que considere múltiplas possibilidades e arranjos a partir da expansão dos aspectos temáticos dos textos para diferentes mídias e plataformas. Como a compreensão de método pode variar, é preciso deixar claro o significado que atribuímos a esse termo. Na pesquisa científica, por exemplo, método implica rigor, um “conjunto sistemático de regras e procedimentos que, se respeitados em uma investigação cognitiva, conduzem-na à verdade” (Houaiss, 2016, p. 1910). A etimologia da palavra, no entanto, sugere um sentido mais geral: do grego *methodos* (*meta*: através de, por meio, e *hodos*: via, caminho), portanto, um caminho através do qual se chega a um determinado fim ou objetivo, como recupera Garcia (2010, e-book) ao lembrar que, quando dizemos que alguém não possui um método de trabalho, “quer-se dar a entender que os meios de que se serve para realizar determinada tarefa não são os mais adequados nem os mais eficazes; por isso, perde tempo, desperdiça esforço e energia, faz, desfaz, refaz e não realiza a contento os propósitos colimados”. Assumimos essa compreensão de método mais compartilhada socialmente pois colabora, inclusive, para desfazer a associação que alguns profissionais de jornalismo fazem entre método e rigidez ou controle.

Tal entendimento, no entanto, não significa que o método que propomos não terá o respaldo de uma fundamentação teórico-metodológica. Recuperando os principais conceitos de transmidiação, optamos por adotar a perspectiva apresentada por Fachine (2018), que

compreende o fenômeno como modelo de produção no qual destinadores-produtores desenvolvem estratégias de engajamento voltadas a destinatários-consumidores de diferentes mídias, aproveitando-se do potencial interativo proporcionado pela digitalização e convergência de mídias. Com base nessa caracterização e ancorados nos estudos da linguagem e da semiótica discursiva, aprofundamos a relação entre os textos que compõem uma reportagem especial transmídia sob um outro ângulo: ao invés de considerar os elementos da sintaxe narrativa, como programas narrativos de base e programas narrativos auxiliares – mais evidentes em produções para fruição e entretenimento (cinema, telenovelas, literatura etc.) –, adotamos como pressuposto para expansão textual um dos elementos da sintaxe discursiva, a tematização – mais evidente em certos textos jornalísticos –, propondo que as articulações dos textos se organizem em torno de um percurso temático que se complementa com novos aspectos a serem desenvolvidos.

A busca da confirmação da hipótese – de que a partir de procedimentos de análise se poderia propor um método para roteirização transmídia – exigiu investigações de natureza tanto teóricas quanto empíricas e culminou com as primeiras representações visuais do mapa midiático-temático, criado para facilitar o desenho do projeto transmídia jornalístico. Mas, para além de um “problema de estudos acadêmicos” tínhamos um “problema de ação” (Marconi e Lakatos, 2002, p. 27), que pressupunha questões cujas respostas deveriam atender a preocupações tanto da pesquisa acadêmica quanto do mundo profissional. E segundo Franciscato (2007), a formulação de um “problema de ação” em jornalismo sugere o desenvolvimento de pesquisa aplicada, na qual a construção metodológica seja partilhada entre pesquisador e envolvidos na atividade jornalística.

A pesquisa aplicada caracteriza-se, segundo Marconi e Lakatos (2002, p. 20), “por seu interesse prático, isto é, que os resultados sejam aplicados ou utilizados, imediatamente, na solução de problemas que ocorrem na realidade”. Apesar de, no Brasil, o jornalismo estar inserido na grande área de Ciências Sociais Aplicadas na classificação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), a predominância das pesquisas nesse campo mantém vinculação com metodologias das Ciências Humanas. Essa realidade aponta para dois grandes desafios: o pouco diálogo que se estabelece entre o mercado e pesquisa, e a ausência de procedimentos mais específicos para desenvolver pesquisa aplicada em jornalismo (Lopez e Maritan, 2015). Acerca desse último, Franciscato (2007) propõe que se estabeleçam maiores relações entre metodologias de pesquisas descritivas e experimentais, de modo a “articular fundamentações teóricas a aplicações práticas no jornalismo, possibilitando diálogo interdisciplinar no interior das ciências humanas e destas com as aplicadas” (p. 6). O autor

destaca que as pesquisas experimentais não precisam seguir, necessariamente, vieses positivistas e podem contribuir com alguns procedimentos, tais como ferramentas de intervenção do pesquisador no ambiente, descrição continuada dos processos desenvolvidos e análise interpretativa dos resultados. Numa tipologia preliminar das principais áreas de pesquisa aplicada em jornalismo, o pesquisador destaca a modalidade de pesquisa aplicada para o desenvolvimento de novos gêneros, formatos e linguagens de mídias jornalísticas, na qual esta tese se situaria.

Neste trabalho recorreremos à pesquisa aplicada para validar os instrumentais e procedimentos idealizados para roteirização de reportagens especiais transmídia. A sala de aula se apresentou como uma das possibilidades para realização dessa experiência por se mostrar como lugar de experimentação e permitir a prática reflexiva acerca dos processos desenvolvidos, de modo a colaborar para o aperfeiçoamento do método e favorecer sua dimensão pedagógica. Foram realizadas três experiências de aplicação do método com estudantes dos cursos de jornalismo de universidades públicas federais, no período de agosto de 2021 a dezembro de 2022.

Além das instruções e orientações para o processo de roteirização transmídia, foram aplicados questionários aos participantes acerca do método e realizada também uma avaliação em grupo com aqueles que chegaram a produzir os roteiros elaborados. Todos os materiais gerados ao longo da experiência foram analisados: primeiro, ao final de cada aplicação, para considerar os resultados, verificar a operacionalidade do método, revisar as ferramentas e etapas e propor alternativas para os desafios identificados; depois, na conclusão da pesquisa, quando se procurou sistematizar os processos e interpretar os dados obtidos em vista da síntese dos conhecimentos produzidos pela pesquisa e das contribuições dela decorrentes.

Ao longo da aplicação do método surgiram outros “problemas de ação” que nos levaram à reflexão e proposição de novas hipóteses capazes de superá-los. Para averiguá-las, tornava-se necessário levantar referências bibliográficas, realizar análise de casos e estruturar novos exercícios a serem introduzidos nas experiências subsequentes. O desenvolvimento dos estudos sobre reportagens especiais argumentativas, objeto do terceiro capítulo desta tese, resultou desse processo: a partir da observação das dificuldades dos participantes na estruturação do percurso temático do texto de referência, buscamos levantar uma bibliografia mais precisa sobre o gênero reportagem especial e, sobretudo, investigar como as lógicas argumentativas predominantes no discurso dessas produções organizavam sua estrutura mais geral. Para tornar mais fácil a compreensão, realizamos a análise argumentativa de reportagens especiais

argumentativas para televisão, rádio e internet, demonstrando como eram possíveis diversos arranjos discursivos.

Outra incorporação ao método para realização da terceira experiência, que incluía também a produção da reportagem especial transmídia a partir do roteiro elaborado, foram as considerações acerca da escolha das mídias e plataformas para estratégias de expansão e a elaboração de pautas jornalísticas após a construção do mapa midiático-temático, de modo a fornecer indicações mais precisas para a apuração jornalística. Com a possibilidade de publicar e distribuir a reportagem especial transmídia, também foi necessário discutir e orientar sobre as estratégias de propagação, assim como a circulação dos diferentes conteúdos.

A construção desta tese envolve, portanto, a combinação de diferentes métodos de pesquisa – bibliográfica, análise de conteúdo, aplicada – que se complementam e refletem o processo de investigação desenvolvido. Sua organização procura sistematizar os resultados em um percurso que apresenta, de modo coerente, o desenvolvimento e a aplicação do método para roteirização de reportagens especiais transmídia baseado no desdobramento de aspectos temáticos, fazendo-se necessário, muitas vezes, remeter a pontos já tratados ou ainda por tratar. Partindo da caracterização do jornalismo transmídia e do reconhecimento dos modos de organização da reportagem especial, apresentamos o método e seu instrumental, bem como as experiências nas quais seu uso foi testado. Esta é a estrutura que guia a sequência dos capítulos desta tese, que descrevemos a seguir.

No capítulo 2, “Por um Jornalismo transmídia possível”, buscamos problematizar a prática transmídia jornalística a partir dos conceitos e características que envolvem esse modelo de produção, demonstrando o desconhecimento de um método mais amplamente difundido para sua roteirização por parte das redações quanto pela academia. Ao mesmo tempo, recuperamos o caso emblemático dos dossiês transmídia *Tudo Sobre*, produzidos pela Folha de São Paulo, e que foram objeto de pesquisa de mestrado (Macedo, 2019), compilando os resultados para extrair princípios e orientações acerca das articulações textuais e midiáticas que pudessem fundamentar um método de roteirização de reportagens especiais transmídia.

Referendado como gênero jornalístico mais vocacionado para propor narrativas transmídia, a reportagem especial é o objeto da discussão levada adiante no capítulo 3, no qual se desenvolve “O estatuto da reportagem especial”. Nele, buscamos evidenciar como esta forma especial do discurso jornalístico tem sido praticada em veículos de mídia impressa, de rádio, de televisão e internet, aprofundando, de modo mais específico, as reportagens especiais argumentativas, que se caracterizam por uma estrutura mais geral baseada em formas de raciocínios que fazem progredir os percursos temáticos. A recuperação das etapas de construção

e de organização do discursivo argumentativo a partir de abordagens da retórica e da semiótica, assim como das diferentes funções que o texto jornalístico assume numa reportagem especial argumentativa, contribui para desenvolver habilidades necessárias para a roteirização transmídia.

O capítulo 4, “O mapa midiático-temático e a roteirização de reportagens especiais transmídia”, centra-se na descrição do método objeto da tese e no seu principal instrumental, o mapa midiático-temático. Retomando noções da prática de roteirização jornalística, importantes e necessárias especialmente em produções complexas como as narrativas transmídia, apresenta-se como se deu o processo de construção da representação visual – de analítica à operacional – a ser empregada para roteirização de reportagens especiais transmídia. Também são fornecidas as primeiras orientações para compreender o uso da ferramenta e os procedimentos de articulação midiáticas e textuais.

O desenvolvimento da pesquisa aplicada com estudantes de jornalismo está descrito no capítulo 5, “As experiências de aplicação do método de roteirização de reportagens especiais transmídia”. Organizado a partir das disciplinas onde se deram tais experiências, este capítulo detalha como a proposta de aplicação foi inserida em cada componente curricular, os recursos pedagógicos utilizados nas aulas, trechos dos diálogos entre professores-pesquisadores e alunos nos encontros de orientação para a roteirização, e também analisa os roteiros elaborados e as reportagens produzidas, assim como as respostas aos questionários aplicados ao final das respectivas experiências. A primeira aplicação do método aconteceu na disciplina eletiva Processo de Roteirização em Jornalismo, do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), seguida de uma nova experiência no mesmo curso, entretanto como um como módulo na disciplina obrigatória Telecinejornalismo, ambas em regime de ensino remoto. Com o retorno às aulas presenciais e a flexibilização das restrições sanitárias do período pandêmico (Covid-19), foi feita uma terceira testagem em razão da possibilidade de realizar tanto a roteirização quanto a produção da reportagem especial. Isso ocorreu na disciplina Laboratório de Webjornalismo e Jornalismo Multimídia, do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Alagoas.

O capítulo 6, “Á guisa de conclusão: o emprego, as limitações e as potencialidades do método”, procura destacar a dimensão pedagógica do método, propondo um roteiro para roteirização de reportagens especiais transmídia, ressaltando e balizando as conveniências de uso. Apresentamos, por fim, algumas considerações acerca do percurso de pesquisa, apontando contribuições e possibilidades de estudos e experiências futuras.

2 POR UM JORNALISMO TRANSMÍDIA POSSÍVEL

O colapso do jornalismo industrial nos Estados Unidos foi anunciado há mais de dez anos num Relatório da Columbia Journalism School, mas muitas questões apontadas naquele trabalho puderam ser percebidas mundialmente. “Produtores de notícias, anunciantes, novos atores e, sobretudo, a turma anteriormente conhecida como audiência gozam hoje de liberdade inédita para se comunicar, de forma restrita ou ampla, sem as velhas limitações de modelos de radiodifusão e da imprensa escrita” (Anderson; Bell; Shirky, 2013, p. 32), graças às novas dinâmicas possibilitadas pelo processo de digitalização e de conexões em redes. Esse conjunto de técnicas, tanto materiais quanto intelectuais, de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores (Levy, 1999) alterou profundamente os sistemas de produção, circulação e consumo de bens simbólicos, principal atividade do jornalismo.

Supunha-se que uma “nova mídia” se somaria às demais do antigo ecossistema jornalístico, tal como aconteceu com a introdução da televisão à cadeia produtiva na qual imperava o rádio e os jornais impressos. Ledo engano. A “nova mídia” passou para o plural - “novas mídias” - e ainda assim não deu conta de abarcar a gama de iniciativas e possibilidades que a cada dia surgem para estimular o tráfego de informações em rede. A pluralização desses ambientes caminhou junto com uma concentração de serviços infraestruturais para atividades cotidianas e estratégicas, atualmente nas mãos das chamadas *Big thecs* - Google, Amazon, Apple, Meta e Microsoft -, influenciando também processos eleitorais, fazendo uso irrestrito de dados pessoais para fins comerciais e de algoritmos e bases de dados para perpetuar preconceitos e desigualdades (D’Andrea, 2020).

Os estudos passaram a considerar, então, tanto a dimensão técnica, inicialmente exaltada, quanto a política e econômica, consolidando a ideia de plataformas online centralizada em fluxos informacionais e financeiros, que envolvem tanto as “redes sociais” como outros ambientes digitais que atuam em setores como transporte, saúde, educação etc. Como enfatizam Poell, Nieborg e Van Dijck (2020), é preciso passar de uma discussão sobre plataformas como “coisas”, restritas a infraestruturas de dados, mercados e formas de governança, para a compreensão da plataformização como processo, que implica considerar como as plataformas transformam práticas culturais ao mesmo tempo são transformadas por elas.

Essa ampla gama de aspectos exigiu a rápida reconfiguração de um jornalismo predominantemente massivo, mesmo que houvesse dúvidas quanto à adesão aos novos ambientes porque, embora seja onde se encontrasse boa parte da audiência, eles também vêm moldando práticas e processos dos usuários a partir de interfaces tecnocomerciais:

Ao longo dos anos 2010, a relação de empresas informativas locais, nacionais ou globais passou por variados momentos de aproximação e de tensão com as plataformas. Um exemplo emblemático é o projeto *Instant Articles*, implementado desde 2015 pelo Facebook com a intenção de facilitar a produção, a publicação e a gestão de “histórias rápidas e interativas” por instituições jornalísticas. Ao centralizar e controlar as dinâmicas de circulação e monetização do conteúdo, o *Instant Articles* atua como uma infraestrutura que intensifica o processo de plataformação do jornalismo. As discussões sobre a adesão ou não dos *sites* noticiosos ao Google News (2013, no caso da Alemanha), a decisão da *Folha de São Paulo* de não atualizar seus perfis no Facebook após diminuição no alcance de postagens de páginas (2018), a parceria da empresa comandada por Mark Zuckerberg com as agências de checagem de dados de vários países (desde 2016) e o lançamento do serviço Apple News+ (assinatura integrada de revistas, em 2019) são outras situações controversas que revelam as oscilantes relações de poder entre instituições jornalísticas e as plataformas online (D’Andréa, 2020, e-pub, grifos do autor).

O modo como boa parte dos veículos de jornalismo tem se colocado atualmente nas plataformas de redes sociais e compartilhamento de conteúdos demarcam sua posição estratégica de, quase sempre, anunciar conteúdos noticiosos para direcionar os usuários ao site corporativo, ao aplicativo ou ao canal da instituição, promovendo um fluxo multiplataforma e transmídia. O jornalismo transita nesse ecossistema midiático em constante atualização sendo tratado a partir de formatos autóctones, como o Jornalismo digital, Jornalismo online, Ciberjornalismo, Webjornalismo e Jornalismo para dispositivos móveis, ou ainda a partir da articulação de linguagens e formatos, como no Jornalismo Multimídia, Jornalismo Multiplataforma e Jornalismo Transmídia. É neste último que se concentra o interesse da presente pesquisa.

Desde que as primeiras caracterizações dos fenômenos transmídia ganharam espaço nos estudos de comunicação, o jornalismo se colocou como área onde esse modelo de produção poderia ser aplicado. Desenvolver uma narrativa – jornalistas são conhecidos como modernos contadores de ‘estórias (Traquina, 2005) – que se distribui em diferentes mídias já era, em alguma medida, uma atividade praticada quando se transpunha notícias e reportagens dos jornais impressos para os sites, às vezes acrescidas de novas imagens em formatos como slideshows, vídeos ou infográficos (Longhi, 2022). A integração das redações nos grandes veículos também alardeou a possibilidade de que o futuro do jornalismo seria transmídia.

O jornalismo, assim como os demais campos da comunicação, vivia um deslumbramento com o processo de digitalização que se apresentava cheio de possibilidades, mas, ao mesmo tempo, também com incertezas e inseguranças. A ênfase nas ferramentas tecnológicas para captação, produção e circulação de informações restringia a compreensão da transmidiação ao uso dos novos recursos e formatos, a exemplo de *newsgames*, realidade virtual

e vídeos 360 graus, quando não à mera adaptação de linguagens das notícias para diferentes mídias, ou ainda aos processos espontâneos de circulação de conteúdos na internet.

No meio do caminho, a crise: o jornalismo perdeu a exclusividade ou o papel de protagonista da informação, viu seu tradicional modelo de negócio, baseado na publicidade, ruir e sua credibilidade ser profundamente abalada por autoridades e grupos que passaram a questionar sua legitimidade. O enxugamento das redações e a aposta nas gerações de jornalistas nativos digitais, sob o pretexto de atrair o público jovem, revelavam a busca de uma equação difícil de resolver. Surgiram novos arranjos produtivos, um jornalismo independente que se propõe a recuperar o potencial dessa atividade social, que ainda se encontra em processo de conquista das audiências, cada vez mais segmentada.

Em meio a tantas tempestades, o jornalismo tem experimentado, mesmo que tímida e intuitivamente, utilizar-se do modelo transmídia para elaborar programas, reportagens especiais, coberturas e outros projetos que englobam produções inovadoras. Essas experimentações demonstram uma vontade de fazer, que esbarra na escassez de investimentos humanos e financeiros e na ausência de metodologias assertivas. No âmbito profissional, o jornalismo transmídia se constitui como uma possibilidade, não como uma aposta. Na esfera acadêmica, depois de um longo período centrado em averiguar a existência ou não de princípios do modelo para caracterizar o “grau” de transmidialidade das produções, novos estudos vêm procurado identificar um jornalismo transmídia possível, e não mais ideal.

Este capítulo pretende problematizar a prática do jornalismo transmídia no contexto atual. Partimos do pressuposto de que a adoção desse modelo de produção tem sido uma discussão já consolidada no campo jornalístico, por isso não nos ocuparemos em retomar o processo histórico de constituição dos conceitos postos em disputa, nem *se* e *como* seus princípios, forjados na indústria do entretenimento, podem ser adaptados para o jornalismo. Recorreremos, no entanto, àquelas noções que se fizerem necessárias para uma compreensão mínima da transmidiação no debate sobre a prática jornalística, à medida que evidenciamos os desafios e competências exigidas para seu exercício.

Através de pesquisa bibliográfica, revisitaremos alguns estudos de caso de projetos jornalísticos transmídia de forma a averiguar o papel das redações e também da formação profissional na construção dos conhecimentos nesta área. Em seguida, recuperaremos as contribuições de um caso emblemático brasileiro analisado por Macedo (2019), cujas articulações textuais e midiáticas serão tomadas e como ponto de partida para o desenvolvimento do método de roteirização de reportagens especiais transmídia proposto nessa tese. Ao mesmo tempo, procuraremos contextualizar o panorama midiático atual do jornalismo,

sustentado na convergência de mídias de tradição analógica e de plataformas digitais, apontando como este cenário favorece práticas para projetos transmídia.

2.1 Dos estudos às práticas

Associar modos de contar histórias “através de múltiplas plataformas de mídia, de modo que cada novo texto contribua de maneira distinta e valiosa para o todo” (Jenkins, 2009, p. 138), com a prática jornalística em um contexto de convergência midiática não foi muito difícil para os estudos de comunicação. Essa definição clássica de Henry Jenkins influenciou pesquisas em diferentes áreas da comunicação, e no jornalismo não poderia ser diferente. A pesquisa de Kevin Moloney (2011), por exemplo, dedicou-se a identificar como os princípios da narrativa transmídia já se estavam presentes, de algum modo, na prática jornalística, e poderiam ser retomados de forma articulada para engajar melhor seus públicos.

Uma das constatações de Moloney (2011) é de que o jornalismo diário, marcado pela instantaneidade e rapidez de produção, não se mostra viável para desenvolver narrativas transmídia, que precisam ser concebidas e elaboradas cuidadosamente para se tornarem eficazes. Ao contrário, recomenda o autor, as longas investigações ou documentários estendidos, as coberturas de questões complexas e contínuas como imigração, consequências de guerras e conflitos sociais, permitem uma abordagem aprofundada e uma distribuição complexa, expandindo a narrativa jornalística para diferentes mídias e plataformas a partir de formatos e práticas já consolidadas.

Scolari (2013) situa o jornalismo, ao lado do documentário, como parte das narrativas transmídia de não-ficção, destacando como “os relatos informativos se expandem de um meio a outro buscando a participação dos prosumidores¹” (Scolari, 2013, p. 179, tradução nossa). O autor levanta características e tipologias que apresentam maiores possibilidades para expansão da narrativa noticiosa pelo seu potencial interativo, a exemplo dos *newsgames*. Apesar disso, descreve como transmídia processos que se confundem com a difusão espontânea de notícias através da rede mundial de computadores.

É fundamental distinguir algumas propriedades da convergência midiática, que dizem respeito “ao fluxo de conteúdos através de múltiplas plataformas de mídia, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação, que vão a quase qualquer parte em busca de experiências...” (Jenkins, 2009, p.

¹ Neologismo do inglês que combina *producer* and *consumer*, cunhado por Alvin Toffer para se referir àqueles que assumem o papel de co-criadores e propagadores de conteúdos digitais, e não apenas receptores.

29), de um modelo de produção transmídia, resultado de uma ação intencional de uma instância produtora para engajar seus destinatários no consumo de conteúdos previamente projetados e elaborados estrategicamente (Fechine et al., 2013).

Renó e Flores (2012) definem o jornalismo transmídia como um tipo de linguagem jornalística específica com as características já mencionadas, e se dedicam a demonstrar como construir reportagens que se constituam narrativas transmídia. Para isso, desenvolvem um método de trabalho a partir de uma pauta transmídia, na qual se evidenciariam as relações entre um texto base com seus fragmentos (vídeo, foto, link e texto). Na fase de experimentação do método, apesar de atentar para a distinção de formatos e linguagens no processo de criação, os fragmentos textuais produzidos se articulavam em uma única plataforma, um blog, promovido através de publicações nas redes sociais Facebook, Twitter e Google+, que incentivavam comentários de usuários, mas não contribuía de forma relevante para uma expansão narrativa. Essa configuração nos leva a considerar que o método estimulava mais produções multimídia ou multiplataforma do que propriamente uma narrativa transmídia jornalística.

Cabe, então, uma outra distinção: entre transmídia e multimídia. Segundo Salaverría (2014), multimídia possui ao menos três acepções: como multiplataforma (ou crossmídia), referindo-se à coordenação de estratégias editoriais e/ou comerciais dos meios de comunicação de uma mesma empresa para conseguir, de forma conjunta, um melhor resultado em coberturas informativas; como polivalência, referindo-se ao perfil de jornalistas que acumulam distintas funções, especialidades informativas e práticas midiáticas; e como combinação de linguagens, a mais usual e que se refere à habilidade de coordenar tipos de linguagem ou formatos, como escrita, fotografia, sons, audiovisual, gráficos, iconografia, ilustrações etc. Tanto as narrativas transmídia quanto as produções multiplataforma (ou crossmídia) utilizam diferentes plataformas, mas estas podem adotar a adaptação para manter a mesma essência narrativa, enquanto aquelas primam pela expansão narrativa e não admitem redundância (Finger, 2012). Já as produções multimídia procuram articular múltiplas linguagens em único conteúdo ou série deles, porém hospedados em uma única plataforma.

Canavilhas (2013) destaca o potencial do jornalismo transmídia para estimular a interação social e promover a discussão em torno de assuntos e temas importantes para a sociedade. Também reforça a reportagem e os gêneros nativos da web, como *newsgame* e infográficos, como os mais indicados para desenvolver uma narrativa transmídia jornalística, enfatizando que tais conteúdos não devem ser perecíveis e precisam explorar interatividade, hipertextualidade, multiplataforma integrada e contextualização. Em outro trabalho, o autor define três condições para considerar uma produção jornalística transmídia:

1) Plena integração entre conteúdo e plataformas. O conteúdo deverá ser multiplataforma, pois a eficácia de cada tipo de conteúdo depende da sua utilização na plataforma específica para a qual foi inicialmente criado, ou seja, utilizar conteúdos expansivos ou adaptados, incluindo conteúdos imersivos, que vão desde a simplicidade de imagens 360° ao uso de realidade aumentada e realidade virtual. O uso da Internet é obrigatório. 2) Cada história deve ser composta por partes independentes da informação e deve ser suficientemente significativa para ser usada como ponto de entrada na narrativa. Esses pedaços devem ter links para mais de uma parte da mesma história, para permitir múltiplos caminhos de leitura e, conseqüentemente, possibilitar uma navegação personalizada para cada usuário. 3) O usuário deve ser capaz de contribuir com a história adicionando elementos que podem alterar o conteúdo. Esta participação pode variar entre baixa complexidade (comentários nas notícias ou postagens) e alta complexidade (juntando conteúdos que alteram e/ou ampliam o rumo da narrativa) (Canavilhas, 2018, p. 10, tradução nossa).

As preocupações de Canavilhas (2013, 2018) nos dois trabalhos ilustram a mudança de perspectiva dos estudos sobre jornalismo transmídia: da especulação sobre possibilidades à análise de projetos e procedimentos adotados, procurando definir critérios e, conseqüentemente, distinguir essa modalidade de outras práticas jornalísticas. Segundo levantamento de Martins e Cardoso (2020) sobre pesquisas em jornalismo transmídia, nas duas últimas décadas os trabalhos utilizavam como metodologia principalmente análise de conteúdo (34%) e estudo de caso (28%), seguidos por pesquisas exploratórias (22%), bibliográficas (8%), participativas (2%) e experimentais (6%)², revelando uma tendência centrada na caracterização do fenômeno.

2.1.1 As experimentações nas redações

As práticas jornalísticas em torno dos princípios e características das narrativas transmídia surgiram, como já mencionamos, com o avanço das redes sociais digitais e a migração das audiências. O jornalismo impresso e o webjornalismo, possivelmente pela forçada transição do papel para o digital, tem sido o que mais apresenta casos de experiências transmídia. Uma das referências é o especial para a internet *Snow fall*, produzido em 2012 pelo jornal estadunidense *The New York Time*, e que inspirou diversas outras iniciativas, inclusive no Brasil, a exemplo dos dossiês *Tudo Sobre*, da Folha de São Paulo, sobre os quais discorreremos mais detalhadamente na segunda sessão deste capítulo.

Dentre as experiências de produção de especiais transmídia podemos citar a empreendida pelo jornal Folha de Londrina (Londrina-PR), cujo início se deu em 2017 propondo editoria específica que pudesse estabelecer uma conversa entre o impresso e o digital

² Os autores analisaram 50 trabalhos, entre artigos, capítulos de livro, dissertações, trabalhos de conclusão de curso (TCCs), Teses e resumos, disponíveis em repositórios institucionais, anais de eventos, periódicos e livros on-line publicados entre os anos de 2000 a 2019.

e realizar experimentações de linguagens. Além das produções para o jornal impresso e para o portal do veículo, que hospedam as produções multimídia em formato *longform* com design responsivo e interativo, mapas e gráficos dinâmicos, vídeos 360 graus etc., também se realizam *lives* nas redes sociais, nas quais os jornalistas dialogam com os usuários sobre a temática, e são produzidos *newsgames*, que exploram formas ativas de participação de leitores e usuários como jogos de enigma através do aplicativo Telegram.

Apesar de utilizarem de diferentes plataformas, os especiais transmídia do jornal Folha de Londrina apresentam certa limitação enquanto caráter expandido, que é uma característica de produtos transmidiáticos. Dos 28 especiais transmídia analisados, apenas o especial Pé na Estrada utiliza a multiplataforma de maneira expandida, ou seja, este projeto apresenta esta categoria segundo a lógica transmídia, uma vez que o universo narrativo é fragmentado. A Reportagem no impresso tem como título 84 Pontos Para Curtir e traz uma nova perspectiva para a temática e a reportagem na web tem o título Pé na Estrada. As duas reportagens tratam da mesma temática segundo diferentes perspectivas, que ao mesmo tempo são contextualizadas e autônomas. (De Souza, 2022, p. 106)

O jornal O Povo (Fortaleza-CE) produz especiais transmídia desde 2015, mas em 2020, com o lançamento da plataforma *multistreaming* OP+, estas produções passaram a ser disponibilizadas também no espaço, que é restrito a assinantes. O objetivo, segundo um de seus produtores, “é transbordar. Verter para além das bordas o conteúdo especial pelas páginas do jornal, pelos planos e sequências da série e do documentário, pelas ondas do rádio, pelas redes sociais, pelo mar sem [fim] que é a web” (Maranhão, 2019, s/p). Na análise destas produções, De Souza (2022) identifica que uma das estratégias é potencializar as plataformas do Grupo de Comunicação por meio da serialização dos conteúdos dos especiais, que são fragmentados e distribuí-lo em distintas plataformas, através da realização de debates, entrevistas e matérias sobre a temática, além do uso das redes sociais para divulgação e comentários dos usuários. Segundo o autor, dos especiais analisados todos apresentam expansão multiplataforma e contextualizada.

Ainda que possivelmente não se caracterizem como narrativas transmídia na perspectiva adotada aqui, as experimentações de alguns jornais também contribuem para pensar o processo de transmidiação e identificar estratégias válidas para o campo jornalístico. O estudo feito por Araújo (2014), a partir da análise e observação participante da produção de reportagens especiais do Jornal do Commercio (Recife-PE), apresenta alguns desses elementos. O caderno especial *O nascimento de Joyce* e as séries de reportagens *Os meninos do Brasil* e *Casa Grande e Senzala: 80 anos*³, produzidos originalmente para o jornal impresso, migraram para o portal

³ O autor analisa outros casos, mas destacamos as produções do Jornal do Commercio por terem sido realizadas entrevistas e observação participante das rotinas produtivas.

do veículo em formato de hotspots, com acréscimos de fotos, vídeos com trechos das entrevistas, e se desdobraram ainda em webdocumentário e reportagens para televisão, além da divulgação nas redes sociais. No caso da série de reportagem *Casa Grande e Senzala: 80 anos*, Araújo (2014) pôde acompanhar a repórter nas etapas de apuração e edição, identificando rotinas produtivas que permitiriam criar mundos mais complexos favoráveis às narrativas transmídia jornalísticas. As decisões em relação a quais e como seriam produzidos os conteúdos complementares ficavam a cargo dos repórteres especiais e eram tomadas em momentos avançados do processo de produção. O pesquisador conclui que definir quais são os conteúdos complementares antecipadamente, já no momento de formulação da pauta, permitiria uma apuração simultânea e reforçaria expansões mais complexas para a reportagem especial.

No telejornalismo, Massarolo (2015) analisa a atuação da Rede Globo de Televisão para identificar práticas transmídia. Seu estudo destaca, tal como no caso anterior, entrevistas de reportagens especiais que não haviam sido exibidas na íntegra na TV devido à limitação do tempo do telejornal e foram disponibilizadas na web, mas também ressalta um maior investimento na construção de um *ethos* dos apresentadores, através de vídeos nos quais comentam sobre as notícias do dia ou de *selfies* dos bastidores que revelam detalhes da profissão. Sobre esses aspectos, os trabalhos de Rego (2017) e Aragão (2019) trazem também algumas contribuições.

No primeiro caso, analisando o Jornal da Record News, autointitulado o primeiro telejornal transmídia do país, Rego (2017) constata que as estratégias transmídia colaboram menos para a qualificação jornalística e mais à construção do *ethos* do telejornal, reforçando seus contratos comunicativos com o público. As estratégias adotadas com a presença constante do telejornal na internet (transmissões simultâneas pelo Facebook e Youtube; vídeos mostrando o processo de construção do programa, desde as reuniões de pauta até a confirmação, ao longo do dia, dos convidados e comentaristas que estariam no programa; e a continuidade de entrevistas nas redes sociais durante os intervalos ou após a exibição pelo canal da emissora) colaboram para reforçar um *ethos* de telejornal participativo (atento ao uso das redes sociais), “democrático” (que estimula a participação política) e crítico (por meio de comentários irônicos e análises aprofundadas), produzindo ainda os efeitos de familiaridade (com tentativas de aproximação através de brincadeiras e revelações de gostos e opiniões do apresentador) e confiabilidade (ao expor o modo de fazer do telejornal e mostrar bastidores do programa).

No segundo caso, o objeto de análise foi o Jornal Nacional, telejornal brasileiro mais tradicional e que registra as maiores audiências, no qual Aragão (2019) identificou uma nova textualidade, firmada na articulação de conteúdos distribuídos em plataformas digitais e capaz

de gerar um maior efeito de proximidade com seu público e envolvê-lo em processos colaborativos de produção e participação. As estratégias centradas nas figuras dos apresentadores do telejornal também reforçam, segundo o autor, esse mesmo efeito de proximidade antecipando ao público das redes sociais digitais os destaques da edição nos bastidores de maneira bem mais descontraída e informal.

Ainda no segmento televisivo, outro caso identificado por Macedo (2022) se refere às reportagens especiais do Programa Fantástico (Rede Globo), que expandem a discussão da temática para plataformas de streaming de áudio através de podcasts:

Para além das marcas discursivas dos repórteres e apresentadores, a análise comparativa dos conteúdos de cada uma das reportagens televisivas e do respectivo podcast associado permitiu identificar uma ampliação significativa de aspectos temáticos capaz de caracterizá-los como conteúdos de expansão. (...) nos programas analisados, essa expansão temática (hipertextualidade) do podcast em relação à reportagem, estrutura-se a partir de três procedimentos distintos: a ampliação de vozes através das fontes, o testemunho investigativo do repórter e o fornecimento de orientações úteis ao dia a dia dos ouvintes (Macedo, 2022, p. 31-32).

Os exemplos destacados acima não têm a pretensão de um estudo exaustivo sobre jornalismo transmídia, mas trazerem à tona alguns dos seus aspectos, como a necessidade de distingui-lo de outros fenômenos resultado do processo de convergência de mídias e da cultura participativa. Os casos e características referenciados também apontam para uma preocupação de identificar procedimentos e modelos válidos para uma prática que, pela recorrência de pesquisas em diferentes perspectivas e abordagens, tem se postulado como nova modalidade do fazer jornalístico. Os objetivos, como vimos, podem transitar de modo não excludente entre recuperar/alcançar audiências em novas plataformas e defender maior qualidade do jornalismo, a partir do potencial que as produções transmídia exigem para tratamento de questões socialmente relevantes.

Apesar de prevalecer o consenso de que estabelecer a expansão do relato jornalístico e evitar a redundância de informações entre os conteúdos é fundamental para a concretização de narrativas transmídia jornalísticas, pouco se esclarece em relação aos critérios adotados para que isso aconteça. Persiste, então, a pergunta: como expandir para outra plataforma o conteúdo de uma reportagem especial sem que ele se torne uma prática de empacotamento multiplataforma?

As pesquisas e casos analisados também nos levam a uma outra consideração: o jornalismo transmídia ainda é experimental. As poucas iniciativas guiam-se por tentativas de colocar em prática algumas características difundidas sobre transmidiação, mas pouco aprofundadas pelos jornalistas ou mesmo pelos pesquisadores com a participação desses

profissionais. A academia, apesar de se voltar para as poucas iniciativas que se aventuram nesse processo, concentra-se em exercícios analíticos daquilo que tem sido produzido, como ilustramos. Somente 8% das pesquisas nas duas últimas décadas utilizavam metodologias mais pragmáticas, como pesquisas participativas e experimentais (Martins e Cardoso, 2020).

Precisamos considerar, então, que os veículos de jornalismo podem estar praticando o modelo de produção transmídia possível, e não o ideal. A preocupação em caracterizar o jornalismo transmídia tem sido da academia – preocupação legítima, aliás, porque tem em vista a atualização dos componentes curriculares dos cursos de jornalismo e, conseqüentemente, a formação desses profissionais. As pesquisas podem, no entanto, perseguir um modelo “idealizado”, enquanto o contexto de adaptação da atividade a um ecossistema digital em constantes transformações admite apenas ensaios, boa parte deles desprovidos de práticas crítico-reflexiva sobre esse *fazer*.

2.1.2 As experimentações na academia

Um bom modo para mensurar como a comunidade profissional e a sociedade lidam com essa possível nova modalidade de fazer jornalismo consiste em avaliar como elas são reconhecidas nos prêmios da área. O projeto Caderno Transmídia, da Folha de Londrina, foi finalista em 2018 do Prêmio Data Journalism Award, concedido às melhores iniciativas de jornalismo de dados do mundo, na categoria melhor time de jornalismo de dados; o jornal O Povo venceu o Prêmio BNB de Jornalismo com o projeto transmídia *Semiárido das Nascentes* na categoria impresso nacional; a série de reportagens *Casa Grande e Senzala, 80 anos*, publicada no Jornal do Commercio ganhou o Grande Prêmio Petrobras de Jornalismo; A reportagem multimídia *A Batalha de Belo Monte*, da Folha de S. Paulo, venceu o Grande Prêmio Líbero Badaró e o Grande Prêmio CNI de Jornalismo (Confederação Nacional da Indústria), além do prêmio internacional Wash Media na categoria “Água e Energia” e também da SND (Society for News Design) na categoria design digital; a série de reportagens *Não é Amor*, exibidas no programa Fantástico, da Rede Globo de Televisão, que se desdobra também no podcast *Isso é Fantástico*, foi finalista na categoria Mídia Nacional do II Prêmio Juíza Viviane do Amaral, do Conselho Nacional de Justiça (CNJ). Conclusão: as produções transmídia em jornalismo premiadas se destacam pela qualidade em diferentes aspectos, mas em nenhuma delas foram consideradas em seu conjunto.

Difícilmente trabalhos transmídia são reconhecidos como tal. São raras as premiações de jornalismo que possuem categoria para produções transmídia, a exemplo do Prêmio LeiaJá

Jornalista do Futuro, voltado para estudantes. Mesmo a participação na Expocom, premiação de trabalhos experimentais produzidos por estudantes de Comunicação organizado pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, as produções transmídia são direcionadas para a modalidade Produção multimídia, dentro da categoria Produção Transdisciplinar, que engloba “materiais difundidos em, pelo menos, dois tipos de mídia distintos (por exemplo: impresso e rádio, Internet e tv)” (Intercom, 2023) (na categoria jornalismo não há modalidade com características mais próximas de produções transmídia).

As duas exceções apontam para uma outra realidade: a experimentação do jornalismo transmídia está sendo feita também nos cursos de graduação, incluindo esta tese, que se valeu desse ambiente de ensino-aprendizagem para aplicação do método proposto, como veremos nos capítulos seguintes. As disciplinas laboratoriais voltadas para o jornalismo digital (com suas diferentes denominações) convertem-se em espaços de ensino-aprendizagem de processos e práticas que permite aos estudantes e pesquisadores ensaiar, de maneira articulada e coordenada, a produção de conteúdos jornalísticos para diferentes mídia e plataformas.

O processo didático-pedagógico desenvolvido por Zanei Barcelos (2020) com estudantes de jornalismo da Universidade de Brasília (UnB) na disciplina Campus Multimídia, documenta a experimentação de um jornalismo multiplataforma em sala de aula⁴. A partir de aulas teóricas e/ou teórico-práticas, que incluíam um planejamento das rotinas produtivas e organização das diferentes funções, os alunos produziram conteúdo sobre o campus universitário para o veículo laboratorial, presente nas plataformas digitais (site, Facebook, Twitter, Instagram, WhatsApp e YouTube). Durante 40 dias, o grupo se encarregava de abastecer, ininterruptamente, estas redes com matérias avulsas, seções permanentes e programas em vários formatos.

Projetos experimentais para Trabalhos de Conclusão de Cursos da graduação ou de especializações são outros espaços que oportunizam a prática do jornalismo transmídia, assim como os mestrados profissionais, que associam pesquisa à experimentação. No Mestrado Profissional em Tecnologias, Comunicação e Educação da Universidade Federal de Uberlândia, a professora Mirna Tonus vem orientando planos de aplicação e produtos jornalísticos transmídia. No primeiro caso, Patrícia Santos (2015, p. 32) propôs a criação do *Vai Entender*, “programa-piloto de telejornalismo transmídia que se constrói a partir de narrativas não lineares de conteúdos distribuídos em diferentes plataformas”, baseado nas estratégias transmídia propostas por Fechine et al. (2013). No segundo, Marcos Reis (2020, p. 49) desenvolveu, a

⁴ A proposta de trabalho incluía discussões teóricas sobre narrativa transmídia aplicada ao jornalismo, mas não foi dada ênfase, no artigo, à produção de estratégia desse modelo de produção.

partir do modelo analítico de design de projeto transmidiático de Gambarato e Dabagian, a reportagem *Desat.se*, que contempla “conteúdos e experiências distintas: um site, uma página no Instagram, dois grupos (um no Facebook e outro no WhatsApp), e uma página de financiamento coletivo, criada na plataforma “APOIA.se””. Nos mestrados e doutorados acadêmicos, as experimentações podem acontecer através de disciplinas ligadas às pesquisas ofertadas nos cursos de graduação em regime de estágio-docência, como foi o caso desse autor⁵.

O jornalismo transmídia vem se firmando como modelo possível de produção pelos conhecimentos empíricos consolidados das experimentações, seja nas redações, seja na academia. Como se tratam de narrativas complexas que articulam e integram uma variedade de mídias ou plataformas, linguagens e conteúdos, ao mesmo tempo autônomos e independentes, as perspectivas de entendimento ainda se constituem um desafio, pois cada uma tende a reforçar uma destas dimensões. Por certo, não há uma única forma de produzir jornalismo transmídia, mas é igualmente verdadeira a necessidade de determinar alguns desses métodos, contribuição que esta tese ambiciona dar diante das questões que ilustramos.

Para avançarmos nessa direção, retomaremos os achados de um estudo analítico que caracterizou um conjunto de produções como narrativas transmídia jornalística, considerando o desdobramento temático como critério para expansão. Trata-se da Dissertação de Mestrado, intitulada “Narrativa Transmídia Jornalística: estratégias e procedimentos nos dossiês *Tudo Sobre*”, que defendemos em 2019, no Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco e à qual a presente pesquisa dá desdobramento. O tipo de análise realizada nesta dissertação foi o ponto de partida para propor um método de roteirização de reportagens especiais transmídia.

2.2 A série *Tudo Sobre*: um caso emblemático, um ponto de partida

A série *Tudo Sobre*, da Folha de S. Paulo, se constitui um caso emblemático para compreender as possibilidades do jornalismo transmídia. Foram sete reportagens especiais

⁵ No Mestrado (2017-2018) realizei estágio docência através da disciplina Jornalismo Transmídia, propondo não somente estudo das produções transmídia, como também sua experimentação através de trabalhos práticos. No Doutorado (2020-2024) foram três experiências com propósitos bem mais específicos de testagem do método de roteirização proposto nesta tese, que estão descritas no capítulo 5.

multimídia no formato *longform*, produzidas ao longo de três anos (dezembro de 2013 a dezembro de 2016), que se articulavam com conteúdos produzidos para o jornal impresso, para a televisão, para redes sociais, com aplicativos e eventos. A maioria delas foi objeto de estudo, mas boa parte dessas pesquisas centravam esforços em analisar os elementos multimídia presentes apenas na reportagem especial.

A análise que realizamos (Macedo, 2019) pretendia averiguar a relação entre os conteúdos que orbitavam em torno de cada reportagem especial nas demais mídias e plataformas do ponto de vista discursivo. Partindo do pressuposto de que o primeiro critério para ser considerado transmídia – de utilização de mais de uma mídia ou plataforma – já era perceptível nas produções, restava, então analisar em que medida os textos presentes nos diversos ambientes expandiam ou não a narrativa. Retomaremos aqui um pouco do percurso metodológico adotado e dos embasamentos teóricos que permitiram chegar à hipótese, posteriormente comprovada, de que um critério possível para identificar procedimentos de expansão de textos nas narrativas transmídia jornalísticas seria o desdobramento ou ampliação de aspectos temáticos do texto de referência.

Recuperaremos parte desse estudo porque foi possível identificar nele como se deram as expansões textuais e reconhecer, já naquele momento, que tais estratégias se mostravam um caminho para elaboração de instrumentais capazes de subsidiar um método de roteirização para reportagens especiais transmídia. A discussão centra-se, portanto, em evidenciar como se deram as articulações textuais e midiáticas daquelas produções e as contribuições que elas oferecem para cumprirmos os objetivos do presente trabalho.

2.2.1 As articulações textuais

Frente a imprecisões conceituais e alternativas para caracterizar as narrativas transmídia, como vimos na parte inicial deste capítulo, assumimos a perspectiva adotada por Fachine et al. (2013) de estratégias transmídia na teledramaturgia brasileira, tanto por distinguir a transmidiação de uma propriedade mais geral de compartilhamento de informações espontânea no ambiente digital como por acomodar um conjunto de procedimentos utilizados pelos produtores em torno da ideia de “um modelo de produção orientado pela distribuição em distintas mídias e plataformas tecnológicas de conteúdos associados entre si e cuja articulação está ancorada em estratégias e práticas interacionais propiciadas pela cultura participativa estimulada pelo ambiente de convergência” (Fachine et al., 2013. p. 26).

Essa circunscrição do conceito permite tratar as produções transmídia como ações estratégicas de comunicação de um destinador-produtor ou instância produtora visando o engajamento de destinatários-consumidores. Os autores propõem uma distinção entre essas duas formas de engajamento que exploram competências de busca e articulação de conteúdos em diferentes mídias e plataformas: a estratégia de propagação, baseada na repercussão e retroalimentação dos conteúdos para manter o interesse do destinatário, envolve-lo, fazê-lo intervir criativamente e agendá-lo junto a outros destinatários ou instâncias que se constituam comunidades de interesses; e a estratégia de expansão, que se apoia no desdobramento do universo narrativo e oferece novos elementos capaz de alargá-lo, complementá-lo, tornando-se condição *sine qua non* para o que se convencionou tratar como narrativa transmídia. As duas estratégias desencadeiam obrigatoriamente ações participativas ou, mais precisamente, práticas transmídia, performances ou algum tipo de intervenção dos destinatários-consumidores *sobre* ou *a partir dos* conteúdos propostos. Essa participação vai desde uma simples *articulação*, associando conteúdos entre as mídias e plataformas, até uma *atuação* mais direta, que exige níveis diferentes de cooperação do destinatário-consumidor para que os conteúdos se completem.

Tanto as estratégias de propagação como as estratégias de expansão representam dois modos de relações que os textos (em diferentes mídias e plataformas) estabelecem entre si. Nesse sentido, foi possível homologar essas categoriais com a noção de transtextualidade proposta pelo teórico francês Gérard Genette (2010), que identifica cinco níveis de relações textuais para explicar como os textos são gerados.

A transtextualidade, entendida como essa transcendência do texto, ajuda a compreender a trama textual de uma narrativa transmídia. A partir da derivação ou desdobramento dos textos (hipertextualidade), a narrativa vai se estruturando, mas ao mesmo tempo produzindo textos que a apresentam ou orientam seu consumo (paratextualidade), recuperam partes dela (intertextualidade) em formatos e linguagens próprios de outras mídias/plataformas (arquitextualidade), que no cenário de cultura participativa possibilitam comentários ou a reinterpretação (metatextualidade), sobretudo por parte dos destinatários-consumidores. Essa descrição hipotética e didática da organização do texto transmídia não se pretende unânime ou linear, pois as funções se interpenetram, fundem-se, ou assumem lugares diversificados; serve, antes, para lançar luz sobre a compreensão das possíveis relações que os conteúdos estabelecem entre si numa produção transmídia (Macedo, 2019, p. 55).

Reconhecemos a intertextualidade (co-presença entre os textos) e a paratextualidade (relação acessória de um texto quando direciona e facilita a apreensão do sentido de outro texto) como aquelas que estruturam as estratégias de propagação, enquanto a hipertextualidade (derivação de um texto a partir de outro que mantém certa dependência existencial em relação

ao anterior ao mesmo tempo que admite significação autônoma e suficiente) se constitui o fundamento das estratégias de expansão.

Nas manifestações transmídias, podemos considerar que a relação de determinados conteúdos com o texto de referência é hipertextual na medida em que dele deriva, acionando uma complementaridade de sentido. Nessa perspectiva, podemos considerar que um conteúdo transmídia (que é um texto secundário quando considerado em relação ao principal) estabelece uma relação hipertextual com o texto de referência sempre que funciona como seu complemento ou desdobramento, o que ocorre mais frequentemente nas estratégias de expansão (Fechine, 2018, p. 54).

Nos textos cuja estruturação constrói uma narração⁶, como filmes, séries, telenovelas ou romances, a derivação pode ser estabelecida a partir da identificação dos programas narrativos secundários ou de uso que complementam o programa narrativo principal ou de base⁷ (Fechine et al., 2013). No caso específico das reportagens especiais analisadas, a estrutura predominante manifesta organizações no nível discursivo, mais precisamente de ordem temática. Assim, considerou-se que era possível estabelecer a relação de derivação ou não a partir dos percursos temáticos dessas produções jornalísticas, ao verificar como textos para diferentes mídias e plataformas avançavam na discussão do tema ou questão e desenvolviam ou acrescentavam novos aspectos, fontes e informações capazes de aprofundá-lo.

Para distinguir e identificar essas relações, o critério que propomos é a verificação do desdobramento temático a partir do texto de referência. As estratégias de propagação e expansão, caracterizadoras dos textos transmídia, serão discernidas pela comparação dos aspectos temáticos presentes nos textos associados e no texto de referência. Quando conteúdos apenas retomam aspectos já tratados neste último, estaremos diante de conteúdos de propagação. Quando for notado que um aspecto temático foi desenvolvido, aprofundado com novos elementos, ou mesmo quando um novo aspecto surge para complementar o grande tema, estaremos diante de conteúdos de expansão (Macedo, 2019, p. 64-65).

Esses referenciais sustentaram uma metodologia que permitiu a análise comparativa de aspectos temáticos. Recuperados os conteúdos publicados nas diferentes mídias e plataformas do Grupo Folha no período de lançamento das reportagens, procurou-se identificar os textos de referência (em todos eles eram a reportagem especial multimídia) e analisar seus percursos temáticos. Reconstituído o processo de distribuição de conteúdos através de uma linha do tempo, procedeu-se também a análise temática de cada um dos textos para outras

⁶ Na semiótica a narratividade é entendida como princípio organizador do discurso que marca a transformação de estados do sujeito na sua relação de junção (conjunção ou disjunção) com objetos-valor. (Fechine, 2018, p. 50). Segundo Fiorin (2000, p. 21), “ocorre uma narrativa mínima quando se tem um estado inicial, uma transformação e um estado final”. A narração, por sua vez, se refere a um modo específico de organização textual que se caracteriza geralmente pela explicitação das etapas dessa transformação.

⁷ Os programas narrativos complexos formam-se a partir de um programa principal ou de base que, para se realizar, requer um programa secundário ou de uso, ou seja, para que se passe de um estado a outro por um processo de transformação é necessário que se realizem outras ações, que podem ser consideradas etapas para se chegar ao fim último do programa narrativo principal. Assim, “pode-se dizer, por exemplo, que a purificação do açúcar é um programa de uso necessário à consecução do programa de base de “adoçar”...” (Barros, 2005, p. 25).

mídias e plataformas, bem como a comparação dos aspectos temáticos desses textos com o percurso temático do texto de referência. Por fim, buscou-se identificar quais funções cada texto associado (já confirmada a relação de hipertextualidade) exercia em relação aos aspectos temáticos do texto de referência.

Dessa análise, conseguimos agrupar os textos em categorias específicas dentro das duas estratégias (Quadro 1). No caso das estratégias de expansão, essas categorias correspondiam a funções jornalísticas e também textuais, pois considerava o papel de cada texto no conjunto global dos conteúdos (o texto transmídia) a partir de aspectos temáticos: atualizar aspectos temáticos, contextualizar aspectos temáticos, opinar sobre aspectos temáticos e explorar aspectos temáticos.

Quadro 1 – Estratégias transmídia na série *Tudo Sobre*

ESTRATÉGIAS	FUNÇÕES
PROPAGAÇÃO	Recuperação
	Promoção
EXPANSÃO	Atualização
	Contextualização
	Opinião
	Exploração

Fonte: Macedo, 2019, p. 76

Com essa metodologia de análise foi possível caracterizar como narrativa transmídia jornalística seis, dos sete especiais da série, que apresentaram estratégias de expansão. Somente o último deles - *Tudo Sobre o Mosquito* - não apresentou textos que expandiam os aspectos temáticos tratados no texto de referência para outras mídias e plataformas, limitando-se a promover estratégias transmídia de propagação que recuperavam partes da reportagem multimídia *Nova Temporada*⁸ no canal do YouTube e para promoviam sua leitura nos perfis do veículo das redes sociais. Ainda que não tenha havido expansão da narrativa e o fluxo de circulação desse especial tenha se mostrado mínimo em relação aos demais, não deixa de ser uma produção transmídia. A análise realizada possibilitou demonstrar justamente aquilo que conceitualmente já discutíamos no início desse capítulo: o modelo de produção transmídia pode assumir diferentes configurações: as mais simples, de articulações de conteúdos baseados em estratégias de propagação, como no especial *Tudo Sobre o Mosquito*, e as mais complexas, as

⁸ Disponível em: <<http://arte.folha.uol.com.br/tudo-sobre/o-mosquito>>.

narrativas transmídia *stricto sensu*, que se correlacionam às estratégias de expansão e no jornalismo pode ser percebidas pelo desdobramento dos aspectos temáticos.

Para além da utilização recorrente das mídias e plataformas que já citamos, a maioria dos projetos seguiam uma certa dinâmica que se iniciava com o lançamento de uma reportagem especial multimídia ao qual se somavam estratégias de expansão transmídia através de conteúdos para o jornal e de um debate que acontecia na sede da redação. *Newsgames*, reportagens para televisão e seminários também colaboraram, porém de forma menos frequente. Vejamos:

- *Tudo Sobre Belo Monte* colocou em pauta a construção da Usina Hidrelétrica de Belo Monte, no Pará, e expandiu os dois grandes eixos temáticos da reportagem multimídia *A Batalha de Belo Monte*⁹ – a obra e os impactos – para outras mídias e plataformas, desdobrando-os através de formatos para o jornal, para a televisão, com um *newsgame* (Folhacóptero) e um debate, de modo a atualizar, contextualizar, opinar e explorar certos aspectos.

- *Tudo Sobre a Ditadura Militar* fez uma análise histórica e aprofundou os reflexos do regime ditatorial para a sociedade brasileira, utilizando-se da estratégia de expansão para atualizar, contextualizar e opinar sobre aspectos temáticos da reportagem multimídia *O Golpe e a Ditadura Militar*¹⁰ através de notícias e entrevistas no jornal, de uma reportagem documental para televisão, de debates promovidos na redação do veículo e de uma espécie de “live blogging” do passado, que reconstituía os principais momentos do golpe de Estado nas datas e horários em que haviam ocorridos 50 anos antes.

- Em *Tudo Sobre Crise da Água*, o assunto foi a crise hídrica nas regiões Norte, Nordeste e na Grande São Paulo, mas a expansão da reportagem multimídia *Líquido Incerto*¹¹ se deu especialmente a partir desse último eixo temático por meio de matérias no jornal que atualizavam, contextualizavam e opinavam acerca dos aspectos temáticos, assim como de um debate com especialistas e um programa no Canal TV Folha, ambos discutindo a temática.

- *Tudo Sobre Contrabando no Brasil* abordou a comercialização de produtos ilegais em uma reportagem multimídia, *Crime sem castigo*¹², cujos aspectos temáticos foram atualizados, contextualizados e postos em discussão no jornal e também num seminário de dois dias transmitido pelo Canal TV Folha.

- *Tudo Sobre o Rio em Transformação* tratou dos impactos das obras para os Jogos Olímpicos na cidade do Rio de Janeiro, que ocorreriam no ano seguinte, e expandiu

⁹ Disponível em: <<http://arte.folha.uol.com.br/especiais/2013/12/16/belo-monte>>.

¹⁰ Disponível em: <<http://arte.folha.uol.com.br/especiais/2014/03/23/o-golpe-e-a-ditadura-militar>>.

¹¹ Disponível em: <<http://arte.folha.uol.com.br/ambiente/2014/09/15/crise-da-agua>>.

¹² Disponível em: <<http://arte.folha.uol.com.br/mercado/2015/03/12/crime-sem-castigo>>.

pontualmente a reportagem multimídia *Rio: Maravilha Mutante*¹³ no jornal, no Canal TV Folha e no *newsgame Engenhão-2016*, respectivamente atualizando, opinando e explorando alguns de seus aspectos temáticos.

- *Tudo Sobre Desmatamento Zero* abordou o desenvolvimento sustentável na Amazônia de modo semelhante ao especial sobre contrabando: a reportagem multimídia *Floresta sem fim*¹⁴ se expandia através do jornal e de um seminário também de dois dias que atualizava e opinava sobre os mais diversos aspectos temáticos, além de conteúdos inéditos para o portal que contextualizavam o que seria discutido no seminário.

Da análise realizada, verificou-se, ainda, procedimentos adotados de forma recorrente que apontavam para algumas ideias-chaves, dentre as quais, destacamos: a identidade visual que conferia possibilidades de remissão entre os conteúdos de todo o projeto, para além dos hiperlinks, endereços virtuais e informações de exibição na televisão ou para inscrição nos eventos; os debates e seminários, prática recorrente em cinco das sete reportagens, estimulavam interação e promoviam espaço para análise e confronto de ideias, inclusive desencadeando outros conteúdos com os convidados, a exemplo de artigos de opinião ou entrevistas; as “versões em papel” das reportagens multimídia em cadernos especiais para atender ao público da mídia de maior capital social do Grupo, conferindo ao jornal a importante função de “costurar” as estratégias transmídia e indicar o caminho para acessar os demais conteúdos; e os *newsgames* (Folhacóptero e Engenhão-2016) que ensaiavam formas de exploração de ambientes e criavam pontos de acesso à reportagem para aqueles que buscavam experiências mais interativas e sensoriais.

2.2.2 As articulações midiáticas

Como já evidenciado na análise que fizemos do *Tudo Sobre*, no jornalismo transmídia, a compreensão do que se constitui a especificidade de cada meio ou plataforma é essencial para que cada um deles faça o que faz de melhor (Jenkins, 2009), o que nos remete à contribuição de Marshall McLuhan (2007) de sublinhar o papel dos meios para constituição da mensagem. Em uma entrevista à Revista Playboy em 1969 (McLuhan, 1969), o teórico alertava que perdemos a chance de perceber o impacto das tecnologias sobre o homem e nos prepararmos para as transformações operadas pelos novos meios de comunicação se colocarmos toda a ênfase no conteúdo e praticamente nenhuma no meio.

¹³ Disponível em: <<https://arte.folha.uol.com.br/tudo-sobre/rio-em-transformacao>>.

¹⁴ Disponível em: <<https://arte.folha.uol.com.br/tudo-sobre/desmatamento-zero>>.

No processo de construção de narrativas transmídia no jornalismo é importante considerar tanto um quanto outro elemento. A escolha e utilização das mídias e plataformas de uma narrativa transmídia requer critérios e ponderações que envolvem o perfil da audiência, as especificidades da linguagem, a pluralidade de formatos e as funções que esses conteúdos desempenharão no conjunto do projeto, além do processo criativo que inclui questões estilo, estética e outras expressões de subjetividade dos próprios jornalistas. Todos esses elementos precisam ser considerados quando se pretende articular uma mídia ou plataforma de referência em torno da qual se associam outras mídias utilizadas para expansão dos textos.

Não se trata de uma articulação fácil. A escolha das mídias ou plataformas de expansão dependem, necessariamente, da mídia ou plataforma de referência. Se o texto de referência é uma série de reportagens para televisão, mídia mais generalista e massiva, caberia expandir para a web, pelo seu potencial de atualização e interatividade e plataformas de redes sociais digitais? Se o texto de referência está no rádio, meio mais popular, as expansões poderiam se direcionar para a web, mas também para o jornal impresso (ou digital)? E no caso de o texto de referência estar na web, como os dossiês *Tudo Sobre*, que analisamos, o jornal impresso, a televisão e até mesmo plataformas de áudio poderiam ser os ambientes para expansão? As configurações possíveis são diversas e só podem ser estabelecidas em articulação com aquilo do que se trata, com os sentidos dos textos, mas desde já alguns cruzamentos se mostram mais favoráveis que outros em razão da natureza e especificidade de cada mídia.

Considerando aquilo que observamos nas articulações midiáticas dos dossiês *Tudo Sobre*, e de outras referências e discussões pertinentes, traçaremos a seguir, um breve panorama da presença do jornalismo nas diferentes mídias e plataformas, enfatizando como elas podem se articular enquanto expansão da mídia de referência. Esse quadro nos será útil adiante, ao tratarmos da roteirização da reportagem transmídia.

a) Mídia Impressa

Optar pela mídia impressa para expansão de um projeto transmídia no cenário atual de declínio das publicações em papel deve ter em conta, sobretudo, o poder de penetração do veículo junto a uma audiência já consolidada ou até especializada, que segundo Eduardo Tessler (2018, on-line), preza por “qualidade, conteúdo que não conhece, análises inteligentes, fotos fantásticas, apresentação gráfica de primeira”. O jornalista e consultor defende que o jornal impresso deve deixar de ser generalista, voltado para as massas, para se tornar, ainda que caro, desejável, “quase uma revista diária, agradável, com ritmo de leitura, surpresas, textos bem pensados, design convidativo, enfim algo que dê prazer” (Tessler, 2018, on-line).

Nessa perspectiva, a escolha por esse tipo de mídia deve ser criteriosa e prezar por uma maior relevância, além de levar em consideração a tradição do veículo e seu perfil editorial, evitando direcionar ao impresso aquilo que poderia mais facilmente estar em um portal de notícias. A materialidade do papel corrobora sentidos de estabilidade, segurança e densidade, em contraposição à instantaneidade, fluidez e brevidade das plataformas digitais.

Outras possibilidades midiáticas como semanários, revistas e livro-reportagem, que tem o papel como suporte, também podem integrar um projeto transmídia. Acerca dos primeiros, prevalecem os mesmos desafios já apresentados para o jornal impresso. Já o livro-reportagem, considerado espaço nobre para o exercício do jornalismo, por estar situado na fronteira entre jornalismo e literatura, prioriza a qualidade narrativa e visa especialmente a fruição. Ele pode preencher os vazios deixados pelas demais mídias, ampliando a compreensão da realidade e complementando-a não somente no “sentido estrito dos fatos isolados do cotidiano, mas sim no sentido mais amplo da leitura da contemporaneidade” (Lima, 1993, p. 55). A escolha desse formato como conteúdo de expansão exige maior capacidade de produção da equipe ou do jornalista responsável e cuidado redobrado para que não se torne redundante ou reduza a importância dos demais conteúdos¹⁵.

Os conteúdos impressos podem assumir formatos mais tradicionais, como artigos, editoriais, notícias ou reportagens que se utilizam da linguagem verbal escrita, associada a fotografia e/ou ilustrações (inclusive infográficos), e permitem maior celeridade na apuração e publicação. A comunicação popular e alternativa também apresenta opções como boletins, fanzines¹⁶, cordéis, reportagens em quadrinhos, cartazes lambe-lambe etc.

b) Mídia e plataformas audiovisuais

A televisão ainda possui um papel relevante no ecossistema midiático atual, por isso não podemos deixar de considerar a produção de conteúdos de expansão através de produções documentais, com uma preocupação estética maior na edição, explorando bem a linguagem audiovisual, boas imagens que recobrem narrativas mais humanizadas, ou de programas de debates, ao estilo mesa redonda. O primeiro, considerado o gênero televisivo da informação de maior prestígio no telejornalismo, exige orçamentos mais elevados; o segundo, ao contrário,

¹⁵ Uma possibilidade de evitar esse conflito entre conteúdos seria programar o lançamento do livro-reportagem para o final do cronograma de circulação transmídia.

¹⁶ Da junção das palavras *fanatic* e *magazine*, indica um tipo de publicação amadora de texto e imagem reproduzidos por meio de copiadora e de pequena circulação, editada por um fã e sem ajuda de editoras convencionais.

constitui boa alternativa para quem dispõe de poucos recursos financeiros pelo baixo investimento de produção (Aronchi de Souza, 2004).

A Entrevista e o Telejornal também podem ser explorados como expansão transmídia. Este, através dos diversos formatos que o constituem como reportagem, notícia, nota, entrevista, coluna, comentário etc. Aquele, enquanto programa próprio, promovendo o contato mais direto de uma ou mais fontes com a coletividade, conferindo sentido de comprovação da informação dita e manifestada pelo próprio entrevistado.

O potencial massivo e generalista da televisão favorece conteúdos para tornar conhecidas as questões principais de um problema pelo papel de destaque que ela exerce no conjunto das mídias tradicionais e também digitais. Mas o telejornalismo também vem investindo em produções para plataformas de *streaming* de vídeos, a chamada *TV on Demand*. O desafio de se produzir jornalismo para esses ambientes é apresentar conteúdos informativos atemporais, e justamente nesse ponto parece residir uma boa possibilidade para expansão de conteúdos transmídia através de séries documentais.

As produções audiovisuais de jornalismo também estão presentes em plataformas de compartilhamento de vídeo. Destacamos o YouTube, a mais popular, e o TikTok, em crescente ascensão. Elas rompem com o modelo de emissão *broadcasting* da televisão e permitem que todos os seus usuários sejam potenciais produtores de conteúdos, alargando horizontes no que se refere às narrativas transmídia, especialmente quanto a participação dos consumidores, que podem assumir um papel de co-criadores.

O YouTube abarca diferentes áreas e possibilidades e pelo alcance permite, tal como a televisão, conteúdos de expansão mais gerais. Os formatos mais recorrentes em produções jornalísticas são websérie de reportagens, documentário curta-metragem, transmissão de eventos e *live*¹⁷. Pelo caráter menos formal que a televisão, a plataforma também possibilita ao jornalista a exposição, por exemplo, do processo de apuração ou de registros de ambientes e entrevistas de maneira mais espontânea, que podem ser feitas com o próprio smartphone. A forma mais recorrente de explorar a participação dos usuários no YouTube é através dos comentários, que pode motivar outros vídeos ou, durante as transmissões ao vivo, serem respondidos ou referenciados. Um conteúdo audiovisual de expansão de um projeto transmídia produzido para o YouTube também precisa considerar a audiência do canal no qual será publicado e atentar para não se tornar um conteúdo isolado dentro do canal e da plataforma. A

¹⁷ As *lives* têm sido um formato cada vez mais frequente, sobretudo após o período de isolamento provocado pela pandemia da Covid-19, mas tem seu lugar também em outras plataformas, especialmente o Instagram, que se vale dos seguidores para engajar audiência.

serialização, no caso de conteúdos gravados, ou a criação de uma agenda para transmissões diretas, podem ser possibilidades para superar esse risco.

O TikTok apresenta um nível de informalidade maior que o YouTube e tem sido, até então, mais acessado pelo público jovem (Sollitto; Alejandro, 2022). Descontração na transmissão da informação tende a ser a proposta para uma maior distribuição do conteúdo pelo algoritmo¹⁸. Outra diferença é o limite de tempo mais curto, que exige conteúdos mais diretos e com pouca profundidade, como que para passar um recado. São muitas as formas de uso da plataforma que se adequariam a conteúdos transmídia, tanto de expansão, para construção de notícias, como para sua propagação, como constatou uma pesquisa que analisou os perfis da Folha de São Paulo, do canal de TV CNN Brasil e do Jornal Estadão (Pereira e Monteiro, 2021). Segundo os autores, cada veículo procura conectar-se com sua audiência a produzindo conteúdos que são mais consumidos, tais como memes, storytelling, curiosidade, humor, trends, etc. A recomendação é a produção e conteúdo mais simples, direto e acessível, recorrendo à linguagem coloquial, alternância de movimentos de câmeras e muita criatividade.

Impulsionado pelo período de isolamento e pela ampliação de acesso a redes móveis, o consumo de vídeo vem crescendo consideravelmente, a ponto de influenciar transformações nas próprias plataformas digitais¹⁹. Segundo pesquisa da Kantar IBOPE Media (2021), o consumo de vídeo no Brasil em 2020 superou a média global, tanto em plataformas online como em redes sociais e serviços por assinatura²⁰. Todo esse crescimento destaca o papel do audiovisual no ecossistema de mídias, e optar por um conteúdo desse tipo em um projeto transmídia torna-se quase um imperativo, cabendo aos produtores escolher a mídia ou plataforma mais apropriada para a expansão dos aspectos temáticos a partir das questões próprias de produção e de sentido.

c) Mídia e plataformas sonoras

Quando os programas de auditório migraram do rádio para a TV, a veiculação do conteúdo *em antena* passou a enfatizar a dimensão informativa e recorrer a participação da audiência. Essas duas dimensões se intensificaram ainda mais no contexto de convergência midiática, especialmente com transmissão de mensagens instantâneas por aplicativos.

¹⁸ Diferente de outras plataformas, a data de publicação dos vídeos não aparece no “feed” do aplicativo para todos, e o algoritmo de recomendações pode fazer com que um conteúdo apareça para um usuário meses depois de ter sido publicado.

¹⁹ Recentemente mudanças algumas mudanças na interface do Instagram têm sido criticadas por seus usuários pela semelhança ao TikTok. Disponível em: < <https://bit.ly/3SrbnAw>>. Acesso em: 04 ago. 2022.

²⁰ Os dados apontam que “80% dos brasileiros assistiram vídeos online gratuitos, frente a 65% dos estrangeiros. O mesmo vale para vídeos em redes sociais (72% x 57%) e vídeos em serviços por assinatura (62% x 50%)”. Disponível em: <<https://www.kantaribopemedia.com/consumo-de-video-bate-recorde-no-brasil>>. Acesso em 04 ago. 2022.

Kischinhevsky (2016, p. 129) afirma que a chave para o futuro das emissoras em ondas hertzianas está em ir além do noticiário agenciado do cotidiano e “se assumir como meios de comunicação fortemente locais, alimentando identificação por parte dos ouvintes, prestando serviços de utilidade pública, oferecendo análise e informação aprofundada e contextualizada”.

No campo mais abrangente do jornalismo sonoro, presenciamos a popularidade dos podcasts jornalísticos nas plataformas de streaming de áudio²¹ em uma variedade de formatos que vai de estilos mais narrativos a debates e entrevistas. Além dessas possibilidades que podem se configurar enquanto expansão num projeto transmídia, podem ser organizadas *playlists* de canções relacionadas à uma temática, por exemplo, visando proporcionar uma experiência de fruição musical. Iniciativas de distribuição de conteúdo informativo sonoro curtos através de listas de transmissão em aplicativos de mensagens também podem ser outra alternativa.

Para expansão transmídia, a linguagem sonora apresenta vantagens em relação à linguagem audiovisual tanto do ponto de vista da produção (a captação pode acontecer por telefone ou mensagens de áudio e não requer maiores preocupações com imagens) como da recepção (não exige tanta atenção e pode ser consumida enquanto se pratica outra atividade). Trechos interessantes de entrevistas gravadas com fontes que normalmente seriam descartados podem se tornar um novo conteúdo e agregar mais informações à produção. A conversação sobre o processo produtivo entre os próprios jornalistas é outra possibilidade, explorando perspectivas analíticas que ficaria difícil em outros formatos, a exemplo do que acontece com o podcast *Isso é Fantástico* (Macedo, 2022).

d) Websites

Os portais e sites de notícias podem se constituir tanto como produto-meio, como repositório de conteúdos de jornais, revistas, e emissoras de rádio e televisão, como também como produto-fim, caso dos novos arranjos produtivos de jornalismo digital independente que hospedam nesses espaços todas as suas produções, ou ainda integrando as duas perspectivas, viabilizando conteúdos transmídia. Canavilhas (2013) considera que todas as narrativas transmídia devem ter pelo menos uma componente na Web, de modo a explorar a multimídia, capaz de integrar as diferentes linguagens.

Embora haja um considerável número de projetos transmídia que tenham a web como mídia de referência a partir de uma reportagem especial multimídia que se expandem para outras mídias e plataformas, essa não é uma regra. Formas clássicas como notícias, artigos de

²¹ Spotify, Amazon Music, YouTube Music, Deezer e Tidal são algumas das plataformas mais conhecidas.

opinião e matérias de prestação de serviço etc. podem complementar a abordagem em portais e sites, assim como webstories, recurso originalmente criado pelo Google como versão na Web para o formato "story", que combina vídeo, áudio, imagem, animação e texto em telas que passam a partir do toque do dedo ou do clique do mouse²².

e) Redes sociais e aplicativos de mensagens

O estímulo às diferentes formas de conversação caracteriza as redes sociais e os aplicativos de mensagens instantâneas. O jornalismo vem se utilizando dessa propriedade tanto para apuração como para a distribuição de notícias. É essencial conhecer as particularidades e públicos de cada plataforma de mídia para direcionar estratégias e usos, bem como evitar a replicação em massa, considerando que quase sempre os usuários estão em mais de uma delas.

Os recursos interativos do Instagram, rede social digital que surgiu para explorar a linguagem visual, tem se ampliado cada vez mais, estimulando a participação através da publicação no feed (de imagens em formato individual ou carrossel, de vídeos curtos – reels –, filtros etc.), no story (publicação temporária que dura 24 horas e permite também testes, enquetes, perguntas e respostas etc.), DM (mensagens particulares, onde também é possível postar pequenos recados através das Notas) etc.. Muitos desses recursos também fazem parte do Facebook, com a diferença de que este possui um público de faixa etária mais elevada em relação ao Instagram. Ambos são da mesma empresa, a Meta, que também é proprietária do mais famoso aplicativo de mensagens instantânea, o WhatsApp.

O WhatsApp tem sido recorrentemente utilizado pelo jornalismo para apuração, como canal direto onde o público pode sugerir pautas e atuar como co-produtor enviando material em fotografia, áudio e vídeo que são incorporados às notícias. As listas de transmissão e, mais recentemente, a criação de comunidades e canais, recurso já explorado pelo concorrente Telegram, permitem o envio de mensagens em massa²³. Apesar do Telegram apontar para outras possibilidades, a exemplo da produção de jogos de enigma como citamos anteriormente, e possui limites maiores para envio de arquivo e participação de usuários, sua popularidade no Brasil ainda não se compara à do WhatsApp.

²² O formato tem sido utilizado pela maioria por veículos como G1, Estadão e Folha de S. Paulo, quase sempre com dicas, listas ou breves perfis de personagens.

²³ Até final de 2022 os grupos do WhatsApp limitavam a participação a 512 usuários. Esse número foi ampliado para o dobro (1024) em 2023, quando também foi implementada o recurso de Comunidade, capaz de reunir até 50 grupos em um total de até 5 mil pessoas. Os canais, por sua vez, são públicos, não possuem limite de usuários e permitem que qualquer pessoa se inscreva para receber atualizações, sem que seu número fique visível aos administradores, numa comunicação unilateral.

O microblog X (antigo Twitter) prima pela instantaneidade, mantendo a proposta de limitar caracteres (atualmente 280 caracteres, o dobro do limite original) e até quatro arquivos de mídia – imagens ou vídeos. A thread, fio ou simplesmente sequência tem sido um recurso bastante utilizado pelo jornalismo por permitir conectar uma série de tweets e oferecer contexto adicional tanto em texto com em recursos multimídias que se interligam ilimitadamente. Ferreira e Colombo (2021) analisaram publicações desse tipo da Folha de São Paulo e concluíram que o veículo tem foco maior na transmissão de informações majoritariamente através de texto e bem menos para conversão ao portal, o que demonstra que as threads são úteis para noticiar integralmente dentro da própria rede social.

No geral, podemos dizer que a expansão para redes sociais não admite maior densidade informativa, pois esses ambientes incentivam seus usuários, com a oferta excessiva de conteúdos, a dividirem a atenção para não ficarem com a sensação de estar perdendo algo. Textos curtos, imagens, vídeos e áudios capazes de trazer à tona algum aspecto do que está sendo discutido, dar alguma orientação prática ou favorecer momentos de maior leveza podem ser alguns dos procedimentos a serem adotados.

No que se refere às estratégias de engajamento, Gabriel (2010) argumenta que é preciso diferenciar os variados comportamentos numa escala de maior para menor percentual de usuários: a maioria deseja apenas assistir e consumir conteúdos para se entreter, tomar decisões ou aprender; muitos compartilham para atualizar seu perfil, ajudar outros com aquela informação ou demonstrar conhecimento; outra parte é a que comenta, no desejo de participar ativamente e se envolver através das ideias e opiniões que manifesta; alguns são os que demonstram interesse em também produzir conteúdos para expressar identidade, ser ouvido ou reconhecido; e por fim, há uma minoria que assume o papel da curadoria, moderando discussões e envolvendo em comunidades para obter algum reconhecimento.

f) Outros aplicativos

Uma das estratégias para promover maior interação com os consumidores de mídia tem sido a criação de *newsgames*, que podem explorar, de forma lúcida, algum aspecto da temática a partir de infográficos onde se escondem informações, da recriação de cenários e situações sociais e políticas, de adaptações digitais desde quebra-cabeças a questionários de notícias, de jogos que educam sobre como se tornar um bom jornalista ou compreender a importância dessa atividade, e jogos comunitários que criam e nutrem discussões locais (Bogost; Ferrari; Schweizer, 2010).

Tal como os newsgames, é possível também pensar aplicativos de serviço relacionados à temática, a exemplo do “PenhaS”, produzido pela Revista AzMina com o objetivo de facilitar o apoio a mulheres vítimas de violência, através da divulgação dos seus direitos, da informação sobre redes de apoio e até com a possibilidade de fazer pedido de ajuda em casos extremos. O uso de recursos de aplicativos já existentes para explorar realidade virtual, realidade híbrida (metaverso) e geolocalização também é outra possibilidade de promover experiências concretas com ambientes ou situações de forma diferente daquela experimentada em outras mídias e plataformas.

Incorporar um aplicativo a uma narrativa transmídia jornalística imprime um caráter de inovação ao projeto, mas é preciso avaliar a relevância do conteúdo, a ideia que o sustenta, a tecnologia empregada e os custos de produção e publicação, para não correr o risco de o resultado se tornar insignificante. Há que ponderar também se meios de acesso ao conteúdo estarão disponíveis ao menos a boa parte dos usuários que se deseja alcançar, como é o caso, por exemplo, dos óculos de realidade virtual da Google, o *Cardboard*, acessório imprescindível para uma experiência plena com imagens em 3D.

g) Eventos

Ainda que não se constitua propriamente uma mídia, os eventos são uma possibilidade cada vez mais explorada pelo jornalismo. Debates, palestras, seminários, webinários, jornadas para discutir com especialistas, autoridades e pessoas envolvidas mais diretamente na temática abordada podem servir para marcar o lançamento das produções ou mesmo repercuti-la, dando maior longevidade ao projeto, promovendo a discussão junto à opinião pública e contrariando a ideia de que produções jornalísticas são produtos acabados, que dão a última palavra.

Vasconcelos (2022) destaca a articulação analógico-digital como uma possibilidade para jornalismo transmídia, ressaltando a importância de aproximar mídias ou práticas de naturezas diversas de grande valor narrativo, estético ou afetivo. Dentre estas possibilidades, enumera experiências off-line como exposições, seminários, colóquios, rotas guiadas, jogos de tabuleiro, álbuns de figurinhas, quermesses, campanhas de rua, feiras, desfiles de moda, degustações, performances e instalações artísticas, projeções urbanas, panfletagens etc.

Os eventos ressaltam um modo de interação que aproxima e explora outros sentidos como o tato, o paladar e o olfato, mas seu alcance provavelmente será mais limitado por seu caráter pontual e restrito geograficamente. Aliar experiências analógicas com possibilidades de transmissão através de plataformas de vídeo poderá ampliar a participação, mantendo a dimensão da experiência sensorial para aqueles que possuem condições mais favoráveis de estar

presente pessoalmente. Esse tipo de estratégia de expansão confere um ganho qualitativo ao projeto, pois a adesão do destinatário-consumidor representa uma vontade de expandir a temática abordada para sua vida cotidiana.

O panorama que apresentamos é limitado e, por certo, estará desatualizado antes mesmo da conclusão dessa tese. O intuito não é fazer uma descrição minuciosa do ecossistema midiático, mas de vislumbrar o cenário que se perspectiva nos ambientes analógicos e digitais, massivos e participativos, para adoção de estratégias de expansão transmídia. Em qualquer escolha da mídia de expansão é preciso considerar a mídia de referência para evitar redundâncias significantes tanto quanto na articulação textual se busca evitar sobreposições de significado. Nessa tarefa são necessárias competências que articulem contratos comunicativos e materialidades das mídias e plataformas, assim como a compreensão dos seus respectivos recursos expressivos e narrativos, daquilo que se deseja dizer, que se quer comunicar.

As práticas editoriais e acadêmicas, reforçadas pelas pesquisas desenvolvidas, apontam para um jornalismo transmídia possível, cujo espaço por excelência é a reportagem especial. A ela podem se agregar outros formatos narrativos, próprios do jornalismo ou não, que assumem a função de expandir o discurso para outros ambientes midiáticos, tal como vimos no caso emblemático da série *Tudo Sobre*. A hipótese que levantamos, portanto, é de que, a partir do modelo empregado na análise destas produções, que considerava os aspectos temáticos como critério para sua expansão em outras mídias, na roteirização de reportagens especiais transmídia a relação de derivação e complementaridade estabelecida entre os textos pode se dar a partir desse mesmo pressuposto, ou seja, pela atualização, contextualização, opinião e exploração de aspectos temáticos. Antes, porém, de demonstramos como isso pode ocorrer, será fundamental nos debruçarmos sobre a reportagem especial, mais precisamente sobre a reportagem especial argumentativa. É importante aprofundar seu estatuto e compreender as dinâmicas que regem sua construção, visto que, como também já foi sugerido por Moloney (2011), trata-se do produto jornalístico melhor vocacionado para a expansividade transmídia. Este será o foco do próximo capítulo.

3 O ESTATUTO DA REPORTAGEM ESPECIAL

A efemeridade das notícias, elaboradas no calor dos acontecimentos para informar o público de maneira mais rápida e direta, ou as reportagens do cotidiano, que explicam e contextualizam os fatos, dificilmente se constituem uma narrativa transmídia, nos termos propostos por Jenkins (2009). Sejam factuais ou não, estas produções podem, no entanto, fazer parte de uma produção transmídia, associando-se a um texto de referência, quase sempre uma reportagem especial, para expandi-la ou mesmo propagá-la. A razão disso é que as redações, mesmo aquelas que trabalham de forma integrada, seguem rotinas produtivas tão intensas que seus profissionais encontram dificuldades para ampliar o relato noticioso e propor estratégias mais complexas, como exige o modelo transmídia, limitando-se a adaptar os conteúdos para outras mídias.

Ao mesmo tempo em que se exige polivalência temática, midiática e funcional dos jornalistas (Salaverría, 2014), os valores notícias novidade e atualidade se impõem para atender à demanda informacional das plataformas de redes sociais digitais. Se nos jornais impressos tudo recomeçava do zero logo que uma edição era finalizada (Pereira Junior, 2012), nos sites, portais e perfis de veículos nas redes, a pressão do tempo é cada vez maior, tornando a instantaneidade um imperativo (Bradshaw, 2014). A aposta para narrativas transmídia no jornalismo passa a ser, então, as reportagens especiais, pois, além de disporem de mais tempo para produção e circulação, buscam um maior aprofundamento de assuntos e possibilitam seu transbordamento midiático.

Do impresso ao digital, todas as modalidades de jornalismo produzem reportagens especiais¹, demonstrando se tratar de um gênero já consolidado. Apesar de ser uma produção mais rara e nem sempre presente em todas as empresas jornalísticas, profissionais e estudiosos reforçam o papel da reportagem especial para o campo e a diferenciam da reportagem produzida cotidianamente. Pouco, porém, se conhece sobre seu método e as práticas que envolvem seu fazer, desde o planejamento até sua finalização (Moser, 2021).

Qual seria, então, o estatuto da reportagem especial? Como ela se estrutura e o que a constitui? Que elementos precisam ser considerados para sua produção: as competências

¹ Neste trabalho adotaremos o termo reportagem especial para se referir a esse gênero também chamado de grande reportagem, série de reportagens ou reportagem em profundidade. A razão dessa escolha está no fato do qualificativo “especial” contemplar os diferentes aspectos que caracterizam esse tipo de produção, conforme veremos mais adiante: o processo produtivo que envolve maior cuidado tanto em relação ao conteúdo (profundidade temática, contextualização, pluralidade de vozes etc.) como à expressão (estilo textual, recursos de edição, finalização etc.) da linguagem.

exigidas dos profissionais envolvidos, as técnicas, a sua organização discursiva e textual? Estas são perguntas fundamentais que precisam ser feitas e antecedem, necessariamente, a proposição de um método para roteirização de reportagens especiais transmídia, objetivo desta tese. Para respondê-las, precisaríamos recuperar minimamente o conjunto de práticas e conhecimentos mobilizados para produção desse gênero jornalístico, problematizando-o enquanto objeto empírico, de modo a evidenciar, a partir de referenciais já consolidados no campo, uma organização recorrente de reportagens especiais.

Considerando as múltiplas configurações discursivas das reportagens especiais, convém, desde já, estabelecer um recorte mais preciso sobre o objeto que nos debruçamos. Nosso ponto de partida, como já evidenciamos no capítulo anterior, foram as reportagens especiais *Tudo Sobre*, produzidas pela Folha de S. Paulo e caracterizadas como narrativas transmídia (Macedo, 2019). Esses dossiês elegiam uma temática específica, a partir de uma problemática da realidade, e privilegiavam uma abordagem argumentativa, percebida tanto no nível da organização textual das partes/capítulos da reportagem multimídia – considerada texto de referência – e dos textos para outras mídias que expandiam os aspectos temáticos, assim como no nível discursivo, evidenciado pela organização dos percursos temáticos para apuração e produção dos repórteres envolvidos².

Com base nisso e tendo em vista o desenvolvimento de um método de roteirização transmídia, assumimos, de partida, que as reportagens especiais argumentativas são um tipo específico de reportagem especial, mas sem desconsiderar as possibilidades do modelo transmídia em produções jornalísticas nas quais predominam estruturas mais narrativas ou descritivas. O recorte de pesquisa que fizemos para propor um método de roteirização de reportagens especiais transmídia, como já mencionado, parte de produções que se organizam discursivamente com a predominância da lógica da argumentação, procedimento que costuma ser ainda mais evidente no jornalismo.

Neste capítulo, problematizaremos as reportagens especiais argumentativas e buscaremos inventariar seus modos de organização, de modo a delinear minimamente seu estatuto e oferecer elementos que possam contribuir para estruturar nossa proposta de método

² Em vídeo que conta os bastidores da produção da reportagem especial *A Batalha de Belo Monte*, o coordenador do projeto, jornalista Marcelo Leite, explica que o processo de apuração foi organizado a partir de linhas temáticas como a questão indígena, as populações ribeirinhas, a cidade de Altamira e a obra: “Foi aí que a gente resolveu justamente enviar três repórteres de textos, que foi o Morris Kachani, encarregado da parte social, o Dimmi Amora, de Brasília, que ficou encarregado da parte de infraestrutura, energia, construção, engenharia... e eu [Marcelo Leite], que tenho maior familiaridade com a questão ambiental, científica e indígena... Essa foi a divisão informal que a gente fez”. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=3yeNi8QAEDc>>. Acesso em: 02 ago. 2023.

para a roteirização transmídia. Para dar conta dessa tarefa, sistematizaremos, a partir de pesquisa bibliográfica e análise de conteúdo, as principais características e práticas jornalísticas voltadas para esse tipo de produção, visando construir um quadro teórico-metodológico das diferentes possibilidades para sua organização, especialmente na etapa de planejamento³.

Trabalharemos a partir da hipótese de que a reportagem especial argumentativa se constitui, considerando as características próprias da tipologia textual que a sustenta, sob lógicas de raciocínio (indutivo, analógico e dedutivo) que, em última instância, representam as formas de conhecer. Considerar estas lógicas como estruturantes para a organização das reportagens especiais argumentativas permitirá elencar diferentes formas de tratamento de um determinado tema (devidamente pautado em uma questão da realidade, uma problemática), abordado a partir dos múltiplos aspectos que o envolvem e de uma intencionalidade específica (uma tese) de um destinador-produtor visando “convencer” um certo destinatário-consumidor presumido.

3.1 As formas especiais do discurso jornalístico

O discurso jornalístico apoia-se em duas formas canônicas: a notícia e a reportagem⁴. A primeira, seu principal produto, nasce da necessidade de expor um fato ou sequência de fatos para manter a audiência atualizada. A segunda, considerada seu gênero nobre, apresenta o relato mais detalhado de um determinado fato ou fenômeno, seus antecedentes e consequentes, para situar o público de maneira mais aprofundada. Para Genro Filho (1987), ambas reforçam o papel do jornalismo enquanto forma social de conhecimento: a notícia, fundada na singularidade; a reportagem, na particularidade.

O conhecimento que se obtém cotidianamente através das notícias, caracterizadas por descrições precisas e desprezo aos adjetivos e às generalizações, reside na singularidade, que se manifesta na atmosfera cultural de uma imediatividade compartilhada, vivida de modo mais ou menos direto (Genro Filho, 1987). Sua organização textual, aponta Lage (2001), pode ser baseada na narração, a partir de sequências de acontecimentos, ou na exposição, quando se

³ A preocupação com esta etapa justifica-se porque a roteirização proposta nesta tese, como melhor explicitaremos adiante, é compreendida como parte da prospecção da reportagem especial, a partir da qual se sucedem as demais: apuração, redação, edição, publicação e circulação. Não desconsideramos os aspectos mutáveis da realidade ou a dimensão criativa dos jornalistas, capazes de revisar e alterar os percursos inicialmente propostos.

⁴ Fiorin (2012) postula que a distinção entre texto e discurso se faz necessária para uma discriminação operatória que vise caracterizar problemas e analisá-los. Nesse sentido, afirma que “o discurso é do plano do conteúdo, enquanto o texto é do plano da expressão. Em outras palavras, este é da ordem do sensível, enquanto aquele é do domínio do inteligível. O texto é a manifestação do discurso. Assim, o texto pressupõe logicamente o discurso, que é, por implicação, anterior a ele” (p. 148).

elimina a temporalidade dos eventos e prevalece uma lógica de pertinência, de modo que um enunciado explique o outro. Para o autor, a notícia exclui a argumentação enquanto forma textual, pois “não questiona, afirma; não contrapõe formulações contraditórias, embora possa apresentá-las; não investiga causas ou consequências, embora possa ser o resultado de uma investigação” (Lage, 2001, p. 50).

A distinção entre notícia e reportagem, segundo Genro Filho (1987), está na particularidade que constitui a essência desta, assumindo uma relativa autonomia para além de um contexto de significação do singular (como na notícia). A reportagem não nega a singularidade, considerada pelo autor como a forma de conhecimento na qual o jornalismo está centrado, mas coexiste enquanto gênero que se eleva do singular para o particular.

Ela própria busca sua significação na totalidade da matéria jornalística, concorrendo com a singularidade do fenômeno que aborda e dos fatos que o configuram. Essa significação autônoma pode ser *estética* (como em “À Sangue Frio”, de Truman Capote, para citar um exemplo extremo), *teórico-científica* (como numa reportagem sobre mortalidade infantil utilizando estatísticas ou outros métodos das ciências sociais ou *informativa* (como no caso das revistas semanais que, muitas vezes, contam a “história da notícia” a que o público já assistiu pela TV e leu nos jornais diários, com maior riqueza de nuances e detalhes, fornecendo um quadro mais complexo da situação na qual o fato foi gerado) (Genro Filho, 1987, 93-94, grifos do autor).

Lage (2001) categoriza três tipos de reportagens: as de investigação, que partem de um fato para revelar outros ocultos; as de interpretação, em que se observa um conjunto de fatos sob determinada perspectiva como sociológica ou econômicas, por exemplo; e as do novo jornalismo, escola americana que busca apreender a essência do fenômeno aplicando técnicas literárias na construção de situações e episódios narrados.

Dentre as reportagens, há um tipo que se distingue por tratar de acontecimentos ou assuntos que exigem um aprofundamento ainda maior: são as reportagens especiais, também chamadas de grandes reportagens ou reportagens em profundidade. Os termos usados para qualificá-las já revelam, empiricamente, as ênfases dadas à sua caracterização. Destaca-se, a princípio, sua dimensão quantitativa, tanto pelo atributo “grande”, como por descrições como “matérias *mais extensas*” (Kotscho, 1995, p. 71, grifo nosso), “forma de *maior* aprofundamento possível da informação social” (Medina apud Lima, 1993, p. 27, grifo nosso), que “*leva mais tempo* para captar, editar...” (De la Rue, 2006, p. 186, grifo nosso). Na dimensão qualitativa, a ênfase recai sobre aspectos que extrapolam a função básica do jornalismo de informar: a reportagem especial é “aquela que possibilita um *mergulho de fôlego* nos fatos e em seu contexto” (Lima, 1993, p. 24, grifo nosso), explora “um assunto em profundidade, *cercando todos os seus ângulos*” (Kotscho, 1995, p. 71, grifo nosso), “permitem ao público *enxergar mais amplamente o momento* que o país e o mundo atravessam, *compará-lo* com acontecimentos

passados, *intuir* tendências, *formar opinião* sobre esses assuntos” (Bonner, 2009, p. 19, grifo nosso) e “*aprofundar* assuntos de interesse público” (Carvalho et al., 2010, p. 21, grifo nosso).

Apesar de diferentes denominações, praticamente todas as modalidades de jornalismo as produzem: as revistas, investindo nas chamadas “reportagens de capa”; os jornais, com cadernos especiais, que posteriormente podem inspirar livros-reportagens; as emissoras de rádio e televisão, através de programas especiais documentais ou séries de reportagens; e os sites de notícias, sejam ligados a um veículo tradicional ou independente, desenvolvendo reportagens multimídia. Para os fins desta pesquisa, que investiga e propõe formas de expansão de uma reportagem especial de um determinado suporte midiático para outros, é importante destacar como esse gênero demonstra-se consolidado em todas as modalidades de jornalismo: no impresso, no rádio, na televisão e na web⁵.

3.1.1 Reportagens especiais no jornalismo impresso

Boa parte das escassas referências bibliográficas e estudos sobre reportagens especiais estão relacionadas ao jornalismo impresso. Cremilda Medina (1988) diferencia a grande reportagem da notícia pelo tratamento do fato jornalístico que enriquece as linhas de tempo (reconstitui o acontecimento “no antes e depois”) e espaço, por meio do processo narrativo. “Através da contemplação de fatos que situam ou explicam o fato nuclear, através da pesquisa histórica de antecedentes ou através da busca do humano permanente no acontecimento imediato, a reportagem leva a um quadro interpretativo do fato” (Medina, 1988, p. 115).

A referência à função interpretativa reforça a perspectiva desenvolvida especialmente pelos estudos de Luiz Beltrão (1976), que caracterizou esse como “um jornalismo em profundidade, à base de investigação, que começa a representar a nova posição da imemorial atividade social da informação da atualidade. Um jornalismo que oferece todos os elementos da realidade, a fim de que, a massa, ela própria, a interprete” (Beltrão, 1976, p. 42).

Considerado um dos primeiros teóricos do jornalismo no Brasil, o autor pernambucano categorizava a reportagem em profundidade como parte do gênero interpretativo, por reunir elementos como antecedentes, prognósticos e análises, buscando as causas e desdobramentos dos fenômenos. Esse tipo de reportagem que aborda temas originais, aprofunda aspectos

⁵ Optamos por abordar as reportagens especiais a partir dos meios e não das linguagens (escrita, sonora, audiovisual e multimídia) para ser mais fiel às poucas referências encontradas, sem desconsiderar as possibilidades de formatos especiais ou seriados jornalísticos, que mais recentemente emergem em plataformas como streaming de áudio, de vídeo ou redes sociais.

extraordinários e explica situações complexas de modo a enfatizar prismas novos sobre o assunto, pode ser encontrado, ainda que não exclusivamente, em revistas e cadernos especiais ou suplementos de jornais. O intervalo maior destas publicações permite mais tempo para a investigação, diversificação das fontes, cruzamento e análises de dados e escrita mais criativa.

No Brasil, revistas como *O Cruzeiro*, na década de 1950, e *Realidade*, década de 1960, despontaram na produção de reportagens especiais, soltando as amarras do jornal diário, que também passaram a eleger o domingo para desdobrar grandes assuntos com profundidade, originalidade e exatidão (Vilas Boas, 1996). Nas décadas seguintes, as revistas *Veja*, *Isto É* e *Época* pautaram assuntos em âmbito nacional através de reportagens especiais, muitas delas de cunho investigativo. Com a queda de circulação das revistas generalistas nas versões tanto das versões impressas quanto digitais, o setor tem procurado investir na especialização e segmentação para encontrar espaço no novo ecossistema midiático (Huertas, 2021).

Apesar de ser um tipo de produção frequente no jornalismo impresso, especialmente nos tempos de maior circulação dos jornais em papel, não se encontram muitas referências sobre os cadernos especiais. Normalmente este tipo de suplemento ou encarte aborda uma temática específica ou realiza a cobertura de um evento, sem uma periodicidade definida. Trabalham pautas atemporais de maior aprofundamento, diferentemente dos cadernos tradicionais como economia, política, cultura, esportes, que reúne notícias e reportagens diversas em torno dessas configurações temáticas.

Na análise do projeto gráfico dos cadernos especiais produzidos pelo jornal cearense *O Povo*, Mendonça (2018, p. 148), destaca que tais produções, “como fenômenos informacionais, tanto no trato verbal como no estético, ampliam-se no que diz respeito aos seus potenciais de significação e como *locus* laboratorial ou experimental dos jornalistas em relação à produção factual”. O autor também pontua as soluções estéticas adotadas como forma de quebrar padrões rígidos de leitura e contribuir com as temáticas tratadas através da narrativa visual dos fenômenos abordados.

O livro-reportagem é outro formato cujas características se associam à reportagem especial, conforme aponta Lima (1993). O autor reconhece, inclusive, que a reportagem especial é catalizadora do livro-reportagem, chamando atenção para duas de suas características: a contextualização, que amplia a notícia e possibilita uma abordagem “de fôlego”; e a liberdade criativa que dispõe os autores “para escapar aos grilhões normalmente impostos pela fórmula convencional do tratamento da notícia” (Lima, 1993, p. 24). No caso da reportagem especial para mídias impressas, centrada na escrita bem mais elaborada e

minuciosa, o pesquisador ressalta a necessidade de investimentos textuais tanto no plano do conteúdo quanto no plano da expressão⁶.

No que se refere ao plano do conteúdo, Lima (1993, p. 37) destaca que a reportagem especial busca “informar e orientar em profundidade sobre ocorrências sociais, episódios factuais, acontecimentos duradouros, situações, ideias, e figuras humanas” de modo a oferecer um quadro da contemporaneidade que situe o leitor nas múltiplas realidades. Na compreensão do autor a profundidade pode ser em dois níveis: um extensivo, horizontal, ou quantitativo, através de dados, números e informações, e outro intensivo, vertical ou qualitativo, através da “análise multiangular de causas e consequências, de efeitos e desdobramentos, de repercussões e implicações” (Lima, 1993, p. 37).

Quanto ao plano expressivo, o autor defende um tratamento que enriqueça o texto e o livre da prisão excessiva à informação, superando o anacronismo da linguagem verbal. O texto deve proporcionar uma fruição ao leitor e estimulá-lo a um mergulho no universo particular da reportagem através de um jogo implícito capaz de captá-lo do seu mundo mental e emocional.

(...) o texto deve fluir com naturalidade, transitar suavemente de uma passagem a outra. Deve ter ritmo, cadência, um pulsar característico, que se altera de vez em quando exatamente para combater o ruído da dispersão. A redundância – através da inserção do mesmo dado, mas de modo diferente a cada vez, ao longo do texto –, a colocação inesperada de dados novos ou a reordenação criativa de dados conhecidos são recursos de que se pode utilizar para construir a narrativa fluente. (Lima, 1993, p. 111)

Do ponto de vista das condições de produção, Ricardo Kotscho (1995) pondera que a reportagem especial nas mídias impressas exige investimento humano e financeiros, razão pela qual sobrevém maiores exigências aos repórteres. Nesse sentido, o autor recomenda a realização de um bom planejamento que diminua os riscos, começando com uma ampla pesquisa e leitura sobre o tema, seguindo-se da montagem de um roteiro que considere “os personagens, situações e lugares mais ricos – o que viver a mais, de imprevisto, é lucro” (Kotscho, 1995, p. 72).

No Fotojornalismo, as formas que aparecem nos jornais e revistas e mais se aproximam da reportagem especial seriam aquelas denominadas por Souza (2002) de história em fotografia ou *picture stories*, que o autor considera como gênero nobre da modalidade. Caracterizam-se

⁶ Para fins metodológicos de análise, a semiótica francesa compreende o texto como a “junção do plano do conteúdo, construído sob a forma de um percurso gerativo, com o plano da expressão” (Barros, 2005, p. 76). No plano do conteúdo, analisam-se três níveis, do mais simples e abstrato ao mais complexo e concreto, formado pelas estruturas fundamentais, narrativas e discursivas, que se articulam para formar o sentido. No plano da expressão, o enfoque de análise está em como as estruturas textuais reforçam o conteúdo, investindo e concretizando, de forma reiterada, os temas abstratos, fabricando efeitos de realidade. É o que ocorre, por exemplo, nos textos literários, na pintura, no desenho, na dança, no quadrinho ou no filme, que procuram recriar a realidade e adotar “um ponto de vista novo na visão e no entendimento do mundo” (Barros, 2005, p. 77).

por apresentar uma série de imagens que se integram num conjunto para constituir um relato compreensivo e desenvolvido de um tema, mostrando as diversas facetas daquilo que reportam. O processo de produção envolve estudo prévio do tema pelo fotojornalista, tanto através de documentação como de consulta a especialistas e pessoas envolvidas. “Tradicionalmente, as foto-histórias debruçam-se sobre um problema social, sobre a vida das pessoas ou sobre um acontecimento. Não é raro abordar-se um problema social seguindo-se a vida quotidiana que uma determinada pessoa leva” (Souza, 2002, p. 128).

As histórias em fotografias podem se dividir em fotoensaio e fotorreportagem. O primeiro conta uma história em fotografias procurando analisar a realidade e opinar sobre ela, enquanto na segunda o objetivo essencial é situar, documentar, mostrar a evolução e caracterizar uma situação real e as pessoas que a vivem. Segundo Souza (2002), o fotoensaio admite certa importância ao texto e pode abrir-se a formas alternativas de expressão, como recorrer à encenação fotográfica, à combinação de imagens ou manipulação digital, contanto que relatados e assumidos como serviço para interpretação do real. As fotorreportagens, por sua vez, valem-se de fotolegendas ou pequenos textos introdutórios que se conjugam com todas as imagens para orientar sua leitura.

Ainda que que extrapole os limites do jornalismo, o fotodocumentário, tal como o livro-reportagem, também reúne características das reportagens especiais: envolve estudo em profundidade do tema a ser fotografado, quase sempre atemporal, assim como o conhecimento dos lugares e situações a serem registrados e o desenvolvimento de um projeto fotográfico por períodos mais dilatados de tempo (Souza, 2002)⁷.

3.1.2 Reportagens especiais no radiojornalismo

Os especiais também são raros no radiojornalismo, mas podem girar em torno de uma personalidade (perfil ou biografia), uma data importante ou temas variados que desencadeiem séries sobre, por exemplo, “a construção de Brasília, o Golpe de 64, a descoberta da vacina contra a gripe influenza, a emoção do gol no futebol, a milenar medicina chinesa, a história das tatuagens etc.” (Prado, 2006, p. 31-32). Segundo Ortriwano (2001, p. 92-93), o especial informativo do rádio pode ser ocasional ou ter periodicidade fixa, quando “analisa um determinado assunto, seja por sua grande importância e atualidade, seja por seu interesse histórico”. Outra possibilidade com essa denominação são as coberturas especiais, que para

⁷ O brasileiro Sebastião Salgado é uma das referências na produção de fotodocumentários.

Lucht (2009, p. 70-71), “equivalem ao dossiê no impresso, pois reúnem, num só dia, diversos formatos, dos mais variados gêneros, sempre com o intuito de informar o ouvinte”.

O radiodocumentário, outro gênero que poderia ser associado com reportagens especiais, tende a desenvolver mais o potencial investigativo, pois aborda um tema com profundidade através de pesquisa de dados e arquivos sonoros, reconstituindo ou analisando um fato importante, com recursos de sonoplastia e uma montagem cuidadosa, precedidas por um bom roteiro (Ferraretto, 2007). A pouca frequência dos radiodocumentários nas emissoras comerciais é atribuída por Lucht (2009) ao seu custo de produção, sendo mais facilmente encontrado em rádios educativas e públicas.

Herrera Damas (2008) compreende que a reportagem de rádio se destaca tanto pelo conteúdo – de maior profundidade, caráter narrativo-descritivo e versatilidade temática –, quanto pelos recursos expressivos e estilísticos – marcadamente pessoal e com variedade estrutural –, ambos sustentados por condições de produção e realização. A autora também destaca a importância de organizar as ideias e dados no decorrer do seu desenvolvimento, captando a atenção do ouvinte na abertura e finalizando com um fechamento que reforce a ideia principal.

A reportagem especial para rádio lança mão de recursos próprios da linguagem sonora:

Evidentemente, as entrevistas são o principal elemento de um documentário; mas não o único. Inserem-se também ruídos reais gravados no local; falas ou declarações testemunhais; em algumas ocasiões, minipainéis etc. Enfim, apela-se a todos os recursos documentais possíveis para ilustrar o tema e lhe dar uma apresentação variada e vivaz. Alguns roteiristas intercalam, às vezes, brevíssimos flashes dramatizados, com atores e narração sonora (Kaplún, 2017, p. 136).

No campo da produção sonora, o crescimento do acesso à internet banda larga e a popularização dos smartphones contribuiu para um crescimento das plataformas de streaming de áudio e, nelas, dos podcasts jornalísticos. Apesar de recuperar práticas do radiojornalismo, é preciso considerar que a forma de consumo muda: passa a ser sob demanda, de modo assíncrono e com possibilidades de compartilhamento, características que alteram significativamente também o processo de produção (Kischinhevsky, 2016).

Apesar dos diferentes formatos, são os podcasts narrativos aqueles mais próximos do radiodocumentário ou dos especiais radiofônicos. Além de fazer uso de trilha sonora para evocar sentimentos e sensações (já utilizados no rádio), esses podcasts, frequentemente inspirados na ficção seriada, investem numa apuração aprofundada, que ouve extensamente as

fontes e recorre à ilustração de personagens e a uma rica descrição dos ambientes e situações. (Kischinhevsky, 2018)⁸.

O uso da primeira pessoa é recorrente pelos apresentadores, que não se furtam a verbalizar suas dúvidas, impressões e opiniões, embora sempre tendo como pano de fundo valores implícitos relacionados ao jornalismo, como a busca pela verdade e pelo equilíbrio na representação de versões contraditórias dos fatos.

Percebe-se que ganha contornos um novo formato de rádiojornalismo, tributário dos tradicionais radiodocumentários, mas caracterizado pela produção seriada, com ganchos que remetem à radiodramaturgia embora se apoiem fundamentalmente em conteúdo de caráter informativo (Kischinhevsky, 2018, p. 6).

3.1.3 Reportagens especiais no telejornalismo

Na televisão, as reportagens especiais podem ser encontradas em programas jornalísticos específicos de reportagens⁹ e nos telejornais diários, por meio de séries que abordam temáticas diversas. Num e noutro caso podem ser motivadas por ganchos jornalísticos (datas, eventos ou acontecimentos que pedem maior aprofundamento e contextualização) ou simplesmente para colocar em pauta uma questão de relevância e impacto na sociedade.

Carvalho et al. (2010, p. 21) distinguem a reportagem especial para televisão pelo “tratamento muito mais primoroso, tanto de conteúdo quanto plástico”. Quanto ao conteúdo, os autores reforçam a necessidade de diferentes posicionamentos, que exige do jornalista um maior preparo, assim como entendimento das causas e consequências para oferecer uma leitura mais aprofundada da realidade; em relação ao tratamento plástico, recomendam a exploração do fato ou questão de modo mais intenso, de modo surpreendente, aprimorando tanto o texto como a própria linguagem audiovisual.

Na escolha do tema para uma reportagem especial televisiva, De la Rue (2006) propõe a fuga do lugar comum, mas sem desconsiderar pilares do jornalismo como o conflito, a apuração, a contraposição e a clareza. O autor argumenta que o documentário foi uma espécie de matriz cultural para a reportagem especial de televisão, mas ambos se diferenciam porque aquele possui uma abordagem mais autoral. Fachine (2006) pontua algumas outras distinções: a reportagem possui um ponto de vista mais “mascarado” e busca o efeito de objetividade, enquanto no documentário o ponto de vista é mais assumido e marcado pela subjetividade; na reportagem a preocupação maior é o registro da história e as evidências visam um efeito de que

⁸ O autor ilustra esse modelo de podcast com as produções Serial (<https://serialpodcast.org/>), a nível internacional, e Projeto Humanos (<https://www.projetohumanos.com.br/>), como caso brasileiro.

⁹ O Programa Globo Repórter, da Rede Globo de Televisão, talvez seja o mais conhecido da televisão aberta pela sua longevidade (em 2023 completou 50 anos), mas outras emissoras também desenvolvem iniciativas semelhantes, como o Conexão Repórter (SBT), Repórter Record Investigação e Câmara (Rede Record) e Caminhos da Reportagem (TV Brasil), dentre outros.

não há mediações, enquanto no documentário preocupa-se mais em evidenciar os sentidos da história.

A autora também distingue a reportagem da reportagem especial para a televisão a partir da abordagem, do tratamento audiovisual e das condições de produção. Ela explica que a primeira é “mais episódica, sintética, mais fragmentada, pouco durável (mais “datada”), presa à emergência do evento que a gerou (à “quebra da normalidade”), requer divulgação imediata, relativa a acontecimentos do dia a dia” (Fechine, 2006, s/p). Já a reportagem especial trata de assuntos de interesse mais permanente, é mais especializada e abrangente (reúne maior número de dados e aspectos), apresenta maior riqueza de relações entre os universos de dados coletados e “mapeia” determinados campos e situações (dá conta de um “estado da arte”, dá uma “visão” de um determinado assunto). Numa reportagem, a análise das situações observadas introduz elementos de reflexão e interpretação que complementam aquilo que foi (ou poderia ter sido), inicialmente, uma notícia. Isso implica em uma roteirização mais complexa e um tratamento tanto temático quanto plástico, que envolve o cuidado com o texto, a captação das imagens, a edição e a finalização, recorrendo a recursos “extras”, como gráficos e artes, como pontua Loureiro, a partir das ideias de Fechine:

Para ser caracterizada como tal, a reportagem especial televisiva precisa, de fato, ser o resultado de uma prática jornalística apoiada nos três critérios indicados (...). Isto é, não basta apenas, por exemplo, atender a certas condições de produção: ser realizada em um período de tempo mais longo ou ter uma duração maior. Se ele não tiver também um certo tipo de roteirização e de tratamento, essa matéria não se constrói como um tipo especial. Do mesmo modo, se a edição for bem cuidada (tratamento “especial”), mas se a matéria não mostrar um aprofundamento temático manifesto na sua roteirização, não há como denominá-la como uma reportagem especial televisiva. É o processo inteiro que colabora para alçá-la a esse estatuto (Loureiro, 2015, p. 23).

A serialização das reportagens nos telejornais tende a ser um forte indício de seu caráter especial. Num estudo realizado a partir de séries de reportagens, Costa (2005) identifica três modelos de reportagens especiais considerando o posicionamento do repórter, o tratamento dado ao tema, a relação que se estabelece com o telespectador e os elementos que constituem sua estrutura narrativa. Nesse último aspecto, os esquemas tratam basicamente de um problema, suas causas e possíveis soluções, com variações na forma como eles são apresentados ou mesmo com incorporação de orientações práticas.

3.1.4 Reportagens especiais no Webjornalismo

Na web, as reportagens especiais se desenvolvem na perspectiva de combinar linguagens distintas, como a verbal, sonora e visual (convencionalmente chamada multimídia),

aliado aos recursos imersivos possibilitados pelas ferramentas e tecnologias digitais (Longhi, 2014). Características como *scrolling* (recurso que permite uma leitura e navegação verticalizada a partir da barra lateral da página) e design responsivo que ocupa toda a tela, colaboram tanto para atrair atenção dos leitores como para estimular a navegação em diferentes suportes.

Segundo Longhi (2014), a renovação narrativa jornalística no ambiente digital acontece somente na década de 2010, quando portais e jornais investem no jornalismo *longform*, caracterizado por produções com textos entre 10 e 20 mil palavras, articulados, tal como numa revista, por camadas visuais, gráficos, legendas e citações. A grande diferença em relação ao meio impresso está na possibilidade de navegação não linear, de leituras mais imersivas e de interação com a história.

A possibilidade de combinar múltiplas linguagens e formatos comunicativos também se ampliou com a chegada da internet, exigindo habilidades para coordenar estas variáveis na construção de uma mensagem. Trata-se de compreender as relações multimídia, que segundo Salaverría (2014), deve estar baseada em critérios como a compatibilidade de elementos acionados, a complementaridade temática e de quantidade informativa, a ausência de redundância (evitar repetir o mesmo conteúdo em formatos diferentes), a hierarquização dos elementos utilizados (atribuindo protagonismo a alguns em detrimento de outros), a ponderação quanto aos limites para o consumo de informação (tempo, espaço, conexão e aplicações disponíveis para a visualização de certos elementos) e a adaptação ao estilo e dimensões da publicação à qual está vinculada.

Nesse sentido, numa reportagem especial multimídia é imprescindível conhecer as diferentes matrizes de linguagem – sonora, visual e verbal – e as linguagens híbridas que se formam a partir destas matrizes (Santaella, 2015), para bem articulá-las. A união dessas três matrizes nessas produções contribui para chamar atenção do usuário e orientá-lo na interação, despertando sentimentos que ajudam na compreensão da temática (Carvalho, 2018).

As possibilidades expressivas em constante atualização no ambiente digital ampliam significativamente a complexidade narrativa das reportagens especiais. Para Canavilhas, Baccin e Satuf (2017) as novas tessituras narrativas se afastam dos modelos tradicionais pela organização complexa de um jornalismo em bases-de-dados, contextualizado (que possibilita o aprofundamento temático sem limites de tempo/espaço), imersivo (de narrativas humanizadas que convidam o leitor para explorar os vários sentidos) e em um *continuum* multimídia (a narrativa se expande para outros meios de forma articulada e integrada).

Essa complexidade narrativa da reportagem especial tende a atingir seu ápice quando se configura como narrativa transmídia, que como vimos no capítulo anterior, exige um multimídia integrada para se adaptar às diferentes plataformas, mas também contextualizações diacrónica e sincrónica, transversalidade e profundidade, além de maior liberdade narrativa (Canavilhas, 2013).

As referências sobre reportagem especial que revisamos apontam que se trata de uma forma discursiva já consolidada no campo jornalístico capaz de se adaptar às especificidades e matrizes de linguagem dos diferentes meios e plataformas. As características elencadas em todas as modalidades jornalísticas reforçam o investimento tanto no plano do conteúdo, resultado de um aprimoramento das práticas de pesquisa, apuração e investigação do tema, como de recursos expressivos, como o cuidado com o texto¹⁰, um estilo menos rígido e mais autoral e reforço quanto aos elementos plásticos. Resta-nos, agora, explorar a lógica argumentativa que preside grande parte das reportagens especiais, qualquer que seja sua mídia de referência.

3.2 As reportagens especiais argumentativas

Os estudos sobre reportagens especiais que inventariamos as caracterizam, no entanto não explicitam um método que considere todas as etapas de sua construção, desde o planeamento até a finalização (e hoje também a circulação e repercussão). Identificando essa lacuna, Magali Moser (2021) propõe, em sua tese de doutorado, a explicitar os processos em torno da reportagem especial, valendo-se da análise e sistematização de depoimentos e percepções de repórteres especiais. A autora confirma sua hipótese de que, apesar da tendência geral de reduzir esse trabalho a *insights* pessoais e percepções subjetivas, há certas regularidades que demonstram a existência de um método institucionalizado para produção de reportagens especiais¹¹.

O trabalho desenvolvido elenca um conjunto de procedimentos metodológicos que, organizados a partir dos três saberes jornalísticos – saber de reconhecimento, saber de procedimento e saber de narração (Ericson, Baranek e Chan, 1987 *apud* Moser, 2021) –,

¹⁰ Referimo-nos não somente ao texto escrito, em reportagens especiais para jornais, revistas e sites ou portais, como também ao texto falado, para reportagens especiais em rádio e televisão ou para plataformas de distribuição de conteúdos sonoros e audiovisuais.

¹¹ A autora não distingue mídias específicas, colhendo depoimentos de repórteres especiais independentemente da modalidade jornalística. Considerando que já demonstramos que a reportagem especial se constitui um gênero comum às diversas mídias, passaremos também a discutir sobre a reportagem especial de forma mais geral, sem a preocupação em especificar um *locus* de produção.

oferecem um quadro conceitual acerca do *modus operandi* dos repórteres especiais. É através desse conhecimento compartilhado pela cultura profissional, “não formalizado e constituído por modelos mentais e aptidões técnicas, indissociáveis dos sujeitos que as carregam e de seu contexto” (Moser, 2021, p. 342), que o repórter especial se propõe a conhecer uma determinada realidade e representá-la discursivamente.

A construção da pauta, primeira etapa do processo de produção do discurso jornalístico, envolve o reconhecimento do que pode ou não resultar em uma reportagem especial. Nesta fase, o jornalista precisa estabelecer um certo recorte do tema ou caso que será tratado na reportagem, levantando ideias e hipóteses a partir das experiências e conhecimentos individuais acumulados, da observação da realidade, da leitura de mundo e da interação direta ou mediada com os acontecimentos ou questões de interesse público. Estas tarefas exigem habilidades para estabelecer relações em torno de um assunto e propor novas abordagens sobre a realidade, desenvolvendo uma perspectiva crítica. Tanto as motivações individuais dos repórteres para tratar de um tema como aquelas de forte interesse público exigem algum tipo de argumentação mínima para demonstrar sua pertinência e justificar, mesmo que mentalmente, o tratamento especial dado à reportagem.

No decorrer do processo de apuração mobilizam-se saberes de procedimentos, capazes de organizar e hierarquizar as informações desde o planejamento preliminar, com as pesquisas exploratórias e o levantamento das fontes, até o decorrer da investigação jornalística, na busca por evidências, no cruzamento de dados, na observação que explora os diferentes sentidos, no contato com as fontes durante as entrevistas, no estímulo ao contraditório, na verificação, na análise e na checagem. Para redação e edição da reportagem especial são demandados saberes de narração que abrangem atividades mais relacionadas à organização textual do discurso: a planificação do conteúdo, o cuidado expressivo, a escolha das palavras, imagens e ilustrações, a ênfase aos personagens e o processo de finalização.

Todos esses procedimentos de elaboração e manifestação do discurso correspondem, de alguma forma, a uma dimensão argumentativa, corroborando a visão defendida pelo linguista José Luiz Fiorin (2015):

Todo discurso tem uma dimensão argumentativa. Alguns se apresentam como explicitamente argumentativos (por exemplo, o discurso político, o discurso publicitário), enquanto outros não se apresentam como tal (por exemplo, o discurso didático, o discurso romanesco, o discurso lírico). No entanto, todos são argumentativos: de um lado, porque o modo de funcionamento real do discurso é o dialogismo; de outro, porque sempre o enunciador pretende que suas proposições sejam acolhidas, que ele mesmo seja aceito, que o enunciatário faça dele uma boa imagem. Se, como ensinava Bakhtin, o dialogismo preside a construção de todo discurso, então um discurso será uma voz nesse diálogo discursivo incessante que é a história. Um discurso pode concordar com outro ou discordar de outro. Se a sociedade

é dividida em grupos sociais, com interesses divergentes, então os discursos são sempre o espaço privilegiado de luta entre vozes sociais, o que significa que são precipuamente o lugar da contradição, da argumentação, pois a base de toda a dialética é a exposição de uma tese a sua refutação (Fiorin, 2015, p. 9).

Enquanto dimensão do discurso, a argumentação encontra forte ressonância na visão de um jornalismo como construção social da realidade, em contraponto a visões mais “romanceadas” da atividade pautadas numa imparcialidade e objetividade que não se sustentam. Nesse sentido, Motta (2013, p. 196) alerta que “nenhuma narrativa é ingênua, neutra, imparcial; toda narrativa é argumentativa”, seja nas hipérboles das manchetes e nas ironias explícitas presentes nos textos, seja nas tentativas de tornar mais humanos os relatos de estatísticas e decretos para aproximá-los do leitor.

Partindo desse pressuposto, podemos dizer que toda reportagem especial envolve uma dimensão argumentativa. Algumas reportagens especiais, porém, manifestam de modo explícito essa organização a partir de enunciados que se encadeiam por relações lógicas e fazem progredir o discurso, merecendo, em razão disto, a denominação aqui adotada de reportagens especiais argumentativas, bem como sua caracterização como um tipo específico de texto jornalístico. No nível do texto, estas “organizações relativamente estáveis caracterizadas por uma temática, uma forma composicional e um estilo” (Fiorin, 2005, p. 101) são chamadas de gêneros. Estes, por sua vez, se estruturam em torno de matrizes ou tipos textuais, “uma espécie de construção teórica definida pela *natureza linguística* de sua composição (aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas)” (Marcuschi, 2002, p. 22, grifos do autor). Um mesmo tipo textual pode ser utilizado por diferentes gêneros ou um gênero se constituir de mais de um tipo textual. Segundo Marcuschi (2002) as matrizes mais conhecidas são narração, descrição, exposição, argumentação e injunção:

Um elemento central na organização de textos narrativos é a sequência temporal. Já no caso de textos descritivos predominam as sequências de localização. Os textos expositivos apresentam o predomínio de sequências analíticas ou então explicitamente explicativas. Os textos argumentativos se dão pelo predomínio de sequências contrastivas explícitas. Por fim, os textos injuntivos apresentam o predomínio de sequências imperativas. (Marcuschi, 2002, p. 29).

Travaglia (1991) associa as tipologias textuais ao discurso, destacando como cada uma delas implica modos ou formas de ação, interação e interlocução que instauram diferentes relações a partir de como o enunciador/locutor se coloca no discurso, de sua atitude frente ao objeto do dizer e do tipo de interlocutor que instaura (Quadro 2). O autor não trata do tipo expositivo, que poderia estar associado à dissertação.

Quadro 2 – Funcionamento discursivo das tipologias textuais

Tipologia	Posição do enunciador	Atitude do enunciador	Interlocutor instaurado
Narração	Perspectiva do tempo	Contar, dizer os fatos, os acontecimentos	Assistente, “espectador não participante
Descrição	Perspectiva do espaço em seu conhecer	Caracterizar, dizer como é	“Voyeur” do espetáculo
Dissertação	Perspectiva do conhecer, abstraindo-se do tempo e do espaço	Refletir, explicar, avaliar, conceituar, expor ideias para dar a conhecer, fazer saber, associando-se à análise a à síntese de representações	Ser pensante, que raciocina
Injunção	Perspectiva do fazer posterior ao tempo da enunciação	Requerer ou desejar uma ação, dizer o que e/ou como fazê-la, incitar a sua realização	Aquele que realiza o que se requer ou determina que seja feito ou aconteça

Fonte: elaborado pelo autor com base em Travaglia (1991, p. 43).

Autores como Sodré e Ferrari (1989), Coimbra (2004), Lima (1993) e Lage (2001) recorrem, em certa medida, à predominância dessas tipologias para categorizar as reportagens do dia-a-dia e melhor compreender os elementos e formas de organização textual. Seguindo essa mesma perspectiva, e respaldados nas análises de reportagens especiais transmídia (Macedo, 2019), defendemos que nesse tipo particular de reportagem especial predomina a matriz textual-discursiva argumentativa. E para propor um método de roteirização transmídia voltado a esse tipo de produção, faz-se necessário entender os princípios mais gerais que presidem sua estrutura e definir seu estatuto. Assim, não julgamos necessário nos determos, como fazem os autores citados inicialmente, nas reportagens especiais baseadas nas demais matrizes textuais – narrativas, descritivas ou injuntivas –, apesar de compreendermos que elas quase sempre serão acionadas no nível textual da reportagem especial argumentativa, nas quais predominam uma “costura” de sequências tipológicas que tem na argumentação uma “armação de base, ou seja, uma malha infraestrutural do texto” (Marcuschi, 2002, p. 27).

Apesar de realizar uma análise no nível macroestrutura textual, Coimbra (2004) opera com os diferentes elementos da argumentação para identificar categorias de reportagens. Vale a pena retomar algumas de suas noções para vislumbrar o modo como opera com as diferentes matrizes textuais.

Quando trata da reportagem dissertativa, Coimbra (2004, p. 44) a caracteriza como aquela cujo texto “se apoia num raciocínio explicitado através de afirmações generalizantes, seguidas de fundamentação, que constitui a análise feita pelo redator de um acontecimento ou de um grupo de acontecimentos”. O autor examina a relação entre o tópico frasal, que apresenta de modo sucinto a ideia-núcleo de um parágrafo, e os demais períodos, destacando a

possibilidade de utilização de outras matrizes textuais, a exemplo de blocos ou fragmentos descritivos, apesar de sua estrutura dominante ser a argumentação.

É com base nessa consideração que o autor propõe dois outros tipos de reportagens: a narrativo-dissertativa, quando o narrador se utiliza de retardações, opiniões, reflexões, avaliações e considerações para promover digressões e adiar o prosseguimento da ação; e a reportagem dissertativo-narrativa, onde o pronunciamento do autor ocorre tanto de forma explícita quanto implícita, através da alusão histórica ou da mudança de foco narrativo, em que se cria uma imagem do autor na escrita para comandar os movimentos das personagens, dos acontecimentos, do tempo cronológico e psicológico, do espaço e da linguagem, porém sempre na visão do autor implícito. As categorizações propostas por Coimbra (2004) para as reportagens nos meios impressos destacam os tipos textuais da narração e da argumentação como estruturantes. A descrição e a exposição, segundo o autor, estão quase sempre ligadas aos gêneros narrativo e dissertativo, e a matriz injuntiva não é considerada pelo autor.

Caracterizada por enunciados incitadores à realização de uma ação, a injunção busca mobilizar o interlocutor a uma prática requerida ou desejada, dizendo *o que* ou *como fazer* (Werlich, 1973 *apud* Marcuschi, 2002; Travaglia, 1991). Ainda que essa matriz textual pareça não exercer um predomínio capaz de orientar a estrutura de reportagens ou reportagens especiais, a incitação *ao fazer* pode ser considerada uma etapa do processo argumentativo, incorporadas ao gênero através de formatos que auxiliem o interlocutor na tomada de decisões.

Transitamos entre as principais tipologias textuais para melhor compreender as estruturas discursivas presentes nas reportagens especiais, destacadamente aquelas presididas pela argumentação. Podemos chegar ao discurso pela sua manifestação, isto é, o texto¹². Assim, passaremos a aprofundar as lógicas do discurso argumentativo, averiguando como alguns de seus elementos têm sido recorrentemente utilizados para estruturar esquemas mais gerais em reportagens especiais presididas pela argumentação.

Os discursos se diferenciam pelas diferentes funções comunicativas e sociais que possuem, assim como pela sua construção, isto é, pela sua estrutura. A argumentação, segundo Fiorin (2015, p. 19) caracteriza-se por “raciocínios que se destinam a persuadir, isto é, a convencer ou a comover, ambos igualmente válidos de levar a aceitar uma determinada tese”¹³.

¹² Esse mesmo percurso metodológico que permite, através da análise do texto (o significante), identificar a estrutura de sentido que preside o discurso (o significado), se constituirá a base para propormos um método de roteirização para reportagens especiais transmídia, que desenvolveremos de modo mais detalhado no capítulo seguinte.

¹³ Recuperando as ideias do filósofo grego Cícero, o autor explica que a persuasão pelo convencimento mobiliza argumentos para aceitar uma tese, enquanto que pela comoção, insufla o estado de espírito do destinatário, suas paixões, seus preconceitos etc.

A arte de persuadir, de tornar o discurso eficaz, por sua vez, é chamada de retórica e já na antiguidade concebia cinco operações: *inventio* (encontrar o que se dirá), *dispositio* (dispor o que for encontrado), *elocutio* (ornar com palavras), *actio* (atuar e enunciar), e *memoria* (confiar à memória). Para os objetivos dessa tese (propor um método de roteirização de reportagens especiais transmídia), interessa-nos especialmente retomar os dois primeiros, isto é, o processo de formulação do *que* será dito e as formas como esse *o quê* se organiza e se estrutura enquanto reportagem especial argumentativa.

3.2.1 Encontrar os temas (*inventio*)

A primeira etapa do discurso argumentativo, segundo a Retórica de Aristóteles, envolve a “extração” (Barthes, 1975) ou “inventário” (Reboul, 1998) dos argumentos, de modo a tornar claro sobre o que ele versa (o tema e a tese). Para isso, é necessário considerar o auditório (público) ao qual se direciona o discurso, a fim de determinar seu tipo ou gênero, que Aristóteles categorizou em número de três: deliberativo ou político, judiciário ou forense e epidítico ou demonstrativo, cujas atitudes enunciativas visam, respectivamente, aconselhar/desaconselhar, acusar/defender e louvar/censurar.

Nesse sentido, como já apontamos, a argumentação é parte constitutiva do ato de comunicar:

Comunicar é agir sobre o outro e, por conseguinte, não é só levá-lo a receber e compreender mensagens, mas é fazê-lo aceitar o que é transmitido, crer naquilo que se diz, fazer aquilo que se propõe. Isso quer dizer que comunicar não é apenas fazer saber, mas principalmente, fazer crer e fazer fazer. (...) Comunicar significa obter adesão. Esta depende de opiniões prévias, de crenças, de aspirações, de valores, de normas de conduta que se admitem válidas, de convicções políticas, de emoções, de sentimentos, de visão de mundo, etc. (Fiorin, 2015, p. 76).

Esta dimensão da comunicação se torna ainda mais evidente na reportagem especial argumentativa, desde os processos de seleção, hierarquização e conexões que se estabelecem acerca do relato, até aqueles que implicam posicionamentos e são camuflados por procedimentos de não projeção do “eu” no interior do texto, como se os fatos se narrassem por si mesmos. Há sempre por trás uma tese, um propósito, uma proposta de abordagem que surge a partir de uma ideia (Martínez-Costa e Díez Unzueta, 2005), que não anula o compromisso jornalístico com a exatidão e o equilíbrio, em substituição ao ideal de objetividade, imparcialidade e neutralidade (Fiorin, 2015)¹⁴.

¹⁴ Para Fiorin (2015), a exatidão consiste em poder ser verificado por qualquer pessoa aquilo que se narra, enquanto o equilíbrio implica em oferecer o mesmo espaço para pontos de vistas diversos e mostrar as diferentes

A definição daquilo que se deseja tratar em uma reportagem especial argumentativa é uma etapa fundamental para justificar sua produção. “As ideias transformadas em reportagem originam-se de uma inquietação, uma dúvida ou curiosidade própria sobre um ponto específico, uma perplexidade, mas sempre se orientam por uma questão mais ampla, atendendo ao critério estrutural jornalístico do interesse público” (Moser, 2021, p. 265). Aqui percebemos como temas e problemáticas se articulam para atender aos valores considerados pela audiência. Vamos tentar compreender cada um dos elementos que estão na origem da prospecção de uma reportagem especial.

A problemática implica sempre um recorte específico sobre o tema, visando um melhor direcionamento da abordagem. Em entrevista concedida a Lima (1993), a professora Cremilda Medina, enfatiza que a pauta envolve a descoberta de ângulos e a busca por problemas iminentes ou subjacentes da realidade, exigindo do jornalista um certo preparo técnico que envolve um repertório cultural, aprendizado jornalístico e maturidade para mudanças de rotinas.

Lima (1993) sugere que para planejar a apreensão da realidade sob múltiplos aspectos um bom começo é recuperar a noção de conflito, conceito bem desenvolvido na dramaturgia, mas também presente nos relatos jornalísticos. O autor recomenda, no entanto, que é preciso transcender os conflitos e “identificar as causas, os efeitos, as linhas de forças que os determinam” (p. 64), e para isso propõe uma abordagem sistêmica, capaz de retratar um quadro abstrato de raciocínio, que permita analisar e decompor sua estrutura básica para encontrar os conflitos nele existentes.

Detectar esses conflitos, circunscrever seu sentido, antecipá-los no tempo, buscar suas raízes na interação sistêmica estrangulada são tarefas nobres da reportagem que se proponha a ultrapassar a epiderme rasa dos fatos e penetrar no âmago das questões contundentes do nosso tempo, para proporcionar um conhecimento qualitativo da realidade ao homem contemporâneo (Lima, 1993, p. 68).

Bordas (1995) também destaca o conflito como ponto de partida para a notícia crítica ou criativa, aquela que “visa comunicar estados de situações, para advertir, exortar, promover, delatar, denunciar, apelar, complementar, confrontar ou apresentar novas formas de expressão” (Bordas, 1995, p. 198). Segundo o pesquisador, a melhor forma de compreender a origem da “notícia” é pelo entendimento de uma dissonância – dada a partir de uma inconsistência lógica, um confronto cultural, moral, político ou comparações entre experiências – que pode representar também a distância entre algo que existe e que poderia existir.

interpretações a partir de óticas distintas para que o leitor/espectador possa formar sua opinião, tomar posição e formular seu próprio ponto de vista.

Para encontrar a problemática será necessário, então, estabelecer um determinado recorte da realidade empírica. Trata-se, portanto, da capacidade de levantar questões que serão ponto de partida para as hipóteses (possíveis respostas), que culminarão na sua afirmação ou negação em uma conclusão¹⁵ (tese). A exemplo da produção do conhecimento científico, quanto mais clara e bem definida está uma problemática, mais chances terá o jornalista de organizar de modo coerente um percurso temático e evitar digressões que não contribuam para levar adiante sua proposta de abordagem.

A tematização está profundamente atrelada à problemática e faz avançar o percurso argumentativo. Segundo Rui Grácio (2010), trata-se de enquadrar os assuntos, fazendo distinções entre eles, invocando recursos que deem forças à perspectiva adotada e desenvolva os raciocínios orientados para essa moldura:

É a forma de configurar os assuntos, perspectivando-os a partir da seleção de determinados considerando tidos como relevantes e cuja admissão *orienta o pensamento para determinados padrões de avaliação, de juízo e de raciocínio*. Trata-se de um processo de objetivação do pensamento (que não de objetividade) ou, se quisermos utilizar a terminologia de Grize, de uma “*esquematisação*”. A tematização é, pois, o *processo seletivo de recursos* através do qual a perspectiva é desenhada e *estabelece pontos que podem servir de premissas a raciocínios e às suas conclusões*. Nela, as dimensões sintática, semântica e pragmática operam indissociavelmente (Grácio, 2010, p. 82-83, grifos nossos).

Para a semiótica discursiva, a tematização é um dos níveis de concretização do sentido do texto (a semântica), juntamente com a figurativização. “Tematizar um discurso é formular os valores de modo abstrato e organizá-los em percursos” (Barros, 2005, p. 66). Enquanto os temas podem ser definidos como elementos englobantes, que categorizam e ordenam a realidade, as figuras correspondem a elementos perceptíveis no mundo natural, capazes de recobrir os percursos temáticos e lhes atribuir um revestimento sensorial. Assim, embora um texto possa ser predominantemente figurativos (mais concreto, criando efeitos de realidade e procurando representar o mundo, a exemplo do discurso jornalístico e literário) ou temáticos (mais abstrato, procurando explicar a realidade e estabelecer relações e dependências, como no discurso científico, jurídico), “não há texto figurativo que não tenha um nível temático subjacente, pois este é um patamar de concretização do sentido anterior à figurativização” (Fiorin, 2000, p. 67). Em outras palavras, todo texto manifesta um nível temático, ou mais precisamente, um percurso temático explícito ou implícito, que envolve um encadeamento de diferentes subtemas.

¹⁵ A conclusão em uma reportagem especial não se trata de um veredicto final sobre o que se aborda a modo de fechamento da questão, mas uma determinada visão, intensão ou “lição” para a qual confluem o levantamento e a discussão dos diversos aspectos que envolvem o problema.

Pelo que foi exposto, a primeira etapa da produção de uma reportagem especial argumentativa é a seleção de tópicos capazes de orientar o pensamento a um determinado raciocínio tendo em vista confirmar ou reforçar uma tese. Esquematizar o discurso implica, antes de mais nada, recolher os temas a serem tratados com base no repertório pessoal do repórter, a partir de leituras da realidade e de conhecimentos prévios já consolidados e também de uma pesquisa jornalística. Trata-se de levantar um conjunto de elementos mais abstratos, estabelecendo um determinado percurso temático que se revestirá por percursos figurativos e variantes narrativas¹⁶.

Em depoimento durante um evento que discutia o jornalismo na Amazônia, o jornalista Marcelo Leite, repórter especial da Folha de S. Paulo, explicou como surgiu a reportagem especial multimídia *Floresta sem fim*, produzida em 2015 pelo veículo paulista e que integra a série *Tudo Sobre*. O relato ilustra bem as noções de tese, problema, hipóteses e temas que referenciamos para a prospecção (*inventio*) de uma reportagem especial argumentativa:

A ideia de fazer essa série *Floresta sem Fim* ou *Tudo Sobre Desmatamento Zero* surgiu dessa conversa com a Cristiane Fontes, da Clua [Climate and Land Use Alliance], sobre a falta de conhecimento do público a respeito das relações entre desmatamento e mudança climática. A ideia, desde sempre, foi criar uma reportagem com muitos elementos que permitissem levar o leitor, ou no caso o internauta, para dentro de certas realidades da Amazônia. Então a gente escolheu, depois de uma discussão interna ali, da pauta da reportagem, falar de pecuária, falar de madeira, falar de assentamentos e falar de terras indígenas. E de REDD+. E para isso a gente fez então essas reportagens. Levamos os quatro repórteres acompanhados de cinegrafistas para cada uma destas regiões... escolhemos áreas específicas para que estes repórteres fossem lá e contassem as histórias daquelas pessoas, daqueles locais, e a partir destas histórias bem concretas, pessoas de carne e osso, puxar o assunto mais geral, mais abstrato da questão da mudança climática, do desmatamento zero. Enfim, o conceito por trás desse produto era esse (Leite, 2015, grifos nosso).

Podemos inferir, desta explicação, que a motivação para a produção da reportagem especial foi uma problemática específica – a falta de conhecimento do público a respeito das relações entre desmatamento e mudança climática – identificada pelo jornalista em diálogo com a entidade patrocinadora da reportagem (a Clua – Climate and Land Use Alliance). Esse trecho também revela a tese (proposta) implícita da reportagem a ser investigada e confirmada/reforçada: como o desmatamento influencia as mudanças climáticas.

A forma como os jornalistas pretendiam dar resposta ao problema – desconhecimento do público – era mostrar as realidades amazônicas ao seu público e levá-lo para “dentro” delas.

¹⁶ Fiorin (2000) distingue percurso temático de configurações discursivas mais amplas (englobantes), que seriam temas mais genéricos como amor, morte, infância etc. Assim, uma reportagem pode tratar desse tema mais amplo de modo distinto de uma outra a depender das variações temáticas, figurativas e narrativas utilizadas, a exemplo de uma produção sobre o meio ambiente, que pode enfatizar diferentes nuances da temática a partir das fontes e histórias que utiliza para ilustrar a abordagem pretendida.

Percebemos, já nesse ponto, um determinado recorte operado dentro da configuração discursiva mais ampla, que são as mudanças climáticas e o desmatamento: optou-se por tratar da questão no bioma amazônico, porque “o desflorestamento é o que mais contribui para o aquecimento da Terra no Brasil”, conforme afirma a reportagem multimídia. Outras possibilidades de delimitação temática a partir de outros biomas, também afetados com a devastação, poderiam fazer surgir questões e pontos bem diversos a serem tratados dentro da mesma configuração discursiva¹⁷.

O passo seguinte relatado pelo repórter foi eleger os temas capazes de dar sustentação ao percurso temático e argumentativo. Os temas selecionados consideravam as atividades costumeiramente implicadas no desmatamento (a pecuária, a extração de madeiras, a agricultura em assentamentos rurais) e na preservação das florestas (o cultivo da floresta em terras indígenas e o programa de recompensas financeiras da ONU, o REDD+). Marcelo Leite frisa que esses temas foram inventariados na elaboração da pauta, após uma discussão da equipe de jornalistas envolvidos. São pontos mais gerais e abertos, que dão margem para concretizações bem mais singulares que se dariam no decorrer do processo de apuração. Somente após estruturadas estas linhas mais gerais, os diferentes temas foram figurativizados: a escolha de locais bem específicos para que os repórteres investigassem e contassem histórias “bem concretas”, de “pessoas de carne e osso”, capazes de ilustrar e desenvolver a tese da reportagem especial que foi, posteriormente, expressa no sublead: “zerar a devastação pode ser bom negócio para todos”.

O exemplo acima é ilustrativo, pois, determinar o tema de uma reportagem a partir de uma problemática em vista da sustentação de uma tese, envolve tarefas de raciocínio tão imbricadas que não possuem um modo exclusivo. Por se tratar de um conhecimento empírico e pouco sistematizado na esfera jornalística, o processo está quase sempre implícito e para alguns profissionais não carecem de maior rigor metodológico. O uso dos termos tese, problemática, tema, quase sempre associados ao método científico, soam, para alguns, como cerceadores da liberdade criativa ou de pensamento, como revelam alguns dos depoimentos colhidos por Moser (2021). Apesar disso, a clareza desse processo e os diferentes procedimentos adotados são extremamente necessários para definir o fio condutor da produção, desde a busca por informações, personagens e fontes, até as possibilidades que o meio de comunicação adotado oferece, especialmente em relação ao potencial multimídia, como nos

¹⁷ No início da reportagem especial *Floresta sem fim* (<https://arte.folha.uol.com.br/tudo-sobre/desmatamento-zero/>) explica-se, por exemplo que o Cerrado, à época, era o que mais sofria com a devastação, no entanto esse bioma não foi o recorte de abordagem da produção.

casos de produções para internet (Martínez-Costa e Díez Unzueta, 2005). Quando se trata de propor um método de roteirização em jornalismo que envolve uma certa pedagógica para ser compreendido e testado, entender melhor como se faz o que se faz (Barros, 2005) – um dos objetivos da abordagem semiótica – torna-se ainda mais relevante.

3.2.2 Organizar os temas (*dispositio*)

Realizado o inventário de aspectos do tema a ser abordado e selecionados aqueles considerados mais adequados aos propósitos da comunicação e do público, será necessário dispô-los em uma determinada ordem que faça sentido. Nesta etapa, percurso temático e percurso argumentativo se encontram e se tornam indissociáveis. Na retórica clássica, a ordenação dos argumentos de modo a organizar o discurso foi chamada de *dispositio*. “Sua estruturação segue um plano, que é o que Bakhtin chamaria de construção composicional. O plano, portanto, é uma organização formal, que como em qualquer gênero do discurso que não exige padronização absoluta, admite certa liberdade ao enunciador” (Fiorin, 2015, p. 233).

O plano padrão proposto por Aristóteles apresentava cinco partes (exórdio, narração, confirmação, digressão e peroração)¹⁸, mas ao menos duas delas mostravam-se obrigatórias: “a exposição do assunto e a prova, pois é preciso expor o tema de que se trata e, em seguida, fazer a demonstração da tese envolvida” (Fiorin, 2015, p. 233). Para o linguista, os textos dissertativos continuam a seguir essa mesma estrutura, pois se organizam em torno de uma tese, enunciada explícita ou implicitamente:

Por isso, diz-se, em todos os manuais de redação, que uma dissertação organiza-se da seguinte maneira: a) introdução – enuncia-se o problema; b) desenvolvimento – discute-se o problema e tenta resolvê-lo; c) conclusão – faz-se um balanço da discussão. Observe-se que a introdução é o exórdio; o desenvolvimento é a confirmação, em que o enunciador expõe os argumentos para demonstrar sua tese (essa parte pode envolver também a narração e a digressão); a conclusão é a peroração. O que varia é a maneira de organizar o desenvolvimento”. (Fiorin, 2015, p. 241).

Nessa associação, o autor enumera ao menos cinco planos, isto é, cinco formas de organizar o desenvolvimento de um texto dissertativo: plano dialético; plano problema, causas e soluções; plano inventário; plano comparativo; plano ilustração e explicitação de uma

¹⁸ O exórdio, preâmbulo ou proêmio introduz o discurso e busca conquistar atenção do auditório e criar nele uma disposição favorável para aquilo que será apresentado; a narração é a exposição detalhada dos fatos ou tema em debate, aparentemente de forma objetiva; a prova ou confirmação é a parte mais longa do discurso na qual são expostos os argumentos visando a comprovação da tese; a digressão, como parte opcional, consiste em afastar-se do tema, por uma narração ou descrição, para suscitar sentimentos no auditório; e a peroração ou epílogo é a síntese do que foi dito no discurso para reavivar a memória dos ouvintes ou provocar comoção e captar o auditório (Cf. Fiorin, 2015; Almeida Júnior, 2009).

afirmação; e a combinação de diferentes planos. Demonstraremos, a seguir, que esses planos também podem sustentar os esquemas gerais de reportagens especiais e, portanto, ser úteis para orientar a construção de percursos argumentativos destas produções, com a flexibilidade de combinações e adaptações necessárias. Para isso, empregaremos exemplos recolhidos de análises já realizada ou de produções de reportagens especiais para imprensa, rádio, televisão ou internet que ilustram bem cada um dos planos. Enfatizaremos mais a organização discursiva e o modo como foram esquematizadas ou concebidas a partir da organização temática dos blocos, partes ou episódios, sem que necessariamente essas duas formas de disposição estejam homologadas.

3.2.2.1 *Plano Inventário*

Segundo Fiorin (2015), o *Plano Inventário* é aquele utilizado para explicar algum fenômeno cultural ou fato, sem se apresentar propriamente para resolução de um problema. Isso não significa, no entanto, que bastaria o simples arrolamento de tópicos, pois ele procura explicar, definir e comprovar alguma coisa através da enumeração dos elementos repertoriados que constroem uma determinada progressão argumentativa. O *Plano Inventário* fundamenta-se num raciocínio indutivo, que opera fazendo inferências da particularidade para chegar à generalização, de modo especial na indução *completa*, “aquela que enumera a totalidade dos fenômenos para daí extrair uma lei mais geral” (Fiorin, 2015, p. 59).

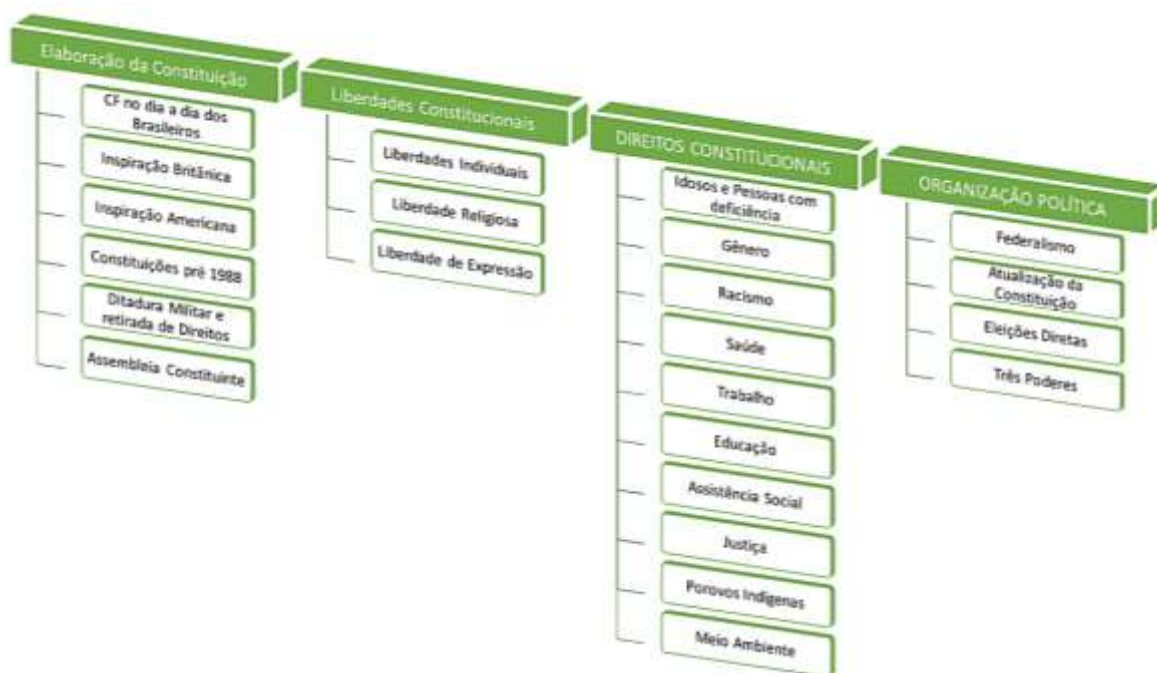
O princípio que rege a indução é o da identidade, mas formulado da seguinte maneira: o que convém a várias partes suficientemente enumeradas de uma totalidade convém a essa totalidade. A indução não permite certeza lógica na conclusão. Por isso, é preciso que a amostra seja representativa, para que a conclusão tenha força e legitimidade (Fiorin, 2015, p. 61).

A série de reportagens *Brasil em Constituição*¹⁹, produzida pelo Jornal Nacional (Rede Globo de Televisão) por ocasião das eleições gerais do Brasil em 2022, evidencia bem o *Plano Inventário*. A superprodução de 23 episódios apresentou “os avanços obtidos com a Carta Constitucional de 1988, como ela está presente no dia a dia dos cidadãos brasileiros e como é fundamental para a preservação da democracia” (G1, 2022, on-line). Para concretizar esse objetivo, os jornalistas inventariaram “aspectos da Constituição referentes a temas como saúde, educação, igualdade de gênero, racismo, casamento homoafetivo, meio ambiente, liberdade de expressão e liberdade religiosa, entre outros” (G1, 2022, on-line). Se agruparmos os episódios

¹⁹ Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/brasil-em-constituicao/t/zN1bvN5YfG/>>.

em blocos, percebemos que seguem uma certa lógica que parte do processo de elaboração da Constituição, passam pelos seus fundamentos, as liberdades e direitos garantidos pelo documento e finaliza com a organização política do país (Figura 1). A escolha dos temas para cada episódio não é a mesma sequência do sumário da Carta Magna de 1988, mas recolhe os elementos considerados mais importantes dela para colocar em discussão, traçando um paralelo histórico dos avanços e retrocessos nas diversas áreas.

Figura 1 - Plano da série de reportagens *Brasil em Constituição* (Jornal Nacional, 2022)



Fonte: elaborado pelo autor.

O *Plano Inventário* de reportagens rege-se por uma lógica de interdependência, que Fachine (2016-2018) denomina de coordenação²⁰. As partes ou episódios operam por um princípio de generalização, reunindo um certo número de fenômenos singulares para concluir um princípio mais geral. Assim, seus episódios ou partes não possuem maiores encadeamentos, operando de forma mais autônoma, a ponto de permitir um consumo não linear, sem maiores prejuízos de compreensão do todo. No exemplo da série *Brasil em Constituição*, verificamos isso nos blocos de episódios sobre Liberdades, Direitos e Organização política: seus episódios

²⁰ Fachine (2016-2018) analisa a serialização em reportagens especiais quanto a organização dos episódios a partir das “lógicas” de coordenação e subordinação, que pressupõem, respectivamente, uma menor ou maior dependência e prossecução entre as partes. Na coordenação os episódios são mais independentes, ao passo que na subordinação vigora uma certa progressão e encadeamento entre as partes, de modo que alterar sua ordem implicaria certo prejuízo à compreensão do todo.

podem ser assistidos de forma independente, pois não é preciso assistir um para compreender outro. O primeiro bloco de episódios, no entanto, apresenta uma determinada sequencialidade que refaz o percurso histórico da elaboração do Documento Constitucional.

A estruturação do esquema de uma reportagem especial argumentativa pelo *Plano Inventário* implica um tratamento das problemáticas e questões diluídas em certas categorias dentro dos capítulos, episódios ou partes, que podem apresentar alguma similaridade para reforçar a proposta e criar uma identidade. Essas categorias podem partir de pessoas ou personagens, como no caso estudado por Fachine (2016-2018) da série de reportagens *Convocados*, produzida pelo Jornal Nacional (Rede Globo de Televisão) sobre jogadores de futebol que participariam da Copa do Mundo da Fifa de 2014²¹; como também a partir de lugares ou ambientes, a exemplo das reportagens multimídia *Rio: Maravilha Mutante* (que para tratar das transformações na infraestrutura da cidade do Rio de Janeiro para sediar os Jogos Olímpicos de 2016, discute questões específicas relacionadas a cada bairro da capital)²² e *Líquido Incerto* (que aborda a questão hídrica brasileira a partir de três locais que representam problemáticas diferentes – o desabastecimento na Grande São Paulo, as Enchentes na Amazônia e a transposição do Rio São Francisco na região Nordeste do país)²³, ambas da Série *Tudo Sobre*, produzidas pela Folha de S. Paulo em 2014 e 2015, respectivamente²⁴.

Dos argumentos que se sustentam pelo princípio da identidade²⁵ a definição é o que mais se aplica ao *Plano inventário*. “Definir é estabelecer uma relação de equivalência que visa a dar sentido a um dado termo” (Fiorin, 2015, p. 118), que pode ocorrer de forma intencional, quando se determina as propriedades caracterizadoras de um certo objeto ou fenômeno, ou extensional, quando se explicitam os elementos que os constitui, os componentes ou partes de seu conjunto e seus traços funcionais e qualificacionais.

²¹ Explorando o gênero perfil, os episódios aprofundam a personalidade e as características dos atletas, abordando tópicos mais ou menos recorrentes como carreira, seleção, estilo de jogo, infância, relacionamento familiar e ações sociais. Disponível em: <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2014/05/conheca-historia-por-tras-dos-craques-da-selecao-brasileira.html>>.

²² Disponível em: <<http://arte.folha.uol.com.br/tudo-sobre/rio-em-transformacao/>>. Análise em Macedo, 2019, p. 113-116.

²³ Disponível em: <<http://arte.folha.uol.com.br/ambiente/2014/09/15/crise-da-agua/>>. Análise em Macedo, 2019, p. 94-96.

²⁴ Essas categorias possivelmente se ampliariam em um estudo que contasse com um corpus mais representativo e uma análise mais detalhada. Por ora, recolhemos algumas reportagens especiais capazes de demonstrar como os diferentes planos dissertativos propostos por Fiorin (2015) podem se mostrar operativos para compreender a forma de organização desse tipo de produção.

²⁵ Fiorin (2015, p. 117) elenca onze argumentos fundados no princípio da identidade: a tautologia, a definição, a comparação, a reciprocidade, a transitividade, a inclusão, a divisão, o *argumentum a pari*, a regra do precedente, o *argumentum a contrario* e o argumento dos inseparáveis.

Salientamos que a definição é a diretriz que rege a organização de uma reportagem especial do plano inventário, valendo-se de outros modos próprios do discurso jornalístico para reforçar os aspectos temáticos desenvolvidos, como exemplos, ilustrações, contradições etc., sempre figurativizados por situações concretas, personagens, descrições etc. É preciso afastar qualquer associação a uma espécie de tratado científico de natureza abstrata que se preocupa em definir uma certa situação ou problema, pois a definição, numa reportagem especial, deve valer-se de técnicas e práticas que evidenciam a função pedagógica do jornalismo. Como “não há uma maneira unívoca de definir um objeto” (Fiorin, 2015, p. 118), as reportagens especiais que desenvolvem um plano Inventário também podem apresentar diferentes configurações discursivas, inclusive conflitantes, a depender das finalidades argumentativas. “As definições impõem um determinado sentido, estão orientadas para convencer o interlocutor de que um dado significado é aquele que deve ser levado em conta” (Fiorin, 2015, p. 118).

3.2.2.2 Plano Ilustração e explicitação e uma afirmação

O *Plano Ilustração e explicitação de uma afirmação* pode ser considerado uma derivação do *Plano Inventário*, pois vale-se da interdependência entre as partes, mas distingue-se por apresentar uma estrutura mais regular dos elementos argumentativos. Segundo Fiorin (2015), esse plano estrutura-se a partir de uma premissa, mencionada já na introdução, a ser explicitada e ilustrada no seu desenvolvimento. Opera por um raciocínio indutivo, procurando generalizar (confirmar uma determinada tese afirmada) a partir de casos particulares, firmados por analogias de exemplos e ilustrações.

O raciocínio analógico é aquele no qual se conclui como provável uma certa proposição particular por correspondência ou semelhança dos casos referidos. “Segundo os lógicos, o raciocínio analógico será forte se: a) os elementos semelhantes forem verdadeiros e relevantes; b) a quantidade dos elementos semelhantes for expressiva; c) as diferenças não forem acentuadas” (Fiorin, 2015, p. 64).

Em reportagens especiais, a “afirmação” não precisa estar necessariamente explícita em uma frase, mas pode ser identificada pelo contexto logo na introdução, no título ou subtítulo, ou mesmo em alguma convocação para consumo que sumarie a proposta de abordagem. É o caso da reportagem multimídia *Floresta Sem Fim* (Figura 2), que integra o dossiê *Tudo Sobre*

Desmatamento Zero e, como vimos, pretende mostrar “que zerar a devastação pode ser bom negócio para todos”²⁶.

Figura 2 – Plano da reportagem especial *Floresta sem fim* (Folha de S. Paulo, 2015)



Fonte: elaborado pelo autor.

A reportagem especial *Floresta sem fim* estrutura-se a partir da premissa de que evitar o desmatamento na região amazônica brasileira favoreceria tanto os setores sociais, que pressionam essa redução devido ao aumento do aquecimento global, quanto os setores comerciais, que também se beneficiariam não só a longo prazo. Nesse sentido, elege-se quatro ambientes/atividades – terras de pecuária, terras indígenas, terras de florestas e terras de reforma agrária – para comprovar a afirmação central. Em cada uma destas partes busca-se demonstrar a fragilidade das atividades que desestimulam a preservação das florestas, para depois ilustrar, através de programas e projetos exitosos, que a afirmação é verdadeira.

A diferença em relação ao *Plano Inventário* está no enfoque, que não é a definição de um objeto ou fenômeno e sim a exemplificação e a ilustração da afirmação. A semelhança com o *Plano Inventário* está no fato de que as partes/subtemas da reportagem poderiam também ser intercambiáveis sem prejuízo de compreensão, já que os encadeamentos se desenvolvem no interior de cada uma delas, inclusive por meio da comparação, operação argumentativa que veremos mais adiante.

²⁶ Disponível em: <<https://arte.folha.uol.com.br/tudo-sobre/desmatamento-zero>>.

Fiorin (2015) diferencia os argumentos que apelam para exemplos daqueles que operam a partir de ilustração. Segundo o autor, nos primeiros se formulam princípios gerais (enunciados no início, meio ou no final do texto) a partir de casos particulares e da possibilidade de outros idênticos a eles se repetirem, visando comprová-los²⁷; enquanto nos segundos, se reforça uma tese de alguma maneira já reconhecida, figuratizando-a para lhe dar maior concretude e torná-la mais aceita a partir da comoção e do sentimento gerado com os casos que a ilustram.

Os casos particulares de exemplos e ilustrações podem ser apresentados tanto como modelos (a serem seguidos) ou antimodelos (a serem evitados). Fiorin (2015) define o modelo como uma personagem ou um grupo humano com quem se procura criar uma identificação a ponto de merecer ser imitado. No caso das reportagens especiais, esses modelos ou antimodelos podem ser situações, práticas ou ações (como no exemplo da reportagem especial multimídia *Floresta sem fim*) que sirvam de referência ou de desaprovação, desqualificando-os.

Optar pelo *Plano Ilustração e explicitação e uma afirmação* para estruturar uma reportagem especial significa dar uma abordagem mais direcionada a uma certa tese defendida. Tudo parte e culmina numa afirmação, que exigirá dos produtores uma habilidade para propor casos concretos que a reforcem (por modelos e/ou antimodelos) e a torne aceitável, mobilizando um determinado conjunto de áreas cruciais envolvidas na questão. Não há uma preocupação mais direta com a caracterização do fenômeno, pois pode-se partir do pressuposto de que a questão já é debatida. Nesse sentido, o *Plano Ilustração e explicitação e uma afirmação* pode ser útil para abordagens mais propositivas, quando já se tem uma noção ou vivência da problemática e se busca evidenciar alternativas e respostas pragmáticas às questões.

3.2.2.3 Plano Comparativo

O *Plano Comparativo* discute uma questão enunciada logo de início comparando diferentes fatos ou conceitos. Fiorin (2015) apresenta duas formas desse plano: a primeira consiste em, apresentada a oposição, confrontar suas semelhanças e diferenças ao longo do desenvolvimento para, ao final, reafirmar as consequências da comparação; e a segunda, analisa cada termo da comparação isoladamente para, somente depois, refletir a partir da confrontação dos elementos evocados anteriormente. Nos dois casos, as formas de estruturar o desenvolvimento podem ser intercambiáveis – semelhanças/diferenças ou discussão de termos

²⁷ Essa é uma operação realizada frequentemente por jornalistas na impossibilidade de reportar um número maior de casos: “Nas reportagens sobre as manifestações de junho de 2013, mostrava-se alguém que bradava contra a corrupção, para concluir que as manifestações eram um protesto contra a corrupção” (Fiorin, 2015, p. 187).

confrontados –, mas a reflexão que brota dessa organização precisa, necessariamente, suceder as partes anteriores para fazer sentido. Há, portanto, uma certa interdependência (coordenação) e dependência (subordinação) entre as partes.

Para o linguista, a comparação é também uma maneira de definir, pois aproxima ou diferencia um objeto de outros. Nesse caso, não se toma o objeto em si, nem se expõe suas características ou funções isoladamente (porque muitas vezes elas são desconhecidas), mas tem-se um outro objeto conhecido como horizonte para estabelecer semelhanças ou desigualdades entre eles. As comparações também possuem função pedagógica, pois dimensionam e dão maior concretude às abstrações.

Muitas vezes, as comparações, embora vigorosas argumentativamente, pela aparência de rigor, aproximam apenas aspectos acidentais dos objetos, deixando de lado diferenças fundamentais entre eles, como, por exemplo, o contexto histórico, quando se trata de aproximar acontecimentos. Um exemplo é a afirmação da identidade do nazismo e do comunismo, que ambos eram regimes totalitários e causaram a morte de milhões de pessoas (Veja, 26/2/2014: 86-7). Não é pelo fato de terem alguns traços semelhantes que eles são idênticos. Variam pela finalidade, pelas forças sociais que os sustentam, pelo gênero de sociedade em que se desenvolveram, etc. Seu discurso também era diverso. Enquanto o do comunismo era voltado para o futuro, para a construção de uma sociedade igualitária e de um homem novo, o do nazismo era voltado para o passado, para os mitos indo-europeístas, que justificariam a supremacia da raça ariana. É do mesmo teor o argumento de que os extremos se tocam, o que permite identificar a extrema-direita e a extrema-esquerda (Fiorin, 2015, p. 124).

O argumento por analogia (*argumentum a simili*) também se assemelha ao argumento por comparação, diferenciando-se apenas porque aquele se baseia na experiência e não no raciocínio lógico. “Na comparação, mostram-se as identidades ou diferenças entre dois seres. No *argumentum a simili* o que se compara são as relações que levam em conta quatro termos: *a* está para *b*, assim como *c* está para *d*” (Fiorin, 2015, p. 191). Os significados de uma relação conhecida são transpostos para outra relação desconhecida visando persuadir o interlocutor do discurso, a exemplo da analogia entre a fisiologia do corpo humano e a ordem social, utilizada tanto na civilização antiga pelos romanos (apologia dos membros e do estômago, por Tito Lívio), como nos escritos bíblicos do novo testamento (metáfora do corpo e da igreja, pelo Apóstolo Paulo) e pela teoria sociológica do funcionalismo (a sociedade como corpo vivo). Esses dois tipos de argumentos podem ser mobilizados no *Plano Comparativo*, demonstrando operar tanto por analogia, pois parte da correspondência entre fenômenos particulares da experiência, quanto pela dedução, pois as inferências decorrem das premissas anunciadas.

Reportagens especiais que se utilizam do *Plano Comparativo* tendem a desenvolver temáticas que permitam a confrontação, a fim de visibilizar ou revelar um certo problema a partir das diferenças ou semelhanças entre os elementos que se contrapõem. São exemplos de

reportagens especiais argumentativas baseadas no *Plano comparativo* a reportagem especial *Brasil desigual* (Figura 3), produzida pela Rádio Senado em 2005²⁸, e a série de reportagens *Sotaques do Brasil* (Figura 4), produzida para o Jornal Hoje (Rede Globo de Televisão) em 2014²⁹.

Figura 3 – Plano da reportagem especial *Brasil Desigual* (Rádio Senado, 2005)



Fonte: elaborado pelo autor.

O especial para rádio *Brasil desigual* evidencia um esquema argumentativo pela comparação. Para abordar as desigualdades existentes no país, a reportagem opõe a situação de dois municípios: Manari, no Estado de Pernambuco e São Caetano do Sul, em São Paulo, que possuíam, respectivamente, o menor e o maior índice de desenvolvimento humano no Brasil. Na primeira parte do programa, a temática da desigualdade é introduzida através de dados e índices oficiais de pesquisas, e logo a seguir são retratadas as situações dos dois municípios no que se refere à educação, saúde, saneamento básico e atividades de subsistência, intercalando informações e depoimentos de gestores públicos e moradores. Comparam-se não somente duas regiões do país, mas as situações que elas representam: pobreza X desenvolvimento. Na segunda parte, a comparação se amplia entre o Brasil e outros países ao redor do mundo (novamente do ponto de vista da pobreza e do desenvolvimento), analisando causas, ações e

²⁸ Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/radio/1/reportagem-especial/2012/01/06/brasil-desigual-1a-parte>>.

²⁹ Disponível em: <<https://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2014/08/sotaques-do-brasil-desvenda-diferentes-formas-de-falar-do-brasileiro.html>>.

alternativas através de especialistas e parlamentares. Nesse caso específico, só se comparam as diferenças.

Figura 4 – Plano da série de reportagens *Sotaques do Brasil* (Jornal Hoje, 2014)



Fonte: elaborado pelo autor.

A série de reportagens *Sotaques do Brasil*, produzida em 2014 para o telejornal vespertino da Rede Globo de Televisão, o Jornal Hoje, baseou-se no Atlas Linguístico do Brasil, destacando tanto as diferenças como as semelhanças do modo de falar das diferentes regiões do país. “Em que cidades o brasileiro pronuncia o ‘s’ mais chiado? Como surgiu o chamado ‘r’ caipira? E o ‘r’ que os cariocas falam? Essa variedade das pronúncias das palavras está na série do Jornal Hoje, que vai mostrar essa semana os sotaques do Brasil”, anunciavam os apresentadores. Além de comparar os modos de falar regionais através de exemplos, a reportagem também apontava as origens históricas e culturais destas variantes linguísticas e comparava a fonética, isto é, os aspectos acústicos e fisiológico dos sons emitidos em cada caso.

Os dois exemplos ilustram bem as formas de desenvolvimento do *Plano Comparativo* propostos por Fiorin (2015): no primeiro, as oposições entre os municípios (analisados em separado) culminam no confronto da situação do Brasil com outros países e com propostas e modos de superação das desigualdades identificadas; no segundo, cada variante linguística é analisada separadamente quanto a semelhanças e diferenças regionais, e conclui com a

afirmação, no último episódio, de que elas devem ter o mesmo prestígio e as diferenças são aceitáveis na linguagem coloquial.

O *Plano Comparativo* em reportagem especial implica estabelecer correlações entre fatos ou fenômenos, num cotejamento para confirmação da tese. Diferente do *Plano Inventário*, aqui os aspectos temáticos precisam ser confrontados por meio de uma análise para estabelecer correspondência ou distinção entre suas identidades. Os reforços figurativos tendem a sustentar a comparação através de exemplos e casos capazes de ilustrar cada um dos pontos, mas será preciso também extrair deles uma ‘lição’, demonstrando seu significado na proposição de fechamento da reportagem.

3.2.2.4 *Plano Dialético*

Como plano mais recorrente em dissertações, o *Plano Dialético* organiza seus argumentos a partir de um ponto de vista sobre a questão (tese), que logo a seguir é confrontada (antítese) para, ao final, dar a vitória a uma destas ou promover a sua conciliação (síntese). Segundo Fiorin (2015), a conciliação pode ser uma verdade média ou a ultrapassagem da contradição por meio de novos elementos que demonstrem que a tese ou antítese era apenas aparente. O autor traz uma orientação para evitar dois defeitos na utilização desse plano: a justaposição de ideias opostas, quando se defende uma tese para, logo a seguir e sem argumentos lógicos, sustentar a ideia contrária; e a síntese inconsistente, que tenta conciliar o que é inconciliável.

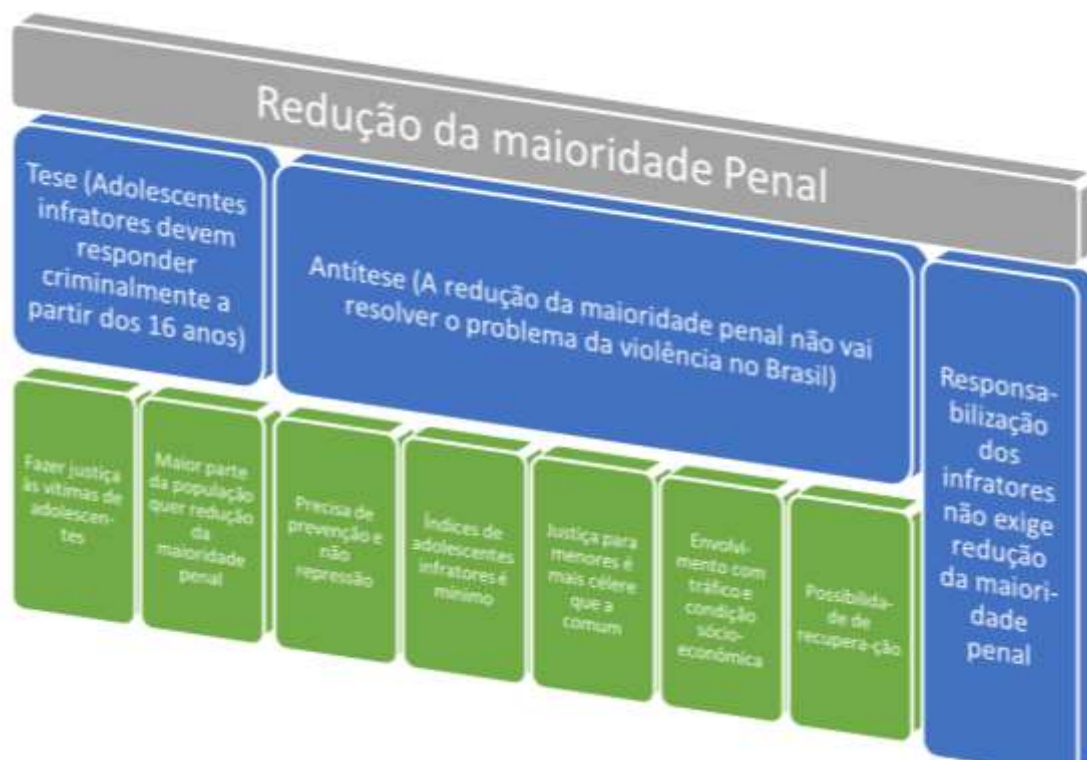
O *Plano Dialético* é o que mais se aproxima do raciocínio dedutivo, que opera através da implicação, partindo de ao menos duas premissas encadeadas para chegar a uma conclusão lógica. É o conhecimento que busca a definição de uma forma mais rigorosa, sistematizada e, portanto, mais universal, sem se contentar apenas com exemplos.

As reportagens especiais que se organizam por um *Plano Dialético* tendem a abordar temáticas controversas. Enuncia-se um ponto de vista sobre a questão abordada, explicitando-o através de argumentos coerentes para, em seguida, confrontá-lo com um outro ponto de vista também sustentado por argumentos pertinentes. A conclusão, nem sempre explícita, procura reforçar um dos pontos ou trazer a “verdade média”, capaz de ultrapassar a contradição com a introdução de novos elementos. O Programa Profissão Repórter (Rede Globo de Televisão)³⁰

³⁰ Programa televisivo que cobre uma temática ou evento sob diversos ângulos, conduzido pelo jornalista Caco Barcelos com a ajuda de jovens repórteres, mostrando também os desafios do fazer jornalístico. O Programa analisado está disponível em <https://globoplay.globo.com/v/4109755/>.

Redução da maioridade penal no Brasil, exibido em 14 de abril de 2015, estrutura-se de modo a colocar em discussão argumentos a favor e contra uma medida polêmica – a redução da maioridade penal – que é objeto de Proposta de Emenda Constitucional no Congresso Nacional e mobiliza um amplo debate público (Figura 5).

Figura 5 – Plano do programa sobre redução da maioridade penal (Profissão Repórter, 2015)



Fonte: elaborado pelo autor.

Ainda que a edição final do programa se organize confrontando tese e antítese ao longo dos blocos, sua estrutura consiste em mobilizar argumentos favoráveis e contrários à medida. Para iniciar a discussão, os repórteres relembram uma rebelião acontecida dez anos antes, na antiga Febem (Fundação Estadual para o Bem-Estar do Menor), órgão responsável por medidas socioeducativas para adolescentes infratores no Estado de São Paulo, e se propõem a visitar alguns dos envolvidos para saber como estão. Quando os jovens repórteres conseguem chegar aos familiares, o programa começa a exibir trechos e opiniões de deputados e militantes presentes na sessão da Comissão de Constituição e Justiça da Câmara dos Deputados de 27 de março daquele ano. O jornalista Caco Barcelos, idealizador do Programa, aponta a controvérsia: “De um lado, estão os deputados que defendem a redução da maioridade penal. (...) Do outro, estudantes de Brasília e militantes que não querem mudanças na Constituição”. Seguem-se depoimentos e histórias que representam argumentos da tese – fazer justiça às vítimas dos

adolescentes infratores e satisfazer a vontade da maioria da população que deseja maior segurança – e que a refutam (antítese) – as estatísticas mostram índices mínimos de infração dos adolescentes, o contexto socioeconômico dos adolescentes e envolvimento com o tráfico precisa ser considerado, a necessidade investir mais em segurança preventiva que repressiva e a possibilidade de recuperação dos adolescentes. A conciliação que o programa procura fazer entre tese e antítese é a de que já existem medidas que responsabilizam os adolescentes infratores, como a prestação de serviço comunitário ou restrição de liberdade nas Unidades Educativas. Para minimizar a tese, a então Presidente da Fundação Casa (antiga Febem), Berenice Giannella, afirma que a maioria dos jovens que estão na instituição não praticaram crimes envolvendo morte e os que praticaram crimes hediondos não chegam a três por cento da população e propõe: “Talvez fosse mais eficiente se agente pensasse numa proposta de aumentar a possibilidade de tempo de internação para estes casos específicos”.

O *Plano Dialético* para reportagens especiais estimula discussão de temas que mobilizam a opinião pública, promovendo um jornalismo do debate de ideias. Esta tarefa, no entanto, não é feita de modo teórico, mas a partir de narrativas capazes de figurativizar os argumentos e de fontes de autoridade ou especialistas com propriedade para opinar sobre o assunto. A diferença do *Plano Dialético* para o *Plano Comparativo* é que este último se limita a pôr lado a lado diferenças e semelhanças para demonstrar uma questão, enquanto o primeiro mobiliza argumentos para provar que um dos pontos de vista deve prevalecer sobre o outro ou que é possível encontrar um ponto de equilíbrio capaz de pacificar a questão.

3.2.2.5 *Plano Problema, causas e soluções*

O *Plano Problema, causas e soluções* segue o percurso que o próprio nome indica: a exposição do problema com fatos e dados que possam atestá-lo; a investigação de suas causas, discutindo-as, uma a uma, ou a partir de seu encadeamento; e a indicação de possíveis soluções, inclusive demonstrando aquelas que não apresentam resultado efetivo para resolver o problema. Prevalece, nesse plano, um raciocínio dedutivo, que parte do geral para o particular, e que aparece no discurso jornalístico quando explora relações de causalidade para compreender um determinado fato, assunto ou fenômeno.

As características atribuídas por Fiorin (2015) ao *Plano Problema, causas e soluções* remetem a alguns tipos de argumentos citados pelo mesmo autor em seu livro: são os argumentos por fatos, a causalidade e os argumentos por consequência.

Os fatos, sujeitos à interpretação e, portanto, contestáveis, podem servir como argumentos: dependendo da forma como se narra podem produzir grande impacto (a terceira pessoa pode ser usada para ocultar-se como narrador e dar a impressão de os fatos “narrarem-se a si mesmos”); utilizando-se da descrição para apresentar fatos “em toda sua crueza”; ou através de números, que podem aparentar objetividade, mas também podem ser contestáveis se analisados a partir de outras variáveis envolvidas nos indicadores.

A causalidade é a forma de argumentar baseada na exposição das causas dos fenômenos e “supõe um encadeamento dos fatos, em que um acontecimento antecedente produziu um dado efeito” (Fiorin, 2015, p. 151). Pode-se apresentar causas imediatas, isto é, razões mais próximas pelas quais um dado efeito é produzido, ou causas mais longínquas, que supõe um encadeamento de fatos e vincula-se a outras causas mais profundas. “Um mesmo fenômeno apresenta uma multiplicidade de causas e o enunciador escolhe aquela ou aquelas que interessam para os propósitos argumentativos” (Fiorin, 2015, p. 152). Um argumento causal pode ser derrubado ao mostrar que a causa apontada não é real porque é uma racionalização (busca-se atribuir aos outros a responsabilidade, valendo-se de um “bode expiatório”) ou um pretexto (apresenta-se um motivo falso para justificar certa ação ou atitude).

Os argumentos por consequência podem, ainda que não exclusivamente, se associar às soluções de um problema. Trata-se, nesse caso, de argumentos pragmáticos, que defendem uma dada ação, considerando os efeitos que ela pode produzir. Fiorin (2015) explica que as proposições utilizadas para argumentar possuem naturezas diversas e podem ser descritivas, avaliativas e incitativas (convocando para realização de uma ação ou para evitar que algo se produza).

A reportagem especial multimídia *Crack: invasão da droga nos rincões do sossego*, produzida pelo Jornal O Estado de São Paulo em 2014³¹, segue a lógica do *Plano Problema, causas e soluções* (Figura 6). O crescimento do consumo de crack em cidades do interior do Estado de São Paulo foi o problema que motivou a investigação do veículo, que se propôs a “montar um diagnóstico do avanço e das mazelas” provocadas pelo uso da droga.

³¹ Disponível em: <<https://infograficos.estadao.com.br/public/especiais/crack/>>.

Figura 6 – Plano da reportagem *Crack: invasão da droga nos rincões do sossego* (O Estado de São Paulo, 2014)



Fonte: elaborado pelo autor

Nos dois primeiros capítulos os repórteres fazem um diagnóstico do problema, situando-o geograficamente através de números, histórias e índices de pesquisas; nos capítulos 3 a 5 são enfatizadas as diferentes razões que o tornam um problema, como a dependência química que o crack provoca, os danos à saúde, a facilidade de acesso e o tráfico da droga e suas relações com a criminalidade; e nos capítulos 6 a 9, são destacadas a responsabilidade do poder público e as políticas desenvolvidas, a atuação das comunidades terapêuticas, as etapas do tratamento e histórias de dependentes que conseguiram superar o vício, ou seja, as possibilidades de solução do problema.

O *Plano Problema, causas e soluções* implica uma certa progressão das partes que permite a compreensão do tema abordado, especialmente para o jornalismo. Não se orienta, portanto, para uma leitura não-linear, pois as soluções presumem alguma compreensão mais aprofundada das causas e estas, um conhecimento mínimo do problema. As partes apresentam uma maior interdependência, operando, conforme aponta Fechine (2016-2018) segundo uma lógica de subordinação.

Na análise de séries de reportagens televisivas do Jornal Nacional (Rede Globo de Televisão) e do Jornal da Cultura (TV Cultura), Costa (2005) identificou que a estrutura narrativa baseada na apresentação de um problema, de suas causas e possíveis soluções era o modelo predominante nas produções, ainda que se admitissem algumas variações:

Um desses casos é *Trabalho de prevenção à infecção hospitalar*, exibida em 15 de setembro de 2004. A reportagem obedece ao seguinte percurso: exposição do problema – o que causa e como se processa a infecção hospitalar –, apresentação de uma solução possível – a medida da Agência Nacional de Vigilância Sanitária, que vai mapear as ocorrências de infecção –, a experiência da administração de um hospital – que utiliza um controle parecido com o proposto pelo Governo Federal –, e uma conexão do que é apresentado como problema à vida do cidadão comum (Costa, 2005, p. 159).

3.2.2.6 Combinação de diferentes planos

Fiorin (2015) apresenta também a possibilidade de combinação de diferentes planos argumentativos, especialmente para textos mais longos, advertindo que as cinco estruturas que ele elenca são as mais comuns, não as únicas. “Podem-se fazer modificações na organização de algum tipo de desenvolvimento apresentado: por exemplo, num plano que poderia ser dialético, enuncia-se a tese, desenvolvem-se argumentos a favor dela e chega-se a uma conclusão, sem explicitar a antítese e as objeções à tese” (Fiorin, 2015, p. 252).

Essa flexibilidade deve ser ainda mais considerada quando se trata de reportagens especiais argumentativas, pois através dos percursos procura-se vislumbrar uma estrutura mais geral de organização dos tópicos abordados, sem aprofundar os variados recursos argumentativos da microtextualidade, tarefa que autores como Lima (1993) e Coimbra (2004) já empreenderam.

Um exemplo que ilustra essa possibilidade é a reportagem multimídia *Crime sem castigo*³², produzida pelo Jornal Folha de S. Paulo como parte da série *Tudo Sobre*. Sua estrutura (Figura 7) poderia ser associada ao Plano Problema, causas e soluções, mas com variações. A produção apresenta o problema, que é o contrabando no Brasil, destacando os produtos contrabandeados, as rotas e meios de transporte utilizados e todos os envolvidos no comércio ilegal, desde sacoleiros a facções criminosas, agentes públicos a consumidores. Trata-se de um diagnóstico da situação, no qual também expõe as motivações para a atividade, sem a preocupação de definir causas de modo mais específico. A segunda parte da reportagem centra-se, no entanto, sobre as consequências, os impactos dos produtos contrabandeados na saúde, na alimentação e na economia. A terceira parte volta-se para as soluções, ou mais precisamente, as medidas de combate à pirataria e ao comércio ilegal, as fragilidades dessa contraofensiva e o que poderia ser melhorado.

³² Disponível em: <<http://arte.folha.uol.com.br/mercado/2015/03/12/crime-sem-castigo>>.

Figura 7 – Plano da reportagem *Crime sem castigo* (Folha de S. Paulo, 2014)



Fonte: elaborado pelo autor.

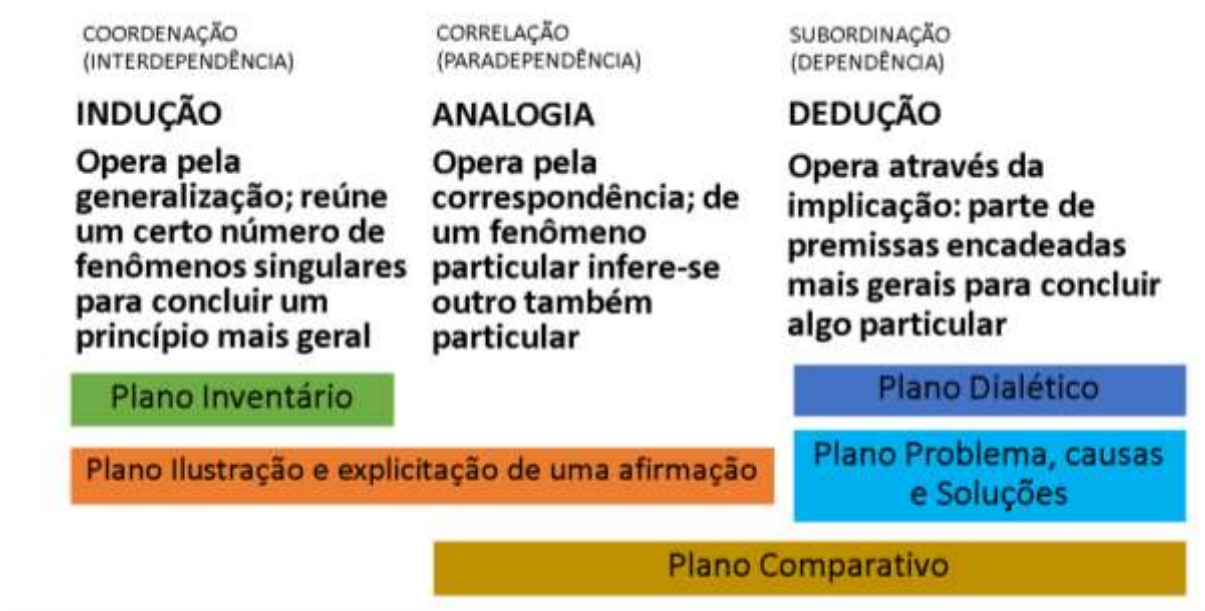
Essa possibilidade reforça o caráter propositivo de adotar os planos dissertativos para analisar e conceber a estrutura mais geral de reportagens especiais argumentativas, pois considera as diferentes combinações dos seus elementos e as relações próprias desse tipo de discurso. Apesar de não se tratar de modelos inflexíveis, verificamos, nas reportagens apresentadas, a existência de uma estrutura mínima que envolve a apresentação do tema (e a consequente problemática envolvida), um desenvolvimento (cuja variação reflete diferentes propostas de planos a depender dos objetivos discursivos), e um fechamento (que pode ser opcional, deixando em aberto para que o público tire suas próprias conclusões, ou se apresentar diluído ao longo do próprio desenvolvimento). Esse “plano padrão” se homologa com as características do discurso argumentativo aristotélico, atualizadas por Fiorin (2015) para os planos de redações dissertativas.

Delineamos, assim, uma proposta mais concreta do estatuto da reportagem especial argumentativa, de modo mais específico para as etapas de formulação e organização discursiva, interesse mais direto desta pesquisa. O processo de concepção de uma reportagem especial envolve a seleção, hierarquização e estabelecimento de relações entre informações, que pode ser o resultado de uma primeira pesquisa jornalística e da própria realidade vivenciada pelo repórter. A partir daí se estabelece um recorte mais específico dentro do tema (a problemática ou conflito) e uma proposta de abordagem, que reflete uma intencionalidade discursiva, um objetivo, um propósito jornalístico.

Antes de prosseguir para a etapa seguinte do processo produtivo, de apuração, e também visando otimizá-la, o jornalista precisa organizar os diferentes elementos (aspectos temáticos)

já recolhidos. É quando podemos estabelecer já um primeiro percurso temático segundo um esquema argumentativo mais geral (passível de ser alterado ao longo do processo de investigação), mas capaz de guiar uma melhor busca por fontes que possam dar sustentação à abordagem proposta. Os planos mais recorrentes utilizados nos discursos dissertativos e suas variações podem dar suporte nesse estágio, sobretudo porque se fundamentam nas três principais formas de raciocínio – indutiva, analógica e dedutiva – e operam por lógicas de interdependência, paradedpendência e dependência discursiva de suas partes (Figura 8). Enfatize-se que os procedimentos analógicos, até onde verificamos, dão suporte a planos que operam mais em vista de raciocínios indutivos ou dedutivos.

Figura 8 – Planos dissertativos segundo as formas de raciocínio



Fonte: elaborado pelo autor com base em Fiorin (2015) e Fachine (2016-2018)

Assim, concebemos a reportagem especial argumentativa como aquela cuja estrutura discursiva é presidida por variados planos argumentativos de modo a desenvolver um percurso temático, fazendo progredi-lo através de inferências baseadas em diferentes formas de raciocínios, que se manifestam fazendo uso de outras matrizes discursivos-textuais, a exemplo da narração, da descrição e da injunção. Estas matrizes representam diferentes propósitos comunicativos, auxiliam e complementam o próprio processo argumentativo.

A compreensão dos modos de organização discursiva da reportagem especial argumentativa é importante para qualificar a prática discursiva em geral, na medida em que indica caminhos possíveis de melhor exploração e apresentação do tema/problema. Por isso

mesmo, pode ser considerada como recurso pedagógico no ensino no jornalismo, o que está no horizonte desta tese. Quando se trata de realizar a roteirização de uma reportagem especial transmídia, o conhecimento desses procedimentos argumentativos torna-se ainda mais relevante porque o primeiro trabalho a ser feito é o recorte temático, a partir do qual se pode pensar a organização e distribuição articulada das informações nas distintas mídias e plataformas. Com base em experiências realizadas em sala de aula, das quais trataremos adiante, partimos aqui do pressuposto que, para realizar esse tipo de roteirização, tirando o máximo proveito da complementaridade entre mídias e plataformas e construir uma narrativa transmídia, o primeiro passo é, portanto, definir com clareza o plano argumentativo, razão pela qual optamos aqui por esta recuperação da abordagem retórica e semiótica.

Não basta, no entanto, o conhecimento do funcionamento da linguagem. Quando extrapola os limites de uma mídia ou plataforma, os textos associados que expandem os aspectos temáticos tendem a evidenciar a predominância de certas finalidades comunicativas. Retomar a discussão dos propósitos jornalísticos, centrando-nos agora naqueles que podem ser desenvolvidos em reportagens especiais argumentativas, contribuirá ainda mais para tornar claro o seu modo de organização, especialmente se considerarmos as diferentes funções e relações que os textos estabelecem entre si.

3.3 As funções jornalísticas na reportagem especial

Examinamos o discurso argumentativo para compreender como suas lógicas regem também as reportagens especiais argumentativas, mas é preciso considerar ainda os dois sujeitos que definem e orientam a construção dos diferentes tipos de estruturas discursivas: o enunciador e o enunciatário (na retórica clássica, o orador e o auditório). A linha editorial da empresa, a equipe de repórteres e seu público-alvo estarão, de alguma maneira, associados aos propósitos que se deseja atingir com uma determinada reportagem especial que se produz.

Como já mencionamos, cada tipologia discursivo-textual - narração, descrição, dissertação e injunção - pressupõe uma atitude do enunciador ao mesmo tempo que instaura um interlocutor³³. Todas as atitudes mencionadas (contar, dizer os fatos, os acontecimentos; caracterizar, dizer como é; refletir, explicar, avaliar, conceituar, expor ideias para dar a conhecer, fazer saber, associando-se à análise a à síntese de representações; e requerer ou desejar uma ação, dizer o que e/ou como fazê-la, incitar a sua realização) podem estar, de uma

³³ Cf. Quadro 2 – Funcionamento discursivo das tipologias textuais, p. 65.

maneira ou de outra, presentes numa reportagem especial argumentativa, assim como os respectivos interlocutores instaurados (o espectador; o “voyeur”; o ser pensante, que raciocina; e aquele que realiza o que se requer ou determina que seja feito).

No contrato de veridicção estabelecido no discurso jornalístico³⁴, as atitudes do enunciador-jornalista visam cumprir expectativas do enunciatário-público, que de maneira mais geral representam uma expectativa social em relação a esta atividade. O valor fundamental desse contrato, seja em uma notícia, uma reportagem ou ainda numa reportagem especial, está na fidelidade à representação do seu referente, do objeto do dizer: os fatos, acontecimentos, fenômenos e questões. Desse contrato, derivam funções e finalidades jornalísticas.

Com base em uma ampla revisão bibliográfica, Reginato (2019) sintetiza vinte e uma destas finalidades. Se considerarmos, porém, uma distinção entre as atitudes desempenhadas pelo enunciador em relação ao objeto do dizer e as expectativas do enunciatário, podemos distribuir as finalidades apontadas pela autora, agrupando-as em novas categorias. Da lista proposta, também identificamos procedimentos e técnicas adotadas para o fazer jornalístico, que corroboram as atitudes do enunciador e as expectativas do enunciatário (Quadro 3).

Quadro 3 – Finalidades do Jornalismo

ATITUDES DO ENUNCIADOR-JORNALISTA	Informar, interpretar e contextualizar, instruir, orientar e educar, mediar o debate público, divertir
PROCEDIMENTOS E TÉCNICAS DO FAZER JORNALÍSTICO	Selecionar os temas significativos, organizar a informação, investigar, verificar e apurar, trazer a verdade, criar para o leitor experiências de satisfação estética que o ajudem a interpretar a própria vida
EXPECTATIVAS DO ENUNCIATÁRIO-PÚBLICO	Contribuir com a democracia, reforçar a cidadania, defender o cidadão, manter a sociedade unida e integrada, ajudar o cidadão a entender e viver sua época, estimular o engajamento e mobilizar a participação cívica na vida pública, formar a opinião pública, vigiar o governo e os serviços públicos e denunciar os abusos do poder, ser a memória da sociedade, mostrar a diversidade da sociedade

Fonte: elaborado pelo autor com base em Reginato (2019)

³⁴ O contrato de veridicção visa estabelecer uma relação fiduciária que se instaura por um dizer-verdadeiro do discurso enunciado, repousado tanto em evidências (uma certeza imediata) como em um fazer persuasivo (fazer crer) do enunciador, ao qual corresponde um fazer interpretativo (crer) da parte do enunciatário. “Um *crer-verdadeiro* deve ser instalado nas duas extremidades do canal da comunicação, e é este equilíbrio, mais ou menos estável, esse entendimento tácito entre dois cúmplices mais ou menos conscientes que nós denominamos contrato de veridicção (ou contrato enuncivo)” (Greimas; Courtés, 2008, p. 486). No jornalismo esse contrato se estabelece entre jornalistas e público pela mútua confiança de que as notícias se tratam de realidade e não ficção (Guerra, 1998).

As atitudes do enunciador, que representam os objetivos enunciativos dos discursos e são recorrentemente mencionados para caracterizar a reportagem especial, será nosso foco de discussão. O elenco das atitudes (informar; interpretar e contextualizar; instruir, orientar e educar; mediar o debate público; e divertir) corresponde, à primeira vista, à classificação dos gêneros jornalísticos proposta por Marques de Melo e Assis (2016): ao gênero informativo caberia a função de exercer uma vigilância social; ao opinativo, instaurar um fórum de ideias; ao interpretativo, o papel de educar e esclarecer; ao diversional, distrair e entreter; e ao utilitário, auxiliar nas tomadas de decisões cotidianas³⁵.

Ainda que a classificação proposta possa ser questionada por sua base funcionalista, inclusive reconhecida pelo autor, trata-se de uma perspectiva que dificilmente se desprenderá do jornalismo. No contexto das reconfigurações pelas quais ele vem passando na última década, procura-se reforçar, por exemplo, como os jornalistas não devem ser meros narradores de fatos. O relatório “Jornalismo Pós-industrial” (Anderson; Bell; Shirky, 2013), ressalta o papel essencial do jornalismo nos regimes democráticos, destacando que essa atividade não pode se limitar apenas a tornar disponível a informação, mas contextualizá-la de modo que chegue ao público e nele repercuta. Os autores também atribuem aos jornalistas a função de organizar a opinião pública, de explicar temas complexos e esclarecer divergências fundamentais.

As reportagens especiais ambicionam, de alguma forma, cumprir todas as atitudes enunciativas citadas, que também representam finalidades do jornalismo. Informar e interpretar fatos e questões constitui sua essência, mas também não deixa de instruir e fornecer orientações para o dia a dia (comportamentos a serem adotados, direitos ou serviços a serem acessados, agendas ou programas para participar etc.), promover o debate de ideias em questões que dividem a opinião pública e até simular experiências através de recursos estéticos e/ou interativos. Esses propósitos podem se apresentar ao longo da própria textualidade da reportagem especial ou através de microformatos a ela agregados.

Nas reportagens especiais de revistas e nos cadernos especiais de jornais são utilizados diversos elementos para atrair atenção do leitor, facilitar a leitura, enriquecer ou complementar o texto principal. Squarisi (2005) apresenta uma série deles, recorrentes no jornal impresso, que também identificamos em reportagens especiais: análises, artigos, crítica, contextualização de um caso, serviço, sínteses, inserções de informações ou explicações pontuais³⁶, linha do tempo

³⁵ O autor reconhece a base funcionalista dessa categorização, fundada na relação utilitarista dos meios de comunicação para atender às demandas geradas pelos múltiplos atores sociais em suas atividades cotidianas.

³⁶ Fornecem informações adicionais, tal como uma nota de rodapé ou verbete, evitando digressões no texto.

e memória³⁷, destaques de dados numéricos, miniperfil, roteiros para entender uma questão, opinião de pessoas comuns (povo fala) ou autoridades (repercutindo um tema ou acontecimento) etc.

Nas reportagens especiais multimídias da série *Tudo Sobre*, encontramos, além de alguns desses microformatos, outros como histórias em quadrinhos, mapas e linha do tempo dinâmicas, *quizzes*, playlist de músicas relacionadas ao tema (Macedo, 2019). Outras possibilidades são também os conteúdos imersivos que fazem uso de tecnologias de realidade virtual, vídeos em 360 graus e realidade aumentada (Longhi, 2022).

Nas reportagens especiais televisivas, podemos citar o crescente uso de recursos de arte sobre as imagens com informações textuais em destaques ou gráficos, os efeitos especiais e as dramatizações para “cobrir” assuntos de difícil representação visual. A presença do repórter em certos ambientes e vivenciando determinadas situações é uma outra estratégia do telejornalismo para, de forma mediada, *fazer* o telespectador *sentir*, auxiliados por movimentos e ângulos de câmera e “sobe-sons” que reforçam o caráter experiencial do momento reportado³⁸.

Ainda no telejornal, as notas complementares, como Fachine e Abreu e Lima (2022) preferem denominar as chamadas “nota-pé”, aquelas pronunciadas pelos apresentadores após a exibição da reportagem, podem assumir função de prestação de serviço, de apresentar a versões dos envolvidos ou mesmo comentário. Outras formas noticiosas como informes gráfico-visuais, boletins, entrevistas e comentário especializado (Abreu e Lima, 2016) também podem expandir a questão tratada na reportagem especial dentro do próprio telejornal, assim como uma nova matéria que repercute o assunto e atualiza a situação de personagens após a exibição dos episódios previstos inicialmente (Fachine, 2016-2018).

Nos especiais para rádio, radiocomentários e podcasts jornalísticos, o texto mais narrativo e descritivo, associado a recursos sonoros tende a favorecer, ainda que limitadamente, a dimensão experimental nas reportagens especiais. A exemplo da televisão, orientações e prestação de serviços também podem estar incorporados à produção ou complementados em boletins pelos locutores.

Informar, contextualizar e interpretar, opinar e debater, orientar e experienciar são as principais atitudes enunciativas que as reportagens especiais acionam para cumprir as finalidades jornalísticas atribuídas socialmente. De uma acepção mais utilitária ou instrumental

³⁷ O primeiro prima por uma cronologia gráfico-visual, enquanto o segundo privilegia a forma escrita.

³⁸ A repórter Glória Maria (1949-2023), da Rede Globo de Televisão, tornou-se referência no uso dessa estratégia em grandes reportagens, a exemplo da participação de um ritual numa comunidade rastafári da Jamaica em que fumou a ganja sagrada (nome dado à maconha no país), descrevendo as sensações logo em seguida.

dessas funções, relacionada aos usos ou fins jornalísticos, podemos passar para uma compreensão mais organicista, a partir da relação que cada uma delas estabelece com as demais para a construção de sua estrutura. Em outras palavras, é possível identificar na reportagem especial uma dupla funcionalidade: uma de caráter mais externo, enquanto produto jornalístico que atende a determinadas expectativas do enunciatório, e outra mais interna, que se constitui a partir das relações entre as funções discursivo-textuais que mobiliza. Nesse segundo sentido, podemos distinguir as funções de informar e contextualizar como essenciais e interdependentes nas reportagens especiais argumentativas e, portanto, como caracterizadora dessa forma jornalística, enquanto as funções de debater, orientar e experienciar se apresentam como complementares ou acessórias, como possíveis e desejáveis, mas não tão necessárias quanto as primeiras. Analisaremos cada uma delas para perceber como se estabelece essa “sintaxe funcional”.

3.3.1 Funções essenciais: informar e contextualizar

Informar é a função discursivo-textual mais associada ao jornalismo, talvez porque desde o seu surgimento essa atividade sempre foi sua exclusividade. Com as possibilidades trazidas pela internet de distribuição de informações (e também desinformação), percebeu-se que o objeto do fazer jornalístico é a notícia, que exige tratamento ético e técnico dos dados, pautados em valores reconhecidos pela comunidade profissional como: novidade, proximidade, notoriedade, relevância, tempo, controvérsia, morte etc. (Traquina, 2005). Assim, quando procuramos nos informar do que acontece em volta, na verdade, estamos buscando uma atualização de conhecimento de mundo.

Na reportagem especial argumentativa devem ser fornecidas informações, mas a função informativa diz respeito menos aos fatos e mais ao sentido deles, isto é, prevalecem mais os aspectos temáticos que os acontecimentos a eles subjacentes. Elege-se um tema mais geral, ancorado na atualidade, mas sempre a partir de uma problemática, que, como lembrou Bordas (1995), representa alguma dissonância ou distância entre o que é o que poderia ser. O centenário de um certo acontecimento ou de um autor célebre pode ser um gancho temporal, pois a data merece ser lembrada, mas uma reportagem especial deve ir além e buscar a questão de fundo que merece ser discutida. O especial *A vida de Nelson*, produzido pela jornalista Fabiana Moraes para o Jornal do Commercio (Recife-PE/2012), a partir de uma encomenda do diretor de redação para o centenário do dramaturgo e jornalista Nelson Rodrigues, buscou retratar “cinco histórias reais que pareciam ficção, um “a vida como ela é” construído na realidade”

(Moraes, 2022, p. 202), mas que trazia à tona a discussão sobre machismo e violência contra a mulher.

Informar significa reunir aspectos temáticos diversos para abordar uma questão. O percurso mais geral do que se deseja tratar, a partir de uma angulação específica, implicará necessariamente a outra função essencial da reportagem especial: a interpretação ou contextualização das informações levantadas, ou mais precisamente dos aspectos temáticos. O jornalista deve assumir o papel de intérprete da atualidade, do momento presente da realidade (Cornu, 1999) e, conseqüentemente, um intelectual que, por atuar num campo estratégico para desenvolvimento da sociedade, precisa lutar contra o assédio do imediatismo e o fetiche dessa mesma atualidade para compreender e fazer compreender aos demais o sentido e o valor do que vivemos (Martín-Barbero, 2004).

A profundidade é uma das características mais referenciadas da reportagem especial, inclusive chegando a denominar essa forma discursiva jornalística. O termo de sentido conotativo utilizado para qualificá-la é, na verdade, uma tentativa de se contrapor à abordagem superficial das notícias e reportagens do dia-a-dia, e tende a significar a contextualização dos fatos e questões abordadas, buscando percebê-los a partir do conjunto de fatores que o influenciam ou deles decorrem e impactam direta ou indiretamente a vida do cidadão.

Mar de Fontcuberta (1999) afirma que a notícia (dentre as quais a autora também considera a notícia de criação, que mais se aproxima da reportagem especial) pode conter variadas contextualizações, mas as distingue em dois tipos: diacrônica, que explica a sucessão de fatos vinculados ao tema tratado, e sincrônica, que explica as circunstâncias geográficas, políticas, sociais e de outras ordens também relacionadas as questões que são objeto da abordagem.

Os aspectos temáticos de uma reportagem especial argumentativa não podem ser vistos de forma isolada, como simples tópicos; eles precisam ser considerados na sua relação com o mundo, isto é, situados no rol dos conhecimentos compartilhados socialmente que lhe conferem sentido. Cabe aos jornalistas explicar os antecedentes e consequentes das situações geradoras que envolvem as múltiplas dimensões da realidade. Assim, a contextualização de um aspecto temático pode envolver movimentos de particularização ou universalização, ou de explicitar suas relações históricas, geográficas, econômicas, políticas, sociais, culturais, jurídicas e outras tantas necessárias à sua compreensão. Análise e comentário são partes do processo de interpretação e, portanto, operações também necessárias à contextualização.

Não se constrói uma reportagem especial somente com informações, com fatos ou dados que representam aspectos de um percurso temático; a contextualização dessas informações é

fundamental. Ao mesmo tempo, só se pode contextualizar fenômenos, situações ou acontecimentos. Dessa maneira, informar e contextualizar se constituem funções discursivo-textuais imbricadas e essenciais para uma reportagem especial argumentativa. A elas, no entanto, podem se acrescentar, complementarmente, textos que cumprem funções de debater, orientar a experienciar as informações e contextos.

3.3.2 Funções complementares: debater, orientar e experienciar

A opinião é parte intrínseca do discurso jornalístico, razão pela qual a divisão de gêneros jornalísticos entre informativos e opinativos tem sido fortemente contestada. Não se discute, porém, que mediar o debate público é uma dimensão profundamente necessária ao jornalismo, e numa reportagem especial é, no mínimo, desejável. É preciso dizer, desde já, que o debate enquanto função discursivo-textual da reportagem especial argumentativa não se refere à intencionalidade ou subjetividade, que é parte constitutiva de qualquer discurso, mas diz respeito aos processos mais explícitos que visam colocar em discussão posições distintas acerca dos temas e fenômenos objetos da abordagem e, de modo mais específico, dar espaço para que vozes divergentes possam debatê-las. Nesse caso, o Plano Dialógico é aquele que mais evidencia essa dimensão discursiva, ainda que também o Plano Problema, causas e soluções permita, a depender da temática, trazer posições opostas para sua resolução, inclusive através de textos “atrelados” à reportagem especial.

O princípio que sustenta o debate numa reportagem especial é o dissenso, ainda que essa seja uma característica muitas vezes temida e ocultada no jornalismo em razão, sobretudo, do papel que exerce de ordenar e enquadrar a caótica realidade. Diálogo e dissenso andam juntos e se constituem essenciais para estruturar e sustentar as democracias através da troca de ideias, que é base do direito à liberdade de expressão (Sales; Fernandes, 2022) e, por consequência, do jornalismo.

Compete, então, transformar reportagens especiais argumentativas em espaços de diálogo para que múltiplos pontos de vista acerca dos aspectos temáticos sejam não só apresentados como também discutidos, fornecendo elementos para formação da opinião pública. Não custa relembrar a necessidade de representatividade dessas vozes, devidamente contextualizadas, assim como o alerta de que o debate precisa ser contínuo e não pode se reduzir a um momento ou um produto.

O discurso jornalístico também tem o papel de educar, instruir ou orientar para tomada de decisões do cotidiano desde, por exemplo, o modo correto de utilizar um equipamento ou

serviço público até a tarefa de conscientizar a população para o exercício da cidadania nas eleições e em outras esferas deliberativas que impactam no projeto de país. Quaisquer que sejam as circunstâncias, trata-se não apenas de fornecer informações, mas de mobilizar o interlocutor e estimulá-lo a uma prática, à realização de uma ação.

Essa função discursivo-textual, na qual predominam princípios injuntivos, aparece na reportagem especial complementando tanto as funções essenciais, pois os aspectos temáticos abordados e interpretados criam um ambiente propício para o convencimento de que a ação requerida é uma das alternativas (senão a melhor), assim como nas demais funções complementares. O confronto dos aspectos temáticos através do debate conduz, quase sempre, a uma tomada de posição, seja pessoal ou social, ao qual pode-se acrescentar um apelo explícito (ao voto, à participação em uma determinada campanha, à adoção de um comportamento) com indicações precisas de como fazê-lo. Do mesmo modo, quando se utiliza de estímulos sensoriais para tornar conhecida uma certa realidade, característica predominante da função discursivo-textual da experimentação, elas tendem a ser precedidas ou seguidas de recomendações, dicas e tutoriais que ampliam a abordagem e propõem um desfecho prático particular.

Por fim, outra função discursivo-textual desenvolvida no jornalismo visa a fruição através de simulações de vivências que aproximam os interlocutores de determinados aspectos da realidade por meio de estímulos sensoriais que representam também formas de se conhecer. O Jornalismo Literário, o Novo Jornalismo e as experiências de compartilhamento de mesmo tempo na transmissão direta da televisão, por exemplo, são algumas das formas mediadas que os profissionais da área encontraram para conectar o público com o mundo reportado, gerando sensações de presença através dos meios e linguagens disponíveis. Mais recentemente, com as inovações tecnologias imersivas, o jornalismo também tem promovido a realização de experiências de eventos e situações relatadas nas notícias de forma simulada em primeira pessoa (De la Peña et al., 2010), como se compartilhassem o mesmo tempo e espaço.

O objetivo principal de valer-se de textos que assumem a função de experienciar determinados aspectos temáticos numa reportagem especial é gerar satisfação pelo prazer da descoberta, da percepção de ambientes, de gostos, de sensações táteis etc., auxiliando na contextualização e compreensão da realidade pela via estética.

Todas essas funções corroboram algumas das habilidades apontadas por Bordas (1995) para um jornalismo ativo, crítico, criativo, responsável e comprometido com o desenvolvimento e transformação da sociedade: a problematização; a caracterização adequada de situações e problemas; o estabelecimento de relações internas, externas e temporais de conceitos, fatos e eventos; o reconhecimento da interdependência e diferença entre objetivos, meios, metas e fins;

a interpretação dos discursos e sua organização; e a orientação para intervenção e para custos e benefícios de uma ação, dentre outros.

Na tessitura de uma reportagem especial argumentativa os textos podem assumir funções jornalísticas que se interpenetram, se sobrepõem e se combinam conforme os objetivos editoriais inicialmente estabelecidos, os acentos que o processo de apuração da temática apresenta e a dimensão criativa dos profissionais envolvidos. A distinção das funções que fizemos aqui tem caráter mais analítico e pedagógico e está baseada na predominância de suas características, pois as fronteiras entre elas são tênues. É possível, no entanto, perceber que informar e contextualizar são funções sem as quais não se constrói uma reportagem especial argumentativa, enquanto debater, orientar e experienciar são atitudes desejáveis, que acrescentam e reforçam os aspectos temáticos e colabora ainda mais para atender às expectativas do público quanto à atividade jornalística. Numa reportagem especial transmídia, essas funções poderão estar na base dos textos produzidos para outras mídias e plataformas, razão pela qual destacamos aqui sua importância.

Esboçamos, neste capítulo, a partir de revisão bibliográfica e estudos de casos, um quadro conceitual que permitiu caracterizar a reportagem especial argumentativa como uma das formas especiais do discurso jornalístico que se distingue pela estrutura mais geral baseada em formas de raciocínios que fazem progredir os percursos temáticos desenvolvidos. Apoiados nos princípios da argumentação e da retórica clássica, sobretudo nas operações *inventio* e *dispositio*, que nas referidas reportagens compreendem as ações de encontrar os temas e organizá-los, foi possível compreender o processo de concepção e planejamento, fundamentais para sua roteirização. Avançamos na compreensão do estatuto desse tipo de reportagem quando associamos os planos dissertativos mais comuns a esquemas argumentativos mais gerais estruturados em percursos temáticos de produções para diferentes modalidades de jornalismo. Por fim, para completar o quadro, averiguamos como as principais finalidades discursivo-textuais do jornalismo – informar, interpretar, mediar o debate, orientar e experimentar – se manifestam nas reportagens especiais argumentativas e corroboram finalidades próprias do jornalismo. A compreensão desses elementos e dimensões contribuirá para desenvolver competências desejáveis ao processo de roteirização de reportagens especiais transmídia, cujo método e seus instrumentais serão explicitados no capítulo seguinte.

4 O MAPA MIDIÁTICO-TEMÁTICO E A ROTEIRIZAÇÃO DE REPORTAGENS ESPECIAIS TRANSMÍDIA

O modelo de produção transmídia no jornalismo demonstra maior potencialidade a partir de reportagens especiais. Independentemente da modalidade (jornalismo impresso, sonoro, audiovisual ou multimídia), os exemplos mais recorrentes dessas produções revelam uma articulação textual e midiática que colocam determinado tipo de reportagem especial como texto de referência, a partir das quais se associam outros textos derivados e complementares que expandem a questão abordada em formatos e linguagens para diferentes mídias e plataformas. Esse processo ficou mais evidente no caso emblemático da série *Tudo Sobre*, cuja análise, que recuperamos no segundo capítulo, enfatizava o processo de expansão a partir de aspectos temáticos. Mas ainda assim, como roteirizar reportagens especiais transmídia, isto é, como planejá-las ou concebê-las?

Para começar a responder essa pergunta, definimos e aprofundamos, com base nas recorrências das produções analisadas, um tipo mais específico de reportagem especial, a argumentativa. Assim, nos dedicamos, no terceiro capítulo, a delinear seu estatuto, bem como as diferentes formas de organização e de funções discursivas que esse tipo de produção mobiliza desde sua construção. Compreender as particularidades do texto de referência (a reportagem especial argumentativa) é um primeiro passo, pois a partir dele identificaremos as possibilidades de sua expansão textual (a partir do desdobramento temático) e midiática (da utilização de outras mídias e plataformas). Foi considerando essa dupla distinção, fundamentada nas estratégias e procedimentos já identificados (Macedo, 2019) e à luz das teorias da linguagem, que desenvolvemos um instrumental capaz de auxiliar no processo de roteirização de uma narrativa transmídia jornalística: o mapa midiático-temático.

O mapa midiático-temático é uma ferramenta metodológica que representa visualmente e identifica as configurações de uma narrativa transmídia jornalística, especialmente seus modos de expansão. A hipótese que motivou sua criação era de que, se na representação utilizada *a posteriori* (como instrumento de análise na dissertação) foi possível vislumbrar os elementos englobados (partes) e as relações que eles estabeleciam para formar o englobante (todo), essa mesma representação *a priori* (estruturada para roteirização) poderia se tornar um guia para produção de reportagens especiais transmídia. Em outras palavras, se o modo utilizado para explicitar as relações temáticas entre o texto de referência (a reportagem especial argumentativa) e os demais textos associados para outras mídias ajudou a caracterizar

uma narrativa transmídia jornalística, apostamos que a representação numa espécie de mapa destas mesmas relações seria um bom ponto de partida para a roteirização desse mesmo tipo de produção.

Neste capítulo, apresentaremos o processo de desenvolvimento do mapa midiático-temático e dos elementos que o compõe. Para melhor fundamentá-lo, trataremos antes do processo de roteirização no jornalismo, resgatando seu sentido mais pragmático associado ao planejamento e organização, etapas especialmente importantes em produções complexas como é o caso dos projetos transmídia. Descreveremos, em seguida, de modo mais detalhado como chegamos à representação visual do mapa midiático-temático, no rastro de outras formas recorrentemente utilizadas para explicar as produções transmídia. Neste ponto, nos deteremos também em explicitar a transição metodológica operada para converter o instrumento de análise em instrumento de roteirização, mantendo os níveis ou camadas essenciais que compõe as estratégias de expansão: as mídias e/ou plataformas, o percurso temático e as funções dos textos. Por fim, discorreremos um pouco mais sobre a finalidade e os limites da ferramenta, ilustrando algumas possibilidades de sua utilização na roteirização transmídia, que foram testadas e aperfeiçoadas no decorrer da experiência de aplicação do método, objeto do capítulo seguinte.

4.1 O processo de roteirização no jornalismo

Contar histórias é uma competência universal inerente ao ser humano. Para realizar esta atividade é preciso organizar, ainda que mentalmente, um certo percurso narrativo que considere as finalidades discursivas – entreter, emocionar, refletir, informar, ensinar etc. Pinturas rupestres, relatos orais, mitologias, obras literárias, filmes, séries, reportagens, são todas formas discursivas que desenvolvem um certo percurso narrativo e se estruturaram a partir de combinações de linguagens sob lógicas específicas. Um assassinato, por exemplo, pode ser contado num romance ou filme de suspense, que tem seu clímax na descoberta do assassino, ao passo que, se for dado em uma notícia de jornal, essa informação deve ser disponibilizada no título ou no seu primeiro parágrafo. A diferença entre os dois modos de materialização da narrativa está na forma como se organizam segundo uma certa finalidade e um determinado gênero textual. Em maior ou menor grau, essas construções exigem algum planejamento, uma certa roteirização.

No cinema, quando as histórias contadas através de sons e imagens deixaram de ser um ato individual para se tornarem produções coletivas, a organização do percurso narrativo precisou ser posta no papel, nascendo assim, o primeiro esboço do que mais tarde passou a ser

chamado de roteiro. O processo de industrialização da atividade cinematográfica exigia que a ideia do filme, até então de posse do autor, fosse comunicada aos demais membros da equipe a fim de otimizar tempo de gravação e recursos financeiros. O roteiro de cinema surge, então, como ferramenta para orientar e unificar o processo de criação do filme, pois “já não era possível improvisar seus novos efeitos visuais sutis na frente da câmera; estes tinham que ser planejados cuidadosamente com antecedência” (Béla Balázs apud Souza, 2011, s. p.).

As definições dadas pelos principais manuais de roteiro para cinema enfatizam diferentes aspectos e utilidades da ferramenta. Para Syd Field (2001, p. 11), “o roteiro é uma história contada em imagens, diálogos e descrições, localizada no contexto da estrutura dramática”. O autor dedica-se a compreender a estrutura linear básica de uma história, esboçando, através de um diagrama, um modelo ou esquema conceitual da narrativa. Segundo Nogueira (2010), a função do roteiro é organizar a narrativa de modo a vislumbrar a história em sua globalidade, mas seu princípio metodológico consiste no detalhamento das partes e elementos (atos, cenas, sequências) que se interligam de modo mais ou menos complexos. Comparato (2010) caracteriza o roteiro como a forma escrita de todo projeto audiovisual e enfatiza seu aspecto efêmero, como um produto-meio que “existe durante o tempo que leva convertendo-se num produto audiovisual” (Comparato, 2010, 21).

Ainda que o roteiro para ficção se apresente, inicialmente, como algo fechado, que encerra a narrativa fílmica do começo ao fim, a realidade da produção impõe alterações que precisam ser feitas no primeiro percurso traçado, e que destituem quaisquer pretensões de absolutizá-lo. Do roteiro literário, escrito pelo roteirista, são produzidos também o roteiro técnico, com as indicações necessárias às equipes de arte, fotografia e produção, e posteriormente, novas orientações para montagem. A escolha das locações, a atuação dos atores, a definição dos planos de filmagem, a sonorização são alguns dos aspectos não previstos no roteiro literário e que dependem do processo criativo das equipes sob a coordenação do diretor. Há, portanto, uma narrativa mais ou menos determinada, porém o modo como ela se concretizará depende, fundamentalmente, dos profissionais envolvidos no processo de produção.

Filha do cinema, a televisão também trabalha com roteiros, mas a principal diferença entre eles, segundo Rey (2003), está no ritmo mais lento da narrativa que as produções televisivas impõem: um filme pede mais concentração que um capítulo de novela, minissérie ou programas, que podem ser assistidos com meia atenção. Bonasio (2008) defende que os roteiros para televisão se apresentam como ponto de partida em torno do qual tanto as equipes criativas quanto técnicas trabalham para construir a dimensão do vídeo. Segundo o autor, o tipo

de roteiro a ser utilizado para a televisão deve se adequar à audiência, ao propósito e ao gênero e é elemento indispensável, ainda que o formato não permita prever tudo:

Como nem todos os programas produzidos para a televisão podem ser detalhadamente roteirizados, a televisão usa o roteiro parcial para eventos esportivos, *talk shows*, *game shows*, *reality shows* e outros que contenham elementos imprevisíveis, eventos que não podem ser roteirizados, palavra por palavra, como os utilizados em dramaturgia, telejornalismo ou nos comerciais de TV. Por esse motivo convencionou-se no meio televisivo mundial o “roteiro parcial”, que tem a mesma importância e uso dos roteiros detalhados ou roteiros para filmes (Bonasio, 2008, e-book).

Apesar de sustentar o planejamento da maioria das produções audiovisuais, o roteiro (ou mais precisamente sua estrutura clássica de narrativa) já houve questionamentos quanto ao seu uso sob o argumento de interferir no processo criativo do diretor. Movimentos como o Nouvelle Vague, na França, colocavam o roteiro em segundo plano e, ao valorizarem a criação no momento das filmagens, influenciaram fortemente experiências como o filme-símbolo do cinema independente norte-americano *Shadows* (1959), de John Cassavetes, que finaliza informando que o filme foi uma improvisação (Mergulies, 1998 apud Gomes, 2019). Segundo Puccini (2007, p.19), “a ruptura mais significativa com um modelo de produção apoiado em roteiro ocorre no fim da década de 50 com o documentário direto americano, capitaneado pelo produtor Robert Drew, e o documentário verdade que tem na figura do francês Jean Rouch seu melhor representante”.

Diferentemente das produções ficcionais para cinema e televisão, o roteiro propriamente dito não se constitui instrumento recorrente na literatura clássica de jornalismo. Nas técnicas associadas a ele, a exemplo da lista de perguntas a serem feitas durante uma entrevista (“roteiro-padrão”) e da pauta, considerada “primeiro roteiro para a produção da reportagem” (Folha de S. Paulo, 2018, p. 111), há uma preocupação recorrente em que tais ferramentas não se tornem “camisa-de-força” (Pereira Junior, 2006, p. 78), “receita de bolo” (José Hamilton Ribeiro apud Moser, 2021, p. 234) ou “fórmulas padronizadas de aprisionamento do real” (Künsch, 2000, p. 96). A preocupação de que o planejamento possa distorcer a realidade e engessar as produções tende a justificar a ausência de métodos e ressaltar a “improvisação” e “autoralidade” como qualidades de um bom repórter, que se deixa afetar pelo “real”, reforçando também uma ideia amplamente difundida na comunidade profissional de que se aprende jornalismo por osmose, nas redações (Bread, 1998 apud Traquina, 2005).

Mesmo para reportagens especiais, que exigem maior preparação e são consideradas “gênero nobre” da atividade, há uma dificuldade dos jornalistas em explicitar procedimentos ou instrumentais do processo de produção. Os relatos colhidos por Magali Moser (2021) em sua pesquisa de doutorado sobre o método da reportagem revelam essa tendência a interpretar

a palavra “método” como normas rígidas que sugerem sistematicidade extrema e geram desconfortos aos repórteres diante da imprevisibilidade e dinamicidade da atividade jornalística:

O ‘barato’ do jornalismo é não ter metodologia. Nossa, agora eu acabei com a sua pesquisa [risos]. É esse o maior barato do jornalismo: você pode até não ter chegado no final da história, mas se tem uma história, o seu dever é contá-la. [...] Então, não é assim: você faz A, B, C, ou E, chega aqui, acabou. Não! [...] Pra você fazer reportagem, não tem um método. [...] Mas, sabe que eu fui dar um ‘workshop’ de jornalismo investigativo [...], e falei: ‘nossa! Eu tenho um método!’ Mas o meu método, assim como eu acredito que todos os métodos, é muito pessoal.” (Natalia Viana *apud* Moser, 2021, p. 234).

Como reconhece a repórter, os processos de roteirização e métodos de trabalho são inerentes à atividade jornalística, sem desconsiderar as especificidades que esta área cultural simbólica exige quanto ao planejamento de suas produções e as características pessoais. Enfatizaremos essa dimensão, partindo das características do roteiro do documentário cinematográfico, cuja construção narrativa também está referenciada na “realidade”, para depois revisar as práticas de roteirização do telejornalismo e, por fim, averiguar mais detidamente em que medida a pauta jornalística, instrumental criado a partir do processo de industrialização do jornalismo e consolidada entre profissionais, pode ser considerada também como uma prática de roteirização jornalística.

4.1.1 Os roteiros para documentário e telejornalismo

O documentário, gênero cinematográfico que mais se aproxima do jornalismo por construir seu discurso nas ocorrências do real, não dispensa planejamento e preparação que garantam a intervenção criativa do cineasta (Puccini, 2007). Para esses filmes, a roteirização é um processo aberto, cujo percurso se estrutura gradualmente, sem controle mais rigoroso do universo de representação próprio dos gêneros ficcionais:

Roteirizar significa recortar, selecionar e estruturar eventos dentro de uma ordem que necessariamente encontrará seu começo e seu fim. O processo de seleção se inicia já na escolha do tema, desse pedaço de mundo a ser investigado e trabalhado na forma de um filme documentário. Continua com a definição dos personagens e das vozes que darão corpo a essa investigação. Inclui ainda a escolha de locações e cenários, definição de cenas, sequências, até chegar em uma prévia elaboração dos planos de filmagem, enquadramentos, trabalho de câmera e som, entre outros detalhes técnicos que podem contribuir para a qualidade do filme. Ao término desse percurso escrito, o cineasta terá adquirido noção mais precisa das potencialidades de seu projeto (Puccini, 2007, p. 21).

Não basta ligar a câmera e filmar desenfreadamente aquilo que a sensibilidade identificar ao redor, deslocando o processo de roteirização para a etapa da montagem, após a

captação das imagens. Segundo Lucena (2012), apesar de não compartilhar a estrutura dos filmes de ficção, o documentário traz uma “história” que se desenvolve a partir de um tema e se estrutura em: um início, quando expõe o tema; um meio, em que apresenta os desdobramentos da proposta inicial, explorando conflitos, contradições e confrontando opiniões; e um final, onde mostra os resultados de tudo que foi apresentado, deixando o espectador tirar suas próprias conclusões. Para um “documentário espontâneo”, o autor reforça a necessidade de uma boa organização e uma “estrutura sólida, porque uma má estrutura pode causar mais danos que um texto mal escrito” (Lucena, 2012, p.56). O roteiro seria, então, “um argumento amplo”, que procura antever as cenas, transportando para elas tanto a pesquisa desenvolvida quanto seus resultados, de modo a fazer o público passar pelo mesmo processo de descoberta.

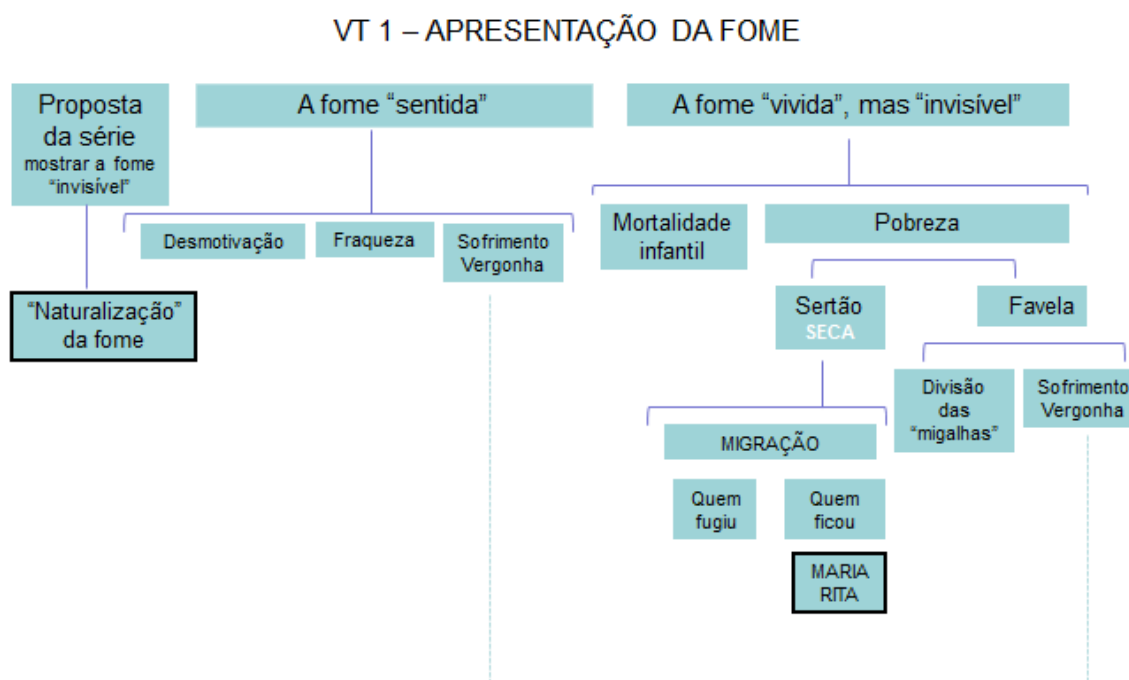
O telejornalismo talvez seja a área de produção do jornalismo que melhor considera a necessidade do roteiro. A professora Karen Abreu (2010) apresenta alguns modelos de *script*, nome dado à lauda para roteirizar produções no telejornalismo, colhidos de livros dedicados ao ensino da disciplina e da prática profissional, e cuja estrutura convencionou-se em duas colunas onde se descrevem as imagens (à esquerda) e os sons (à direita). Segundo a docente, a ausência desse roteiro previamente estabelecido gera empecilhos à concretização das produções televisivas. “O tempo de edição torna-se um grande problema, nesses casos, pois ele passa a ser composto da tomada de decisão pelas escolhas das imagens além de contemplar a eleição da sequência que essas seguirão e da definição do(s) som(ns) que serão inseridos no material” (Abreu, 2010, p. 2).

O *script* tem como função, portanto, organizar a edição (que no cinema corresponderia à montagem) de uma reportagem ou os diferentes elementos que constituem um telejornal. Isso significa que repórteres e editores trabalham com material já disponível, articulando os elementos próprios dessa gramática audiovisual jornalística: no caso da reportagem, a passagem, a sonora, o off, as imagens e os elementos de apoio (Fechine; Abreu e Lima, 2022); no caso do telejornal, notas, informes gráfico-visuais, boletins, entrevistas, reportagens e conteúdos transmídia (Abreu e Lima, 2016). Diferentemente do cinema, onde o roteiro guia todas as etapas do processo produtivo, desde a pré-produção até a montagem, o *script* utilizado no telejornalismo volta-se mais para a “escrita audiovisual” e não para a concepção do produto jornalístico.

No ensino de telejornalismo, Fechine (2016-2018) propõe que a roteirização de reportagens especiais para televisão englobe tanto o planejamento da produção e captação de

imagens, quanto da edição¹. Para isso propõe a organização de percursos temáticos a serem posteriormente figurativizados, isto é, revestidos de concretizações sensoriais, que promovem efeitos de realidade, manifestadas através das imagens, sonoras, off e outros recursos gráficos. Com base em análises desse tipo de produção representadas através de fluxogramas (Figura 9), a autora explicita o modo complexo como elas se desenvolvem tematicamente, revelando um critério mais preciso para aquilo que costumeiramente se qualifica como “aprofundado”.

Figura 9 – Análise do VT1 da Série de reportagem Fome (Jornal Nacional, 2001)



Fonte: Fechine, 2016-2018

Quanto maior e mais variado o leque de subtemas nos quais foi desdobrado o tema proposto, maior o aprofundamento dado à abordagem do fato ou fenômeno. Esses desdobramentos temáticos implicam no estabelecimento de relações mais complexas entre os diversos aspectos envolvidos na interpretação do fato ou fenômeno, de modo a construir uma narrativa com várias “camadas” ou com vários níveis informativos, como em um fluxograma. Quanto mais “camadas”, mais aprofundamento no desenvolvimento do tema, ou seja, quanto mais níveis houver nesse “fluxograma informativo hipotético”, maior a complexificação do roteiro e, conseqüentemente da abordagem. (Fechine, 2014, *apud* Loureiro, 2015, p. 29).

¹ A proposta de roteirização tem sido colocada em prática por Fechine com alunos das disciplinas que tratam do telejornalismo no Curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal de Pernambuco desde 2010, sendo depois melhor sistematizada por meio de pesquisas realizadas junto ao Programa de Pós-graduação em Comunicação, especialmente com Luisa Abreu e Lima e com o autor desta tese, bem como em Trabalhos de Conclusão de Curso (informação oral fornecida pela professora).

As narrativas complexas, sejam elas para o cinema, da ficção ou documentais, ou para televisão, inclusive jornalísticas, pedem um roteiro. Essa exigência tende a ser tanto de ordem prática, visando otimizar recursos e organizar a própria produção e os diferentes profissionais envolvidos, quanto narrativa, pois está em jogo a própria qualidade da história, medida pelo modo como estruturá-la criativamente. Nos filmes de ficção, utilizam-se esquemas narrativos como a jornada do herói ou o modelo clássico, em que as diferentes etapas da história são marcadas por pontos de virada até o clímax e resolução do conflito (Field, 2001). No jornalismo, privilegiam-se a pluralidade de fontes a serem ouvidas, a profundidade da investigação e dos aspectos e contextos a serem considerados para compreensão do tema ou assunto tratado. De todo modo, os roteiros demandam estudos, pesquisas, seleção e ordenamento do que se deseja enunciar.

4.1.2 A pauta jornalística como roteiro

A pauta jornalística pode ser entendida como uma espécie de roteiro se considerarmos que sua função é organizar e orientar o processo de apuração e edição das redações. Assim como no roteiro de cinema, a adoção desse instrumental nas redações acontece com a industrialização do processo de produção noticiosa, a partir do século XX (Lage, 2001)². O procedimento padronizado de planejamento através de pautas desenvolve-se mais especialmente nas revistas, propensas a cobrir assuntos específicos e definir enfoques para suas matérias, mas esse processo tem origem na gênese do impresso noticioso, ao selecionar e hierarquizar ideias, estabelecer recortes de olhar e impor enquadramentos.

Se podemos vislumbrar alguma correspondência entre pauta e roteiro, torna-se importante identificar os elementos que a constituem para que sirvam depois de referência ao processo de roteirização transmídia, ainda que ele envolva outras tarefas como as articulações de mídias/plataformas e linguagens. Como na literatura e na linguagem profissional são atribuídos ao menos dois significados distintos para a pauta jornalística, que embora visem o planejamento, estão voltados para dimensões distintas da produção noticiosa, é preciso deixar claro de que pauta estamos falando.

O primeiro sentido da pauta faz referência ao planejamento macro. Trata-se da “agenda ou roteiro dos principais assuntos a serem noticiados em edição de jornal ou revista, programa de rádio ou tv etc.”, como também da “anotação de temas que poderão ser desenvolvidos

² Segundo Lage (2001), a consolidação da pauta no Brasil só aconteceu na década de 1970, com a modernização do jornalismo, a partir das redações de São Paulo.

oportunamente, para aproveitamento em futuras edições” (Rabaça; Barbosa, 2001, p.556). Nilson Lage (2001) corrobora essa noção de pauta mais voltada à concepção editorial do veículo, direcionada ao processo de seleção e hierarquização das informações. As reuniões de pautas com os editores, nas quais se definem o que será apurado e, posteriormente, publicado, reafirmam a ideia de “pautar”, de colocar um assunto em discussão ou, em suma, em pauta:

Cada editor propõe suas matérias e a revista é concebida como unidade que leva em conta diferentes fatores: agressividade, beleza plástica, atualidade, assuntos exclusivos etc. Quando a linha editorial está introjetada (ela é uma espécie de regra tácita do jogo), o debate centra-se em torno de detalhes de confecção. Indicam-se fontes, produzem-se orientações para a apresentação, ilustração e complementação das matérias, o que pode envolver a mobilização de vários profissionais, de sucursais, correspondentes ou agências (Lage, 2001, p. 31).

O segundo sentido atribuído à pauta jornalística é de “esquema minucioso de um levantamento pretendido por um jornal” para elaboração de uma matéria (Erbolato, 2003, p, 247). Lage (2001, p. 34) descreve-a como o planejamento atribuído a um repórter, de caráter eminentemente prático, no qual constam “indicações logísticas e técnicas: ângulo de interesse, dimensão pretendida da matéria, recursos disponíveis para o trabalho, sugestões de fontes etc.”, enquanto Rabaça e Barbosa (2001) enfatizam a função de orientar e guiar a apuração do repórter, destacando também a possibilidade de redirecioná-la ou deixarem de executá-la (virar ou derrubar a pauta, no jargão jornalístico):

2.Planejamento esquematizado dos ângulos a serem focalizados numa reportagem, com um resumo dos assuntos (no caso de suíte) e a indicação ou sugestão de como o tema deve ser tratado. A pauta não é normativa, não estipula uma linha de ação a ser obrigatoriamente seguida: é uma tentativa de orientar e dirigir metodicamente o trabalho do repórter, dentro dos parâmetros que possam ser previstos. Caso ocorra algum detalhe importante como notícia e não previsto na pauta, esta não impede, obviamente, que a reportagem seja desviada para outros ângulos. Podem estar contidos numa pauta, além do resumo do assunto, o tratamento que deve ser dado à matéria, uma sugestão de lide, perguntas para os entrevistados, nomes, endereços e telefones de possíveis fontes, etc. (Rabaça; Barbosa, 2001, p. 556)

Em ambos os sentidos, predomina a ideia de organização e planejamento da produção jornalística: a pauta da edição, com funções macro, e pauta de conteúdo, com funções micro (Marques, 2017)³. Feita esta distinção, passaremos a discutir mais detidamente os aspectos que envolvem a pauta de conteúdo, dada sua identificação com o objeto de estudo deste trabalho: a roteirização de reportagens especiais transmídia.

Fatores contextuais da realidade ou das próprias rotinas produtivas capazes de alterar o planejamento inicial não são pretexto para dispensá-lo, especialmente em produções que

³ Marques (2017) distingue ainda três tipos de pauta de edição: convergente, compreendendo a lista de matérias produzidas para diversos suportes, caso o grupo de comunicação possua redação integrada; geral, a listagem de matérias que farão parte da edição de um só veículo; e editoria, a lista das matérias que farão parte de um dos cadernos, editoria ou seção, seja em meios impressos, televisivos, radiofônicos e da web.

exigem maior pesquisa e empenho na apuração, como é o caso das reportagens especiais. Assim posto, o que seria possível planejar/roteirizar em uma produção desse tipo? Para tentar responder a esta questão, analisaremos os elementos comuns que aparecem nas propostas de pauta conhecidas nos meios profissionais ou de ensino de jornalismo.

Não há muitas referências quanto a modelos de pautas. As poucas menções a esse instrumental na literatura de jornalismo destacam sua importância para o planejamento e organização da produção noticiosa, mas pouco detalha os elementos que a compõe. As formas variam conforme o perfil editorial e as rotinas produtivas de cada veículo. Enquanto na Folha de S. Paulo, “o texto que aparece no arquivo normalmente é apenas uma linha geral do que se espera do assunto” (Floresta e Braslauskas, 2009, p. 8), Schwingel (2012) propõe uma pauta mais amplas para Ciberjornalismo, que envolve elementos como assunto, histórico/informações, Enfoque/viés, desdobramentos/ contextualização, recursos multimidiáticos, estrutura da informação e fontes. Tratam-se de informações que procuram prospectar o processo de produção jornalística. De forma semelhante, os professores Valentina Nunes e Ildo Golfetto (2022) trabalham com um modelo básico para produção de jornal-laboratório que contempla, além do assunto e da angulação, uma contextualização com informações preliminares, a indicação das fontes e referências sobre o assunto, bem como a previsão de fotos ou artes.

Diante dessa escassez, realizamos um breve levantamento em editais recentes de bolsas para reportagens⁴ para averiguar os elementos mais recorrentes para apresentação de uma proposta de pauta, dentre os quais identificamos: 1. Pesquisa ou pré-apuração, com as referências, seja conteúdo jornalístico ou acadêmico sobre o tema; 2. Contexto e relevância da pauta, apresentando a questão principal, o problema, a denúncia, o inusitado; 3. Abordagem, explicitando o que pretende apurar, as principais questões a responder e teses a comprovar; 4. Possíveis fontes a serem ouvidas; 5. Métodos jornalísticos a serem utilizados, desde entrevistas a banco de dados a outros modos de chegar à informação. A maioria dos editais também pede um Plano de Trabalho detalhado, no qual constem informações como cronograma, viabilidade financeira e produtos a serem entregues (texto, fotos, vídeo, infográficos). Ao elencar os itens que constam nos modelos de pauta propostos por pesquisadores e professores com aqueles

⁴ Foram comparados os itens exigidos e critérios de seleção de editais de bolsa-reportagem lançados em 2022 da Agência Repórter Brasil, Instituto Vladimir Herzog, Observatório Lei.A, Projeto Colabora, Agência Pública e Associação de Jornalistas de Educação – Jeduca, cf. Apêndice A - Quadro comparativo dos itens e critérios de seleção de editais de bolsa-reportagem lançados em 2022.

solicitados por editais de bolsa-reportagem, chegamos a um painel comparativo (Quadro 4) que evidencia seus elementos mais recorrentes.

Quadro 4 - Elementos da pauta de uma reportagem

Lage (2001, p. 40)	(Nunes; Golfetto, 2022, p. 130)	Schwingel (2012, p. 96-97)	Editais de Bolsa-Reportagens (2022)
-	Número da edição	-	-
-	Aluno (a) (s)	Repórter	-
-	-	Pauteiro	-
-	<i>Deadline</i>	Data	-
-	-	Prazo	-
Assunto	Assunto	Assunto	Pesquisa ou pré-apuração , com as referências, seja conteúdo jornalístico ou acadêmico sobre o tema ;
-	Referências e notícias sobre o assunto	-	
Fato gerador de interesse, se houver	Contextualização (informações preliminares)	Histórico / Informações	Contexto e relevância da pauta, apresentando a questão principal, o problema, a denúncia, o inusitado;
Contexto			
Linha editorial	Angulação sugerida	Enfoque / Viés / Recorte / Hipóteses	Abordagem , explicitando o que pretende apurar, as principais questões a responder e teses a comprovar;
Definição do que se espera , aproveitamento			
Recursos e suporte técnicos disponíveis	Fotos Arte ou infografia	Recursos multimidiáticos	Plano de Trabalho detalhado, no qual constem informações como cronograma, viabilidade financeira e produtos a serem entregues (texto, fotos, vídeo, infográficos).
Natureza da matéria (narrativa, expositiva do tema etc.)		Arquitetura da Informação	
-	Fontes (ao menos duas fontes):	Fontes	Possíveis fontes a serem ouvidas; Métodos jornalísticos a serem utilizados, desde entrevistas a banco de dados e outros modos de chegar à informação

Fonte: elaborado pelo autor.

Esta síntese revelou a necessidade de aprofundar cada um dos seus elementos, sobretudo por apresentarem diferentes sentidos na metalinguagem jornalística. Por isso, agrupamos alguns termos semelhantes, e destacados em negrito no Quadro 4, para realçar a caracterização geral

da pauta de modo mais direto e operativo do ponto de vista pedagógico, recorrendo também, para isso, à contribuição de outros autores e de manuais de redação não citados na tabulação proposta acima.

a) Assunto ou Tema. Trata-se de um item identificador da pauta, antecedido de informações mais circunstanciais referente às rotinas produtivas (editoria, repórter, pauteiro, prazos), responsável por situá-la num panorama mais amplo da situação ou problemática a ser tratada. O assunto não deve ser confundido com a pauta (Pereira Junior, 2006) e precisa ser avaliado quanto a sua adequação ao projeto editorial do jornal (Pinto, 2009), “levando em conta o perfil do leitor e os temas mais importantes no seu cotidiano” (Folha de S. Paulo, 2018, p. 111).

b) Histórico, Contexto, Informações preliminares e referências. Esse item da pauta reúne as informações que se dispõe sobre o tema, oferecendo um primeiro contexto da situação. Envolve uma sondagem inicial que constitui o primeiro processo de pesquisa jornalística (Pereira Junior, 2006) para recolher o que já se sabe sobre a questão ou “o fato gerador de interesse, se houver” (Lage, 2001, p. 41), elencando as referências jornalísticas (material de arquivo dos jornais ou de portais noticiosos) e acadêmicas (livros, artigos, teses, dissertações etc.). Um dos critérios de avaliação das pautas nos editais de bolsa-reportagem analisados é a consistência da pré-apuração, que envolve também o levantamento e primeira escuta das possíveis fontes. A contextualização do tema pode ser concluída enfatizando a relevância da pauta e esclarecendo a questão principal ou problema, de maneira a delimitar a reportagem tematicamente.

Na investigação sobre o método utilizado por jornalista para produção de reportagens em profundidade, Moser (2021) reconhece, seja a partir de compreensões teóricas sobre a prática profissional (Chaparro, 2019; Lage, 2017; Pereira Junior, 2006; Reynaga, 1976; Sequeira, 2005 *apud* Moser, 2021), seja através de entrevistas realizadas com repórteres especiais para a pesquisa, que existem etapas fundamentais voltadas para concepção e planejamento da reportagem anteriores ao processo de apuração.

Definida a pauta, começa a familiarização com o tema escolhido, através de pesquisa, leituras exploratórias ou entrevistas iniciais, aproximando-se do fenômeno em questão e delimitando a abordagem do problema. Esse movimento permite um primeiro contato mais aprofundado com a temática, além de um embasamento, municiando informações, relatórios, levantamentos, produções artísticas e jornalísticas. Para não se perder no emaranhado de dados reunidos, torna-se fundamental a seleção de um fio condutor. Conhecer estudos e abordagens anteriores sobre o objeto aumenta a possibilidade de novos olhares e desdobramentos, evitando tratar o assunto sobre vieses desgastados ou que não representem avanços. Essa fase recebe denominações diferentes, entre pesquisadores, como ‘listar o já sabido’ e definir o ‘não sabido’

(Chaparro, 2019), ‘pré-investigação’ (Sponholz, 2009) ou ‘sondagem inicial’ (Pereira Junior, 2006) (Moser, 2021, p. 276)

c) Enfoque, Angulação ou Abordagem. A pauta vai se “afunilando” progressivamente e, nesse ponto, deve explicitar qual será o destaque dentro da grande questão que envolve o tema. Pereira Junior (2006, p. 79) define angulação como “o ato de destacar um aspecto que atualiza uma questão concreta”, “o gancho que torna a questão um problema atual”. Para quase todos os editais de bolsa-reportagem que analisamos, são considerados critérios como originalidade e relevância, qualidades que envolvem o ineditismo da abordagem para fugir do “lugar comum” e a pertinência do que será tratado aos interesses do público/audiência. Medina (1988) alerta para existência de três níveis de angulação: de massa, referente ao interesse do público no produto jornalístico em questão; grupal, relacionado ao perfil da empresa jornalística e dos grupos econômicos e políticos vinculados; e pessoal, relativo ao próprio jornalista que desfruta de certa autonomia, capaz de promover novos olhares e investigações que deem visibilidade a certos assuntos.

No modelo de pauta proposto por Schwingel (2012), o enfoque também precisa considerar uma hipótese a ser confirmada ou refutada, tal como no modelo de pesquisa científica. O Manual da Redação da Folha de S. Paulo (2018) recomenda a formulação de uma hipótese inicial de trabalho para cada pauta a fim de tornar mais fácil a organização da cobertura de um assunto e desenvolver sua dimensão analítica. Destaca, porém, que não se trata de forçar uma realidade a encaixar-se numa tese preconcebida e que refutar a hipótese inicial é tão importante quanto comprová-la, por isso, o jornalista “deve ter agilidade para alterá-la, sempre que necessário, enquanto realiza a apuração - ou mesmo abandonar a pauta” (Folha De S. Paulo, 2018, p. 67).

Lage (2001) e Schwingel (2012) também incluem no item que determina o enfoque ou abordagem, a necessidade de caracterizar a forma narrativa da reportagem, que na maioria dos casos propõe um percurso argumentativo, sem deixar de utilizar-se de outros tipos textuais, como já mencionamos anteriormente. Na literatura sobre jornalismo impresso, há diversas categorizações de reportagens, dentre as quais são mais comumente referenciadas as propostas por Sodré e Ferrari (1986) e Coimbra (2004), cujos fundamentos tem por base as tipologias textuais, sobretudo a narração, descrição e argumentação.

d) Fontes. O que até então tinha sido proposto de forma mais abstrata começa a ganhar “corpo” através das fontes. Os casos capazes de ilustrar o assunto a partir de determinado ângulo ou abordagem, os relatos de testemunhas ou pessoas ligadas aos acontecimentos discutidos, as

peessoas capazes de opinar sobre a questão, sejam elas autorizadas ou institucionalizadas, são todas formas de figurativizar o tema, ou mais propriamente, cada um dos aspectos que compõe o percurso temático da reportagem. Os estudos sobre fontes apresentam diferentes classificações, que enfatizam olhares diferenciados sobre a informação (Lage, 2001; Erbolato, 2003; Schmitz, 2011; Pinto, 2009). Na pauta devem ser indicados o nome das fontes, sua relação com o assunto, o fato que está sendo discutido e o contato. Algumas pautas mais detalhadas podem conter o roteiro das perguntas para entrevistas⁵, que devem considerar a angulação e abordagem pretendidas e seu papel no percurso mais geral da reportagem. Nos relatos de repórteres especiais colhidos por Moser (2021), o levantamento das fontes deve priorizar aquelas mais distantes do poder e a pluralidade das versões. Além de pessoas, os bancos de dados e documentos dos mais diversos tipos (gravações, declarações por escrito, registros administrativos legais, notas, recibos, relatórios, atas, estatísticas, livros e artigos, manuais técnicos, fotos, vídeos, auditorias e testes) podem se constituir fontes para uma reportagem (Pinto, 2009).

e) Recursos ou Plano de Trabalho. São fornecidas indicações práticas, porém, não menos importantes para avaliar a viabilidade financeira da produção da reportagem. Algumas produções especiais envolvem viagens para investigação e registros, que necessitam de aparelhos e profissionais qualificados a depender das linguagens que serão utilizadas. Um cronograma detalhado definindo as atividades das diferentes etapas (apuração, redação, edição) também pode ser necessário para dar maior solidez ao plano de trabalho.

Estas e outras informações reunidas na pauta revelam, de um lado, a busca por fundamentar e “defender” um projeto de investigação jornalística, tornando-a crível, e de outro, a tentativa de traçar caminhos para sua concretização – de forma mais explícita, organizando a apuração, sem deixar de lado as adaptações frente aos imprevistos que ocorrem até as etapas de edição e finalização. Trata-se de um ponto de partida para o trabalho da reportagem, que, como relembra Lage (2001, p. 35), “não é apenas o de seguir um roteiro de apuração e apresentar um texto correto”. Como vimos anteriormente, há hipóteses a serem confirmadas ou não e, nessa tarefa, a ação do pesquisador-jornalista será o diferencial para a descoberta de aspectos da

⁵ A revista laboratorial *Sextante*, produzida para a disciplina de Jornalismo Impresso do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), por exemplo, publica, além das reportagens, as pautas produzidas pelos alunos, que trazem também o roteiro das perguntas a serem feitas às fontes durante as entrevistas. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/sextante/60-pautas/>>.

realidade que passariam despercebidos sem esta capacidade comumente atribuída a um processo de iluminação, o *insight*.

Moraes (2022) aposta na pauta como instrumento para maior qualidade do jornalismo, e, mesmo sugerindo tal recurso também para a cobertura diária, reconhece que a pauta de reportagens cumpre melhor esse papel ao dispor de maior tempo de preparação e investigação. “Ao jogar sua atenção para aspectos adormecidos e silenciados, ela, instrumento de ação da jornalista, passa a ser também uma tecnologia, uma ferramenta hacker, ao passo que também pode promover a desestabilização de percepções hegemônicas” (Moraes, 2022, p. 197).

O roteiro para documentário ou reportagem televisiva, a pauta ou outras formas de planejamento de textos jornalísticos de maior porte se justificam, em primeiro lugar, pela complexa diversidade de elementos, etapas, atividades, profissionais e processos envolvidos na sua produção. Quanto mais linguagens aciona, maior a necessidade de organização prévia para manter certa unidade entre as equipes responsáveis em torno da ideia do produto, da história a ser contada. Esta necessidade tende a ser redobrada em reportagens especiais transmídia pois requer, como já explicitamos nos capítulos anteriores, um planejamento discursivo que envolve os planos de conteúdo (o percurso argumentativo-temático) e da expressão do texto (as linguagens e mídias/plataformas utilizadas). A maneira de fazê-lo que propomos é através do mapa midiático-temático, instrumental para roteirização desse tipo de reportagem que concebemos com base nas contribuições já mencionadas até aqui de planos argumentativos (Fiorin, 2015) e percursos temáticos (Fiorin, 2000; Barros, 2005; Fachine, 2016-2018) que se estruturam em um texto de referência e se expandem (Fachine, 2018), através de relações hipertextuais (Genette, 2010) marcadas pela derivação temática e por funções específicas de natureza jornalística de cada texto no contexto mais global de sua estrutura transmídia (Macedo, 2019). Demonstraremos, a seguir, o processo de criação desse instrumental para, logo depois, fornecermos maiores as explicações quanto ao seu uso.

4.2 O mapa midiático-temático

Propor um método de roteirização para produção de reportagens especiais transmídia, como é objetivo desta tese, exige que se esclareça de que roteiro estamos falando, distinguindo-o da concepção mais amplamente difundida no meio cultural pelo modelo clássico de roteiro para o cinema ou produtos audiovisuais, e aproximando-a da prática jornalística, como fizemos anteriormente. Nesse sentido, poderíamos lançar mão da ideia que a própria palavra evoca para

melhor explicitar o que propomos como roteirização para o jornalismo: a ideia de percurso, caminho a ser trilhado, trajeto ou itinerário de uma viagem.

É assim que chegamos à concepção metafórica de um *mapa*, instrumental capaz de guiar e orientar o percurso. A roteirização que propomos implica, então, uma organização minimamente compreensível de um processo a ser realizado, de uma ação a ser desenvolvida: assim como de um passeio, de uma novela ou de um filme, também de uma reportagem especial argumentativa. O mapa não é o percurso ou o roteiro, a ser definido por cada viajante/produtor, mas ele apresenta as possibilidades para esboçá-lo à medida que fornece informações essenciais à realização de múltiplos trajetos. Mapa e roteiro possuem, portanto, funções distintas, mas que conduzem à concretização do mesmo objetivo. O mapa é estável, sólido, regular e representa a estrutura, a base, o campo onde se desenvolvem os roteiros, que são os fluxos dinâmicos, movimentos e trajetórias a serem programados, de acordo com o fim que se deseja alcançar. Roteirizar é uma ação, e implica traçar rotas, percursos, processos a serem desenvolvidos em etapas.

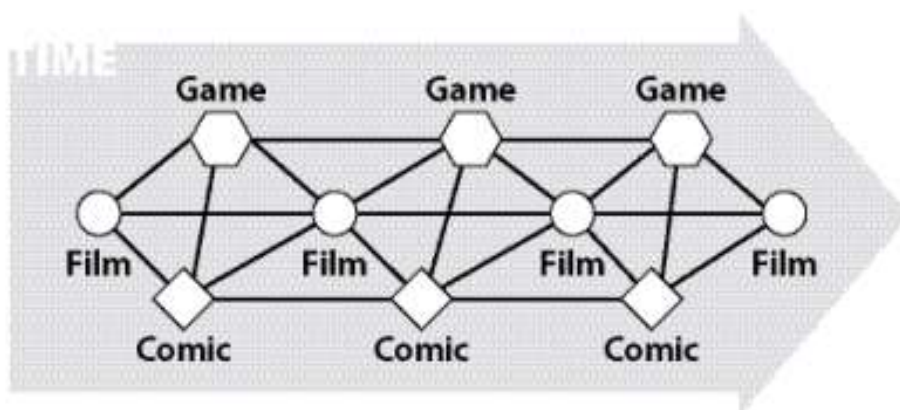
4.2.1 A representação visual para compreensão transmídia

A representação visual dos textos e de seus fluxos entre as diferentes mídias e plataformas vem sendo utilizada recorrentemente para ajudar a compreender a dinâmica das produções que se utilizam do modelo de produção transmídia. A razão é que diagramas, organogramas, redes conceituais e semânticas, mapas mentais e esquemas são formas de representação daquilo que a linguagem verbal não consegue explicar satisfatoriamente. A pergunta “Entendeu, ou quer que eu desenhe?”, muitas vezes usada em sentido jocoso quando o interlocutor não compreende plenamente algo, revela, na verdade, como técnicas de caráter visuais, estruturais e conceituais auxiliam na compreensão de fenômenos complexos, como aqueles que envolvem a convergência midiática e a cultura participativa, a exemplo do modelo de produção transmídia.

A maioria das representações visuais de narrativas transmídia, no entanto, destaca as relações entre mídias e plataformas e pouco se ocupam em ‘desenhar’ sua organização narrativa. Tomando como referência a definição de *transmedia storytelling* proposta por Jenkins (2009, p. 138), boa parte desses esquemas preocupam-se em explicar as possibilidades de como a produção deve “desenrolar-se através de múltiplas plataformas de mídia”, deixando a parte narrativa – “com cada novo texto contribuindo de maneira distinta e valiosa para o todo” – sem maiores esclarecimentos. Percebemos essa ênfase, por exemplo, na representação de

Long (2007), que destaca a sequencialidade da distribuição dos textos e nas mídias (Figura 10), mesmo realce dado por Bernardo (2011) (Figura 11) e Scolari (2013) para representar a Narrativa Transmídia *The Matrix* (Figura 12) ou ainda no fluxo dos usuários proposto por Hayes (2011) (Figura 13).

Figura 10 – Representação de *transmedia storytelling*



Fonte: Long, 2007, p. 15.

Figura 11 – Modelo de bíblia transmídia

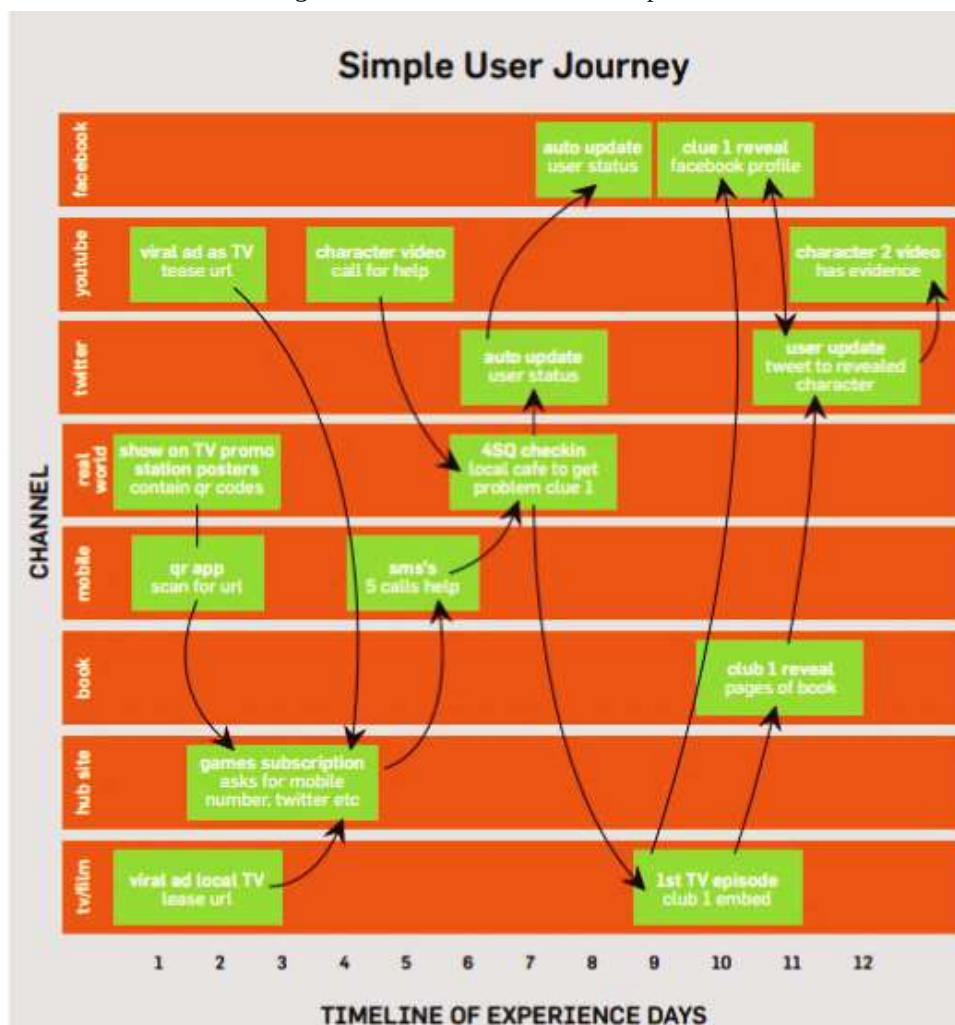


Fonte: Bernardo, 2012 *apud* Massarolo, 2016.

Figura 12 – Infográfico da Narrativa Transmídia *The Matrix*

Fonte: Scolari, 2013, p. 36.

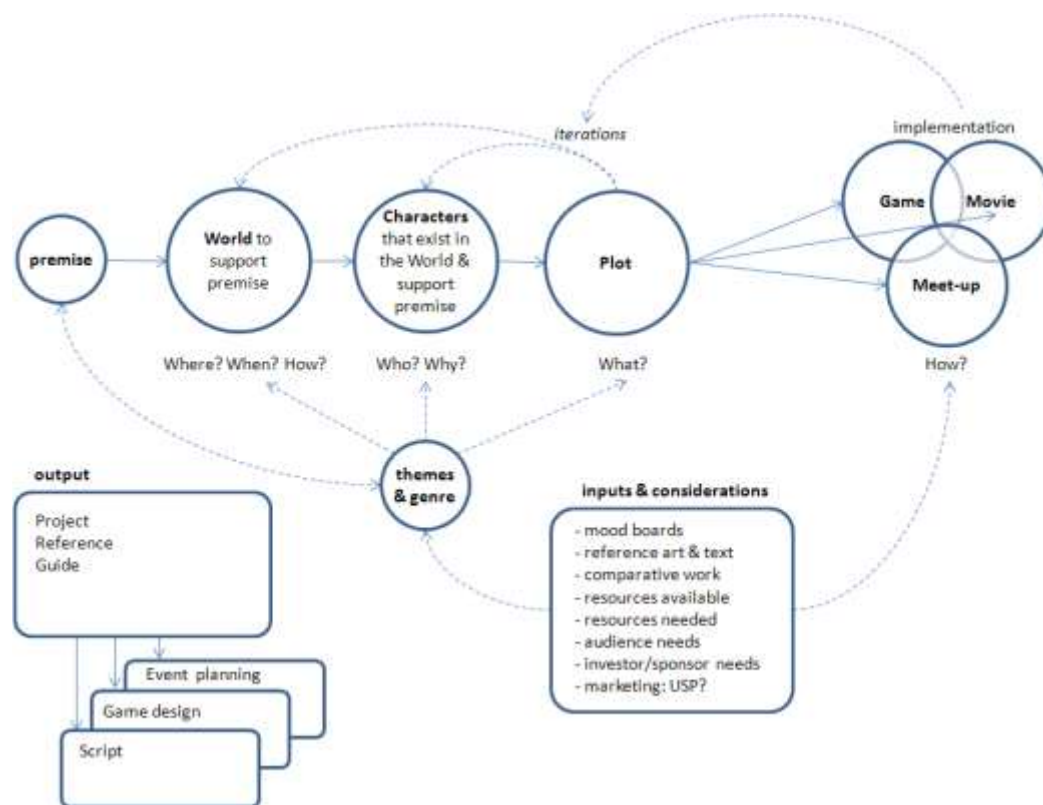
Figura 13 – Jornada de usuário simples



Fonte: Hayes, 2011, p. 8.

A representação visual de uma produção transmídia proposta por Pratten (2011) (Figura 14) destaca o viés narrativo mas tende a se perder em outro extremo: ao incluir um conjunto amplo de elementos – espaços, personagens, enredos, pontos perdidos, histórias paralelas, gêneros, plataformas de mídia, canais e franquias – torna confusa sua compreensão.

Figura 14 – Criação da ideia inicial para *Parasitas*

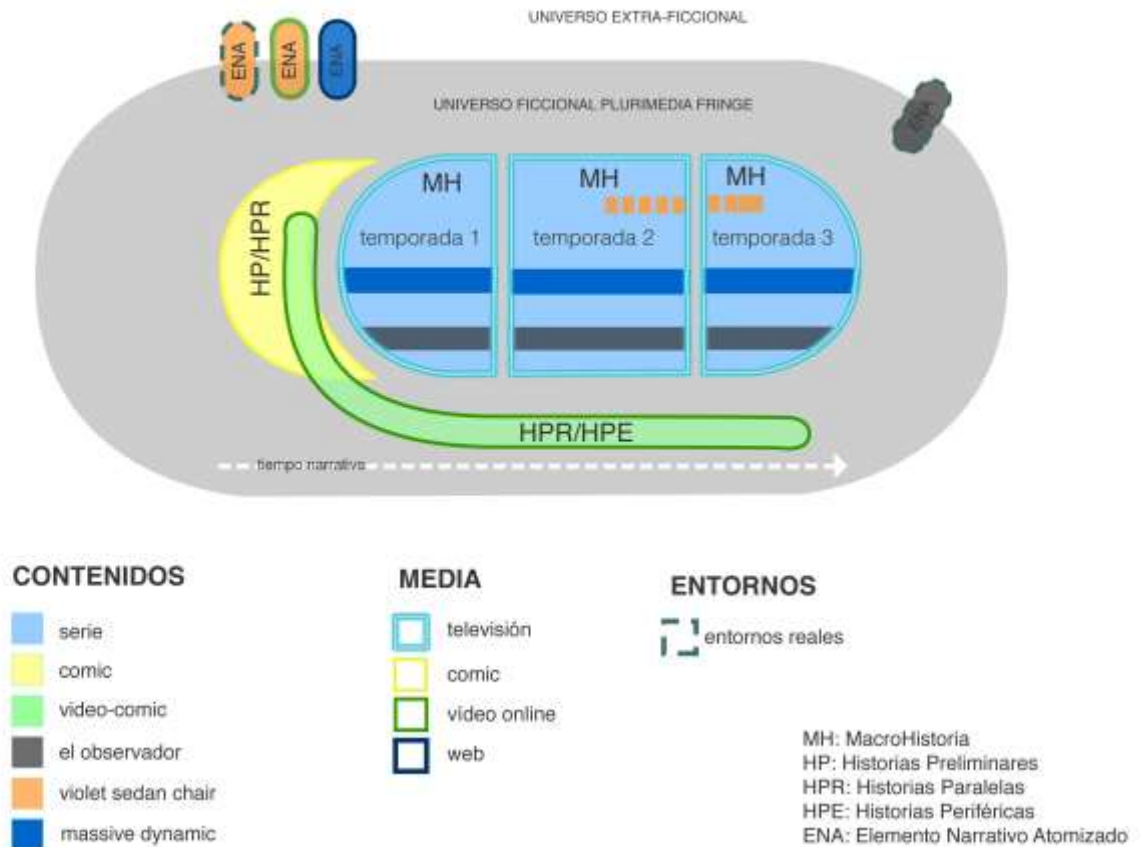


Fonte: Pratten, 2011.

A proposta de Gonçalves (2011) (Figura 15), incorre em risco semelhante ao adotar um mapa transmídia do universo ficcional para representar os elementos narrativos – as relações entre as partes da história – e midiáticos – as mídias e plataformas através das quais os textos se expandem, tendo como pano de fundo a temporalidade narrativa⁶.

⁶ O autor baseia-se na perspectiva narratológica desenvolvida por Scolari para narrativas transmídia que se expandem a partir de uma macro-história, espécie de programa narrativo de base a partir do qual derivam os demais conteúdos. As estratégias retomadas por Gonçalves (2011) referem-se a níveis de relação com a macro-história diferenciados pela temporalidade da narrativa: histórias preliminares (HP), que se passam antes dos eventos ocorridos na macro-história; histórias paralelas (HPR) – desenvolvida no mesmo tempo narrativo da macro-história; e histórias periféricas – que mantêm pouca relação com a macro-história, sem temporalidade definida. O autor acrescenta ao modelo narratológico outra categoria denominada elemento narrativo atomizado, caracterizado pelo aprofundamento de outros elementos narrativos, sem implicações na narrativa da macro-história.

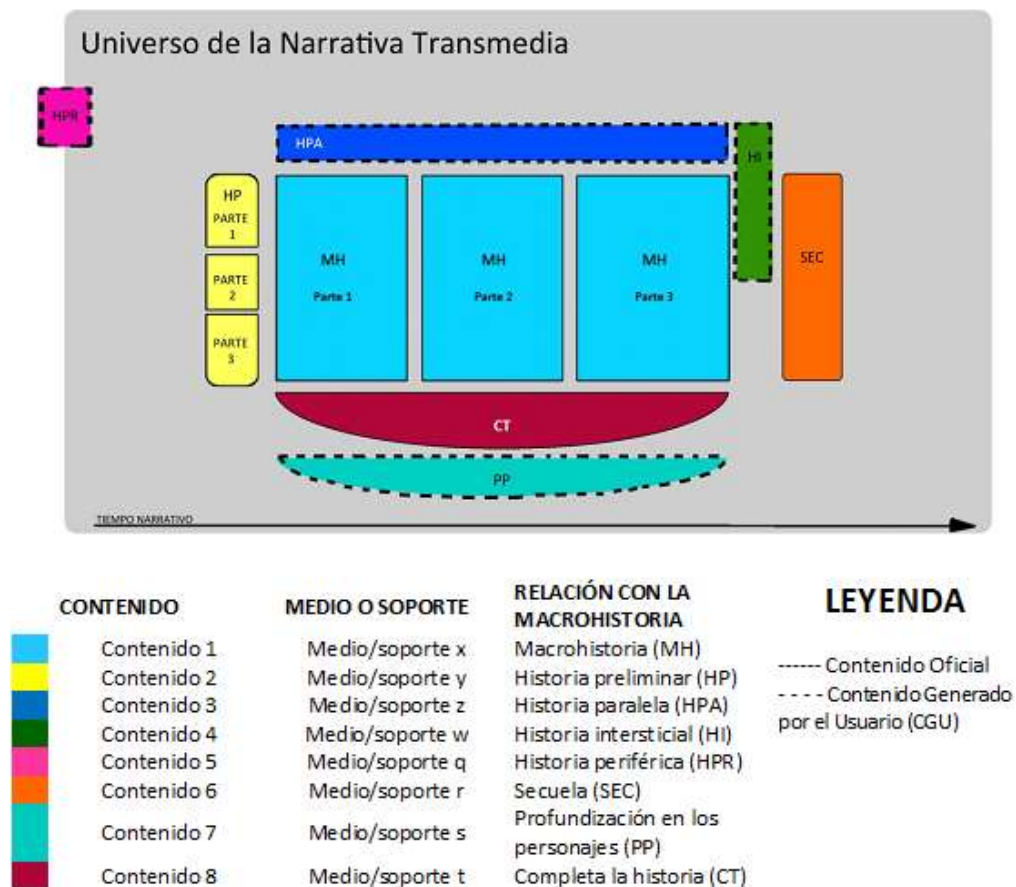
Figura 15 - Mapa Transmídia

MAPA TRANSMEDIA / FRINGE

Fonte: Gonçalves, 2011, p. 61.

Com base nessa representação, Carrizo e Díaz (2015) elaboram uma outra, denominada de Mapa genérico do universo transmídia (Figura 16), que se apresenta como um modelo de análise e roteirização aplicável a diferentes produções transmídia. A proposta recorre à estrutura clássica de narrativa própria de produções para o entretenimento, na qual se sobressaem os elementos figurativos de tempo, atores e espaço.

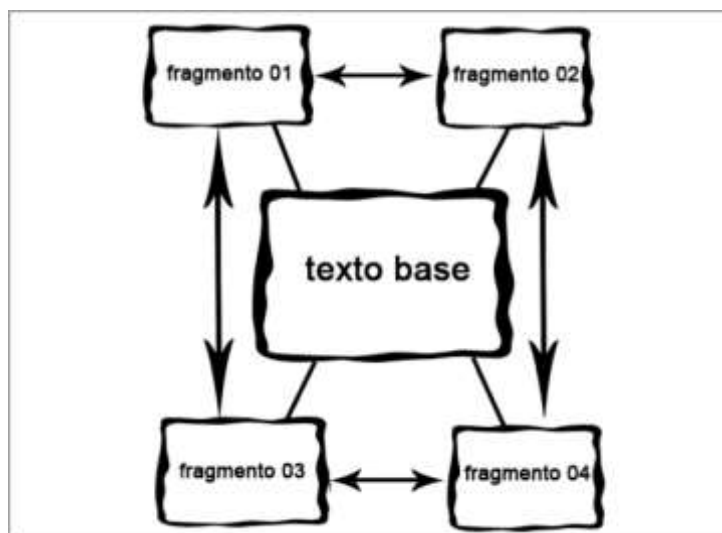
Figura 16 – Mapa genérico do universo transmídia oficial e extraoficial de uma narrativa transmídia



Fonte: Carrizo e Díaz, 2015, p. 278.

A representação visual transmídia mais conhecida voltada especificamente para produção jornalística é um fluxograma (Figura 17), proposto por Renó e Flores (2012), cujo método já mencionamos. Apesar de, como evidenciamos, a proposta apresentar características mais próximas de produções multimídia ou multiplataformas/crossmídia, o esquema dos autores é pertinente para pensar a roteirização transmídia pois nele devem ser programadas todas as ligações entre o texto base e os fragmentos, quanto destes entre si.

Figura 17 – Fluxograma Circular Rizomático



Fonte: Renó e Flores, 2012, p. 64.

Se considerarmos a organização de reportagens de cobertura de grandes acontecimentos baseados na narração propriamente dita (tipologia textual) como nas histórias de fruição, o Fluxograma Circular Rizomático até poderia ser utilizado com as configurações que as práticas e técnicas jornalísticas exigem. Para reportagens especiais argumentativas, no entanto, o modelo necessitaria de maior detalhamento. Foi considerando esta especificidade que procuramos desenvolver um instrumental para sua roteirização, que partiu do modo como representamos, em trabalho anterior, as análises desse tipo de reportagem.

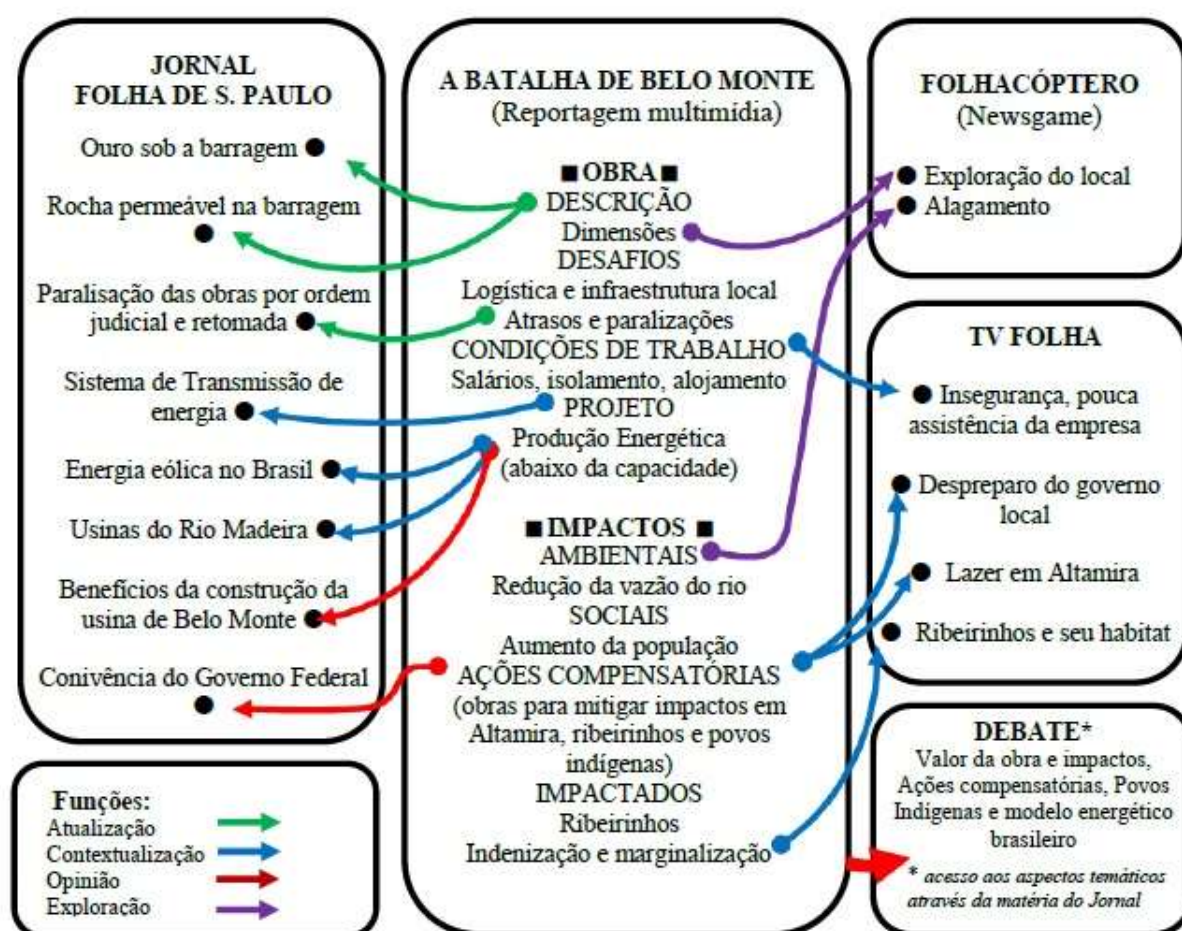
4.2.2 Da representação analítica à representação operacional

Tomando como referência o modo como representamos as relações entre os textos dos dossiês temáticos da série *Tudo Sobre*, produzida pela Folha de S. Paulo (cujas contribuições recuperamos no capítulo segundo), buscamos agora, partindo dos mesmos elementos utilizados para aquelas representações, elaborar uma estrutura-base, que denominamos mapa midiático-temático, capaz de evidenciar as relações temáticas entre os textos para diferentes mídias e de servir, assim, de referência para novas produções.

Na condensação da análise do processo de expansão temática do dossiê *Tudo Sobre Belo Monte* (Figura 18), o mais emblemático das produções analisadas, podemos vislumbrar três níveis fundamentais que constituem as estratégias de expansão nessas produções: os aspectos temáticos tratados no texto de referência, que se desdobram/derivam em outros textos (essa ligação é caracterizada pelas linhas de setas); as mídias e plataformas utilizadas para

distribuição desses textos (representado pelos retângulos arredondados); e as funções predominantes de tais textos quando postos em relação aos aspectos temáticos abordados no texto de referência – atualizar, contextualizar, opinar e explorar (simbolizados pelas cores das linhas)⁷. Consideramos estas dimensões como essenciais para caracterização de uma narrativa transmídia, uma vez que explicitam o processo de expansão textual (a hipertextualidade, segundo Genette (2010)) para outras mídias e plataformas – a partir dos aspectos temáticos –, sem deixar de contemplar os efeitos de sentido que tais textos promovem.

Figura 18 – Expansão temática do especial *Tudo Sobre Belo Monte*



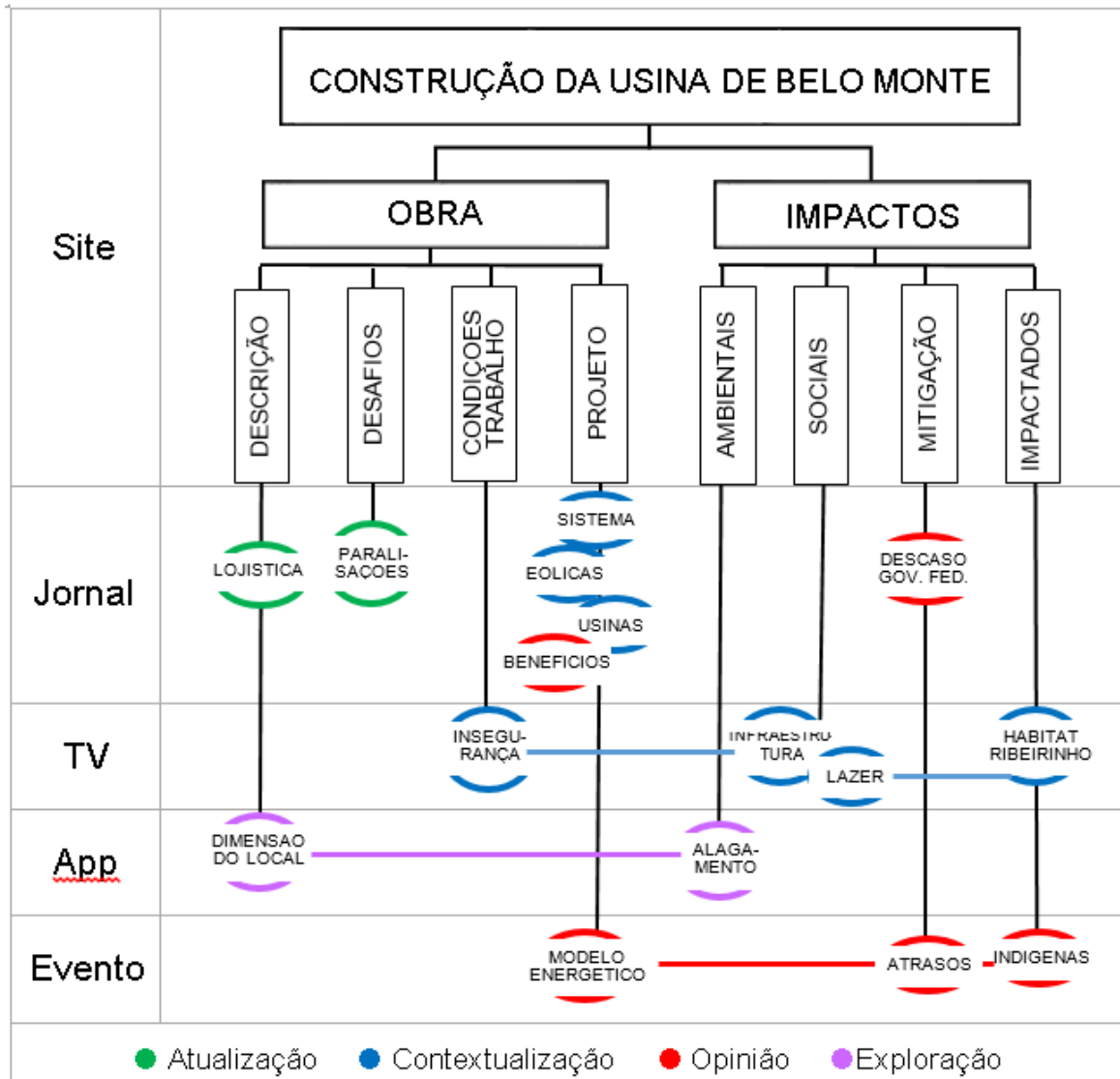
Fonte: Macedo, 2019, p. 82.

A partir dessa representação, operamos uma transição metodológica. Se os mapas analíticos permitiam vislumbrar mais concretamente a organização e o sistema de relações nos quais se estruturavam as reportagens especiais transmídia expositivo-argumentativas,

⁷ Detalharemos melhor cada uma das funções presentes na Figura 18 na parte final dessa sessão.

assumimos a hipótese que mapas mais genéricos que representem os elementos e aspectos essenciais dessas produções podem servir como instrumentais para sua roteirização. Para isso faz-se necessário, num primeiro momento, a reformulação da representação analítica ainda com as marcas do *corpus* (Figura 19), demonstrando mais concretamente a estrutura e o sistema de relação desse tipo de reportagem.

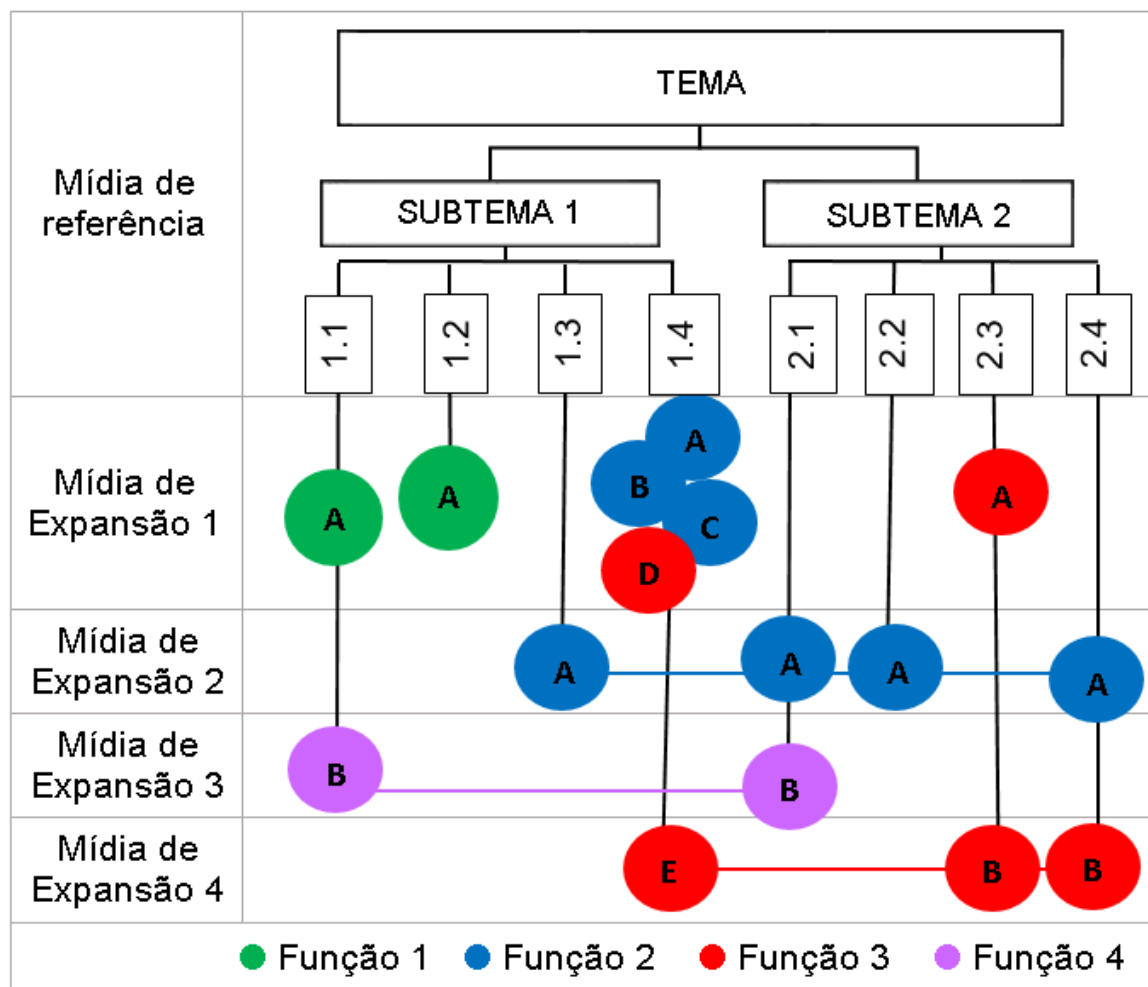
Figura 19 - Mapa Midiático-temático do Especial *Tudo Sobre Belo Monte*



Fonte: elaborado pelo autor.

Mas é preciso ainda uma nova reelaboração da representação da reportagem, mais genérica e abstrata, de forma a torná-la menos atrelada ao *corpus*, que revele de maneira mais geral seu modo de organização, sua estrutura, seu esquema (Figura 20). Nela se mantém, no entanto, os campos e elementos essenciais: mídias, percurso temáticos e funções dos textos.

Figura 20 – Mapa midiático-temático genérico do especial *Tudo Sobre Belo Monte*



Fonte: elaborado pelo autor.

O Mapa midiático-temático mais genérico com base no especial *Tudo Sobre Belo Monte* (Figura 20) é como que uma radiografia da representação anterior (Figura 19), de maneira a transformar os elementos temáticos do corpus analisado em categorias representadas por números e letras a fim de vislumbrá-lo de maneira mais sistemática. Nesse primeiro exercício de generalização, ainda que não sejam nomeadas, estão subjacentes algumas marcas da organização do especial *Tudo Sobre Belo Monte*, a exemplo das mídias utilizadas e das funções dos textos de expansão.

Na representação mais genérica (Figura 20) podemos visualizar o desenvolvimento de uma reportagem cujo percurso discursivo estrutura-se em dois grandes subtemas, que se desdobram em aspectos temáticos. Estes, por conseguinte, podem até ser abordados mais de uma vez na mesma mídia (caso do aspecto temáticos 1.4), porém com tratamentos e abordagens (indicados pelas letras A, B, C e D) e funções distintas (cores azul e vermelha). Outra

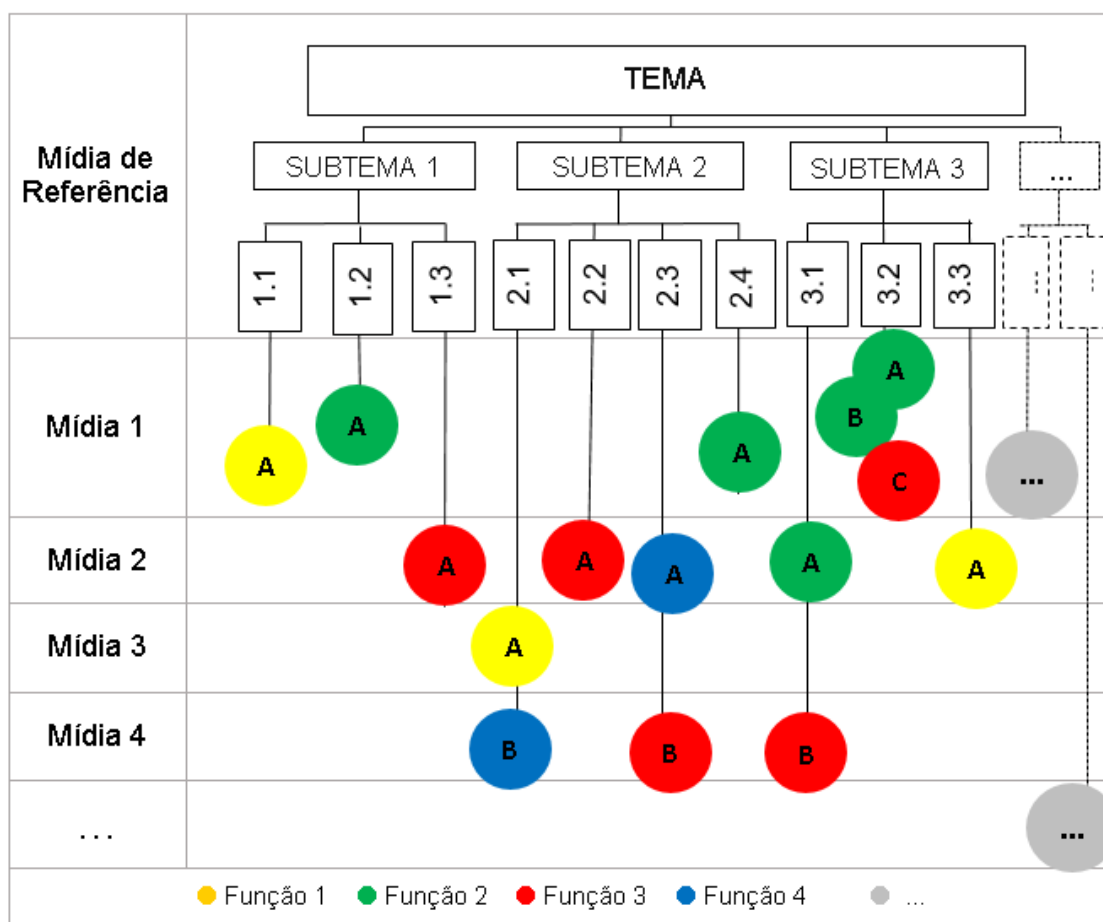
informação perceptível através do mapa é de como determinadas mídias/plataformas desenvolvem certas funções, ainda que não exclusivamente: o texto desenvolvido na Mídia de expansão 3 presta-se mais à exploração de dois aspectos temáticos diferentes; o texto da Mídia 2 investe na contextualização; e a Mídia 4 busca desenvolver aspectos temáticos por opinião. A Mídia 1 se destaca como a que mais expande a narrativa, deixando entrever sua importância, mesmo com o nível de abstração proposto.

Na transposição da análise de outras reportagens da mesma série, os esquemas apresentaram variações de acordo com a mobilização midiática, temática e das funções das estratégias⁸. A comparação desses mapas demonstra que o modelo adotado pela Folha mantém uma certa estrutura, mas ao tempo se mostra flexível em relação aos percursos temáticos e esquemas argumentativos tanto do texto de referência quanto dos textos de expansão: pode-se privilegiar alguns aspectos temáticos e mídia ou plataforma em detrimento de outros; um mesmo texto desenvolve mais de um aspecto temático ou se subdivide em outros aspectos, gerando níveis hierárquicos temáticos; e temas controvertidos convocam mais à discussão dos destinatários-consumidores e, conseqüentemente, mais textos de expansão por opinião.

O que desenvolvemos até aqui foram mapas midiático-temáticos que contém percursos de reportagens transmídia já produzidas. Uma generalização ainda maior dos elementos desse instrumental, ou melhor, o descolamento do roteiro da reportagem do mapa midiático-temático propriamente dito, permitiu uma representação bem mais abstrata, a ponto de ser possível traçar qualquer rota a partir de um novo tema, utilizando mídias e plataformas distintas e com funções específicas. O mapa midiático-temático torna-se, então, uma estrutura-base, que pode ser preenchida de maneira original e múltipla por textos que aprofundem o tema proposto (Figura 21). Foi, portanto, de mapa traçado *a posteriori* para identificação de uma narrativa transmídia jornalística que avançamos até a proposição de um mapa *a priori* capaz de funcionar como instrumento para roteirizar a produção desse tipo de reportagem.

⁸ Apêndice B – Mapas Midiático-Temáticos dos Especiais *Tudo Sobre*.

Figura 21 – Modelo hipotético de Mapa midiático-temático de reportagem transmídia



Fonte: elaborado pelo autor.

Na estrutura do mapa midiático-temático, as mídias e plataformas já não serão mais nomeadas, pois sua escolha depende do conjunto de meios à disposição dos destinadores-produtores e que favoreçam, especificamente, a distribuição dos textos. Da mesma forma, as funções que os textos associados exercem em relação ao texto de referência, que podem ser pensados, hipoteticamente, a partir da seguinte pergunta: “Que função esse novo texto desempenhará do ponto de vista temático em relação ao texto de referência?”. Além daquelas já identificadas (atualização, contextualização, opinião e exploração), pesquisa realizada em outro *corpus* (Macedo, 2022) e o próprio estudo da reportagem especial argumentativa nos fizeram sustentar que também a orientação é uma das funções que os textos de expansão transmídia podem assumir nesse tipo de produção. Anteciparemos, assim, a descrição mais geral destas funções (Quadro 5), de modo a tornar mais compreensível a proposta, ressaltando que não se trata de uma homologação, termo a termo, com as finalidades jornalísticas identificadas num nível mais externo do texto, das atitudes enunciativas. A categorização das

funções dos textos de expansão considera a correlação entre as funções discursivas dos textos de uma reportagem especial argumentativa (informar, interpretar e contextualizar, mediar o debate público, instruir e orientar e promover experiências de fruição), que se sustentam em critérios de noticiabilidade como atualidade e originalidade, repercussão e interesse público, controvérsia e conflito, utilidade e serviço, descobertas etc., como também em princípios mais específicos das produções transmídia, como alguns dos levantados por Jenkins (2009b, 2009c) como potencial de profundidade, imersão na história e extração de elementos para sua vida cotidiana.

Quadro 5 – Descrição das funções dos textos de expansão transmídia no Jornalismo

Contextualização	São textos que detalham algum aspecto relevante que não havia sido desenvolvido de forma mais ampla no texto de referência. São menos factuais e buscam aprofundar um aspecto atemporal. Apresentam-se quando algum aspecto temático do texto de referência alongaria demais o percurso argumentativo da reportagem ou promoveria uma certa digressão. Podem explorar uma certa serialização de formatos, a exemplo de entrevistas, perfis etc.
Opinião	São textos que discutem pontos de vista sobre aspectos do tema considerados polêmicos e expressam uma posição frente ao assunto. Os desdobramentos podem se dar pela ampliação de vozes no discurso, através de fontes que corroboram um e/ou outro ponto de vista, ou pelo debate mais explícito que seleciona determinados aspectos temáticos (já mencionados no texto de referência) para corroborá-los ou refutá-los, produzindo um juízo de valor sobre a questão.
Exploração	Estes textos proporcionam uma experiência relacionada a algum aspecto abordado no texto de referência, enfatizando um “fazer sentir”, ou seja, a dimensão sensorial relacionada a algum aspecto da narrativa jornalística. São formatos que fazem o destinatário adentrar de maneira mediada na realidade da história, muitas vezes propondo vivências no local dos acontecimentos ou fazendo que sintam mais de perto uma determinada situação, seja através de novas tecnologias (<i>newsgames</i> , vídeos em 360 graus e aplicativos de realidade virtual aumentada) ou de atividades presenciais que ressaltem essas dimensões.
Orientação	São textos nas quais se destaca uma matriz injuntiva, que instruem ou oferecem informações para serem utilizadas no dia-a-dia do público, associando-se a uma dimensão mais pedagógica e de utilidade pública do jornalismo. São textos de prestação de serviço que orientam de alguma forma um processo de “extração” do tema para a vida através de dicas, recomendações, roteiros etc.
Atualização	São textos com o objetivo de trazer informações mais recentes dos acontecimentos relacionados à reportagem especial após sua publicação: uma decisão judicial, uma data alusiva ou uma proposta de lei ou abaixo assinado desencadeado pela própria reportagem. Pelo caráter de imprevisibilidade, não podem ser roteirizados, mas pode-se apontar possibilidade de acompanhamento para o caso de ocorrerem e, assim, serem incorporados à produção transmídia numa espécie de suíte.

Fonte: elaborado pelo autor.

O mapa midiático-temático considera o desdobramento de aspectos temáticos em mídias e plataformas tanto horizontalmente, pela progressão numérica no texto de referência, como verticalmente, em níveis hierárquicos indicados por letras nos textos de expansão. Esta forma de aprofundamento pode ser explorada de acordo com a abordagem que os destinadores-produtores queiram dar ao tema, bem como as condições próprias de produção jornalística. No modelo hipotético (Figura 21), o tema da reportagem especial se constituiria de três grandes subtemas com seus respectivos aspectos temáticos, que por sua vez se desdobrariam em textos para outras mídias e plataformas. Os dois últimos subtemas desenvolveriam mais textos complementares que o primeiro, assim como se utilizariam de uma maior variedade de mídias e plataformas. Prevaleceriam também as funções 2 (verde) e 3 (vermelha), seguidas pelas funções 1 (amarela) e 4 (azul) nos textos de expansão, enquanto que a mídia ou plataforma 1 seria a mais acionada para expansão transmídia. Na hipótese apresentada, planeja-se a produção de textos que desdobram um mesmo aspecto temático, a ser veiculado em uma mesma mídia ou plataforma, porém com abordagens e funções distintas: trata-se do aspecto temático 3.2, desenvolvido na mídia 1 com função verde (A e B) e função vermelha (C). Um mesmo aspecto temático também se expande para mais de uma mídia ou plataforma com abordagens e funções diferenciadas (casos dos aspectos temáticos 2.1, 2.3 e 3.1).

Fica evidente a possibilidade de diferentes percursos em cada uma das variáveis que constituem a estrutura do mapa midiático-temático – aspectos temáticos, mídias/plataformas e funções dos textos de expansão –, de acordo com a proposta do projeto a ser desenvolvido. Segundo a dinâmica própria da transmidiação, é importante atentar para a necessidade de que tais roteiros sejam planejados levando em conta a possibilidade de que apenas um ou parte dos textos sejam acessados pelos destinatários-consumidores, devendo, portanto, ser autônomos e, ao mesmo tempo, remeter ao texto de referência ou aos demais textos associados.

O exercício teórico que empreendemos para identificar a organização subjacente de uma reportagem transmídia de forma mais “descolada” de um objeto concreto de análise, fundamentou-se na metodologia semiótica e na lógica implícita no percurso gerativo de sentido, em que “na análise, caminhamos do mais concreto ao mais abstrato, do mais complexo ao mais simples” e “na produção, faz-se o caminho inverso” (Fiorin, 2000, p. 17). Dessa maneira, o mapa pretende comportar a organização de qualquer reportagem especial argumentativa transmídia, podendo ser revestido de diferentes manifestações (de temas e subtemas, de mídias/plataformas e de funções), segundo a abordagem que os destinadores-produtores desejem conferir ao projeto. Do ponto de vista da expressão, a escolhas das mídias e plataformas utilizadas, como já nos referimos, devem levar em consideração as particularidades de

linguagens, os modos de consumo e audiências, assim como os cruzamos possíveis em razão de suas naturezas e especificidades, de modo a melhor contribuir para a abordagem do tema. Do ponto de vista do conteúdo, o texto de referência, organizado horizontalmente na forma de subtemas e aspectos temáticos correspondentes, expande-se verticalmente através de novos textos, gerando acréscimos informativos nos quais predominam certas funções jornalísticas.

4.3 A roteirização com o mapa midiático-temático

O mapa midiático-temático auxilia o profissional de jornalismo a tomar consciência do seu discurso e das abordagens que deseja imprimir aos acontecimentos que reporta. Reunir diferentes aspectos de um problema ou questão, de modo a vislumbrá-lo por tópicos, reduz as possibilidades de percursos argumentativos fragmentados e sem coerência, que, apesar de retratarem uma situação, podem não apresentar seu sentido mais pleno ou favorecer a tomada de decisões. A organização da reportagem a partir de um percurso temático seguindo esquemas argumentativos mais gerais facilita também a pesquisa jornalística, porque os temas, enquanto elementos englobantes, ajudam a categorizar e ordenar a realidade percebida pelos sentidos.

Daí decorre uma primeira característica do mapa midiático-temático: permitir a visualização global do projeto transmídia. Essa visão macro torna-se imprescindível em um tipo de produção que lida com conteúdos, gêneros, linguagens, plataformas e mídias distintas. Projetar o percurso temático também não limita ou “engessa” a produção, pois somente no processo de apuração será possível confirmar ou refutá-lo. O roteiro que propomos, baseado em aspectos temáticos, define apenas as linhas gerais da investigação, tendo como base também uma pré-apuração, uma pesquisa bem realizada capaz de delimitar o assunto a ser tratado ao estabelecer um certo recorte da realidade e evitar digressões desnecessárias à abordagem de um tema.

É preciso ressaltar ainda que a qualquer momento será possível alterar as rotas traçadas previamente, tomar atalhos, suprimir paradas desnecessárias ou acrescentar outras imprescindíveis, que só serão vislumbradas quando o trajeto se inicia. Tal como a noção de roteiro já discutida, o mapa midiático-temático não pretende ser camisa de força, especialmente diante das imprevisibilidades do processo de apuração e dos apelos que a própria realidade empírica faz. Qualquer alteração, porém, tenderá a ser avaliada quanto a sua coerência no percurso mais geral já estabelecido, outra vantagem que a visão geral dada pelo mapa midiático-temático proporciona.

4.3.1 Mídia e texto de referência

No plano de fundo do mapa midiático-temático estão as mídias e plataformas utilizadas, que podem ser escolhidas levando em consideração as particularidades e contribuições que podem dar ao projeto e ao desenvolvimento do tema. A definição do tema do texto de referência, que pode ser uma reportagem especial ou série de reportagens argumentativas, bem como da mídia de referência, será a primeira etapa do processo de roteirização propriamente dito. A partir desse texto nuclear, estruturado na parte superior do mapa midiático-temático, serão desenvolvidos os textos de expansão para outras mídias.

Mídia e texto de referência devem estar profundamente atrelados visando desenvolver o plano argumentativo da reportagem. Temos observado que boa parte dos projetos transmídia em jornalismo tem como mídia de referência a web, estruturando reportagens multimídias *longform* em hotspots agregados ao portal do veículo que se utilizam de diversas linguagem (textos, fotografias, vídeos, sons, infográficos e mapas interativos) para desenvolver os principais aspectos temáticos que envolvem a história. Esse foi o caso dos especiais *Tudo Sobre*, que, mesmo tendo a mídia impressa (jornal) como carro-chefe do conglomerado, optou pela web também pela acessibilidade espacial e temporal que a plataforma promove, favorecendo uma maior circulação e incentivo ao consumo. Como vimos, mídias de massa como jornal e a revista, o rádio e a televisão podem também desenvolver reportagens especiais, ainda que no ecossistema midiático atual elas exijam uma maior disposição e fidelização dos seus destinatários-consumidores.

A escolha da mídia ou plataforma e a estruturação do percurso temático do texto de referência podem ocorrer simultaneamente à medida que se avança na pré-apuração do tema, quando os destinadores-produtores começam a idealizar a reportagem, mas pode acontecer também dessa escolha ser definida previamente pelas condições de produção. Em ambos os casos, torna-se imprescindível a associação do percurso temático ao suporte midiático e as suas linguagens.

Estabelecer o percurso temático do texto de referência significa avançar no eixo horizontal do mapa midiático-temático, considerando a natureza argumentativa da reportagem especial que se organiza “em torno de uma tese enunciada explícita ou implicitamente” (Fiorin, 2015, p. 241). A primeira etapa, como vimos, consiste em “encontrar os temas”, ou mais precisamente, identificar as questões que se deseja abordar, definindo o “problema” a partir de um certo recorte da realidade empírica, e a “tese”, a proposta de abordagem baseada em hipóteses a serem confirmadas ou não ao longo da apuração. A seguir, esses temas podem ser

organizados em um percurso coerente, cujas bases podem ser os planos dissertativos apresentados no capítulo anterior, que se constituem de: uma introdução, na qual se enuncia o problema; um desenvolvimento, que pode tanto empregar estruturas mais recorrentes (como nos Plano inventário, Plano ilustração e explicitação de uma informação, Plano comparativo, Planos dialético e Plano problema, causas e soluções), como admitir diferentes combinações de elementos argumentativos; e uma conclusão ou balanço da discussão.

Estes modos de organização argumentativa podem ser considerados para auxiliar no desenvolvimento do percurso temático, que está na base da lógica de roteirização proposta pelo mapa. No entanto, como são um processo subjacente ao raciocínio empregado em uma construção argumentativa qualquer, não precisam ser incorporados diretamente à representação proposta no mapa. Podem desempenhar, no entanto, uma função heurística importante, subsidiando o processo de roteirização do texto de referência.

Propomos um nível de detalhamento do texto de referência que se estrutura hierarquicamente em tema, subtema e aspectos temáticos. O tema mais geral, delimitado de acordo com o problema e a proposta (tese) que se deseja abordar, divide-se em subtemas, que por sua vez agrupam diferentes aspectos temáticos. Podemos associar os subtemas, em princípio, as partes ou capítulos da reportagem, ou no caso de uma série, aos episódios ou fascículos, de maneira a facilitar o processo de investigação jornalística e, posteriormente, de compreensão do tema, ainda que as relações entre os aspectos temáticos extrapolem os subtemas ao qual pertençam e, por vezes, seja necessário fazer retomadas, referências ou associações. Um aspecto temático, por exemplo, pode ser a passagem de um subtema a outro, isto é, pode ser o gancho para finalizar uma parte/capítulo/episódio e iniciar a discussão no seguinte, de maneira a continuar sua abordagem, porém sob um novo enfoque.

4.3.2 Mídias e textos de expansão

O roteiro da reportagem especial se caracterizará como transmídia à medida que a parte inferior do mapa midiático-temático começa a ser elaborada, ou seja, quando o tema trabalhado começa a exigir abordagens que o texto de referência não consegue incorporar, fazendo-se necessário outras mídias e plataformas para melhor discuti-lo. Isso pode acontecer quando um dos aspectos temáticos desenvolvidos no texto de referência tende a se ampliar de tal forma que abordá-lo naquele espaço desviaria do percurso argumentativo, operando uma certa digressão temática que poderia afetar a argumentação geral. O texto de expansão pode ser compreendido

como aquele que transborda, que extrapola os limites da organização textual inicialmente estabelecida e pede abordagem, linguagem, formato e mídia ou plataforma diferenciados.

Para marcar a relação dos textos de expansão com os aspectos temáticos do texto de referência, utilizamos linhas que ligam as representações (no caso do modelo hipotético apresentado na Figura 21, eles correspondem as letras dentro de círculos). Esse trabalho exige uma atenção especial, já que as estratégias de expansão são as que melhor caracterizam a narrativa transmídia através do desdobramento narrativo – no nosso caso, de textos argumentativos, através do desdobramento temático.

A recomendação é evitar que os aspectos temáticos se repitam, mesmo que apresentados com fontes e linguagens diferenciadas. Nesse caso, não se trataria apenas de combater a prática *shovelware* (Salaverria; Negredo, 2008; Canavilhas, 2018), isto é, a replicação de textos em diferentes plataformas, com alguma adaptação, em certos casos, e que se aproximam mais de uma prática crossmídia. Assim, para se propor estratégias de expansão, o aspecto temático do texto de referência deve ser ampliado, desdobrado em outro aspecto, e não apenas figurativizado de uma forma diferente⁹.

Assim, a maneira encontrada para pensar novos textos foi considerar as funções predominantes entre eles. Podemos retomar a pergunta feita anteriormente, agora, porém, de maneira a sugerir possibilidades: “Como determinado aspecto temático pode ser desdobrado/aprofundado/complementado em outra mídia/plataforma? Contextualizando-o? Atualizando-o? Explorando-o? Opinando? Orientando?”¹⁰. As respostas a estas questões farão surgir propostas de abordagens que poderão expandir o texto de referência.

Atribuir funções aos textos de expansão ajuda não somente a concebê-los, como também a dar sentido ao conjunto global do projeto transmídia, conferindo mais qualidade à abordagem do tema. Nesse sentido, postulamos que as produções transmídia no jornalismo, para além de buscar maior alcance das publicações deveriam visar a qualidade informativa com ampliação e confronto de diferentes vozes dos atores envolvidos na discussão e uma maior contextualização das temáticas tratadas.

Um texto de expansão pode, ao mesmo que desenvolve opinião, contextualizar um aspecto temático. Apesar disso, no emprego do mapa, recomenda-se identificá-lo com a cor

⁹ Fiorin (2000, p. 68) exemplifica: “Pode-se figurativizar o tema do exotismo com sol, palmeiras, mulatas desnudas, samba, praias, ou ainda com pinheiros, neve, esportes de inverno, casacos de pele”. Do mesmo modo, quando uma reportagem se utiliza de fontes diferentes, mas apresenta relatos de situações e questões semelhantes, sem aprofundar outras questões ou pontos de vista, está figurativizando um mesmo aspecto temático, ou seja, apenas ilustrando-o e enfatizando sua pertinência, e não o desdobrando.

¹⁰ Considere-se a descrição proposta no Quadro 5 - Descrição das funções dos textos de expansão transmídia no Jornalismo, página 126.

referente a função que prevalece, a fim de vislumbrar a tônica que se deseja dar ao projeto transmídia, confrontando-a com a proposta (tese), ao final do processo. Trata-se de um exercício de avaliação capaz de fazer perceber a ênfase da abordagem. Se pensarmos, por exemplo, um tema controverso, que por sua natureza provoca discussão e pede diferentes olhares, é de se esperar que, ao ser objeto de em uma reportagem transmídia, dê lugar a textos de expansão por opinião. Bastaria, então, uma rápida olhada para o mapa, atentando para a representação de determinadas funções por cores correspondentes, para constatar se a proposta contemplaria estratégias de expansão por opinião condizentes com uma expectativa social de abordagem.

O exercício de conceber os textos de expansão a partir de funções promove uma prática reflexiva sobre os propósitos de cada um deles no contexto mais global do projeto e permite avaliar questões como relação temática, formato e linguagens, elementos fundamentais que conferem sentido ao produto, além de evitar uma certa pulverização dos textos. Afinal, o modelo de produção transmídia não se caracteriza pela mera divisão de conteúdos para ser espalhado aleatoriamente em diferentes plataformas ou mídias. As estratégias transmídia são programas de engajamento que exigem um trabalho de produção de sentido, estabelecido através das relações narrativo-temáticas.

Saindo do plano do conteúdo, no qual se projeta o aspecto temático a ser desenvolvido e a função que o novo texto exercerá em relação ao texto de referência, partimos para o plano da expressão, no qual se definem os gêneros e as mídias ou plataformas que mais se adequam ao aspecto temático que se deseja trabalhar, considerando as condições de produção, as audiências e as materialidades que as formam. Com isso não estamos propondo, *a priori*, uma ordem para o planejamento da expansão transmídia, em que primeiro se pense o conteúdo e só depois a expressão, mesmo porque, como explicitamos, são planos indissociáveis¹¹. Imaginamos, por exemplo, que as condições de produção podem definir, desde o primeiro momento, o arranjo das mídias e plataformas para as estratégias de expansão e, a partir desse panorama inicial, serem traçadas as possibilidades de abordagem e desdobramento temático.

Para fomentar a interatividade, os textos devem convocar os destinatários-consumidores a práticas de *articulação*, através de links, QR Codes, endereços e outros indicativos para acessar um determinado conteúdo, e de *atuação*, estimulando comentários e respostas a recursos interativos como filtros, publicações e compartilhamentos. Na roteirização das estratégias de expansão (assim como nas de propagação, a serem criadas quando o projeto está

¹¹ Essa possibilidade poderá ser melhor verificada nos exercícios de roteirização realizados com estudantes de graduação, que serão descritos no capítulo seguinte.

ponto para ser publicado), tais “formas de resposta” dos destinatários-consumidores devem ser bastante consideradas.

4.3.3 Para além da representação visual

O mapa midiático-temático foi criado para roteirizar, através da representação visual, os percursos temáticos visando a apuração da reportagem e dos demais conteúdos transmídia. Ele tem o potencial de evidenciar a relação temática entre o texto de referência e os textos de expansão, de modo a evitar a redundância na abordagem e estimular ganhos informativos de diferentes modos através das funções que os textos assumem. O destinatário-consumidor que, numa primeira oportunidade, aceitar o convite dos destinadores-produtores para migrar de uma mídia/plataforma a outra e notar que o texto indicado consiste numa adaptação ou que pouco acrescentará à compreensão ou discussão da temática, tenderá a não aceitar uma nova convocação. Enunciados que prometem, de alguma forma, um certo acréscimo de informação tais como “Nós discutimos com mais profundidade...”, “E tem muito mais sobre...”, “...vão ajudar você a entender a situação...” (Macedo, 2022), podem quebrar o contrato transmídia implícito proposto entre produtor e consumidor quando não o cumprem, frustrando, muitas vezes, novas possibilidades deste último atender ao chamado para ir em busca de novas informações em outras mídias.

Se a primeira etapa da roteirização transmídia consiste em estabelecer as linhas gerais dos textos (de referência e de expansão) e os pontos de partida para investigação jornalística, é preciso logo depois concretizar (ou figurativizar) o conjunto dos aspectos temáticos. Ou seja, depois de abstrair, estimulando categoriais mais genéricas, sem uma determinação mais precisa de sentido para permitir os primeiros *insights* no processo de pré-apuração, será necessário concretizar cada um dos aspectos temáticos, dar-lhes forma, corpo, figura. Essa segunda etapa, tão imprescindível para avançar na roteirização quanto a primeira, foi incorporada ao mapa midiático-temático através de campos laterais e inferiores, nos quais devem ser melhor detalhados os textos. Acreditamos ainda que se possa desenvolver um documento à parte, mais organizado e completo, tendo como referência os principais elementos da pauta jornalística, citados anteriormente, inclusive as especificações de linguagens tanto do texto de referência com dos textos de expansão. Esse instrumento de planejamento do processo de apuração, como vimos, é bastante descritivo e capaz de detalhar questões mais voltadas para a produção, como abordagens, perguntas a serem respondidas, sugestão de imagens ou vídeos etc., assim como técnicas e indicações de fontes e de materiais necessários.

A representação do mapa midiático-temático também não engloba as estratégias de propagação, cuja principal função é estimular a distribuição e articulação de todos os textos do projeto. A razão principal do planejamento das estratégias de propagação ter ficado de fora do instrumental é que os textos com essa finalidade dependem que todos os demais tenham sua edição finalizada e, portanto, podem ser melhor concebidos no final dessa etapa, quando já se tem um panorama mais ou menos definido do que, de fato, compreende a produção transmídia jornalística. As estratégias de propagação pertencem à etapa de circulação dos textos, e não da pré-produção, como a pauta e o roteiro de apuração, podendo, inclusive, ficarem a cargo de um setor de *social media*. Outra razão para não as incorporar no mapa midiático-temático é que isso tornaria a representação visual da ferramenta bem mais confusa, obrigando a mais uma distinção entre os textos, de expansão e propagação, e ofuscando também a finalidade do instrumental que é incentivar o processo de expansão temática nas narrativas transmídia jornalísticas, a partir de reportagens especiais argumentativas.

Não compete também ao mapa midiático-temático, enquanto instrumento de roteirização para o processo de produção, incorporar outra etapa importante e necessária que é a circulação dos textos (de referência, de expansão e de propagação). Para isso, sugere-se a elaboração, após finalizada toda a edição, de um cronograma de circulação. A função desse cronograma seria determinar quando e onde (valendo-se, aí, também das informações do mapa midiático-temático) serão publicados e distribuídos todos os textos da reportagem especial transmídia, valendo-se de procedimentos de serialização para repercuti-los por um certo período. Para isso, uma linha do tempo ou fluxograma pode ser montado, com o desenho final de toda a produção, de modo a determinar datas, mídias e plataformas e textos, identificados segundo as estratégias. Esse instrumental auxiliará numa distribuição mais balanceada dos textos e evitará, por exemplo, acumular sua publicação em um único dia, bem como agendar a temática junto às audiências e estimular sua discussão por um certo período, considerando a efemeridade dos produtos jornalísticos junto aos públicos.

Precisamos salientar que uma produção transmídia não se encerra com sua edição e publicação. As estratégias transmídia incentivam práticas de atuação dos destinatário-consumidores que precisam ser, de alguma forma, retomadas, estimuladas ou monitoradas. Tratar de um tema numa reportagem especial transmídia envolve, quase sempre, a discussão de assuntos relevantes socialmente e que provocam, de algum modo, o público a responder, debater, comentar. Esse material pode ser repercutido ou até incorporados à produção transmídia através de novos textos, por exemplo, o que exige uma certa atenção dos destinadores-produtores às “respostas” do público. Durante o tempo previsto para circulação

dos textos transmídia também pode-se monitorar possíveis aspectos temáticos relacionados, que dariam bons textos de expansão por atualização, a partir de fatos ou acontecimentos que podem vir à tona e apresentar elementos novos e substanciais que colaborem para o acompanhamento da questão que está sendo abordada.

Por fim, destacamos que o mapa midiático-temático é uma ferramenta possível para roteirização de reportagens especiais transmídia, e não a única capaz de fazê-lo. Trata-se de um instrumento que prepara e antecede a apuração e, em razão disso, não incorpora outros elementos necessários ao processo de produção jornalística, como a pauta, e ao modelo de produção transmídia (estratégias de propagação, cronograma de publicação, modos de fomentar participação). Ele contribui para estruturar um certo percurso temático, a partir do qual se desencadeiam as demais etapas produtivas, sem, no entanto, determiná-las ou impedir que sejam realizadas alterações na rota traçada inicialmente.

Os roteiros, sejam eles de ficção ou de gêneros referenciados na realidade, originam-se de ideias, mas têm como finalidade principal o planejamento e a organização do que se executará na etapa de produção. Sua necessidade se justifica ainda mais quando tais produções são de grande porte e envolvem uma gama de elementos a serem considerados. No modelo de produção transmídia, marcado por um entrecruzamento narrativo e midiático, o roteiro é uma exigência mais do que justificável. A ausência de um método mais específico para elaboração de narrativas transmídia no jornalismo nos fizeram propor, com base na análise de projetos já desenvolvidos, um instrumental que representasse visualmente os elementos e dimensões constitutivas desse tipo de produção e permitisse diferentes arranjos de projetos.

O resultado desse exercício teórico-metodológico descrito ao longo deste capítulo foi colocado à prova junto a estudantes de graduação de jornalismo para averiguarmos sua validade e operacionalidade. As experiências de pesquisa aplicada, desenvolvidas em salas de aula da Universidade Federal de Pernambuco e da Universidade Federal de Alagoas serão apresentadas de modo detalhado no capítulo a seguir.

5 AS EXPERIÊNCIAS DE APLICAÇÃO DO MÉTODO DE ROTEIRIZAÇÃO DE REPORTAGENS ESPECIAIS TRANSMÍDIA

Submeter à experimentação o método que propomos para roteirização de reportagens especiais transmídia é um imperativo para validá-lo. Esse processo exige não só a concepção do instrumental, como expusemos no capítulo anterior, como também etapas bem definidas para sua aplicação de modo a verificar o quão efetivo esse método pode ser. Ainda que baseado em análises de reportagens que se configuram, sob todos os aspectos, como narrativas transmídia, um método que se pretende operacional para a prática jornalística requer que nessa etapa de experimentação estejam claros todos os procedimentos a serem adotados, bem como as competências necessárias à sua execução.

Dessa maneira, se no primeiro momento buscamos extrair de um *corpus* específico (os especiais *Tudo Sobre*) os elementos fundamentais que constituíam a estrutura desse tipo de produção transmídia jornalística, abstraindo todos os elementos do plano do conteúdo (temas e figuras) e expressivos (mídias e plataformas), agora propomos o exercício inverso: a partir do “esquema mais geral” desprovido de qualquer referência – o mapa midiático-temático –, o trabalho é *corporificar*, com novos revestimentos temáticos (posteriormente figurativizados) e expressivos, uma reportagem especial argumentativa transmídia.

O modo que encontramos para concretizar essa experimentação foi na graduação de jornalismo, por entender a universidade como local tanto de experimentação como de reflexão a partir da prática, como bem apontamos no segundo capítulo. Optamos por desenvolver uma pesquisa aplicada em salas de aula dos cursos de jornalismo da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) também por entendermos que a formação dos futuros profissionais abrem possibilidades de inovação metodológica, em sintonia com as recomendações das Diretrizes Curriculares Nacionais de Jornalismo que recomenda o desenvolvimento de competências pragmáticas como “dominar linguagens midiáticas e formatos discursivos utilizados nos processos de produção jornalística nos diferentes meios e modalidades tecnológicas de comunicação” (Brasil, 2013).

A universidade pública, na indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, mostrou-se o espaço mais adequado para a testagem desse método por envolver a própria comunidade acadêmica. No dizer de Paulo Freire (1983), uma “comunicação” que requer a colaboração dos estudantes para pensar práticas que, posteriormente, serão devolvidas à sociedade, seja através das produções dos futuros jornalistas no exercício de sua profissão, seja para o próprio ensino de jornalismo transmídia.

É preciso destacar que essa aproximação tem sido recorrente no ambiente universitário brasileiro através da vinculação de programas de pós-graduação a cursos de graduação, que permitem um intercâmbio entre pesquisa e ensino, especialmente através da oferta de componentes eletivos que promovem uma certa renovação curricular, fomentando discussões e experiências pautadas em questões mais atuais ligadas à área de estudo. O Curso de Jornalismo da UFPE, por exemplo, tem ofertado frequentemente, através do Programa de Pós-graduação em Comunicação, componentes eletivos em regime de estágio-docência que abordam questões teóricas e práticas de fenômenos da comunicação. Em um breve levantamento da grade horária do referido Curso entre 2016 a 2020, identificamos disciplinas como: Newsgames e convergência midiática; Planejamento jornalístico com dispositivos móveis; Inovação no Telejornalismo; Webjornalismo; Comunicação e mídias digitais; Jornalismo Transmídia; Jornalismo esportivo e cultura participativa; Jornalismo Imersivo; Webjornalismo e novo ambiente de mídia; Televisão no Brasil: mudanças e transformações; e Curadoria de Notícias.

Foi justamente através de um componente eletivo ofertado na graduação de Jornalismo da UFPE que iniciamos a aplicação do método de roteirização transmídia. A disciplina Processos de Roteirização no Jornalismo, ministrada no semestre 2020.2 (maio a agosto de 2021¹) em regime de estágio-docência sob a supervisão da Prof^a. Dr^a. Yvana Fachine, orientadora deste trabalho, teve carga horária de 45 horas e um programa de ensino elaborado de maneira a contemplar as questões desenvolvidas pelo pesquisador-docente no Programa de Pós-graduação de Comunicação da mesma universidade, incluindo tanto atividades teóricas e analíticas quanto práticas. Esse componente curricular foi inserido na grade em horário alternativo e permitia que estudantes de diferentes períodos do curso pudessem se matricular, levantando a possibilidade de avaliar os conhecimentos necessários para utilização do método.

Conscientes do caráter propositivo do principal instrumental para roteirização de reportagens especiais transmídia - do mapa midiático-temático - sua aplicação almeja, para além da validação ou rejeição, a compreensão do processo de recepção por parte dos discentes e a identificação dos desafios que a roteirização transmídia apresenta, de modo a estimular contribuições ao próprio método. Trata-se, em última instância, de criar um ambiente capaz de gerar as possibilidades para a produção e construção do conhecimento, no qual “a reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação Teoria/Prática sem a qual a teoria pode ir virando blábláblá e a prática, ativismo” (Freire, 2005, p. 22).

¹ As restrições impostas pela pandemia forçaram as universidades públicas adotarem o modelo de ensino remoto, o que ocorreu somente ao final de 2020, havendo, portanto, um considerável atraso dos semestres letivos em relação ao ano civil.

Apesar de promissores, os resultados da primeira experiência instigaram a levar adiante uma nova testagem visando a confirmação do método, já com algumas revisões tanto em relação aos procedimentos para aplicação quanto ao mapa midiático-temático, incorporadas a partir de contribuições dos discentes e de observações dos docentes-pesquisadores envolvidos. Essa segunda experiência foi realizada durante o semestre 2021.1 (setembro a dezembro de 2021), também em regime de estágio-docência, na disciplina Telecinejornalismo, componente obrigatório do mesmo Curso ministrado regularmente pela Prof^a. Dr^a. Yvana Fachine. Os conteúdos teóricos e as atividades analíticas e práticas foram inseridos, como um módulo no programa da disciplina, aproveitando-se das discussões já desenvolvidas habitualmente sobre serialização e tematização de reportagens especiais. Tratar de transmídia num componente curricular mais específico do jornalismo voltado para uma mídia em particular – a televisão – favoreceriam reflexões sobre hierarquias midiáticas do projeto transmídia.

As restrições impostas pela pandemia da Covid-19 influenciaram no modo de concepção do programa de ensino e das atividades a serem propostas em ambas as experiências. O modelo de ensino remoto adotado, dividido entre aulas síncronas e assíncronas, impunham certos limites, dentre eles o de que só poderíamos nos concentrar na elaboração do roteiro da reportagem transmídia, mais especificamente no mapa midiático-temático e seu detalhamento, sem considerar a possibilidade de produzi-lo.

Apesar de avaliarmos que o planejando ordenado da pré-produção mostrava-se operativo, vislumbramos a possibilidade de avançar na observação da aplicabilidade do método proposto para além desta etapa, isto é, acompanhando tanto a concepção da reportagem com a elaboração do mapa midiático-temático, como também o processo de apuração, redação, edição e distribuição dos conteúdos transmídia. Essa oportunidade se deu com a retomada das atividades presenciais no ensino superior, que coincidiu com a nomeação deste pesquisador como professor substituto da UFAL, onde passou a lecionar a disciplina Laboratório de Webjornalismo e Jornalismo Multimídia, componente obrigatório do Curso de Jornalismo, e cujo programa adequava-se à produção experimental transmídia. A pesquisa aplicada desenvolvida no semestre 2022.1 (agosto a dezembro de 2022) permitiu observar como o instrumental contribui nas etapas seguintes da produção jornalística, bem como identificar lacunas a serem preenchidas para otimizar o método.

A escolha de disciplinas dos primeiros e últimos períodos, bem como de modalidades diferentes – na eletiva dedicada exclusivamente ao processo de roteirização e nas obrigatórias (Telecinejornalismo e Laboratório de Webjornalismo e Jornalismo multimídia) como um módulo desenvolvido a partir dos conteúdos próprios e tendo uma mídia específica como

referência – tinham o propósito de testagem do método em diferentes contextos educacionais que refletissem, de alguma forma, também os diferentes contextos de produção em relação às habilidades e aos interesses demonstrados pelos produtores.

Os processos desenvolvidos em cada uma das disciplinas e os resultados obtidos que serão apresentados a seguir, evidenciam as nuances e limites de cada grupo em particular, assim como uma certa maturação no emprego do método a partir da reflexão crítica baseada na observação do professor-pesquisador e nas contribuições dos estudantes envolvidos através de questionários aplicados após a realização da experiência. Também não podemos deixar de mencionar como as questões e comentários de pesquisadores e docentes durante encontros e congressos², onde foram apresentados os primeiros resultados, contribuíram para o refinamento e melhoria da proposta metodológica.

5.1 Disciplina Processo de Roteirização em Jornalismo

A disciplina Processos de Roteirização em Jornalismo (CO1013), do Curso de Jornalismo da UFPE, foi organizada tendo como objetivo “capacitar os estudantes para elaborar roteiros de produtos jornalísticos, especialmente aqueles voltados para multiplataformas”³. Por estar atrelada à pesquisa, o conteúdo programático do componente eletivo voltava-se quase que exclusivamente para a compreensão das produções transmídia e do seu processo de roteirização no jornalismo. Apesar de estar inserida na grade do 4º período do Curso, o horário das aulas às sextas-feiras, das 17h às 19h, favorecia a participação de estudantes de outros períodos, formando uma turma composta de 18 (dezoito) discentes.

As primeiras aulas, de maneira expositiva, dedicavam-se à discussão do contexto da convergência midiática e da cultura participativa, buscando distinguir dentro desse universo as produções transmídia, bem como compreender suas características e especificidades. Na sequência, buscou-se problematizar as produções transmídia no jornalismo, demonstrando, através de exemplos analisados, como o modelo de produção tem sido utilizado nesse campo cultural e trazendo à discussão o desdobramento temático como critério para a expansão narrativa para outras mídias.

² Apresentamos comunicações sobre o método e alguns resultados de sua aplicação nos Encontros da Associação dos Programas de Pós-graduação em Comunicação (COMPOS), da Associação Brasileira dos Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor) e da Associação Brasileira de Ensino de Jornalismo (ABEJ).

³ Anexo 1 - Plano de Ensino da Disciplina Processo de Roteirização em Jornalismo.

Durante as aulas teóricas foram previstos também procedimentos que estimulassem a participação e o compartilhamento dos saberes, considerando que alguns estudantes já haviam tido contato com o assunto. A fim de deixar mais explícito as características do modelo de produção transmídia, incentivamos a partilha dos conhecimentos prévios propondo a pergunta “O que já sabemos sobre transmídia”, a ser respondida com até 250 caracteres através do site www.mentimeter.com, para o qual os estudantes eram direcionados através de links e QRcodes. As respostas individuais e anônimas foram, em seguida, apresentadas para toda a turma na tela, iniciando daí a discussão do assunto⁴. Com as dificuldades de interação impostas pelo modelo de ensino remoto⁵, esse mesmo recurso foi utilizado também para verificação de aprendizagem, seja no decorrer da aula, para análise de casos (Figura 22) e compreensão de conceitos⁶, ou ao final da aula, para promover uma síntese relacional entre os aprendizados (Figura 23)⁷ ou introduzir um novo conteúdo, como a noção do roteiro na aula síncrona sobre Roteirização Transmídia⁸.

Figura 22 – Enquete do caso Boy do Bote



Fonte: Captura de tela da aula síncrona de 04/06/2021 da disciplina Processo de Roteirização em Jornalismo, DCOM/UFPE, 2020.2

⁴ Apêndice C – Conhecimentos transmídia – Turma Processos de Roteirização em Jornalismo.

⁵ Alguns estudantes tinham dificuldade de acesso à internet, não dispunham de dispositivos adequados ou tinham receio de abrir a câmera (e muitas vezes até o microfone) no ambiente doméstico, dificultando a interação visual e sonora. O chat e outros recursos, como o site *mentimeter*, se mostraram alternativas para minimizar esse desafio.

⁶ Apêndice D – Compreensão das estratégias transmídia – Turma Processos de Roteirização em Jornalismo.

⁷ Apêndice E – Síntese de aprendizados de jornalismo transmídia - Turma Processos de Roteirização em Jornalismo.

⁸ Apêndice F – Compreensão de roteiro - Turma Processo de Roteirização em Jornalismo.

Figura 23 – Revisão da aula



Fonte: Capturas de tela da aula síncrona de 04/06/2021 da disciplina Processo de Roteirização em Jornalismo, DCOM/UFPE, 2020.2

Foram também fundamentais para estimular a compreensão e o aprofundamento das produções transmídia no jornalismo duas outras atividades propostas aos estudantes: a primeira, de caráter mais teórico, consistia na leitura e comentário de um texto sobre narrativa transmídia no jornalismo; a segunda, uma espécie de ensaio livre para o processo de roteirização, tratava de pensar conteúdos de expansão para outras mídias a partir do desdobramento temático de uma reportagem especial já produzida e veiculada (optamos pelo dossiê *Tudo Sobre o Mosquito*, que analisamos durante o mestrado e constatamos que não apresentava conteúdos de expansão transmídia). Ambas as atividades, redigidas sob a forma de comentários, visavam, por um lado, preparar os discentes para o exercício mais específico de roteirização da reportagem especial transmídia utilizando o mapa midiático-temático, mas por outro lado também buscavam identificar como a ausência de um instrumental mais específico comprometia o processo.

O trabalho de propor conteúdos de expansão a partir de uma reportagem especial já desenvolvida, isto é, de um “texto de referência”, exigia, antes de tudo, uma análise e identificação dos subtemas e aspectos temáticos da referida reportagem. Nesta etapa os estudantes ainda não haviam sido apresentados ao mapa midiático-temático, o que possibilitou verificar as diferentes lógicas para organização da expansão: alguns estruturaram propostas a partir das funções dos conteúdos, outros das mídias e outros ainda, a partir dos subtemas. O exercício permitiu verificar que, sem um instrumento mais direcionado que considerasse as três dimensões, quase sempre uma delas era deixada de lado. A maioria dos trabalhos propunha

conteúdos que aprofundavam o texto de referência, ainda que essa relação temática não tenha sido bem descrita. Algumas propostas também não indicavam funções para os conteúdos, enquanto outras apresentaram certa dificuldade em apontar uma mídia ou plataforma específica, sugerindo uma certa abordagem temática para mais de uma plataforma, sem destacar o que seria tratado em cada uma delas, ou mesmo propondo novos conteúdos para a plataforma de referência.

A segunda parte da disciplina, concentrada mais especificamente na roteirização transmídia, contemplava tanto a explicação do método (aulas expositivas e debates), como a sua experimentação através de encontros de orientação para produção do roteiro, principal produto da disciplina⁹. A apresentação do Modelo hipotético de Mapa midiático-temático de reportagem transmídia (Figura 21, p. 125) na primeira aula sobre o tema, apesar de precedida por toda fundamentação que levou a sua concepção, provocou uma certa inquietação nos estudantes em virtude do nível de abstração dos diferentes elementos da representação. Diante da percepção dos professores de que o cerne da compreensão estava no modo como se estabeleciam os percursos temáticos da reportagem, a aula seguinte foi planejada no sentido de trazer contribuições para facilitar o uso do mapa midiático-temático.

A primeira preocupação era apresentar o método de roteirização de modo que fosse associado mais facilmente a alguma noção de organização já preexistente. Dessa forma, optou-se por decompor didaticamente o mapa midiático-temático, primeiro centrando-se sobre a organização do texto de referência, numa progressão mais horizontalizada, e, só depois, explorando o eixo vertical, de maneira a desdobrar os aspectos temáticos através de conteúdos de expansão para outras mídias.

O desafio encontrado era evidenciar como uma reportagem se estrutura tematicamente. Os livros e manuais de reportagem citam a tematização do texto jornalístico e indicam a necessidade de estabelecer hierarquias através de subtemas, mas pouco contribui para explicitar como se procede esta organização. Da mesma forma é na comunidade profissional, que, como vimos, se recusa a reconhecer um método para a produção de reportagens especiais, justificando-se pela prevalência de uma prática individualizada.

Diante disso, foi planejado um exercício que partisse dos próprios conhecimentos dos estudantes. Ao final da aula na qual se discutiu mais detidamente o mapa midiático-temático,

⁹ Esse processo de testagem do método propriamente dito foi submetido ao Comitê de Ética da Universidade Federal de Pernambuco, através da Plataforma Brasil (CAAE: 48240421.0.0000.5208), para o qual foi obtido, inclusive, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido de todos os discentes, que também autorizava, a gravação dos encontros de orientação (possíveis em virtude do formato remoto), mantendo-se a confidencialidade e anonimato dos voluntários.

foi pedido aos estudantes que realizassem, durante a semana, um levantamento de questões em torno de um tema específico e bem amplo (o trabalho), a partir do qual se elaboraria uma “proposta de reportagem” da turma. O professor também montou sua proposta pessoal de abordagem do mesmo tema, utilizando o mapa midiático-temático, tendo como recorte “O futuro do trabalho”.

Durante a aula, que iniciou com a apresentação de percursos temáticos de séries de reportagens televisivas, explicitando um pouco mais a diferença entre temas e figuras, os estudantes foram convidados a expressar o resultado de suas pesquisas durante a semana, ao modo de uma tempestade de ideias. As questões apresentadas, em forma de casos, de situações ou de temas, foram sendo anotadas e, pouco a pouco, agrupadas por categoriais (subtemas) de modo a hierarquizar alguns aspectos temáticos. Nos deteremos em descrever de forma mais pormenorizada esse exercício por considerar que evidencia um modo (não exclusivo) de chegar aos temas e subtemas¹⁰.

A primeira sugestão de uma das estudantes foi bem genérica:

- Eu pensei assim: as vertentes do trabalho!

Seguiram-se outras propostas:

- Acho que seria legal pensar no trabalho no Brasil, sabe?! Porque somos um país que foi colonizado, então as relações trabalhistas ainda têm sido de uma forma diferente, que ainda reflete um pouco no nosso passado e tal. E poderia ser legal trabalhar com isso.

- Eu pensaria em reforma trabalhista também. Precarização do trabalho.

Com base nas primeiras contribuições, outra aluna estabeleceu as primeiras relações para um tema mais geral:

- Eu acho que relações trabalhistas dá pra trabalhar os outros temas: tanto a questão do trabalho no Brasil, como a reforma trabalhista, que é uma relação de trabalho, então entra nessa categoria. Então, acho que relações trabalhistas engloba..., tipo..., tudo.

A conversa seguiu-se, com novas propostas de abordagens:

- Eu pensei em abordar o assunto do trabalho infantil, e aí eu não sei se ‘relações trabalhistas’ vai englobar esta questão.

¹⁰ Os registros das aulas e orientações foram realizados através da Plataforma Google Meet, utilizada pela UFPE no período de ensino remoto em virtude da pandemia da Covid-19, com autorização dos estudantes para a gravação, permitindo-nos reconstituir partes dos processos desenvolvidos, como faremos ao longo deste capítulo.

- Nessa perspectiva, tem trabalho escravo também, que existe, e poderia entrar – completou outra colega.

- Pensei também no salário mínimo, e porque é tão baixo enquanto as coisas ficam muito caras. E fazer essa comparação entre a inflação de uma pessoa que recebe um salário mínimo.

Imediatamente, uma outra colega tematizou os aspectos figurativos citados:

- Poder de compra, talvez!?

- É! Também! E a valorização do trabalho.

As contribuições para abordagem do tema continuaram:

- Eu vi uma reportagem sobre acidentes de trabalho e me chamou muito atenção. Eles englobavam tudo: falava sobre o acidente de trabalho e de como o trabalhador era visto; e depois desse pós-acidente como é que ele [o trabalhador] retornava ao mercado de trabalho. Eu acho que é bem interessante, porque é uma coisa que ninguém fala muito. E dava “pano pra manga” pra gente abordar.

- Seria ‘condições de trabalho’ e depois ‘direitos trabalhistas’?”, questionou novamente a colega que assumia o papel de tematizar os elementos figurativos apresentados.

- Seria também segurança do trabalho - acrescentou o professor.

O processo de hierarquização dos aspectos temáticos e figurativos apresentados tinha sido iniciado:

- Eu acho que ‘condições de trabalho’ consegue englobar tudo, né? Eu não sei quem falou agora... Eu achei um tema geral legal, que dá pra gente abordar tudo: sobre questões de trabalho infantil, trabalho escravo, danos morais... - ressaltava outra estudante.

Um dos estudantes alertou que, através do chat da plataforma Google Meet, outro colega sugeria o subtema “Uberização do Trabalho”, ao que também completou fazendo referência a um post que havia visto recentemente sobre “Tikoter” como profissão.

Na tentativa de encontrar um ponto comum entre os subtemas apresentados capaz de ordenar o percurso argumentativo da reportagem, o professor retomava a leitura, quando uma das estudantes sugeriu:

- Será que se a gente definir primeiro os temas específicos, subtemas, a gente consegue pensar depois no tema guarda-chuva? Acho que assim seria mais fácil.

A sugestão foi acolhida por todos, tendo início o processo de organização dos subtemas nos respectivos espaços da planilha que estava sendo exibida em tela. A primeira tentativa de agrupamento em quatro subtemas recebeu a contribuição de uma das estudantes que já esboçava um certo percurso argumentativo:

- Eu acho que dá pra juntar relações trabalhistas com reformas [trabalhistas], porque aí faz um panorama do processo de legislação trabalhista no Brasil, e aí culmina no hoje, em como foi o processo da reforma e pós-reforma.

Através do chat uma outra sugestão era englobar os aspectos ‘trabalho escravo’ e ‘trabalho infantil’, já citados, num mesmo subtema: “Exploração do Trabalho”.

Quando perguntado sobre o aspecto temático “Perdas salariais”, também mencionado durante a conversa, dois estudantes argumentaram que estariam relacionados a condições de trabalho e reformas trabalhistas. Os demais subtemas, “Uberização” e “Segurança do Trabalho”, foram colocados como subtemas independentes, chegando-se à configuração provisória que pode ser vista abaixo (Figura 24).

Figura 24 – Primeiro exercício de tematização utilizando o mapa midiático-temático

MAPA MIDÁTICO TEMÁTICO DE REPORTAGEM TRANSMÍDIA									
JORNAL	TEMA PRINCIPAL: TRABALHO								
	LEGISLAÇÃO E RELAÇÕES NO TRABALHO			EXPLORAÇÃO DE TRABALHO		UBERIZAÇÃO		SEGURANÇA DO TRABALHO	
	REFORMAS	RELAÇÕES DE TRABALHO	TRABALHO ESCRAVO	TRABALHO INFANTIL					
PLATAFORMA									
MÍDIA									
MÍDIA									

Fonte: Captura de tela da aula síncrona de 23/07/2021 da disciplina Processo de Roteirização em Jornalismo, DCOM/UFPE, 2020.2

O objetivo principal desse exercício era auxiliar a pensar tematicamente uma reportagem e hierarquizar as informações para otimizar a abordagem, por isso, priorizou-se em um primeiro momento o desenvolvimento temático de forma horizontal, ou seja, do texto de referência, sem avançar mais quanto aos desdobramentos temáticos dos conteúdos de expansão.

Para demonstrar como, seguindo a mesma lógica ensaiada, os aspectos temáticos poderiam se expandir para outras mídias e plataformas através de novos conteúdos,

apresentamos, para concluir a aula, uma proposta de abordagem completa sobre o mesmo tema, desenvolvida previamente pelo docente (Figura 25)¹¹. Ao mesmo tempo em que se buscava identificar as recorrências e semelhanças temáticas, a fim de demonstrar a operacionalidade do processo através do mapa midiático-temático, destacamos que a proposta, assim como de qualquer outro jornalista, tinha um caráter particular e visão de mundo, próprio de qualquer planejamento noticioso.

¹¹ Disponível também para consulta em planilha eletrônica em:
<https://docs.google.com/spreadsheets/d/1D9fqyiu0mtYXLzCRiiXCK5tVUB_zw0Wl/edit#gid=2037128128>.

Figura 25 – Mapa Midiático-temático de reportagem sobre Futuro do trabalho

O FUTURO DO TRABALHO																				
Série de quatro reportagens especiais televisivas sobre a situação atual de trabalho, entendido para além do emprego, e as perspectivas para os próximos anos, considerando as mudanças tecnológicas e os enfrentamentos ao sistema capitalista. Aborda também as políticas governamentais para a geração de emprego e as alternativas encampadas por movimentos sociais e ongs baseadas em princípios da economia solidária.																				
TELEVISÃO	DESEMPREGO E EMPREGO				PLATAFORMIZAÇÃO DO TRABALHO				FORMAÇÃO PARA O TRABALHO				ECONOMIA ALTERNATIVA							
	CRESCIMENTO DO DESEMPREGO	CRISES DA ECONOMIA	REFORMAS PARA DIMINUIR DESEMPREGO	BUSCA POR EMPREGO (GERAÇÕES)	SETORES QUE EMPREGAM	EMPREENDEMENTISMO	TRABALHO INFORMAL E ECONOMIA COLABORATIVA (APPS)	PROTEÇÃO SOCIAL	EMPRESAS DE TECNOLOGIA	ENSINO TÉCNICO E PROFISSIONALIZANTE	ENSINO UNIVERSITÁRIO E CIÊNCIA	BUSCA DO 1º EMPREGO	TECNOLOGIA E TRABALHO	ESTUDO E PESQUISA	TRABALHO E CAPITALISMO	ECONOMIA DOS MOVIMENTOS POPULARES	ECONOMIA SOLIDÁRIA			
			Reformas econômicas				Rotina - entregador			Ensino técnico x superior							Banco-comunitário			
		Histórias-trabalho		Busca – emprego					Lucro-Uber				Dicas-experiência				Novas-relações			
PLAT. DE AUDIO																				
INSTA-GRAM																				
SITE/BLOG					Suape - goiana	MEI x CLT														
				OPINIÃO		CONTEXTUALIZAÇÃO														
DETALHAMENTO DOS CONTEÚDOS DE EXPANSÃO																				
RETRANÇA	FORMATO			DESENVOLVIMENTO/ABORDAGEM													FONTES		RECURSOS	
REFORMAS-ECONÔMI-CAS	Podcast / conversa			Discutir o que está por trás das reformas propostas pelo Governo Federal													Advogado da CUT		Gravador, telefone, editor áudio	
HISTÓRIAS-TRABALHO	Stories / Cards			O trabalho ao longo da História da Humanidade - mitos e cultura													Bibliográficas		Desing, texto, imagens	
BUSCA - EMPREGO	Pergunta no Story			Que desafios já enfrentou para conseguir um emprego?													Usuários		Tempo da equipe para interagir	
SUAPE - GOIANA	Artigo			Os grandes empreendimentos de PE como apostas contra o desemprego													Clovis Calvancanti, economia Ecológica		Internet, e-mail	
MEI - CLT	Ferramenta interativa			Cálculo das perdas e ganhos com CLT e MEI													Contadores e Advogados		Programador; Design	
LUCRO-UBER	Cards – gráficos			Apresentar os proprietários das maiores empresas de tecnologia e seu crescimento													Busca Internet		Internet, design	
ROTINA - ENTREGADOR	Podcast – Perfil			O dia de um entregador de aplicativo gravado por ele mesmo													Entregador de aplicativo		Gravador, baterias	
ENSINO TÉCNICO X SUPERIOR	Podcast / conversa			Confrontar visões sobre o novo modelo do Ensino médio e o pouco investimento no ensino superior													Professores da UFPE e do IFPE		Gravador de som	
DICAS-EXPERIÊNCIA	Vídeos reels			Dicas do que fazer para suprir a necessidade de experiência no primeiro emprego													Consultores RH		Smartphone com internet	
NOVAS-RELAÇÕES	Enquetes			Perguntas sobre novas relações no trabalho segundo as propostas do Papa Francisco													http://economiae.franciscoelara.com.br/		Internet, design	
BANCO-COMUNITÁRIO	Podcast Entrevista			Entrevista com moradores que vivem experiência de banco comunitário e moeda própria													Banco Palmas - Conjunto Palmeira - Ceará		Telefone, gravador de som	

Fonte: elaborado pelo autor

A apresentação aos estudantes de um roteiro já elaborado pretendia também demonstrar, de maneira prática, a dinâmica de utilização do mapa midiático-temático e explicar os diferentes campos que o constituem. A transposição do modelo de representação visual (Figura 21, p. 125) para uma planilha eletrônica carecia também de explicações, apesar de manter a mesma lógica. Na planilha, por exemplo, os subtemas e aspectos temáticos passaram a ser representados por retrancas, que no jargão jornalístico são palavras-chaves capazes de indicar bem a expansão temática. Acrescentamos, conforme é possível visualizar, um detalhamento maior de tais conteúdos, incluindo formato, abordagem, fontes e recursos (alguns dos principais elementos da pauta jornalística).

O comentário de uma das estudantes, ao final da aula, demonstra que os objetivos propostos de apresentação e compreensão da utilização do instrumental para roteirização transmídia haviam sido cumpridos:

Eu acho que ficou muito mais claro. A gente estava tendo dificuldade antes porque a gente não tinha os temas e a gente não tinha os subtemas, os caminhos que a gente tinha que seguir com a reportagem, com os conteúdos. Era só letra e seta, aí, às vezes, ficava um pouco complicado. Mas agora, com o teu projeto basicamente, a gente já tem uma noção de como a gente pode começar o nosso, como a gente pode concluir [...] (Estudante da disciplina Processos de Roteirização em Jornalismo, UFPE, semestre 2020.2)

5.1.1 Orientações para roteirização

As demais aulas da disciplina estavam reservadas para elaboração do roteiro transmídia, processo realizado em grupos, sob orientação do professor-pesquisador, em horários previamente agendados. Estavam previstos até três encontros, seguindo um percurso metodológico: no primeiro encontro, a definição do tema e apresentação da primeira proposta de estruturação temática do conteúdo de referência; no segundo, o planejamento dos conteúdos de expansão, evidenciando sua relação temática com o conteúdo de referência através de funções, bem como a escolha das mídias e plataformas para se efetivar tais estratégias; um terceiro encontro (opcional), reservado para os possíveis atrasos bem como para revisão final do roteiro, de modo a avaliar a pertinência das escolhas realizadas.

Três, dos seis grupos de estudantes da disciplina, apresentaram como tema para as reportagens questões ligadas ao esporte, claramente agendados pela evidência que a realização dos Jogos Olímpicos de Tóquio alcançava nas diferentes mídias, em um período de restrições sanitárias e recomendação de isolamento social em virtude da pandemia da Covid-19. Apesar de girarem em torno de uma mesma temática, as abordagens apresentadas por estas equipes se distinguiam – *Formação de atletas para as Olimpíadas de Paris em 2024, Saúde mental nos*

Esportes e A realidade dos atletas brasileiros entre as Olimpíadas – reforçando como o método não impõe padrões e promove a dimensão criativa própria do jornalismo, visto que cada roteiro tinha um propósito e problemática específica a ser respondida. As demais equipes trabalharam com as seguintes temáticas: *As transformações na Indústria Cinematográfica, Megaprojetos em Pernambuco e Incidentes com tubarão em Pernambuco*.

Chegar a esses temas, no entanto, não foi uma tarefa simples. A partir de observações empíricas e alguns autores que discutem jornalismo transmídia, recomendava-se que o tema da reportagem especial fosse capaz de extrapolar as fronteiras de uma única mídia, isto é, que de certa forma “pedisse” uma abordagem em outras plataformas e formatos de maneira a aprofundá-lo através de novos desdobramentos temáticos.

Apesar do exercício realizado com toda a turma para utilizar o mapa midiático-temático, que já descrevemos, apenas uma das equipes apresentou uma proposta mais consistente na planilha eletrônica disponibilizada como modelo para organização dos percursos temáticos, demonstrando que havia realizado uma pré-apuração acerca do assunto que pretendiam tratar. Uma outra equipe apresentou de maneira descritiva a proposta de roteiro em tópicos num programa editor de texto, desenvolvendo mais os conteúdos de expansão que o conteúdo de referência. As demais equipes traziam apenas as primeiras ideias do tema, verbalizadas em conversa com o professor-pesquisador, evidenciando que não havia sido realizado um trabalho mais detido de pesquisa jornalística. Algumas das propostas de abordagens destas equipes estavam bem desenvolvidas, enquanto outras tinham uma vaga ideia do que desejavam tratar, mas todas possuíam marcas mais figurativas (exemplos, casos e acontecimentos) que temáticas ou descreviam técnicas e procedimentos argumentativos como utilização de dados, exemplos ou comparações para comprovar uma certa questão.

Para evitar uma excessiva descrição do processo de orientação, desenvolveremos melhor apenas o percurso das equipes que demonstraram maior e menor operacionalidade com o método de roteirização proposto e seus instrumentais. Não deixaremos, no entanto, de pontuar algumas questões que surgiram entre esses extremos e que merecem atenção.

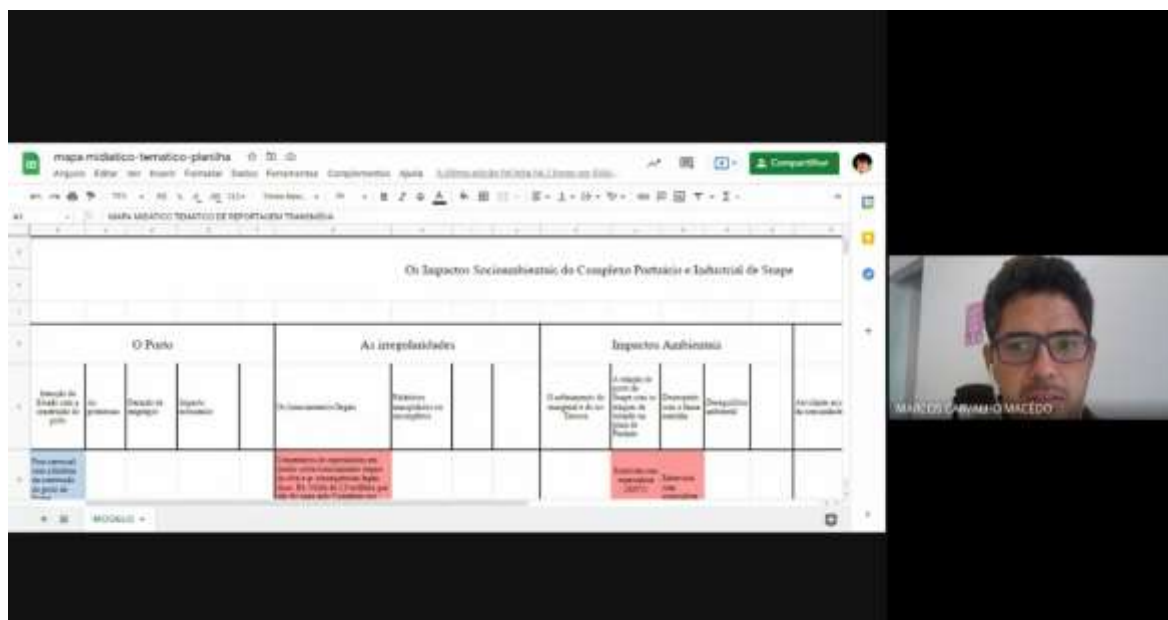
Um grupo que demonstrou ótima compreensão e aplicação do método de roteirização transmídia desde o primeiro momento foi o que propôs a reportagem *Megaprojetos em Pernambuco*. Na primeira reunião de orientação, o tema apresentado pelo grupo era “Os impactos ambientais do complexo portuário e industrial de Suape”, tendo como mídia de referência a web através de uma reportagem multimídia, que se estruturaria a partir de quatro subtemas: O Porto, As Irregularidades, Os Impactos Ambientais e Os impactos Sociais (a proposta de divisão estava claramente inspirada no dossiê *Tudo Sobre Belo Monte*). A apuração

prévia sobre o tema permitiu ao grupo organizar na planilha do modelo do mapa midiático-temático não somente o texto de referência, como também os conteúdos de expansão com as funções já bem delineadas.

Uma das questões apresentada pela equipe era sobre a hierarquia temática de um dos subtemas, questão que sempre pedirá alguma ponderação quando se coloca tudo que se deseja tratar no ‘papel’:

Quando eu estava pesquisando eu vi algumas irregularidades sobre os licenciamentos e tinham uns relatórios do Porto de Suape, que estavam meio manipulados, incompletos, enfim... aí eu não sei se vale a pena colocar as ‘Irregularidades’ como um subtema só, ou se colocar ele dentro de outro subtema, sabe? Porque, não sei, achei que ficou meio vazio aqui... [selecionando as células da planilha abaixo do item ‘Irregularidades’ (Figura 26)] (Estudante da disciplina Processos de Roteirização em Jornalismo, UFPE, semestre 2020.2).

Figura 26 – Apresentação da 1ª versão do Mapa midiático temático *Megaprojetos em Pernambuco*



Fonte: Captura de tela da aula síncrona de 20/07/2021 da disciplina Processo de Roteirização em Jornalismo, DCOM/UFPE, 2020.2

Nesse sentido, além de organizar o pensamento em certos programas argumentativos, o mapa midiático-temático também auxilia a perceber quando a abordagem de um subtema parece não se sustentar enquanto tal, ou seja, quando seu potencial de tratamento não apresenta aspectos temáticos suficientes para fazê-lo “render” e ele seria melhor alocado em outro subtema. A visualidade oferecida pelo mapa midiático-temático ajuda a melhor estruturar o percurso argumentativo da reportagem.

Foi necessário orientar o grupo sobre uma descrição mais adequada dos aspectos temáticos utilizando-se de retrancas capazes de identifica-los à primeira vista, seja do conteúdo

de referência ou dos conteúdos de expansão. Nestes últimos, indicou-se um detalhamento com informações de formato, desenvolvimento/abordagem, fontes e recursos a serem utilizados. A distinção entre esses elementos foi sendo refinada ao longo das reuniões de orientação seguintes e também por meio de comentários feitos na planilha, encaminhados via e-mail.

Uma observação do professor-pesquisador sobre o gancho de atualidade do tema no final da primeira reunião fez com que a equipe o ampliasse e passasse a tratar não somente de um (Porto de Suape), mas também e outros megaprojetos no Estado de Pernambuco, mantendo a mesma estrutura de subtemas/capítulos da reportagem: primeiro descrevendo cada um dos megaprojetos (Porto de Suape, Usina Nuclear em Itacuruba, Transnordestina e Usina Hidrelétrica Luiz Gonzaga, em Petrolândia); depois apontando os impactos ambientais de cada um dos megaprojetos; e por último os impactos sociais.

Os conteúdos de expansão, distribuídos em quatro mídias e plataformas – Instagram, Plataforma de Áudio e Youtube e Televisão (duas mídias de mesma linguagem) –, desenvolviam aspectos temáticos do texto de referência de forma pertinente, de modo a ficar clara a relação, por exemplo, entre o conteúdo “Curso d’água – peixe”, em formato de podcast para abordar a interferência no curso d’água do Rio São Francisco e as consequências para a pesca, como um aprofundamento do aspecto temático “Interferências - Rio São Francisco”, desenvolvido na reportagem para a web. No que se refere às funções desses conteúdos, o grupo os identificou como contextualização, opinião e atualização, mas pela descrição apresentada todos desenvolvem aspectos temáticos por contextualização: os conteúdos de expansão por atualização poderiam ser tranquilamente elaborados antecipadamente (matérias frias) e não se referem a algum aspecto que poderia ser monitorado após a publicação do especial; e os conteúdos de expansão identificados como por opinião na verdade não apresentam confrontos de pontos de vista nem exploram a controvérsia que o tema pede por ser polêmico e apresentar grupos favoráveis e contrários.

Apesar de julgar que uma organização dos capítulos se estruturaria melhor a partir de cada megaprojeto, descrevendo-os e evidenciando os impactos ambientais e sociais de cada um, e de que alguns conteúdos de expansão poderiam ser melhor descritos, a última versão do roteiro produzido pelo grupo¹² permite constatar uma boa compreensão do processo de expansão temática.

Bem distinta foi a experiência de elaboração do roteiro transmídia *Incidentes com tubarão em Pernambuco*, iniciada apenas com uma integrante do grupo na primeira reunião de

¹² Anexo 2 – Mapa midiático-temático Megaprojetos em Pernambuco.

orientação, na qual não se apresentou nenhuma versão do mapa midiático-temático. A estudante expressou a ideia do tema da reportagem, justificada pela recorrência dos casos de ataques de tubarões no Estado e pela ausência de uma reportagem que aprofundasse as causas dos acontecimentos, e os possíveis subtemas: um histórico dos incidentes e como tudo começou; as causas dos incidentes e sua relação com os impactos ambientais na região; a rota dos tubarões; e as medidas de proteção que estavam sendo adotadas para evitar novos incidentes.

Essa primeira conversa ajudou a definir os rumos iniciais do roteiro e dos subtemas e estimulou a equipe a elaborar uma primeira proposta no mapa midiático-temático e encaminhar por e-mail ao professor. Tratava-se de uma reportagem especial para jornal impresso (mídia de referência), que abordaria dois grandes subtemas, já titulados: “Rastros de Tubarão”, um apanhado sobre o tubarão (aspecto mais biológico); e “Quem invade o espaço de quem?”, problematizando a situação e analisando as causas. O percurso apresentado pelo grupo mostrava-se muito figurativo, por isso buscamos orientar para o uso de termos mais gerais, de ordem temática, capazes de tornar mais compreensiva a lógica argumentativa a ser desenvolvida. Os conteúdos de expansão propostos para site, plataforma de áudio, Instagram, Twitter e Youtube apresentavam a mesma dificuldade de identificação dos aspectos temáticos.

- O título tem um apelo: “Perigo: Área sujeita a ataques de tubarão?”, mas qual é o tema central? Em uma palavra, o que é que vocês querem abordar? – questionou o professor.

- Eu acho que é a disputa de habitat. Se fosse pra resumir nosso trabalho, eu acho que é isso – respondeu a estudante.

- Eu diria não exatamente disputa de habitat, mas a consequência da ação humana no mar, na natureza, que enfim, aí entraria como consequência a disputa de habitat – completou o colega. – Acho que a premissa anterior é a ação humana no mar de Pernambuco que gera os incidentes de tubarões.

(...)

A fim de destacar a importância de definir temas e subtemas numa hierarquia, para além de títulos, o professor exemplificou:

- Quando vocês colocam no primeiro campo do subtítulo “Rastro de tubarão” é um ótimo título, mas se fosse pra dizer do que se trata, eu não conseguiria apreender o sentido só com esse título. Depois que vocês foram explicando consegui compreender que vocês querem falar da biologia, da vida do tubarão, as espécies, a reprodução, a alimentação, as rotas, o habitat, onde ele vive. Como ele vive e onde ele vive. E daí os locais onde ocorrem os

incidentes, os locais para onde estão migrando agora. Então, se eu fosse tematizar esse título, poderia ser “Biologia e habitat”. (...) Poderiam, dessa maneira, identificar os subtemas que refletem cada um dos títulos dos demais capítulos e coloca-los logo abaixo. Para “Quem invadiu o espaço?”, “Ação e Reação” e “O mar está pra peixe”, qual seria o subtema que está por trás? (...) O exercício é fazer um roteiro que ele se explique por si só, sem que vocês precisem dar maiores explicações.

Em outro ponto da conversa, os estudantes explicaram a proposta de abordagem do assunto e destacaram a escolha das mídias e plataformas para expansão.

- A gente queria contextualizar tudo, tentar explicar porque acontece, mostrar o outro lado da situação. E a intenção da plataforma de áudio é realmente trazer especialistas para esclarecer sobre a questão.

- A gente estava tentando fazer também o Twitter de forma concomitante com o Instagram, mas a gente repensou e falou: Não, porque se a gente fizesse isso não sei se seria completa essa nossa narrativa transmídia, que fala muito dessa continuidade, dessa complementaridade. E aí a gente tava tentando encaixar... Pensamos no Twitter e no Instagram por que? ... porque elas multiplicam muito rápido as informações, muito mais rápido do que outras. E aí pro site a gente pensou em assuntos mais aprofundados. Quando fosse um assunto que realmente precisa se aprofundar, a gente mandava pro site. E esses que têm uma complexidade menor, a gente pensou no Twitter ou Instagram.

A dificuldade de estruturar o percurso temático do Caderno Especial para jornal impresso reverberou no resultado final do roteiro¹³, especialmente na expansão temática. Conforme havia sido conversado na orientação, as partes do Caderno intituladas “Tubarões” e “O mar está para peixe” não evidenciavam subtemas à primeira vista, assim como os aspectos temáticos destes se apresentavam semelhantes, a exemplo de “Lista de lugares onde ocorrem incidentes”, “Incidentes com tubarões em Pernambuco” e “Locais onde ocorrem os incidentes”, ou mesmo entre “Homem X Natureza” e “Disputa de habitat”. O mesmo ocorria em alguns conteúdos propostos para outras mídias e plataformas, que não aparentavam um maior desdobramento temático em relação aos textos de referência: o conteúdo intitulado “Praias-mundo”, que propunha descrever locais ao redor do mundo onde ocorreriam incidentes com tubarão, no Twitter, parecia repetir o aspecto temático “Lista de lugares onde ocorrem

¹³ Anexo 3 – Mapa midiático-temático Incidentes com Tubarão em Pernambuco.

incidentes” do Caderno Especial; da mesma forma que o conteúdo “Áreas Riscos”, um artigo para o site que pretendia mapear as áreas do litoral pernambucano onde ocorriam os incidentes com tubarão, e o conteúdo “Histórico-Regional”, uma reportagem também para o site, se confundiam com os aspectos temáticos do Caderno especial já citados anteriormente sobre os locais dos ataques.

O processo desenvolvido por esse grupo chama atenção para a necessidade de compreender melhor como se estrutura o percurso temático do texto de referência. Apesar de não determinar uma ordem de exposição na etapa de publicação, a sequência lógica desenvolvida pelo grupo apontava para um processo mais próximo do modelo científico: primeiro apresentar a realidade do tubarão e os desafios dessa espécie diante da ação do homem, evidenciando o problema, a seguir o conflito e, por fim, as possibilidades de soluções¹⁴.

A definição do tema geral da reportagem e dos subtemas foi, de fato, o que exigiu maior atenção no processo de orientação do roteiro transmídia. O grupo que elaborou o roteiro *As transformações na Indústria Cinematográfica*, formado por estudantes exclusivamente do segundo período, ilustra bem esse itinerário. Na primeira reunião apresentou o tema bem amplo “Cinematografia”, dividido em três subtemas também pouco determinados. Para auxiliar na delimitação, o professor-pesquisador indagou as estudantes quanto ao problema ou questão que o grupo desejava tratar dentro desse tema mais geral, bem como a relevância de tratar dele numa grande reportagem. As integrantes do grupo verbalizaram as inquietações que motivaram a escolha do tema, dentre elas as mudanças de consumo audiovisual provocadas pelo avanço da tecnologia, especialmente na pandemia, e o pouco incentivo do governo para essa área cultural.

No decorrer dos demais encontros de orientação, o grupo desenvolveu melhor a proposta de reportagem televisiva (conteúdo de referência) com um percurso argumentativo bem mais delimitado tematicamente. Os conteúdos de expansão, em contrapartida, traziam propostas bem mais desenvolvidas já no primeiro encontro, com indicações de mídia, formato, desenvolvimento, fontes e recursos, restando apenas estabelecer melhor as relações temáticas com o conteúdo de referência.

¹⁴ Conforme vimos, esta é uma estrutura próxima do plano dissertativo Problema, causas e soluções. Nesta fase da pesquisa, porém, ainda não havíamos atentado para esses esquemas argumentativos mais recorrentes, o que aponta a pertinência de seu uso como recurso pedagógico para orientar a construção discursiva da reportagem transmídia.

No terceiro encontro de orientação solicitado pelo grupo, o professor-pesquisador estimulou um olhar mais amplo sobre o roteiro finalizado, propondo uma reflexão sobre sua construção.

– Vocês estão contentes com o trabalho? – Perguntou o professor.

– Eu não tinha muito conhecimento de Excel: acho que o problema maior foi com a planilha mesmo – pontuou logo a primeira integrante do grupo.

A outra complementou:

– A reportagem a gente teve mais problema antes de falar com o senhor, pra gente poder ter aquele norte que o senhor falou sobre a questão da problematização. Porque antes de a gente ter aquela reunião a gente só pensou e pronto, a gente não foi um pouco crítica nisso. E depois que a gente teve aquela reunião que o senhor falou pra gente pontuar mais a questão do porque isso é problema, do porque a gente quer tratar isso, acho que a gente abriu melhor a mente... assim... pensar e conseguir acertar o porquê a gente queria tratar esse tema. (...). Porque era muita ideia, mas na hora de passar para o papel não conseguia.

– E como foi pensar os conteúdos transmídia? – Tornou a questionar o professor.

– O maior problema de tudo isso é saber qual tema vai se encaixar bem na mídia, como a gente vai conseguir desdobrar esse tema dentro de certa mídia. Então, a gente não precisa ver só o tema, a gente precisa ver o que a mídia pode agregar dentro desse tema, o que ela pode fazer para expandir, propagar... Esse eu acho que foi o trabalho, teve um pouco de dificuldade: o que ficaria em cada mídia.

Outra estudante emendou:

– E a questão também de não ficar muito repetido, né?! E aí pegar a ideia todinha e colocar em um só. E do outro o que eu vou falar? O que eu vou usar se eu já usei tudo? Aí ter que dividir: a gente vai falar disso nisso aqui, porque vai se encaixar, vai dar certo aqui. E esse outro assunto a gente usa aqui, porque vai dar certo. Teve também essa dificuldade em poder relacionar: essa coisa vai ficar bem aqui. E a dosagem de não usar muito conteúdo em um só e acabar repetindo em outro e não explorar nada novo em outra plataforma.

– O que sentiram mais dificuldade: pensar o tema do texto de referência ou os desdobramentos para outras mídias?

– Os desdobramentos, eu acho.

– Também concordo! – Corroborou a colega – Porque a televisão [mídia de referência] era aquilo: a gente vai tratar isso e pronto. Mas e agora, a gente tem isso e como a gente vai usar para outras plataformas, como a gente vai usar isso, abordar, como vai levar para o público.

Acho que essa é a parte... acho que não mais difícil, mas a que demanda mais calma, paciência e pensar para acabar não cometendo isso de usar o que usou na televisão em outra mídia.

A distinção entre um tema mais geral e sua delimitação, operada por um processo de problematização do tema, levou-nos a pensar que o mapa midiático-temático careceria também de algum campo para detalhamento do texto de referência, uma espécie de sinopse capaz de explicar a questão de fundo a ser abordada e refletir a ‘tese’, assim como uma breve descrição do que se pretendia com o tratamento de cada um dos subtemas. Esses espaços foram acrescentados lateralmente à representação gráfica nas oportunidades seguintes de testagem do método.

Os demais grupos, que trabalharam seus roteiros transmídia em torno do tema esportes, apresentaram semelhanças no processo de orientação: as propostas de temas e subtemas para o conteúdo de referência, alguns marcadamente factuais, apenas discutidos e verbalizados no primeiro encontro de orientação, foram postos no mapa midiático-temático e apresentado no segundo encontro. Além de orientar o processo de estruturação do percurso temático, algumas nuances da utilização do instrumental por esses grupos permitiram questionar certas funções e modos de roteirização transmídia.

A primeira das questões que surgiu foi se a organização do percurso temático no mapa midiático-temático, mais especialmente do texto de referência, refletiria necessariamente o percurso de organização da própria reportagem, isto é, a organização dos capítulos, episódios de série ou partes, a depender da mídia de referência e formato escolhido. O grupo que desenvolveu o roteiro *Incentivo à formação de atletas para as Olimpíadas de Paris 2024*¹⁵, formado por estudantes do segundo e quarto período, dividiu o mapa midiático temático em dois grandes subtemas (“Investimento nos Esportes” e “Política de Esportes”) a serem tratados em uma série de cinco reportagens televisivas cujas retrancas eram: “Descobrir-Atletas”, “Projetos-Sociais”, “Dificuldade-Patrocínio”, “Origem-Investimento”, “Governo-Esportes”, alternando-se a ordem de apresentação dos dois grandes eixos temáticos ou mesmo agrupando-os.

Para melhor responder a essa questão, podemos recuperar como os percursos temáticos de algumas reportagens, a exemplo da reportagem multimídia *A Batalha de Belo Monte*, se dividiam em capítulos, mas apresentavam de forma mais evidente dois grandes eixos

¹⁵ Anexo 4 - Mapa Midiático-temático Incentivo à formação de atletas para as Olimpíadas de Paris 2024.

temáticos¹⁶. Séries de reportagens especiais televisivas analisadas pela professora Yvana Fachine (2016-2018), como a que trata dos desafios dos transplantes de órgãos, veiculada no Jornal Nacional em dezembro de 2014¹⁷ também apresentam aspectos temáticos em diferentes VTs, como forma de recuperar ou reforçar com outros revestimentos figurativos uma mesma questão, ou mesmo dar continuidade a ela¹⁸.

Nesse sentido, poderíamos dizer que a organização dos aspectos temáticos do produto não se atrela, necessariamente, ao percurso desenvolvido para sua produção e edição. Em outras palavras, o roteiro produzido visando auxiliar o processo de apuração, influenciará as etapas seguintes de redação e edição, mas não se impõe uma correspondência termo a termo entre aspectos temáticos e partes das reportagens especiais (capítulos, episódios etc.). É preciso considerar também que no decorrer do processo de apuração o jornalista pode encontrar outros aspectos temáticos tão relevantes e capazes de se sobrepor aos inicialmente pensados; alguns aspectos podem não se sustentar diante das poucas fontes encontradas; e mesmo na etapa de composição (redação e edição), diante das informações apuradas pode ser necessário redefinir o modo de organização da reportagem visando uma melhor compreensão da temática abordada.

Como foi pensado, o mapa midiático-temático não prevê a possibilidade de representar dois percursos diferentes (o da produção e da edição). Primeiro, porque seu objetivo principal é guiar e orientar o processo de apuração; segundo, porque a visualidade e compreensão mais imediata do fluxograma, que também é objetivo do instrumental, acabaria prejudicada. Nesse sentido, a equipe que produziu o roteiro *Incentivo à formação de atletas para as Olimpíadas de Paris 2024* só pôde explicitar essa diferença detalhando, abaixo do mapa midiático-temático, o que seria objeto de cada reportagem da série. O percurso dos episódios parece se descolar, na representação visual, do percurso temático, tornando a interpretação do mapa midiático-temático mais difícil em uma primeira leitura, inclusive das conexões entre a reportagem televisiva (conteúdo de referência) com os conteúdos de expansão para outras mídias.

A orientação seria, então, associar minimamente o percurso de apuração ao percurso de edição (que reflete também uma temporalidade de publicação), hierarquizando os conteúdos de maneira a agrupá-los o mais próximo do que se vislumbra como produto final, deixando abertas as possibilidades de aspectos temáticos serem retomados, referenciados ou melhor explorados

¹⁶ Anexo 5 – Análise temática da reportagem multimídia A batalha de Belo Monte (Macedo, 2016).

¹⁷ Disponível em: <<https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/jornalismo-e-telejornais/jornal-nacional/series/noticia/transplante-de-orgaos.ghml>>.

¹⁸ No Anexo 6 - Slides de Aula com Análise da Série de Reportagem Transplantes (Fachine, 2016-2018), é possível verificar como a decisão e o gesto de doação são aspectos tratados em todos os três VTs da série, alinhando-se ao objetivo da produção de estimular a doação de órgãos.

em mais de um episódio. Assim, reafirmamos que o mapa é instrumento de roteirização que visa auxiliar a etapa de produção transmídia.

Uma outra questão levantada a partir do roteiro produzido pelo grupo que tratou da *Saúde mental nos Esportes* foi pensar o texto de referência fora de um suporte midiático e não caracterizado enquanto gênero jornalístico¹⁹. O grupo sugeriu que o percurso temático se desenvolvesse a partir de um seminário, enquanto mídias de massa como jornal impresso e a televisão, e plataformas de redes sociais fossem utilizadas para as estratégias de expansão. A estrutura do texto de referência parecia seguir um percurso indutivo, indo do mais geral, a definição de saúde mental, passando pela associação do problema à vida dos atletas, até o mais particular, um caso específico ocorrido durante as Olimpíadas²⁰.

Um dos limites impostos pela escolha do formato Seminário para texto de referência seria o acesso limitado de consumidores e nível de atenção que ele pede, assim como o tempo do conteúdo. Mesmo se o evento pudesse ser transmitido através de plataformas de vídeo, permitindo maior acesso, permaneceria a questão da importância da temporalidade na transmissão direta e seus efeitos de sentido de presença. A gravação disponibilizada posteriormente não daria aos espectadores a mesma possibilidade de interação daqueles que participariam presencial ou virtualmente, quando perguntas e comentários poderiam ser feitos através de chats.

A proposta de abordagem do grupo inverte a lógica hierárquica do mapa midiático-temático ao desenvolver os aspectos temáticos de modo disperso em diferentes mídias através de conteúdos de expansão, precedendo e recuperando questões *para* e *do* debate, evento destaque, mas que não se enquadraria como texto de referência jornalístico. Primeiro, porque o texto de referência deve desenvolver o programa temático-argumentativo de base, de maneira a reunir o maior número de aspectos temáticos para compreensão da questão. Segundo, porque em razão disso, deve ser o conteúdo mais referenciado pelos demais, ou seja, aquele para o qual a maioria dos conteúdos de expansão (e também de propagação) vão direcionar seus consumidores. No caso do roteiro *Saúde Mental nos Esportes*, essas características parecem se descolar, apontando para uma narrativa transmídia balanceada, possibilidade indicada por Mittel (2015), na qual não se percebe uma hierarquia midiática ou narrativa, isto é, nenhuma

¹⁹ Anexo 7 - Mapa Midiático-temático Saúde Mental nos Esportes.

²⁰ Apesar desse percurso temático do Seminário, o grupo propunha que ele se invertesse no processo de distribuição dos conteúdos de expansão, abordando primeiro o caso da atleta olímpica Simone Biles como gancho para discussão da saúde mental. Como o foco do mapa midiático-temático é o processo de produção, os estudantes foram orientados a explicitar estas primeiras ideias sobre o processo de distribuição dos conteúdos através de notas no próprio mapa.

das mídias ou plataformas e seus respectivos conteúdos apresentam maior ou menor importância no conjunto mais geral, no todo do projeto.

Aqui retomamos uma outra especificidade do mapa midiático-temático: ele foi concebido a partir dos estudos das estratégias transmídia (Fechine, 2018), associados às narrativas transmídia descritas por Jenkins (2009) e, portanto, a um modelo não-balanceado (Mittel, 2015). Apostamos nesse modelo para o jornalismo pela sua recorrência, especialmente a partir da reportagem especial, gênero que se destaca dentre os demais pelas condições de produção, abordagem complexa e bem desenvolvida, e tratamento cuidadoso do material (Fechine, 2016-2018), mas também porque ancorar o projeto em uma certa mídia de referência evita a dispersão dos conteúdos e a incompletude de sentido do todo por estarem mais isolados. Essa dispersão ficou evidenciada na proposta do roteiro *Saúde Mental nos Esportes* no uso fragmentado das mídias para expansão (um conteúdo para televisão, um para o jornal impresso e quatro para o site), na ausência de referências às funções dos conteúdos de expansão e na pouca clareza quanto à relação temática desses com o texto de referência. Outro ponto que não colabora para a legibilidade do mapa midiático-temático é a inserção de propostas de conteúdos de propagação, que exigiriam que os demais conteúdos (de referência e de expansão) já estivessem editados e prontos para serem propagados.

A partir desse caso mais específico podemos reafirmar o quanto no método proposto o texto de referência, uma reportagem especial, torna-se o elemento estruturador da dinâmica de utilização do mapa midiático-temático. Esse instrumental está atrelado a esse tipo de produção e foi concebido na perspectiva de subsidiar a sua roteirização transmídia. Quando o texto de referência proposto é outro gênero, como um Seminário, que possui modos próprios de organização e consumo, a estrutura do mapa midiático-temático tende a apresentar dificuldade por se tratar de lógicas e ordens diferenciadas de construção textual.

O terceiro grupo que abordou a temática dos esportes e das olimpíadas centrou-se na dualidade dos atletas em diferentes contextos: esportes valorizados x esportes desvalorizados (social); esportes de ricos x esportes de pobres (econômico); esportes masculinos x esportes femininos (de gênero); atletas profissionais x atletas semi-profissionais (laboral). O roteiro *A realidade dos atletas brasileiros entre as Olimpíadas*²¹ tinha como proposta inicial um projeto jornalístico transmídia mais amplo, que acompanhasse o processo dos atletas até a olimpíada seguinte, culminando na sua cobertura.

²¹ Anexo 8 - Mapa Midiático-temático Realidade dos Atletas Brasileiros entre as Olimpíadas.

Novamente vem à tona a pertinência do texto de referência no método trabalhado, agora, porém, quanto ao período de circulação e repercussão relativamente curto das reportagens especiais, normalmente de uma a duas semanas²². A serialização de reportagens especiais com episódios semanais é alternativa que ganha espaço, mas precisa atentar para não se diluir e perder o fôlego prolongando demais a circulação. Outra opção de serialização seria através de temporadas, aproveitando-se da participação do público entre os seus intervalos e incorporando as diferentes contribuições dos consumidores nas produções seguintes. Diferentemente das produções de entretenimento, no jornalismo há um risco de saturação do tema, carecendo sempre de abordagens temáticas diferenciadas para ampliar o percurso mais geral.

5.1.2 Análise dos Roteiros

Descrito todo o processo de realização desta experiência, o que se faz necessário para validar o método de roteirização de reportagens especiais transmídia? A análise dos roteiros produzidos pelos estudantes deve considerar tanto a relevância das temáticas escolhidas e sua capacidade de “transbordar”, expandir, “pedir” novos conteúdos, como das mídias e plataformas utilizadas para essa expansão e seu modo de articulação. Mas o critério fundamental e decisivo para validade do método consiste em verificar a pertinência dessa expansão a partir dos aspectos temáticos, estabelecido na relação entre conteúdo de referência e conteúdos associados. Dito de outro modo, se nos roteiros produzidos a reportagem se amplia para outras mídias e plataformas através do desdobramento de seus aspectos temáticos, teremos confirmada a operacionalidade do método, nas condições em que ele foi aplicado.

Temos enfatizado que o método de roteirização não se restringe ao mapa midiático-temático. Ele é sua principal ferramenta, instrumental ou tecnologia, mas sua utilização depende da compreensão e aplicação das estratégias transmídia de expansão a partir de desdobramentos temáticos, já amplamente debatidos, e de competências pessoais e variáveis, tais como o repertório pessoal que contribua para a estruturação do percurso argumentativo desenvolvido, o empenho na pesquisa jornalística ou pré-apuração para dar sustentação à abordagem e a possibilidade de execução do projeto, bem como as mídias e plataformas escolhidas considerando referências editoriais e de audiências, dentre outras. Para essa pesquisa aplicada, ainda que todos esses fatores tenham repercutido no resultado final do roteiro, interessa saber

²² O dossiê *Tudo Sobre Belo Monte* foi repercutido por quase duas semanas nas diferentes mídias e plataformas vinculadas ao Jornal Folha de S. Paulo.

se se estabelece uma relação de desdobramento temático entre texto de referência e textos de expansão, evitando que estes repitam os mesmos aspectos tratados naquele.

No que se refere a escolha do tema e sua adequação para um projeto transmídia jornalístico, mensurável pela capacidade de apresentar ramificações, quase todos roteiros produzidos cumprem esse quesito, a exceção do projeto sobre “Saúde mental nos Esportes”, especialmente em razão do texto de referência ser um Seminário, como já pontuamos. Os demais trabalhos desenvolvem questões complexas que permitem tratamentos sob diferentes ângulos para sua melhor compreensão. Em todos os roteiros, a utilização de diferentes mídias e plataformas também é bem-sucedida, mesmo que uma ou outra possa ser revista para uma melhor otimização dos esforços e linguagem (processo que, inclusive, pode ser realizado no decorrer do processo de produção).

Para averiguar a efetividade das estratégias de expansão transmídia, analisamos como o percurso temático desenvolvido no conteúdo de referência (reportagem especial) se relaciona com os aspectos temáticos dos conteúdos associados (formatos para diferentes mídias e plataformas). Revisemos, primeiramente, a partir dos mapas midiático-temático, como se constituíram os percursos temáticos dos textos de referência (das reportagens) para, em seguida, avaliarmos em que medida as estratégias de expansão se concretizavam.

De modo geral, os mapas midiático-temáticos produzidos pelos estudantes da disciplina Processos de Roteirização em Jornalismo estruturam o texto de referência sobre uma hierarquia temática (tema e subtemas), agrupando os aspectos temáticos de forma a facilitar o entendimento do destinatário da comunicação. O modo como os subtemas se organizam em cada um dos roteiros apresenta um percurso argumentativo compreensível e pertinente aos objetivos do projeto que, mesmo implicitamente, podem ser identificados a partir do enquadramento e da escolha dos aspectos temáticos.

Conforme já apontamos na descrição do processo de orientação, alguns desafios enfrentados na estruturação do percurso temático da reportagem não deixaram de aparecer no roteiro final. As principais questões foram: a repetição de certos aspectos temáticos, sem distingui-los bem; o uso equivocado de técnicas e formas argumentativas (dados estatísticos, comparação, exemplificação, definição, avaliação de especialista), perguntas, elementos figurativos e representações muito específicas, como títulos/intertítulos, que não evidenciavam um aspecto temático; e alguns casos de pouca capacidade de síntese, prejudicando a compreensão visual mais imediata do percurso (objetivo da representação em fluxograma).

A dificuldade de organizar a reportagem a partir de um percurso temático nos fez levantar algumas hipóteses. A primeira delas de que seria preciso estimular a pensar e distinguir

o que é um tema, pois tanto as referências de ensino (Coimbra, 2004; Kotscho, 1995; Pereira Junior, 2006; Sodré e Ferrari, 1986) como da prática profissional pouco explicitam a organização dos percursos temáticos-argumentativos, apelando a métodos pessoais que mantêm lógica próprias e são pouco sistematizados (Moser, 2021). Corrobora esta perspectiva o fato de o discurso jornalístico ser marcadamente figurativo, visando imprimir maior efeito de verdade.

A segunda hipótese, que identificamos a partir da análise da própria organização do percurso temático do texto de referência, diz respeito à serialização. Esta característica aparece de uma forma ou de outra em todos os modelos e se constitui elemento fundamental do mapa: um documentário radiofônico ou reportagem televisiva se divide em blocos ou episódios, enquanto reportagens multimídia, cadernos especiais ou grandes reportagens de revista se divide em capítulos ou partes. Em todos os casos essas partes que compõe o todo representam também uma unidade de sentido. Essa questão precisaria, então, ser considerada no processo de construção do percurso temático e, conseqüentemente, da roteirização transmídia.

Para averiguar estas hipóteses, concebidas no decorrer do processo de orientação e a partir da análise dos resultados obtidos, propusemos a inserção de noções e atividades mais específicas sobre tematização e serialização no jornalismo no programa de conteúdos da segunda experiência de aplicação do método, com o objetivo de capacitar os estudantes para superar as dificuldades apresentadas inicialmente.

Retomando a análise dos roteiros elaborados pelos estudantes, examinamos a estrutura dos aspectos temáticos do texto de referência, para avaliar sua relação de complementaridade e/ou desdobramento com os conteúdos propostos para outras mídias. Nas estratégias de expansão deve-se evitar a justaposição temática dos conteúdos, e essa pode se tornar a primeira forma de averiguar a efetividade do método proposto. A justaposição temática pode acontecer de uma maneira mais explícita quando se trata da mesma questão, repetindo informações, como também de maneira mais sutil, utilizando-se de diferentes elementos figurativos para tratar de um mesmo aspecto temático. Um exemplo disso seria utilizar fontes diferentes (um especialista ou autoridade e uma testemunha) para apresentar informações, histórias ou perspectivas muito semelhantes, apenas reforçando um determinado aspecto temático sem, de fato, desdobrá-lo, sem fazer avançar a argumentação.

Apresentamos, a seguir, uma síntese da análise sobre os conteúdos propostos para outras mídias nos mapas midiático-temático produzidos pelos estudantes da disciplina Processo de Roteirização em Jornalismo (Tabela 1). A primeira conclusão que podemos tirar é que o método proposto estimula a expansão temática em reportagens especiais. As variações parecem apontar que, mesmo com as dificuldades específicas dos grupos que já apontamos ao descrever o

processo de construção, todos os projetos conseguiram, em maior ou menor grau, roteirizar estratégias de expansão que desdobram aspectos temáticos.

Tabela 1 – Levantamento de justaposição e expansão temática nos conteúdos propostos para outras mídias e plataformas dos mapas midiáticos-temáticos produzidos para a disciplina Processo de Roteirização em Jornalismo (UFPE / Semestre 2020.2)

PROJETO	MÍDIA EXPANSÃO	CONTEÚDOS EXPANSÃO	JUSTAPOSIÇÃO TEMÁTICA	%	EXPANSÃO TEMÁTICA	%
INDUSTRIA CINEMATOGRAFICA	3	9	0	0%	9	100%
OLIMPIADAS PARIS	5	15	3	20%	12	80%
SAÚDE MENTAL	3	8	4	50%	4	50%
REALIDADE ATLETAS	4	23	16	70%	7	30%
MEGAPROJETOS	4	17	6	35%	11	65%
INCIDENTES TUBARÕES	4	16	13	81%	3	19%
MÉDIA	4	15	7	43%	8	57%

Fonte: Elaboração do autor.

A estruturação de um percurso mais figurativo que temático tende a gerar mais justaposição dos conteúdos de expansão. No roteiro “Incidentes com Tubarões em Pernambuco”, essa foi uma das causas da excessiva sobreposição temática (81%) nos conteúdos para mídias e plataformas associadas, repetindo, de alguma forma, o que seria também abordado no texto de referência, como já relatamos. As dificuldades dos estudantes do grupo na estruturação do percurso argumentativo e na realização de pesquisas e pre-apuração também comprometeram o processo de revisão final no tempo previsto para realização da roteirização.

Um texto de referência com percurso temático pouco estruturado também contribui para uma maior justaposição de aspectos temáticos nos conteúdos de expansão, como ocorreu com o roteiro *Realidade dos Atletas Brasileiros entre as Olimpíadas* (70% de justaposição temática). O alto grau de generalização de alguns aspectos temáticos do texto de referência, a exemplo de “Transsexualidade”, também tende a dificultar o processo de comparação com os conteúdos de expansão como “Os desafios de Atletas Trans tanto na carreira como nas olimpíadas”, deixando margem para dúvidas sobre o que, de fato, seria tratado no texto de referência. Outra imprecisão identificada está na descrição de conteúdos para outras mídias a partir de seus gêneros ou formatos, tais como “Conversa com Douglas Souza [atleta]” e “Debate com especialistas”, sem definir o foco das entrevistas, ou seja, os aspectos temáticos a serem expandidos.

Nesse mesmo roteiro, uma outra parte dos conteúdos planejados para outras mídias, apesar de se revestirem de novos elementos figurativos, sobretudo de fontes, apenas ilustram

ou reforçam um certo aspecto temático do texto de referência. Exemplos: o conteúdo intitulado “Conversa com Lucas Verthein”, uma entrevista com atleta de remo que vende marmita e trabalha em loja de Informática para se manter, apenas ilustra o aspecto temático do texto de referência “Realidade de Atleta Semiprofissionais”; o conteúdo “Realidade Socioeconômica”, que pretende comparar o perfil de dois atletas, um que vive somente do esporte e outro que o concilia com outra carreira, também ilustra o aspecto do texto de referência “Atletas que vivem do esporte e atletas que conciliam com outra carreira”; e o conteúdo “Projetos Sociais”, propondo a participação de medalhistas olímpicos que iniciaram a carreira a partir desses projetos, somente corrobora o aspecto temático “A importância dos projetos Sociais de inclusão”, do texto de referência.

Essa dificuldade para descrever os conteúdos de expansão a partir de aspectos temáticos também se vê no roteiro *Saúde Mental nos Esportes* (cujo índice de justaposição temática foi de 50%), que se utiliza de elementos figurativos, como “Pódio” e “Suporte”, ou apenas perguntas, a exemplo de “Preciso de ajuda, e agora?”, ao invés de um aspecto temático. As figuras são categorias distintas dos temas, enquanto as perguntas podem oferecer respostas extensas capazes de englobar diferentes aspectos temáticos.

Apesar do menor índice (35% de justaposição temática), isso também ocorre no roteiro *Megaprojetos em Pernambuco*. A imprecisão e ausência de detalhamento do texto de referência levantam dúvidas sobre o quanto os conteúdos para outras mídias expandem a temática. Não se percebe, por exemplo, se o aspecto temático do texto de referência “Desequilíbrio Ambiental” já inclui uma comparação entre a fauna antes e depois da instalação do Porto de Suape, objetivo do conteúdo “Diferença-Fauna” para outra mídia, tampouco se ele contempla as possíveis mudanças na agricultura local com a instalação da Usina Nuclear em Itacuruba, foco do conteúdo “Agropecuária-migração”. Essas ocorrências apontam para a necessidade de incentivar um melhor detalhamento dos aspectos temáticos do texto de referência ou mesmo incluir no mapa midiático-temático um campo específico para isso.

Analisar a estratégia de expansão de uma reportagem especial a partir dos aspectos temáticos implica considerar que sua principal função é fazer progredir a abordagem do assunto, isto é, apresentar elementos que permitam avançar na compreensão do tema, complementando-o ou redirecionando-o para novas questões. Isso ocorreu em todos os mapas midiático-temático analisados, demonstrando que quando sua lógica é compreendida e há uma predisposição para o detalhamento da proposta, esse instrumental se mostra útil para roteirização transmídia jornalístico.

No roteiro *As transformações na Indústria cinematográfica*²³, os conteúdos para outra mídia que pretendem expandir a temática através da opinião buscam destacar um dos aspectos da reportagem (texto de referência) para debate-lo com especialistas, problematizando algumas questões: as mudanças no modo de assistir provocadas pela pandemia (texto de referência), desdobram-se numa outra mídia com a abordagem das dificuldades da produção cinematográfica diante das restrições de isolamento impostas; a discussão do acesso ao cinema no Brasil (texto de referência), avança com o debate sobre como a desigualdade econômica afeta o acesso às salas de cinema.

A proposta transmídia também desenvolve modos distintos de expansão por contextualização dos aspectos temáticos do texto de referência: historicamente (explicando as fases do cinema brasileiro), socialmente (apontando soluções e alternativas de projetos de acesso de públicos periféricos ao cinema), economicamente (pautando o crescimento do consumo de plataformas de streaming durante a pandemia), ou culturalmente (estimulando a participação de usuários do Instagram, através de recursos interativos que compartilham vivências em relação ao modo de consumo do cinema antes e durante a pandemia).

No roteiro *Incentivo e Formação de Atletas para as Olimpíadas de Paris em 2024*²⁴, os conteúdos para outras mídias se propõem a expandir a reportagem televisiva contextualizando aspectos temáticos tais como: o treinamento para as próximas Olimpíadas, de modo a complementar a abordagem sobre o processo de descoberta dos atletas olímpicos; histórias de superação dos atletas, como forma de ampliar a discussão sobre as dificuldades enfrentadas pela falta de patrocínio; dados e discussões sobre o bolsa-atletas e o investimento em atletas militares, diversificando a angulação sobre as políticas governamentais de esportes. A expansão por opinião também é empregada ao: retomar, com a participação do público através de recursos como enquetes e perguntas no Instagram, e avaliar a campanha do Brasil nas Olimpíadas de Tóquio; problematizar a elitização de alguns esportes; discutir os modos de incentivo aos atletas em países que têm sucesso nas Olimpíadas e as razões do Brasil não ter o mesmo desempenho; defender a prática esportiva nas escolas e nas periferias como uma das saídas para o esporte e a cultura de paz.

²³ Anexo 9 - Mapa Midiático-temático *As transformações na Indústria cinematográfica*.

²⁴ Conforme já mencionamos, a forma de organização dos aspectos temáticos do texto de referência no mapa midiático-temático não seguiu a lógica de associar os subtemas aos episódios da série de reportagem televisiva, mas as descrições dos mesmos nos campos reservados ao detalhamento dos conteúdos na planilha permitiram identificar as relações temáticas entre texto de referência e os textos associados.

No roteiro sobre *Saúde Mental nos Esportes*²⁵, os conteúdos propostos para expansão do texto de referência são direcionados mais claramente ao jornal impresso: quando abordam os tabus que envolvem a saúde mental, estabelecendo relação com o tópico do texto de referência sobre importância de falar sobre a questão; quando trata do suporte emocional oferecido a jovens atletas no cenário brasileiro, desenvolvendo o tópico “Barreiras na vida de um atleta”; quando levanta a questão da busca do perfeccionismo pelos atletas em detrimento da saúde mental, ampliando o tópico “Pódio”; e ao recuperar a história de Simone Biles para contextualizar sua “Decisão” de abandonar os esportes durante as olimpíadas (tópico também abordado no Seminário). Ao propor um texto de referência (Seminário) que não se mostra pertinente ao método trabalhado, os conteúdos para as mídias e plataformas tendem a assumir o papel de desenvolver o percurso temático (próprio do texto de referência) e apresentar os principais pontos da questão.

Apesar do alto índice de justaposição temática, o roteiro sobre *Realidade dos Atletas Brasileiros entre as Olimpíadas* apresenta expansão temática para outras mídias nos conteúdos, dentre os quais destacamos: “Origem, Público e patrocinadores”, que ao tratar da influência dos patrocinadores sobre o processo de elitização de alguns esportes, expande o aspecto temático “Origem dos esportes na elite e na massa”; e “Incentivo Público”, que, ao debater a extinção do Ministério do Esportes e o pouco investimento do Governo Federal, contextualiza o aspecto “Valorização do Esporte por parte do Estado”. Merece registro, tanto nesse como em outros casos analisados, a observação de que os conteúdos para Instagram (assim como para outras redes sociais) oferecem menor potencial de expansão temática, o que se deve às características de consumo nesse tipo de plataforma. Apresentam-se dados, detalhes menos relevantes e curiosidades a partir de um certo aspecto temático.

No mapa midiático-temático sobre *Megaprojetos em Pernambuco*, identificamos o desdobramento temático quando propõe conteúdos que: apresentam o processo de construção de dois megaprojetos (Porto de Suape e Transnordestina), expandindo aspectos tratados na reportagem; privilegiam pontos de vistas sobre o assunto, como os benefícios da instalação da Usina Nuclear na cidade de Itacuruba; mapeiam a rota dos tubarões, acrescentando informações

²⁵ Como já explicamos, além de apresentar um texto de referência distinto (um Seminário), o roteiro apresenta um percurso temático muitas vezes figurativizado ou marcado por perguntas, dificultando a comparação temática. O mapa midiático-temático também apresentava conteúdos de propagação, que foram colocados de lado em nossa análise por indicar uma perspectiva de justaposição temática. Percebe-se uma boa compreensão do modo de expansão a partir dos aspectos temáticos por parte de seus integrantes, já que as ideias na descrição dos conteúdos têm relevância e se sustentam, em contrapartida à forma de organização destes no instrumental utilizado (mapa midiático-temático). Corroboram essa avaliação o fato de estruturarem os conteúdos por subtemas no detalhamento abaixo a representação gráfica, bem como as descrições de alguns conteúdos que finalizavam com frases do tipo “linkar com a matéria ...” ou “linkar com o tema ...”.

a partir do texto de referência que trata da relação dos ataques com a construção do Porto de Suape; discutem as alterações no curso d'água do Rio São Francisco e as implicações para suas espécies, especificando um dos impactos ambientais produzidos pela Hidrelétrica Luiz Gonzaga; investigam as mudanças na agricultura local, ampliando a abordagem de como as atividades econômicas também foram impactadas pelos megaprojetos. O roteiro também propõe dois conteúdos de atualização: “Transnordestina Hoje”, sobre o andamento das obras da ferrovia Transnordestina, e “População-Economia”, sobre o processo de adaptação econômica da população às mudanças impostas pelos megaprojetos, mas que na verdade são conteúdos que contextualizam aspectos temáticos do texto de referência, pois poderiam ser apurados e produzidos antes da publicação²⁶.

O menor índice de expansão temática entre o texto de referência e os conteúdos para outras mídias está no roteiro *Incidentes com Tubarões em Pernambuco*, e busca contextualizar: geograficamente o aspecto temático “Rotas dos tubarões”, regionalizando-o; socialmente e historicamente o tópico “Homem x Natureza”, recuperando o processo de urbanização das paias; e politicamente o aspecto temático “Educação Ambiental”, promovendo a participação de usuários no Instagram através de enquetes e perguntas sobre a democratização e acesso à informação.

5.1.3 Avaliação discente

Ao final da disciplina, os estudantes responderam a um questionário no formato Google Forms sobre a utilização do método, que consta de 6 perguntas, sendo duas exclusivamente objetivas, três objetivas-discursivas e uma totalmente discursiva visando avaliar criticamente o método e colher sugestões para seu aperfeiçoamento²⁷. Dos 18 estudantes que participaram da pesquisa aplicada, 15 responderam ao questionário. O perfil dos estudantes era bem diverso: mais da metade (10 alunos) eram do segundo e quarto períodos; os demais eram do sexto, oitavo e nono período (Figura 27). Apresentaremos, a seguir, um balanço das respostas, destacando a percepção dos alunos quanto ao método de roteirização experimentado.

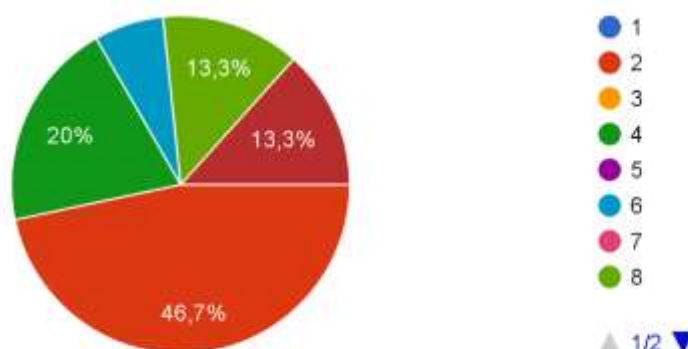
²⁶ Um conteúdo de atualização seria, por exemplo, alguma denúncia de irregularidade nos contratos da Transnordestina que impedisse o andamento das obras ou, no caso da Usina Nuclear, o julgamento de uma ação judicial movida por movimentos sociais contra a sua instalação, cujos acontecimentos, em ambos os casos, ocorresse quando da publicação dos conteúdos transmídia e repercussão do projeto.

²⁷ Apêndice G – Respostas ao questionário sobre utilização do método de roteirização transmídia - Turma Processos de Roteirização em Jornalismo.

Figura 27 – Período letivo dos estudantes da disciplina Processo de Roteirização em Jornalismo (UFPE, Semestre 2020.2)

Período Letivo no Curso de Jornalismo

15 respostas



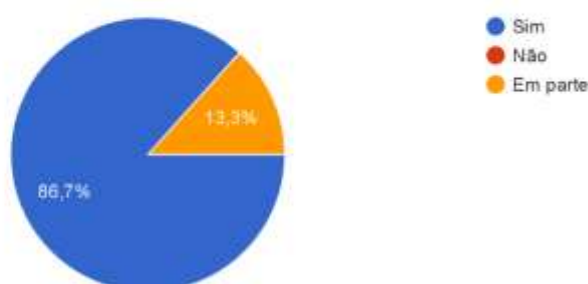
Fonte: Gerado automaticamente através do Google Forms

A primeira questão apresentada tinha como objetivo perceber a compreensão dos conteúdos teóricos que foram apresentados para fundamentar o processo de roteirização. A maior parte (86,7%) dos respondentes afirmaram ter compreendido bem a parte teórica, e não foi registrada resposta negativa (Figura 28). Do percentual que respondeu ter compreendido em parte (13,3%), a pergunta vinculada apontou os conceitos de transmidiação e expansão transmídia, bem como o próprio mapa midiático-temático como os assuntos que encontraram mais dificuldade.

Figura 28 – Compreensão dos conteúdos teóricos sobre roteirização de reportagens transmídia dos estudantes na disciplina Processo de Roteirização em Jornalismo (UFPE, Semestre 2020.2)

PERGUNTA 1 - Você conseguiu compreender bem a parte teórica apresentada para o processo de roteirização de reportagens transmídia?

15 respostas



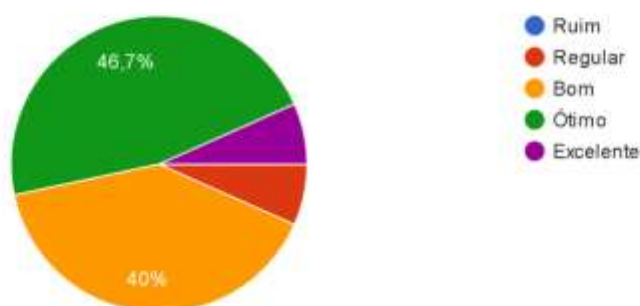
Fonte: Gerado automaticamente através do Google Forms

Acerca do roteiro transmídia produzido pelo grupo, a avaliação foi majoritariamente positiva, entre Excelente (6,7%), Ótimo (46,7%) e Bom (40%) (Figura 29). Nenhuma resposta avaliou o roteiro como Ruim, e apenas 6,7% avaliou como Regular. A pergunta seguinte, sobre o nível de dificuldade encontrado na realização do roteiro utilizando o mapa midiático-temático, evidenciou uma dificuldade mediana pela maioria dos estudantes (73,3%), e percentuais equilibrados classificando o método como fácil (13,3%) e também difícil (13,3%) (Figura 30).

Figura 29 – Avaliação do roteiro da reportagem especial transmídia elaborado pelos estudantes na disciplina Processo de Roteirização em Jornalismo (UFPE, Semestre 2020.2)

PERGUNTA 2 - Como avalia o roteiro da reportagem especial transmídia produzido pelo seu grupo de trabalho?

15 respostas

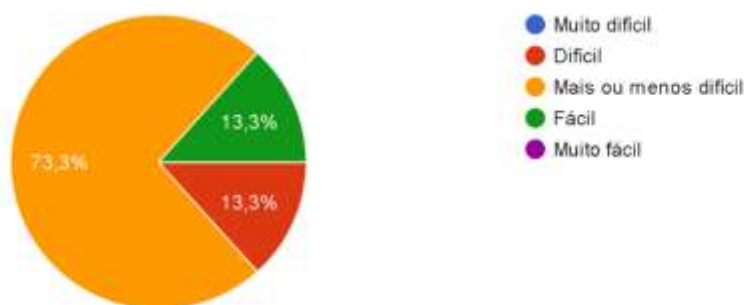


Fonte: Gerado automaticamente através do Google Forms

Figura 30 – Avaliação quanto ao nível de dificuldade na elaboração do roteiro transmídia pelos estudantes da disciplina Processo de Roteirização em Jornalismo (UFPE, Semestre 2020.2)

PERGUNTA 3 - Que nível de dificuldade encontrou na realização do exercício de roteirização da reportagem especial transmídia a partir do método apresentado?

15 respostas



Fonte: Gerado automaticamente através do Google Forms

O nível de dificuldade apontado nas respostas à pergunta direta foi justificado pelos respondentes em diferentes perspectivas, porém a que mais se destaca é a complexidade do processo de expansão transmídia por aspectos temáticos: “Difícil elaborar e encaixar os temas com as plataformas e fazer”; “a parte prática é mais complexa por ser necessário pensar nos desdobramentos temáticos e na melhor forma de executá-los, a melhor mídia etc.”; “É complexo pensar a estruturação e conexão entre os aspectos temáticos e a abordagem diferente da matéria principal de maneira que sejam todos interligados como deve ser”; “A parte mais difícil foi pensar em conteúdos que se entrelaçam, mas que não sejam repetitivos ao mesmo tempo”; “Pensar na produção de um conteúdo em cadeia que seja independente e ao mesmo tempo complementar o texto de referência, sem ser repetitivo, é muito trabalhoso”; “Não foi difícil em si pensar e produzir, mas o que me gerou uma certa dificuldade foi ajustar tudo e como seria passado e também a dificuldade no Excel me limitou um pouco”. A dificuldade com as planilhas eletrônicas, utilizadas para construção do mapa midiático-temático, foi recorrente entre a maioria dos alunos.

Outros motivos alegados que precisam ser considerados foram a pouca experiência com a produção e consumo transmídia, o fato de estar no período inicial da graduação, a sobrecarga de atividades de outras disciplinas e a perspectiva de que a reportagem roteirizada não seria produzida, de fato²⁸. Uma das respostas, ao contrário, destacou a facilidade em decidir o tema e desenvolvê-lo com base no modelo apresentado, tanto que foram necessárias poucas alterações no plano original que haviam concebido.

Como foi a nossa primeira vez realizando algo com essa proposta e não tínhamos tanta experiência com o Excel foi difícil começar, parecia ter um alto nível de complexidade para estruturar os assuntos, interligá-los, pensar nas suas mídias, sua complementariedade e a função que desempenharia dentro da proposta de roteiro em relação ao tema principal (atualização, opinião, contextualização e afins). Até termos uma linha de raciocínio mais fixa e alinhada, foi difícil. Depois que conseguimos fechar uma estrutura, delegar funções, abrir mão de algumas propostas iniciais (que tomariam muito tempo e ainda assim ficariam um pouco inacabadas), foi possível deslançar o trabalho. Com certeza, o mais difícil é apresentar a proposta, pensar no roteiro, no seu funcionamento, como vamos estruturar e fazer entender as nossas ideias. Quanto a dificuldade na montagem, acredito que tenha sido a falta de prática com a plataforma, mas ainda assim, pelo menos para mim, o Excel foi a melhor opção (Estudante da disciplina Processos de Roteirização em Jornalismo, UFPE, semestre 2020.2).

Para a totalidade dos respondentes, o mapa midiático-temático colaborou de alguma forma para elaboração do roteiro da reportagem especial transmídia: 46,7% afirmaram que o instrumental ajudou, enquanto 53,3% afirmaram que o instrumental ajudou muito no processo

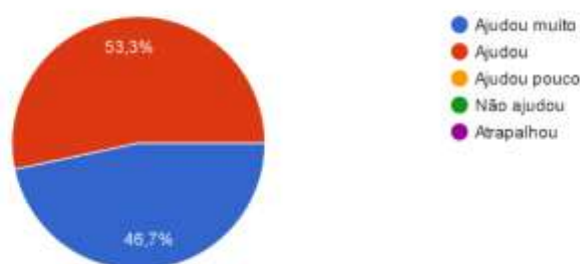
²⁸ Diante das restrições sanitárias impostas pela pandemia, inclusive o modelo de ensino remoto, não previu a produção do roteiro elaborado.

de roteirização (Figura 31). Perguntados se voltariam a utilizar o mapa midiático-temático para roteirizar reportagens transmídia, um percentual relativamente grande dos respondentes diante das dificuldades apontas (80%), afirmaram que sim (Figura 32).

Figura 31 – Avaliação da contribuição do mapa midiático-temático para elaboração do roteiro transmídia pelos estudantes da disciplina Processo de Roteirização em Jornalismo (UFPE, Semestre 2020.2)

PERGUNTA 4 - Em que medida o mapa midiático-temático ajudou no processo de roteirização da reportagem especial transmídia?

15 respostas

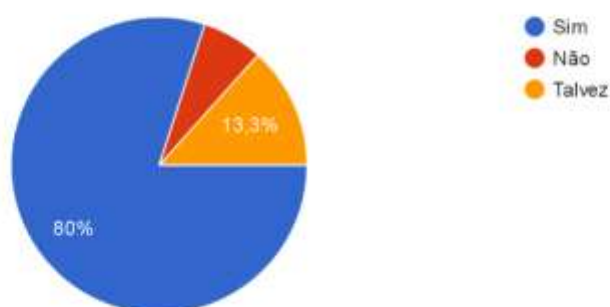


Fonte: Gerado automaticamente através do Google Forms

Figura 32 – Possibilidade de utilizar do mapa midiático-temático para roteirizar reportagens transmídia entre os estudantes da disciplina Processo de Roteirização em Jornalismo (UFPE, Semestre 2020.2)

PERGUNTA 5 - Você utilizaria novamente o mapa midiático-temático para roteirizar reportagens especiais transmídia?

15 respostas



Fonte: Gerado automaticamente através do Google Forms

As razões para voltar a utilizar o mapa midiático-temático explicitadas pelos respondentes destacaram: seu potencial de organização e flexibilidade que o “torna um “atalho” para aplicar qualquer ideia com esse formato, facilitando muito a vida da gente”; a vantagem de visualizar globalmente o projeto, pois “quando você enxerga o mapa completo com tudo

bem estruturado fica mais fácil de entender”; ser “uma boa forma de visualizar como você trabalhará seu conteúdo”; que é “um processo extremamente necessário para a visualização do projeto e organização das mídias e ideias que precisam estar alinhadas e conectadas como em uma teia”; mesmo sendo complexo, sem ele “não teria conseguido entender a execução prática da estratégia transmídia”; que facilita e orienta o processo de estruturação e organização da narrativa jornalística, ajudando “a cortar caminhos e definir melhor as prioridades da nossa reportagem”, “a dar um norte sobre como começar a elaboração de todo o projeto” e a “ter um planejamento amplo”, pois “a organização que o mapa propõe é essencial”. As ressalvas feitas dizem que “o modelo do mapa é pouco intuitivo para o processo de roteirização, inicialmente, mas após se familiarizar com o modelo é tranquilo de editar e compreender” ou que o simplificaria, e somente voltaria a utilizá-lo para “dar um suporte para conseguir elaborar e realizar a reportagem”.

Gostei da forma que através dele, após a sua finalização, é possível visualizar as ideias de um modo autoexplicativo e um pouco mais sucinto. Por exemplo, na produção eu peguei uma folha A4 e escrevi tudo, não em forma de mapa, mas da forma que para mim seria mais fácil compreender, tanto as minhas ideias quanto as das meninas e a forma como alinhamos aquilo que queríamos colocar no mapa. Então escrevi, marquei com diferentes cores de marcadores correspondentes às funções do conteúdo (contextualização ou opinião) e montei as folhas na mesa de uma forma que eu conseguisse visualizar tudo. Era muito complexo e fácil de se perder, tinham muitas palavras, levaria um tempo considerável para ler e tentar entender tudo aquilo, e ainda assim, acho que não seria possível sem a minha explicação. Quando consegui passar para o mapa proposto, vi que se eu pegasse para realizar aquela proposta de conteúdo, seria muito mais simples compreender a ideia, a proposta e como, de fato, aplicá-la. Achei uma forma mais universal de entendimento, resume bem, é fácil de visualizar e pensar a partir dele. Depois de ver o conteúdo lá, eu mesma fiz vários ajustes porque percebi coisas que estavam desconexas, assuntos que ficaram soltos, temas que poderiam ser incorporados, essas coisas. Eu gostaria de ter tido mais tempo (apesar de saber que tive bastante dentro do possível na disciplina), porque surgiram mais ideias depois de ter o mapa pronto, mas acabamos finalizando ele bem em cima da hora. Acho que é importante sim, organizar as ideias antes de começar a estruturá-las, mas pensar ali dentro do mapa também é interessante e acho que propõe um conteúdo diferente da situação anterior. No entanto, acho que em uma primeira vez causa um estranhamento (lembro da aula de apresentação do mapa) quanto como ele funciona e entender a dinâmica dele que é um tanto particular. Lembro que na primeira vez que o vi, na sua apresentação para turma, senti falta de coisas escritas, eu sou muito detalhista então ver apenas uma retranca não seria suficiente para mim. Adorei a parte do desenvolvimento, que podemos falar um pouco sobre as nossas ideias e como foram pensadas, acho primordial para o entendimento em algumas situações (não todas, devo admitir, algumas são bem autoexplicativas e acabam ficando meio repetitivas). Tiraria a parte de colocar equipamentos ou coisas que seriam necessárias para realizar a proposta, na minha visão isso é problema de quem vai produzir, a não ser que exista na proposta uma forma específica de produção daquele material, exemplo o uso de câmeras 360° ou algo assim para algum conteúdo, enfim. Acho que o mapa é muito útil, visual e auxilia no pensamento, facilitando o alinhamento de todas as ideias, por isso o utilizaria novamente, com certeza (Estudante da disciplina Processos de Roteirização em Jornalismo, UFPE, semestre 2020.2).

A última questão proposta aos alunos era totalmente discursiva, e estimulava comentários livres, críticas e sugestões sobre o método de roteirização de reportagens especiais transmídia. As respostas faziam referência ao processo de conhecimento promovido pela disciplina, assim como também conceitos que não haviam ficado claros, elogios ao método, reconhecendo sua eficiência na pré-produção e produção, críticas ao uso de planilhas eletrônicas e sugestões para incorporar ao mapa midiático-temático a ordem de publicação dos conteúdos.

Eu achei o mapa muito válido, visual e descritivo na medida certa. Uma sugestão, acho que depois dele finalizado é bem mais fácil de apontar algumas estratégias de propagação que funcionariam junto as estratégias do conteúdo. Considero uma parte importante da produção, pensar em como divulgar o que está por vir ou produzir conteúdos em sequência, que praticamente se divulgam sozinhos através do interesse do espectador, como uma série documental. É mais fácil de alinhar dentro do mapa e acredito que seja interessante (e faça mais sentido) pensar nisso a partir dele também. A experiência foi ótima! (Estudante da disciplina Processos de Roteirização em Jornalismo, UFPE, semestre 2020.2).

5.2 Disciplina Telecinejornalismo

Ao contrário da primeira experiência de aplicação do método de roteirização, na disciplina Telecinejornalismo (C0248), componente curricular obrigatório do Curso de Jornalismo da UFPE, a oportunidade de testagem se inseriu na dinâmica já levada adiante pela professora Yvana Fechine, que a ministra regularmente. Nesse sentido, tratar de transmídia no telejornalismo adequava-se ao novo Projeto Pedagógico do Curso de Jornalismo da UFPE²⁹, bem como à própria ementa da disciplina, especificamente no que se refere à reportagem temática e especial e sua roteirização. Como o componente curricular é ofertado no sétimo, e penúltimo, período do curso, esperava-se também que os 31 estudantes matriculados já tivessem contato com os conceitos de transmídia ao longo de sua trajetória acadêmica, cabendo, então, recuperar essas noções e introduzir mais diretamente o método. As atividades do semestre letivo 2021.1, no qual foi ministrada a disciplina, continuaram sendo realizadas de maneira remota.

Além de conteúdos programáticos da disciplina³⁰ que possuem estreita relação com o método a ser aplicado, como “Reportagem especial - caracterização e roteirização” “ e

²⁹ Embora o novo Projeto Pedagógico do Curso de Jornalismo ainda não esteja em vigor, muitos professores já estão reorientando seus conteúdos programáticos em conformidade com os fundamentos e competências definidos no documento. Dentre elas, destaca-se como fundamental para o modelo de produção transmídia, “Compreender as diferentes linguagens (verbal, visual, sonora e audiovisual), operando com suas especificidades e/ou conjugação na elaboração de produtos jornalísticos” (UFPE, 2022, p. 47).

³⁰ Anexo 10 - Plano de Ensino da disciplina Telecinejornalismo.

“Tematização. Serialização”, foram também ministradas duas aulas sobre “Jornalismo Transmídia”, demonstrando especialmente como as estratégias transmídia de propagação e expansão articulavam conteúdos jornalísticos para diferentes mídias e plataformas. A seguir, foi apresentado o método propriamente dito, e seu principal instrumental, o mapa midiático-temático. Atividades participativas e de análise, tais como as desenvolvidas na disciplina Processo de Roteirização em Jornalismo, serviram de suporte para estimular o debate e fixar os conceitos necessários para a realização dos trabalhos.

A aplicação propriamente dita do método se deu como módulo da disciplina, que foi desenvolvido ao longo de três semanas, nas quais foram realizados encontros de orientação por grupos e atividades assíncronas de pesquisa e pré-apuração jornalística para construção do roteiro. Para compatibilizar a experiência com o conteúdo programático da disciplina voltada para o telejornalismo, o texto de referência dos roteiros deveria ser uma série televisiva. Na apresentação do Mapa midiático-temático, priorizou-se, especialmente, o exemplo prático utilizado na experiência anterior sobre o “Futuro do Trabalho”, sem deixar de apontar a estrutura base que o constituía: os níveis temático, midiático e das funções jornalísticas.

5.2.1 Orientações para roteirização

Foram formados sete grupos compostos com até cinco integrantes, orientados pelos professores-pesquisadores em horários alternados, de modo que houvessem ao menos três encontros com cada equipe. Era possível também encaminhar ou compartilhar os trabalhos por e-mail para supervisão e feedback. A metodologia adotada continuou sendo a de, primeiramente, definir o tema e estruturar o conteúdo de referência, para somente depois conceber os conteúdos de expansão a partir dos aspectos temáticos já consolidados. Nesse processo participaram tanto a orientadora e professora regular da disciplina como o autor dessa tese.

Os temas escolhidos foram dos mais variados: *HIV, Inteligência Artificial, Extermínio Negro nas Periferias, Infecções Sexualmente Transmissíveis – ISTs, Mobilidade Urbana, Vida Trans e Declínio da Classe C*. Os grupos apresentaram propostas bem pertinentes, restando o trabalho de desenvolver, com base numa boa pré-apuração, um percurso temático coerente capaz de se expandir através de novos aspectos para outras mídias e plataformas. Não deixemos de observar também que nesse processo pesaram fatores como o interesse e a responsabilidade dos grupos: houve, por exemplo, quem não apresentasse proposta de tema no primeiro encontro, mas se apropriasse do mapa midiático-temático de maneira a fazer excelente uso dele para a

roteirização, e houve também quem, mesmo com um tema previamente definido, tivesse dificuldade de se organizar para a pesquisa jornalística e não apresentasse uma proposta clara de roteiro, seja da reportagem especial, ou dos conteúdos de expansão. Como na construção dos roteiros desta segunda aplicação do método alguns processos se repetiram, optamos por destacar neste relato apenas os novos desafios e questões surgidas. Detalharemos, inicialmente, dois casos citados para ilustrar o desenvolvimento da experiência da turma, e logo em seguida pontuaremos algumas contribuições que vislumbramos relevantes para aperfeiçoamento do método e construção do conhecimento sobre a produção de reportagens especiais transmídia.

O grupo que elaborou o roteiro *Inteligência artificial*, chegou no primeiro encontro de orientação sem compreender bem a atividade, por isso, não apresentou a proposta inicialmente. A orientação dos professores-pesquisadores consistiu em indicar essa necessidade para, somente depois, pensar como ele seria trabalhado. Com as explicações sobre a utilização do mapa midiático-temático disposto em uma planilha eletrônica a partir do exemplo já mencionado, o grupo apresentou, no encontro seguinte, uma proposta bastante coerente que evidenciava boa apropriação do instrumental.

Os estudantes compartilharam a tela com a planilha do mapa midiático-temático, explicando um pouco das motivações:

- O tema que a gente pensou é Inteligência artificial (IA). E aí a gente tentou destinar primeiro em quatro subtemas, que foram uma introdução a definições, uma introdução ao IA de forma geral; a automação do trabalho, as questões de trabalho e desemprego, profissões do futuro, coisas que envolvam essa relação e IA; o terceiro subtema seria no âmbito pessoal, de uso pessoal, então aí entraram coisas como rede social, assistente pessoal; e por último o IA na medicina, que a gente achou que poderia ser um tópico que renderia muito já que ela já trabalho em várias áreas diferentes da Medicina. Aí tem alguns aspectos que seriam em cada um dos vídeos.

O grupo correu atrás do prejuízo e organizou bem a proposta de roteiro seguindo a dinâmica do mapa na parte superior (da série de reportagens televisivas). Na revisão dos tópicos o professor instigou os estudantes a explicitarem melhor um dos aspectos temáticos do primeiro episódio que parecia mais genérico:

- Quando vocês falam de introdução às controvérsias, para quem lê pela primeira vez, não fica tão claro. Seriam as controvérsias sobre o uso da IA?

Uma estudante citou o exemplo do uso da IA na vigilância, mas outro completou que existiam diversas controvérsias envolvidas, como guerra, questão ética, do trabalho e da medicina, que também seriam abordadas nos episódios seguintes:

- Seria uma introdução à polêmica que envolve a IA, falar por alto o que seria abordado ao longo da série. Inclusive um dia depois de a gente ter escolhido esse tema a Unesco divulgou um acordo global de ética quanto à inteligência artificial. Essa é uma notícia bem recente e a gente pensou que poderia ser o mote principal desse aspecto.

- Talvez o ponto principal seja a ética do uso da inteligência artificial, que depois vai se desdobrando no trabalho, na medicina...

A professora completou:

- Eu acho que talvez pudesse especificar mais nesse sentido, discussões éticas em torno da inteligência artificial. A controvérsia está subjacente, ela está permeando um pouco tudo, porque a questão da inteligência artificial, pelo pouco que a gente sabe do senso comum, envolve sobretudo limites éticos.

- Eu acho que seria introdução ao debate ético – comentou um estudante.

- Ou só o debate ético mesmo, como se fosse um tema-retranca – sintetizou a professora.

- Isso puxa exatamente do aspecto anterior: a gente fala o que é, como surgiu e exemplo do que a IA pode fazer e daí a gente puxa... se isso que é feito é ético.

- Isso. Tá “redondinho”, gente! – comentou a professora.

Como o grupo já trazia propostas bem concretas de conteúdos de expansão, descrevendo nas células a síntese de cada um deles. O passo seguinte foi a demonstração pelo professor da forma de preenchimento da parte inferior do mapa midiático-temático para detalhar melhor tais conteúdos.

- Aqui, por exemplo, vocês já pensaram um conteúdo para o Instagram sobre robôs famosos da cultura pop. Então nesse ponto, nessa célula, a gente define uma retranca (palavra-chave) para identificar o conteúdo. Como vocês nomeariam a publicação para o Instagram sobre os robôs famosos na cultura pop?

- Acho que Personagens de IA, ou algo do tipo.

- Então a gente coloca essa retranca no quadrinho na coluna relacionada ao aspecto temático da série televisiva, que nesse caso está ligado a “O que é IA” [da série de reportagens para TV]. Depois a gente coloca a mesma retranca abaixo do mapa, e detalha o formato. Vai ser um reels, é isso?

- Eu pensei um carrossel – respondeu um dos estudantes.

- Eu pensei reels, mas um carrossel também fica bem – concordou o colega.

- Vocês podem definir melhor depois, mas é importante detalhar aqui. E na coluna seguinte, onde tem “Desenvolvimento/abordagem” é um pouco aquilo que vocês haviam descrito anteriormente: levantar exemplo de IAs na cultura pop. E por fim, as fontes: onde a gente vai buscar essa informação? Em fontes bibliográficas ou sites especializados, por exemplo?

- Isso é importante – pontuou a professora – Só para vocês perceberem por que a gente precisa fazer isso: a gente está fazendo um projeto que seria executado por uma equipe, dificilmente por uma única pessoa, então é importante que se indique como aquilo que vocês querem fazer pode ser feito. Dar as pistas, como a gente faz numa pauta. Inclusive quando for uma situação, por exemplo, de um podcast ou de Webserie, quais são os recursos. Nesse caso aqui uma pesquisa na internet talvez seja suficiente, e os recursos seriam basicamente um computador com acesso a internet, talvez um design ou diagramador, se a gente estivesse numa redação. Um projeto transmídia envolve um conjunto de pessoas e o mapa midiático-temático ajuda a gente nessa organização tanto da criação quanto da produção. Por isso essa segunda parte também é importante para dar legitimidade a toda a equipe. Se você colocar ali alguma coisa genericamente, as vezes a pessoa não sabe exatamente o que é. Até vocês que estão trabalhando juntos estavam em dúvida inicialmente quanto aos formatos.

A orientação prosseguiu, recomendando que os estudantes fizessem o mesmo processo com as demais sugestões de conteúdos de expansão, reforçando a necessidade de que houvesse uma ampliação temática e que cada conteúdo assumisse uma função específica, conforme prevê o método.

- Aqui na planilha, essas legendas de cores com funções bem genéricas, Função 1 e Função 2, aquelas funções dos textos de expansão que pode ser daquelas que identificamos nas reportagens *Tudo Sobre*, da Folha de São Paulo, como opinião, contextualização, atualização, exploração... estamos pensando também com outros grupos algo em torno do serviço. Então se esse debate na Unesco – exemplificou o professor, referindo-se a um conteúdo de expansão para plataforma de áudio – está em torno das controvérsias éticas, será que o “tom” desse podcast vai ser mais opinativo, ou mais de contextualização? Ele vai discutir mais, colocar o confronto de duas ideias ou vai trazer mais informações para aprofundar a questão ética? O que vocês acham?

- Eu acho que a gente tinha pensado, como é uma coisa muito nova, de dois dias... a gente tinha pensado em trazer esse especialista pra ele falar o que, em tese, foi acordado, o que foi decidido. Então, seria meio que uma contextualização e uma atualização, já que é uma coisa

nova. Ia acabar não tendo muita opinião porque não teve tempo pra render e tal... Seria mais de contextualização mesmo.

- Então vocês podem definir isso para os outros conteúdos e distinguir pelas cores. Quando a gente faz isso a gente percebe qual é a tônica do projeto transmídia. O conteúdo sobre personagens da cultura pop seria também uma contextualização?

- Isso. Seria mais contextualização mesmo!

- Então vamos colocar aqui! – demonstrava o professor editando a célula da planilha com a cor referente a contextualização, perguntando sobre o conteúdo de expansão proposto para o Youtube acerca da origem da IA a partir de uma peça de teatro – Seria que tipo de função esse conteúdo? Em relação àquilo que está na TV?.

- Provavelmente seria de contextualização, porque não teria opinião nem seria um serviço, nem um tipo de atualização, já que é coisa antiga – respondeu prontamente um dos estudantes.

- Então vocês vejam como mapa ajuda a ver que a gente está expandindo no sentido da contextualização. Aí uma questão que precisamos pensar: o tema de vocês é polêmico?

- Eu acho que é bastante.

- E como é que vocês estão aprofundando essa polêmica nos conteúdos de expansão? Isso pode ajudar vocês a pensarem os próximos conteúdos para outras mídias um pouco nessa direção, porque até aqui a gente já consegue ver qual é a tônica que a gente está dando aos conteúdos de expansão. Por isso é importante a gente pensar nestas funções.

- Eu acho que isso está dentro do contexto de falar sobre o conflito porque na primeira obra em que os robôs são mencionados na história, eles já se voltam contra os humanos. E não foge disso que a gente vai acabar tocando na reportagem.

A recomendação do professor foi de fazer o mesmo processo de revisão com os demais conteúdos de expansão propostos, sugestão reforçada pela professora:

- É pensar um pouco mais essas provocações da própria função dos conteúdos de expansão, porque a gente não expande só por expandir. Quando a gente faz isso, isso custa dinheiro, custa tempo, envolve gente... pensando assim na prática profissional, você faz isso porque você tem algum objetivo jornalístico, portanto deve ter alguma função daquele conteúdo em relação ao que você já passou para o seu espectador ou para seu leitor no texto de referência. O caminho é esse mesmo.

No terceiro encontro de orientação, com o mapa midiático-temático já bastante organizado, foram feitas somente considerações de caráter mais geral como: o uso de uma mídia (hotsite) para apenas um conteúdo de expansão; a linguagem audiovisual, mesmo que em plataformas diferentes, prevalecendo sobre os conteúdos (para avaliar se esse era realmente o propósito do grupo); e poucos conteúdos de expansão por opinião, diante de um tema controverso em diferentes aspectos, que possibilitaria, inclusive, uma maior participação de consumidores e usuários através de plataformas digitais como redes sociais³¹.

O tema *Extermínio negro nas periferias* foi apresentado por outro grupo de estudantes para roteirização transmídia. A proposta já desenvolvia alguns aspectos temáticos como “Racismo estrutural”, “Banalização da violência”, “Repressão policial”, que poderiam se constituir episódios de uma série de reportagens televisiva. Após o debate com os professores, foi esboçado o seguinte percurso: um episódio para apresentar o problema (diagnóstico da violência contra negros); dois episódios para tratar das causas dessa violência (violência Institucional e Racismo Estrutural); e um último episódio sobre formas de mobilização social contra essa violência (apresentando Políticas Públicas, Legislação e Movimentos Antirracistas), como forma de propor soluções e alternativas. O grupo foi orientado a prosseguir na pesquisa do tema para estruturar o percurso a partir dos subtemas e apresentar uma nova versão do mapa midiático-temático na semana seguinte, pois alguns aspectos sugeridos poderiam se enquadrar em mais de um episódio.

No segundo encontro, porém, o trabalho continha basicamente os mesmos tópicos discutidos anteriormente, evidenciando que o exercício de pré-apuração recomendado não havia sido realizado. Na orientação, buscou-se explicar novamente a lógica do mapa midiático-temático, estimulando a definição dos episódios do texto de referência e o seu desdobramento temático em conteúdos de expansão, bem como a forma de detalhá-lo na parte inferior da planilha e a classificação por funções.

Após a apresentação da versão atualizada do mapa midiático-temático, com uma divisão mais sistemática dos subtemas e seus respectivos aspectos temáticos, os professores fizeram algumas observações sobre a redundância de alguns aspectos:

- Nesse episódio da reportagem sobre “Racismo estrutural”, que tem dois aspectos: “Entender como racismo é estruturado no Brasil” e “Como as causas do racismo perduram até

³¹ Anexo 11 - Mapa Midiático-temático Inteligência Artificial.

hoje”, se isso não é um pouco a mesma coisa? Porque no fundo é a causa do racismo estrutural, que tem a ver com a nossa própria história de escravidão. Aí eu estava querendo entender melhor qual é o limite entre uma coisa e outra que vocês colocaram aí, o que vocês colocaram aí que distingue, na verdade...

- Eu acho esse último item é mais levantamento de dados da situação. – explicou o estudante – As causas, a gente vai mais para alguns casos... O primeiro seria algo mais geral e o segundo de maneira mais específica e mais atual.

- É porque essas três coisas aqui: “Trazer a apuração das causas de modo detalhado”, “Entender como racismo é estruturado no Brasil” e “Como as causas do racismo perduram até hoje” me parece que tem uma certa sobreposição. Porque provavelmente vai ter causas históricas. O pouco que eu li de racismo estrutural sempre passa por essas raízes históricas da formação social e cultural do Brasil. Provavelmente tem causas relacionadas mesmo, digamos assim, a fatores mais econômicos mesmo, e políticos. Porque se você tem um certo modelo político, um certo projeto de país isso também é relevante, especialmente nesse momento em que a gente vive onde tudo é mimimi, especialmente dos grupos mais vulneráveis: negros, mulheres, lgbs, indígenas... mas eu penso que talvez tenha aqui alguma sobreposição, não é?

- Talvez o tópico “Entender como o racismo estruturado no Brasil” se refira mais aos aspectos históricos – completou o outro professor. – Aí ficaria mais claro um aspecto temático, inclusive porque a forma do verbo no infinitivo indica que é um objetivo, que vocês querem entender como esse racismo foi estruturado, mas pode se entender a partir da história, como a professora propôs. Ou entender a partir das questões econômicas e políticas, seria um outro aspecto, que tem relação com a história, mas parte para outro campo.

- Realmente, nesse sentido de entender era mais nos aspectos históricos. – assentiu o estudante – Faltou detalhar assim, na hora de escrever.

- O mapa vai incentivar vocês a pensarem nos aspectos temáticos, a detalhar essas causas. Mesmo sem ter ido à apuração, você pode, a partir de uma pesquisa, indicar as possíveis causas. As causas são históricas, as causas são políticas, as causas são econômicas, as causas são educacionais, por exemplo. Isso pode surgir a partir da pergunta se existe racismo dentro da Escola, na Universidade? Se existe, ele é relevante, é estrutural? São questões que vocês precisam se fazer a partir desses aspectos temáticos. Se a palavra aspectos temáticos parece mais distante, podemos pensar nas dimensões da sociedade, nos pontos que tem a ver com o tema. E aí posso ir, aos poucos, pensando como tratar cada um deles. Se eu vou tratar da questão cultural onde eu posso buscar essas informações, quais são as fontes onde vou investigar? Onde

eu vou filmar isso? Mostras culturais? Vou fazer um levantamento de projetos culturais financiados pelo governo pra saber a porcentagem de apoio à cultura negra?

Como somente um dos estudantes respondiam às provocações dos professores, estes convidaram os demais integrantes do grupo a também se expressarem, mesmo que pelo chat.

- O que a gente está convocando vocês é que a gente precisa avançar para além da distinção desses aspectos. Por que é importante a gente saber direitinho o que vai fazer nos episódios da TV? Porque se a gente não sabe exatamente do que é que a gente vai tratar lá, se fica assim muito aberto, muito genérico, como é que você vai saber o que é que você vai precisar desdobrar e expandir em outros meios? Quando vocês colocam justamente isso “trazer a apuração das causas de modo detalhado” é muito geral. O que é isso, exatamente. É justamente isso que a gente está tentando descobrir, senão vocês próprios não sabem exatamente o que vocês vão tratar aí. (...) Vocês podem dizer: vou fazer mais “isso” num podcast. Tá! Mas se você não sabe se isso já foi feito na reportagem, se você já tratou disso? É nesse sentido que a gente está provocando vocês!

O professor prosseguiu deslocando o que seria um aspecto temático (Entender as causas...) para o campo de descrição mais geral do episódio da reportagem, cujo espaço na planilha estava reservado a uma célula entre o subtema e os aspectos temáticos. A seguir, sugeriu que os aspectos fossem denominados a partir das possíveis causas do racismo estrutural, tais como históricas, econômicas, políticas etc...

Para ajudar a compreender o processo de expansão transmídia, que ainda não havia sido iniciado, o professor propôs-se a, partindo dos aspectos temáticos redefinidos para o episódio sobre Racismo estrutural do texto de referência, pensar alguns possíveis conteúdos para outras mídias:

- Considerando que a gente vai tratar isso aqui na televisão, como eu posso desdobrar, por exemplo, causas históricas? – questionou o professor, selecionando as células dos aspectos temáticos na planilha do mapa midiático-temático. – Imaginem que o VT dessa reportagem não será exclusivo das causas históricas, que outras questões poderiam surgir para serem tratadas nas plataformas que vocês já escolheram, que foram o Instagram, uma plataforma de áudio e um site.

- Em relação ao formato? – perguntou o estudante.

- Pode ser, a gente pode começar por aí também! Vamos pensar qual dessas mídias, qual o formato e sobre o que seria.

- Acho que poderia ser uma forma de websérie para o IGTV do Instagram. A gente tinha até comentado mais cedo.

- Podemos colocar aqui no mapa uma websérie para o Instagram. Sobre o que seria esse conteúdo? Sem repetir o que foi tratado na televisão, a partir das causas história o que poderíamos aprofundar?

Houve certa dificuldade dos integrantes do grupo manifestarem qual seria o conteúdo da websérie. A proposta de uma das estudantes no chat foi expressa verbalmente pelo colega porta-voz do grupo:

- A gente poderia pegar pontos de vista de pessoas negras que passam por determinadas situações e poderia ser esse também, não é? Por exemplo, como é ser negro no Brasil. A gente conseguiria aprofundar porque não é algo tão abrangente para as pessoas negras que tem essa percepção. Seriam mais experiências...

- Certo. Pensar em “como é ser negro no Brasil” não sei se teria uma relação mais direta com causas históricas. Talvez a relação mais explícita com esse outro tópico aqui que vocês colocaram: “histórias de pessoas que sofrem racismo estrutural” – pontuou o professor selecionando a coluna na planilha referente ao item que seria trabalhado no episódio de televisão – Não é isso?

- Isso!

- Então nesse ponto vocês vão ter depoimentos para a reportagem televisiva. O que vai ser de diferente no Instagram? Eu estou ‘puxando’ para os aspectos históricos porque vejo potencial aí. Por exemplo, alguma curiosidade histórica que poderia ser uma espécie de “Você sabia” no Instagram e que não mereceria uma atenção maior na televisão. Ou então personagens históricos que tentaram “romper com racismo estrutural” no Brasil.

- A própria recuperação da história da escravidão ou então indicação de leituras, de textos relacionados a isso, ou até mesmo solicitar, por exemplo, que alguém vinculado ao movimento negro escrevesse algum texto que pudesse ser publicado no site – sugeriu também a professora. – Ou até indicações de filmes, como a colega está colocando aqui no chat.

A partir de uma das ideias mencionadas, procurou-se preencher, na planilha, todas os elementos relacionados aos conteúdos de expansão: na linha da mídia de expansão e coluna do aspecto temático do texto de referência colocando a retranscrição; e abaixo, no detalhamento, indicando o formato, abordagem, fontes e recursos. A partir do exercício e das ideias, um outro estudante propôs um outro conteúdo mais bem elaborado.

- Um formato que seria bem prático de vídeo para Instagram, além do IGTV... você falou aí sobre personalidades históricos e movimento antirracista aí poderia ser uma série de reels assim: Você sabe quem foi fulaninho de tal? Você sabe quem foi Zumbi? Quem foi Castro Alves? Seria um formato bem “mastigadinho” pra poder fisgar novos consumidores do nosso

produto. E usar uma coisa que tem penetração bem grande para fora do seu público, da sua conta.

- Então, a ideia é ir pensando coisas como estas relacionadas a cada aspecto que vocês vão tratar nos episódios da TV. Por isso é importante que em cada episódio da reportagem vocês digam mais objetivamente o que vocês vão tratar, porque é assim que vocês sabem como vocês vão desdobrar. Como é que a gente vai desdobrar uma coisa que a gente não definiu claramente? Estamos insistindo que vocês descrevam mais o que vai ter dentro de cada reportagem de modo mais objetivo, não tão geral assim – reforçou a professora.

- Ao tentar expandir as causas históricas pensamos aqui alguns conteúdos. O mesmo deve ser feito com os outros aspectos. Dentro desse mesmo episódio sobre racismo estrutural, por exemplo, tem as causas econômicas e políticas. O que poderíamos pensar a partir desses aspectos para a plataforma de áudio, por exemplo? Seria viável abordar a política atual do Governo Federal para os negros?

- Ou até mesmo os posicionamentos do movimento negro em relação ao governo atual? Coisas desse tipo que você não vai poder trabalhar tanto na reportagem para a televisão, que pode estar meio “de passagem”, digamos assim, pois são tantos assuntos, tantas causas. Poderiam ser entrevistas em profundidade num podcast, talvez. Mas pra isso você precisa saber que na reportagem você vai tratar de causas políticas.

A partir das sugestões dos professores, os estudantes propuseram alguns conteúdos e ficaram com a tarefa de dar continuidade à construção à medida que definissem melhor os aspectos temáticos do texto de referência, que ainda estavam bem amplos e gerais.

A versão seguinte do mapa midiático-temático enviada pelo grupo apresentava avanços, mas permaneciam as questões já apontadas, sobretudo quanto à correta descrição dos conteúdos. Na retranscrição, por exemplo, onde deveria constar palavras-chaves que representassem o aspecto temático a ser desenvolvido, eram inseridas explicações de formato, fontes etc., cuja descrição não conseguia indicar mais claramente o “plus” do conteúdo na relação temática com a série de reportagens televisiva (texto de referência). Quando os professores perguntavam o que buscavam com um certo conteúdo, no intuito de ajudar o grupo a melhor explicitá-lo, havia divergência entre seus membros quanto ao enfoque, demonstrando ausência de coesão. Essa imprecisão dos aspectos temáticos no texto de referência impediu que o processo de expansão pudesse se dar de maneira mais direta. Apesar de uma temática promissora com imensas

possibilidades de abordagem, a proposta final do roteiro apresentada pelo grupo³² parecia inconclusa e pouco clara, sobretudo por não organizar bem as ideias.

No processo de roteirização através do mapa midiático-temático os desafios encontrados foram, de um lado, a forma de nomear os aspectos temáticos como retrancas, comumente descritos com manifestações deles (técnicas ou modos de expressá-los), e de outro a ausência de melhor detalhamento dos conteúdos, baseados nos elementos da pauta jornalística.

No primeiro caso, foi preciso trabalhar a distinção do que seriam os aspectos temáticos, muitas vezes confundidos com elementos figurativos. Foi o caso da primeira versão do mapa sobre *Mobilidade Urbana*, cujos episódios da série de reportagem eram nominados pelos próprios nomes dos transportes, a exemplo de “Ônibus”. Sugerimos adotar categoriais mais genéricas (temáticas), como “transporte coletivo motorizado”, que permitisse tratar também de outros meios englobados nessa classificação, como vãs e kombis. Quanto aos conteúdos de expansão, a ênfase da retranca estava no gênero/formato e fontes, sem destacar a temática desenvolvida. Muitos desses conteúdos eram nominados por títulos que não permitiam a alguém alheio ao projeto identificar do que se tratava, nem tinham necessariamente terminologia temática (era uma pergunta, uma expressão etc.). Sugerimos, então, manter os títulos, como parte do processo criativo, mas indicar o aspecto temático que seria tratado.

No roteiro *Infecções sexualmente transmissíveis – ISTs*, por exemplo, a retranca do conteúdo de expansão “Live educativa com pedagogo”, não exprimia um aspecto temático, mas o detalhamento levava pensar que a maneira mais apropriada de o nomear seria “Educação sexual de filhos”, desdobrando o aspecto temático “Educação Sexual” do texto de referência³³. O formato (*live*) e a fonte (pedagogo) foi tomado pelo conteúdo. O modo encontrado pelo grupo que elaborou o roteiro “Declínio da Classe C” foi descrever primeiramente os conteúdos de expansão, com argumentos mais longos, que posteriormente foram sintetizados a partir de uma retranca, tema/palavra-chave. O detalhamento do conteúdo (elaboração de cada pauta) tende a ser um caminho para ajudar a perceber qual é a melhor retranca (aspecto temático) a nomear os conteúdos.

Quanto ao detalhamento de cada episódio da série de reportagem televisiva, bem como dos conteúdos de expansão, a dificuldade era descrevê-los de maneira clara e concisa, de modo também a destacar a originalidade da abordagem. No caso do roteiro sobre *HIV*, a descrição dos episódios da série de reportagem deveria trazer mais informações para evitar enfoques

³² Anexo 12 - Mapa Midiático-temático Extermínio Negro da Periferia.

³³ Anexo 13 - Mapa Midiático-temático Infecções sexualmente transmissíveis – ISTs.

“clichês”³⁴. O episódio 2, por exemplo, sobre “Formas de transmissão, prevenção e tratamento do HIV”, sem uma descrição mais precisa, corria o risco de abordar questões já conhecidas, sem apresentar novidades que atualizassem o repertório do telespectador. Já a equipe que produziu o roteiro *Vida Trans*, optou por fazer uma primeira proposta de descrição de alguns conteúdos para depois transpô-los para o mapa midiático-temático na planilha³⁵. Apesar de realizar bem a descrição de alguns conteúdos, para outros confundiu formatos com temas e abordagem, e também não indicou as fontes que sustentariam o conteúdo, parte extremamente importante para a etapa posterior de produção.

O processo de elaboração do roteiro pelos estudantes também evidenciou algumas outras pistas sobre a roteirização transmídia no jornalismo. Uma delas diz respeito ao tema escolhido para um projeto desse tipo. A equipe que decidiu tratar sobre o HIV tinha também em vista o gancho jornalístico das discussões sobre o mês de combate à AIDS, em dezembro, e a partir daí buscou desenvolver uma proposta de abordagem com objetivos claros: desmistificar e explicar algumas informações sobre o tema, especialmente sobre a possibilidade de uma vida normal por quem fora infectado. O desenvolvimento de um tema, que costumeiramente tende a ser objeto de abordagem em uma área específica, pode se dar quando se amplia o enfoque para outros ângulos. Foi o caso do roteiro *Infecções sexualmente transmissíveis – ISTs*, que apesar de tratar de aspectos relacionados à saúde (prevenção, tratamento, tipos), colocou também em evidência a questão social ao abordar os tabus e preconceitos sofridos por pessoas portadoras das infecções.

Outro ponto que merece destaque se refere à escolha de mídias e formatos. O roteiro sobre *Infecções sexualmente transmissíveis – ISTs* apresentou como uma das mídias de expansão o site, para a qual propôs dois conteúdos em formato de listas: “Cinco ISTs mais recorrentes” e “Locais de Testagem rápida e Unidades de Tratamento”. Pela pouca densidade informativa, esses conteúdos se adequariam mais a uma rede social como o Instagram, por exemplo, capaz de entregar o conteúdo de modo mais direto, e não um site, que requer ao consumidor (telespectador) ir em busca de um conteúdo³⁶. O mesmo poderia ser dito dos quizzes propostos para o site no roteiro *Vida Trans*. Sugerimos ao grupo que esta não seria a mídia mais apropriada para esse tipo de conteúdo interativo, já que diferentes redes sociais dispõem de mais recursos e tende a alcançar mais usuários e potencializar um maior engajamento do projeto transmídia.

³⁴ Anexo 14 - [Mapa Midiático-temático HIV](#).

³⁵ Anexo 15 - [Mapa Midiático-temático Vida Trans](#).

³⁶ Ponderamos com o grupo que, apesar das reportagens televisivas do dia a dia utilizarem tal estratégia, para uma reportagem especial, o conteúdo de expansão proposto para um site deveria se justificar por uma relevância maior e apresentar maior detalhamento e contextualização.

No roteiro *Mobilidade Urbana*³⁷ o grupo propôs utilizar a rede social TikTok, adequando-se a um dos formatos populares, o “Desafio”, que pretendia estimular a interação. Essa escolha poderia se desenvolver também de forma a acompanhar o processo de publicação dos episódios da série de reportagem, pensado pelo grupo para serem exibidos semanalmente, de modo a incentivar a participação de usuários para contribuir sobre cada um dos subtemas tratados. Nesse caso, mesmo que a organização de um cronograma de circulação dos conteúdos seja uma etapa final, é possível já antever pelo mapa midiático-temático alguma dinâmica que pode se confirmar ou alterar substancialmente no decorrer da produção.

Por fim, é importante pontuar que, apesar de orientar primeiramente o desenvolvimento do percurso temático do texto de referência, as ideias para conteúdo de expansão surgidas ao longo desse processo precisam ser anotadas para depois realizar ajustes necessários. O grupo que abordou o tema *HIV*, trouxe já na primeira reunião de orientação algumas possibilidades de conteúdo de expansão para o Instagram, como vídeos sobre as infecções e casos de *stealth*³⁸. Estas ideias surgiram no decorrer da discussão, quando ainda não se tinha concluído a roteirização do texto de referência e os estudantes foram orientados a colocá-las no mapa midiático-temático de forma provisória para uma melhor definição posterior. A possibilidade de atualização e redimensionamento dos aspectos temáticos no mapa midiático-temático é uma de suas vantagens, especialmente porque permite visualizar a relação entre os diferentes conteúdos e, possivelmente, realoca-los quando necessário.

No final do último encontro de orientação com a equipe do roteiro “Declínio da Classe C” o professor estimulou uma revisão e balanço dos conteúdos, quanto às mídias, formatos e funções.

- Ficou bem equilibrado, levando em consideração aquilo que você havia dito de fazer esse check-up, digamos assim – comentou a estudante. Porque se um tema pedir uma contextualização maior, não tem problema, eu acho. Em relação ao nosso, eu acho que ficou equilibrado, nesse sentido, porque ... é um tema que eu vejo que a gente trata como se fosse distante, sabe?... Então eu acho que caberia realmente, pra gente, esse tom um pouco mais de contextualização. E a posteriori, obvio, trazer os conteúdos opinativos, muito mais ligados à

³⁷ Anexo 16 - Mapa Midiático-temático Mobilidade Urbana.

³⁸ Violência sexual que consiste em tirar a camisinha sem o consentimento da parceira ou parceiro, praticado especialmente por pessoas portadoras do vírus HIV.

queda, que são as reformas do atual governo, a base governista, e só um ligado a Lula, pra tentar explicar de maneira mais opinativa.

- De fato, não tem uma regra. O importante é que se tenha a consciência do que se quer. Você percebe, por exemplo, que o tema exige um maior aprofundamento e não somente o debate. O complicado é se um tema pede para ser debatido, para haver o confronto de vozes e você não faz isso, não traz os pontos de vista diferentes – completou o professor. Outra coisa que eu observo é em relação às mídias. Temos dois conteúdos para o site, três para o Instagram e dois para o Instagram. A pergunta que precisa ser feita aí é: utilizamos cada mídia da maneira mais adequada, procurando tirar o máximo de proveito dela? Como diz Henri Jenkins, cada mídia fazendo aquilo que faz de melhor?

- A gente vai ver isso, então.

- Esse olhar final é um pouco apropriar-se da proposta – concluiu o professor.

5.2.2 Análise dos Roteiros

Para confirmar a validade do método de roteirização para reportagens especiais transmídia analisamos, tal como descrevemos por ocasião do relato da primeira experiência de pesquisa aplicada, os roteiros elaborados considerando a planificação do tema na mídia de referência (no caso, a televisão), bem como a relevância e capacidade de expansão temática para outras mídias e plataformas, verificando sua pertinência na comparação dos aspectos temáticos.

A descrição das orientações dos grupos, assim como os resultados, aponta que a estruturação do percurso temático do texto de referência foi menos desafiadora que na primeira experiência. Atribuímos a isso o fato de que a roteirização para reportagens televisivas a partir de aspectos temáticos já havia sido tratada pela professora Yvana Fachine nas primeiras aulas da disciplina, assim como a introdução de noções de tematização e serialização, de alguma forma também já tratada pela docente, mas também discutidas em uma aula específica.

Os temas escolhidos pelos estudantes também oferecem uma ampla possibilidade de abordagens, explorada na elaboração dos roteiros através dos conteúdos complementares e/ou desdobrados para outras mídias. Consideramos que esse processo se deu graças à aplicação do método, que orientou e estimulou a expansão dos aspectos temáticos, evitando a repetição ou justaposição temática. No levantamento a seguir (Tabela 2), que condensa os trabalhos produzidos com auxílio do mapa midiático-temático para a disciplina Telecinejornalismo,

podemos inferir que a expansão temática se deu majoritariamente em todos os roteiros, numa porcentagem bem maior que na primeira experiência. O caso com menor potencial expansivo – o roteiro *Extermínio Negro na Periferia* –, conforme apontávamos no relato do processo de orientação, justifica-se por questões contextuais ligadas ao interesse e disponibilidade dos integrantes do grupo em seguir as recomendações propostas, sobretudo de pesquisa jornalística.

Tabela 2 – Levantamento de justaposição e expansão temática nos conteúdos propostos para outras mídias e plataformas dos mapas midiáticos-temáticos produzidos para a disciplina Telecinejornalismo (UFPE / Semestre 2021.1)

PROJETO	MÍDIA EXPANSÃO	CONTEÚDOS EXPANSÃO	JUSTAPOSIÇÃO TEMÁTICA	%	EXPANSÃO TEMÁTICA	%
HIV	3	11	0	0%	11	100%
INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL	3	13	1	8%	12	92%
EXTERMÍNIO NEGRO NAS PERIFERIAS	3	21	7	33%	14	67%
INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS – ISTs	3	10	2	20%	8	80%
MOBILIDADE URBANA	4	10	0	0%	10	100%
VIDA TRANS	4	11	2	18%	9	82%
DECLÍNIO DA CLASSE C	4	12	0	0%	12	100%
MÉDIA	3	13	2	11%	11	89%

Fonte: elaboração do autor

Não identificamos justaposição de conteúdos nos roteiros *HIV*, *Mobilidade Urbana* e *Declínio da Classe C*. Deve-se destacar a excelente descrição da abordagem, que possibilita demarcar bem a diferença entre o que é tratado na reportagem televisiva e o que é tratado em outra mídia. Outro ponto se refere ao trabalho bastante consistente de pesquisa e pré-apuração, indicando fontes a consultar e documentos que permitem a imediata execução do roteiro, atividade que não pôde ser realizada em virtude das restrições da pandemia.

As justaposições temáticas são evidenciadas em maior grau no roteiro *Extermínio Negro nas Periferias*: dos vinte e um conteúdos propostos para outras mídias, sete se mostram redundantes, especialmente pela ausência ou imprecisão da descrição dos mesmos. A indicação de fontes ou gêneros ao invés de aspectos temáticos, bem como a falta de atenção identificada na elaboração do percurso temático da reportagem televisiva, fazem com que uma mesma questão seja proposta para expansão com alterações apenas de linguagens. É o caso dos

conteúdos sobre racismo institucional, violência institucional, desigualdade entre negros e brancos no Brasil, desigualdade nas periferias, ausência do estado nas periferias, movimento negro no Brasil e no mundo, que abordam aspectos já presentes no texto de referência, e em nada o particularizam ou desdobram em outras mídias. O conteúdo “Texto condensado da entrevista acima no site”, revela-se mais como estratégia de propagação, ao recuperar parte de um conteúdo em outra mídia.

Nos demais trabalhos, a coincidência temática foi bem menor. Somente um dos treze conteúdos para outras mídias do roteiro *Inteligência Artificial*, corre um risco de apresentar justaposição temática em relação ao conteúdo de referência: o carrossel para o Instagram “IA na web 4.0” que se propõe a apresentar “Assistentes pessoais na Web 4.0 e como eles organizam nossa agenda e horários”, pode se confundir com o aspecto temático da reportagem televisiva “Assistentes pessoais (Google Assistente, Alexa, Siri)”. No roteiro *Infeções Sexualmente Transmissíveis - ISTs*, o conteúdo “5 ISTs mais recorrentes” tende a repetir o aspecto temático “Principais ISTs”, já que a incidência e letalidade destas infecções tem sido, quase sempre, o critério de sua importância. O mesmo acontece como o conteúdo “Vida sexual e Filhos”, que pretende desenvolver o aspecto temático *Vida com ISTs*, mas não o delimita, correndo grande risco de se justapor. Por fim, o roteiro *Vida Trans*, também apresenta ao menos dois conteúdos com possibilidade de justaposição temática: os podcasts “O dia a dia”, relato de vidas de pessoas Trans, apenas reforçando o aspecto temático “Trans X Travesti”; e “Lutas Pessoais”, que aborda as mesmas questões previstas no episódio “Aceitação Pessoal” da série de reportagens, além de se assemelhar ao assunto do podcast “Expulsas de casa”, outro conteúdo de expansão. A imprecisão na descrição dos conteúdos colabora ainda mais para as dúvidas quanto a possibilidade de expansão temática.

Em geral, as propostas de conteúdos para outras mídias fazem avançar a argumentação da reportagem, aprofundando-a em diferentes aspectos temáticos, corroborando a aplicabilidade do método de roteirização. Como a maioria desses conteúdos têm como função a contextualização, buscamos distinguir as diferentes formas dessa operação, inventariando, a partir dos trabalhos já realizados, as possibilidades para novas aplicações futuras do método.

O roteiro *HIV* apresenta conteúdos que aprofundam a série de reportagem televisiva ao contextualizar e orientar novos aspectos temáticos. Um dos destaques é o conteúdo interativo para a rede social Instagram, que propõe levantar dúvidas através da caixinha de perguntas para, posteriormente, promover uma *live* com um infectologista sobre as questões que são “Mitos e verdades”. A proposta do conteúdo “Infectologista explica AIDS e HIV”, que a princípio parece se confundir com o aspecto temático relacionado da reportagem televisiva “Esclarecer diferença

entre HIV/AIDS”, torna-se bem mais precisa quando detalhada na abordagem: “Aprofundamento da contextualização inicial oferecida pelo episódio televisivo, explicando de forma científica as características do HIV, e a diferença técnica entre a infecção pelo vírus e o desenvolvimento da Aids”, demonstrando uma contextualização mais técnica. É o caso também do conteúdo “Pesquisas com Vacinas”, que desenvolve o aspecto “Avanços da Ciência para Prevenção”. Para contextualizar geograficamente, o conteúdo “Locais de maior incidência”, avança na abordagem do aspecto temático “Incidências da IST no Brasil nos últimos anos (Números)” do texto de referência, propondo-se a, através de estatísticas de casos e tratamentos em locais com maior incidência dispostos um mapa interativo, “desmistificar a ocorrência do HIV, demonstrando que ele afeta diversos grupos sociais, assim como segue sendo transmitido na atualidade e no mundo inteiro”.

A particularização, porém, foi o modo de contextualização mais presente nesse roteiro: quando discute formas específicas de prevenção à infecção, como “Camisinhas” e “Eficácia dos Testes Rápidos” (este último também com características de orientação); quando expande a abordagem dos “Preconceitos na vida pessoal e relacionamentos”, evidenciando a “Gravidez com HIV”; quando detalha questões da “Vida sexual das pessoas com HIV”, expandindo o aspecto “O que muda na vida com HIV”; e também quando enfatiza um determinado público, como é o caso do conteúdo “A vivência dos profissionais do sexo e os diferentes riscos de infecção de HIV”, como modo de aprofundar o aspecto “PrEP E PEP”, tratado na reportagem televisiva.

Os conteúdos que visam orientar a partir de aspectos temáticos são “Legislação e Discriminação”, sobre os direitos e canais para denunciar violações, e “Grupos de Apoio”, que lista “locais de tratamento e grupos de apoio para pessoas que acabaram de receber o diagnóstico ou estão passando por complicações decorrentes do HIV”.

A expansão temática do roteiro *Infecções Sexualmente Transmissíveis – ISTs* apresenta questões bastante delimitadas e específicas, contextualizando os impactos do preconceito sofrido por portadores das infecções, por exemplo, na dificuldade para “procurar por ajuda médica”, esclarecendo sobre “Mitos e Verdades” acerca do contágio, detalhando os principais sintomas, aprofundando a importância da “Educação Sexual com os filhos/crianças” ou debatendo a ausência dessa “Educação sexual nas universidades”. A função de orientação fica por conta do conteúdo “Locais de Testagem rápida e Unidades de Tratamento”.

A contextualização na expansão temática do roteiro *Inteligência artificial* se desenvolve sobretudo pela particularização: “Big Data nas empresas” distingue um modo de utilização da IA no “Mercado de Trabalho”; “Algoritmos racistas” destaca a falha na distribuição de

conteúdo de pessoas pretas de “Algoritmos de redes sociais”; “Deepfake” especifica como a tecnologia baseada na manipulação de imagens, tal como o “Uso de filtros de imagens/vídeos em aplicativos”, vem sendo utilizada para propagação de fakenews; “Dispositivos remotos” e “Robôs cirurgiões” detalham, respectivamente, o modo de “Monitoramento de pacientes” através da IA e as “Cirurgias comandadas por robôs”; “Deep learning Telemedicina” singulariza essas tecnologias para o “Tratamento de doenças”. Percebe-se ainda a contextualização cultural (dos aspectos temáticos “Definição” e “História” da IA, com o conteúdo “IAS Famosos – Cultura Pop” e “Origem Literária e teatral”, respectivamente) e geopolítica (do conteúdo “Acordo Unesco”, que aprofunda o aspecto temático “Dilemas éticos”). O roteiro investe também em conteúdos de expansão por opinião, debatendo, através dos podcasts “Vigilância Pública”, ligado ao aspecto temático “Dilemas Éticos”, e “Anúncios redirecionados”, relacionado aos “Algoritmos de redes sociais”, assim como através do debate em vídeo “Solução Desemprego”, que se empenha em discutir alternativas para o “Desemprego” causado pela automação.

Apesar das dificuldades iniciais enfrentadas no uso do mapa midiático-temático e compreensão de sua lógica, dois terços dos conteúdos propostos para outras mídias do roteiro *Extermínio Negro nas periferias* expandem os aspectos temáticos. Diferentemente dos demais, prevalecem os conteúdos de expansão por opinião, fazendo uso de gêneros como uma crônica, sobre a banalização da violência, e artigos, que tratariam tanto do tema geral como de tópicos específicos como as lutas do movimento negro no Brasil e formas da sociedade civil enfrentar o racismo. Nessa linha, três podcasts também desenvolvem aspectos temáticos, debatendo o encarceramento negro, a formação racista da sociedade brasileira e a situação da Fundação Palmares, que sob a gestão do então presidente nomeado pelo Governo Bolsonaro ia de encontro a sua missão institucional. Os conteúdos de expansão por contextualização desenvolvem dimensões econômicas e históricas sobre a desigualdade racial, culturais (modo como pessoas negras são retratadas nas artes plásticas e no cinema), geográficas (mapeando ONGS e movimentos sociais de combate ao racismo no país) e políticas (a atuação antirracista de um parlamentar na Assembleia Legislativa)³⁹.

Os conteúdos de expansão do roteiro *Mobilidade Urbana*, buscam contextualizar aspectos temáticos do texto de referência particularizando-os, especialmente quanto às dificuldades enfrentadas em cada meio de transporte que se constitui um episódio da série

³⁹ Diferentemente dos demais roteiros, optamos por destacar nesse o sentido dos conteúdos, pois os mesmos foram descritos informando formato, fonte e abordagem e não o aspecto temático, conforme Anexo 12 - Mapa Midiático-temático Extermínio Negro da Periferia.

televisiva: em “VLT – Cabo”, pretende-se discutir a situação do modal, relacionado à “Distribuição de linhas - Rural e urbano” de Transporte Ferroviário; em “Situação ciclo faixas”, busca relatar os desafios dos ciclistas, de modo a justificar a “Expansão de ciclo faixas”; em “Cancelamento de viagens”, destaca a recorrência do fenômeno nos serviços de “Transporte por Aplicativo”; e os conteúdos para TikTok “Desafio usuários” buscam estimular a participação na rede social acerca dos aspectos “Limitação de linhas” dos ônibus e “Qualidade do serviço” do metrô. Contextualizam também economicamente com o conteúdo “Manutenção sistema”, de modo a dimensionar o preço da passagem como um dos “Desafios das empresas de ônibus”, bem como em “Mudanças no DPVAT”, conteúdo para o Twitter que esclarece as alterações do seguro obrigatório, ligado ao aspecto temático “Acidentes e imprudência no Trânsito”. Os conteúdos por opinião discutem questões controversas como a “Dupla função de motoristas”, a “Privatização do Metrô do Recife” e os “Custos para motoristas” de aplicativo com a política de preço de combustíveis.

Em *Vida Trans*, os conteúdos roteirizados para outras mídias assumem funções de orientação, opinião e contextualização. No primeiro caso (orientação), propõe-se um aplicativo de geolocalização que disponibiliza “redes de atendimento médico especializada e seguras para atender pessoas Trans o mais perto de suas casas”, e “vagas de trabalhos formais destinadas a pessoas Trans e travestis”, relacionados, respectivamente, aos tópicos “Saúde” e “Integração ao Mercado de Trabalho” da reportagem televisiva. Uma “Zine Celebrativa”⁴⁰, compilando obras criadas por pessoas Trans para divulgar seus trabalhos no mundo da “Arte / Academia / Política” completam essa categoria de conteúdos. Quanto aos de opinião, a proposta são os podcasts: “Orgulho e identidade”, com relatos/opiniões de pessoas Trans e/ou redes de apoio, aprofundando a “Experiência, identificação e percepção Trans”; “Matriz africana x Cristianismo”, relacionando-o aos preconceitos religiosos; e “Expulsas de casa”, debatendo questões sobre “Aceitação pessoal” e “Redes de apoio”. Por fim, para contextualizar, vale-se da particularização para propor dois quizzes, de modo a estimular a participação de internautas sobre “Tipos de Orientação” e “Transfobia estrutural”, levando-os a se conscientizarem de formas veladas e explícitas de preconceitos.

O modo de expansão proposto pela equipe do roteiro *Declínio da Classe C*⁴¹ tende mais para conteúdos por contextualização que opinião. Com esta última função foram propostos três podcasts: o primeiro, discutindo “A Era Lula”, se relaciona ao “Contexto Econômico” da Classe C; o segundo, “Heterogeneidade”, aprofundando o aspecto “Quem são?”; e o terceiro,

⁴⁰ Fanzine, cf. nota 16, p. 42.

⁴¹ Anexo 17 - Mapa Midiático-temático Declínio da Classe C.

debatendo “Reformas”, ampliando o debate sobre o “Modelo econômico”. Os demais conteúdos contextualizam: historicamente o aspecto temático “Inflação”, com o podcast “Inflação nos anos 80 e 90”; politicamente a “Ascensão da Extrema Direita” e “Políticas públicas de Governo”, respectivamente com a reportagem para site “Base Governo Bolsonaro”, que detalha como a direita ultraconservadora ocupou o Congresso, e o documentário para Youtube “Desinformação e Auxílio emergencial”, sobre as dificuldades da classe C para ter acesso ao auxílio Emergencial em meio à desinformação; juridicamente o impacto da “Redução dos Direitos dos Trabalhadores” com “CLT x MEI”, apresentando ganhos e perdas com um e outro modelo de trabalho; economicamente a “Perda do poder de Compra”, e “Desemprego”, propondo, respectivamente, um painel interativo no site para calcular o valor do dinheiro em um determinado ano em relação ao valor atual (“Valor do Dinheiro”), e *stories* para o Instagram que apresentam como o “Trabalho Informal” tem se tornado alternativa para a Classe C; e culturalmente, abordando as mudanças nos “Hábitos de consumo”, nas formas de trabalho (“Histórias Trabalho”) e no modo de se alimentar (“Desafios de Sobreviver”).

Os desafios encontrados por estudantes na elaboração dos roteiros tanto da disciplina Telecinejornalismo como da disciplina Processos de Roteirização em Jornalismo (ministrada no semestre anterior) nos chamaram atenção para a necessidade de trabalhar melhor a organização da distribuição dos temas de maneira seriada. Nesse sentido, para testar as hipóteses levantadas na primeira experiência de pesquisa aplicada anterior⁴², introduziu-se uma aula específica sobre Tematização e Serialização de Reportagens Especiais, na qual se discutia, dois modos de serialização de reportagens especiais: segundo uma lógica de subordinação dos episódios, isto é, de dependência entre as partes encadeadas, ou segundo uma lógica de coordenação dos episódios, de interdependência entre as unidades que se articulam cumulativamente (Fechine, 2016-2018).

Sobre tematização, foi utilizado como referência as definições apontadas por Fiorin e Savioli (2003), no livro *Para entender o Texto – Leitura e redação*, que apresenta de maneira bem didática a relação entre temas e figuras, percursos temáticos e percursos figurativos. O objetivo desta aula era preparar os estudantes para conceber a reportagem a partir dos temas, subtemas e aspectos temáticos, e não tanto nas figurativizações (personagens, casos, dados etc.) em suas variadas formas de expressão.

⁴² Consideramos que a dificuldade encontrada pelos estudantes para organizar a reportagem em um percurso temático seria decorrente da pouca ênfase dada a essa abordagem no ensino e na prática jornalística, assim como ao modo de estruturar a serialização, característica que o mapa midiático-temático procura desenvolver ao propor subtemas (partes/capítulos/episódios, a depender do gênero e modalidade), como unidades de sentido que compõe o todo.

Uma análise posterior mais detalhada dos percursos temáticos procurou identificar como as lógicas (subordinada e coordenada) apareciam nos mapas midiático-temáticos, especialmente na estrutura dos textos de referência. Prevaleceu a lógica de subordinação, em que se organizam planos dissertativos baseado em Problemas, causas e soluções (ou a substituição dessas por consequências). Apenas o roteiro “Mobilidade Urbana” se estruturava numa lógica coordenada, em que cada episódio se constituía sem relação de maior dependência com os demais, podendo inclusive serem veiculados em ordem aleatória sem prejuízo de compreensão.

A preocupação inicial do método era identificar os temas e subtemas, mas o modo como ele se apresenta também merece um certo cuidado. Não basta somente pensar em subtemas, é preciso também articulá-los de maneira que o todo faça sentido, de modo que se organize em vista de facilitar a compreensão, explorando melhor a função pedagógica do jornalismo. Essa questão nos levou a aprofundar, a partir das lógicas de subordinação e coordenação propostas por Fachine (2016-2018) para a serialização de reportagens televisivas, também alguns planos dissertativos mais recorrentes (Fiorin, 2015), conforme desenvolvemos no terceiro capítulo desta tese. Com base nessa investigação sugerimos complementar a abordagem sobre tematização e serialização com a realização de atividades que exercitem capacidades argumentativas como a problematização a partir de um tema e a clareza na proposta de abordagem, isto é, a tese a ser desenvolvida na reportagem.

5.2.3 Avaliação discente

Propomos também aos estudantes da disciplina Telecinejornalismo o mesmo questionário aplicado na primeira experiência de emprego do método. Apenas 11 dos 31 estudantes que participaram do processo responderam, mantendo-se alguma representatividade com ao menos um membro de cada grupo⁴³. Destacaremos as questões mais relevantes das respostas acerca do processo de roteirização e do uso do mapa midiático-temático.

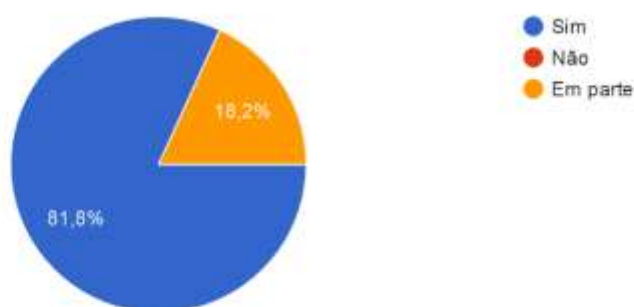
Quanto aos conteúdos teóricos ministrados (primeira pergunta), a maioria dos respondentes (81,8%) afirmam terem compreendido bem (Figura 33). Os que responderam terem compreendido em parte (18,2%), destacaram dificuldades com os conceitos de transmidiação e expansão transmídia e com a proposta do mapa midiático-temático.

⁴³ Apêndice H - Respostas ao questionário sobre utilização do método de roteirização transmídia - Turma Telecinejornalismo.

Figura 33 – Compreensão dos conteúdos teóricos sobre roteirização de reportagens transmídia dos estudantes na disciplina Telecinejornalismo (UFPE, Semestre 2021.1)

PERGUNTA 1 - Você considera que conseguiu compreender bem a parte teórica apresentada durante as aulas para a roteirização de reportagens transmídia?

11 respostas



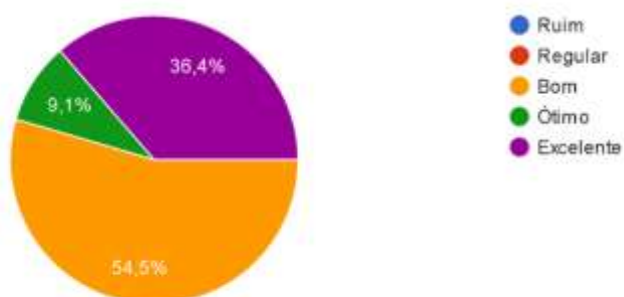
Fonte: Gerado automaticamente através do Google Forms

A avaliação do roteiro transmídia produzido também foi positiva: 36,4% classificaram como Excelente, 9,1% como Ótimo e 54,5% como bom (Figura 34), e consideraram fácil (18,2%) ou dificuldade média (81,8%) na utilização do mapa midiático-temático (Figura 35).

Figura 34 – Avaliação do roteiro da reportagem especial transmídia elaborado pelos estudantes na disciplina Telecinejornalismo (UFPE, Semestre 2021.1)

PERGUNTA 2 - Como avalia o roteiro da reportagem especial transmídia produzido pelo seu grupo de trabalho?

11 respostas

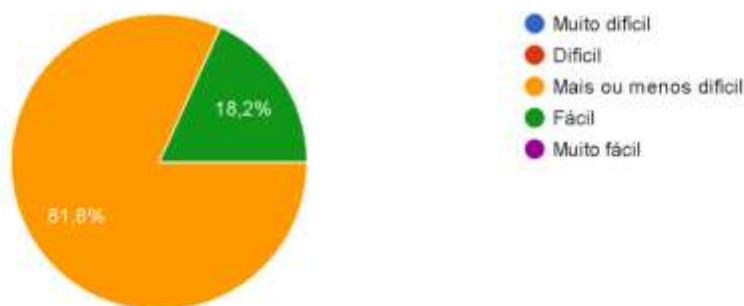


Fonte: Gerado automaticamente através do Google Forms

Figura 35 – Avaliação quanto ao nível de dificuldade na elaboração do roteiro transmídia pelos estudantes da disciplina Telecinejornalismo (UFPE, Semestre 2021.1)

PERGUNTA 3 - Que nível de dificuldade encontrou na realização do exercício de roteirização da reportagem especial transmídia a partir do método apresentado?

11 respostas



Fonte: Gerado automaticamente através do Google Forms

As facilidades relatadas foram atribuídas “aos ensinamentos passados durante as aulas”, à “leitura das reportagens”, à “possibilidade de tirar dúvidas específicas durante as orientações”, às “instruções dadas em aula, aliadas ao comprometimento da equipe (...) ainda que o conteúdo fosse algo completamente novo”.

Dentre os desafios encontrados, foram relatados “os desdobramentos dos temas em outros formatos”, pois “exigia muito debate para conseguirmos alinhar com a proposta”, saber “detalhar bem o mapa midiático pensando em não deixar pontas soltas” e o uso da planilha do Excel, que “exigiu um pouco de paciência pra entender e elaborar corretamente a atividade”. Nesse ponto, “encaixar ideias e planejamentos abstratos em uma planilha não foi muito intuitivo. Geralmente imagino escrever por extenso o planejamento, ou através de um mapa mental”.

As dificuldades destacadas foram “pensar em estratégias de expansão” na prática, “pensar/organizar conteúdos associados ao tema central, mas sem repetir aquilo que já foi apresentado”, e “por estar acostumada com os moldes tradicionais encontrei um pouco de dificuldade pra “sair da caixinha””.

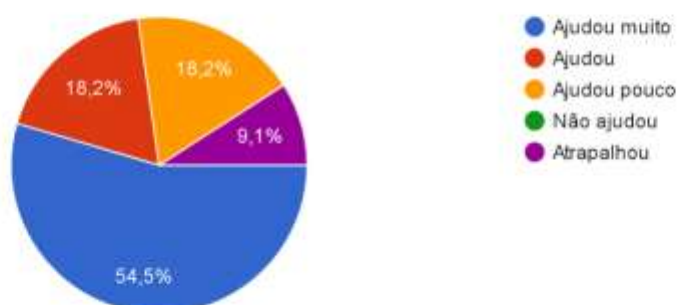
O conteúdo estrutural (como usar o mapa, funções etc.) da roteirização da reportagem transmídia foi aprendida claramente, ainda mais com os exemplos apresentados. A dificuldade surge, porém, ao termos que propor o nosso próprio tema e aprofundar vários assuntos, criando o passo a passo da reportagem no campo das ideias, sem “de fato” realizar a reportagem. (Estudante da disciplina Telecinejornalismo, UFPE, semestre 2021.1)

Para a maioria dos respondentes, o mapa midiático-temático ajudou em alguma medida na roteirização transmídia: 73,7% afirmaram que o instrumental ajudou ou ajudou muito nesse processo, enquanto 18,2% afirmaram que o mapa midiático-temático ajudou pouco e 9,1% que ele atrapalhou (Figura 36). Cerca de 2/3 (63,3%) utilizariam novamente a ferramenta metodológica, frente 1/3 (27,3%) que a recusariam (Figura 37).

Figura 36 – Avaliação da contribuição do mapa midiático-temático para elaboração do roteiro transmídia pelos estudantes da disciplina Telecinejornalismo (UFPE, Semestre 2021.1)

PERGUNTA 4 - Em que medida o mapa midiático-temático ajudou no processo de roteirização da reportagem especial transmídia?

11 respostas

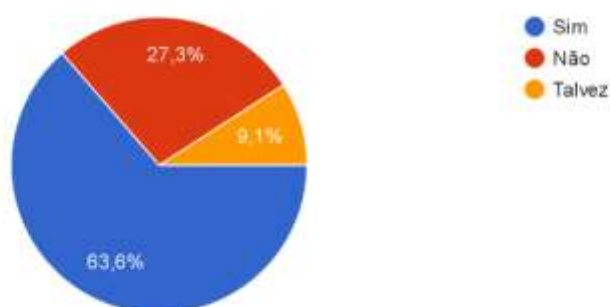


Fonte: Gerado automaticamente através do Google Forms

Figura 37 – Possibilidade de utilizar do mapa midiático-temático para roteirizar reportagens transmídia entre os estudantes da disciplina Telecinejornalismo (UFPE, Semestre 2021.1)

PERGUNTA 5 - Você utilizaria novamente o mapa midiático-temático para roteirizar reportagens especiais transmídia?

11 respostas



Fonte: Gerado automaticamente através do Google Forms

Os que utilizariam o mapa midiático-temático destacam que: “ajuda muito a enxergar as reportagens de forma ampla, possibilidade analisar com mais facilidade o que precisa ser acrescentado, retirado ou adaptado”; “torna fácil a organização das informações e os desdobramentos do roteiro Transmídia”; sua visão geral “torna muito mais detalhado e entendível o caminho da reportagem transmídia!”; “cobre todos os pontos necessários para o planejamento de um roteiro e pela sua versatilidade pode se encaixar em projetos diferentes também”; sua organização, “em tópicos e blocos, é uma alternativa bem mais viável do que escrever propriamente uma grande repórter, tão somente em texto”. E, “apesar de exigir reflexão” e “de algumas limitações do Excel”, “a questão com o mapa midiático é entender como preencher. Depois de entender, fica mais fácil seguir o raciocínio e preencher - acaba sendo mais prático que fazer listas, por exemplo”.

Tenho particularmente uma necessidade de organizar o máximo possível algo que tenha muitas ramificações, como uma reportagem transmídia. Colocar as ideias e funções em um esquema de planilha me ajudou bastante a visualizar o conteúdo e criá-lo sem me perder (Estudante da disciplina Telecinejornalismo, UFPE, semestre 2021.1).

De outro lado, alguns estudantes não usariam novamente o mapa midiático-temático, “não só pelo uso da ferramenta Excel, mas também pela complexidade do formato”, porque “acabou sendo um trabalho a mais na execução”. Mesmo reconhecendo que “facilite uma visualização macro do tema”, alguns respondentes optariam por “um texto corrido (o qual indique também a ordem cronológica de lançamento dos produtos transmídia) ou até com uma apresentação de PowerPoint”, ou outros modelos “mais intuitivos”. Por ser “um trabalho bastante extenso para realização”, não “seria uma primeira escolha” para um dos respondentes.

As sugestões e críticas feitas na última pergunta propõem “um prazo maior para que as ideias possam fluir de maneira mais organizada, tendo em vista que é um trabalho que exige bastante reflexão acerca do tema”, bem como utilizar as cores “para facilitar a localização na lista das retrancas”, e as funções serem identificadas como uma das colunas da descrição do conteúdo. As dificuldades com a planilha eletrônica novamente foram mencionadas como ponto crítico do processo de utilização do mapa midiático-temático, que o tornaram “meio engessado demais”. “Aconteceu do nosso grupo fazer algo meio contra intuitivo no mapa, que seria partir uma cédula em duas para que pudéssemos ter mais de um produto midiático falando sobre o mesmo subtema”. Outra questão apontada foi “a ausência de uma marcação de datas para lançamento dos produtos”.

Os demais comentários tecem elogios ao método de roteirização de reportagens transmídia e destacam sua utilidade “para pessoas do tipo visual, que podem transformar pautas

em imagens, sendo um grande elemento para fixação do aprendizado”, e como “um grande recurso para organizar de forma eficiente uma grande quantidade de informações”, “dada a complexidade da elaboração de uma reportagem transmídia”.

É um formato importante, indispensável na formação dos novos jornalistas. Uma pena que tenhamos entrado em contato com isso apenas no último período do curso, quando teria sido o momento de apenas afinar o método, e não aprender tudo do zero e executar nas pressas. (Estudante da disciplina Telecinejornalismo, UFPE, semestre 2021.1).

5.3 Disciplina Laboratório de Webjornalismo e Jornalismo Multimídia

Na disciplina Laboratório de Webjornalismo e Jornalismo Multimídia (JORN 034), ministrada, no semestre 2022.1 (agosto a dezembro de 2022), para 25 (vinte e cinco) alunos do oitavo período do turno noturno do Curso de Jornalismo da UFAL, tivemos a primeira oportunidade de aplicação do método de roteirização transmídia no ensino presencial, com a flexibilização das restrições sanitárias da pandemia da Covid-19. Vislumbramos, a partir das experiências anteriores e debates com outros pesquisadores, a oportunidade de não só roteirizar uma reportagem especial transmídia, como também de produzi-la e publicá-la. Acreditávamos que essa possibilidade ajudaria a confirmar a efetividade do método de roteirização proposto e perceber sua repercussão nas demais etapas da produção jornalística – redação, edição e distribuição – e consequentemente contribuir para sua melhoria. Apesar da função do roteiro proposto nos permitir planejar mais especificamente o processo de apuração, é inegável que esse trabalho reverbera de alguma forma sobre as etapas seguintes, assim como no produto final. Numa disciplina laboratorial, produzir um roteiro com a perspectiva de executá-lo torna-se uma experiência bem mais estimulante e enriquecedora para os estudantes, pois exercita questões cruciais como as condições de produção e as mídias e plataformas a serem utilizadas.

Dessa forma, foram incorporados ao programa da disciplina as noções de narrativas transmídia no jornalismo e a proposta de produção do roteiro e de uma reportagem especial transmídia, em consonância com o objetivo do componente curricular de “Capacitar o estudante de experiência em Webjornalismo, habituando-se à rotina de produção de pautas, elaboração de notícias e reportagens, além de edição de conteúdo digital”(UFAL, 2014)⁴⁴. A experimentação do método de roteirização e produção de uma reportagem especial transmídia estimularia o desenvolvimento de diferentes competências em um único projeto: o texto de referência seria uma reportagem especial multimídia, para a web, enquanto os conteúdos de

⁴⁴ Anexo 18 – Plano de Ensino da Disciplina Laboratório de Webjornalismo e Jornalismo Multimídia.

expansão promoveriam a prática de outros gêneros e formatos para diferentes plataformas digitais, já que o curso não dispõe de canais de massa como jornais e revista, emissoras de rádio ou televisão.

Apesar de no Projeto Pedagógico do Curso de Jornalismo da UFAL as disciplinas laboratoriais preverem que os estudantes “já possuem uma base conceitual e experiência prática oficial”, retomamos, nas primeiras aulas, algumas discussões sobre características do Webjornalismo percebidas na atualidade, apresentando sobretudo casos para debate, bem como definindo melhor a perspectiva de transmidiação adotada, especialmente quanto às estratégias transmídia.

Considerando que nas experiências anteriores de pesquisa aplicada identificamos dificuldades especialmente na estruturação de um percurso temático, incorporamos exercícios de análise e construção de planos argumentativos de reportagens durante as aulas. Essas atividades tinham por objetivo exercitar habilidades como a problematização do tema escolhido e os modos desenvolvê-lo através das formas de raciocínio, que se mostraram facilitadores na operacionalização do mapa midiático-temático, especialmente na estruturação do texto de referência.

O primeiro passo dessa aula específica foi a exposição mais teórica sobre tema e problema, demonstrando sua relação, segundo aquilo que expusemos no capítulo 3 desta pesquisa. A seguir, propomos quatro temas já roteirizados por estudantes em disciplinas anteriores para que os estudantes apontassem, a partir de seu ponto de vista, um problema que o delimitasse, realizando um certo recorte empírico da realidade. As diferentes questões foram anotadas no quadro e, logo após, confrontadas com as delimitações dos roteiros já elaborados, para demonstrar como um tema pode apresentar diversos problemas/recortes e como se faz necessário realizar essa operação para ter clara a proposta (tese) da reportagem.

Para aproximar esses termos acadêmicos da linguagem jornalística, associamos a problemática, recorte de uma questão, ao ângulo da reportagem e a tese à proposta de abordagem. Os processos de concepção dos produtos jornalísticos não são bem delineados pelos profissionais nem pela literatura da área, mas são parte de um saber de reconhecimento (Traquina, 2012), comumente descrito como insights ou faro jornalístico.

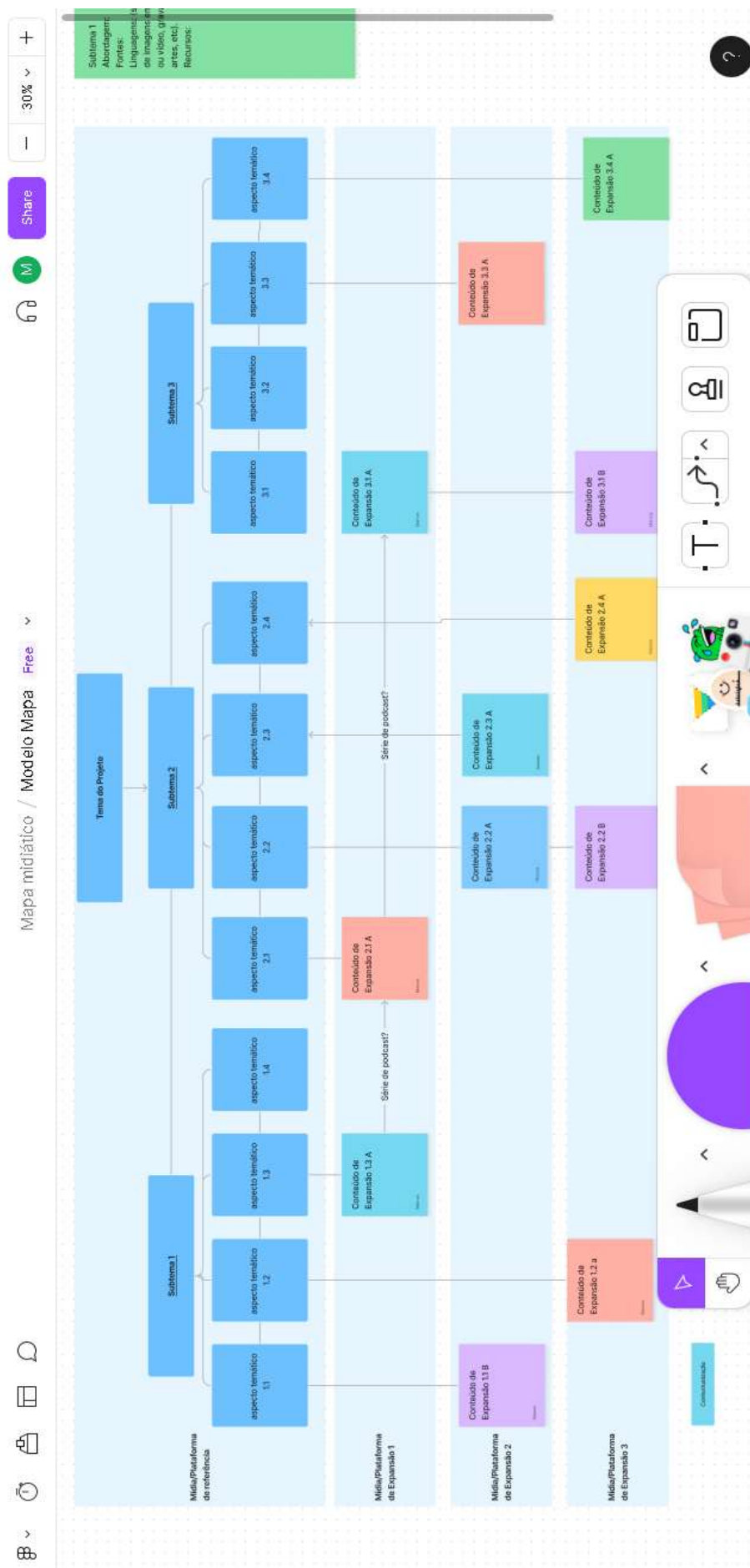
Inspirados no exercício analítico feito por Van Dijk (1999) para identificar as estruturas temáticas da notícia na imprensa, nessa nova experimentação propomos também aos estudantes a leitura e resumo em tópicos frasais de um capítulo da reportagem especial multimídia *A Batalha de Belo Monte*, a fim de perceber como os parágrafos, imagens, vídeos e gráficos figurativizavam um certo aspecto temático. Uma análise prévia, feita pelo professor, foi

comparada com os tópicos apontados pelos alunos, evidenciando sentidos bem semelhantes. Sintetizar é uma operação mental que, ao reunir elementos distintos, sejam concretos ou abstratos, expõe as ideias essenciais e evidencia um percurso temático-argumentativo, isto é, a estrutura do discurso para demonstrar ou defender algo.

Somente após esses exercícios, foi apresentado o mapa midiático-temático como instrumento para roteirização transmídia, demonstrando sua utilização através de exemplos em uma aula reservada para isso. Considerando as dificuldades mencionadas pelos estudantes em experiências anteriores com o uso de planilhas eletrônicas, que também não facilitavam a visualidade, desenvolvemos um modelo do mapa midiático-temático na plataforma Figma (Figura 38)⁴⁵, que foi disponibilizado aos estudantes, permitindo, inclusive, o compartilhamento do projeto com diferentes usuários e o acompanhamento mais sistemático do pesquisador-docente.

⁴⁵ Modelo também disponível mediante acesso à plataforma em:
<<https://www.figma.com/community/file/1228818768719146970>>.

Figura 38 – Modelo do mapa midiático-temático na plataforma Figma



Fonte: captura de tela

A estrutura de representação visual permaneceu a mesma, com a vantagem da plataforma ser mais intuitiva e permitir traduzir mais facilmente articulações complexas, a exemplo de um mesmo conteúdo de expansão ligado a dois ou mais aspectos temáticos ou mesmo a um subtema mais geral. Na parte superior deveria ser esquematizado o texto de referência, com seus respectivos subtemas e aspectos temáticos. Os acréscimos propriamente ditos foram a inserção de campos para detalhamento da sinopse (problema, tese, formato e serialização da reportagem), bem como para detalhamento de cada um dos subtemas. Como o texto de referência para essa turma seria uma reportagem especial multimídia, propomos também, em cada um dos subtemas, o detalhamento das linguagens a serem utilizadas (fotografias, vídeos, gráficos, áudios etc.) de modo a orientar também a produção acerca dessa dimensão.

Abaixo do esquema horizontal do texto de referência se localizam as mídias/plataformas com seus respectivos conteúdos de expansão, em cores correspondentes a funções e ligados por uma linha. A orientação era que cada um dos conteúdos continuasse sendo nominado por uma retranca, cujo detalhamento viria na parte inferior ao fluxograma, que poderiam ser conectados por um hiperlink interno. A partir da sugestão de uma das estudantes, as principais funções identificadas – atualização, contextualização, opinião, exploração e orientação – foram brevemente descritas para facilitar a distinção durante o processo de elaboração dos conteúdos (cf. Quadro 5 - Descrição das funções dos textos de expansão transmídia no Jornalismo, p. 126).

5.3.1 Orientação para roteirização e Análise dos Roteiros

Para roteirização e produção, a turma foi dividida em quatro grupos⁴⁶. A primeira atividade de cada grupo consistia em pesquisar um tema para o projeto transmídia, delimitando-o a partir de uma problemática e de subtemas pertinentes de serem explorados na reportagem especial multimídia (texto de referência). Para o processo de construção do roteiro através do mapa midiático-temático, foram realizados encontros semanais presenciais de orientação com cada grupo, de modo a seguir a mesma pedagogia já esboçada nas aplicações do método anteriormente: a elaboração do percurso temático do texto de referência, dos conteúdos de expansão para outras mídias e plataformas a partir de funções, e uma revisão mais geral do roteiro para ajustes e alterações.

⁴⁶ Considerando que o objetivo desta experiência mais recente era confrontar o roteiro com o processo de produção e o produto transmídia, não analisamos os roteiros de um dos grupos, que por razões adversas de articulação entre seus integrantes, não conseguiu concluir todas as etapas da produção da reportagem especial transmídia.

Para auxiliar na organização do percurso temático, na primeira reunião de orientação, procurou-se apresentar alguns modos de estruturação de reportagens especiais ou série de reportagens com base em planos argumentativos comumente utilizados, como demonstramos no terceiro capítulo desta tese.

Evitaremos uma descrição mais detalhada de todo o processo de orientação por apresentar semelhanças com as experiências realizadas anteriormente, mas apontaremos as questões e desafios que podem contribuir para aperfeiçoamento do método. Vamos nos deter em como os roteiros *Transtorno do Espectro Autista*, *Violência contra a Mulher em Alagoas* e *Migração Venezuelana em Alagoas* foram desenvolvidos e operacionalizados pelos estudantes.

Os três grupos analisados apresentaram uma versão inicial do mapa midiático-temático com um esquema de subtemas e aspectos temáticos já bem desenvolvido, ainda que alguns dos tópicos inventariados fossem mais figurativos ou em forma de perguntas. Além de trabalhar nesses poucos ajustes, os encontros de orientação ocuparam-se, sobretudo, em discutir e explicitar a problemática e a proposta da reportagem, de modo a redefinir ou confirmar a argumentação traçada através da organização dos subtemas e aspectos temáticos.

No roteiro *Transtorno do Espectro Autista*, era preciso pensar um gancho jornalístico (problema enfrentado atualmente acerca do tema) para evitar que a reportagem se tornasse uma espécie de “cartilha” sobre o assunto.

Instigados pelo professor a desenvolver melhor a problemática, a partir do que mais os preocupavam e de um recorte mais local que permitisse maior acesso às fontes, os estudantes conseguiram vislumbrar melhor a questão de fundo a ser tratada:

- Eu acho que a questão seria nas famílias. E aí acho que está bem pontuado nesse sentido, né. O Diagnóstico pelos SUS, como é que ele funciona, como é que as famílias chegam a isso, como é que elas lidam com isso...

- E isso a gente conseguiria fazer local, né? – completou uma colega.

- Isso. Às vezes até ir mesmo num CAPS e tal, conversar com psiquiatra, ver como é que eles trabalham com isso... Não é tão difícil encontrar famílias com crianças autistas.

- Eu tenho dois sobrinhos autistas – pontuou outra integrante.

- Ahan... Entender como essas famílias viram como foi essa situação. Eu acho que ainda é partir das famílias para chegar à explicação. Partir da perspectiva familiar que vai entender,

pouco a pouco, a dificuldade, quando foi que percebeu e levou ao médico, foi um médico que te indicou, o que é... quais as propostas que existem. Eu acho que seria essa ideia.

- A questão do diagnóstico acho importante, porque, realmente, é um tema amplo. Por exemplo, meu sobrinho ele tem... vai fazer doze anos. Ele foi diagnosticado no papel há dois meses, sendo que a gente corre atrás com ele desde que ele tinha dois anos de idade, quando a gente já percebeu algumas coisas nele. Então assim, isso não é um caso isolado.

- E aí uma outra questão: Famílias, que tipo de famílias? Esse problema é para que tipo de família? Que recorte de família? – questionou o docente.

- Para famílias que precisam usar o Sistema Único de Saúde. Por que tem condições, por exemplo... eu tenho uma amiga que ela, tipo, deixou o emprego e tudo, mas ela tem uma condição um pouco melhor que a da minha irmã, e ela faz todo o tratamento. E o filho dela tem três anos. Então ela já conseguiu descobrir rápido e faz todo o tratamento dele na rede particular. É diferente. Se você tiver quinhentos reais, você consegue fazer uma consulta com um neuropediatra com seu filho hoje. E o meu sobrinho nunca passou por um neuropediatra, porque o Estado é carente de neuropediatra e você fica anos numa fila esperando uma vaga porque é pouco médico para uma demanda muito grande de crianças e adolescentes. Acho que a gente poderia ir por esse sentido mesmo, da dificuldade das famílias de terem esse diagnóstico e do que isso causa para pessoa com autismo, porque causa um retardo no desenvolvimento dessa criança, desse adolescente. E depois do diagnóstico começa a outra batalha que é o tratamento, porque não é só o laudo, é o tratamento.

- E aí tem outra dificuldade que as famílias vão enfrentar que é o tempo pra fazer tudo isso, ausência de CREAS [Centros de Referências Especializados de Assistência Social], quanto mais velho vai ficando mais difícil,

- Então é isso, conversar um pouco mais sobre isso e delimitar o foco – pontuou o professor. – Vocês podem até fazer um comparativo entre famílias de baixa renda e outras com maiores condições financeiras, seguindo uma das propostas de estruturação argumentativa para a reportagem.

Seguiu-se a revisão da divisão proposta quanto a cada um dos subtemas e aspectos temáticos propostos, incentivando uma maior pesquisa para dar sustentação à abordagem.

No encontro seguinte, um dos membros da equipe já conseguiu expressar bem a problemática a partir do próprio percurso temático proposto para a abordagem:

A gente organizou de uma ordem quase cronológica: que os pais descobrem o autismo no filho, tem o período de aceitação e depois tem o período de ter que lidar com isso para o resto da vida. Eu acho que a gente pensou isso meio cronologicamente e os desafios [das famílias] vão estar em todos. (Estudante da disciplina de Laboratório de Webjornalismo e Jornalismo Multimídia, UFAL, semestre 2022.1)

Encaminhada a roteirização do texto de referência, partiu-se para a sua expansão para outras mídias e plataformas. Houve dificuldade quanto a distinção de tais conteúdos do ponto de vista temático de modo a evitar repetições. Em todos os encontros era recomendado uma maior pré-apuração, justamente visando ampliar o repertório de abordagem da temática. Isso se refletiu na versão final do mapa midiático-temático⁴⁷ com poucas fontes e menor variação de funções dos conteúdos de expansão.

A primeira versão do mapa midiático-temático *Violência contra a Mulher em Alagoas* dividia a reportagem especial multimídia em subtemas que representavam os ambientes – doméstico, acadêmico, laboral, público – onde se manifestam os diversos tipos de violência. De maneira geral, essa organização do percurso argumentativo poderia refletir o Plano Inventário (Fiorin, 2015), ao pretender retratar como a violência contra a mulher se manifesta nos principais espaços de convivência, mas, no interior de cada subtema, também seriam abordadas as causas e consequências, as possíveis soluções, sempre com exemplos que ilustrassem a questão.

Como o recorte temático parecia estar bem definido pela problemática (“o impacto que a violência de gênero exerce na vida das mulheres em Alagoas”), assim como a abordagem (como as violências acontecem e como o machismo estrutural está na raiz desse problema), nas primeiras reuniões de orientação, estudantes e professor se debruçaram sobre como desenvolver alguns poucos aspectos temáticos:

Utilizando o mapa midiático-temático, o professor procurava estimular que se evitasse a justaposição temática:

- Aqui nesse aspecto temático do texto de referência vocês colocaram “Falta de Mulheres na política e violência contra estas representantes”, mas qual vai ser o enfoque desse conteúdo de expansão que vocês propõem para o Instagram? Porque aqui [na reportagem especial multimídia] vocês já vão falar das mulheres na política, então aqui [no conteúdo de expansão] vocês têm que definir uma outra questão a partir dela, representada por uma palavra-

⁴⁷ Anexo 19 - Mapa Midiático-temático Transtorno do Espectro Autista.

chave, uma retranca... Mas que não seja igual à da reportagem multimídia e possa demarcar uma diferença entre esses conteúdos.

- Mas que seja relacionado com as mulher na política também?

- Isso. Aqui na descrição do conteúdo vocês colocam “Apresentar os dados das mulheres na política brasileira e alagoana”. Isso não vai ser colocado também aqui [no texto de referência]?

- Verdade. Poderia ser aquela questão das candidatas laranja, né? Que alguns partidos só colocam para ocupar as vagas obrigatórias, só que elas não exercem, e às vezes nem recebem. A gente poderia ver alguns casos, né, que aconteceram no Brasil?

- Talvez tenha no interior, né. Eu não conheço muitos casos assim...

- A questão é muito interessante e daria sim um outro enfoque – considerou o professor. Estão percebendo qual é a ideia: tratar de algo aqui [nas mídias de expansão] que provavelmente aqui [na reportagem especial multimídia] eu não vou conseguir tratar, mas que mantenha relação. Eu vou tratar das mulheres na política, da violência contra estas representantes, mas aqui [no conteúdo de expansão], para além delas não terem acesso, posso tratar das candidatas laranjas e mulheres que se submetem a isso. Nesse caso, a retranca poderia ser “Candidatas-laranjas” e o detalhamento logo abaixo. (...) É preciso demarcar essa distinção, de modo que quando alguém olhar vai perceber, a partir destas palavras-chaves, o que está sendo tratado na reportagem especial multimídia e o que está sendo tratado no conteúdo para outra mídia. O cuidado que precisam ter é que talvez não consigam muitos dados ou pessoas que falem sobre isso enquanto testemunhas... Mas há outras forma de abordar o assunto. Por exemplo, será que alguém discute sobre essa questão? Será que tem algum pesquisador, cientista político que poderia falar disso?

O grupo começou a realizar buscas na internet para verificar a recorrência desse fato em Alagoas e as possíveis fontes, como o Ministério Público, por exemplo.

Nos encontros seguintes o grupo continuou a trabalhar na versão final do mapa midiático-temático⁴⁸, elegendo como mídias para expansão o Youtube, o Spotify e o Instagram. Apesar do alerta de que havia muitas propostas de conteúdos para outras mídias, além da própria abordagem em profundidade da reportagem especial multimídia, que dariam mais trabalho na fase de produção, o grupo optou por manter o roteiro com 14 conteúdos de expansão.

⁴⁸ Anexo 20 - Mapa Midiático-temático Violência contra Mulher em Alagoas.

A proposta inicial do mapa midiático-temático *Migração Venezuelana em Alagoas* estava bem estruturada de subtemas e aspectos temáticos. O trabalho de orientação fez com que os estudantes explicitassem melhor o problema e a proposta de abordagem no instrumento de roteirização, bem como uma maior adequação e organização de alguns aspectos temáticos descritos de forma mais extensa. As conversas e revisões durante a orientação foram fundamentais para esclarecer algumas dúvidas.

- Uma dúvida minha – expressou a estudante. Se a gente conversar com o pessoal e tem uma história ali que a gente achou muito forte, muito impactante... em que momento ela entraria aí nessa divisão que a gente fez do roteiro?

- Depende de que aspectos essa história vai tratar.

- E eu acho que a gente pode aprofundar a história numa mídia de apoio, um podcast de perfil, por exemplo... – sugeriu uma outra colega.

- Pode ser na reportagem multimídia ou nos conteúdos de expansão, no podcast, como vocês citaram. A história pode estar diluída aqui a partir dos aspectos [fazendo referência a todo o mapa]. Por isso a gente precisa definir os aspectos que serão abordados, também para guiar a entrevista. Se a gente pensa a cultura, por exemplo, envolve educação, alimentação, vestuário... que elementos desses a gente pode observar, perguntar, questionar... e depois mostrar, como vocês dizem aqui nesse tópico: “contar quais são as diferenças entre a cultura deles [venezuelanos] e dos alagoanos”. (...) Esse ponto pode abranger também a questão das tradições, das festas, de rituais. Por exemplo, o povo Warao tem suas danças, confeccionam artesanatos que vendem... Então a história pode perpassar diferentes pontos.

No processo de revisão dos subtemas, dois deles – “Dificuldades de acesso às necessidades básicas” e “Política de imigração no Brasil” – pareciam manter relações temáticas mais próximas e o professor alertou para isso:

- Eu acho que esses dois subtemas poderiam estar juntos: à medida que vocês falam da dificuldade do acesso, estão falando também de política e se ela está contribuindo ou não.

- Como deveria ser e como é – constatou um estudante.

- Isso – concordou outra estudante.

Em seguida o professor apresentou uma série de reportagens já produzidas, cuja estrutura refletia o modelo de percurso argumentativo do Plano Problema, Causas e Soluções, que se aproximava daquele já traçado pelos estudantes.

- Parece muito redação de Enem – comentou uma estudante.

- Sim, são baseados em planos de redações, propostos pelo professor José Luiz Fiorin, só que adaptado à estrutura de uma reportagem, ou no caso aqui, de uma série de reportagem – explica o professor. É o mesmo tipo de discurso. A gente está pensando uma reportagem de cunho argumentativo, por mais que a gente tenha narração, conte histórias, mas a gente quer trazer uma questão pra sociedade pra debater, como vocês colocaram na sinopse, pra mostrar, revelar, retratar. A diferença é que estamos fazendo de outra forma, em episódios, com outras linguagens, mas no fim a estrutura básica acaba sendo essa, não acham?

- Acaba sendo esse modelo mesmo, pra gente também. (...) A solução ficaria o que é a própria política migratória.

- Isso. Algumas “soluções” já estão sendo tomadas, mas às vezes não são suficientes. Uma das coisas principais aqui é o que eles [os venezuelanos] dizem? – pontuou o professor.

Nos encontros seguintes o grupo já trouxe uma proposta mais definida, que abordava o problema da migração de forma contextualizada dentro do recorte do povo Warao - (capítulo 1); os efeitos dessa migração, especialmente sob o aspecto cultural (capítulo 2); e o como os direitos dessas pessoas vem sendo tratados e as soluções que vem sendo ou deveriam ser adotadas (capítulo 3)⁴⁹. A equipe também sentiu necessidade de ampliar na plataforma o espaço da representação do texto de referência (reportagem especial multimídia), introduzindo outros pontos relacionados a cada aspecto temático. Em relação às funções dos conteúdos de expansão, não houve muita atenção para marcar essa diferença. Outra observação foi a ausência de maior detalhamento das fontes para tratar do terceiro subtema e seus aspectos temáticos relacionados nas outras mídias, dificuldade que foi sentida posteriormente na etapa de produção.

No que se refere à expansão, os roteiros desdobravam bem os aspectos temáticos, evidenciando a compreensão da lógica transmídia proposta pelo método. O levantamento comparativo (Tabela 3) revela um índice médio de expansão de mais de 80% dos conteúdos propostos para outras mídias nos roteiros. Descreveremos de maneira mais sucinta esses conteúdos, tendo em vista que voltaremos a detalhá-los posteriormente, comparando aquilo que foi roteirizado com o que efetivamente foi produzido e publicado.

⁴⁹ Anexo 21 - Mapa Midiático-temático Migração Venezuelana em Alagoas.

Tabela 3 – Levantamento de justaposição e expansão temática nos conteúdos propostos para outras mídias e plataformas nos mapas midiáticos-temáticos produzidos para a Disciplina Laboratório de Webjornalismo e Jornalismo Multimídia (UFAL / Semestre 2022.1)

PROJETO	MÍDIAS EXPANSÃO	CONTEÚDOS EXPANSÃO	JUSTAPOSIÇÃO TEMÁTICA	%	EXPANSÃO TEMÁTICA	%
TRANSTORNO DO ESPECTRO ALTISTA	Instagram Facebook	6	1	17%	5	83%
VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER EM ALAGOAS	Youtube Spotify Instagram	14	2	14%	12	86%
MIGRAÇÃO VENEZUELANA EM ALAGOAS	Youtube Spotify Instagram	7	3	29%	4	71%
MÉDIA	-	9	2	20%	8	80%

Fonte: Elaboração do Autor

O mapa midiático-temático *Transtorno do Espectro Autista* propôs seis conteúdos de expansão, dos quais cinco pareciam avançar no desdobramento temático em relação à reportagem especial multimídia: “Autismo na Ficção”, lista para Facebook com séries e filmes que abordariam o tema ou trariam personagens com TEA, desdobrando de maneira mais geral o subtema da “Descoberta do Autismo”; “Nível 1 – Autismo”, reels para Instagram que particularizaria um dos “Níveis de Autismo”; “Quem pode te ajudar”, post para Facebook para divulgar centros de apoio a famílias e portadores de autismo, visando ampliar o aspecto “Formas de Tratamento”; “Convívio”, carrossel para Instagram com fotos de pessoas autistas em convívio social, ligado ao aspecto temático “Educação”; e “Reabilitação à domicílio”, vídeo para Instagram que destacaria os benefícios do atendimento domiciliar, desdobrando o aspecto “Reabilitação”. O conteúdo “Vencendo na Justiça”, que se propunha a “mostrar um caso específico de uma família que entrou na justiça para assegurar seus direitos” tendia a desenvolver a mesma questão da reportagem especial multimídia sobre “O que garante a lei e como funciona na prática”, ilustrando-a com um caso e com grande possibilidade de justaposição temática. Uma questão observada de forma mais específica nesse roteiro foi a escolha de plataformas de redes sociais para expansão, que implicava propor conteúdos mais enxutos e não permitia maiores aprofundamentos.

O roteiro *Violência contra a Mulher em Alagoas*, chamou atenção pelo volume de conteúdos de expansão propostos: quatorze, ao todo, o dobro dos demais. A maioria desses conteúdos, porém, procurava desdobrar os aspectos temáticos do texto de referência. Vejamos:

- Para ampliar a abordagem do aspecto “Machismo estrutural entre as famílias”, foi proposto um vídeo para Youtube – “Auxílio-CDDM” –, explicitando o trabalho do Centro de Defesa das Mulheres no auxílio às vítimas de violência.

- Para orientar sobre o aspecto “Dependência financeira”, propôs-se o podcast “Entrevista-Economia” com uma economista para entender como a vítima daquele tipo de violência poderia superá-la;

- Para contextualizar o “Isolamento e privação da mulher por seu companheiro”, a ideia foi discutir como o perfil no Instagram @maselenuncamebateu vinha ajudando mulheres a superar relacionamentos tóxicos através do podcast “Relação Abusiva”;

- Para ampliar a discussão sobre “A participação feminina em cursos majoritariamente masculinos”, a proposta foi realizar entrevistas em vídeo com mulheres que atuavam em áreas como computação e na ciência – o conteúdo “Katie e Projeto Atena”;

- Para situar historicamente os “Espaços de fortalecimento feminino nas escolas e universidades”, sugeriu-se um carrossel para Instagram “Mulheres-Ciência”, sobre as grandes mulheres no ambiente acadêmico ao longo da história;

- Para aprofundar “A dificuldade de inserção da mulher no mercado de trabalho”, foram propostos os conteúdos “Emprego-maternidade”, depoimentos em vídeos de mulheres sobre como conciliar filhos e carreiras, e “Licença-maternidade”, três posts para Instagram explicando esse direito, o acesso e sua evolução histórica;

- Para contextualizar regionalmente o “Assédio moral e sexual” no ambiente laboral, planejou-se o podcast “Panorama-Alagoas”, que contaria com a participação de representante do Ministério Público para falar sobre casos recorrentes no Estado;

- Para orientar sobre “Abusos sexuais nos coletivos e/ou transportes por aplicativos”, propõe-se cards para o Instagram informando “Formas de Proteção” para os casos;

- Para contextualizar regionalmente a “Falta de mulheres na política e violência contra essas representantes”, propõe-se o conteúdo para o Instagram “Mulheres na Política – Nordeste e Alagoas” com dados locais e a situação de candidatas laranjas, utilizadas para burlar a lei que garantia um percentual feminino nas eleições.

- Para orientar sobre “Violência contra mulheres em ambientes de entretenimento” foi pensado o conteúdo “Denunciar-abusos”, reels para o Instagram com dicas para casos de abusos e locais de denúncia;

- Para contextualizar juridicamente as “Violências na internet e redes sociais”, a proposta foi explicar detalhes da “Lei Carolina Dieckmann” sobre crimes cibernéticos.

O conteúdo “Estudo-maternidade”, entrevista com mães estudantes sobre os desafios de estudar e cuidar dos filhos, não avançava na abordagem do aspecto temático relacionado “O embate entra a maternidade e o ambiente acadêmico”, do texto de referência. O mesmo ocorria com o conteúdo “Dependência-relatos”, que possuía forte tendência de se confundir com o aspecto temático da reportagem especial multimídia “Dependência Emocional”, somente ilustrando a questão com “experiências de mulheres que passaram por dependência emocional”.

A roteirização apresentada no mapa midiático-temático *Migração Venezuelana em Alagoas* promovia as estratégias de expansão desdobrando os aspectos temáticos em quatro dos sete conteúdos para outras mídias: a série documental de três episódios para Youtube, que abordaria as memórias e chegada dos Waraos em Alagoas no “Documentário 1 – Aníbal Perez”⁵⁰ (desenvolvendo o aspecto “Perfil dos Waraos”, da reportagem especial multimídia), o cotidiano na nova cidade no “Documentário 2 - Dia a dia dos Waraos” (relacionado ao aspecto “Manutenção e preservação cultural”, do texto de referência) e a realidade a problemáticas das casas onde estavam acolhidos no “Documentário 3 – Abrigos” (fazendo um contraponto à situação dos “Venezuelanos Integrados”, aspecto que também seria abordado na reportagem especial multimídia); e o “Podcast 2 – Crise Econômica na Venezuela”, que pretendia ampliar a discussão do subtema “Política Migratória no Brasil”, contextualizando econômica e politicamente os fatores que desencadearam o processo migratório da população venezuelana.

Da maneira como foram descritos, três dos conteúdos de expansão apresentavam justaposição temática, reiterando aspectos já apontados na reportagem especial multimídia: o “Podcast 1 – Política Migratória no Brasil”, mesmo título do terceiro subtema do texto de referência⁵¹; e as publicações interativas para o Instagram, uma “Caixinha de perguntas sobre os tópicos abordados” que motivariam “Respostas em formato de vídeo”, que tratariam de questões mais gerais e não estimulam um tópico em particular⁵².

Algumas questões referentes à justaposição temática desses roteiros poderiam ser sanadas com um pouco mais de atenção na nomeação (retranca) dos conteúdos para outras mídias, no cuidado com o detalhamento da abordagem e na atenção às funções de cada conteúdo. Essas indicações feitas no próprio instrumental de roteirização antes da entrega da versão final e retomadas na etapa de preparação para a produção com o intuito de serem superadas.

⁵⁰ Apesar da retranca não indicar o aspecto temático, o detalhamento do episódio deixa mais claro a proposta.

⁵¹ A função de contextualização indicada para o conteúdo exige um novo desdobramento temático; caso o objetivo fosse o debate, contrapondo pontos de vistas sobre a questão, poderia se adequar como conteúdo de opinião.

⁵² Um exemplo seria tratar da xenofobia sofrida pelos Waraos devido a hábitos alimentares ou à prática da coleta, associada na cultura brasileira à mendicância.

Notamos ainda, em todos os grupos, seja no decorrer do processo da elaboração dos roteiros, seja na versão final, uma fragilidade do processo de pré-apuração. Apesar de propor diferentes formas de pesquisa jornalística, as primeiras versões do mapa midiático-temático traziam informações sem referências mais sólidas que potencializassem o processo de expansão temática. Uma grande carência foi constatada em relação às fontes, tanto para a reportagem especial multimídia (num dos casos havia até subtemas sem nenhuma indicação de fonte) quanto para os conteúdos de expansão, as vezes descritos como indicações genéricas (especialista, jornalista etc.).

5.3.2 Apuração transmídia

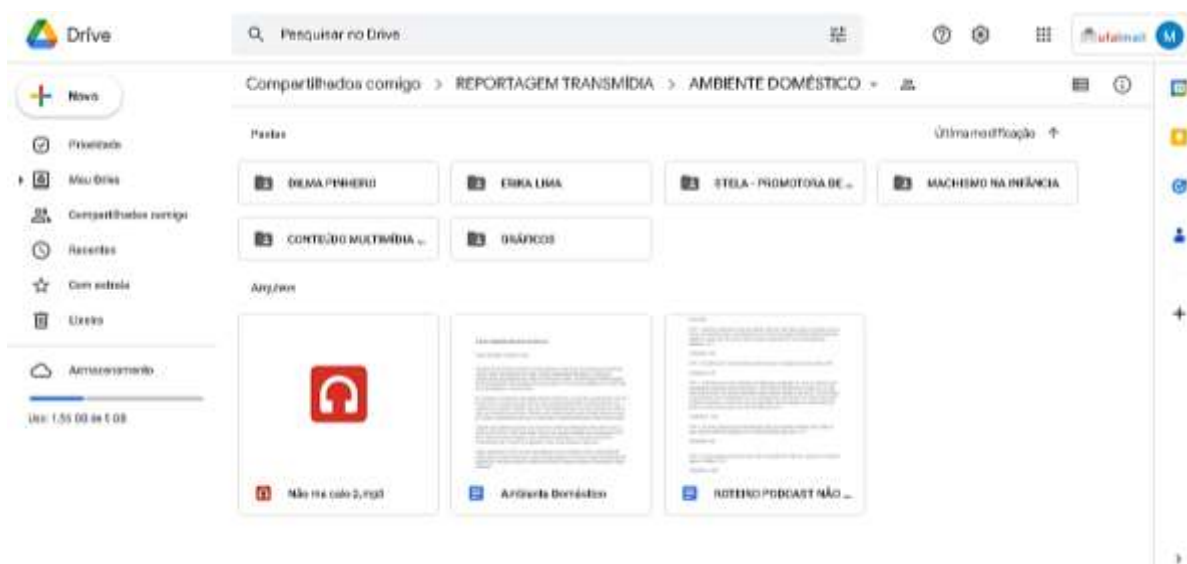
A apuração a partir dos roteiros das reportagens especiais transmídia foi realizada seguindo os conhecimentos e técnicas já consolidadas pela prática jornalística, com a única recomendação de valer-se da organização dos diferentes aspectos temáticos nas entrevistas quando uma mesma fonte fosse utilizada tanto para o conteúdo de referência quanto para algum conteúdo de expansão. Nesse sentido, ainda que o mapa midiático-temático servisse de guia para orientar as diferentes pautas, optou-se por deixar livre a forma de organização do processo de apuração.

A apuração do roteiro *Transtorno do Espectro Autista* soube tirar proveito do instrumental metodológico, elaborando as pautas para cada entrevistado e referenciando os diferentes aspectos relacionados. Uma das pautas elaborada para entrevista com o Neuropediatra, por exemplo, incluía aspectos como “Causas” do Autismo, “Formas de Diagnósticos”, “Níveis de Autismo” e “Aceitação”, todos relacionados ao primeiro subtema, mas também “Formas de Tratamento”, do segundo subtema, e “Reabilitação” do terceiro subtema. Esse mesmo cuidado em referenciar os aspectos temáticos pôde ser verificado nas pautas para a mãe de um autista e para a presidente de uma associação de pais de autistas. Somente as pautas para a pedagoga e para o advogado eram bem mais direcionadas, pois tratavam de aspectos mais específicos para um determinado conteúdo.

O mapa midiático-temático orientou também a organização das pautas para a produção do roteiro *Violência contra Mulher em Alagoas*, indicando os subtemas relacionados em cada fonte ou entrevista que seria realizada. Para melhor visualizar o andamento da produção da reportagem, o grupo utilizou a plataforma Trello, e disponibilizou os materiais apurados em

uma pasta no Google Drive (Figura 39), cujas subpastas representavam, ora as fontes, ora os aspectos temáticos, ora os conteúdos já produzidos.

Figura 39 – Organização da apuração do roteiro “Violência contra Mulher em Alagoas” no Google Drive



Fonte: Captura de tela.

Diferentemente dos demais, a divisão das pautas do roteiro *Migração Venezuelana em Alagoas* foi feita considerando as habilidades de alguns membros do grupo para determinadas mídias e gêneros: a reportagem especial multimídia, os documentários e os podcasts. O mapa midiático-temático funcionou, como era de se esperar, apenas para elaborar a estrutura mais geral, e estando definidas as pautas, os responsáveis partiram para sua produção.

Nesse grupo, a fragilidade já mencionada em relação a pré-apuração, visível pela ausência de fontes, refletiu-se em um processo de apuração atribulado: faltaram fontes para um dos podcasts, não se encontravam fontes especializadas capazes de abordar a história da imigração e o contexto histórico e político da chegada dos Warao em Alagoas, como estava previsto na reportagem especial multimídia; e somente na segunda semana de apuração o grupo indicou uma nova fonte para o documentário. Estas dificuldades, bem como o modo de organização escolhido pelo grupo, impactaram diretamente no resultado final da produção transmídia, tanto na reportagem especial multimídia, que recorreu a fontes documentais para sustentar a abordagem (baseada apenas em três entrevistados), assim como nos conteúdos de expansão.

Ainda assim, foi a partir do mapa midiático-temático que se estabeleceu uma preocupação entre os membros do grupo com relação a expansão dos conteúdos, especialmente

de algumas fontes que foram entrevistadas tanto para a reportagem especial multimídia como para os documentários – Aníbal Perez, Argenis Marcano, duas lideranças Warao, e Sandreana Melo, antropóloga com atuação no acolhimento aos migrantes em Maceió-AL. As questões abordadas nestas produções são diferentes, demonstrando que houve uma boa compreensão do processo de expansão a partir dos aspectos temáticos.

Procuramos estimular também o uso do mapa midiático-temático como guia para o processo de apuração. Para isso, sugeriu-se marcar os aspectos temáticos e conteúdos de expansão com emojis disponíveis na plataforma Figma. Mão verde com polegar levantado (👍), indicando que o processo de apuração daquele conteúdo/aspecto estava concluído; ponto de interrogação vermelho (❓), para indicar que o processo de apuração estava em andamento e aguardava confirmação da fonte; mão azul com polegar para baixo (👎), indicando que o aspecto temático não conseguiu ser apurado ou não “rendeu” aquilo que se esperava, e provavelmente seria retirado ou trocado por outro, a depender do contexto geral da reportagem. Essa recomendação, no entanto, só foi seguida pelo grupo do roteiro “Violência contra mulher em Alagoas”.

As fontes apontadas inicialmente nem sempre respondiam aos estudantes, obrigando-os a buscarem outras capazes de abordar os aspectos temáticos apontados. Nesse sentido, o mapa midiático-temático auxiliava, pois era possível pensar formas diferenciadas de abordagem a partir do aspecto temático, inclusive com outros tipos de fontes, como não oficiais, especialistas, ou envolvidos de alguma forma na questão. Para apuração do roteiro “Transtorno do Espectro Autista”, a dificuldade foi o acesso a um neuropediatra, pois, segundo o relato do grupo, foram realizadas tentativas com ao menos três fontes, todas sem sucesso. O grupo acabou contando com a ajuda de uma psiquiatra infantil para esclarecer as questões propostas na pauta.

No roteiro *Violência contra Mulher em Alagoas* as dificuldades com fontes na apuração foram bem maiores. Algumas fontes nas quais se baseavam certos conteúdos foram mudadas, prejudicando a expansão temática. Esse foi o caso das administradoras do perfil “Mas ele nunca me bateu” (@maselenuncamebateu), que discutiria em um podcast como a internet estava ajudando a denunciar violências. O redimensionamento do conteúdo com outra fonte passou a enfatizar o isolamento e privação da mulher pelos respectivos companheiros, levando à repetição do mesmo aspecto temático que seria abordado na reportagem especial multimídia. O mesmo ocorreu diante da negativa de entrevista de outra fonte, apontada para desenvolver um conteúdo de expansão sobre os limites da dependência financeira. O grupo teve que se reposicionar e “virar” a pauta para desenvolver o aspecto temático de uma outra forma. Essa

mudança de rumo é salutar e possível, mas requer cuidado com relação ao desdobramento temático.

O processo de pesquisa desse mesmo grupo também continuou na etapa de apuração, e novas fontes foram acrescentadas ao planejamento inicial para reforçar aspectos temáticos. Para desenvolver o subtema de “Violência no Ambiente de Trabalho”, o grupo fez contato com a Comissão Especial da Mulher da OAB, para tirar dúvidas sobre quais os direitos que uma mulher que sofre esse tipo de violência tem e a quem recorrer. Para diversificar as fontes do subtema “Violência no Ambiente Público”, agregaram a vereadora de Maceió-AL, Teca Nelma, para falar mais sobre a presença das mulheres na política.

Como o tema a ser apurado era delicado e muitas mulheres tinham dificuldade de expor suas histórias, o grupo criou um formulário online para coletar relatos de mulheres que haviam sofrido algum tipo de violência, pretendendo utilizá-los na reportagem. No formulário, divulgado em grupos de WhatsApp, não era preciso se identificar, o que possibilitava maior adesão.

5.3.3 Redação, edição e circulação transmídia

Para orientar o processo de redação e edição dos conteúdos, foi ministrada uma aula específica quando os estudantes já estavam de posse do material apurado. Nesta aula foram discutidas questões como a composição do texto de referência, a revisão (ou manutenção) da ordem dos subtemas como capítulos, bem como o uso das diferentes linguagens (fotografias, vídeos, áudios, gráficos, artes, estética) na escrita “multimídia”. A remissividade entre os conteúdos foi outro ponto abordado, importante para marcar a ligação entre os conteúdos e promover a “passagem” dos consumidores de uma mídia/plataforma à outra.

Os conteúdos produzidos, tanto a reportagem especial multimídia (texto de referência) quanto para as demais mídias e plataforma (de expansão), refletiram, de algum modo, a organização inicialmente roteirizada através do mapa midiático-temático. Ainda que tenha havido mudanças em decorrência da apuração ou mesmo durante a edição, alterando-se, por exemplo, um aspecto para englobá-lo em outro subtema, o plano argumentativo proposto inicialmente no roteiro tornou-se a base do produto final.

A reportagem especial multimídia *TEA: os desafios do diagnóstico à aceitação*⁵³ produzida em formato *longform*, optou por não se dividir em capítulos a partir dos subtemas,

⁵³ Disponível em: <<https://ctdlucasmaia.wixsite.com/transtorno-autismo>>.

mas em blocos informativos, com texto, imagens e vídeos, que desenvolviam cada um dos aspectos temáticos, segundo o mesmo itinerário proposto no mapa midiático-temático. A sequência adotada procurou, pedagogicamente, demonstrar os desafios enfrentados pelas famílias, tal como propunha o título da reportagem especial⁵⁴.

A reportagem especial multimídia *Não me calo!: uma visão da violência contra a mulher em Alagoas*⁵⁵ reproduzia a mesma organização temática proposta do mapa midiático-temático dos capítulos: ambientes Doméstico, Acadêmico, Laboral e Público. Quanto aos aspectos temáticos, alguns foram destacados com intertítulos dentro de um mesmo capítulo, a exemplo de “Dependência emocional” e “Isolamento e privação da mulher pelo companheiro”, enquanto a maioria se desenvolvia ao longo da discussão através dos textos, gráficos, imagens e áudios.

A reportagem especial multimídia *Do Orinoco à Pajuçara: Itinerário de sobrevivência*⁵⁶ também seguiu a argumentação geral proposta no mapa midiático temático, mas com adaptações. Os dois primeiros capítulos – “Povo de Barco” e “Divergência Cultural” – desenvolveram quase todos os aspectos temáticos previstos, enquanto no terceiro “Política de Imigração no Brasil”, em virtude da dificuldade com as fontes, limite apresentado já na roteirização, boa parte dos aspectos temáticos elencados – Saúde, Educação, Moradia e Lazer – não foram abordados. A saída encontrada foi situar a importância das políticas públicas de migração nacional e localmente, finalizando o capítulo com o aspecto temático “Xenofobia”, inicialmente previsto para ser abordado no segundo capítulo.

Interessa-nos, sobretudo, avaliar o processo de adoção das estratégias transmídia de expansão baseadas no desdobramento temático da reportagem especial multimídia, agora comparando aquilo que foi roteirizado com o que foi efetivamente produzido. Apresentamos, a seguir, uma tabela comparativa entre o roteiro e a reportagem especial transmídia, que evidencia nossa análise quanto à justaposição e expansão temática nos trabalhos (Tabela 4). A análise quantitativa dos resultados, apoiado no detalhamento qualitativo que descreveremos a seguir, permite, mais uma vez, demonstrar a operacionalização e efetividade do método proposto nesta tese e de seus instrumentais.

⁵⁴ Num projeto transmídia a equipe deveria envolver outros profissionais, como designer, programador, editor de vídeo, por exemplo. Apesar da proposta de trabalho laboratorial ter como objetivo a prática jornalística transmídia dos conteúdos, não se desconsiderava o quanto estas funções enriqueceriam o produto final, inclusive com conteúdos inovadores.

⁵⁵ Disponível em: <<https://natalylopes6.wixsite.com/n-o-me-calo>>.

⁵⁶ Disponível em: <<https://lilianpereira3.wixsite.com/waraos>>.

Tabela 4 – Comparação da justaposição e expansão temática dos conteúdos para outras mídias e plataformas roteirizados e produzido na Disciplina Laboratório de Webjornalismo e Jornalismo Multimídia (UFAL / Semestre 2022.1)

PROJETO	JUSTAPOSIÇÃO TEMÁTICA				EXPANSÃO TEMÁTICA			
	ROTEIRO		REPORTAGEM		ROTEIRO		REPORTAGEM	
TRANSTORNO DO ESPECTRO ALTISTA	1	17%	1	17%	5	83%	5	83%
VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER*	2	14%	4	33%	12	86%	8	67%
MIGRAÇÃO VENEZUELANA EM ALAGOAS	2	29%	3	43%	5	71%	4	57%
MÉDIA	2	18%	3	31%	8	82%	6	69%
* não foram produzidos todos os conteúdos roteirizados								

Fonte: Elaboração do Autor

No projeto transmídia *Transtorno do Espectro Autista*, a maior parte dos conteúdos produzidos para outras mídias ampliam significativamente os aspectos temáticos da reportagem especial multimídia, como se propunha no roteiro. Dos seis conteúdos, três deles, que buscam contextualizar e orientar a partir de aspectos temáticos, foram melhor desenvolvidos; dois, trazem uma breve informação a mais, porém sem maiores aprofundamentos em virtude, sobretudo, da escolha das plataformas de expansão (redes sociais) que dificultam produzir conteúdos mais expressivos; e um dos conteúdos, que pretendia detalhar melhor o nível leve de autismo, acabou retomando todos os demais níveis do transtorno, já citados na reportagem, não acrescentando, portanto, outras informações como se propunha⁵⁷.

O grupo buscou seguir o planejamento realizado no mapa midiático-temático, apesar do processo de produção e das mídias escolhidas determinarem menor grau de profundidade quanto a expansão temática. O caso de justaposição (conteúdo em formato de reels sobre o “Nível 1- Autismo”⁵⁸, desdobrando os demais níveis já abordados na reportagem) foi curioso porque a descrição desse conteúdo no mapa midiático-temático parecia estar bem delimitada e se constituiria uma expansão, a princípio. O contrário ocorreu com o conteúdo que na etapa de roteirização tendia para justaposição temática (“Vencendo na Justiça”, como desdobramento do aspecto temático “O que garante a lei e como funciona na prática”), mas acabou por destacar

⁵⁷ Todos os conteúdos desse projeto foram publicados nos perfis do Instagram e Facebook *Contextos*. (https://www.instagram.com/contextos_jor/ e <https://www.facebook.com/contextos.jor/>).

⁵⁸ Disponível em: <<https://www.instagram.com/reel/CmJazo9gvi0/>>.

novidades sobre vitórias no processo de judicialização para acesso ao Benefício de Prestação Continuada (BPC), mesmo que a família tenha renda superior à permitida, expandindo, de fato, o que é abordado na reportagem especial multimídia⁵⁹. No geral, a expansão transmídia ocorre efetivamente, apesar de não apresentar muita profundidade, como já havia sido alertado na avaliação do roteiro.

As dificuldades com as fontes fizeram com que boa parte dos conteúdos de expansão do projeto *Violência contra Mulher em Alagoas* precisassem ser redimensionados, enquanto outros nem fossem produzidos. Os quatro podcasts planejados no mapa midiático-temático, por exemplo, apresentam significativas alterações na sua produção⁶⁰: o podcast que trataria da “Superação da dependência”, relacionado ao aspecto temático “Dependência financeira”, pretendia conversar com o economista e professor Chico Rosário, mas acaba por tratar das mesmas questões da reportagem especial - dependência emocional, sinais de alerta, causas da dependência e como ajudar – com a professora do Curso de psicologia, Telma Lobo; o segundo podcast, que pretendia conversar com administradores do perfil @maselenuncamebateu para saber como a internet estava ajudando a acolher mulheres vítima de violência, diante da ausência de respostas aos contatos feitos, como já mencionamos, passa a tratar sobre acolhimento de mulheres vítimas de violência com Érica Lima, coordenadora da Casa da Mulher Alagoana Nise da Silveira, enfatizando questões como dependência emocional e financeira, já presentes na reportagem especial multimídia; o terceiro podcast, “Empoderamento-Exatas”, sobre os projetos Atena e Ketie, novamente pela falta de retorno das fontes obrigou o grupo a se reposicionar e produzir um conteúdo de formato mais curto e narrativo, contando a história de Rita Lobato, primeira mulher a concluir o curso de medicina no Brasil, de modo a contextualizar historicamente o aspecto temático “Participação feminina em cursos majoritariamente masculinos”, expandindo-o; o último podcast, “Mudanças-Lei”, mudou de fonte, mas sustenta a expansão temática ao enfatizar os direitos trabalhistas da mulher e os casos de assédio sofridos no ambiente de trabalho, bem como modos de fazer denúncias, ampliando o subtema da “Violências contra mulheres no ambiente laboral”.

Os conteúdos para Youtube apresentam baixa e dois, dos três inicialmente roteirizados, não foram produzidos: “Auxílio-CDDM”, que destacaria o atendimento do Centro de Defesa das Mulheres em Alagoas para mulheres vítimas de alguma violência; e “Emprego-Maternidade”, que planejava relatar a dificuldade de uma mãe para entrar no mercado de trabalho. No primeiro caso, as dificuldades com imagens e marcação da entrevista com a fonte

⁵⁹ Disponível em: <<https://www.instagram.com/reel/CmJ49kZAAiC/>>.

⁶⁰ Playlist disponível em: <<https://open.spotify.com/playlist/126G5po0TtWuaGFQI0tPGN?si=73f47184f35f4d93>>.

impediram a sua realização; no segundo, o tema se confundia com o outro aspecto, sobre maternidade e vida acadêmica, e acabou sendo incorporado também nesse (em formato de vídeo)⁶¹.

Os conteúdos para o Instagram, por dependerem mais de pesquisa documental que de pessoas, são bem produzidos e promovem a expansão temática dentro das condições que os formatos para tais plataformas impõem⁶². A exceção fica por conta do conteúdo “Mulheres na Política-Nordeste-Alagoas”⁶³, que traz um gráfico com poucos dados sobre a participação da mulher na Câmara dos Deputados, ilustrando apenas o que se aborda na reportagem especial multimídia. O conteúdo poderia expandir se tratasse, como indicava o roteiro, do uso de candidatas laranjas por partidos para cumprir a porcentagem legal de mulheres no pleito eleitoral.

Dos conteúdos propostos como expansão no projeto *Migração Venezuelana em Alagoas*, dois dos documentários desdobram aspectos temáticos, o primeiro contextualizando os espaços de acolhimento dos migrantes⁶⁴ e o segundo, em formato de perfil, apresentando a história da liderança indígena Aníbal Perez desde sua chegada ao Brasil e Alagoas, até as perspectivas de organização e consolidação da vida em solo brasileiro⁶⁵. O terceiro documentário, no entanto, apesar de apresentar uma música autoral e recortes de entrevistas com idosos dos Warao, aponta mais para uma síntese sobre o processo de migração da etnia⁶⁶, que é abordado na reportagem especial multimídia.

Nesse projeto os aspectos temáticos do texto de referência também se expandem através de dois podcasts: o primeiro, contextualizando a migração venezuelana economicamente, ao tratar da crise financeira do país latino-americano⁶⁷; o segundo, contextualizando jurídica e socialmente a política migratória brasileira⁶⁸. Apesar de abordarem questões relevantes, esses conteúdos não contemplam os aspectos que deveriam ter sido tratados na reportagem especial multimídia quanto aos direitos e proteção dos migrantes. Os conteúdos que pretendiam explorar a participação dos usuários do Instagram através de caixas de perguntas, não obtiveram o

⁶¹ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Z6pUSILAEK0>>.

⁶² Disponíveis nas publicações, reels e destaques do perfil Contextos no Instagram (https://www.instagram.com/contextos_jor/).

⁶³ Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CmXNM1gP4F7/>>.

⁶⁴ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=maNOeZJOPjI>>.

⁶⁵ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ykfDtsy3X-U>>.

⁶⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pXOLkh_I1Jg>.

⁶⁷ Disponível em:

<<https://open.spotify.com/episode/7L5d7gnZJBzOV6e91eKfBE?si=hhzcStc1Sm6F0afl0n7tOQ&nd=1>>.

⁶⁸ Disponível em: <<https://open.spotify.com/episode/7xBzz5NAWfLlDjKSVtH3TB?si=TeZW960CReqX-YkPM4EzVQ&nd=1>>.

engajamento pretendido, visto que o perfil recém-criado no Instagram não possuía muitos seguidores.

Com todos os conteúdos prontos, os grupos foram orientados ainda à produção de conteúdos transmídia de propagação, que têm a função de repercutir, promover e orientar o consumo dos conteúdos de referência e de expansão. Somente quando estes já estão editados, recomenda-se a produção daqueles, pois é quando se pode estabelecer a hiperligação explícita através de menções, links, QRcodes e outras formas de referenciar. Recomendou-se a produção de ao menos dois conteúdos de propagação para a reportagem multimídia, e ao menos um conteúdo de propagação para cada conteúdo de expansão. Os conteúdos de propagação propostos pelas equipes utilizaram-se de redes sociais (as já mencionadas e outras) e cartazes para divulgação nos murais do prédio de Comunicação Social da UFAL.

Por fim, orientou-se também para a elaboração de um cronograma de circulação dos conteúdos de referência, expansão e propagação (Figura 40), de modo a explorar as competências dos usuários das diferentes plataformas para acessar os conteúdos. O principal meio de distribuição dos conteúdos foi um perfil do Instagram criado para a disciplina (@contextos_jor), visto que todas as reportagens especiais transmídia fariam uso dessa rede social. O cronograma de circulação envolveu não apenas a publicação dos conteúdos como também a proposição de um percurso de acesso, ainda que a lógica transmídia estimulasse o consumo não-linear. A noção de serialização, ligada a ideia de continuidade, embasou o planejamento dessa etapa, de modo a estimular o envolvimento com o público e a temática.

Figura 40 – Exemplo de cronograma de circulação de reportagem especial transmídia

MÍDIA	DIA 1		DIA 2	DIA 3	DIA 4
Web	Reportagem Especial				
Plataforma de áudio	Podcast 1 (Retranca)			Podcast 2 (Retranca)	Podcast 3 (Retranca)
Rede Social	Teaser Podcast 1		Story (Vídeo)		Post (Reportagem)
Rede Social	Story Reportagem	Teaser Podcast 1	Vídeo (Retranca)	Post (Podcast 2)	Post (Podcast 3)
	Texto de referência		Textos de Expansão	Textos de propagação	

Fonte: elaborado pelo autor.

A referência temporal para as publicações foi a reportagem especial multimídia (conteúdo de referência). A partir dela os demais conteúdos foram veiculados em concomitância, isto é, em tempo similar (no mesmo dia) ou não-concomitantes: anteriores, antecipando aspectos temáticos e gerando expectativas sobre a reportagem multimídia; ou posteriores, reforçando a reportagem multimídia já lançada e retroalimentando o interesse pelo projeto transmídia como um todo. A elaboração do cronograma de circulação ficou a cargo de cada grupo, mas deveria considerar alguns elementos essenciais como a temporalidade (os dias de publicação), as mídias e plataformas, conteúdos (retrancas e formato) e o tipo de conteúdo (propagação ou expansão).

A equipe do projeto transmídia *Transtorno do Espectro Autista* publicou a reportagem especial multimídia e no mesmo dia publicou também outros conteúdos de propagação e expansão, prolongando a distribuição dos demais conteúdos por mais dois dias. O cronograma de circulação do projeto transmídia *Violência contra Mulher em Alagoas*, que contava com 14 conteúdos de expansão, 16 conteúdos de propagação e um conteúdo de referência, não permitia vislumbrar a sequencialidade das publicações, pois a organização feita pela equipe responsável organizou os conteúdos em lista que considerava apenas as mídias/plataformas. As publicações dos conteúdos da reportagem especial transmídia *Migração Venezuelana em Alagoas* alternaram-se entre os episódios da série documental e dos podcasts por quase uma semana logo após a veiculação e promoção da reportagem multimídia.

A experiência de produção na disciplina Laboratório de Webjornalismo e Jornalismo Multimídia, partindo de um roteiro elaborado segundo o método proposto nesta tese, possibilitou tanto confirmar, a partir dos resultados obtidos, a efetividade do mapa midiático-temático para promover a expansão dos conteúdos, como também vislumbrar outras questões surgidas ao longo do processo de produção da reportagem especial transmídia. A primeira delas, ainda relativa à roteirização, se refere à importância da pesquisa e pré-apuração, que apesar de não se tratar de algo novo às grandes produções jornalísticas, requer uma atenção especial às produções transmídia, especialmente em como as fontes podem dar sustentação às múltiplas abordagens pretendidas⁶⁹.

Visando organizar a apuração e, portanto, como parte ainda do processo de roteirização, percebemos que se faz necessário um detalhamento ainda maior do mapa midiático-temático

⁶⁹ Nesta etapa, não bastava sugerir uma fonte, como foi feito nas experiências anteriores em que apenas se elaborou o roteiro. Foi preciso fazer contato, investigar questões mais gerais de abordagem e verificar a disponibilidade para atender a equipe na etapa de apuração. Mesmo que alguns estudantes julgassem desnecessário um planejamento mais detalhado, inclusive em relação as diferentes linguagens a serem utilizadas, essa preparação foi fundamental na apuração e se refletiu no resultado final.

através da elaboração de pautas. Isso porque o mapa funciona como um guia, um índice, a partir do qual se deve conceber várias pautas: seja uma para cada fonte, como fez a equipe que tratou do *Transtorno do Espectro Autista*, seja por subtemas, como fez a equipe que abordou a *Violência contra mulheres em Alagoas*, seja por mídias ou linguagens, como fez a equipe que produziu a reportagem sobre *Migração Venezuelana em Alagoas*. A elaboração de pautas deve se constituir uma etapa do processo de roteirização transmídia. Esse cuidado torna-se fundamental especialmente porque uma mesma fonte pode desenvolver mais de um aspecto temático, seja dentro do próprio texto de referência, seja nesse e em também em um ou mais conteúdos de expansão.

No que diz respeito às etapas de apuração e composição, o cuidado maior foi de que os aspectos temáticos não se sobrepusessem. As produções assim como as avaliações dos estudantes, descritas a seguir, demonstraram que, ainda que fosse necessário redimensionar algum conteúdo em virtude da dificuldade no acesso às fontes ou dos próprios resultados da apuração, foi dada atenção para essa dimensão, já bem fixada no decorrer da elaboração do mapa midiático-temático. Outra questão a ser considerada durante a redação e finalização dos conteúdos se refere ao processo de remissividade entre eles, isto é, em como convocam e redirecionam os consumidores às outras plataformas, fornecendo links ou outras formas de acesso. No mapa midiático-temático essa articulação entre os conteúdos estava representada visualmente por linhas que ligavam tanto o texto de referência aos conteúdos de expansão, quanto destes entre si (como no caso da série documental para projeto *Migração Venezuelana em Alagoas*, que se constituía uma sequencialidade).

O roteiro enquanto documento transitório tende a desaparecer quando todos os conteúdos já estão produzidos. Foi nessa fase que julgamos importante introduzir a necessidade da elaboração dos conteúdos de propagação, de modo a estimular ainda mais a circulação e consumo do projeto. Para esta etapa, sugerimos a criação de um outro instrumental, em forma de fluxograma ou linha do tempo, capaz de incorporar toda a produção transmídia e orientar o processo de publicação durante um determinado período, inclusive estimulando conversações e interações nas redes sociais⁷⁰. Com essa proposta foi possível desobrigar-se de incorporar ao mapa midiático-temático, instrumento pensado para roteirização, as informações quanto a distribuição transmídia, como haviam sugerido alguns estudantes das primeiras experiências de utilização do método.

⁷⁰ O atraso no processo de apuração, já referenciado, impactou no cronograma da disciplina e especialmente no desenvolvimento da etapa de circulação dos conteúdos, que acabou coincidindo com o final do semestre e final de ano civil. Com isso, algumas questões de interação e estímulo à participação não puderam ser melhor trabalhadas e, consequentemente, observadas.

5.3.4 Avaliação discente quanto à roteirização

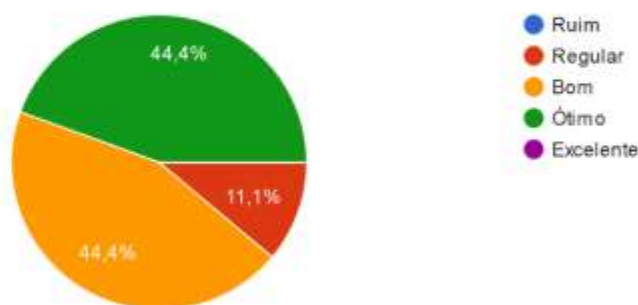
Como nas aplicações do método anteriores, solicitamos aos estudantes participantes do processo que respondessem ao questionário no formato Google Forms para avaliação da experiência⁷¹. Foram mantidas as mesmas perguntas, que enfatizam a utilização do método. O questionário, que obteve 9 respostas de representantes de todos os grupos envolvidos, foi aplicado após a finalização da roteirização, portanto as perguntas e respostas não contemplam nuances do processo de produção transmídia. Sobre esta questão, foi realizada uma avaliação coletiva da turma, que apresentaremos na sequência.

A primeira questão, sobre a compreensão dos conteúdos teóricos, destacou uma boa compreensão dos conteúdos “Transmidiação e expansão transmídia” (78,8%) e “Tematização e aspectos temáticos das reportagens” (100%), e satisfatória (55,6%) sobre a “Estrutura do Mapa midiático-temático”.

O roteiro transmídia produzido foi considerado Ótimo (44,4%), Bom (44,4%) e regular (11,1%). Nenhuma resposta avaliou o roteiro como Ruim (Figura 41), mantendo-se índices semelhantes às aplicações anteriores, tal como o nível de dificuldade encontrado na realização do roteiro utilizando o mapa midiático-temático: 88,9% classificaram como mais ou menos difícil e 11,1% como difícil (Figura 42).

Figura 41 – Avaliação do roteiro da reportagem especial transmídia elaborado pelos estudantes na disciplina Laboratório de Webjornalismo e Jornalismo Multimídia (UFAL, Semestre 2022.1)

PERGUNTA 2 - Como avalia o roteiro da reportagem especial transmídia produzido pelo seu grupo de trabalho?
9 respostas



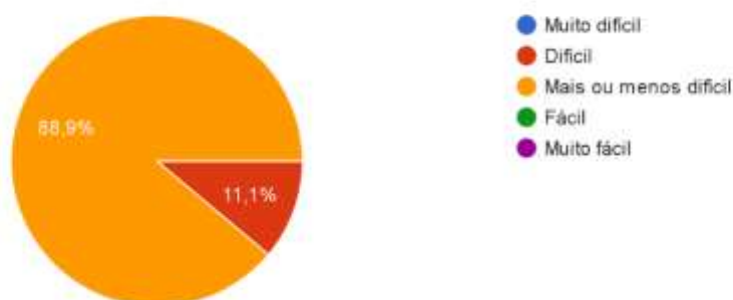
Fonte: Gerado automaticamente através do Google Forms

⁷¹ Apêndice I - Respostas ao questionário sobre utilização do método de roteirização transmídia - Turma Laboratório de Webjornalismo e Jornalismo Multimídia.

Figura 42 – Avaliação quanto ao nível de dificuldade na elaboração do roteiro transmídia pelos estudantes da disciplina Laboratório de Webjornalismo e Jornalismo Multimídia (UFAL, Semestre 2022.1)

PERGUNTA 3 - Que nível de dificuldade encontrou na realização do exercício de roteirização da reportagem especial transmídia a partir do método apresentado?

9 respostas



Fonte: Gerado automaticamente através do Google Forms

A dificuldade na roteirização foi atribuída pelos respondentes: à exigência do método que pede um “detalhamento muito grande das informações e muito tempo também”, requer “transferir a prática jornalística pra a técnica de roteirização do mapa e vice-versa”, mesmo que “esse tipo de roteiro pode parecer bem mais fácil de se fazer, porém, na prática, acaba sendo um pouco mais difícil”; ao fato de não estar “habituada com esse tipo de planejamento”, bem como à “falta de prática no planejamento de pauta”; “por se tratar de um método novo e desconhecido pela maioria do grupo”, especialmente “como cada coisa deveria ser abordada” nos conteúdos de expansão; e também a fatores como “falta de pesquisa e de reunião do grupo”, ou “fazê-la [a roteirização de reportagem especial] em um grupo desconexo sem uma interação prévia”.

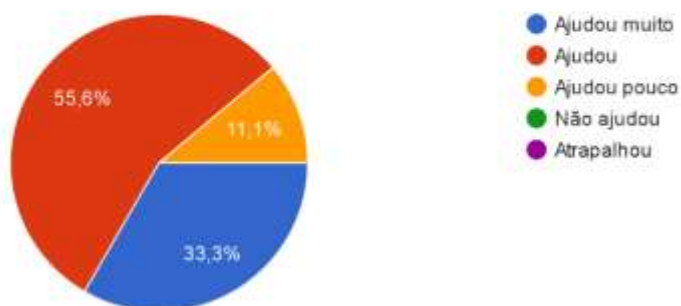
Ficou fácil quando entendemos como preencher de forma correta os capítulos, as retransmissões e os detalhes dos conteúdos de expansão. Quando a orientação foi dada de forma geral, para toda a sala, facilitou mais a compreensão. O atendimento individual ajudou bastante no processo também, a dificuldade é reunir todo mundo no atendimento *pra* padronizar a construção em conjunto/grupo. (Estudante da disciplina Laboratório de Webjornalismo e Jornalismo Multimídia, UFAL, semestre 2022.1, noturno)

Para a maioria dos respondentes (89,9%), o mapa midiático-temático ajudou ou ajudou muito na elaboração do roteiro da reportagem especial transmídia (Figura 43), e nenhum deles descartam a possibilidade de utilizá-lo novamente: 55,6% afirmaram que voltariam a utilizar e 44,4% talvez o utilizassem outra vez. (Figura 44).

Figura 43 – Avaliação da contribuição do mapa midiático-temático para elaboração do roteiro transmídia pelos estudantes da disciplina Laboratório de Webjornalismo e Jornalismo Multimídia (UFAL, Semestre 2022.1)

PERGUNTA 4 - Em que medida o mapa midiático-temático ajudou no processo de roteirização da reportagem especial transmídia?

9 respostas

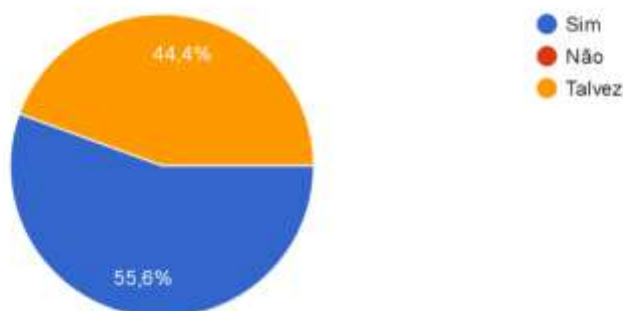


Fonte: Gerado automaticamente através do Google Forms

Figura 44 – Possibilidade de utilizar do mapa midiático-temático para roteirizar reportagens transmídia entre os estudantes da disciplina Laboratório de Webjornalismo e Jornalismo Multimídia (UFAL, Semestre 2022.1)

PERGUNTA 5 - Você utilizaria novamente o mapa midiático-temático para roteirizar reportagens especiais transmídia?

9 respostas



Fonte: Gerado automaticamente através do Google Forms

Os que voltariam a utilizá-lo, ressaltam que “é uma boa forma de estruturar as ideias para uma reportagem de forma coesa”; “ajuda a planejar o que tem que ser feito”; “apesar da dificuldade no início, depois ficou mais prático de visualizar o nosso trabalho e facilitar na execução”; “é uma excelente opção para roteirização de projetos, sendo eficiente para diversas áreas”; “válido para enxergar o planejamento da produção de forma ampla e mais organizada (...) para produções mais elaboradas na faculdade e nos nossos estágios/empregos devemos utilizar sim para facilitar essa construção transmídia, de fato”. As ponderações quanto ao uso

destacaram a “complexidade do roteiro”, apesar de acreditarem que “ele ajuda muito na preparação da reportagem”; que “utilizaria em casos específicos”; e a depender de sua função no planejamento final, pois “na prática a produção da reportagem é diferente”. Uma outra resposta sugere que “talvez uma versão mais simplificada do mesmo cumpra o objetivo sem demandar tantas tarefas e retornos ao mapa”.

Na última pergunta, destinada a comentários, críticas e sugestões, os respondentes pontuaram a escolha da plataforma Figma como “muito interessante e a disposição das informações tbm” e que “esse tipo de roteiro deveria ser mais utilizado nas disciplinas que trabalham as reportagens transmídia”, ressaltando sua utilidade “para quem se dedica a trabalhar exclusivamente com esse tipo de segmento dentro do jornalismo”. Destacaram ainda que o método “ajudou bastante na construção do projeto”, mesmo com a dificuldade na adaptação: “tanto eu como meu grupo, por estarmos em um período mais avançado, já temos o nosso método de produção, o que dificultou mais essa adaptação”. Acerca do tempo de execução das tarefas, as opiniões se opunham: “só precisaria de menos produção para o roteiro”; “acho que precisa de mais tempo e observar a reportagem como um todo”. Uma sugestão foi quanto à “participação em aula de algum jornalista que já produziu reportagens transmídia para compartilhar um pouco de experiência”.

Acredito que o mapa de roteirização é um método útil e válido para a produção de reportagens transmídia, mas que não se aplica a todos os jornalistas (métodos de trabalho diferentes, por ex.), ou ocasiões (um repórter que esteja totalmente dedicado a esse trabalho pode conseguir administrá-lo e fazer bom uso dele, mas um que tem mais demandas ou um estudante com várias disciplinas pode achar a carga de trabalho de mantê-lo e fazer a reportagem muito pesada e terminar atrapalhando a produção) (Estudante da disciplina Laboratório de Webjornalismo e Jornalismo Multimídia, UFAL, semestre 2022.1, noturno).

As questões propostas visavam avaliar o método como um todo, que envolve competências e saberes jornalísticos e outras próprias do modelo de produção transmídia. A pergunta central mensurar o cumprimento desse objetivo é aquela que averigua a pertinência da utilização do mapa midiático-temático e como ele contribuiu para a elaboração do roteiro de produção. As questões sobre a facilidade ou dificuldade, no entanto, auxiliaram, ao longo das aplicações do método, a buscar instrumentos pedagógicos capazes de aperfeiçoá-lo, conscientes das limitações das ferramentas utilizadas, das próprias limitações pessoais dos utilizadores e, sobretudo, da complexidade que uma produção transmídia apresenta.

5.3.5 Avaliação discente quanto à produção transmídia

Para autoavaliação coletiva da disciplina, especialmente do processo de produção da reportagem transmídia, foi proposto que os estudantes conversassem em pequenos grupos (não os grupos de trabalho) a partir de perguntas específicas que circulavam em revezamento. Após esta primeira discussão, o debate foi aberto para que todos pudessem fazer comentários partindo dos tópicos específicos das perguntas já dialogados nos grupos. O professor não fez qualquer intervenção aos comentários no decorrer desse processo, deixando que os estudantes expressassem livremente e até se confrontassem em seus posicionamentos.

A primeira questão indagava sobre como o roteiro (mapa midiático-temático) orientou o processo de produção da reportagem especial multimídia e dos conteúdos de expansão. Os comentários ressaltaram que o instrumental foi importante “para guiar a equipe”, para “a visualização da reportagem, decidir o que vai aonde, o que vai ser, o formato...”, e sem ele teriam “muito mais dificuldade em questão de metas e prazos”.

Um dos estudantes pontuou que o roteiro “deixava o processo criativo um pouco limitado algumas vezes, também meio complexo como produtor”, “volta e meia prendia” e “com o decorrer do tempo se torna cada vez mais um peso”, sobretudo quando recorriam a ele para saber o que deveriam produzir: “daí a gente ficava: ‘Como foi o mapa?’ Voltava para o mapa, aí focava no mapa e esquecia da apuração da reportagem, a produção... aí ficava nesse vai e vem”. Mesmo reconhecendo a possibilidade de alterações do instrumental durante o processo de produção, a visão do estudante sobre a ferramenta reforçava o estereótipo de que método é algo rígido, que “tivesse que seguir algo certinho, e se não seguisse, iria dar errado”, e qualquer “ideia de mudar o mapa desencoraja”, “só de ver o mapa já assustava bastante, porque é bem complexo também”.

Outros depoimentos revelaram a imprecisão de alguns grupos na etapa da pré-apuração para elaboração do roteiro, elencando tópicos (aspectos temáticos) sem a necessária pesquisa jornalística que os sustentasse. Nesses casos, aquilo que deveria ser feito antecipadamente acabou se acumulando para a etapa de produção: “às vezes parava e pensava: o que é que eu vou tirar daqui para um conteúdo de expansão, se não sei o que o meu entrevistado vai falar? O que eu posso aproveitar daqui para produzir um conteúdo a mais... poderia passar trinta perguntas, ele responder e não dar nada”.

Havia, no entanto, por parte desses estudantes a consciência sobre as dificuldades inerentes ao processo produtivo jornalístico, em que uma pauta pode “cair” com a ausência de

fontes ou podem “render” pouco com a apuração, obrigando-os a redimensionar a ideia inicialmente proposta:

A gente coloca as coisas no mapa e na prática não sai bem assim, e as vezes a gente percebe que não vai sair assim e vai lá e começa a mudar. Foi o caso dos dois podcasts que a gente fez. (...) Um deles eu amei, outro eu odiei. Assim... o que eu odiei foi porque eu estava atrás de um entrevistado, eu tinha uma ideia e eu tinha várias fontes em mente, entrei em contato com vários e nenhum deles me respondeu. Aí eu tive que improvisar de última hora com o entrevistado e eu tava na metade da entrevista e eu queria “bater no entrevistado”, assim, tipo ... (risos) ele se repetia, éh... falava algumas coisas muito estranhas... teve trechos que eu tive que cortar porque eu achei que ele falou muito estranho. Fui checar e descobrir que não era verdade. Isso deu muito trabalho na hora da edição. Eu já estava em cima [da data de entrega], porque eu demorei pra desistir dos antigos entrevistados e ir atrás de outros e nem podia voltar atrás, porque tava apertado pra eu editar aquele monte de coisa que eu tinha, né. Então, não saiu tão maravilhoso assim o podcast (Estudante da disciplina Laboratório de Webjornalismo e Jornalismo Multimídia, UFAL, semestre 2022.1, noturno, 20/12/2022).

O processo de apuração tornou-se ainda mais desafiador, em alguns casos, quanto às fontes para temas de difíceis abordagens. No caso da migração venezuelana, o grupo propôs entrevistar sociólogos e historiadores, mas “ninguém queria falar sobre aquilo porque não tinha domínio. (...) até pediram um tempo, mas a gente não tinha tempo pra dar. E aí a gente teve que sair reformulando, recorrendo a outras fontes”. No caso em referência, como a abordagem era local, e o Estado de Alagoas não tinha histórico de receber refugiados, não havia “ninguém especialista no assunto para falar (...). A importância da reportagem se dá por causa desse déficit [de informação], mas ao mesmo tempo há dificuldades”.

Na alegação de boa parte dos estudantes, a maior dificuldade encontrada foi o pouco tempo para a produção da reportagem especial transmídia. Esse fator mostra-se ainda mais relevante considerando se tratar de um curso do turno noturno, em que muitos trabalham ou realizam estágios e outras atividades durante o dia, impossibilitando maior dedicação. Outra dificuldade mencionada foi a quantidade relativamente grande de membros na equipe, que muitas vezes prejudicava a divisão de tarefas ao invés de facilitar, especialmente quando não havia bom entrosamento e responsabilidade de todos.

Assim... em relação ao mapa eu concordo em parte com o que o pessoal falou. Ele foi um direcionamento. Talvez pelo fato de ser algo novo, pelo menos pra mim foi novo, nunca tinha trabalhado com mapa pra seguir, pra fazer... E concordo também que quando a gente já tá na área, a gente não tem todo esse tempo pra planejar, né? Embora seja importante o planejamento pra qualquer coisa que a gente vai fazer, talvez não o planejamento tão detalhado como a gente trabalha no mapa, mas o planejamento, ele é importante... Porque, talvez, se não fosse o mapa, como o colega falou aqui, a gente deixasse algumas coisas passarem despercebido. E a gente ia faltar ali no complemento daquela reportagem. A gente teve as dificuldades, acho que todo mundo teve, (...) mas eu achei, o final, a finalização, eu achei muito rica, o trabalho ficou muito bom. Eu não olhei a fundo todos os trabalhos, mas falo por mim, o resultado mais do trabalho da nossa equipe. A gente falou sobre o autismo e, assim... eu conheço um pouco sobre o autismo porque eu tenho dois sobrinhos autistas e toda a família tá procurando se inteirar, entender um pouco melhor pra poder também ajuda-los. E eu

fiz a entrevista com as mães numa associação que as minhas irmãs fazem parte e quando saiu o resultado do nosso trabalho, tipo assim, as mães chorando no grupo, mandando mensagem, agradecendo, porque era uma pauta que precisa ser muito difundida, como a pauta de vocês também [referindo-se ao outro grupo]. Então eu olhei esse trabalho não só como... Olhar muitas vezes pro processo é difícil, mas olhar também pra o que a gente tava produzindo, né, porque não foi um tema aleatório. Eu tenho certeza que todo mundo que escolheu aqui seu tema, o seu grupo, tem uma ligação... de uma certa forma quis transmitir algo. Então eu fiquei muito feliz com esse resultado, várias pessoas comentando, que bacana, que legal, mostrar realmente... e teve muita coisa que eu aprendi nesse processo, do trabalho. (...). Que não foi fácil, não foi pra ninguém, mas que através desse mapa, desse processo que o professor passou, inclusive tem um resultado bom, que talvez a gente não tivesse conseguido se não fosse esse direcionamento (Estudante da disciplina Laboratório de Webjornalismo e Jornalismo Multimídia, UFAL, semestre 2022.1, noturno, 20/12/2022).

A questão seguinte proposta para comentário pretendia identificar os aprendizados do processo de roteirização e produção transmídia para o exercício profissional. O destaque que surgiu, e logo foi corroborado pelos demais, foi acerca do planejamento e da organização para uma produção daquele tipo:

Como foi uma reportagem grande, uma reportagem transmídia, se não tivesse o mínimo de organização possível não ia sair nada. Então eu acho que foi o grande aprendizado da disciplina. Porque as outras coisas, por exemplo, de produção de conteúdo voltado para o Instagram, a gente já faz; escrever uma reportagem com várias partes, a gente já fez; produzir podcast, produzir documentário, a gente também já fez. Só que como foi juntando tudo, basicamente, da nossa bagagem, ... e colocou em uma mesma produção, acho que o ponto realmente é esse de organização, de saber definir onde cada coisinha ia entrar, e quando, porque... (Estudante da disciplina Laboratório de Webjornalismo e Jornalismo Multimídia, UFAL, semestre 2022.1, noturno, 20/12/2022).

Outros estudantes ressaltaram a importância da organização também em relação à divisão de tarefas dos grupos, que para alguns foi um pouco dispersa, enquanto para outros, como o grupo que produziu a reportagem sobre Autismo, a liderança de uma das colegas que assumiu o papel de coordenar o trabalho em equipe foi fundamental para o processo:

Foi muito importante, assim... a presença... a forma como [a colega]⁷² se posicionou dentro do nosso grupo. (...) Porque, assim, todo mundo tem mil e uma coisas, mas ela tem muito esse espírito de liderança, de puxar o grupo, e ajudou muito porque ela chegava e dizia: Pessoal, tá faltando isso, isso, isso... (...) Lógico que todo mundo teve seu papel fundamental no grupo, os meninos foram ótimos, todo mundo cumpriu sua obrigação dentro daquilo que foi proposto, mas eu citei ela porque eu considere essa mola propulsora dentro do grupo que incentivou e que norteou. A palavra é essa, que norteou a gente ali dentro do que precisava fazer, por conta de mil e uma coisas que a gente teve fora, que as vezes a gente vai saindo do foco. E ela puxava. Então, eu achei muito importante ter uma pessoa assim. (Estudante da disciplina Laboratório de Webjornalismo e Jornalismo Multimídia, UFAL, semestre 2022.1, noturno, 20/12/2022).

⁷² O nome da estudante citado foi omitido para preservar a identidade de todos os participantes da experiência, conforme acordado no início das aulas em que foi explicado a pesquisa aplicada.

O terceiro tópico para discussão do grupo era sobre o que não poderia faltar numa produção jornalística transmídia. A partir das respostas foi possível observar que o cerne do método de roteirização desenvolvido com os estudantes foi apreendido: a necessidade “de ter conteúdos de expansão, mais de um... E, acho que também, para não ficar uma coisa assim, ah, essa é uma reportagem transmídia e não ser transmídia, é o fato de cada um ter... a sua função, como você vai se aprofundar em um assunto, contextualizar outro. Acho que o principal é isso, senão vai ser só uma coisa assim, pra ser chique...”

Também foi citada a articulação entre os diferentes conteúdos, “a forma com que um interpela o outro, puxa o outro (...), porque não adianta você fazer, sei lá, um podcast, sem dá algum link com a reportagem, com o documentário”, bem como a necessidade dos conteúdos de propagação: “A gente pensou, pela primeira vez, na redação do conteúdo. Porque quando a gente fez o documentário [em outra disciplina], a gente não precisou fazer teaser, texto...”

Mais uma vez, também nesse ponto, foi ressaltado a importância do planejamento, mesmo que em menor grau que aquele proposto pelo mapa midiático-temático. “É meio que o norte da gente. É muita coisa, é muito conteúdo de expansão, a gente tem que seguir essa linha, ligar um ao outro, então realmente precisa dessa organização, precisa desse planejamento”.

Por fim, pediu-se que cada grupo autoavaliasse a reportagem especial transmídia que produziram. Os estudantes sintetizaram, mais uma vez, questões sobre o processo e pouco comentaram especificamente sobre o resultado final. A escolha do tema foi o principal ponto, de que “tem que ser um assunto que você esteja realmente interessado e que você tenha, assim, um certo conhecimento prévio”, “tem que ter um assunto que gere, porque se não gerar conteúdo não vai rolar (...). ... um tema que abra um leque de possibilidades pra você ir aprofundando”. Aliado a isso, também foi mencionado a importância de empenho e de “ter pessoas ao seu redor com a mesma dedicação, com a mesma vontade”, bem como a necessidade de melhor organizar e acompanhar a apuração e as possíveis mudanças que podem ser realizadas no roteiro a partir das novidades surgidas no decorrer desse processo.

5.4 Considerações sobre a aplicação do método

A experiência realizada com estudantes de graduação dos cursos de Jornalismo da UFPE e UFAL apresentaram resultados capazes de validar o método de roteirização para reportagens especiais transmídia baseado no desdobramento de aspectos temáticos, mas precisamos fazer algumas considerações sobre esse processo que merecem ser refletidas. Retomar algumas

questões observadas tanto pelos pesquisadores como pelos estudantes envolvidos pode auxiliar a compreender melhor e tornar o método mais assertivo.

O primeiro ponto que precisamos considerar refere-se à relação estabelecida entre os professores-pesquisadores e os estudantes-utilizadores do método. Como já mencionamos, a escolha pela testagem junto a graduandos de jornalismo de universidades públicas foi em razão do caráter experimental e da possibilidade de reflexão teórico-prática, assim como de impulsionar uma certa pedagogia do método, para melhor estruturá-lo em etapas. Seu processo de aplicação foi realizado sob a orientação dos professores-pesquisadores com a devida autorização dos estudantes e registro no Comitê de Ética. As atividades desenvolvidas, como ilustram algumas das transcrições dos diálogos entre professores e alunos, sempre buscaram preservar a autonomia e liberdade dos estudantes no uso das ferramentas, especialmente do mapa midiático-temático. Tanto é assim que um dos grupos desenvolveu um roteiro cujo texto de referência era um debate e não propriamente uma reportagem especial para qualquer que fosse a mídia (televisão, rádio, impressos ou internet), corroborando que o método ensaiado se voltava para esse gênero jornalístico específico.

Nos encontros de orientação para elaboração do roteiro, os professores-pesquisadores chegaram a “traduzir”, e até sugerir, alguns aspectos temáticos, mas a título de ilustração. Quando se tornava difícil “enxergar” os aspectos temáticos por trás de técnicas, formatos ou elementos figurativos, ou quando se percebia a ausência de uma maior pesquisa acerca do tema, estimulava-se a conversação através de algumas perguntas que levassem os estudantes a manifestarem suas ideias, que eram colocadas no mapa midiático-temático para demonstrar como se dava o processo de derivação temática a ser posteriormente praticado pela equipe.

Como professores, não se podia deixar de recorrer a recursos didáticos para explicar algumas questões e sanar dúvida, sobretudo entre os estudantes dos primeiros períodos que cursavam a disciplina Processo de Roteirização em Jornalismo (UFPE / 2020.2). Muitas vezes também foi necessário retomar noções de técnicas e procedimentos próprios das disciplinas (telejornalismo e webjornalismo), o que também contribui para referendar o emprego do método a partir de diferentes modalidades jornalísticas.

Assumimos, portanto, enquanto criadores e pesquisadores do método, que fomos parte da sua aplicação, num tipo de investigação-ação que rejeita o caráter positivista das pesquisas experimentais que procuram isolar o objeto de estudo em nome de uma pretensa neutralidade científica. O acompanhamento dos professores-pesquisadores aos grupos permitiu testar o método e ao mesmo tempo levantar hipóteses quanto as habilidades e melhorias para o seu emprego a partir da observação participante, da análise dos roteiros elaborados e das respostas

dos estudantes aos questionários. Esse processo cíclico e contínuo foi fundamental para vislumbrar as fronteiras e horizontes do método proposto.

A roteirização de narrativas transmídia, independente de qual área da comunicação se destine, é um processo complexo. No jornalismo não seria diferente: o entrelaçamento de mídias e temáticas para expandir a história envolve dificuldades que a produção de uma notícia ou de uma reportagem do dia a dia não apresenta. A complexidade está, sobretudo, em tornar os textos autônomos de sentido (compreensíveis isoladamente) e ao mesmo tempo interdependentes (vinculados a outros que o complementam ou o aprofundam). Há, portanto, um nível de dificuldade inerente a esse tipo de produção e isso foi constatado pelos estudantes, como provavelmente diriam também outros profissionais, sobretudo aqueles que não trabalham mais diretamente com reportagens especiais, gênero que por si só já exige maior preparo e dedicação.

Mas outros fatores também foram mencionados pelos estudantes que colaboram para tornar o processo mais difícil. Na disciplina Processos de Roteirização em Jornalismo (UFPE / Semestre 2020.2), formada também por estudantes dos primeiros períodos, a pouca experiência e o fato de estarem ainda iniciando a formação em jornalismo foram alguns dos pontos alegados. Na disciplina Telecinejornalismo (UFPE / Semestre 2021.1), ao contrário, formada por estudantes do sétimo e penúltimo período, ainda que nas respostas ao questionário após a utilização do mapa midiático-temático ninguém o considerasse difícil ou muito difícil, houve quem considerasse que o mapa pouco ajudou ou atrapalhou o processo de roteirização, e não voltaria a utilizá-lo. As razões apontadas para essa rejeição pareciam residir nas limitações da forma como ele foi inicialmente desenvolvido, a partir de uma planilha eletrônica, que para muitos se revelava pouco intuitiva. O relato do grupo que teve que dividir uma célula da planilha para poder agrupar mais de um conteúdo de expansão ligado a mesma temática ilustra bem a necessidade de que o modo como as retrancas deveriam ser dispostas exigia maior flexibilidade, assim também como houvesse uma “hiperligação” mais automatizada desse termo para o seu detalhamento, situado temporariamente no mapa na parte inferior da representação visual.

Na disciplina Laboratório de Webjornalismo e Jornalismo Multimídia (UFAL / Semestre 2022.1), também de estudantes do penúltimo período do curso, o desafio foi sanado com a adoção da plataforma Figma, mas persistiu a alegação de dificuldade, mais associada ao nível de detalhamento exigido, ao desconhecimento desse tipo de planejamento e ao tempo necessário para roteirização e produção.

Especialmente nas duas últimas experiências de aplicação do método é preciso considerar que o perfil dos estudantes era de discentes dos últimos períodos do curso, em sua

maioria inseridos no mercado de trabalho em estágios ou em fase de elaboração de trabalho de conclusão de cursos, ocupações que se somam a preocupações e incertezas características desta etapa. Ao mesmo tempo, a proximidade com a prática profissional, quase sempre de rotina, tende a privilegiar formas e modos de planejamento do processo produtivo (um certo método, portanto) que satisfaçam às necessidades mais imediatas e deixar de lado métodos mais complexos, como o de reportagens especiais, que segundo alegavam alguns estudantes da turma de Laboratório de Webjornalismo e Jornalismo Multimídia (UFAL / Semestre 2022.1), não estariam, a princípio, no seu horizonte mais imediato de trabalho. Precisamos reconhecer, portanto, que numa produção de fôlego, como uma reportagem especial transmídia, a motivação e o investimento de tempo e energias na produção deve estar aquém daquelas de uma disciplina de graduação.

Essa realidade pode ser verificada também a partir das respostas à pergunta sobre como o mapa midiático-temático colaborou na roteirização da reportagem transmídia e se voltaria a utilizá-lo. Na primeira disciplina, todos os estudantes que responderam ao questionário afirmaram que o instrumental ajudou e a maioria voltaria a utilizá-lo; nas duas últimas experiências, ainda que a maioria dos estudantes afirmassem que a ferramenta também ajudou no processo de roteirização, houveram ressalvas quanto a uma nova utilização por parte de cerca de 1/3 dos que responderam ao questionário.

Os limites inerentes ao processo de ensino-aprendizagem também precisam ser considerados na aplicação do método. Determinados grupos e estudantes demonstraram interesses variados no desenvolvimento das atividades propostas, ainda que todo o processo a ser realizado tenha sido explicado quanto às responsabilidades e pactuado previamente, inclusive com a possibilidade de desistência no decorrer do processo sem prejuízo acadêmico, como ocorreu com um grupo da disciplina Laboratório de Webjornalismo e Jornalismo Multimídia (UFAL / Semestre 2022.1), que optaram por não realizar a produção roteirizada, sendo-lhes atribuída outras atividades para avaliação no componente curricular. Influenciaram tanto no resultado final como na utilização do método: a frequência às aulas, sobretudo àquelas centradas na explicação dos principais referenciais sobre o modelo de produção transmídia e do método proposto; o comparecimento de todos os membros dos grupos às orientações com os professores-pesquisadores (em alguns casos um ou dois membros assumiam um maior protagonismo e se responsabilizaram de maneira mais direta pelo roteiro); a realização das pesquisas e pré-apurações acerca dos temas propostos nos intervalos entre as orientações, extremamente necessárias para o andamento e consolidação dos roteiros; a formação das equipes e o relacionamento interpessoal entre seus membros; e a própria adesão pessoal e

abertura para se utilizar de um novo método quando já se lida com procedimentos e hábitos produtivos de rotina mais céleres para produções do dia a dia.

Como qualquer ferramenta ou instrumental a ser utilizado, o mapa midiático-temático requer a compreensão de seu modo de uso, que é o próprio método de roteirização transmídia. Envolve, portanto, competências e técnicas de planejamento e articulação de conteúdos jornalísticos, o que nos remete novamente à metáfora cartográfica: a elaboração de rotas e percursos em um mapa exige a compreensão de regras e parâmetros de orientação e direção, escalas e símbolos (ícones, cores, áreas), elementos capazes de traduzir a lógica necessária para realização dos deslocamentos nos ambientes físicos. A execução dos roteiros traçados apresentará limites se não houver uma correta leitura e interpretação dessa linguagem, sem considerar os aspectos próprios representados no mapa. Da mesma forma, se no mapa midiático-temático os produtores dos roteiros transmídia não compreenderem parâmetros que envolvem as articulações entre os textos, especialmente quanto ao desdobramento temático, os percursos traçados não representarão a lógica das estratégias de expansão transmídia.

Como bem demonstrou a roteirização realizada por três equipes a partir de um mesmo tema – os esportes – tomando como gancho as Olimpíadas (caso ocorrido na disciplina Processos de Roteirização em Jornalismo, da UFPE) e estruturando planos argumentativos distintos, o método ressalta as possibilidades criativas dos utilizadores, contrapondo-se a ideias de inflexibilidade. Há, certamente, parâmetros a serem considerados que visam assegurar a caracterização do modelo de produção transmídia: as mídias e plataformas como plano de fundo; os desdobramentos temáticos dos textos de expansão; e as funções desses textos no conjunto global dos conteúdos, que permitem enriquecimento da abordagem. Recorrendo, mais uma vez, à metáfora cartográfica: se não é possível se deslocar de um ponto a outro traçando uma linha reta num mapa e desconsiderando as vias existentes, por mais tortuosas que sejam⁷³, também não é possível traçar estratégias de expansão transmídia sem considerar a derivação temática, linha mestra do roteiro transmídia para reportagens especiais argumentativas que pode ocorrer, como demonstramos, pela atualização, contextualização, opinião, orientação ou exploração de aspectos temáticos do texto de referência.

Com isso, depreendemos que o mapa midiático-temático não encerra o processo de roteirização transmídia de uma reportagem especial, pois para isso são necessárias competências para que possa torná-lo efetivo. Estudantes de jornalismo ou profissionais de uma redação precisam estar interessados não somente na utilização do modelo transmídia como

⁷³ Às vezes é preciso fazer um percurso maior porque não existem caminhos de acesso mais curtos, mesmo que os locais de partida e chegada sejam relativamente próximos.

também dispostos a compreender sua lógica e distingui-lo de outros processos produtivos já consolidados. Todo novo método de trabalho exige capacidade de aprendizado e tempo para experimentação até que seja assimilado e se consolide enquanto prática recorrente, mas suscetível a todo momento de reconfigurações.

As experiências de pesquisa aplicada com estudantes de graduação de jornalismo demonstraram que o método de roteirização de reportagens especiais transmídia pautado pelo desdobramento dos aspectos temáticos se sustenta não só teoricamente, como explicitado no capítulo anterior, como operacionalmente. Os roteiros produzidos através do mapa midiático-temático evidenciam que, precedidos de noções sobre as características do modelo de produção transmídia e de atividades que exercitem a organização de percursos temáticos e planos argumentativos de uma reportagem especial, o instrumental concebido para orientar o processo de produção efetivamente estimula o desenvolvimento de conteúdos de expansão, fazendo avançar na abordagem do assunto. As experiências de testagem do método que foram realizadas também o ajudaram no seu aperfeiçoamento e a encontrar caminhos, seja através das avaliações realizadas pelos discentes, seja da própria observação participante dos docentes-pesquisadores. Será com base no arcabouço destas experiências realizadas e nas problematizações teóricas e práticas comumente apresentadas, que buscaremos sistematizar, a modo de conclusão no capítulo seguinte, uma pedagogia para o emprego do método de roteirização de reportagens especiais transmídia.

6 À GUIA DE CONCLUSÃO: O EMPREGO, AS LIMITAÇÕES E AS POTENCIALIDADES DO MÉTODO

As experiências de utilização do método de roteirização de reportagens especiais realizadas com estudantes de graduação de jornalismo o refinaram e apontaram nuances, tal como pontos cegos, que não eram possíveis de vislumbrar quando de sua proposição. Ainda que o fundamento da estrutura do principal instrumento de roteirização transmídia (o mapa midiático-temático) tenha se mantido, no decorrer da aplicação do método foram surgindo diferentes questões, ora reforçando algumas das hipóteses previstas inicialmente, ora nos obrigando a formular outras que foram testadas em experiências seguintes para averiguar se eram capazes de responder aos desafios identificados.

Algumas vezes foi preciso dar um passo atrás, como foi o caso da pesquisa acerca da estrutura da reportagem especial argumentativa, na qual recuperamos elementos da prática jornalística e características próprias desse tipo de discurso para subsidiar as primeiras etapas da roteirização transmídia. Outras vezes, com base na observação do próprio processo empreendido pelos participantes da pesquisa, foi possível referendar o método proposto, voltado para a etapa de produção, mas também avançar na proposição de outros instrumentos que dessem conta de etapas posteriores à roteirização, como a apuração e a publicação seriada dos conteúdos.

Assim, consideramos cumprido o objetivo desta tese de propor um método de roteirização para reportagens especiais transmídia quando explicitamos o *modus operandi* para o planejamento desse tipo de produção, de maneira a contribuir para preencher uma lacuna identificada na prática jornalística. Pelo caráter de abertura e criatividade próprias do discurso jornalístico, refutamos qualquer associação do método proposto a uma espécie de “manual de jornalismo transmídia”, pois ele se constitui a partir de dimensões fundamentais inerentes a esse tipo de produção e, portanto, capazes de balizar instrumentais que auxiliam na sua roteirização.

O método se estruturou a partir da hipótese de que os procedimentos empregados para análise de reportagens especiais caracterizadas como narrativas transmídia jornalísticas em pesquisa de mestrado acadêmico (Macedo, 2019), poderiam ser reconfiguradas para se tornar método de criação. Por se tratar de uma produção por natureza complexa, apelamos para a representação visual, também já utilizada no mestrado, para traçar as articulações de conteúdos de diferentes mídias e plataformas a partir das relações de expansão temáticas, redesenhando os esquemas mais gerais daquelas reportagens em forma de mapa midiático-temático, para que pudessem, posteriormente desprendido do *corpus* de análise, se tornar uma ferramenta capaz

de guiar o processo de roteirização. Nesse sentido, roteirizar uma reportagem especial transmídia significaria traçar um percurso temático para sua apuração, considerando as funções dos textos a serem produzidos para diferentes mídias e plataformas. Materializada a principal hipótese da pesquisa, o passo seguinte foi validá-la através da sua aplicação junto a estudantes de graduação de jornalismo. O método, assim como seu principal instrumento, foi confirmado operativo para estimular estratégias de expansão transmídia em reportagens especiais.

Ainda que não se trate de uma tese sobre ensino de jornalismo transmídia, a descrição e análise das experiências de aplicação do método de roteirização de reportagens especiais transmídia, apresentado e amplamente discutido no capítulo anterior, reforçam o caráter pedagógico do método. Isso pode ser creditado, em parte, ao ambiente escolhido para realização das experiências, no qual a didática se mostrou ainda mais pertinente e favoreceu práticas e aprendizados próprias daquela etapa formativa. Mas o desenvolvimento do mapa midiático-temático sempre teve no horizonte, embora não exclusivamente, uma dimensão pedagógica, marcada por etapas e competências que precisam se desenvolver progressivamente, especialmente de articulação entre textos e mídias/plataformas, reunindo e sintetizando boa parte dos componentes do modelo de produção transmídia.

Recuperando essa dimensão pedagógica, pretendemos agora, à guisa de conclusão, sistematizar todas as etapas (que não se reduzem ao mapa midiático-temático), fornecendo algumas orientações de uso e repassando os procedimentos previstos para sua aplicação. Esse processo se justifica, mesmo com alguma redundância, porque o desenvolvimento de algumas partes do método não se deu na mesma sequência em que a tese se organiza. O capítulo terceiro, por exemplo, sobre a reportagem especial argumentativa, só se mostrou necessário (e possível) à medida que as experiências de utilização do método demandavam uma maior caracterização desse gênero textual específico que se constituía texto de referência para as produções transmídia em discussão, levando-nos a sistematizar referências e exemplos oportunos para ilustrar as possíveis organizações discursivas.

Por outro lado, não poderemos deixar de tecer algumas considerações sobre o método e à própria pesquisa, mais precisamente suas contribuições e desdobramentos. Optamos por essa dupla finalidade na conclusão deste trabalho em razão de sua natureza, que possui forte caráter de aplicabilidade. Ao recuperar os passos essenciais do método, uma espécie de roteiro para roteirização da reportagem especial transmídia, somos também provocados a considerar as conveniências e limites de seu emprego, assim como as lacunas e potencialidades que a própria pesquisa apresenta.

6.1 Um roteiro para roteirização transmídia

A roteirização de uma reportagem especial transmídia, segundo o método que propomos, compreende algumas etapas que organizamos sequencialmente: **roteirização do texto de referência, roteirização dos textos de expansão e revisão do conjunto desses textos** (todos a partir do mapa midiático-temático), seguidas da **roteirização das pautas**. Esse processo, no entanto, não se desenvolveu sem que fossem consideradas algumas etapas anteriores, uma fase de pré-roteirização, que consistiu na **caracterização do jornalismo transmídia** (importante por se tratar de uma produção diferenciada que exige alguns conhecimentos e competências para articulação de textos jornalísticos em mais de uma mídia ou plataforma) e na **discussão do projeto transmídia** (o produto a ser roteirizado demanda profundidade de abordagem e, portanto, maior empenho de pesquisa acerca do tema). Do mesmo modo, para melhor vislumbrar todo ciclo de produção transmídia no jornalismo, achamos por bem incorporar duas outras etapas, que podem ser consideradas como pós-roteirização e compreendem a **produção jornalística transmídia** (englobando o processo apuração, redação e edição) e a **circulação jornalística transmídia** (que envolvem as estratégias de propagação e a proposta de distribuição seriada). Dessa maneira, apesar de centrar-se na roteirização, esta tese apresenta contribuições que podem auxiliar nas demais etapas de produção de uma reportagem especial transmídia, cujas dinâmicas poderiam ser melhor aprofundadas em outros estudos. Vejamos, então, cada uma dessas etapas!

a) Caracterização do jornalismo transmídia – trata-se de apresentar (ou retomar) os principais aspectos que distinguem esse modelo de produção de outros, também forjados no contexto da convergência de mídias e da cultura participativa, associando-os às práticas jornalísticas. É preciso reconhecer que, por se caracterizarem pela distribuição de conteúdos associados entre si em diferentes mídias e plataformas e se sustentarem por meio estratégias e práticas interacionais (Fechine, 2018), especialmente as narrativas transmídia.

Nunca é demais lembrar que o modelo que adotamos considera que esse tipo mais específico de produção parte de um texto de referência, no qual se desenvolve o programa narrativo principal, em uma mídia também de referência, e para onde são remetidos os destinatários-consumidores de outras mídias ou plataformas. Nestas, por sua vez, se promovem estratégias através de textos de expansão (que oferecem desdobramentos e/ou complementos da história) e de propagação (que visam atrair, reiterar, repercutir e estimular o consumo). Cada estratégia demandará também práticas transmídia, isto é, respostas e performances dos

destinatários-consumidores *a partir* ou *sobre* os textos, estimulando algum tipo de interação, desde a simples articulação de textos, quando se migra de uma mídia para outra, até algum tipo de atuação, intervenção ou cooperação direta para que os textos se completem.

Para o bom emprego do método de roteirização que propomos é fundamental considerar também a compreensão de que a expansão transmídia nas reportagens especiais argumentativas torna-se mais evidente a partir dos desdobramentos de aspectos temáticos. Isso exige que os produtores tenham maior atenção para identificar os assuntos através de aspectos mais abstratos e gerais, que serão posteriormente concretizados de modo mais detalhado na etapa de roteirização das pautas. Esse processo inicial de maior “abstração” reafirma a dimensão de “roteiro aberto” do método, pois os aspectos elencados podem ser reconfigurados caso haja maiores dificuldades durante a apuração.

Para auxiliar nessa primeira etapa podem ser realizadas leituras e análise de reportagens especiais transmídia, de modo a identificar a dinâmica de organização textual através de casos práticos, inclusive discutindo possíveis intervenções e inovações nas produções analisadas. A recorrência no uso do método provavelmente fará com que, em uma segunda oportunidade de uso, essa etapa seja dispensada, pois as nuances do modelo de produção transmídia tendem a ser assimiladas, assim como o processo de derivação textual pelos aspectos temáticos.

b) Discussão do produto transmídia – corresponde ao recolhimento das primeiras ideias para a reportagem especial transmídia, tanto em relação ao conteúdo, ao tema ou problema gerador, quanto em relação aos seus componentes expressivos, de modo especial ao formato e mídia ou plataforma de referências.

Como vimos, a escolha do tema mais geral pode partir de diferentes processos, mas em produções transmídia ele deve possibilitar tanto o seu aprofundamento no texto de referência como o seu desdobramento em outras mídias e plataformas (estratégias de expansão). O trabalho a ser realizado nessa etapa consiste, então, em prospectar essas possibilidades, de modo a justificar e confirmar que a temática possui uma certa “vocação” para um tratamento transmídia.

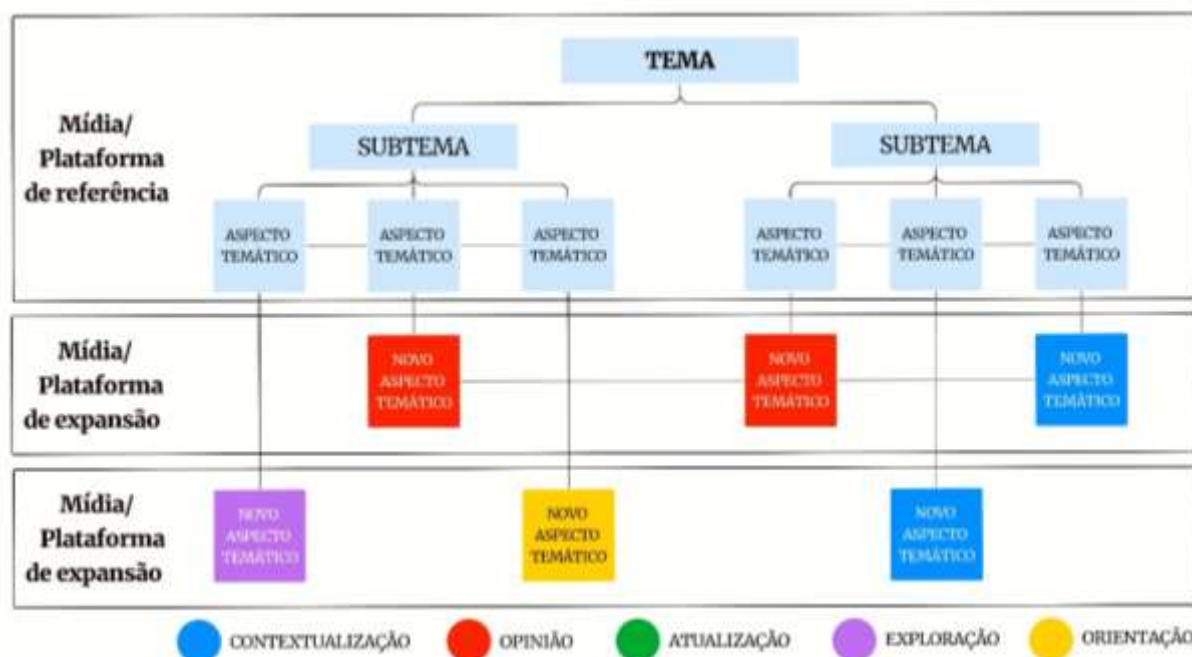
As primeiras ideias podem surgir de maneira espontânea, mas para que elas se mostrem pertinentes será necessário recolher, através de uma boa pesquisa jornalística, um conjunto mais variado de questões em torno do tema que transborde as fronteiras de uma única m  dia ou plataforma. As indica  es são as mesmas recomendadas para produ  o de uma reportagem especial e envolvem leituras, consultas, visitas, levantamento de dados etc. Casos

e situações são possíveis de receber um tratamento transmídia, mas é recomendável traduzi-los de maneira mais abstrata, sintetizando-os ao máximo para chegar àquilo que significam e expressarem as ideias gerais, o tema e aspectos temáticos subjacentes.

A discussão dessas ideias envolve, em certo sentido, um vislumbrar do produto transmídia e, portanto, as primeiras apostas de mídia e formatos, especialmente para a reportagem especial. Para os profissionais de redação jornalística essas características podem ser definidas de acordo com os perfis das audiências e dos interesses editoriais. Tem sido recorrente, por exemplo, jornais impressos investirem em reportagens especiais multimídia ao invés de cadernos especiais, como foi caso do Jornal Folha de São Paulo, ao passo que no telejornalismo se continua a reforçar a televisão como mídia de referência através de séries de reportagens, mas cada caso deve ser considerado isoladamente a partir dos objetivos que se deseja alcançar. Nessa etapa é importante levar em conta esses e outros aspectos que, a depender da situação, podem já estar definidos ou ao menos indicados como perspectivas a serem confirmadas durante a roteirização.

c) Roteirização do texto de referência no mapa midiático-temático - A roteirização propriamente dita tem início com a estruturação do percurso temático do texto de referência no mapa midiático-temático. A versão dessa ferramenta de representação visual (Figura 45) é apenas uma das suas possibilidades e pode ser desenvolvida em ferramentas digitais de design, em outro software que permitam tal representação ou mesmo fisicamente em papel. O importante é que se mantenham os três níveis que o constituem e a orientação de sua estrutura: o texto de referência e os textos de expansão planejados tematicamente (1) nas respectivas mídias e plataformas (2), segundo as funções que exercem mutuamente no contexto geral do projeto (3). Os textos de propagação ficaram de fora da representação porque não exigem apuração (etapa para a qual se destina o roteiro que propomos) e tendem a ser pensados somente no memento da edição e finalização dos conteúdos.

Figura 45 – Mapa Midiático-temático para roteirização de reportagens especiais transmídia



Fonte: elaborado pelo autor.

No mapa midiático-temático, a roteirização do texto de referência, como já vimos, segue a direção horizontal na primeira faixa, que representa a mídia ou plataforma de referência. Em princípio esse processo poderia ser desenvolvido a partir de conhecimentos de técnicas de reportagens já consolidados, nos dispensando de descrevê-lo ou retomá-lo. Como na pesquisa bibliográfica só conseguimos identificar indicações e pistas mais gerais acerca desse processo criativo, e na experiência de aplicação com estudantes de jornalismo percebemos algumas dificuldades para estruturação de um percurso temático, achamos por bem incluir algumas orientações que se mostraram fundamentais para o maior êxito do método.

Com base nos elementos e ideias reunidas na etapa de discussão do produto transmídia, a roteirização tem início com a problematização e delimitação do tema mais geral, para que se chegue a um recorte mais específico do que se pretende tratar. O caminho inverso também é válido: identificada uma determinada questão-problema pode-se, para melhor compreendê-la, situá-la numa certa configuração temática capaz de direcionar a perspectiva de abordagem. O tema de uma reportagem especial, seu recorte temático, problema e propósito costumam, quase sempre, estar implícitos em qualquer construção argumentativa. Cabe, portanto, evidenciá-los na roteirização, torná-los manifestos para que sejam compartilhados com todos da equipe.

Definir a problemática implica, como já descrevemos, em “recortar” o tema, eleger ângulos que destaquem um certo ponto de vista da realidade, quase sempre baseado na dissonância ou distância entre o que existe e o que poderia existir. A problemática situa de forma mais concreta a atualidade o tema, sempre mais abstrato e atemporal, e evita abordagens sem maiores implicações com a realidade, uma espécie de cartilha ou texto didático.

A partir da problemática são inventariados os diferentes aspectos temáticos, que buscam apresentá-la ou discuti-la segundo a linha argumentativa adotada. Sugerimos que o tema já delimitado seja colocado no topo do mapa midiático-temático, enfatizando a dimensão de um “conceito guarda-chuva” que se estrutura a partir de subtemas, ligados através de linhas. Ainda que dessa estrutura se consiga entrever a problemática e a proposta de abordagem, é importante uma breve descrição, uma sinopse, que pode ser colocada num campo lateral da representação.

Os aspectos temáticos podem ser dispostos, a princípio, de forma mais aleatória e depois, organizados em grupos de subtemas. Intuitivamente vai se construindo um percurso temático que se configurará também em um plano argumentativo, e poderá ser confirmado ou reorganizado ao longo do processo de roteirização para atender aos objetivos definidos inicialmente. Um determinado aspecto temático, por exemplo, pode ser colocado, a princípio, como parte de um subtema, mas no decorrer da organização do percurso pode se constatar que é mais prudente situá-lo em um outro subtema. Um outro aspecto temático pode também ser deslocado do texto de referência para se constituir um texto de expansão porque no percurso estabelecido ele pode parecer “deslocado”. Ao longo desse processo de organização o essencial é que a sequência de subtemas, que engloba diferentes aspectos temático, seja compreensível e reflita uma certa dimensão pedagógica do jornalismo para o tratamento de questões complexas.

Recomendamos, nesta etapa, uma consulta às referências e análises feitas no Capítulo 3 acerca das configurações dos planos dissertativos (Fiorin, 2015) em reportagens especiais, para identificar possibilidades de estruturação dos percursos temáticos do texto de referência. A base desses planos são algumas das formas argumentativas mais recorrentes no discurso jornalístico – definição, enumeração, ilustração, exemplificação, comparação, discussão, casualidade e efeitos –, e podem inspirar diferentes combinações.

No mapa midiático-temático a disposição argumentativa se traduz no modo como se ordenam sequencialmente os subtemas e aspectos temáticos. Uma das principais contribuições dessa organização é evitar a redundância de informações. Considerando que nem sempre é fácil distinguir aspectos temáticos (mais abstratos) de figurativos (mais concretos), sobretudo em projeto transmídia para jornalismo nos quais temos um grande conjunto de tópicos, orienta-se realizar uma breve descrição também de cada parte da reportagem (capítulo, episódio, fascículo,

etc), que no modelo utilizado foi colocado logo abaixo da sinopse. Essas indicações auxiliarão posteriormente também na etapa de roteirização das pautas.

d) Roteirização dos textos de expansão no mapa midiático-temático - a roteirização vertical no mapa midiático-temático, como já foi apresentado, compreende os textos de expansão para outras mídias e plataformas, sem o qual a narrativa transmídia jornalística não se estrutura. Eles buscam ampliar, complementar ou desdobrar o texto de referência a partir de seus aspectos temáticos. Quanto maior a precisão e distinção dos aspectos temáticos, maior as possibilidades de faz avançar a reportagem na discussão do tema e menor as chances de redundâncias.

No mapa midiático-temático, os textos de expansão devem ser identificados por retrancas que representam o aspecto temático predominante a ser abordado. Dispostos em quadros na faixa da respectiva mídia ou plataforma, eles estão também situados abaixo dos aspectos temáticos do texto de referência com os quais se relaciona, de modo a evidenciar sua interdependência - eles procedem e se originam do texto de referência, recuperando, inclusive, alguns de seus elementos necessários para uma boa compreensão, mas tem como objetivo desdobrá-lo em um novo aspecto temático, levando a discussão adiante.

Para isso, é fundamental considerar as funções que esses textos podem assumir em relação ao texto de referência: contextualizando, atualizando, opinando, orientando e explorando aspectos temáticos. Como já sugerimos, partindo de cada um dos aspectos temáticos do texto de referência, pode-se perguntar, por exemplo: É possível contextualizar esse ponto em outra mídia? Como? Ou seria melhor trazer alguma orientação sobre esse aspecto? Ou talvez poderia inspirar pontos de vista e opiniões diferentes? E quem sabe poderíamos pensar em um modo de promover alguma experiência ou exploração? Ou ainda, pode ser que hajam questões da agenda pública a serem monitoradas para o caso de surgir algum fato novo? Das respostas a estas perguntas tenderão a surgir propostas para expansão da reportagem especial em outras mídias e plataformas.

A predominância dessas funções deve ser indicada no mapa midiático-temático através de cores, com a respectiva legenda abaixo da representação. Enfatizamos que se trata de predominância porque as funções podem aparecer imbricadas em um determinado conteúdo: ela pode contextualizar e orientar ao mesmo tempo, por exemplo. O importante é distinguir aquilo que prevalece no texto que será produzido.

Também é preciso alertar que não há uma obrigatoriedade de que cada aspecto temático do texto de referência deva gerar um texto de expansão. Muitas vezes pode acontecer de um determinado aspecto temático “render” mais e ser tratado de maneiras distintas em mais de uma

mídia ou plataforma, ou mesmo em uma única delas, enquanto outros não apresentarão muitas perspectivas de desdobramento temático. Os processos criativos dependerão fundamentalmente da proposta de abordagem e da problemática, que se manifestará nas funções predominantes dos conteúdos de expansão transmídia e nos formatos a serem desenvolvidos.

Para finalizar esta etapa, assim como se propôs uma breve descrição do texto de referência na parte lateral do mapa midiático-temático, sugerimos que sejam descritos cada um dos de expansão (na nossa versão do modelo foi situado na parte inferior da representação visual⁰. Pode-se iniciar com a retransca, que retoma o sentido mais geral do aspecto temático, depois o formato ou gênero específico correspondente à mídia/plataforma de expansão, uma breve indicação da abordagem dizendo de que se tratará o conteúdo propriamente dito, seguido de fontes e recursos necessários para a produção.

e) Revisão do mapa midiático-temático – a representação visual do mapa midiático-temático fornece uma visão do conjunto dos textos que formam o projeto transmídia e cabe, então, analisar as interlocuções e ênfases dadas às mídias e funções mobilizadoras da narrativa. Essa visão geral permite averiguar se a proposta de abordagem descrita na sinopse da reportagem especial transmídia está coerente com sua organização. Se, por exemplo, a problemática abordada oferece pontos de vista distintos que merecem ser discutidos ou confrontados, isso reforçaria o papel salutar de conteúdos de expansão por opinião, inclusive incentivando a participação do público. Seria pouco estratégico, ao contrário, desenvolver somente conteúdos de expansão de contextualização e orientação.

Outro ponto a ser revisado é a escolha das mídias e plataformas de expansão na sua relação com os aspectos temáticos dos textos e suas funções. Mesmo que inicialmente a seleção tenha se baseado no exercício criativo, o mapa midiático-temático fornecerá uma visão de todo processo que permitirá avaliar tais escolhas e possivelmente reconfigurá-las, evitando, por exemplo, um único conteúdo para uma única mídia ou plataforma ou uma dispersão aleatória dos textos de expansão.

Caberá também uma revisão da relação entre mídias/plataformas e textos de expansão do ponto de vista do aprofundamento temático e suas funções. Mesmo que inicialmente a escolha das mídias tenha se baseado no exercício criativo, o mapa midiático-temático fornecerá uma visão de todo processo que permitirá avalia-las quanto a pertinência de um único conteúdo para uma única mídia ou plataforma ou uma dispersão aleatória dos textos de expansão. Como algumas mídias também são mais predispostas para conteúdos em profundidade, por permitirem abordagens com mais detalhes, ao contrário de outras, cujo fluxo informativo

privilegia conteúdos mais curtos, é preciso considerar o tratamento informativo de cada conteúdo de expansão para “equilibrar” e evitar, por exemplo, uma expansão mais superficial baseada apenas em plataformas de redes sociais.

Por fim, também vale considerar nesta etapa a observação da inclusão de práticas transmídia que estimulam a participação dos destinatários-consumidores. Essa experiência pode começar, inclusive, na etapa de apuração, através de enquetes ou convites para responder questionários, relatar casos, indicar fontes... mas deve compreender procedimentos mais específicos dos conteúdos que busquem especialmente a atuação dos usuários para que os textos se completem com sua contribuição.

Com a revisão da estrutura do mapa midiático-temático já se tem elementos mais consolidados de um roteiro para produção da reportagem especial transmídia, pois os tópicos inventariados não são apenas ideias, mas possibilidades concretas sustentadas em uma consistente pesquisa jornalística e uma coerente organização discursiva. Esse processo de roteirização se completará com a elaboração das pautas jornalísticas, que fornecerão indicações mais precisas para o processo de apuração.

f) Roteirização das pautas – tem como objetivo desenvolver de modo mais detalhado como serão realizados os procedimentos de apuração, sejam as entrevistas, visitas ou pesquisas documentais, bem como o planejamento de alguns outros modos de expansão de não-ficção, já que, vale lembrar, o mapa midiático-temático é um guia, uma espécie de sumário visual que indica os caminhos mais gerais da produção.

Recomendamos que essa roteirização mais detalhada seja feita somente após a revisão do mapa midiático-temático porque elaborá-las antes ou ao mesmo tempo em que se constrói a representação visual exigirá uma redobrada atenção, capacidade de sistematização e clareza do percurso argumentativo com seus respectivos subtemas e aspectos temáticos. Construir as pautas a partir de tudo que já foi roteirizado no mapa midiático-temático pode ser comparado à elaboração do roteiro técnico a partir do roteiro literário para o cinema. Trata-se de organizar os elementos mais pragmáticos para a produção propriamente dita.

O formato das pautas pode seguir o padrão do veículo ou do próprio jornalista, que como já tratamos, descreve em detalhes aquilo que se julga necessário saber para ir a campo, reunindo informações com base em referências e pesquisas já realizadas e/ou conhecimentos prévios, indicando perguntas a serem respondidas, linguagens para captação e outras especificidades dos textos ou recursos necessários.

Referimo-nos à construção de pautas para aproximar mais da linguagem jornalística, mas é preciso considerar que num projeto transmídia alguns conteúdos de expansão podem não se constituir necessariamente produtos jornalísticos, a exemplo de documentários, aplicativos, exposições, debates ou workshops, mas que exigem um planejamento igualmente minucioso, inclusive com auxílio de outros profissionais.

g) Produção jornalística transmídia – compreende desde a organização de todas as tarefas necessárias à execução das pautas, a apuração, até o processo de redação e edição dos conteúdos, tendo sempre o mapa midiático-temático como referência. Se planejamento era fundamental para a roteirização, para uma produção transmídia a palavra de ordem é organização, necessária para não se perder no emaranhado de pautas a serem apuradas e de conteúdos a serem produzidos.

Uma organização possível é dividir a equipe para produzir conteúdos segundo as mídias e/ou linguagens, favorecendo o aproveitamento das habilidades individuais na produção escrita, sonora e audiovisual, inclusive para realizar a edição final do produto. Essa divisão, no entanto, exige maior entrosamento da equipe e atenção para o projeto como um todo, visando evitar que se produza cada texto de maneira tão independente que não evidencie as articulações necessárias que o tornam uma unidade. Revisitar o mapa midiático-temático pode auxiliar nesse sentido e dar maior coesão e harmonia ao processo.

Outra possibilidade é distribuição das tarefas segundo os aspectos temáticos, considerando competências multimídia dos produtores, pois as pautas são definidas a partir do acesso aos entrevistados ou dados, nos quais se abordam todas as questões relacionadas aos aspectos temáticos. Se uma fonte abordar questões de conteúdos que se utilizam de linguagens diferentes, compete ao jornalista atentar para que a entrevista (ou ao menos parte ela) seja gravada de acordo com o formato da mídia ou plataforma. Nesse caso, o processo de apuração é realizado por um profissional e a redação/edição pode ser feita por outro, prática recorrente no jornalismo, mas que para uma reportagem especial precisa considerar questões como proximidade e presença em locais ou diante das fontes.

Para gerenciar esses processos orienta-se recorrer a plataformas de compartilhamento de arquivos em nuvem, elaborar check-lists das pautas e demais atividades de edição ou utilizar-se de plataformas de gerenciamento de projetos e trabalhos. A possibilidade de a representação visual do mapa midiático-temático migrar para esse tipo de plataforma de gerenciamento tem sido estudada, pois facilitaria bastante o acompanhamento do processo produtivo.

h) Circulação jornalística transmídia – o ciclo do modelo de produção transmídia só se completa quando os textos roteirizados (de referência e expansão) são postos em circulação com o auxílio de textos de propagação, que deverão ser produzidos somente quando aqueles já estiverem prontos para serem publicados. A circulação transmídia, como vimos, envolve tanto a distribuição como a proposição de um percurso de acesso que estimule a interação dos destinatários-consumidores a partir do conjunto dos textos. Esse percurso requer também algum tipo de planejamento para conseguir despertar o interesse do público e evitar, por exemplo, que o projeto se torne uma “avalanche” de conteúdos se for publicado de uma só vez.

Nesta etapa, os textos de propagação cumprem um papel fundamental ao retroalimentar e promover o consumo dos demais textos, seja reempacotando-os para outras mídias, seja destacando suas características, relevância, informações do próprio processo produtivo ou orientando para as formas de acesso. O texto de referência tende a ser o mais referenciado, mas os textos de expansão também precisam ser promovidos pelos textos de propagação, incentivando destinatários-consumidores a articula-los ou desempenharem alguma performance a partir ou sobre eles.

Ao fim de tudo resta planejar como esses textos serão ofertados ao público. É então que se propõe a elaboração de um cronograma específico tendo em mente o envolvimento do público com o projeto em consonância com os objetivos pretendidos, dentre os quais estará, certamente, alcançar um maior número de pessoas interessado na temática. Esse percurso, como já sugerimos, deverá propor alguma serialização de conteúdos e pode ser organizado a partir da estrutura do mapa midiático-temático, passando a incluir os dias de publicação, as mídias e plataformas e os conteúdos identificados por retrancas e formatos e diferenciados quanto aos programas de engajamento (como referência, expansão ou propagação).

As etapas para o emprego do método de roteirização de reportagens especiais transmídia baseado no desdobramento de aspectos temáticos podem ser resumidas conforme a seguir (Quadro 6). O desenvolvimento dessa sequencialidade possui uma finalidade mais pedagógica que teórica, pois algumas etapas podem se dar de maneira concomitante (como é o caso das etapas de roteirização) ou mesmo suprimidas quando o método for assimilado (como a etapa de caracterização do jornalismo transmídia). Como o objetivo dessa síntese visa instruir de modo objetivo para sua aplicação, preservou-se a estrutura básica testada e referendada com estudantes de jornalismo, sem desconsiderar possíveis desdobramentos e fusões a partir das características e competências dos utilizadores.

Quadro 6 – Etapas do método de roteirização de reportagens especiais transmídia

PRÉ-ROTEIRIZAÇÃO	Caracterização do Jornalismo transmídia	Envolve a compreensão das principais características do modelo de produção transmídia aplicado ao jornalismo (o texto de referência, as estratégias de expansão e propagação e as práticas interacionais resultado destas estratégias), bem como de habilidades para identificar aspectos temáticos dos textos e desenvolver derivações a partir deles.
	Discussão do produto transmídia	São levantadas as primeiras ideias e questões que serão objeto do produto transmídia, sustentadas por uma consistente pesquisa jornalística que fundamente a abordagem de um tema capaz de transbordar para outras mídias e plataformas.
ROTEIRIZAÇÃO	Roteirização do texto de referência no mapa midiático-temático	Define-se de modo mais preciso a problemática por trás do tema, bem como a proposta do projeto, elencando os aspectos temáticos que serão objeto da abordagem da reportagem especial em uma determinada mídia ou plataforma. Aspectos temáticos deverão ser organizados em um percurso coerente e serializado, de forma a evidenciar um determinado plano argumentativo.
	Roteirização dos textos de expansão no mapa midiático-temático	Envolve o planejamento dos textos que expandem para outras mídias e plataformas os aspectos temáticos já abordados no texto de referência, de maneira independente e ao mesmo tempo complementar. Cada texto de expansão pode assumir uma função predominante, contextualizando, opinando, orientando, explorando ou atualizando os aspectos temáticos do texto de referência, considerando ainda as linguagens e audiências das mídias e plataformas utilizadas.
	Revisão do Mapa midiático-temático	Corresponde a uma avaliação final da pertinência das mídias e plataformas escolhidas, do plano argumentativo do texto de referência e das relações temáticas deste com os textos de expansão, considerando também suas diferentes funções discursivas.
	Roteirização das pautas	Trata-se do detalhamento dos conteúdos já esboçados e revisados no mapa midiático-temático, visando uma preparação maior para apuração. Envolve um processo mais intenso de concretização dos aspectos temáticos que prevalecem sobre os textos, indicando locais a serem visitados e fontes, questões a serem respondidas, linguagens e recursos para captação das informações.
PÓS-ROTEIRIZAÇÃO	Produção jornalística transmídia	As etapas de apuração, redação e edição jornalística são desenvolvidas segundo rotinas produtivas já consolidadas pelos produtores, considerando as necessárias e possíveis readaptações àquilo que havia sido proposto no roteiro transmídia, sempre buscando evitar a justaposição temática entre os textos.
	Circulação jornalística transmídia	Envolve a construção das estratégias de propagação, através da produção dos textos para promover, orientar e repercutir o consumo dos textos de referência e de expansão, assim como a elaboração de um cronograma de circulação que favoreça diferentes percursos de consumo dos mesmos, valendo-se, sobretudo, da lógica de serialização.

Fonte: elaborado pelo autor

6.2 Considerações finais

A realização da pesquisa aplicada com estudantes de graduação em jornalismo demonstrou que o método de roteirização de reportagens especiais transmídia, baseado no desdobramento de aspectos temáticos e valendo-se do mapa midiático-temático como seu principal instrumento, possui, como todo método, considerações quanto ao seu uso. É preciso evidenciá-los, assim como destacar algumas contribuições e perspectivas que surgem do percurso de pesquisa desenvolvido.

Acerca do método, é preciso dizer que, como ficou evidente na descrição das experiências e agora na proposição das etapas para seu emprego, ele requer algumas habilidades que impactarão diretamente no resultado final, especialmente de quem construirá ou gerenciará o processo de roteirização em uma equipe. Algumas dessas competências não são desconhecidas dos profissionais de jornalismo – mesmo os estudantes dos primeiros períodos do curso de jornalismo desenvolveram bons roteiros transmídia –, e os que já possuem experiência com a produção de reportagens especiais encontrarão mais facilidade para utilizar o método e adaptar seus princípios e instrumentais. Vejamos.

Planejamento é uma palavra-chave para definir o processo de roteirização e o mapa midiático-temático. Em produções que não buscam reportar os acontecimentos do dia-a-dia, mas situações contemporâneas, torna-se fundamental organizar os passos a serem dados, planejar todo o processo de apuração, inclusive deixando margem para eventuais rotas de fuga ou de acesso a outros caminhos. Isso vale especialmente para uma reportagem especial transmídia, pois assegura algum nível de certeza diante das incertezas já inerentes a todo processo produtivo jornalístico. Não é possível desenvolver tais trabalhos sem alguma referência e, frente a isso, o método de roteirização que propomos se constitui uma resposta. Mesmo no caso dos conteúdos de expansão por atualização, que não podem ser roteirizados, é possível apontá-los e monitorá-los quanto ao seu desenrolar, mantendo-os em *stand-by*.

Há, no entanto, quem argumente que o jornalismo, enquanto atividade que se encarrega de reportar o mundo tão imprevisível, não admita roteirização. Qualquer menção à palavra roteiro tende a ser traduzida como algo rígido, camisa de força que tolhe o processo criativo do jornalista. Essas pessoas costumam lidar bem com imprevistos e possuem uma capacidade de administrar o inesperado. Elas veem a representação visual do plano argumentativo traçado inicialmente no mapa midiático-temático como absoluta e, conseqüentemente, uma prisão. Como a organização não é o forte desses profissionais, a tentativa de incorporar novos aspectos

temáticos ao que já havia sido proposto passa a ser vista como um retrabalho. Então, o melhor seria deixar tudo ao acaso ou às intuições que surgirem no decorrer do processo de apuração.

A roteirização da reportagem especial argumentativa implica assumir uma intencionalidade discursiva e um propósito informativo, o que é bem próprio do jornalismo. Nosso método sugere que a proposta de abordagem fique bem clara no decorrer da elaboração do roteiro e seja explicitada na sinopse, considerando também a problemática que a justifica. Assumir a subjetividade e o dialogismo inerentes a todo tipo de discurso nas reportagens especiais significa ter consciência da finalidade social do jornalismo e de suas consequências. Trazer à tona uma determinada situação e provocar a reflexão sobre ela a partir de um certo ângulo não significa desconsiderar ou desautorizar outras nuances da realidade. De alguma maneira, caso não esteja explicitado, isso estará presente pela seleção dos aspectos temáticos, pelas escolhas das fontes, pelo modo de como as histórias serão contadas.

Há, no entanto, quem camufle essa dimensão no seu discurso e, mais que isso, negue-a. Esses jornalistas reproduzem a visão mais corroborada socialmente de imparcialidade, de jornalismo como espelho fiel da realidade, de um comunicador desinteressado, um agente que não se desvia da missão de informar, doa a quem doer (Traquina, 2005). Esse profissional agiria despretensiosamente, sem quaisquer motivações sociais, organizacionais ou individuais. Para estes, certamente haverá dificuldades numa roteirização que não se desenvolve pela seleção aleatória de aspectos temáticos fragmentados, mas a partir de uma determinada coerência que implicam relações argumentativas e buscam convencer, como aponta José Luiz Fiorin (2015), ao menos da veracidade de seu discurso.

A estruturação do roteiro da reportagem especial transmídia tanto no texto de referência, que assume uma determinada sequência argumentativa, como nos textos de expansão, é construída a partir de aspectos temáticos, tópicos de natureza mais abstrata capazes de determinar o sentido do que se diz. Eles têm o propósito de fundamentar e direcionar a narrativa jornalística, tal como colunas e vigas sustentam e demarcam os limites de uma construção. Essa estrutura temática precisará, em um segundo momento, ser revestida figurativamente, recoberta de histórias, de pessoas situadas em determinados tempos e lugares. Para torná-la sólida, no entanto, é imprescindível que seus fundamentos sejam colocados primeiros e, só depois, concretizados.

Há, no entanto, quem possua mais facilidade em priorizar a figurativização já quando surgem as ideias para uma reportagem especial. Nesses casos, são as histórias e os personagens de relevante valor informativo que direcionam a construção do discurso jornalístico. São os relatos impactantes e a forma como eles serão manifestados que importam. Para esses

profissionais a matriz narrativa, ainda que permeada por hierarquias noticiosas, constitui o modo de abordagem tanto textual quanto discursivo. O trabalho consiste em colher relatos e organizá-los coerentemente para deixar que “eles falem por si só”. É trabalhoso, no entanto, pensar tema, subtemas e aspectos temáticos, tentar identificar o que quer dizer cada uma das ‘falas’ ou casos que serão reportados e, conseqüentemente, fazer uso do mapa midiático-temático, especialmente quando se começa a estabelecer relações entre o que trata a reportagem especial e os conteúdos de expansão para outras mídias.

A representação visual das narrativas transmídia possui um papel fundamental para sua roteirização enquanto narrativas complexas. Não é à toa que boa parte das representações dessas produções recorre a esse tipo de recurso para auxiliar seu entendimento. O mapa midiático-temático tem como objetivo permitir a avaliação do conjunto dos conteúdos representados (de referência e de expansão), fornecendo uma visão do todo, do percurso traçado (o roteiro), de modo a guiar os profissionais durante o processo de produção.

Há, no entanto, quem possua maior facilidade com uma descrição minuciosa de todos os conteúdos a serem produzidos e recuse, ao menos inicialmente, uma representação visual como a do mapa midiático-temático pelo poder de síntese que ele exige. Ter que resumir em algumas palavras-chaves o que se deseja produzir pode ser angustiante, como constatamos na experiência com os estudantes e futuros jornalistas. A estruturação hierárquica em níveis e subníveis em números e letras, por exemplo, pode ser uma saída para demarcar as relações entre os conteúdos, sem que seja necessária uma representação visual, mas perde-se a visão de conjunto tanto no decorrer da roteirização quanto ao final do processo. Optar por esse modo exige do jornalista uma capacidade maior de organização para não se perder na redundância entre os conteúdos. Se for o caso, o mapa midiático-temático pode ser elaborado depois que todos os conteúdos estejam descritos.

As estratégias de expansão transmídia na roteirização da reportagem especial argumentativa baseiam-se no desdobramento de aspectos temáticos, mas apresentam variações quanto às funções que tais textos assumem em relação ao texto de referência. As possibilidades dessa ampliação temática tendem a mobilizar novas informações para contextualizar ou atualizar acerca de um dos pontos já tratados, assim como provendo discussões, fornecendo orientações práticas ou explorando sensações. Diferentes formatos são possíveis, desde que se estabeleça uma derivação temática autônoma, isto é, o conteúdo aprofunde algum aspecto que não foi possível fazê-lo no texto de referência sem que se exija o consumo de um para que o outro faça sentido. Como o jornalismo possui um discurso marcadamente figurativo, apropriar-

se das funções dos conteúdos listadas no método (ou de outras que poderão ser incorporadas) contribui para ampliar a abordagem e evitar repetição de aspectos temáticos.

Há, porém, quem acredita que basta trazer um novo caso ou uma entrevista sobre o aspecto temático do texto de referência, sem que haja progressão informativa, para promover a expansão, e desconsidere a importância das funções nesse processo. Essa perspectiva reforça elementos de natureza figurativa e não temática, pois tratamos de uma mesma questão utilizando diferentes modos narrativos e expressivos. Algumas vezes podem até ser pensados diferentes textos para outras mídias e plataformas, mas eles não aprofundam a questão, não vão além na discussão trazida anteriormente. Sem levar em conta que cada texto assume um papel importante no conjunto da reportagem especial transmídia, em um dado momento será difícil evitar redundâncias das abordagens.

A dimensão injuntiva com que apresentamos as etapas para roteirização ao longo deste capítulo conclusivo despreza qualquer associação com fórmulas pré-determinadas, receitas ou modelos rígidos. Qualquer método de roteirização para produções jornalísticas nessa perspectiva não lograria êxito. Propomos uma roteirização aberta, que a partir de estruturas basilares próprias do tipo de texto jornalístico a ser produzido, admite muitas formas de ser adaptado a diferentes perfis de profissionais de jornalismo. Algumas de suas características, no entanto, precisam ser mantidas para garantir resultados satisfatórios. A primeira delas, que pode parecer redundante, é que se trata de um método para reportagens especiais e não para notícias ou reportagens do dia-a-dia, cuja rotina produtiva não admitiria as etapas que esboçamos aqui. Um outro princípio essencial: a expansão de aspectos temáticos do texto de uma determinada mídia de referência para os textos de outras mídias e plataformas. Disso depende o desenvolvimento dos demais arranjos expressivos e configurações discursivas que exploram competências dos usuários para as inter-relações entre conteúdos no cenário de convergência midiática.

Entregamos, portanto, sem quaisquer pretensões de exclusividade, ao final desse percurso de pesquisa, um método válido e original para produções de narrativas transmídia em jornalismo. Válido por se construir epistemologicamente sobre bases das ciências da linguagem e se demonstrar operacional através das experiências de roteirização e produção por estudantes de jornalismo. Original porque não se conhece ou se difunde, ao menos no Brasil, um método com procedimentos tão detalhados para seu emprego como este, seja porque distingue-se de outras pesquisas da área, mais centradas na caracterização de objetos jornalísticos transmídia; seja porque a prática profissional, apesar de ensaiar modos possíveis para a produção transmídia, como os dossiês *Tudo Sobre* da Folha de São Paulo – que foram ponto de partida

para a proposição deste método –, não sistematiza reflexivamente os processos e as estratégias desenvolvidas para se sustentarem enquanto método.

A presente pesquisa aponta para um congraçamento entre teoria e prática, recuperando conceitos e características próprias do modelo transmídia e da cultura jornalística, de forma a materializá-los em procedimentos capazes de auxiliar no processo de roteirização. Nesse sentido, as estratégias transmídia para engajamento de públicos diferenciados em diferentes plataformas e mídias favorecem, a partir de reportagens especiais, o desenvolvimento das finalidades mais referendadas como funções da atividade jornalística (informar, interpretar, instruir, debater e divertir), potencializando sua qualidade através do tratamento aprofundado de questões de interesse público.

Ainda que o método proposto se direcione para a prática do jornalismo transmídia, ele oferece também importante contribuição para o ensino dessa disciplina nos cursos de graduação. A experiência realizada com os estudantes procurou desenvolver conhecimentos teóricos e competências pragmáticas específicas através da prática laboratorial, promovendo vivências próximas de uma redação e colaborando na formação desses futuros profissionais. cremos que os programas, técnicas e materiais desenvolvidos para exposição do método ao longo das disciplinas, descritos no capítulo anterior e apendiculados, associados a estudos mais específicos de pedagogia do jornalismo poderão fornecer elementos para uma proposta mais sólida de ensino de jornalismo transmídia.

Além das limitações já evidenciadas para o emprego do método, reconhecemos também outras do próprio desenvolvimento da pesquisa que, no entanto, apontam para possibilidades de seu desdobramento. A produção desta tese coincidiu com um período desafiador de intenso ataque à produção de ciência no Brasil e, conseqüentemente, aos seus investimentos, assim como de restrições impostas pela pandemia da Covid-19, que, inegavelmente, impactaram nos processos desenvolvidos. Diante destas condições foram feitas opções metodológicas que atendessem aos objetivos propostos, mas conscientes das possibilidades caso os cenários fossem mais favoráveis.

O primeiro desafio enfrentado, identificado também pelos estudantes de graduação durante a experiência de aplicação do método diz respeito a materialização do mapa midiático-temático, instrumental desencadeador do processo de roteirização, de modo a torná-lo uma ferramenta utilizável. A partir dos conhecimentos deste pesquisador e em razão da disponibilidade de acesso, propomos a transposição da representação visual, construída teoricamente em forma de gráfico, para planilhas eletrônicas, valendo-se da organização de linhas e colunas para organizar uma espécie de fluxograma. Posteriormente, optou-se pela

plataforma digital Figma tanto por se apresentar mais intuitiva quanto ao uso pelos estudantes como pela possibilidade de acesso gratuito e compartilhado de usuários. Vislumbrávamos, porém – e mantemos essa possibilidade como horizonte futuro de pesquisa –, um grande potencial para o desdobramento interdisciplinar do mapa midiático-temático através do desenvolvimento de um software que facilitasse a representação visual e otimizasse, por exemplo, o processo de descrição dos conteúdos e, eventualmente, da construção das pautas, integrando tudo em um único sistema.

Outra limitação percebida que também se abre para novas possibilidades se refere ao recorte do público para realização das experiências de aplicação do método, centradas em estudantes de jornalismo. Ainda que as contribuições desse processo tenham sido fundamentais para a melhoria do método, ressaltando ainda mais sua dimensão pedagógica, mantemos também a perspectiva de realizar sua aplicação também com profissionais de redação. cremos que, desse desdobramento poderão surgir reflexões e pistas importantes para seu emprego, assim como outros procedimentos com base nas necessidades específicas e nas rotinas produtivas adotadas.

A realização de uma experiência com profissionais poderia enfatizar também o aprofundamento dos recursos expressivos e seus efeitos de sentido num projeto transmídia jornalístico, desde a escolha das mídias e plataformas utilizadas e suas inter-relações a partir das materialidades dos suportes, das linguagens e modos de participação do público. Uma pesquisa como essa demandaria metodologias de outras ordens, como estudos de recepção, e se constitui um possível e oportuno desdobramento desta, que se mantém como horizonte de investigações futuras.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Karen Cristina Kraemer. **Script**: a organização da produção audiovisual no telejornalismo. Covilhã, Portugal: Labcom, 2010. Disponível em: <https://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-kraemer-jornalismo.pdf>. Acesso em: 21 jan. 2023.
- ABREU E LIMA, Luisa. **A linguagem do telejornal**: um estudo sobre os seus modos de organização a partir dos principais telejornais da Rede Globo. 2016. 250 f. Tese de Doutorado (Pós-Graduação em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016.
- ALMEIDA JÚNIOR, Licínio Nascimento. **Conjecturas para uma retórica do design [gráfico]**. 2009. Tese de Doutorado (Pós-graduação em Design) – Programa de Pós-graduação em Artes e Design, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.
- ANDERSON, C.W.; BELL, Emily; SHIRKY, Clay. Jornalismo pós-industrial: adaptação aos novos tempos. **Revista de Jornalismo ESPM/Columbia Journalism Review**. São Paulo: Abr/Maio/Jun 2013. p. 30-89.
- ARAGÃO, Rodrigo Martins. **Telejornalismo Transmídia**: Modos de endereçamento e estratégias enunciativas no Jornal Nacional. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco. Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Recife, 2019.
- ARAUJO, Yuri Borges de. **Jornalismo e narrativas transmídias**: a reportagem no contexto da convergência. 2014. 164 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Midiática) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2014.
- ARONCHI DE SOUZA, José Carlos. **Gêneros e formatos televisivos na televisão brasileira**. São Paulo: Summus, 2004.
- BARCELOS, Zanei. Jornal laboratório multiplataforma como objeto de pesquisa para o desenvolvimento de didática e processo de produção jornalística. In: **Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo**, Brasília, v. 10, n. 27, p. 103-118, dez. 2020. Disponível em: <https://rebej.abejor.org.br/index.php/rebej/article/download/419/298/978> Acesso em: 10 abr. 2023.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. **Teoria Semiótica do Texto**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2005.
- BARTHES, Roland. A retórica antiga. In: COHEN, Jean et al. **Pesquisas de retórica**. Petrópolis: Vozes, 1975, p. 147-224.
- _____. **Aula**. São Paulo: Cultrix, 1996.
- BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo interpretativo**: filosofia e técnica. Porto Alegre: Sulina, 1976.
- BERNARDO, Nuno. **The producers guide to transmedia**: how to develop, fund, produce and distribute compelling stories across multiple platforms. Lisboa: beActive, 2011
- BOGOST, Iab; FERRARI, Simon; SCHWEIZER, Bobby. **Newsgames**: Journalism at play. The MIT Press, 2010.

BONASIO, Valter. **Televisão**: manual de produção & direção. Campinas-SP: Ed. Leitura, 2008. E-book.

BONNER, William. **Jornal Nacional**: Modo de Fazer. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2009.

BORDAS, Miguel Angel Garcia. Notícia direta e notícia de criação: discussão do discurso jornalístico. In: **Revista Texto de Cultura e Comunicação**, Salvador, BA, v. 1, p. 189-207, 1995.

BRADSHAW, Paul. Instantaneidade: efeito da rede, jornalistas mobile, consumidores ligados e o impacto no consumo, produção e distribuição. In. CANAVILHAS, João (org).

Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença. Covilhã: Labcom: 2014.

BRASIL. CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. **Resolução nº 1, de 27 de setembro de 2013**. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Jornalismo, bacharelado, e dá outras providências. Disponível em: <

https://normativasconselhos.mec.gov.br/normativa/pdf/CNE_RES_CNECESN12013.pdf >.

Acesso em: 20 fev. 2022.

CANAVILHAS, João. Jornalismo Transmídia: um desafio ao velho ecossistema midiático. In: RENÓ, Denis; CAMPALANS, Carolina; RUIZ, Sandra; e GOSCIOLA, Vicente.

Periodismo Transmedia: miradas múltiples. Bogotá: Editorial Universidad del Rosario, 2013.

_____. Journalism in the Twenty-First Century: To Be or Not to Be Transmedia? In GAMBARATO, R., & ALZAMORA, G. **Exploring Transmedia Journalism in the Digital Age**. Hershey, PA: IGI Global, 2018, p. 1-14.

CANAVILHAS, João; BACCIN, Alciane; SATUF, Ivan. Era pós-PC: a nova tessitura da narrativa jornalística na web. In. PEIXINHO, Ana Teresa; ARAÚJO, Bruno. **Narrativa e mídia**: gêneros, figuras e contextos. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2017.

CARRIZO, Jennifer García; DÍAZ, Olga Heredero. Propuesta de un modelo genérico de análisis de la estructura de las narrativas transmedia. In: **Icono** 14, 2015, v. 13, pp. 260-285.

CARVALHO, Alexandre. DIAMANTE, Fábio. BRUNIERA, Thiago. UTSCH, Sérgio. **Reportagem na TV**: como fazer, como produzir, como editar. São Paulo: Contexto, 2010.

CARVALHO, Marina Aparecida Sad Albuquerque de. **Do digital ao impresso: os desafios da grande reportagem jornalística**. 321 p. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal de Juiz de Fora. Minas Gerais, 2018.

COIMBRA, Oswaldo. **O texto da reportagem impressa**: um curso sobre sua estrutura. São Paulo: Ática, 2004.

COMPARATO, Doc. **Da criação ao roteiro**: teoria e prática. Rio de Janeiro: Rocco, 2010.

CORNU, Daniel. **Jornalismo e verdade**: para uma ética da informação. Lisboa: Instituto Piaget, 468p. 1999.

COSTA, Tatiana Alves de Carvalho. **O espelho e o bisturi: o jornalismo audiovisual nas reportagens especiais televisivas**. 189 p. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2005.

D'ANDRÉA, Carlos. **Pesquisando plataformas online: conceitos e métodos**. Salvador: EDUFBA, 2020 (e-pub).

DE LA PEÑA, Nonny; WEIL, Peggy; LLOBERA, Joan; GIANNPOULOS, Elias; POMÉS, Ausiàs. SPANLANG, Bernhard; FRIEDMAN, Doron; SANCHEZ-VIVES, Maria V; SLATER, Mel. (2010). **Immersive Journalism: Immersive Virtual Reality for the First Person Experience of News**. Presence, 19 (4).

DE LA RUE, Saulo. A grande reportagem entre o mercado e a academia. In DUARTE, Elizabeth Bastos & CASTRO, Maria Lília Dias de (org.). **Televisão: entre o mercado e a academia**. Porto Alegre, Ed. Sulina, 2006, p. 183-188.

DE SOUZA, Sebastião José. **A presença da narrativa transmídia no jornalismo regional: análise das experiências dos jornais Folha de Londrina e O Povo**. Dissertação (Mestrado Acadêmico) Universidade Federal de Tocantins – Curso de Pós-graduação em Comunicação e Sociedade. Palmas-TO, 2022. 136 f.

ERBOLATO, Mário L. **Técnicas de codificação em jornalismo**. Redação, captação e edição no jornal diário. São Paulo: Ática, 2003.

FECHINE, Yvana. **Disciplina Telecinejornalismo**. Recife, Universidade Federal de Pernambuco, 2016-2018. Anotações e fichas de Aula.

_____. **Introdução à Televisão, Telecinejornalismo, Comunicação e Semiótica**. Recife, Universidade Federal de Pernambuco, 2006. Anotações de Aulas.

_____. Transmídiação como modelo de produção: uma abordagem a partir de estudos da televisão e de linguagem. In: SANTAELLA, Lúcia. NESTERIUK, Sérgio; MASSAROLO, João. **Desafios da transmídia: processos e poéticas**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2018, p. 42-65.

FECHINE, Yvana. ABREU E LIMA, Luisa. **A linguagem da reportagem**. Recife: Ed. UFPE, 2022.

FECHINE, Yvana. GOUVEIA, Diego. ALMEIDA, Cecília. COSTA, Marcela. ESTEVÃO, Flávia. Como pensar os conteúdos transmídias na teledramaturgia brasileira? Uma proposta de abordagem a partir das telenovelas da Globo. In: LOPES, Maria Immacolata Vassallo de (org.). **Estratégias de transmídiação na ficção televisiva brasileira**. Porto Alegre: Sulina, 2013, p. 19-60.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio: o veículo, a história e a técnica**. 3. ed. Porto Alegre: Dora Luzzatto, 2007.

FERREIRA, Gabrielly Dering Batista. COLOMBO, Renan. Siga o fio: Threads no Twitter como ferramenta jornalística da Folha. In: **Anais do 11º Encontro de Jovens Pesquisadores em Jornalismo**, 2021, Brasília. Anais eletrônicos... Campinas, Galoá, 2021. Disponível em: <<https://proceedings.science/jpjour-series/jpjour-2021/trabalhos/siga-o-fio-threads-no-twitter-como-ferramenta-jornalistica-da-folha?lang=pt-br>>. Acesso em: 02 nov. 2023.

FIELD, Syd. **Manual do roteiro**: os fundamentos do texto cinematográfico. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

FINGER, Cristiane. Crossmedia e Transmedia: desafios do telejornalismo na era da convergência digital. **Revista Em Questão**, Porto Alegre, v. 18, n. 2, p. 121-132, jul./dez. 2012.

FIORIN, José Luiz. **Argumentação**. São Paulo: Contexto, 2015.

_____. Da necessidade da distinção entre texto e discurso. In: BRAIT, Beth; SOUZA E SILVA, Maria Cecília. **Texto ou discurso?** São Paulo: Contexto, 2012, p. 145-165.

_____. **Elementos de Análise do Discurso**. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2000.

_____. Gêneros e tipos textuais. In: **Ensaio sobre leitura**. Belo Horizonte: Editora da PUC-Minas, 2005. p. 101-117.

FIORIN, José Luiz; SAVIOLI, Francisco Platão. **Para entender o texto**: leitura e redação. São Paulo: Ática, 2003.

FLORESTA, Cleide; BRASLAUSKAS, Ligia. **Técnicas de reportagem e entrevista em Jornalismo**: roteiro para uma boa apuração. São Paulo: Saraiva, 2009.

FOLHA DE S. PAULO. **Crime sem castigo** (2014). Disponível em: <<http://arte.folha.uol.com.br/mercado/2015/03/12/crime-sem-castigo>> Acesso em: 26 ago. 2023.

_____. **Floresta sem fim** (2015). Disponível em: <<https://arte.folha.uol.com.br/tudo-sobre/desmatamento-zero>>. Acesso em: 26 ago. 2023.

_____. **Manual da Redação**. 21. Ed. São Paulo: Publifolha, 2018.

FONTCUBERTA, Mar de. **A notícia**: pistas para compreender o mundo. Lisboa: Editorial Notícias, 1999.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. Delimitando um modelo de pesquisa aplicada em jornalismo. In: IX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste: Mercado, Região e Comunicação Na Sociedade Digital, 2007, Salvador. **Anais do IX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste**. Salvador: Intercom/UFBA, 2007. v. 1. p. 1-21.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

G1. **'Brasil em Constituição', série especial do JN, estreia na segunda-feira (29)**. 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/jornal-nacional/brasil-em-constituicao/noticia/2022/08/26/brasil-em-constituicao-serie-especial-do-jn-estreia-na-segunda-feira-29.ghml>>. Acesso em: 27 ago. 2023.

_____. **'Sotaques do Brasil' desvenda as diferentes formas de falar do brasileiro**. 2014. Disponível em: <<https://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2014/08/sotaques-do-brasil-desvenda-diferentes-formas-de-falar-do-brasileiro.html>>. Acesso em: 30 ago. 2023.

GABRIEL, Matha. **Marketing na era digital**. São Paulo: Novatec, 2010.

GARCIA, Othon Moacir. **Comunicação em prosa moderna: aprenda a escrever, aprendendo a pensar**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

GENETTE, Gérard. **Palimpsestos: a literatura de segunda mão**. Belo Horizonte: Edições Viva Voz, 2010.

GENRO FILHO, Aldemo. **O Segredo da pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo**. Porto Alegre: tchê! Editora, 1987.

GLOBOPLAY. **Brasil em Constituição** (2022). Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/brasil-em-constituicao/t/zN1bvN5YfG/>>. Acesso em: 21 ago. 2022.

_____. **Profissão Repórter: Ministério da Justiça diz que somente 1% dos crimes é cometido por menor - Parte 1** (2015). Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/4109755/>>. Acesso em: 24 ago. 2023.

GOMES, Cristina. **Narrativas à deriva no roteiro cinematográfico brasileiro**. Tese (doutorado) Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Letras, 2019. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/46607/46607.PDF>> Acesso em: 28 jan. 2023.

GONÇALVES, Andreu Belsunces. **Producción, consumo y prácticas culturales en torno a los nuevos media em la cultura de la convergencia: el caso de Fringe como narración transmedia y lúdica**. Máster en Sociedad de la Información y el Conocimiento, Universitat Oberta de Catalunya, 2011. Disponível em: <http://openaccess.uoc.edu/webapps/o2/bitstream/10609/8581/1/abelsuncesTFM0611.PDF>. Acesso em: 23 jan. 2021.

GRÁCIO, Rui Alexandre. **A interação argumentativa**. Coimbra: Grácio Editor, 2010.

GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÈS, Joseph. **Dicionário de semiótica**. Tradução de Alceu Dias Barbosa Lima et al. São Paulo: Contexto, 2008.

GUERRA, Josenildo Luiz. O "contrato fiduciário" entre o jornal e o público. Paradoxos da crítica à objetividade. **Revista Comunicação&política**. Volume V, nº. 1. janeiro-abril. Rio de Janeiro, 1998.

HAYES, Gary P. **How to write a transmedia production bible: a template for multi-platform producers**. Screen Australia. 2011.

HERRERA DAMAS, Susana. **Cómo elaborar reportajes em radio**. Buenos Aires: La Crujía, 2008.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Ed. Objetiva, Rio de Janeiro, 2016.

HUERTAS, Carolina. Transformação e desafios: qual o futuro das revistas? In: **Meio e Mensagem** (2021). Disponível em: <https://www.meioemensagem.com.br/midia/transformacao-e-desafios-qual-o-futuro-das-revistas>. Acesso em: 17 out. 2023.

INTERCOM. Expocom - **Anexo I – Ementário das modalidades conforme categorias – 2023**. Disponível em: https://portalintercom.org.br/premios_new/expocom1/anexo-i-ementario Acesso em 30 out. 2023.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2009a.

_____. **The Revenge of the Origami Unicorn: Seven Principles of Transmedia Storytelling**. 2009b. Online. Disponível em: http://henryjenkins.org/2009/12/the_revenge_of_the_origami_uni.html>. Acesso em: 25 jan. 2024.

_____. **Revenge of the Origami Unicorn: The Remaining Four Principles of Transmedia Storytelling**. 2009c. Online. Disponível em: http://henryjenkins.org/2009/12/revenge_of_the_origami_unicorn.html>. Acesso em: 25 jan. 2024.

KANTAR IBOPE MEDIA. **Consumo de vídeo bate recorde no Brasil**. (2021). Disponível em: < <https://kantariibopemedia.com/conteudo/consumo-de-video-bate-recorde-no-brasil/>>. Acesso em 04 ago. 2022.

KAPLÚN, Mário. **Produção de Programas de Rádio: do roteiro à direção**. São Paulo: Intercom, Florianópolis: Insular, 2017.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Rádio e mídias sociais: mediações e interações radiofônicas em plataformas digitais de comunicação**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2016.

_____. Rádio em episódios, via internet: aproximações entre o podcasting e o conceito de jornalismo narrativo. In: **Revista de la Asociación Española de Investigación de la Comunicación**, v. 5, n. 10, AEIC, 2018. Disponível em: <http://www.revistaaic.eu/index.php/raic/article/view/148/153>>. Acesso em: 13 abr. 2023.

KOTSCHO, Ricardo. **A prática da reportagem**. São Paulo: Ática, 1995.

KÜNSCH, Dimas Antônio. **Maus pensamentos:** os mistérios do mundo e a reportagem jornalística. São Paulo: Annablume: FAPESP, 2000.

LAGE, Nilson. **A Reportagem:** teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. São Paulo: Record, 2001.

LEITE, Marcelo. **Marcelo Leite fala sobre a produção da reportagem Floresta sem fim** (2015). In: MÍDIA E AMAZÔNIA. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=2s8VZSoUlhk>>. Acesso em: 03 set. 2022.

LÉVY, Pierri. **Cibercultura.** São Paulo: Editora 34, 1999.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas:** o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. Campinas: UNICAMP, 1993.

LONG, Geoffrey A. **Transmedia Storytelling:** Business, Aesthetics and Production at the Jim Henson Company. Master (Tesis). USA: Massachusetts Institute of Technology, 2007. Disponível em: <https://cmsw.mit.edu/wp/wp-content/uploads/2016/10/147703402-Geoffrey-Long-Transmedia-Storytelling-Business-Aesthetics-and-Production-at-the-Jim-Henson-Company.pdf> . Acesso em: 23 jan. 2021.

LONGHI, Raquel Ritter. O turning point da grande reportagem multimídia. In: **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 2, n. 3, p. 897-917, 2014.

_____. Possibilidades da narrativa digital no texto jornalístico. In: SILVA, Gisele; VOGUEL, Daisi; SILVA, Terezinha (org.). **Apuração, redação e edição jornalística.** Florianópolis: Editora da UFSC, 2022.

LOPEZ, Débora Cristina; MARITAN, Matheus. A evolução do método: memória das pesquisas experimental e aplicada nos estudos brasileiro de jornalismo. **Revista Observatório**, Palmas, v. 1, n. 3, p. 41-61, dez. 2015.

LOUREIRO, Tamíz Freitas. **Reportagem especial televisiva:** produção, roteirização e tratamento. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social - Jornalismo). Departamento de Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2015.

LUCENA, Luiz Carlos. **Como fazer documentários:** conceito, linguagem e prática de produção. São Paulo, Summus, 2012.

LUCHT, Janine Marques Passini. **Gêneros radiojornalísticos:** Análise da Rádio Eldorado de São Paulo. Tese (Doutorado em Comunicação Social). Faculdade de Comunicação da Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2009.

MACEDO, Marcos Carvalho. Isso é Fantástico: A expansão transmídia da reportagem televisiva ao podcast. In: **Revista Dispositiva**, Belo Horizonte, v. 11, n. 19, p. 21 – 36, jan/jul 2022. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/dispositiva/article/view/28626> Acesso em: 30 out. 2023.

MACEDO, Marcos Carvalho. **Jornalismo Transmídia no dossiê Tudo Sobre Belo Monte**. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social – Jornalismo). Departamento de Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016.

_____. **Narrativa transmídia jornalística: estratégias e procedimentos nos dossiês *Tudo Sobre***. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Programa de Pós-graduação em Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2019.

MARANHÃO, Émerson. Transbordando conteúdo. **O Povo online**. Fortaleza, 2019. Disponível em: <https://especiais.opovo.com.br/semiarido/> Acesso em: 30 out. 2023.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MARCUNTSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (org.). **Gêneros Textuais & Ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

MARQUES, Alberto. **O campo jornalístico e a pauta: um olhar sobre a produção de conteúdos para tablets**. Tese (Doutorado – Doutorado em Comunicação) Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

MARQUES DE MELO, José; ASSIS, Francisco de. Gêneros e formatos jornalísticos: um modelo classificatório. In: **Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, v. 39, n. 1, 2016. Disponível em: <https://revistas.intercom.org.br/index.php/revistaintercom/article/view/2354>. Acesso em: 30 out. 2023.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Ofício de cartógrafo: travessias latino-americanas da comunicação na cultura**. São Paulo: Loyola, 2004.

MARTÍNEZ-COSTA, María Del Pilar; Díez Unzueta, José Ramón. **Lenguaje, géneros y programas de radio: introducción a la narrativa radiofónica**. Pamplona: EUNSA, 2005.

MARTINS, Elaide. CARDOSO, Rômulo. Da gênese às metodologias: a transmídia no jornalismo em pesquisas de 2000 a 2019 no Brasil. In: **Paradoxos**, Uberlândia, v. 5, n. 2, p. 120-134, jul./dez. 2020.

MASSAROLO, João Carlos. Jornalismo transmídia: a notícia na cultura participativa. In: **Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo**, Brasília, v. 5, n. 17, p. 135-158, jul./dez. 2015. Disponível em: <<https://rebej.abejor.org.br/index.php/rebej/article/view/199>>. Acesso em: 10 abr. 2023.

_____. Roteiro audiovisual para narrativas transmídia. In: ANGELUCI, Alan C.B. (Org.). **Comunicação Transmídia**. Porto Alegre: EdPUCRS, 2016.

McLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 2007.

McLUHAN, Marshall. Entrevista cedida à Playboy. **Playboy Magazine**. [S.l.] 1969.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Notícia, um produto à venda: jornalismo na sociedade urbana e industrial**. 2. ed. São Paulo: Summus, 1988.

MENDONÇA, Ismael Lopes. **A tipografia como manifestação cultural**. 2018. 193 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018.

MITTELL, Jason. **Complex TV**. The Poetics of Contemporary Television Storytelling. New York: New York University Press, 2015.

MOLONEY, Kelvin. T. **Porting Transmedia Storytelling to Journalism**. 2011. Dissertação (Mestrado em Artes). Faculty of Social Sciences, University of Denver, 2011.

MORAES, Fabiana. **A pauta é uma arma de combate: subjetividade, prática reflexiva e posicionamento para superar um jornalismo que desumaniza**. Porto Alegre, RS: Arquipélago, 2022.

MOSER, Magali. **O método da reportagem: um estudo a partir de depoimentos de repórteres especiais**. Tese (doutorado). Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-graduação em Jornalismo, Florianópolis, 2021.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise crítica da narrativa**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.

NOGUEIRA, Luís. **Manuais de Cinema I: laboratório de Guionismo**. Covilhã: LabCom Books, 2010.

NUNES, Valentina da Silva; GOLFETTO, Ildo Francisco. Edição em processo: trabalho de equipe na produção de jornal-laboratório. In: SILVA, Gisele; VOGEL, Daisi; SILVA, Terezinha (org.). **Apuração, redação e edição jornalística**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2022.

O ESTADO DE SÃO PAULO. **Crack: a invasão da droga nos rincões do sossego** (2014). Disponível em: <<https://infograficos.estadao.com.br/public/especiais/crack/>>. Acesso em: 27 ago. 2022.

ORTRIWANO, G.S. **A informação no rádio: os grupos de poder e a determinação de conteúdo**. 4ª ed. São Paulo, SP: Summus, 2001.

PEREIRA, Alexandre André Santos. MONTEIRO, Jean Carlos da Silva. Jornalismo no Tiktok, check! In: **Revista Latino-Americana de Estudos Científico**, v. 02, n.12, nov/dez 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/ipa/article/view/37174>. Acesso em: 06 fev. 2023.

PEREIRA JUNIOR, Luiz da Costa. **A Apuração da Notícia**. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 2006.

_____. **Guia para a edição jornalística**. 4 ed, Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

PINTO, Ana Estela de Sousa. **Jornalismo Diário**. São Paulo: Publifolha Editora, 2009.

POELL, Thomas. NIEBORG, David. VAN DIJCK, José. Plataformização. In: **Revista Fronteiras - estudos midiáticos**. Vol. 22, n. 1, p. 2-10, jan/abr 2020. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/fem.2020.221.01> Acesso em: 30 out. 2023.

PRADO, Magaly. **Produção de Rádio: um manual prático**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

PRATTEN, Robert. **Getting Started with Transmedia Storytelling: a practical guide for beginners** 2011.

PUCCINI, Sergio José. **Documentário e Roteiro de Cinema: da pré-produção à pós-produção**. Tese (Doutorado em Multimeios. Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 2007.

RABAÇA, Carlos Alberto. BARBOSA, Gustavo Guimarães. **Dicionário de Comunicação**. Rio de Janeiro: Campos/Elsevier, 2001.

RADIO SENADO. **Reportagem Especial Brasil Desigual**. 2005. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/radio/1/reportagem-especial/2012/01/06/brasil-desigual-1a-parte>>. Acesso em: 10 set. 2023.

REBOUL, Olivier. **Introdução à Retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

REGINATO, Gisele Dotto. **As finalidades do jornalismo**. Florianópolis: Insular, 2019.

RÊGO, Sofia Costa. **Estratégias transmídias e construção do ethos do jornal da Record News**. 2017. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Programa de Pós-graduação em Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2017.

REIS, Marcos Vinícius. **Desat.se: produção jornalística sobre saúde mental em perspectiva transmidiática**. 2020. 78 p. Relatório Técnico-Científico de mestrado (Programa de Pósgraduação em Tecnologias, omunicação e Educação) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/31504>. Acesso em 31 out. 2023.

RENÓ, Denis; FLORES, Jesús. **Periodismo Transmedia: Reflexiones y técnicas para el ciberperiodista desde los laboratorios de medios interactivos**. Madrid: Editorial Fragua, 2012.

REY, Marcos. **O roteirista profissional**. São Paulo: Ática, 2003.

SALAVERRÍA, Ramón. Multimedialidade: informar para cinco sentidos. In: CANAVILHAS, João (org.). **Webjornalismo: 7 caraterísticas que marcam a diferença**. Covilhã: LabCom, 2014, p. 25-52.

SALAVERRÍA, Ramón; NEGREDO, Samuel. **Periodismo integrado: convergencia de medios y reorganización de redacciones**. Barcelona: Editorial Sol90 Media, 2008.

SALLES, Sergio de Souza. FERNANDES, Geovana Faza da Silveira. O papel estruturador do dissenso nas democracias contemporâneas: um diálogo necessário entre a teoria política do dissenso e a ideia de democracia radical. In: **Synesis**, v. 14, n. 2, p. 135-174, ago/dez 2022.

SANTAELLA, Lucia. **Matrizes da linguagem e do pensamento**: sonora, visual, verbal. São Paulo: Iluminuras, 2005.

SANTOS, Patrícia Martins. **Vai entender**: uma proposta de produto transmídia sob a perspectiva do jornalismo participativo nas tvs regionais. 2015. 84 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.14393/ufu.di.2015.84> Acesso em: 31 out. 2023.

SCHMITZ, Aldo Antônio. **Fontes de notícias**: ações estratégicas das fontes no jornalismo. Florianópolis: Combook, 2011.

SCHWINGEL, Carla. **Ciberjornalismo**. São Paulo: Paulinas, 2012.

SCOLARI, Carlos Alberto. **Narrativas transmedia**: Cuando todos los medios cuentan. Barcelona: Duesto, 2013.

SODRÉ, Muniz; e FERRARI, Maria Helena. **Técnica de Reportagem**. Notas sobre a narrativa jornalística. São Paulo: Summus, 1986.

SOLLITTO, André; ALEJANDRO, Diego. TikTok substitui o Google como ferramenta de busca entre os mais jovens. In: **Veja**. São Paulo, 23 set. 2022. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/tecnologia/tiktok-substitui-o-google-como-ferramenta-de-buscaentre-os-mais-jovens/>. Acesso em: 21 jul. 2023.

SOUZA, Jaqueline M. **Breve História do Roteiro**. [S.l.] 2011. Disponível em: <https://www.tertulianarrativa.com/breve-historia-do-roteiro>. Acesso em 10 out. 2022.

SOUZA, Jorge Pedro. **Fotojornalismo**: uma introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa. Porto: Labcom, 2002.

SQUARISI, Dad. **Manual de redação e estilo**. Brasília: Fundação Assis Chateaubriand, 2005.

TESSLER, Eduardo. O impresso como produto para um público exigente. In: **Meio & Mensagem**. Disponível em: <https://www.meioemensagem.com.br/home/opiniaio/2018/04/26/o-impresso-como-produto-para-um-publico-exigente.html>. Acesso em: 03 ago. 2022.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**: por que as notícias são como são. V. 1. 3. ed. rev. Florianópolis: Insular, 2012.

_____. **Teorias do Jornalismo**: por que as notícias são como são. V. 2. 2 ed. Florianópolis: Insular, 2005.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Um estudo textual-discursivo do verbo no português do Brasil**. 1991. 330p. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1991.

UFAL – UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS. **Projeto Pedagógico do Curso de Jornalismo Bacharelado**. Maceió, 2014. Disponível em: <<https://ichca.ufal.br/pt-br/graduacao/jornalismo/documentos/projeto-pedagogico-de-jornalismo>>. Acesso em: 15 ago. 2022.

UFPE - UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO. **Projeto Pedagógico do Curso de Jornalismo**. Recife, 2020 (documento de trabalho).

VAN DIJK, Teun Aun. Estrutura da notícia na imprensa. In: **Cognição, discurso e interação**. São Paulo, Contexto, 1999, p. 122-155

VASCONCELOS, Pedro. A articulação analógico-digital como possibilidade no jornalismo transmídia. In. **XXX Encontro Anual da Compós**, 2022, Imperatriz-MA. Disponível em: <<https://proceedings.science/compos/compos-2022/papers/a-articulacao-analogico-digital-como-possibilidade-no-jornalismo-transmidia>>. Acesso em: 04 ago. 2022.

VILAS BOAS, Sérgio. **O estilo maganize: o texto em revista**. São Paulo: Summus, 1996.

APÊNDICE A – QUADRO COMPARATIVO DOS ITENS E CRITÉRIOS DE SELEÇÃO DE EDITAIS DE BOLSA-REPORTAGEM LANÇADOS EM 2022

ENT.	AGÊNCIA REPORTER BRASIL	INSTITUTO VLADMIR HERZOG	OBSERVATÓRIO LELA	PROJETO COLABORA	ASSOCIAÇÃO DE JORNALISTAS DE EDUCAÇÃO - JEDUCA	AGÊNCIA PÚBLICA
TEMA PARA REPORTAGEM	Ruralômetro 2022	“Os gritos que o mundo dá e que o jornalismo precisa ouvir”	As doenças dos rios e outros cursos d’água (meio ambiente natural) e/ou Patrimônios culturais brasileiros: morrer, sobreviver ou se ressignificar? (patrimônio cultural).	Agrotóxicos	temas relevantes da educação pública brasileira	Alimentação e Mudanças Climáticas
ABORDAGEM DA PAUTA	“As pautas apresentadas deverão abordar a relação entre os deputados federais em exercício e temas socioambientais, demonstrando a importância das eleições legislativas para o meio ambiente, trabalhadores rurais, povos indígenas e outras comunidades tradicionais”.	“Nesta 14ª edição, o PJJ incentiva a produção de pautas que traduzam as necessidades e as esperanças de um país assolado por emergências sanitárias, desastres ambientais, ameaças à democracia e seus valores, desinformação, violência, desigualdades e fome. (...) Olhar com atenção o presente e fazer ecoar os gritos do mundo é prerrogativa do jornalismo, que por meio das pautas que escolhe e das reportagens que desenvolve, também conta a história do cotidiano e é capaz de transformá-lo. Fica, então, o desafio: quais pautas o mundo está gritando? E fica a dica: para ouvir o presente e ajudar a construir o futuro em bases mais éticas, humanas e solidárias, o Jornalismo e os Direitos Humanos têm papel fundamental.”	Para essa bolsa-reportagem, buscamos pautas inéditas, com o viés educativo e multimídia (textos, fotos, áudios, infográficos e vídeos), que possam trazer casos concretos de como algum bem material ou imaterial no território brasileiro se transformou – ou não – frente às mudanças de perfil sociais, econômicos e culturais da comunidade onde estão inseridos. Queremos uma história que responda a esse questionamento: E os patrimônios que você conhece, atualmente estão mortos, sobrevivem ou se ressignificam? - que tragam casos concretos de como um rio, riacho, ribeirão, córrego ou qualquer outra fonte de água no território brasileiro “adoeceu”. Queremos mostrar às atuais gerações, de forma clara e em linguagem acessível, como a realidade da relação humana com a sua fonte de água mudou ao longo do tempo.	Não consta	Não consta	Não consta

ENT.	AGÊNCIA REPORTER BRASIL	INSTITUTO VLADMIR HERZOG	OBSERVATÓRIO LELA	PROJETO COLABORA	ASSOCIAÇÃO DE JORNALISTAS DE EDUCAÇÃO – JEDUCA	AGÊNCIA PÚBLICA
PONTOS DA PAUTA	Proposta de pauta detalhada, contendo: – Título; – Resumo da pauta; – Como se pretende usar o Ruralômetro 2022 na execução; – Quais informações extras se pretende buscar para complementar a reportagem	Não consta	Proposta de pauta detalhada; Plano de trabalho (cronograma, viagens);	Proposta de pauta inédita detalhada: 1. Pesquisa inicial; 2. Contexto, 3. Possíveis fontes. Plano de trabalho, incluindo tempo de pesquisa, métodos jornalísticos a serem empregados e produtos a serem entregues (texto, fotos, vídeo, infográficos);	Proposta de pauta: texto de no máximo 2 mil caracteres sobre a relevância da pauta e seu contexto (a questão principal, o problema, a denúncia, o inusitado). Projeto e roteiro de apuração: texto de no máximo 2 mil caracteres deve incluir o que pretende apurar, quais são as perguntas a fazer, teses a comprovar, indicações de quais municípios ou estados onde a reportagem será apurada, fontes que pretende ouvir, referências (conteúdos jornalísticos ou acadêmicos sobre o tema) e como os recursos devem ser usados de acordo com a pauta (como por exemplo: para garantir que o profissional consiga se dedicar exclusivamente à reportagem ou a contratação de mais profissionais, como programadores de dados, fotógrafo e/ou cinegrafistas).	Proposta de pauta inédita detalhada: 1. Pesquisa inicial; 2. Contexto; 3. Possíveis fontes. Plano de trabalho, incluindo tempo de pesquisa, métodos jornalísticos a serem empregados e produtos a serem entregues (texto, fotos, vídeo, infográficos);

ENT.	AGÊNCIA REPORTER BRASIL	INSTITUTO VLADMIR HERZOG	OBSERVATÓRIO LELA	PROJETO COLABORA	ASSOCIAÇÃO DE JORNALISTAS DE EDUCAÇÃO - JEDUCA	AGÊNCIA PÚBLICA
CRITÉRIOS	"A seleção levará em conta os seguintes critérios: – Pautas apresentadas por candidatos de origem indígena ou que vivam na Amazônia Legal - serão priorizadas; – Alinhamento da pauta com a proposta da bolsa; – Originalidade e relevância jornalística da pauta; – Consistência na pré-apuração e viabilidade de execução no prazo; – Experiência prévia do candidato."	"Serão considerados os critérios de coerência, relevância e exequibilidade no processo seletivo das propostas de pauta "	"As pautas serão avaliadas de acordo com os critérios de consistência na pré-apuração; originalidade, criatividade e relevância da pauta; experiência do profissional; segurança e viabilidade da investigação; e recursos e métodos a serem utilizados na reportagem"	"A comissão de seleção levará em conta os seguintes critérios: 1. consistência na pré-apuração; 2. originalidade e relevância da pauta; 3. experiência do repórter e capacidade de realizar reportagens de forma independente; 4. segurança e viabilidade da investigação; 5. recursos e métodos jornalísticos a serem utilizados."	"Serão levados em consideração pela Comissão Julgadora e Editorial a originalidade da pauta, a relevância para a sociedade, a consistência do plano de apuração, o portfólio do candidato, o currículo e o plano de publicação"	"A Comissão Julgadora levará em conta os seguintes critérios: – consistência na pré-apuração; – originalidade e relevância da pauta; – experiência do repórter e capacidade de realizar reportagens de forma independente; – segurança e viabilidade da investigação; – recursos e métodos jornalísticos a serem utilizados".

ENT.	AGÊNCIA REPORTER BRASIL	INSTITUTO VLADMIR HERZOG	OBSERVATÓRIO LELA	PROJETO COLABORA	ASSOCIAÇÃO DE JORNALISTAS DE EDUCAÇÃO - JEDUCA	AGÊNCIA PÚBLICA
EXEMPLO	Entre exemplos de possíveis histórias, podemos listar: – Investigações sobre infrações cometidas por determinado parlamentar ou grupo de parlamentares – Perfil de político mal-avaliado – Exposição de possíveis conflitos de interesse entre determinado parlamentar e algum de seus doadores de campanha (vale também para as doações feitas neste ano, desde que o recebedor das doações seja um deputado federal que está no Ruralômetro 2022) – Análise de recortes dos dados do Ruralômetro 2022 (por gênero ou raça do parlamentar, por estado ou região do país etc.)	Não consta	MEIO AMBIENTE NATURAL As doenças dos rios e outros cursos d'água Na história, os cursos dos rios foram importantes meios de transporte, decisivos para a formação de cidades e fonte de vida, seja no fornecimento de água ou de alimentos. A grande maioria das comunidades indígenas e, posteriormente, das cidades brasileiras se formaram exatamente por possuírem um curso d'água próximo ao local escolhido para se estabelecer a morada ou a paragem. Com o passar dos séculos, os rios começaram a ser utilizados para o descarte: do esgoto, dos rejeitos industriais, dos garimpos em seus leitos, entre outras atividades. Também passaram a sofrer com os efeitos do desmatamento em suas margens, dos barramentos de seus leitos e da exploração sem controle de suas fontes de alimento. MEIO AMBIENTE CULTURAL Patrimônios culturais brasileiros: morrer, sobreviver ou se resignificar? Quando as primeiras políticas públicas de preservação de patrimônios – nas primeiras décadas do século 20, a opção por seus tombamentos partia de uma decisão puramente técnica, o que já era um imenso avanço. Quase 100 anos depois, essa metodologia já não é tão simples assim. ...	Não consta	Não consta	Não consta

ENTIDADE	AGÊNCIA REPORTER BRASIL	INSTITUTO VLADMIR HERZOG	OBSERVATÓRIO LEIA	PROJETO COLABORA	ASSOCIAÇÃO DE JORNALISTAS DE EDUCAÇÃO - JEDUCA	AGÊNCIA PÚBLICA
EXEMPLO (CONT.)	– Apuração de como um projeto ou conjunto de projetos de lei pode prejudicar determinado grupo social ou bioma – Investigações sobre as bases eleitorais de candidatos mal-pontuados, entre outros. A lista acima não é restritiva, e o candidato deve se valer de sua criatividade e conhecimento sobre as realidades locais para a elaboração da proposta. A pauta não poderá fazer campanha a favor de nenhum político ou partido.	Não consta	Hoje, para se decidir pela proteção de um bem é necessário que se tenha a certeza de que ele tem essa dimensão para a comunidade onde está inserido. Os diversos patrimônios culturais são dinâmicos e se alteram constantemente. Uma festividade religiosa, como as festas de Nossa Senhora do Rosário, pode manter o seu significado por décadas, ou aderir novos públicos, ideias, percursos, cantigas. Como é a realidade de um prédio histórico que abrigava um cinema de rua, numa cidade do interior do Brasil, onde já não se mantém o costume pela projeção de filmes “na telona”? Neste sentido, entende-se preservação e desenvolvimento como dois conceitos que caminham juntos, hora antagônicos, hora de mãos dadas.	Não consta	Não consta	Não consta
LINK	https://reporterbrasil.org.br/2022/08/reporter-brasil-lanca-bolsa-de-6500-para-reportagem-usando-o-ruralometro-2022/	https://vladimirherzog.org/regulamento/	https://leia.org.br/wp-content/uploads/2022/10/Editorial_Bolsa-reportagem_Observatorio-Lei.A.pdf	https://projeto colabora.com.br/ods3/regulamento-bolsas-parareportagens-sobre-agrotoxicos/	https://jeduca.org.br/editorial/4-o-Editorial-de-Jornalismo-de-Educacao-2022.pdf	https://apublica.org/2022/01/regulamento---microbolsas-alimentacao-e-mudancas-climaticas

APÊNDICE B – MAPAS MIDIÁTICO-TEMÁTICOS DOS ESPECIAIS *TUDO SOBRE*

Mapa midiático-temático das estratégias de expansão do especial
Tudo Sobre Belo Monte

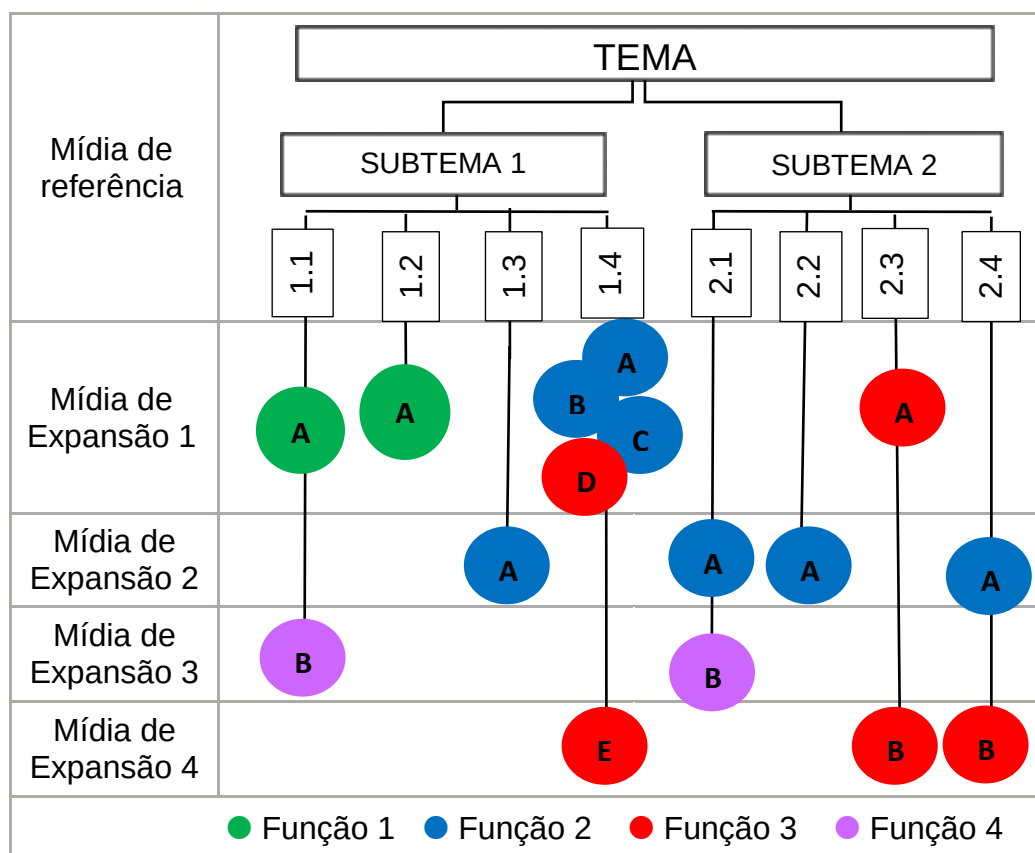
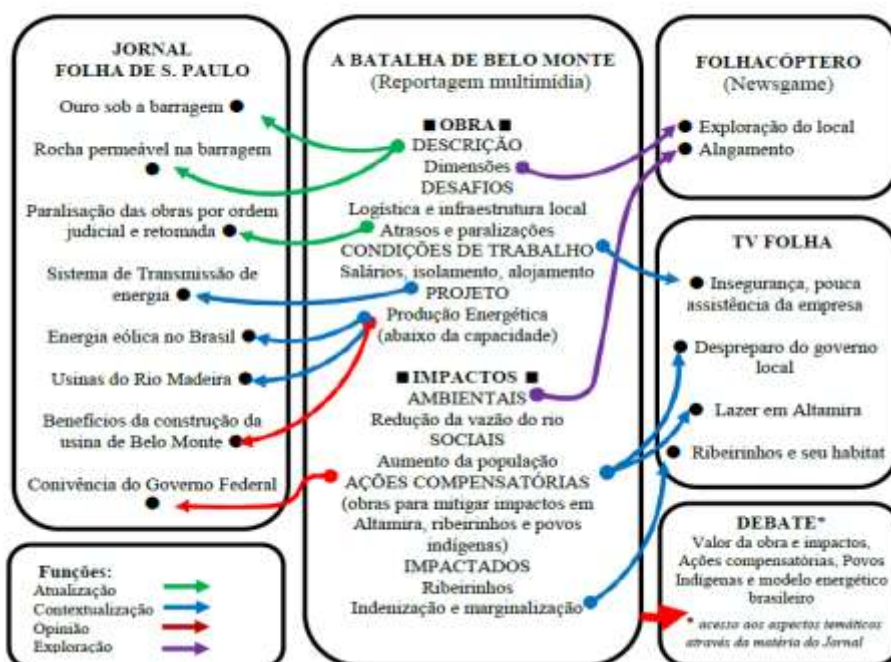


Figura 5 – Expansão temática do especial *Tudo Sobre Belo Monte*



Fonte: Macedo (2019, p. 82)

Mapa midiático-temático das estratégias de expansão do especial
Tudo Sobre a Ditadura Militar

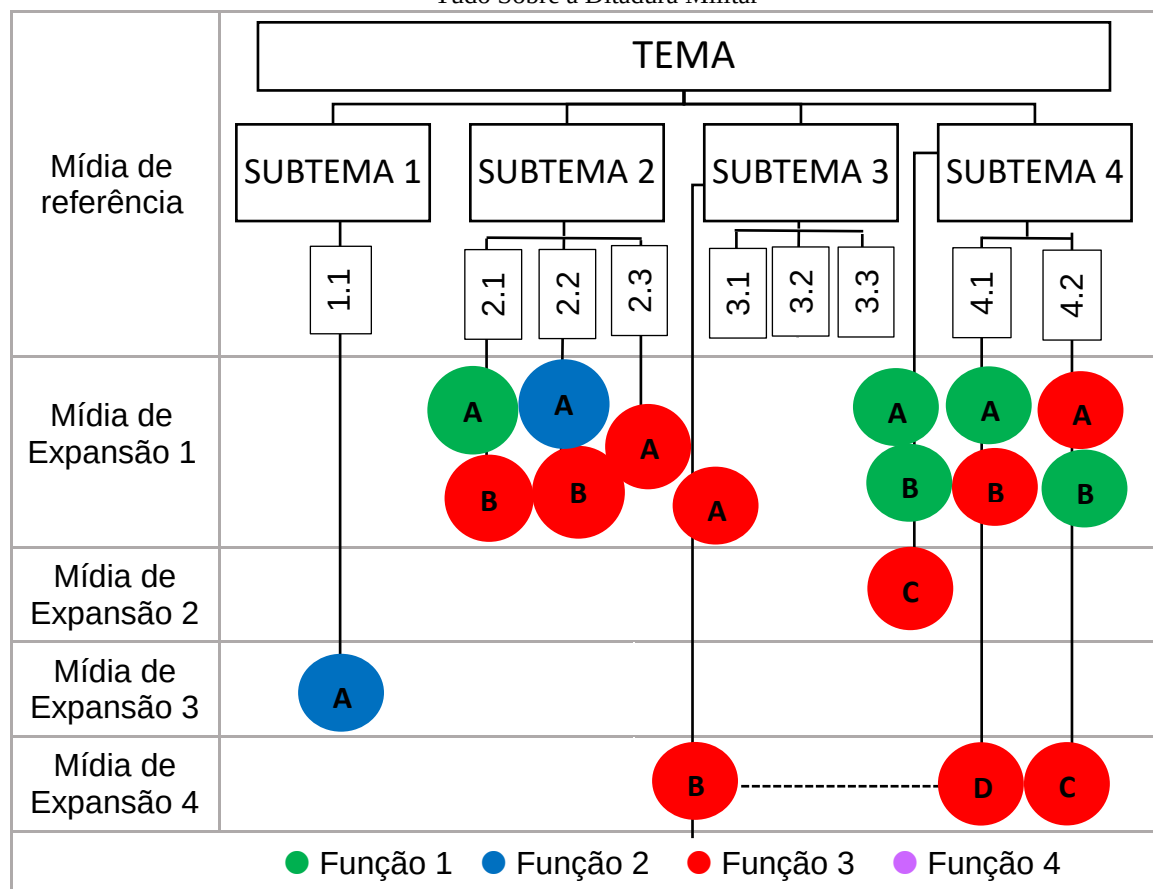
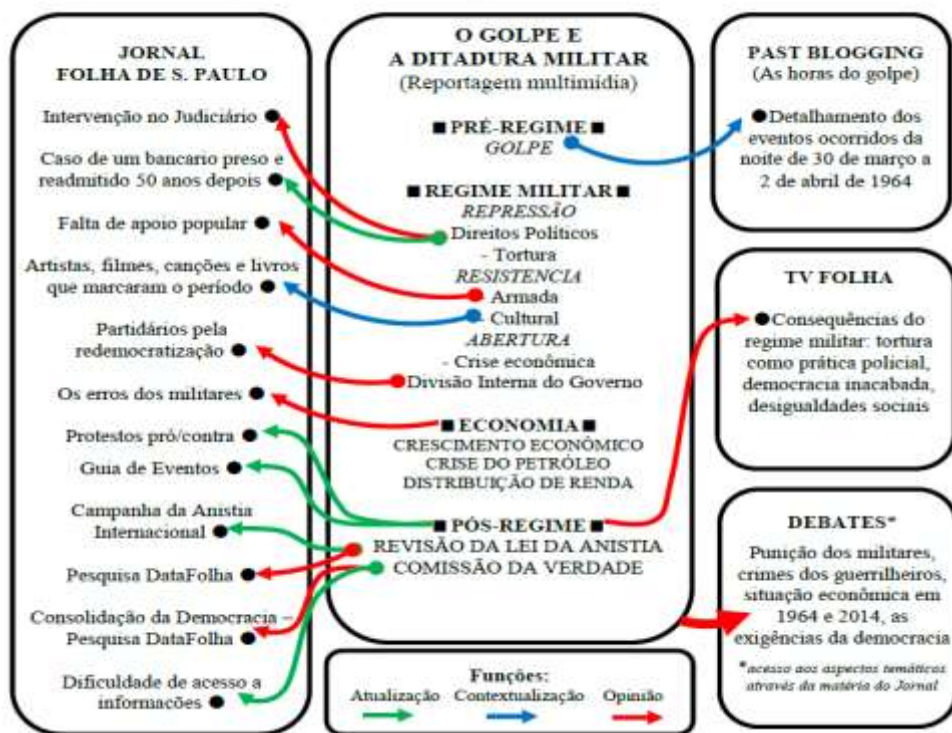


Figura 10 – Expansão temática do especial *Tudo Sobre a Ditadura Militar*



Fonte: Macedo (2019, p. 90)

Mapa midiático-temático das estratégias de expansão do especial
Tudo Sobre a Crise da Água

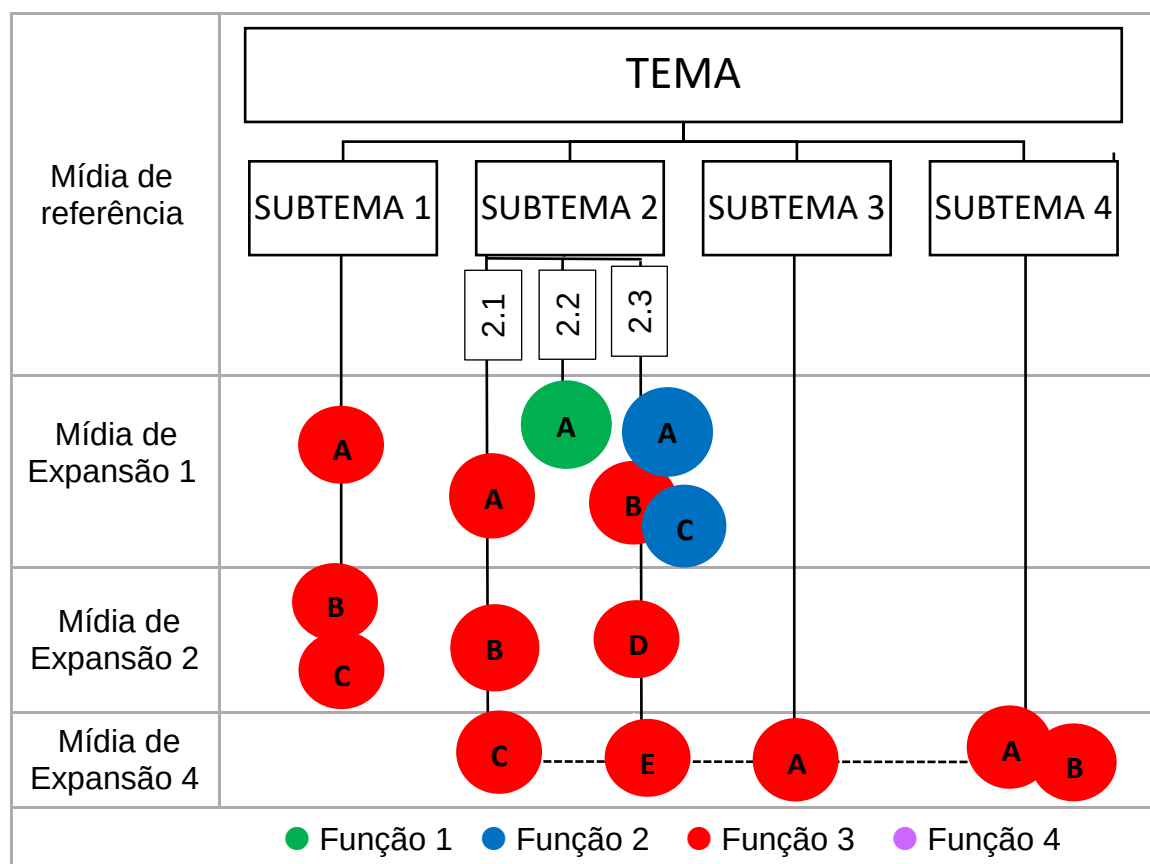
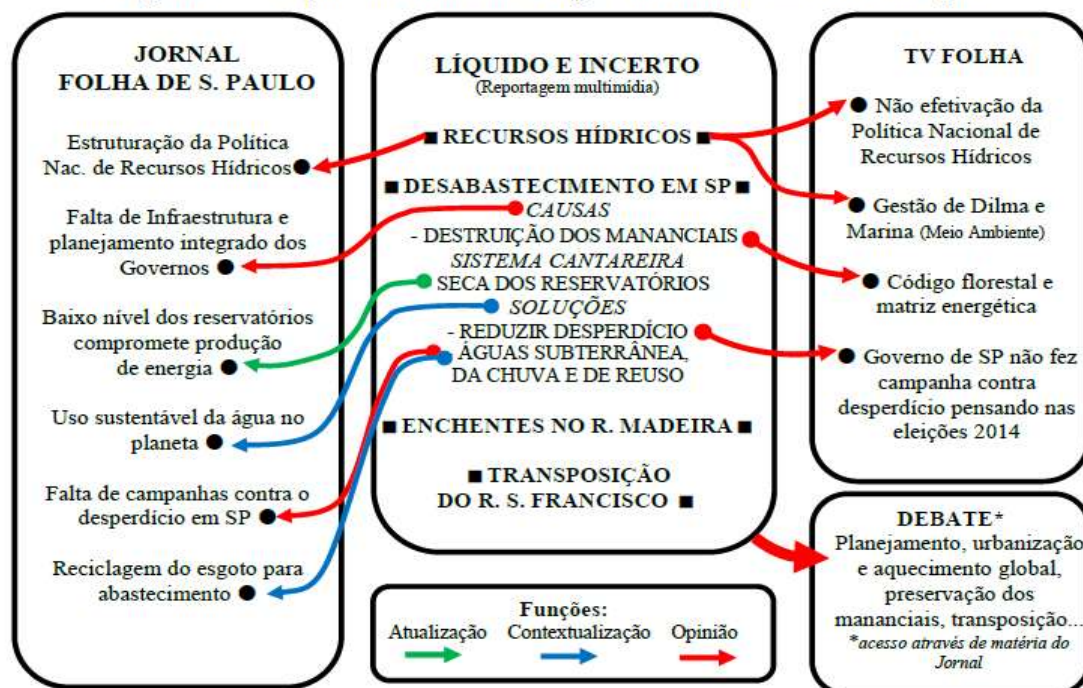


Figura 15 – Expansão temática do especial *Tudo Sobre Crise da Água*



Fonte: Macedo (2019, p. 99)

Mapa midiático-temático das estratégias de expansão do especial
Tudo Sobre Contrabando no Brasil

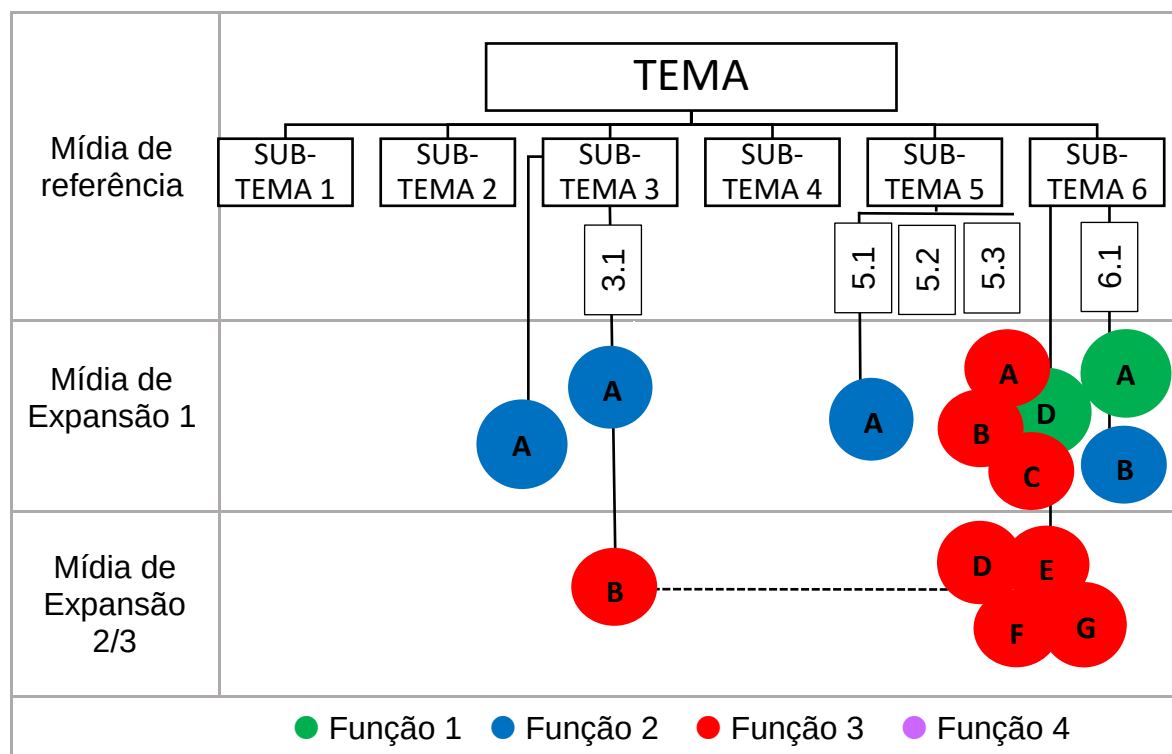
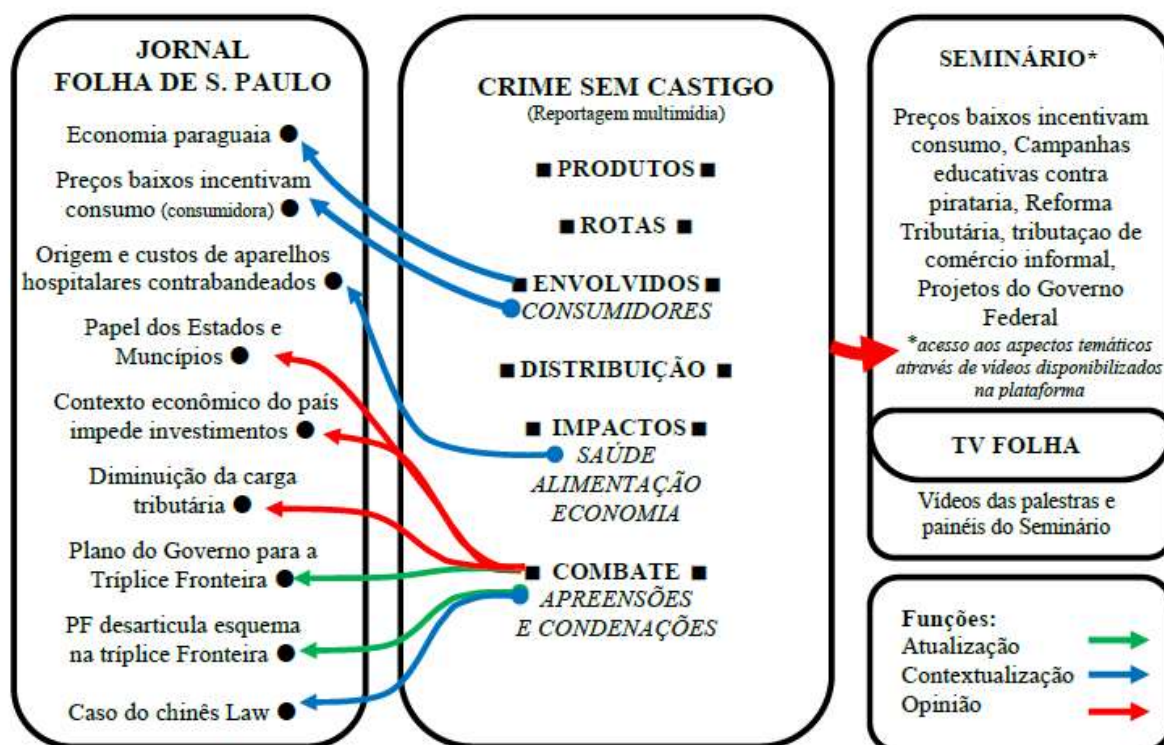


Figura 21 – Expansão temática do especial *Tudo Sobre Contrabando no Brasil*



Fonte: Macedo (2019, p. 111)

Mapa midiático-temático das estratégias de expansão do especial
Tudo Sobre a Ditadura Militar

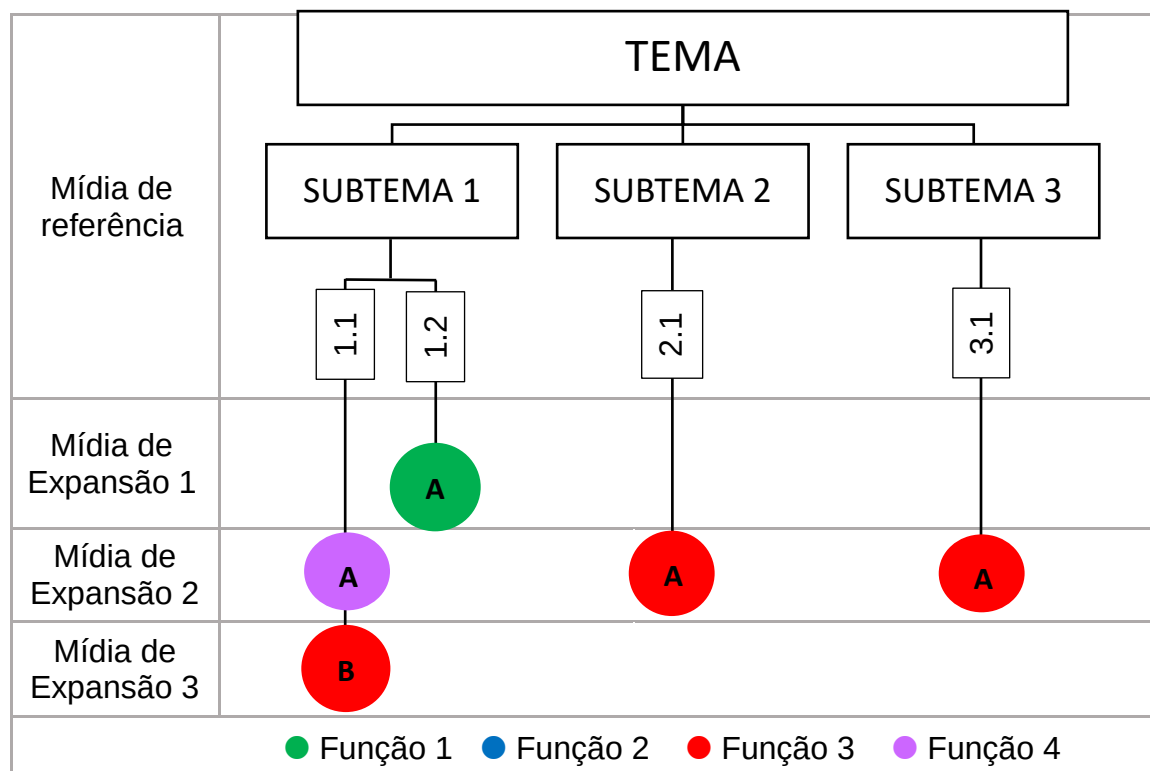
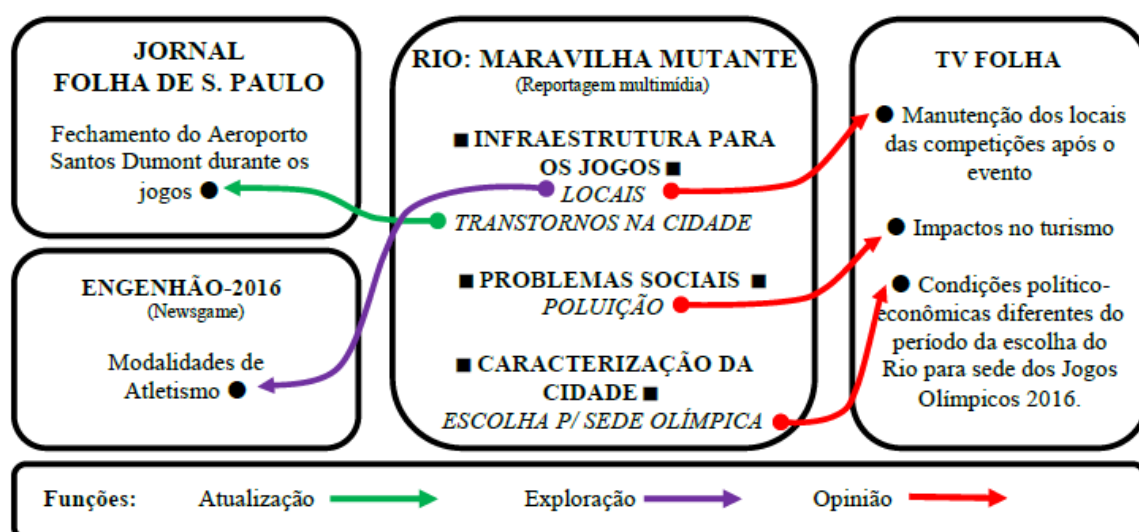


Figura 26 – Expansão temática do dossiê *Tudo Sobre o Rio em Transformação*



Fonte: Macedo (2019, p. 119)

Mapa midiático-temático das estratégias de expansão do especial
Tudo Sobre Desmatamento Zero

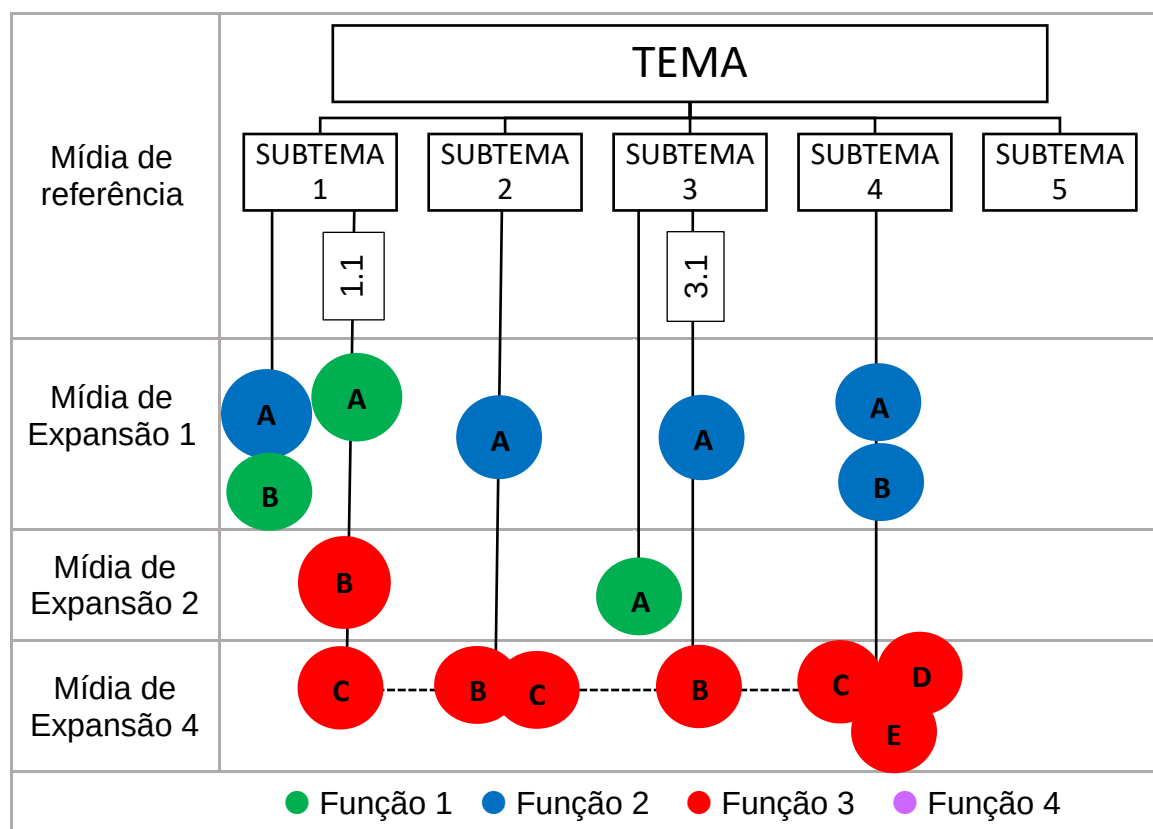
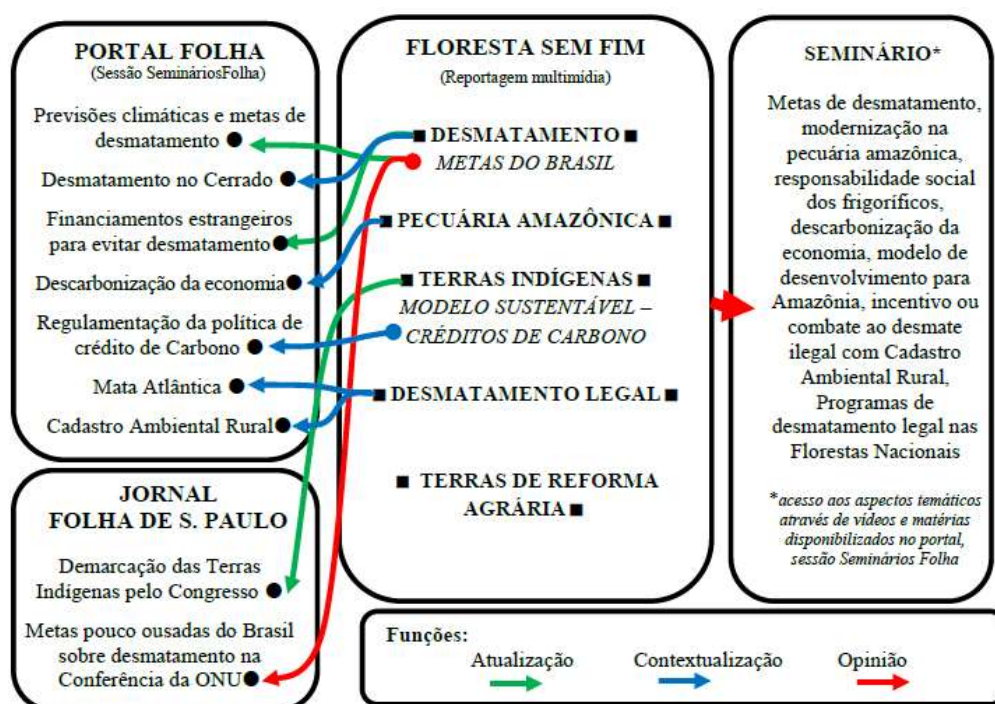
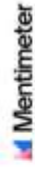


Figura 32 – Expansão temática do dossiê *Tudo Sobre Desmatamento Zero*



Fonte: Macedo (2019, p. 129)

O que sabe ou já ouviu falar sobre transmídia?



É uma forma de adaptar um conteúdo para diferentes públicos e plataformas.

o multiverso das mídias em veicular diversos conteúdos que se conectam de alguma forma

Nunca ouvi falar tanto, mas acredito que a transmídia seja o fato da mídia poder transmitir diversos conteúdos para um público alvo.

Recurso de produção jornalística/midiática para diferentes meios de forma que se complementam

São as diferentes formas de levar a informação, a mídia em diferentes plataformas.

Transmídia é um sistema midiático onde conteúdos interligados são distribuídos em diferentes mídias. Esses conteúdos são interligados e interdependentes que podem ser consumidos isoladamente mas que dão um sentido a mais se consumidos juntos

É como se fosse um conjunto de várias outras mídias juntas para passar para um público (acho que em geral), mas não tenho certeza

Eu tive meu primeiro contato com o tema em 2018, quando paguel uma codeira com esse tema. O que fixou mais pra mim foi os processos de transposição de um conteúdo dentro de vários formatos diferentes, pra impulsionar a discussão do tema

A distribuição de conteúdos diversos, mas associados entre si, em plataformas distintas. Esta articulação entre conteúdos e plataformas também envolve estratégias e práticas de interação



O que sabe ou já ouviu falar sobre transmídia?



O conteúdo transmídia é de complexa montagem porque precisa ser bem conectado e com entendimento independente para quem só consumiu aquele conteúdo entender sem precisar ver tudo o que foi produzido. Não é utilizado em conteúdos factuais do dia a dia

Eu entendo a narrativa transmídia como um sendo uma história/contexto que acontece em diversas plataformas de forma a se complementar e produzir sentido através dessa interatividade.

Paguei uma eletiva que discutiu um pouco o assunto. Recordo que a discussão principal era em torno da migração entre redes. O quarto uma rede poderia se ligar a outra através de conteúdos complementares. Lembro de conceitos como o de hiperlinks tb.

O que distingue a estratégia transmídia de propagação da estratégia transmídia de expansão?



Uma estratégia de propagação pode ser considerada uma forma de multiplicar o mesmo conteúdo em diferentes mídias. Enquanto o de expansão trata-se de aplicação do conteúdo trazendo mais informações e outras realidades ao tema

As de propagação retomam aspectos temáticos já citados. As de expansão desenvolve e aprofunda com novos elementos ou novos aspectos complementares para o tema central.

propagação vai ter o objetivo de chamar atenção e expansão vai oferecer novos elementos para transmissão (complementares ou auxiliares)

A de propagação visa aumentar o alcance de uma produção e a de expansão busca gerar conteúdos que possam levar a produção para um nível mais abrangente

A estratégia de propagação é feita para que o material chegue em um público maior e seja consumido por mais pessoas. A estratégia de expansão é feita para dar profundidade ao tema em diferentes maneiras

Acredito que expansão seja sobre o desenvolvimento do conteúdo e propagação sejam as estratégias de divulgação daquele material.

expansão seria para explorar mais o conteúdo. Propagação teria como objetivo fazer com que o assunto chegue em diversos públicos.



Que elementos vistos na aula de hoje destacaria para um "fazer jornalístico"?



A produção de conteúdos para as diferentes plataformas, as estratégias para instigar os espectadores a consumir os conteúdos

Acredito que os desdobramentos da narrativa seriam interessantes de trabalhar dentro do jornalismo mais tradicional.

A construção da notícia através do planejamento e construção em diferentes mídias, com fundamento e público alvo

Articulação, atuação, estímulo repercussão , hipertextualidade, mídia regente, planejamento...

as estratégias de produzir um teaser para chamar atenção dos telespectadores para um programa de telejornalismo, a produção e planejamento de um podcast também

O explorar dos recursos das diferentes plataformas para melhor aproveitamento do tema.

Estratégias de expansão

Atingir novos públicos , talvez

O que é um roteiro?



- Um tipo de planejamento que traça um caminho sobre o que será feito, falado, etc.
- Uma estrutura narrativa para ser seguida - não a risca - na execução de um determinado produto midiático e/ou artístico. Costuma seguir padrões de acordo com a mídia em questão.
- Um planejamento sequencial, algo a ser seguido de acordo com tal projeto ou produção.

- É uma estrutura para estabelecer a construção narrativa de algum conteúdo.
- O roteiro é o material no qual a reportagem deve se basear a princípio. No entanto, ao longo da produção e da apuração, é possível ter mudanças diante das descobertas. No final, a reportagem podem ser diferente do roteiro planejado.

- Um sistema onde é produzido uma idéia principal que serve para qualquer coisa, desde um trabalho simples até uma novela ou filme. Onde basicamente organizar idéias e pauta como funcionaria tal coisa
- É a descrição detalhada de uma história/narrativa



APÊNDICE G – RESPOSTAS AO QUESTIONÁRIO SOBRE UTILIZAÇÃO DO MÉTODO DE ROTEIRIZAÇÃO TRANSMÍDIA - TURMA PROCESSOS DE ROTEIRIZAÇÃO EM JORNALISMO

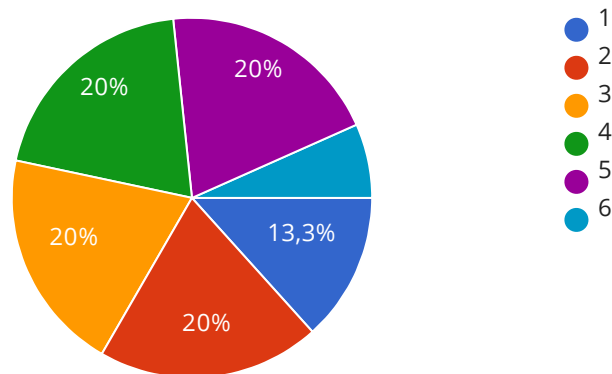
Questionário de Pesquisa

15 respostas

Grupo de Trabalho do qual fez parte

 Copiar

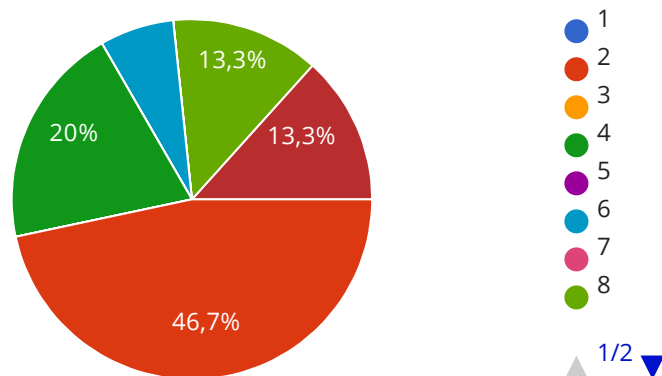
15 respostas



Período Letivo no Curso de Jornalismo

 Copiar

15 respostas

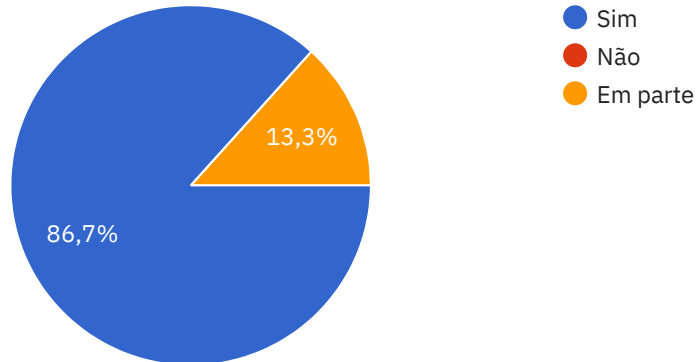


1
2
3
4
5
6
7
8
1/2 ▼

PERGUNTA 1 - Você conseguiu compreender bem a parte teórica apresentada para o processo de roteirização de reportagens transmídia?

 Copiar

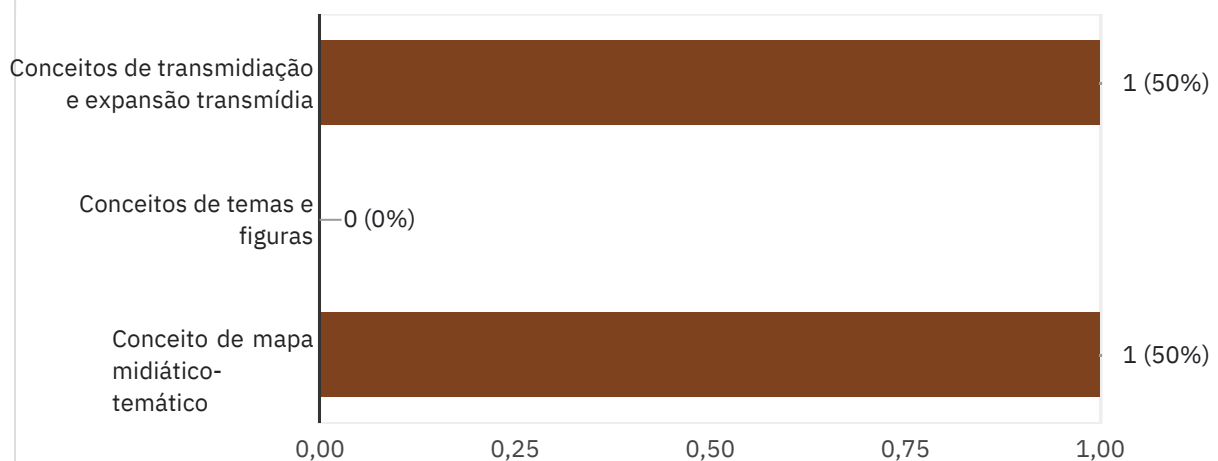
15 respostas



Se sua resposta foi "Não" ou "Em parte", indique quais assuntos encontrou mais dificuldade.

 Copiar

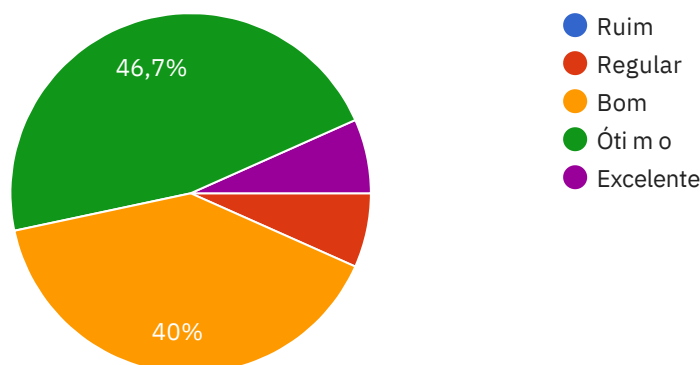
2 respostas



PERGUNTA 2 - Como avalia o roteiro da reportagem especial transmídia produzido pelo seu grupo de trabalho?

 Copiar

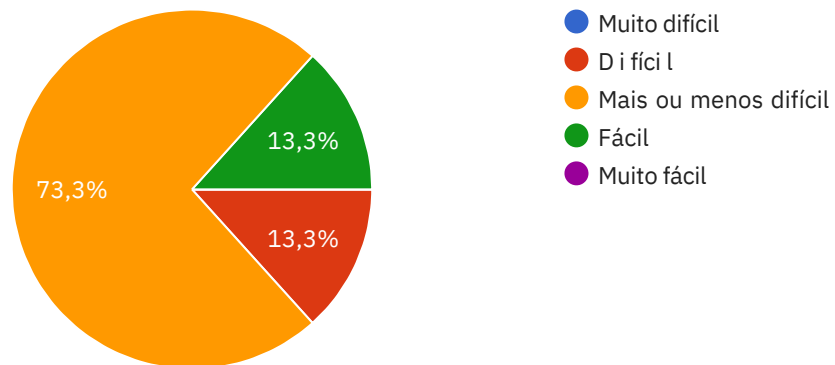
15 respostas



PERGUNTA 3 - Que nível de dificuldade encontrou na realização do exercício de roteirização da reportagem especial transmídia a partir do método apresentado?

 Copiar

15 respostas



Justifique a resposta dada anteriormente!

15 respostas

Difícil elaborar e encaixar os temas com as plataformas e fazer .

Não foi difícil em si pensar e produzir, mas o que me gerou uma certa dificuldade foi ajustar tudo e como seria passado e também a dificuldade no Excel me limitou um pouco

Obtive dificuldade devido a sobrecarga de atividades de outras disciplinas, por isso não tive tanto tempo para me dedicar 100% a esse exercício

A parte mais difícil foi pensar em conteúdos que se entrelaçam mas que não sejam repetitivos ao mesmo tempo.

Acredito que o exercício de roteirização foi um processo necessário para nos introduzir ao que mais tarde seria um mapa midiático.

É complexo pensar a estruturação e conexão entre os aspectos temáticos e a abordagem diferente da matéria principal de maneira que sejam todos interligados como deve ser.

Eu e meu grupo achamos difícil por descascar um tema e pensar em como poderíamos explorar cada ramificação dele em cada mídia.

Encontramos dificuldades mais por conta da pouca experiência na produção e no consumo desse tipo de material. Faltavam ideias.

Construir um roteiro sem nenhuma perspectiva de colocá-lo em prática permite qualquer coisa.

Eu e meu grupo encontramos uma facilidade grande em decidir um tema e desenvolver com base no modelo apresentado pelo professor da disciplina, com poucas alterações no plano original que tínhamos.

Pensar na produção de um conteúdo em cadeia que seja independente e ao mesmo tempo complementar o o texto de referência, sem ser repetitivo, é muito trabalhoso.

Identifico minha dificuldade pela situação de esta em um período inicial da graduação

Como foi a nossa primeira vez realizando algo com essa proposta e não tínhamos tanta experiência com o Excel foi difícil começar, parecia ter um alto nível de complexidade para estruturar os assuntos, interligá-los, pensar nas suas mídias, sua complementariedade e a função que desempenharia dentro da proposta de roteiro em relação ao tema principal (atualização, opinião, contextualização e afins). Até termos uma linha de raciocínio mais fixa e alinhada, foi difícil. Depois que conseguimos fechar uma estrutura, delegar funções, abrir mão de algumas propostas iniciais (que tomariam muito tempo e ainda assim ficariam um pouco inacabadas), foi possível deslanchar o trabalho. Com certeza, o mais difícil é apresentar a proposta, pensar no roteiro, no seu funcionamento, como vamos estruturar e fazer entender as

nossas ideias. Quanto a dificuldade na montagem, acredito que tenha sido a falta de prática com a plataforma, mas ainda assim, pelo menos para mim, o Excel foi a melhor opção.

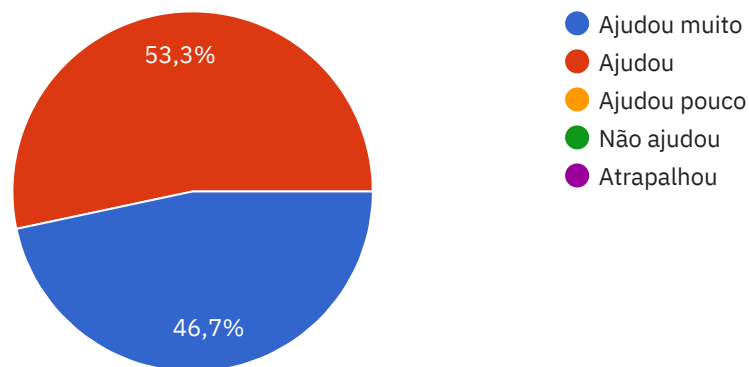
A questões temáticas que o modelo pode abordar são limitadas.

Apesar de a parte teórica ter sido muito bem explanada e compreendida durante as aulas, a parte prática é mais complexa por ser necessário pensar nos desdobramentos temáticos e na melhor forma de executá-los, a melhor mídia, etc.

PERGUNTA 4 - Em que medida o mapa midiático-temático ajudou no processo de roteirização da reportagem especial transmídia?

 Copiar

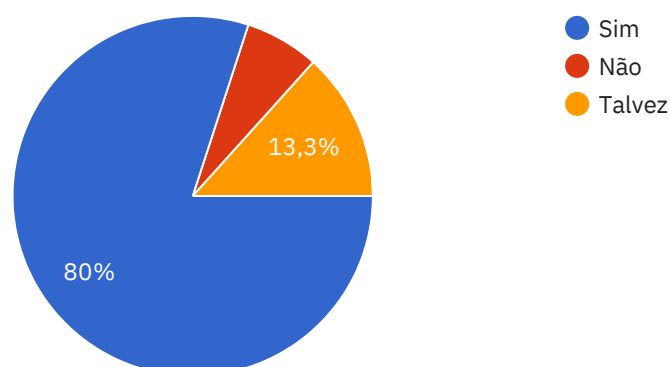
15 respostas



PERGUNTA 5 - Você utilizaria novamente o mapa midiático-temático para roteirizar reportagens especiais transmídia?

 Copiar

15 respostas



Justifique a resposta dada anteriormente!

15 respostas

Sim, mais de uma forma menos complexa. Seria mais para mim dar um suporte para conseguir elaborar e realizar a reportagem.

Porque abrange mas a ideia, possibilitando nossas propostas de um mesmo tema e sem falar que se torna um "atalho" para aplicar qualquer idéia com esse formato, facilitando muito a vida da gente

Porque é bem organizado

O mapa temático ajudou a dar um norte sobre como começar a elaboração de todo o projeto. Uma vez que ele estava bem fixado, e eu pude comparar o meu trabalho com o mapa feito pelo professor, foi mais fácil seguir o que é exigido.

O mapa midiático se mostrou um processo extremamente necessário para a visualização do projeto e organização das mídias e ideias que precisam estar alinhadas e conectadas como em uma teia.

Quando você enxerga o mapa completo com tudo bem estruturado fica mais fácil de entender.

Acredito que seja uma boa forma de visualizar como você trabalhará seu conteúdo.

Com certeza! A organização que o mapa propõe é essencial.

Prefiro outros métodos

Durante a realização do trabalho, notamos como o mapa nos ajudou a cortar caminhos e definir melhor as prioridades da nossa reportagem.

O modelo do mapa é pouco intuitivo para o processo de roteirização, inicialmente, mas após se familiarizar com o modelo é tranquilo de editar e compreender.

Sim, pois conseguimos ter um planejamento amplo

Gostei da forma que através dele, após a sua finalização, é possível visualizar as ideias de um modo autoexplicativo e um pouco mais sucinto. Por exemplo, na produção eu peguei uma folha A4 e escrevi tudo, não em forma de mapa, mas da forma que para mim seria mais fácil compreender, tanto as minhas ideias quanto as das meninas e a forma como alinhamos aquilo que queríamos colocar no mapa. Então escrevi, marquei com diferentes cores de marcadores correspondentes às funções do conteúdo (contextualização ou opinião) e montei as folhas na mesa de uma forma que eu conseguisse visualizar tudo. Era muito complexo e fácil de se perder, tinham muitas palavras, levaria um tempo considerável para ler e tentar entender tudo aquilo, e ainda assim, acho que não seria possível sem a minha explicação. Quando consegui passar para o mapa proposto, vi que se eu pegasse para realizar aquela proposta de conteúdo, seria muito mais simples compreender a ideia, a proposta e como, de fato, aplicá-la. Achei uma forma mais universal de entendimento, resume bem, é fácil de visualizar e pensar a partir dele.

Depois de ver o conteúdo lá, eu mesma fiz vários ajustes porque percebi coisas que estavam desconexas, assuntos que ficaram soltos, temas que poderiam ser incorporados, essas coisas. Eu gostaria de ter tido mais tempo (apesar de saber que tive bastante dentro do possível na disciplina), porque surgiram mais ideias depois de ter o mapa pronto, mas acabamos finalizando ele bem em cima da hora. Acho que é importante sim, organizar as ideias antes de começar a estruturá-las, mas pensar ali dentro do mapa também é interessante e acho que propõe um conteúdo diferente da situação anterior. No entanto, acho que em uma primeira vez causa um estranhamento (lembro da aula de apresentação do mapa) quanto como ele funciona e entender a dinâmica dele que é um tanto particular. Lembro que na primeira vez que o vi, na sua apresentação para turma, senti falta de coisas escritas, eu sou muito detalhista então ver apenas uma retranscrição não seria suficiente para mim. Adorei a parte do desenvolvimento, que podemos falar um pouco sobre as nossas ideias e como foram pensadas, acho primordial para o entendimento em algumas situações (não todas, devo admitir, algumas são bem autoexplicativas e acabam ficando meio repetitivas). Tiraria a parte de colocar equipamentos ou coisas que seriam necessárias para realizar a proposta, na minha visão isso é problema de quem vai produzir, a não ser que exista na proposta uma forma específica de produção daquele material, exemplo o uso de câmeras 360° ou algo assim para algum conteúdo, enfim. Acho que o mapa é muito útil, visual e auxilia no pensamento, facilitando o alinhamento de todas as ideias, por isso o utilizaria novamente, com certeza.

Apesar de bem detalhado o mapa tem algumas limitações de formatos e/ou temas que podem ser utilizados. Então, talvez usaria se fosse pertinente.

Acredito que sem o modelo não teria conseguido entender a execução prática da estratégia transmídia, entretanto, o mapa também é um pouco complexo

PERGUNTA 6 - Que comentários, críticas e sugestões apresentaria acerca do método de roteirização de reportagens especiais transmídia?

15 respostas

Pra mim a disciplina conseguiu transmitir o conteúdo da maneira adequada e passou o conhecimento necessário.

Acho que só recomendaria um estudo rápido antes de começar a fazer um mapa de estudar o Excel para quem não sabe mecher, no mais só que usem a criatividade, assuntos não faltam

Nenhuma em mente

Eu achei um método incrível, um novo jeito de fazer jornalismo que com certeza precisa ser mais explorado. Espero poder aplicar essas lições na minha vida profissional

Acredito que o método se mostra bastante eficiente para o pré produção e para o período de produção.

A parte de detalhamento de cada conteúdo poderia ser colocada em ordem de publicação.

Além de ser bem elucidativo, poderia acrescentar pontos cronológicos nos conteúdos. Ajudaria tanto na questão de perceber melhor como será a aplicação do projeto, como na hora da preparação.

Acredito que o conceito do que é transmídia precisa ficar mais claro mais facilmente, esse ponto ainda me confunde.

.

Acredito que o método seja bastante completo, prático e conclusivo no seu objetivo, não alteraria nada com relação a ele.

Ainda temos muito o que aprender e explorar reportagens e roteirização transmídia. Boa sorte Marcos e futuros pesquisadores desse eixo temático!

Foi um processo de construção positiva, em que ajustamos algumas ideias e como podemos elabora-las.

Falei bastante na resposta anterior, mas acredito que consegui expor bem a minha percepção e experiência. Eu achei o mapa muito válido, visual e descritivo na medida certa. Uma sugestão, acho que depois dele finalizado é bem mais fácil de apontar algumas estratégias de propagação que funcionariam junto as estratégias do conteúdo. Considero uma parte importante da produção, pensar em como divulgar o que está por vir ou produzir conteúdos em sequência, que praticamente se divulgam sozinhos através do interesse do expectador, como uma série documental. É mais fácil de alinhar dentro do mapa e acredito que seja interessante (e faça mais sentido) pensar nisso a partir dele também. A experiência foi ótima!

Sem comentários.

Para mim, a disciplina foi bem satisfatória e o único ponto foi somente o curto prazo para associar a teoria a prática

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google. [Denunciar abuso](#) - [Termos de Serviço](#) - [Política de Privacidade](#)

Google Formulários

APÊNDICE H – RESPOSTAS AO QUESTIONÁRIO SOBRE UTILIZAÇÃO DO MÉTODO DE ROTEIRIZAÇÃO TRANSMÍDIA - TURMA TELECINEJORNALISMO

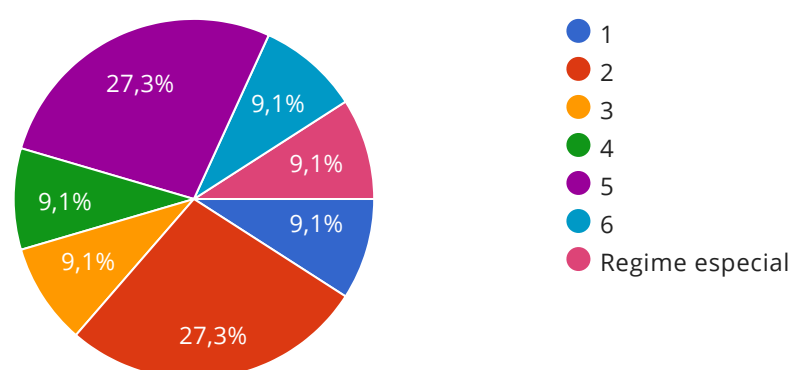
Questionário de Pesquisa

11 respostas

Grupo de Trabalho do qual fez parte

 Copiar

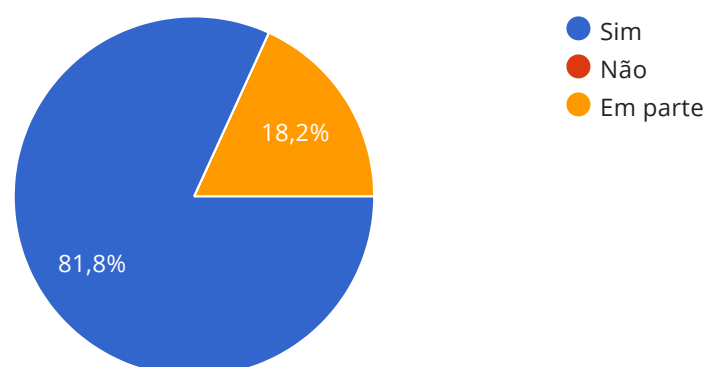
11 respostas



PERGUNTA 1 - Você considera que conseguiu compreender bem a parte teórica apresentada durante as aulas para a roteirização de reportagens transmídia?

 Copiar

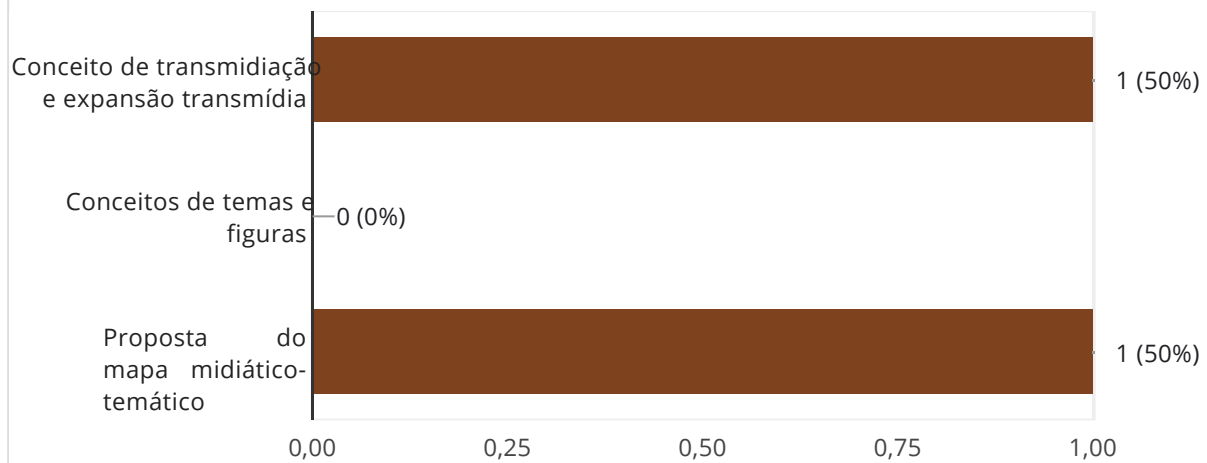
11 respostas



Se sua resposta foi "Não" ou "Em parte", indique quais assuntos encontrou mais dificuldade.



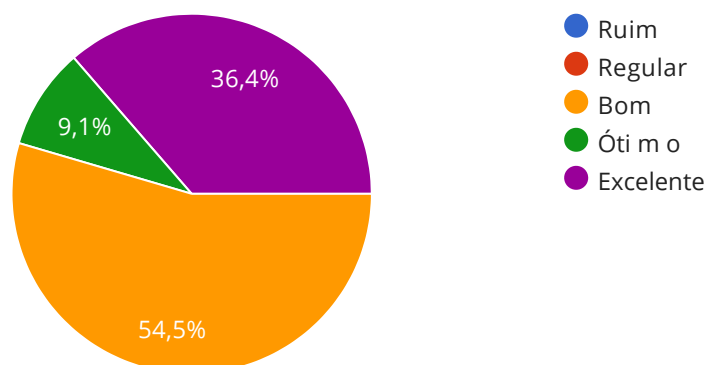
2 respostas



PERGUNTA 2 - Como avalia o roteiro da reportagem especial transmídia produzido pelo seu grupo de trabalho?



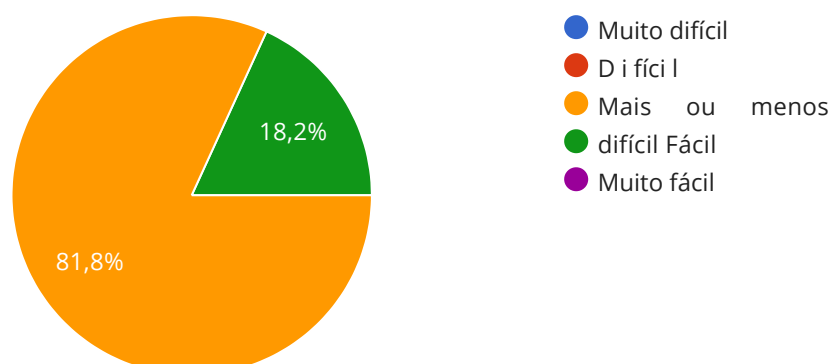
11 respostas



PERGUNTA 3 - Que nível de dificuldade encontrou na realização do exercício de roteirização da reportagem especial transmídia a partir do método apresentado?



11 respostas



Justifique a resposta dada anteriormente!

11 respostas

Achei fácil a realização do exercício devido aos ensinamentos passados durante as aulas, além da possibilidade de tirar dúvidas específicas durante as orientações.

Tivemos alguns problemas no percurso, mas não afetou o desenvolvimento

Os desdobramentos dos temas em outros formatos eram mais desafiadores, exigia muito debate para conseguirmos alinhar com a proposta.

A maior dificuldade, de fato, foi pensar/organizar conteúdos associados ao tema central, mas sem repetir aquilo que já foi apresentado.

As instruções dadas em aula, aliadas ao comprometimento da equipe, tornaram mais fácil a realização do trabalho, ainda que o conteúdo fosse algo completamente novo.

Por estar acostumada com os moldes tradicionais, encontrei um pouco de dificuldade pra "sair da caixinha". A planilha do Excel também exigiu um pouco de paciência pra entender e elaborar corretamente a atividade

O conteúdo estrutural (como usar o mapa, funções, etc) da roteirização da reportagem transmiídia foi aprendida claramente, ainda mais com os exemplos apresentados. A dificuldade surge, porém, ao termos que propor o nosso próprio tema e aprofundar vários assuntos, criando o passo a passo da reportagem no campo das ideias, sem "de fato" realizar a reportagem.

Na prática, pensar em estratégias de expansão foi difícil.

Com as explicações da aula e com a leitura das reportagens foi bem mais simples conseguir pensar em reportagens transmiídias para o conteúdo :)

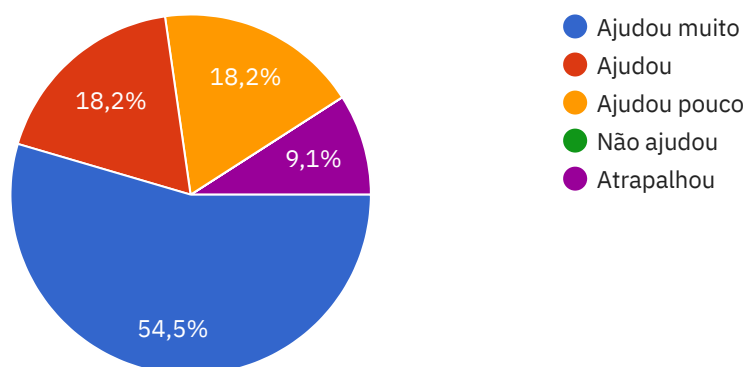
Encaixar ideias e planejamentos abstratos em uma planilha não foi muito intuitivo. Geralmente imagino escrever por extenso o planejamento, ou através de um mapa mental.

Detalhar bem o mapa midiático pensando em não deixar pontas soltas foi um desafio

PERGUNTA 4 - Em que medida o mapa midiático-temático ajudou no processo de roteirização da reportagem especial transmídia?

 Copiar

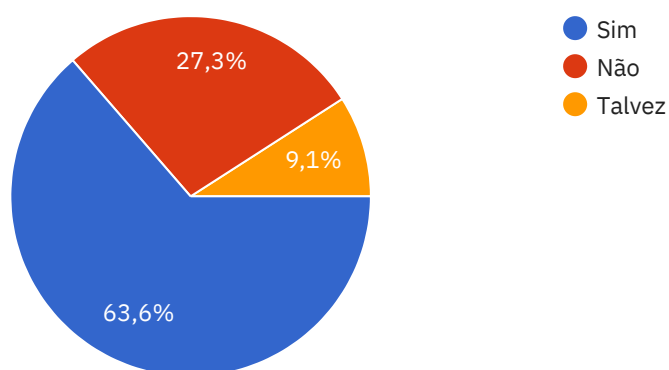
11 respostas



PERGUNTA 5 - Você utilizaria novamente o mapa midiático-temático para roteirizar reportagens especiais transmídia?

 Copiar

11 respostas



Justifique a resposta dada anteriormente!

11 respostas

Utilizaria novamente o mapa pois ajuda muito a enxergar as reportagens de forma ampla, possibilidade analisar com mais facilidade o que precisa ser acrescentado, retirado ou adaptado.

É um trabalho bastante extenso para realização, não sei se seria uma primeira escolha

Apesar dos momentos que exigem bastante reflexão, o mapa midiático torna fácil a organização das informações e os desdobramentos do roteiro Transmídia.

A organização do mapa temático, em tópicos e blocos, é uma alternativa bem mais viável do que escrever propriamente uma grande reporter, tão somente em texto.

O mapa foi, sem dúvidas, a parte mais desafiadora. Não só pelo uso da ferramenta excel, mas também pela complexidade do formato. Acabou sendo um trabalho a mais na execução.

A questão com o mapa midiático é entender como preencher. Depois de entender, fica mais fácil seguir o raciocínio e preencher - acaba sendo mais prático que fazer listas, por exemplo

Tenho particularmente uma necessidade de organizar o máximo possível algo que tenha muitas ramificações, como uma reportagem transmídia. Colocar as ideias e funções em um esquema de planilha me ajudou bastante a visualizar o conteúdo e criá-lo sem me perder.

Eu até gosto de planilha, mas acho que outros modelos podem ser pensados para serem mais intuitivos.

Apesar de algumas limitações do excel, a visão geral do mapa torna muito mais detalhado e entendível o caminho da reportagem transmídia!

Embora facilite uma visualização macro do tema, sinto que eu me sairia melhor com um texto corrido (o qual indique também a ordem cronológica de lançamento dos produtos transmídia) ou até com uma apresentação de powerpoint.

O mapa cobre todos os pontos necessários para o planejamento de um roteiro e pela sua versatilidade pode se encaixar em projetos diferentes também.

PERGUNTA 6 - Que comentários, críticas e sugestões apresentaria acerca do método de roteirização de reportagens especiais transmídia?

11 respostas

Considero interessante o método de roteirização de reportagens transmídia, pois é bastante útil para pessoas do tipo visual, que podem transformar pautas em imagens, sendo um grande elemento para fixação do aprendizado.

Não tenho

Acredito que deve estabelecer um prazo maior para que as ideias possam fluir de maneira mais organizada tendo em vista que é um trabalho que exige bastante reflexão acerca do tema proposto.

Nada a acrescentar.

É um formato importante, indispensável na formação dos novos jornalistas. Uma pena que tenhamos entrado em contato com isso apenas no último período do curso, quando teria sido o momento de apenas afinar o método, e não aprender tudo do zero e executar nas pressas.

Não colorir de acordo com as funções do material transmidia e sim para facilitar a localização na lista das retrancas. Fica mais fácil de localizar. A função do material pode entrar na lista da descrição da retranca (formato, material, função...)

Dada a complexidade da elaboração de uma reportagem transmídia, eu só tenho a elogiar o método de roteirização proposto. O mapa, mesmo que um exercício de idealização, foi um grande recurso para organizar de forma eficiente uma grande quantidade de informações.

Não saberia comentar.

Acho que o método de roteirização foi excelente! :)

Duas coisas que pesaram um tanto no roteiro foram: a ausência de uma marcação de datas para lançamento dos produtos e que o mapa é meio engessado demais. Aconteceu do nosso grupo fazer algo meio contra intuitivo no mapa, que seria partir uma cédula em duas para que pudessemos ter mais de um produto midiático falando sobre o mesmo subtema.

.

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google. [Denunciar abuso](#) - [Termos de Serviço](#) - [Política de Privacidade](#)

APÊNDICE I – RESPOSTAS AO QUESTIONÁRIO SOBRE UTILIZAÇÃO DO MÉTODO DE ROTEIRIZAÇÃO TRANSMÍDIA - TURMA LABORATÓRIO DE WEBJORNALISMO E JORNALISMO MULTIMÍDIA

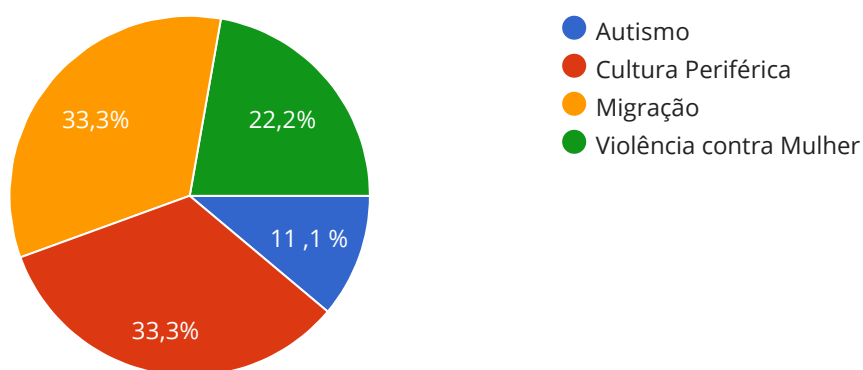
Questionário de Pesquisa

9 respostas

Qual o tema do seu roteiro transmídia?

 Copiar

9 respostas

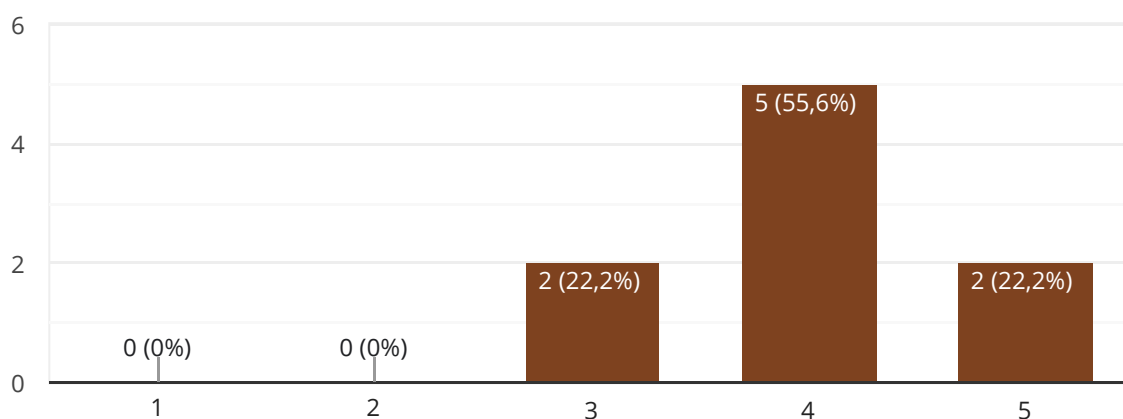


Compreensão dos Conteúdos

Transmídiação e expansão transmídia

 Copiar

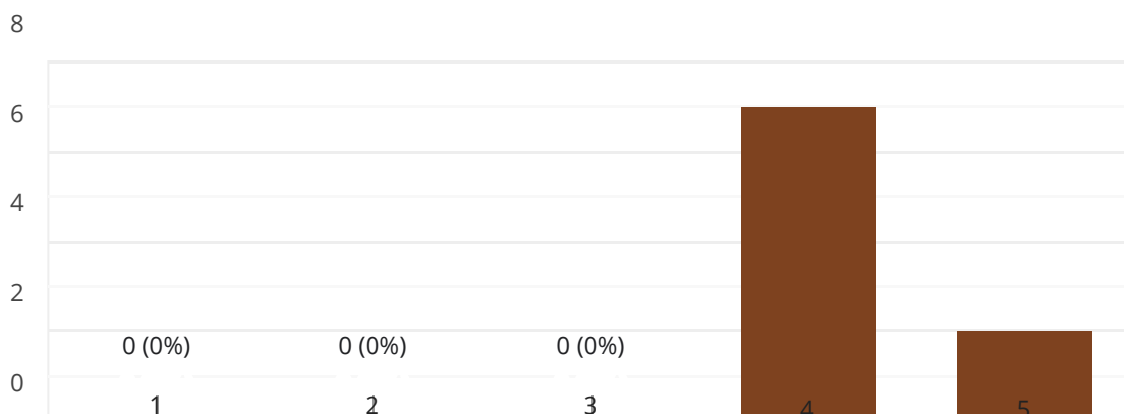
9 respostas



Tematização e aspectos temáticos das reportagens



9 respostas

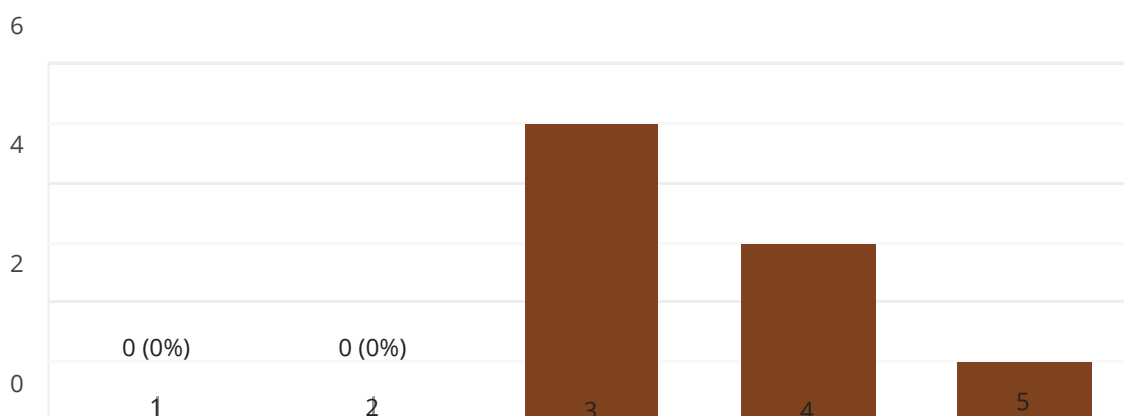


Estrutura do Mapa midiático-temático



Copiar

9 respostas



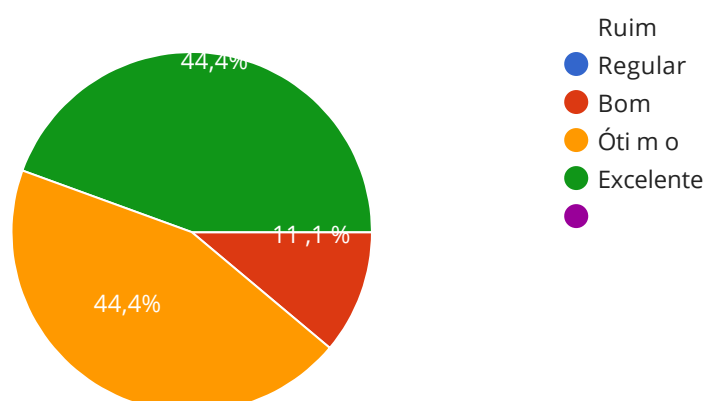
Avaliação do R

PERGUNTA 2 - Como avalia o roteiro da reportagem especial transmédia produzido pelo seu grupo de trabalho?



Copiar

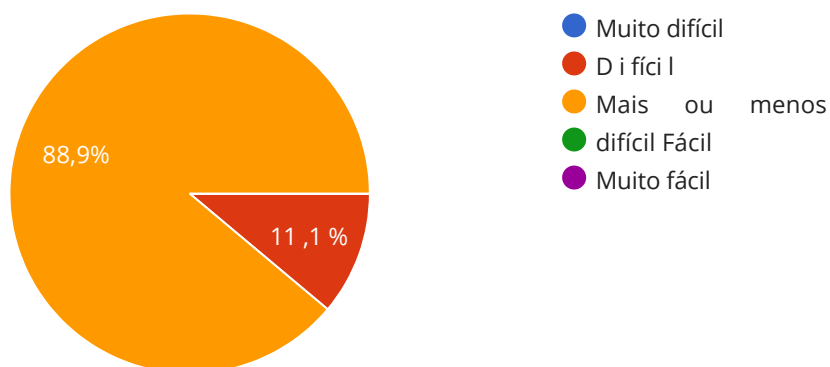
9 respostas



PERGUNTA 3 - Que nível de dificuldade encontrou na realização do exercício de roteirização da reportagem especial transmídia a partir do método apresentado?



9 respostas



Justifique a resposta dada anteriormente!

9 respostas

Ficou fácil quando entendemos como preencher de forma correta os capítulos, as retrancas e os detalhes dos conteúdos de expansão. Quando a orientação foi dada de forma geral, para toda a sala, facilitou mais a compreensão. O atendimento individual ajudou bastante no processo também, a dificuldade é reunir todo mundo no atendimento pra padronizar a construção em conjunto/grupo.

Por se tratar de um método novo e desconhecido pela maioria do grupo houve dificuldade de compreensão.

Não estava habituada com esse tipo de planejamento, então foi meio difícil me adaptar.

A produção, falta de pesquisa e de reunião do grupo, dificultou na roteirização

Exige um detalhamento muito grande das informações e muito tempo também.

O roteiro apresentado é muito diferente do que eu já estava acostumado a fazer, ele é muito complexo, ou melhor, é muito detalhado. Na teoria, esse tipo de roteiro pode parecer bem mais fácil de se fazer, porém, na prática, acaba sendo um pouco mais difícil.

Tive dificuldades em entender como cada coisa deveria ser abordada, principalmente se tratando da parte do quadros coloridos que tinham "conteúdo de expansão", entre outras categorias

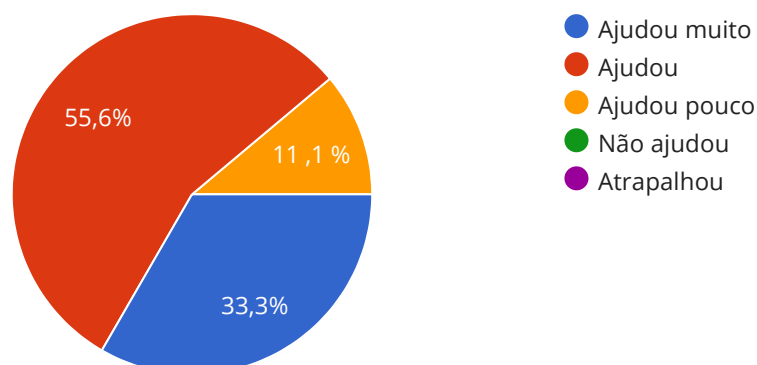
A roteirização de uma reportagem especial por si mesma já é complexa, mas fazê-la em um grupo desconexo sem uma interação prévia dificulta muito o processo.

Dificuldade em transferir a prática jornalística para a técnica de roteirização do mapa e vice e versa. Falta de prática no planejamento de pauta.

PERGUNTA 4 - Em que medida o mapa midiático-temático ajudou no processo de roteirização da reportagem especial transmídia?

 Copiar

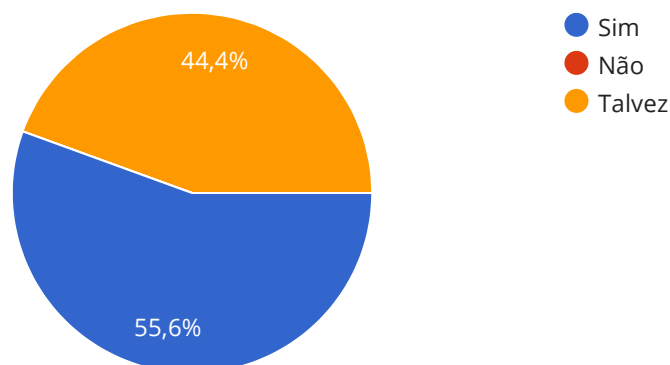
9 respostas



PERGUNTA 5 - Você utilizaria novamente o mapa midiático-temático para roteirizar reportagens especiais transmídia?

 Copiar

9 respostas



Justifique a resposta dada anteriormente!

9 respostas

Acho super válido para enxergar o planejamento da produção de forma ampla e mais organizada. Acho que para produções mais elaboradas na faculdade e nos nossos estágios/empregos devemos utilizar sim para facilitar essa construção transmiídia, de fato.

A plataforma é uma excelente opção para roteirização de projetos, sendo eficiente para diversas áreas.

Apesar da dificuldade no início, depois ficou mais prático de visualizar o nosso trabalho e facilitar na execução.

Acho que utilizaria em casos específicos, muito complexo

Ajuda a planejar o que tem que ser feito.

Pela complexidade do roteiro, não sei se eu utilizaria o formato novamente. Porém, acredito que ele ajuda muito na preparação da reportagem.

Dependeria se o mapa serviria no planejamento final ou não, na prática a produção da reportagem é diferente

Utilizaria pois acredito que é uma boa forma de estruturar as ideias para uma reportagem de forma coesa.

Talvez uma versão mais simplificada do mesmo cumpra o objetivo sem demandar tantas tarefas e retornos ao mapa.

PERGUNTA 6 - Que comentários, críticas e sugestões apresentaria acerca do método de roteirização de reportagens especiais transmídia?

9 respostas

Acho que a apresentação/aula de orientação geral para todos os grupos poderia ter sido dada no início, antes dos atendimentos individuais. Acho que o vai e volta para ajustes no roteiro ficou um pouco cansativo também, mas entendo que faça parte do processo. Achei a plataforma escolhida muito interessante e a disposição das informações tbm, parabéns! Acho que poderíamos ter a participação em aula de algum jornalista que já produziu reportagens transmídias pra compartilhar um pouco de experiência, seja de Alagoas ou de outros estados, seria interessante.

Sem comentários

Ainda tentando me adaptar totalmente ao método, mas me ajudou bastante na construção do projeto. no entanto, tanto eu como meu grupo por estarmos em um período mais avançado, já temos o nosso método de produção, o que dificultou mais essa adaptação.

Bom, só precisaria ser menos produção par o roteiro

Acho que precisa de mais tempo e observar a reportagem como um todo.

Esse tipo de roteiro deveria ser mais utilizado nas disciplinas que trabalham as reportagens transmídia. Essa foi a primeira vez que eu utilizei esse roteiro, mesmo já tendo feito outras reportagens especiais e no formato transmídia.

O mapa em alguns momentos complicou um pouco a organização da reportagem e não sei se seria prático para produção de reportagens no dia a dia, acredito que é mais útil para quem se dedica a trabalhar exclusivamente com esse tipo de segmento dentro do jornalismo.

Sem comentários no momento.

Acredito que o mapa de roteirização é um método útil e válido para a produção de reportagens transmídia, mas que não se aplica a todos os jornalistas (métodos de trabalho diferentes, por ex.), ou ocasiões (um repórter que esteja totalmente dedicado a esse trabalho pode conseguir administrá-lo e fazer bom uso dele, mas um que tem mais demandas ou um estudante com várias disciplinas pode achar a carga de trabalho de mantê-lo e fazer a reportagem muito pesada e terminar atrapalhando a produção).

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google. [Denunciar abuso](#) - [Termos de Serviço](#) - [Política de Privacidade](#)

ANEXO 1 - PLANO DE ENSINO DA DISCIPLINA PROCESSO DE ROTEIRIZAÇÃO EM JORNALISMO



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA PARA ASSUNTOS
ACADEMICOS
DIRETORIA DE GESTÃO ACADÊMICA

PLANO DE ENSINO DE DISCIPLINA
PERÍODO LETIVO: 2020.2
ÓRGÃO COORDENAÇÃO DA
OFERTANTE GRADUAÇÃO EM
JORNALISMO

Disciplina	CH Teórica	CH Prática	Crédito
PROCESSOS DE ROTEIRIZAÇÃO EM JORNALISMO	45	0	3.0

Turma		
Identificação	Cursos que Atende	Período

JN

JORNALISMO

2020.2

Horário	Professor	N. Qtd Subturmas
SEX - 02 00 03 00 03 00 04 00 17 00 18 00 18 00 19 00;	YVANA CARLA FECHINE DE BRITO	0

Ementa

Processos de roteirização em produtos jornalísticos formatos. Apresentação de métodos de roteirização envolvendo múltiplas plataformas e diferentes gêneros e formatos. Roteirização transmídia. Roteiros interativos. Análise de roteiros.

Objetivo

Capacitar os estudantes para elaborar roteiros de produtos jornalísticos, especialmente aqueles voltados para multiplataformas.

Metodologia

Aulas expositivas, leituras dirigidas, análise e elaboração de roteiros.

Forma de Avaliação

1) Elaboração de uma proposta de roteiro, 2) realização de comentários críticos a partir de leituras dirigidas, 3) análise de roteiros. Avaliação Padrão da UFPE

Bibliografia

BÁSICA:

Nenhuma bibliografia básica cadastrada para o componente curricular.

COMPLEMENTAR:

CANAVILHAS, João (org.). Webjornalismo 7 características que marcam a diferença. Covilhã LabCom, 2014, p. 25-52.
COMPARATO, Doc. Da criação ao roteiro teoria e prática. Rio de Janeiro Rocco, 2010. FALCÃO, Leonardo. O discurso lúdico um estudo sobre a narrativa dos jogos. Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em Design ? UFPE, Recife, 2015. Disponível em <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/15173> FIELD, Syd. Manual do roteiro os fundamentos do texto cinematográfico. Rio de Janeiro Objetiva, 2001. IRIGARAY, Fernando; GOSCIOLA, Vicente; PIÑERO-OTERO, Tereza (Orgs.). Dimensões Transmídia. Aveiro Ria Editorial, 2019. Livro digital, PDF. Disponível em https://www.academia.edu/41433328/Dimens%C3%B5es_Transm%C3%ADdia_2019_?auto=download_email_work_card=download-paper
JENKINS, Henry. Cultura da Convergência. São Paulo Aleph, 2009. MACEDO, Marcos.; FECHINE, Yvana. Narrativas transmídia em jornalismo. Revista GEMINIS, v. 10, n. 2, p. 77-100, 26 set. 2019. Disponível em <https://www.revistageminis.ufscar.br/index.php/geminis/article/view/445> MACEDO, Marcos Carvalho. Narrativa transmídia jornalística estratégias e procedimentos nos dossiês Tudo Sobre. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Comunicação ? UFPE, Recife, 2019. Disponível em <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/34254> NOGUEIRA, Luís. Manuais de Cinema I- Laboratório de Guionismo. Covilhã LabCom Books, 2010. RENÓ, Denis; FLORES, Jesus. Periodismo Transmedia Reflexiones y técnicas para el ciberperiodista desde los laboratorios de medios interactivos. Madrid Editorial Fragua, 2012. SCOLARI, Carlos A. Narrativas transmedia cuando todos los medios cuentan. Barcelona, Centro Libros, 2013. SOARES, Sérgio José Puccini. Documentário e Roteiro de Cinema da pré-produção à pós-produção. Tese (Doutorado em Multimeios. Universidade Estadual de Campinas, Campinas - SP, 2007. Disponível em https://www.academia.edu/24642204/DOCUMENT%C3%81RIO_E_ROTUIRO_DE_CINEMA_da_pr%C3%A9_produ%C3%A7%C3%A3o_%C3%A0_p%C3%B3s_produ%C3%A7%C3%A3o



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA PARA ASSUNTOS
ACADEMICOS
DIRETORIA DE GESTÃO ACADÊMICA

PLANO DE ENSINO DE DISCIPLINA
PERÍODO LETIVO: 2020.2
ÓRGÃO COORDENAÇÃO DA
OFERTANTE: GRADUAÇÃO EM JORNALISMO

Unidade Programática						
Data	Conteúdo	Horário		Qtd de Aulas		Professor
		Início	Fim	Teórica	Prática	Responsável
28/05/2021	Apresentação da disciplina. Planejamento (Sex) das atividades.	17:00	19:00	2	0	YVANA CARLA FECHINE DE BRITO
04/06/2021	Transmídia caracterização. Estratégias (Sex) transmídia.	17:00	19:00	2	0	YVANA CARLA FECHINE DE BRITO
07/06/2021	Leitura dirigida (artigo) (Sex)	08:00	12:00	4	0	YVANA CARLA FECHINE DE BRITO
11/06/2021	Narrativa transmídia no jornalismo (Sex)	17:00	19:00	2	0	YVANA CARLA FECHINE DE BRITO
14/06/2021	Leitura de dossiês "Tudo Sobre" (Sex)	08:00	12:00	4	0	YVANA CARLA FECHINE DE BRITO
18/06/2021	Narrativa transmídia estudo de caso (Sex) (Dossiê Tudo Sobre)	17:00	19:00	2	0	YVANA CARLA FECHINE DE BRITO
25/06/2021	Leitura dirigida (artigo) (Sex)	00:00	04:00	4	0	YVANA CARLA FECHINE DE BRITO
02/07/2021	Narrativa transmídia estudo de caso (Sex) (Dossiê Tudo Sobre)	17:00	19:00	2	0	YVANA CARLA FECHINE DE BRITO
09/07/2021	Roteirização transmídia (Sex)	17:00	19:00	2	0	YVANA CARLA FECHINE DE BRITO
23/07/2021	Roteirização transmídia (Sex)	17:00	19:00	2	0	YVANA CARLA FECHINE DE BRITO
30/07/2021	Orientação para elaboração de proposta de (Sex) roteiro transmídia	17:00	19:00	2	0	YVANA CARLA FECHINE DE BRITO
02/08/2021	Elaboração de roteiro transmídia (Sex)	08:00	12:00	4	0	YVANA CARLA FECHINE DE BRITO
06/08/2021	Orientação para elaboração de proposta de (Sex) roteiro transmídia	17:00	19:00	2	0	YVANA CARLA FECHINE DE BRITO
09/08/2021	Elaboração de roteiro transmídia. (Sex)	08:00	12:00	4	0	YVANA CARLA FECHINE DE BRITO
13/08/2021	Fechamento dos roteiros transmídia. (Sex) Preparação de análise.	08:00	13:00	5	0	YVANA CARLA FECHINE DE BRITO
20/08/2021	Análise coletiva dos roteiros transmídia. (Sex) Fechamento da disciplina.	17:00	19:00	2	0	

Resumo número de aulas

Turma Teórica	Prática	Segunda	Prova Final	Perceptoria
Turma JN	45	0	0	0



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA PARA ASSUNTOS
ACADEMICOS
DIRETORIA DE GESTÃO ACADÊMICA

PLANO DE ENSINO DE DISCIPLINA
PERÍODO LETIVO:2020.2
ÓRGÃO COORDENAÇÃO DA
OFERTANTE: GRADUAÇÃO EM JORNALISMO

Professor: YVANA CARLA FECHINE DE BRITO
Coordenador: ADRIANA MARIA ANDRADE DE SANTANA (Plano
Aprovado)

Data de Envio:09/05/2021
Data de Aprovação:20/05/2021

ANEXO 2 – MAPA MIDIÁTICO-TEMÁTICO MEGAPROJETOS EM PERNAMBUCO

Mega projetos - Pernambuco											
	Os Mega projetos				Impactos Ambientais			Impactos Sociais			
	Porto de Suape	Usina Nuclear em Pernambuco	Transnordestina	Usina Hidrelétrica Luiz Gonzaga	Interferências - Rio São Francisco	A relação do porto de Suape com os ataques de tubarão na praia de Piedade	Desequilíbrio ambiental	Atividades econômicas da comunidade local	Saúde mental e vulnerabilidade sanitária	Desapropriação da população local	Promessas concretizadas
Site											
Instagram	A construção		A construção			Roa - Tubarões	Diferença - fauna	Alterações na renda das famílias		Vida - antes e depois	
Plataforma de áudio		Iacuruba - Instalação		Iacuruba - Inundação	Curso d'água - Peixes			Barraca - Fátima			
YouTube	Trabalhadores - Complexo		Transnordestina hoje							Desapropriação - após	
Televisão							Agropecuária - migração		População adoecida	Despejos - Famílias agrícolas	População - Economia

OPINIÃO

CONTEXTUALIZAÇÃO

ATUALIZAÇÃO

REALIZAÇÃO

DETALHAMENTO DOS CONTEÚDOS DE EXPANSÃO

RETRANÇA	FORMATO	FONTES	RECURSOS	DESENVOLVIMENTO/ ABORDAGEM
A Construção	Post Carrocel	Engenheiro que planejou a construção	Photoshop/Canva para elaboração do post	Abordar detalhe da construção, bem como as polémicas que a envolvem
	Vídeo no YouTube	Trabalhadores do porto	Interação com os funcionários; editores de vídeo; câmara; microfone	Conversar com os trabalhadores do porto sobre as realidades do trabalho
Trabalhadores - Complexo	Podcast	Políticos de penambuco que defendem o projeto	Gravador de som; editores de áudio;	Falar sobre as consequências da instalação da Usina
	Podcast	População afetada pela inundação	Gravador de som; editores de áudio;	Abordar os impactos da Hidrelétrica de Itaparica - sua construção e consequente inundação
Curso d'água - Peixes	Podcast	Especialista ambiental sobre desova e morte de peixes	Gravador de som; editores de áudio; encontro com membros do quilombo	A interferência no curso d'água do rio, bem como as consequências para os peixes
	Podcast	Proprietária da Barraca da Fátima (depouimento dos clientes também)	Gravador de som; editores de áudio; encontro com a proprietária a barraca	Falar com a proprietária da Barraca de Fátima como a realidade dela e de seu comércio mudou com a chegada do Porto de Suape
Rota - tubarões	IGTV - Instagram	Biólogo marinho	Câmera; gravadores de som; convidado; editores de vídeo	Apresentar a mudança da rota dos tubarões graças à construção do Porto de Suape
	IGTV - Instagram	Biólogo marinho	Câmera; gravadores de som; convidado	Comparar a fauna marinha antes e depois da chegada de Suape
Vida - Antes e depois	Reels - Instagram	Moradores da área	Câmera; gravadores de som; editores de vídeo; interação com os moradores	Conversa com moradores locais sobre os impactos dos mega projetos na sua vida, rotina, etc.
	Vídeo no Youmbe	Moradores da área	Câmera; gravadores de som; editores de vídeo; interação com os moradores	Mostrar como estão os moradores e como eles se sentem após a desapropriação de suas terras
Transnordestina Hoje	Vídeo no Youmbe	Secretário de infraestrutura de PE e do CE	Câmera; gravadores de som; convidado; editores de vídeo	Falar sobre o andamento da transnordestina bem como as polémicas que estão a envolvendo atualmente
	Instagram	Moradores da área	Câmera; gravadores de som; editores de vídeo; interação com os moradores	Falar sobre a alteração na renda das famílias locais, já que perderam suas terras de plantio, seus comércios locais, etc.
Alterações na renda das famílias	Reportagem para televisão	Professor de Geografia e funcionário público da Prefeitura de Itacuruba	Câmera; gravadores de som; editores de vídeo; interação com os moradores	A mudança da agropecuária local
Agropecuária - migração	Reportagem para televisão	Moradores da área	Câmera; gravadores de som; editores de vídeo; interação com os moradores	Os impactos para as famílias essencialmente agrícolas (que tinham a agricultura como tradição familiar)
Depejo - famílias agrícolas	Reportagem para televisão	Moradores da área;	Câmera; gravadores de som; editores de vídeo; interação com os moradores	Os mega projetos trouxeram doenças físicas e mentais para as populações mais afetadas pelas suas construções
População adoecida	Reportagem para televisão	Moradores da área; médico local	Câmera; gravadores de som; editores de vídeo; interação com os moradores	Como a população se adaptou economicante às mudanças impostas pelos mega projetos
População - Economia	Reportagem para televisão	Moradores da área; economista	Câmera; gravadores de som; editores de vídeo; interação com os moradores	

ANEXO 3 - MAPA MIDIÁTICO-TEMÁTICO INCIDENTES COM TUBARÃO EM PERNAMBUCO

PERIGO: ÁREA SUJEITA A ATAQUE DE TUBARÃO?																				
CADERNO ESPECIAL										TEMA: INCIDENTES COM TUBARÃO EM PERNAMBUCO										
JORNAL IMPRESSO (CADERNO ESPECIAL)	TUBARÕES					AÇÃO DO HOMEM				AÇÃO OU REAÇÃO (CONSEQUÊNCIAS DOS INCIDENTES COM TUBARÕES)				O MAR ESTÁ PARA PEIXE (O MAR NÃO É O NOSSO LAR, É O DELES)						
	Espécies presentes no litoral pernambucano.	Rotas e o por que delas?	Manguezais e arrecifes de corais	Lista de lugares onde ocorrem incidentes.	Homem X Natureza	Poliuição marítima, mudanças climáticas e aumento populacional nas orlas.	Pesca por arrasto e o aumento no número de incidentes	Porto de Suape e número de incidentes	Disputa de habitat.	Incidentes com tubarões em Pernambuco.	Sobreviventes e familiares.	Tubarões e vítimas: essa história tem um vilão?	Por que os tubarões "atacam" os seres humanos?	A Educação ambiental.	Desmistificando a ideia do "tubarão assassino" .	Locais onde ocorrem os incidentes.	Medidas de contenção.			
	PRAIAS - MUNDO									MAR - SELVAGEM					MEDO - TUBARÃO					
	CONHECENDO - TUBARÕES									IMPACTOS - PORTO		HISTÓRICO - REGIONAL		ÁREAS - RISCO						
	PRESERVAÇÃO - MARINHA									CONSUMISMO - EXPLORAÇÃO		ANIMAIS - COMPORTAMENTO		DEMOCRATIZAÇÃO - INFORMAÇÃO						
PLATAFORMA DE ÁUDIO																				
INSTAGRAM						PRAIAS - MUNDO				URBANIZAÇÃO - PRAIAS		EXPERIÊNCIA - TRAUMAS		CONTEXTO - ESPAÇO						
YOUTUBE						CHEGADA - PERNAMBUCO				DESASTRES - AMBIENTE										

OPINIÃO

CONTEXTUALIZAÇÃO

DETALHAMENTO DOS CONTEÚDOS DE EXPANSÃO

RETRANÇA	FORMATO	DESENVOLVIMENTO/ABORDAGEM	FONTES	RECURSOS
PRAIAS - MUNDO	Post em forma de Thread	Descrevendo os locais redor do mundo onde ocorreram incidentes.	Bibliográficas	Internet
	Artigo	Como os tubarões vivem, suas várias espécies, onde e como se reproduzem e sua alimentação	Biólogo, professor da Universidade Estadual Paulista, Prof. Dr. Roberto de Almeida	Internet, texto, e-mail
	Podcast com especialista	Relatar a importância dos mangues e arrecifes de corais nas várias etapas da vida do tubarão	Professores da UFRPE	Gravador de som, editor de áudio
	Post com fotos e texto	Trazar e descrever imagens das diversas praias mundo afora onde ocorreram tais incidentes	Bibliográficas	Imagens, texto, internet
	Vídeo	Identificar as principais rotas que o animal faz, o porquê, e a partir de que momento ele chega às praias	Pesquisadores da UFRPE em Engenharia de Pesca	Editor de vídeo, câmera
IMPACTOS - PORTO	Reportagem	Demonstrar como o Porto de Suape interferiu diretamente no aumento de números de casos de tubarão	Bibliográficas, busca internet e especialistas	Internet, imagens
	Podcast com especialista	Correlacionar como o aumento da pesca de peixes e camarões por arrasto pode ter influenciado o aumento de tubarões	Engenheiro de pesca do CEMIT	Aparelhos de áudio: Gravador
	Vídeos reels	Discutir como é a relação do homem com a natureza e como os espaços são tomados.	Biólogo, professor da UFPE, Antônio Carlos Beltrão	Vídeos, gravador de som
	Vídeos	Desenvolver como essas mudanças têm influência nos incidentes com tubarões e outros animais	Engenheiro de pesca, oceanógrafo, Asis Lacerda	Câmera, editor de vídeo
MAR - SELVAGEM	Post em forma de Thread	Mostrar a disputa pelo mar, habitat dos tubarões, intensificando que é um ambiente selvagem	Bibliográficas, Oceanóloga, professora da UFRPE, Rênoir	Internet, imagens
	Reportagem	Fazer uma apanhado de casos em Pernambuco, desde o primeiro ao atual, com datas e locais	Bibliográficos	Internet, imagens, texto
	Podcast entrevista	Entender e esclarecer o porquê dos constantes "ataques" de tubarões na região.	Integrantes do CEMIT e Oceanóloga Rosângela Lessa	Gravador de som, editor de áudio
	Vídeo	Relatos de familiares e sobreviventes de como ocorreram os casos, dos motivos de estar vivos	Familiares e sobreviventes	Câmera, editor de vídeo
	Vídeo	Questionar especialistas e sobreviventes sobre os culpados dos "ataques".	Familiares, sobreviventes e engenheiro de pesca Joni	Câmera, editor de vídeo
MEDO - TUBARÃO	Post em formato de Thread	Desmistificar a ideia do "tubarão assassino", mostrando que ele é um animal instintivo com medo	Alexandre Carvalho do Instituto Oceanário	Internet, imagens
	Artigo	Mapear as áreas do litoral pernambucano onde ocorrem os incidentes, propondo possíveis causas	Mapeamento dos incidentes com tubarão. (NASCIMENTO)	Texto, imagens
	Enquetes e perguntas nos stories	Demonstrar a importância da educação ambiental para a sociedade e defender o acesso à praia	Ativistas ambientais e público	Imagens, equipe de interação
DEMOCRATIZAÇÃO - INFORMAÇÃO				

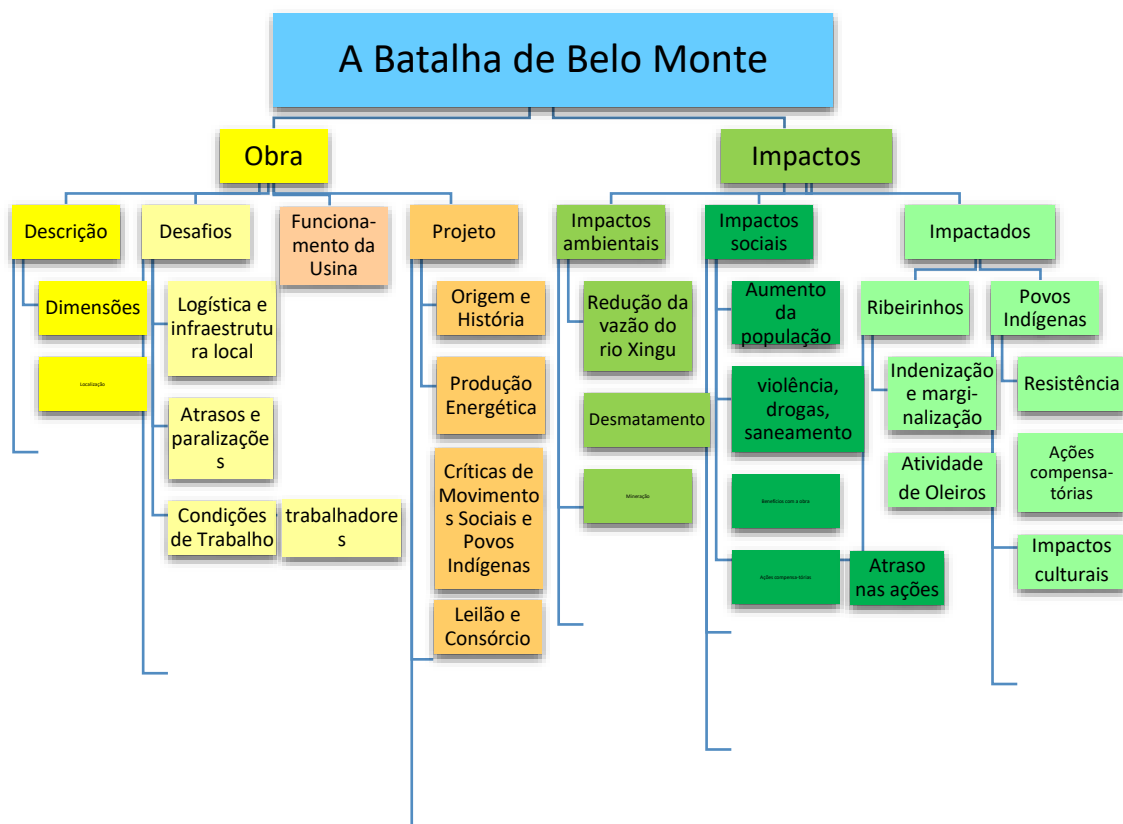
ANEXO 4 - MAPA MIDIÁTICO-TEMÁTICO INCENTIVO E FORMAÇÃO DE ATLETAS PARA AS OLIMPIADAS DE PARIS EM 2024

MÍDIAS	CONTEXTUALIZACAO					OPINIAO				
Incentivo e formação de atletas paras as Olimpíadas de Paris em 2024										
Televisão	Investimento nos esportes					Política de esportes				
	Início dos treinos para as Olimpíadas de Paris em 2024	Condições precárias de treino	Esportes de elite	Bolsa atleta	Militarização dos atletas	Resultados da Campanha do Brasil em Tóquio	Exemplo dos países que conseguem a maioria das medalhas	Formas de incentivar a prática de esportes nas escolas	Inclusão social	O que o Brasil precisa para virar potência olímpica
	TREINO-PARIS			VALOR-BOLSAS					CULTURA-PAZ	INCENTIVO-ESCOLAS
			ESPORTES-RICOS			PERGUNTA-CAMPANHA//JUSTIFICATIVA-CAMPANHA		INCENTIVAR-CRIANÇAS		
					CONDIÇÕES-MILITARES					CULTURA-ESPORTES
									HISTÓRIAS-SUPERAÇÃO	
		TREINO-PRECÁRIO		CONSEGUIR-BOLSA		CAMPANHA-TÓQUIO	INCENTIVO-EXTERIOR			DINHEIRO-ESPORTES

Retranca	Formato	Desenvolvimento/labordagem		Fontes	Recursos
DESCOBRIR-ATLETAS	Reportagem em série-TV/Ep1 investimento nos esportes.	Reportagem sobre como é o processo de descoberta dos atletas que futuramente se tornarão competidores olímpicos; mostrar como alguns		Ex-atletas e técnicos	Cinegrafista, carro, editor, câmera
PROJETOS-SOCIAIS	Reportagem em série-TV/Ep2 Política de esportes.	Mostrar como os projetos sociais ajudam a manter crianças longe da criminalidade, especialmente nas periferias; Mostrar a importância de		líderes de projetos sociais e moradores da periferia	Cinegrafista, carro, editor, câmera
DIFICULDADE-PATROCÍNIO	Reportagem em série-TV/Ep3 investimento nos esportes.	Mostrar a dificuldade que os atletas têm para conseguir patrocínio no Brasil.		Atletas que foram à olimpíada sem patrocínio	Cinegrafista, carro, editor, câmera
ORIGEM-INVESTIMENTO	Reportagem em série-TV/Ep4 Investimento nos esportes e Política de esportes.	Mostrar como o Brasil investe em seus atletas; de onde vem a origem desse dinheiro; mostrar condições precárias de treino; explicar porque precisamos de mais investimento;		Ministério do Desenvolvimento Social/Caixa, atleta que precisa da bolsa para sobreviver	
GOVERNO-ESPORTES	Reportagem em série-TV/Ep5 Política de esportes.	Formas que o governo tem de impulsionar o esporte brasileiro; opinião dos medalhistas		Atletas e especialistas	Cinegrafista, carro, editor, câmera

TREINO-PARIS	Matéria	Mostrar o início dos treinos de alguns atletas no geral que participaram em Tóquio e pretendem competir nas Olimpíadas de Paris em 2024	Atletas que competiram em Tóquio	Carro, gravador, fotógrafo
TREINO-PRECÁRIO	Matéria	Mostrar as condições de treino de atletas em início de carreira e que não possuem bolsa e nem patrocinadores	Atletas em início de carreira	Carro, gravador, fotógrafo
ESPORTES-RICOS	Carrocel Instagram	Discutir a dificuldade para praticar hipismo e tênis pelas pessoas mais pobres quando só quem tem acesso é a elite da sociedade	Praticantes desses esportes e informações de custos	Internet e design
VALOR-BOLSAS	Matéria	Levantar dados sobre o valor da Bolsa Atleta; levantamento qual deveria ser o valor ideal; entrevista com atletas mostrando o ponto de vista; procurar o Ministério da Cidadania para falar sobre porque não há aumento dos valores desde 2011	Atletas olímpicos e Ministério da Cidadania	Cinegrafista, carro, editor, filmadora, gravador
CONSEGUIR-BOLSA	Tutorial	Passo-a-passo dos caminhos para adquirir o bolsa atleta	Ministério do Desenvolvimento Social/Caixa/Buscas na Internet	Internet
CONDIÇÕES-MILITARES	Podcast	Discutir por que há tantos atletas que são militares; quais são as condições de treino oferecidas pelas forças armadas; e quais são as intenções do exército em oferecer treinamento para os atletas.	Atletas Militares	Gravador e editor
CAMPANHA-TÓQUIO	Artigo de opinião	Comentar sobre a campanha do Brasil nas olimpíadas de Tóquio mesmo sem tantos investimentos e ainda durante a pandemia de covid 19	Pesquisar na Internet	Internet
PERGUNTA-CAMPANHA	Enquete no Instagram	Pergunta aos seguidores: "O Brasil fez boa campanha nas olimpíadas?" Respostas: SIM e NÃO	Seguidores	Internet, design, tempo da equipe para interagir
JUSTIFICATIVA-CAMPANHA	Perguntas no Instagram	Perguntar aos seguidores "Por que o Brasil faz uma boa ou má campanha nas olimpíadas?" para eles comentarem na caixinha o que acharam do resultado.	Seguidores	Internet, design, tempo da equipe para interagir
INCENTIVO-EXTERIOR	Matéria	Analisar como acontece o incentivo para a população praticar esportes desde cedo	Atletas olímpicos de algum dos país do TOP 4 que teve incentivo desde cedo e algum reponsável pela política de esporter do país	Internet
INCENTIVAR-CRIANÇAS	Carrocel no feed do Instagram	Caminhos para o incentivo à prática esportiva nas escolas Como melhorar a adesão dos jovens aos esportes?	Especialistas sobre Educação	Internet, design, tempo da equipe para interagir
CULTURA-PAZ	Artigo de opinião	Explicar o que é cultura da paz nas periferias	Representantes de comunidades periféricas	Internet
HISTÓRIAS-SUPERAÇÃO	Thread no twitter	Mostrar casos em que atletas sucedem apesar das circunstâncias	Atletas olímpicos	Internet e imagens
INCENTIVO-ESCOLAS	Artigo de opinião	Propor formas de incentivo ao esporte nas escolas	Experiências internacionais de sucesso	Internet
CULTURA-ESPOSTES	Podcast	Destrinchar diferenças culturais no incentivo à pratica de esportes entre o Brasil e países que têm sucesso nas olimpíadas	Especialistas	Gravador e editor
DINHEIRO-ESPORTES	Artigo de opinião	Quanto o governo investe para o Brasil virar potência olímpica; explicar a origem do dinheiro para o orçamento; criar um fundo de investimento para os atletas não dependerem de patrocinadores para cobrir os gastos	Especialistas, atleta olímpico, e Ministério da Cidadania	Internet

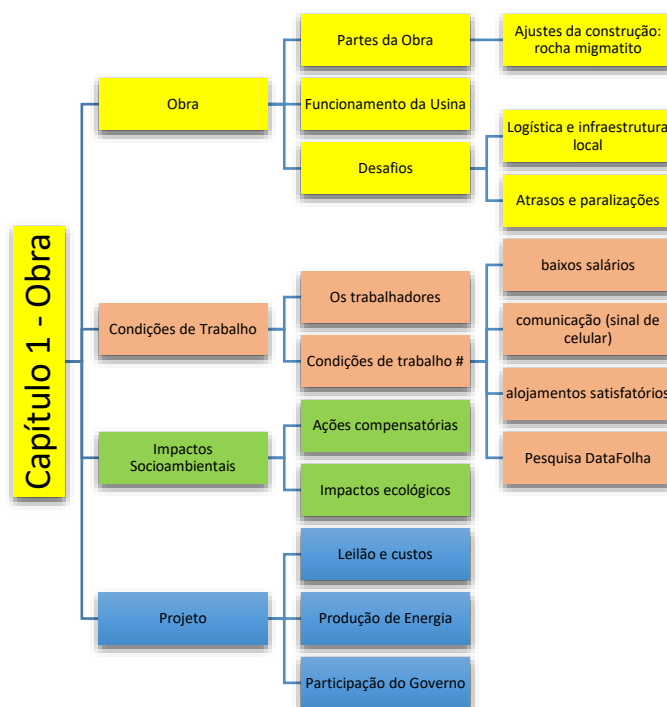
ANEXO 5 – ANÁLISE TEMÁTICA DA REPORTAGEM MULTIMÍDIA A BATALHA DE BELO MONTE



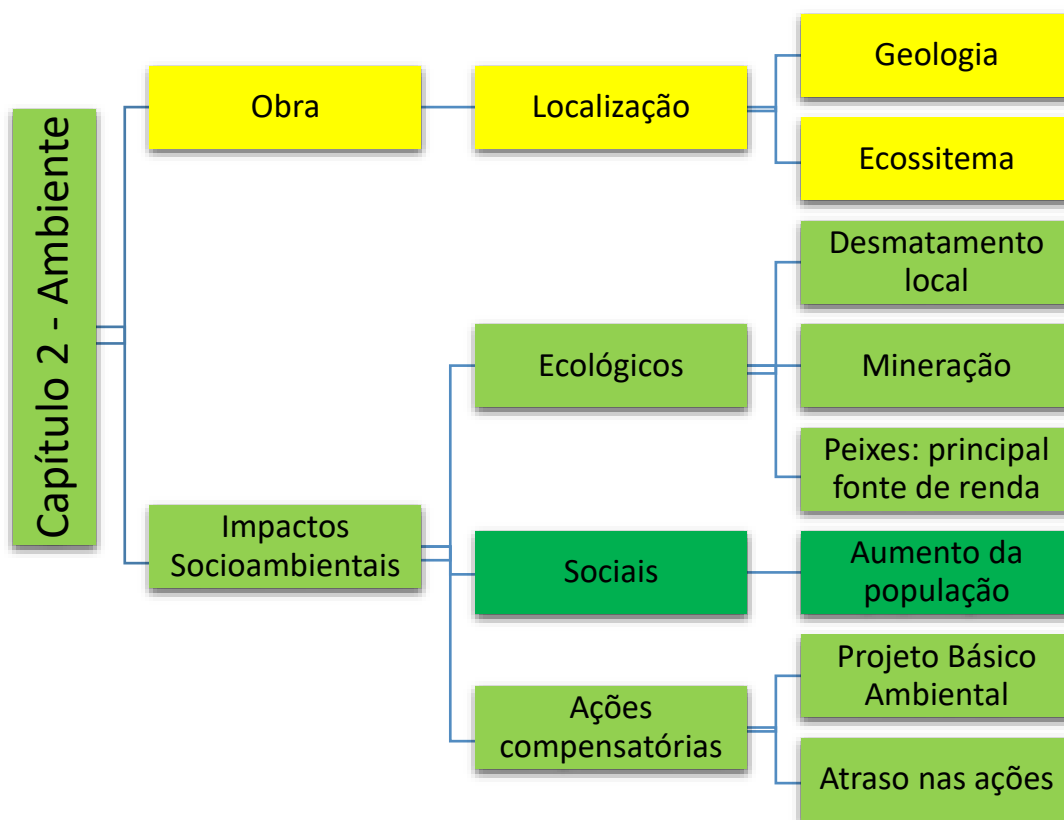
Quadro temático do texto de referência (reportagem para web)

Fonte: MACEDO (2016, p. 45).

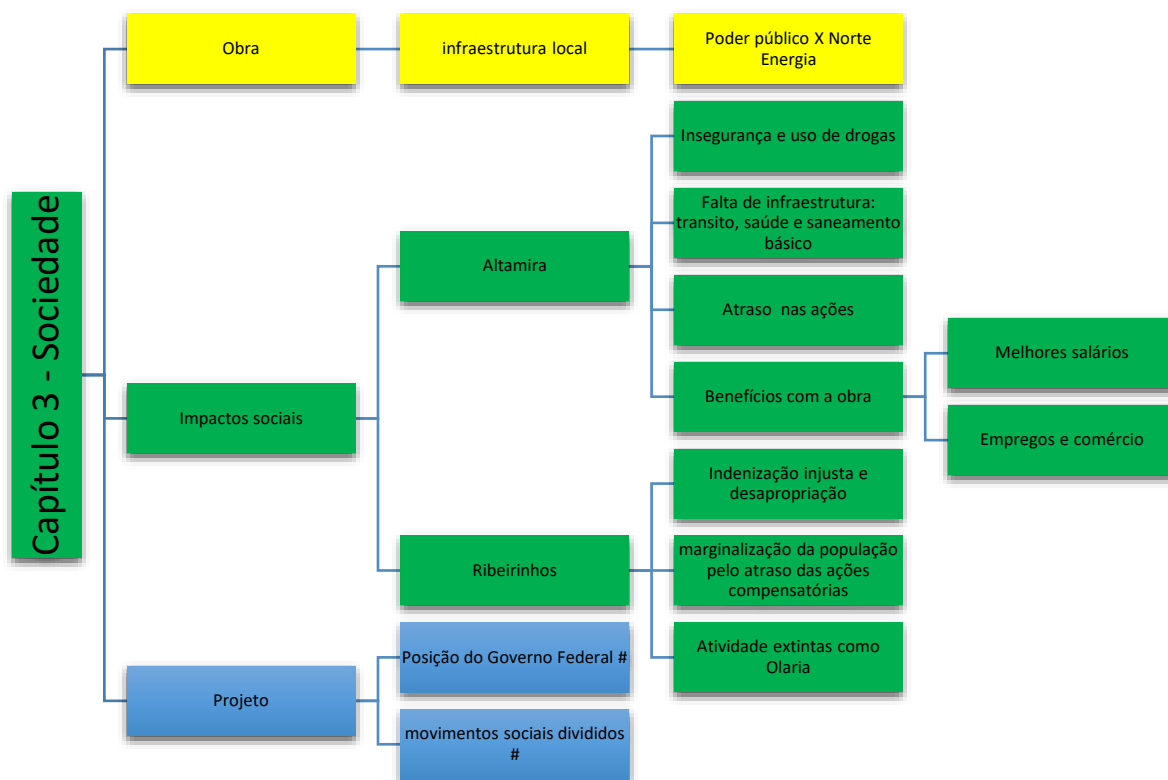
CAPÍTULO 1 DA REPORTAGEM MULTIMÍDIA A BATALHA DE BELO MONTE



CAPÍTULO 2 DA REPORTAGEM MULTIMÍDIA A BATALHA DE BELO MONTE



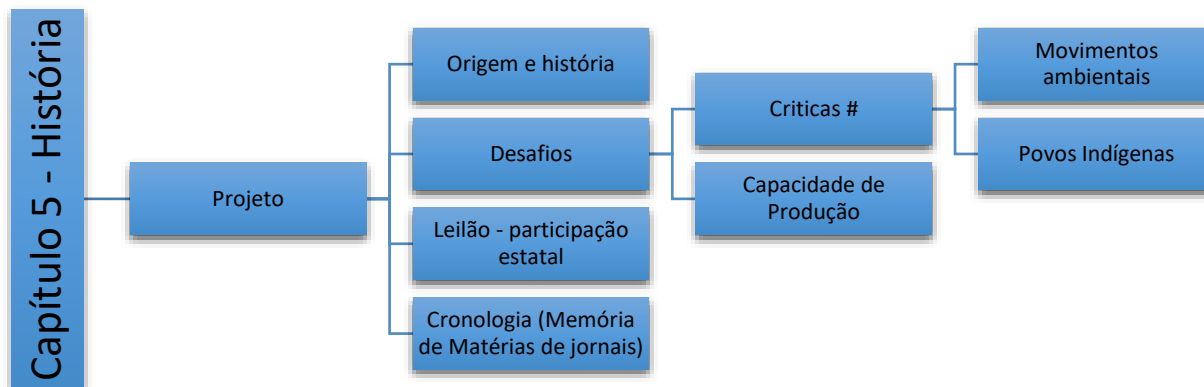
CAPÍTULO 3 DA REPORTAGEM MULTIMÍDIA A BATALHA DE BELO MONTE



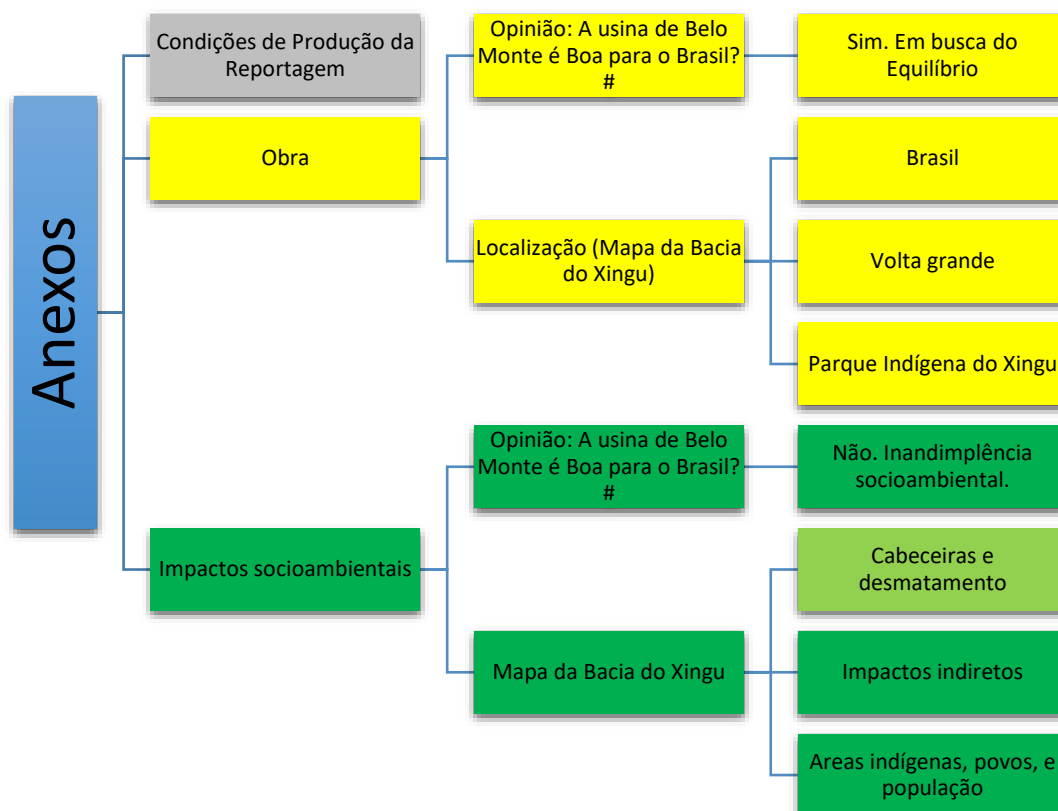
ANÁLISE TEMÁTICA DO CAPÍTULO 4 DA REPORTAGEM MULTIMÍDIA A BATALHA DE BELO MONTE



CAPÍTULO 5 DA REPORTAGEM MULTIMÍDIA A BATALHA DE BELO MONTE

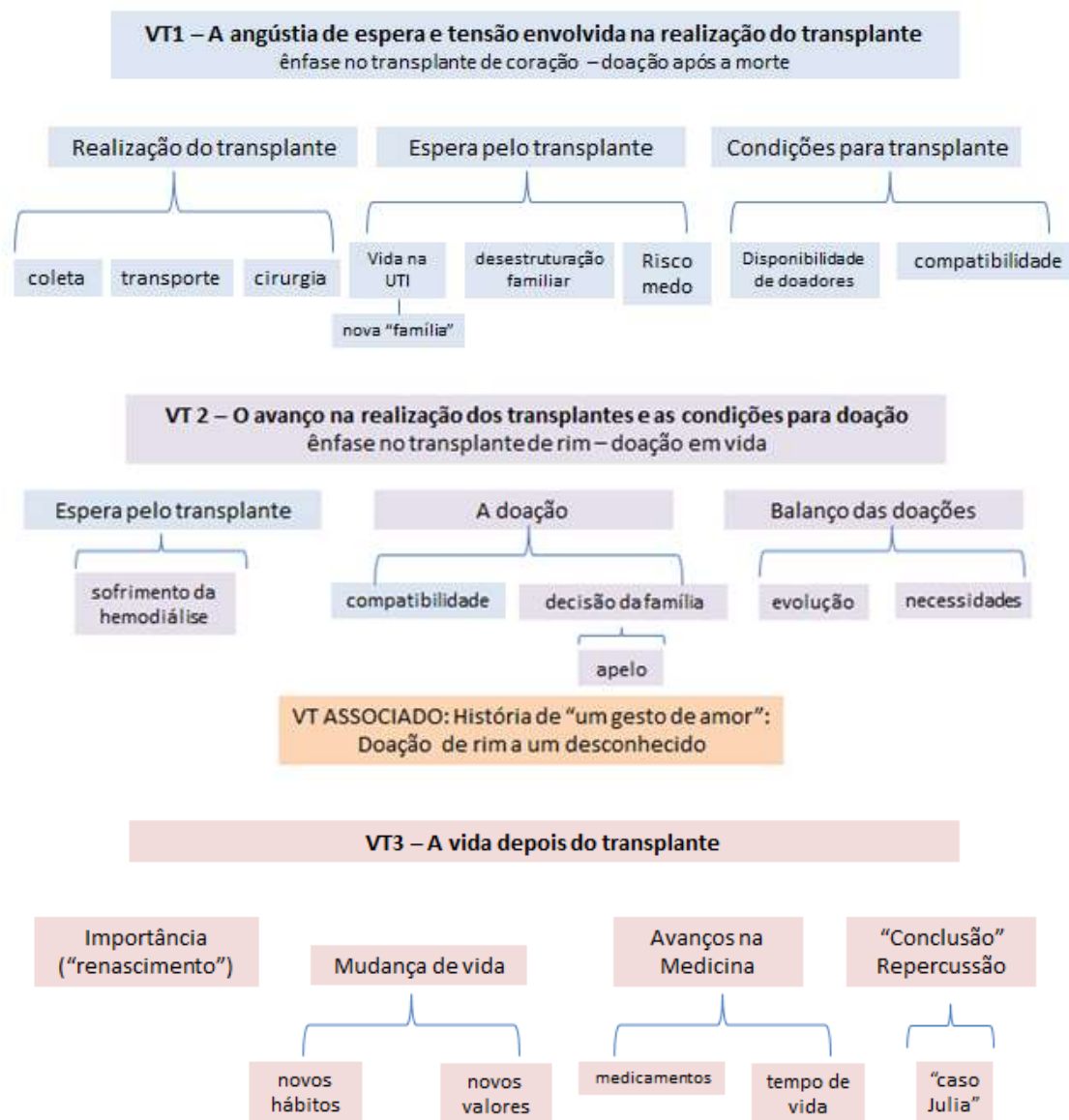


ANEXOS DA REPORTAGEM MULTIMÍDIA A BATALHA DE BELO MONTE



ANEXO 6 – SLIDES DE AULA COM ANÁLISE DA SÉRIE DE REPORTAGEM TRANSPLANTES

Série Transplantes de órgãos: 03 matérias veiculadas no JN nos dias: 08/12/2014, 09/12/2014 e 10/12/2014.



SÉRIE/TEMATIZAÇÃO

- Espera angustiante e sofrida pelo transplante : VT1, VT2
- Realização do transplante (coração, rim): VT1
- Condições para o transplante (compatibilidades): VT1, VT2
- Decisão e gesto de doação: VT1, VT2, VT ASSOCIADO
- Avanços nos transplantes (quantidade, resultados): VT2, VT3
- Vida após o transplante : VT3

FOCO: apelo à doação

OUTROS ASPECTOS: políticas públicas, “fraudes” na filas, “venda de órgãos” etc.

ANEXO 7 - MAPA MIDIÁTICO-TEMÁTICO SAÚDE MENTAL NOS ESPORTES

TEMA GERAL- SAÚDE MENTAL NOS ESPORTES (SEMINÁRIO): Um debate onde é discutido as questões que perpassam a saúde mental dos atletas na Olimpíada e o que ainda ocorre e ocorrerá para os que estão neste nicho.											
SEMINÁRIO	O que é Saúde mental?						Analisando os atletas			Simone Biles	
	Definição de saúde mental	Por que é tão importante falarmos sobre?	Quais as vantagens de ser saudável mentalmente?	Como saber se estou saudável?	Preciso de ajuda, e agora?	Até que ponto alguém está disposto a conseguir uma medalha?	Barreiras na vida de um atleta	Pódio	Psicologia do esporte	Tomada de decisão	O retorno ¹
Televisão		Reportagem onde é mostrado os motivos para se ter saúde mental em diferentes fases da vida e que impeçilhos nos temos a "tabus" que leva a busca por elas e como isso pode prejudicar toda uma sociedade						Entrevista com atletas			
Jornal Impresso			Programa de rádio com dois especialistas falando e exemplificando a importância de se manter saudável mentalmente tanto para atletas quanto para a população comum						Falando com o especialista		
Rádio	Reportagem introdutória que aconteça antes do seminário para entender o que é a saúde mental e do que se trata. A mesma discussão será tratada no seminário logo no início										
Youtube											
Instagram											
Twitter											
Site											

DETALHAMENTO DOS CONTEÚDOS DE EXPANSÃO

RETRANCA	FORMATO	DESENVOLVIMENTO/ABORDAGEM	PONTES	RECURSOS
Seminário				
Saúde mental: Esportes; Subtema 1	Seminário	O seminário traz um debate, com representantes do esporte e figuras competentes da área da psicologia, acerca dos impactos da saúde mental dentro dos esportes desde o cuidado necessário que o atleta necessita do tratamento ao pôdo, até comarques pessoas; pressão e como as entidades complementares abordam essas questões neurodivergentes nos esportes. O seminário também se propõe a fazer um recorte sociológico de como a precariedade e subdesenvolvimento afetam os nossos atletas.	Representante do COB (presidente); Teresa Frágeli (especialista em psicologia do esporte); Karen Jönz (ex-atleta brasileira que desistiu da vida para toquo em 2013); sociólogo (especialista em socio-economia do Brasil); Isabella Scalabrini (Jornalista convidada para mediar o debate)	Local: Produção, Jornalistas para cobrir o evento e convidados para o debate
Definição: Saúde mental; Diferença: Transtorno	Vídeo para YouTube	Reportagem introdutória sobre do que se trata a saúde mental. O que o termo significa? Existe diferença entre transtorno e doença mental? Quais os transtornos mais comuns e seus sintomas?	Psicólogo social/Respostas do público	Realista, animador, Jornalista para elaborar a pauta
Tabu: importância de se debater sobre saúde mental	Reportagem especial para o jornal impresso	Desde a infância aprendemos sobre a importância de cuidar da saúde do corpo, mas pouco se fala sobre saúde mental. A reportagem abordaria sobre o tabu ao redor do tema, o que levou a essa dificuldade de reconhecer a saúde mental como importante para viver bem. Além disso, iria reforçar a relevância de cuidar do nosso psicológico.	Psicólogo ou psiquiatra que seja vinculado ao CRP-PE	Jornalista para apurar as informações e escrever a reportagem
Vantagens de ser saudável mentalmente; Saúde mental e o meu dia a dia	Programa de rádio	Entrevistar dois especialistas em saúde mental e comentar sobre o benefício de se manter saudável mentalmente: menor instabilidade, maior facilidade em lidar com os problemas. Em caso de transtornos: aprender a identificar gatilhos, estabelecer emocional. No esporte: ajudar a manter o foco, a lidar com situações de extrema pressão e a reconhecer os próprios limites.	Psicólogo clínico e um psicólogo com especialização em esportes (integrante da C.E.P.E ou do COB)	Profissional de comunicação para elaborar o roteiro, locutor(es), uma rádio e os entrevistados
Indícios comuns: Sintomas físicos; Sintomas cognitivos e emocionais	Reportagem para o site	A ideia é conversar com especialistas sobre os tipos de sinais que o nosso corpo dá quando não estamos saudáveis mentalmente e, se possível, listar alguns sintomas comuns que devemos nos atentar.	Psiquiatra vinculado à Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP)	Jornalista para apurar as informações e escrever a reportagem
Preciso de ajuda; Onde buscar tratamento; Opções acessíveis	Postagem nas redes sociais	Lançar um carrossel no Instagram listando alguns locais de atendimento psicológico/psiquiátrico gratuito ou com um valor acessível	Clinicas ou psicólogos/psiquiatras que ofereçam opções de atendimento e tratamento gratuito ou acessível	Social Media e Designer
Subtema 2				
Perfeccionismo; Medalha	Em matéria especial para o jornal impresso	Traçar figuras de atletas que buscavam a perfeição sempre e acabaram lutando o psicológico como Ayrton Senna. Comparar com a busca de hoje pela medalha de ouro, símbolo da perfeição para alguns. Buscar a análise de um psicólogo nessas situações para entender até que ponto o estresse pode causar em uma pessoa que busca a perfeição sempre. Ao final, falar do seminário que irá acontecer	Representante do Instituto Ayrton Senna: Psicólogo de esportes	Gente para escrever
Entrevistas; Atletas	Entrevistas com atletas	Entrevista para conversar com os campeões olímpicos que ganharam medalhas. Para falar um pouco da vida deles, a trajetória até eles conseguirem uma medalha e o que vem pela frente.	Atletas campeões de Tokyo 2020	Contratar Marília Gabriela
Questões sociais	Reportagem especial sobre o cenário de suporte para novos atletas	Aprofundar que tipo de perspectivas um jovem querendo ser atleta tem no cenário brasileiro. Quais as formas em que ele pode buscar suporte e treino. Linkar com o tema "pôdo"	Profissional que capacita treinadores da Academia Brasil	Jornalistas
Psicologia do Esporte	Formato de Rádio conversando com um profissional da área	Conversar sobre o nicho, de que forma é possível ajudar atletas como Simone e outros atletas que são pressionados em ter resultados atrás de resultados.	Psicólogo do Comitê Olímpico Brasileiro	Locutor, uma rádio e um psicólogo especialista em esportes
Subtema 3				
Tomada de decisão	Matéria para o site do jornal	Contextualizar a história da atleta, Abordar possíveis motivos que a levaram a tomar esta decisão no meio de uma Olimpíada. Buscando apurar o que está acontecendo lá em Tóquio. O contexto nos EUA e a trajetória de vida dela até a decisão final. Linkar com a matéria seguinte "O suporte"	Bibliografia: Buscar informações na internet; Possível entrevista com Simone Biles	Jornalista
O suporte	Matéria para o site do jornal	Aporitar os sintomas que ela possivelmente teve e que possíveis tratamentos emergenciais alguém pode fazer diante de uma situação extrema. Linkar com o assunto: Preciso de ajuda, e agora? Opções gratuitas e acessíveis de buscar tratamento	Psicólogo que atendeu a atleta e um psicólogo de algum Comitê Olímpico	Jornalista
A reação do público	Trend do Twitter	Fazer um questionamento do público sobre o que acharam da desistência da Atleta para priorizar a saúde mental dela. Linkar com a matéria seguinte "Tratamento"	Usuários	Social Media
Tratamento	Matéria para o site do jornal	Contextualizar a história da atleta buscando as formas que ela fez para procurar tratamento e suporte nessa decisão. Além de apurar outras formas mais acessíveis de tratar em situações mais emergenciais. Linkar com a matéria seguinte "O retorno"	Bibliografia; Clínicas ou psicólogos que ofereçam atendimentos emergenciais acessíveis	Jornalista para entrevistar e apurar as informações
O retorno?	Matéria para o site do jornal	Abordar o retorno dela no final das Olimpíadas. Buscar traçar o esforço dela de tentar mais uma vez e que tipo de suporte ela terá que continuar a receber após os anos seguintes		
	Matéria para o site do jornal		Bibliografia; Psicólogo vinculado ao Comitê Olímpico	Jornalista

ANEXO 3 - MAPA MIDIÁTICO-TEMÁTICO INCIDENTES COM TUBARÃO EM PERNAMBUCO

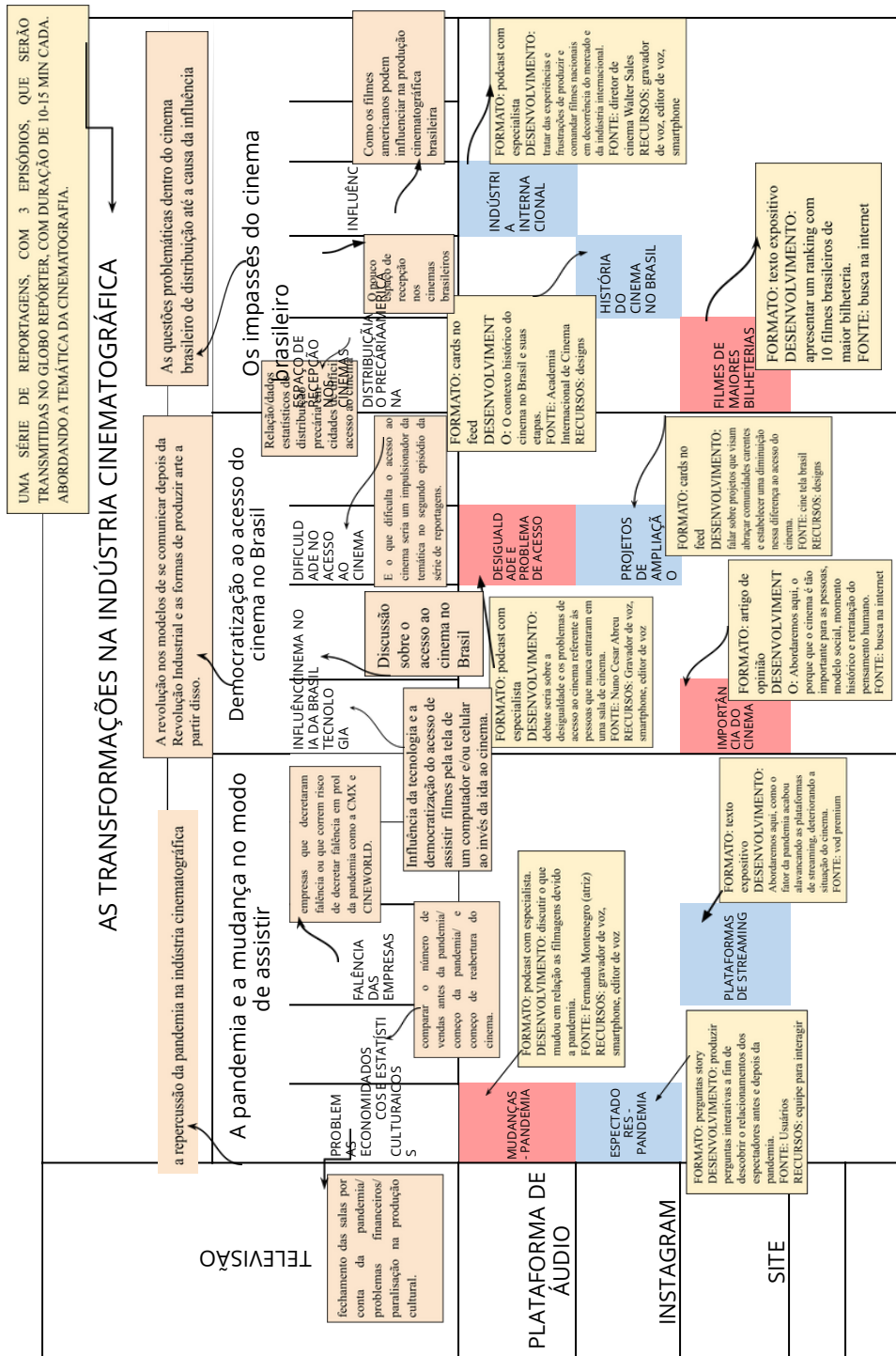
PERIGO: ÁREA SUJEITA A ATAQUE DE TUBARÃO?																				
CADERNO ESPECIAL										TEMA: INCIDENTES COM TUBARÃO EM PERNAMBUCO										
JORNAL IMPRESSO (CADERNO ESPECIAL)	TUBARÕES					AÇÃO DO HOMEM				AÇÃO OU REAÇÃO (CONSEQUÊNCIAS DOS INCIDENTES COM TUBARÕES)				O MAR ESTÁ PARA PEIXE (O MAR NÃO É O NOSSO LAR, É O DELES)						
	Espécies presentes no litoral pernambucano.	Rotas e o por que delas?	Manguezais e arrecifes de corais	Lista de lugares onde ocorrem incidentes.	Homem X Natureza	Poliuição marítima, mudanças climáticas e aumento populacional nas orlas.	Pesca por arrasto e o aumento no número de incidentes	Porto de Suape e número de incidentes	Disputa de habitat.	Incidentes com tubarões em Pernambuco.	Sobreviventes e familiares.	Tubarões e vítimas: essa história tem um vilão?	Por que os tubarões "atacam" os seres humanos?	A Educação ambiental.	Desmistificando a ideia do "tubarão assassino" .	Locais onde ocorrem os incidentes.	Medidas de contenção.			
	PRAIAS - MUNDO									MAR - SELVAGEM					MEDO - TUBARÃO					
	CONHECENDO - TUBARÕES									IMPACTOS - PORTO		HISTÓRICO - REGIONAL		ÁREAS - RISCO						
	PRESERVAÇÃO - MARINHA									CONSUMISMO - EXPLORAÇÃO				ANIMAIS - COMPORTAMENTO						
PLATAFORMA DE ÁUDIO																				
INSTAGRAM	CHEGADA - PERNAMBUCO					PRAIAS - MUNDO				URBANIZAÇÃO - PRAIAS				DEMOCRATIZAÇÃO - INFORMAÇÃO						
												EXPERIÊNCIA - TRAUMAS		CONTEXTO - ESPAÇO						
YOUTUBE																				

OPINIÃO

CONTEXTUALIZAÇÃO

DETALHAMENTO DOS CONTEÚDOS DE EXPANSÃO

RETRANÇA	FORMATO	DESENVOLVIMENTO/ABORDAGEM	FONTES	RECURSOS
PRAIAS - MUNDO	Post em forma de Thread	Descrevendo os locais redor do mundo onde ocorreram incidentes.	Bibliográficas	Internet
	Artigo	Como os tubarões vivem, suas várias espécies, onde e como se reproduzem e sua alimentação.	Biólogo, professor da Universidade Estadual Paulista, Prof. Dr. Roberto de Almeida	Internet, texto, e-mail
	Podcast com especialista	Relatar a importância dos mangues e arrecifes de corais nas várias etapas da vida do tubarão.	Professores da UFRPE	Gravador de som, editor de áudio
	Post com fotos e texto	Trazar e descrever imagens das diversas praias mundo afora onde ocorreram tais incidentes.	Bibliográficas	Imagens, texto, internet
	Vídeo	Identificar as principais rotas que o animal faz, o porquê, e a partir de que momento ele chega às praias.	Pesquisadores da UFRPE em Engenharia de Pesca	Editor de vídeo, câmera
IMPACTOS - PORTO	Reportagem	Demonstrar como o Porto de Suape interferiu diretamente no aumento de números de casos de tubarão.	Bibliográficas, busca internet e especialistas	Internet, imagens
	Podcast com especialista	Correlacionar como o aumento da pesca de peixes e camarões por arrasto pode ter influenciado a incidência de tubarões.	Engenheiro de pesca do CEMIT	Aparelhos de áudio: Gravador
	Vídeos reels	Discutir como é a relação do homem com a natureza e como os espaços são tomados.	Biólogo, professor da UFPE, Antônio Carlos Beltrão	Vídeos, gravador de som
	Vídeos	Desenvolver como essas mudanças têm influência nos incidentes com tubarões e outros animais.	Engenheiro de pesca, oceanógrafo, Asis Lacerda	Câmera, editor de vídeo
MAR - SELVAGEM	Post em forma de Thread	Mostrar a disputa pelo mar, habitat dos tubarões, intensificando que é um ambiente selvagem.	Bibliográficas, Oceanóloga, professora da UFRPE, Rênoir	Internet, imagens
	Reportagem	Fazer uma apanhado de casos em Pernambuco, desde o primeiro ao atual, com datas e locais.	Bibliográficos	Internet, imagens, texto
	Podcast entrevista	Entender e esclarecer o porquê dos constantes "ataques" de tubarões na região.	Integrantes do CEMIT e Oceanóloga Rosângela Lessa	Gravador de som, editor de áudio
	Vídeo	Relatos de familiares e sobreviventes de como ocorreram os casos, dos motivos de estar vivos.	Familiares e sobreviventes	Câmera, editor de vídeo
	Vídeo	Questionar especialistas e sobreviventes sobre os culpados dos "ataques".	Familiares, sobreviventes e engenheiro de pesca Joni	Câmera, editor de vídeo
MEDO - TUBARÃO	Post em formato de Thread	Desmistificar a ideia do "tubarão assassino", mostrando que ele é um animal instintivo com medo.	Alexandre Carvalho do Instituto Oceanário	Internet, imagens
	Artigo	Mapear as áreas do litoral pernambucano onde ocorrem os incidentes, propondo possíveis causas.	Mapeamento dos incidentes com tubarão. (NASCIMENTO)	Texto, imagens
	Enquetes e perguntas nos stories	Demonstrar a importância da educação ambiental para a sociedade e defender o acesso ao mar.	Ativistas ambientais e público	Imagens, equipe de interação
DEMOCRATIZAÇÃO - INFORMAÇÃO				



DETALHAMENTO DOS CONTEÚDOS DE EXPANSÃO		OPINIÃO	CONTEXtualIZAÇÃO	FONTES
RETRATÇA FORMATO	DESENVOLVIMENTO/ABORDAGEM			
MUDANÇAS - PANDEMIAPodcast com especialista	Discutir o que mudou em relação às filmagens depois da pandemia			
ESPECTADORES - PANDEMIAperguntas no story	Perguntas interativas a fim de descobrir o relacionamento dos espectadores antes e depois da pandemia			
PLATAFORMAS DE STREAMINGTextos	Como o fator pandemia avaliou as plataformas de streamings, deteriorando a situação do cinema			
DESIGUALDADES E PROBLEMASPodcast com especialista	Por que as desigualdades e os problemas de acesso ao cinema?			
PROJETOS DE AMPLIAÇÃOCards no feed	Falar sobre projetos que visam a igualdade do acesso ao cinema			
IMPORTÂNCIA DO CINEMAArtigo de opinião	Abordar o motivo da importância do cinema, seu modelo social, momento histórico e a retratação do cinema			
INDÚSTRIA INTERNACIONALPodcast com especialista	Tratar das experiências e frustrações de produzir e comandar filmes nacionais em decorrência do momento			
FILMES DE MAIORES BILHETERIAS	Mostrar contexto histórico do cinema no Brasil e suas etapas			
	Apresentar um ranking com 10 filmes brasileiros de maiores bilheterias			

ANEXO 10 – PLANO DE ENSINO DA DISCIPLINA TELECINEJORNALISMO

A



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

PRÓ-REITORIA PARA ASSUNTOS
ACADEMICOS

DIRETORIA DE GESTÃO ACADÊMICA

PLANO DE ENSINO DE DISCIPLINA

PERÍODO LETIVO: 2021.1

ÓRGÃO COORDENAÇÃO DA
OFERTANTE: GRADUAÇÃO EM JORNALISMO

Disciplina	CH Teórica	CH Prática	Crédito
TELECINEJORNALISMO	15	60	3.0

Turma		
Identificação	Cursos que Atende	Período
JN	JORNALISMO	2021.1

Horário	Professor	N. Qtd Subturmas
QUA - 15 00 16 00 16 00 17 00 17 00 18 00 SEX - 04 00 05 00 05 00 06 00	YVANA CARLA FECHINE DE BRITO	0

Ementa

O estatuto do telejornal e sua linguagem. Operação em tempo real (transmissão direta). A produção Telejornalística (produção, gravação e edição de vts). Reportagem temática. Reportagem especial. Elaboração de roteiro. Análise de produtos audiovisuais

Objetivo

Capacitar os estudantes para a produção, gravação e edição de reportagens televisivas.

Metodologia

Aulas expositivas, leituras dirigidas, análise e elaboração de reportagens.

Forma de Avaliação

1) Produção de reportagem 2) Produção de roteiro transmídia para uma série de reportagens
Avaliação Padrão da UFPE

Bibliografia**BÁSICA:**

Nenhuma bibliografia básica cadastrada para o componente curricular.

COMPLEMENTAR:

BELTRÃO, Luiz. Jornalismo interpretativo, 2ª ed., Sulina, Porto Alegre, 1980;
BORDAS, Miguel Angel García. "Notícia direta e notícia de criação", Revista Textos de Cultura e Comunicação, FACOM/UFBA, N.1, 1985; CRUZ NETO, João Elias. Reportagem de televisão: como produzir, executar e editar. Vozes, Petrópolis (RJ), 2008; FECHINE, Yvana; ABREU E LIMA, Luisa (2009). Por uma sintaxe do telejornal: uma proposta de ensino. Revista Galáxia, São Paulo, n. 18.
FECHINE, Yvana (2008). Televisão e presença. Uma abordagem semiótica da transmissão direta. Estação das Letras e Cores/Centro de Pesquisas Sociosemióticas, São Paulo. LAGE, Nilson. Estrutura da notícia, 5ª ed., Ática, São Paulo, 2000; A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística, Record, Rio de Janeiro - São Paulo, 2001; MACEDO, Marcos.; FECHINE, Yvana. Narrativas transmídia em jornalismo. Revista GEMINIS, v. 10, n. 2, p. 77-100, 26 set. 2019. Disponível em <https://www.revistageminis.ufscar.br/index.php/geminis/article/view/445> MACHADO, Arlindo (2000). "As vozes do telejornal", in A televisão levada a sério. São Paulo, Senac, 2000. PUCCINI, Sérgio. Roteiro de documentário: da pré-produção à pós-produção, Campinas, Papyrus, 2009. RENÓ, Denis; FLORES, Jesus. Periodismo Transmedia Reflexiones y técnicas para el ciberperiodista desde los laboratorios de medios interactivos. Madrid Editorial Fragua, 2012. SCOLARI, Carlos A. Narrativas transmedia cuando todos los medios cuentan. Barcelona, Centro Libros, 2013. SOUSA, Jorge Pedro. Teorias da notícia e do jornalismo, Ed. Argos, Chapecó, 2002; VILCHES, Lorenzo. Manipulación de la información televisiva, Paidós, Barcelona-Buenos Aires, 1995; YORK, Ivor (2006). Telejornalismo, 4ª. Ed. São Paulo: Rocca.



Unidade Programática						
Data	Conteúdo	Horário		Qtd de Aulas		Professor
		Início	Fim	Teórica	Prática	Responsável
21/09/2022 (Qua)	Planejamento da disciplina. Discussão dos projetos do semestre.	15:00	17:00	2	0	YVANA CARLA FECHINE DE BRITO
23/09/2022 (Sex)	Assistir documentário. Santo Forte, Eduardo Coutinho.	00:00	04:00	0	4	YVANA CARLA FECHINE DE BRITO
28/09/2022 (Qua)	Reportagem especial - caracterização e roteirização	15:00	17:00	2	0	YVANA CARLA FECHINE DE BRITO
30/09/2022 (Sex)	Assistir reportagens para aula.	04:00	06:00	0	2	YVANA CARLA FECHINE DE BRITO
05/10/2022 (Qua)	Planejamento dos projetos	15:00	17:00	2	0	YVANA CARLA FECHINE DE BRITO
07/10/2022 (Sex)	Pesquisa de temas para projetos do semestre	03:00	06:00	0	3	YVANA CARLA FECHINE DE BRITO
14/10/2022 (Sex)	. Produção de reportagem e entrevista.	00:00	05:00	0	5	YVANA CARLA FECHINE DE BRITO
19/10/2022 (Qua)	Tematização. Serialização.	15:00	17:00	2	0	YVANA CARLA FECHINE DE BRITO
21/10/2022 (Sex)	Produção de reportagem e entrevista.	00:00	05:00	0	5	YVANA CARLA FECHINE DE BRITO
26/10/2022 (Qua)	Gravação de entrevista	14:00	18:00	0	4	YVANA CARLA FECHINE DE BRITO
28/10/2022 (Sex)	Produção/roteirização de reportagem	00:00	05:00	0	5	YVANA CARLA FECHINE DE BRITO
09/11/2022 (Qua)	Jornalismo transmídia	15:00	17:00	2	0	YVANA CARLA FECHINE DE BRITO
11/11/2022 (Sex)	Entrega dos roteiros e áudios da reportagem Assistir às reportagens (transmissão direta)	00:00	05:00	0	5	YVANA CARLA FECHINE DE BRITO
16/11/2022 (Qua)	Roteirização transmídia. Mapa temático.	15:00	17:00	2	0	YVANA CARLA FECHINE DE BRITO
18/11/2022 (Sex)	Análise de Dossiê Tudo sobre (Zika).	00:00	05:00	0	5	YVANA CARLA FECHINE DE BRITO
23/11/2022 (Qua)	Roteirização transmídia.	15:00	18:00	3	0	YVANA CARLA FECHINE DE BRITO
25/11/2022 (Sex)	Apuração para projeto transmídia.	00:00	05:00	0	5	YVANA CARLA FECHINE DE BRITO
30/11/2022 (Qua)	Orientação para realização de roteiro transmídia.	15:00	18:00	0	3	YVANA CARLA FECHINE DE BRITO
02/12/2022 (Sex)	Elaboração de roteiro transmídia	0:00	06:00	0	5	YVANA CARLA FECHINE DE BRITO
07/12/2022 (Qua)	Orientação para realização de roteiro transmídia.	15:00	18:00	0	3	YVANA CARLA FECHINE DE BRITO
09/12/2022 (Sex)	Elaboração de roteiro transmídia	00:00	05:00	0	5	YVANA CARLA FECHINE DE BRITO



14/12/2022 (Qua)	Fechamento dos roteiros Transmídia	15:00	18:00	0	3	YVANA CARLA FECHINE DE BRITO
16/12/2022 (Sex)	Entrega do roteiro transmídia	00:00	05:00	0	5	YVANA CARLA FECHINE DE BRITO
21/12/2022 (Qua)	Análise dos roteiros transmídia. Fechamento da disciplinas	15:00	18:00	0	3	YVANA CARLA FECHINE DE BRITO

Resumo número de aulas

Turma	Téorica	Prática	Segunda	Prova Final	Perceptoria
Turma JN	15	60	0	0	0

Professor: YVANA CARLA FECHINE DE BRITO
Coordenador: ADRIANA MARIA ANDRADE DE SANTANA (Plano
Aprovado)

Data de Envio: 12/09/2022
Data de Aprovação: 15/09/2022

ANEXO 11 - MAPA MIDIÁTICO-TEMÁTICO INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

Inteligência artificial											
Introdução à IA				Automação do trabalho			Uso Pessoal			IA na Medicina	
O episódio inicial apresenta definições básicas do conceito de IA, assim como seu histórico, exemplos reais e dilemas éticos. É um episódio generalista				O episódio fala sobre como o mercado de trabalho se adaptou ao uso de IA e também as consequências para os trabalhadores, trazendo o debate sobre aumento da produtividade x desemprego			O episódio mostra como a IA se faz presente no dia a dia das pessoas, das redes sociais até o controle de eletrodomésticos			O episódio final da série é focado no uso da IA na medicina, esclarecendo suas diversas aplicações (cirurgia, diagnóstico e monitoramento)	
T E L E V I S Ã O	Definição	História									
		Tipos e funções									
Instagram	PERSONAGENS- IAS CULTURA POP										
Podcast											
Youtube											

DETALHAMENTO DOS CONTEÚDOS DE EXPANSÃO

RETRANÇA	FORMATO	DESENVOLVIMENTO/ABORDAGEM	FONTES	RECURSOS
IAS FAMOSOS CULTURA POP	CARROSSEL	Exemplos de IA e Robôs famosos da cultura pop	Site na internet / Letterboxd	PROGRAMA DE EDIÇÃO GRÁFICA
ACORDO UNESCO	PODCAST ENTREVISTA	Debater sobre o Primeiro Acordo Global sobre a Ética da Inteligência Artificial, da UNESCO	André Gualtieri – Eicista de Inteligência Artificial, advogado, doutor em Filosofia do Direito pela PUC/SP, professor da Pós-Graduação em Direito Digital da Universidade Mackenzie, membro da I2AI.	ESTÚDIO, APRESENTADOR E EQUIPAMENTOS DO SOM
ORIGEM LITERATURA/TEATRO	VIDEO ENSAIO	Origem da ideia de IA e robôs; peça de teatro Robôs Universais de Rossum e leis da robótica do Asimov	Roteiro do "R.U.R." e livro "Eu, Robô".	EDITOR DE VÍDEO
VIGILÂNCIA PÚBLICA	PODCAST COM FALAS DE UM ESPECIALISTA NO ASSUNTO	Podcast no qual o apresentador discute junto com especialistas sobre os embates éticos na vigilância pública e o uso de dados sensíveis por IA. As inserções dos convidados aparecem construindo a argumentação do roteiro sem que estejam na estrutura clássica de entrevista ping pong.	Bruno Bioni, diretor e fundador do instituto Data Privacy Brasil	ESTÚDIO, APRESENTADOR E EQUIPAMENTOS DE SOM
IAS NAS EMPRESAS	VIDEO IGTV	Post explicando como as empresas usam o Big Data para tomar decisões de qualidade, bem como o uso da IA em questões estratégicas e táticas para as empresas	Representante do setor de Tecnologia da Informação da Google ou Amazon.	APRESENTADOR, EQUIPAMENTOS DE GRAVAÇÃO E EDIÇÃO
SOLUÇÃO DESEMPREGO	DEBATE EM ESTÚDIO (VÍDEO)	Debate mediado para encontrar uma solução para o desemprego causado pela automação (renda básica universal, empregos do futuro)	Debate com um consultor de Recursos Humanos e um dono de fábrica automatizada	APRESENTADOR, EQUIPAMENTOS DE GRAVAÇÃO E EDIÇÃO
ALGORÍTMOS RACISTAS	REELS	Vídeo explicando a falha na distribuição de conteúdo de pessoas pretas no Instagram	Cleber Matos de Moraes, Mestre em	APRESENTADOR, EQUIPAMENTOS DE GRAVAÇÃO E EDIÇÃO
ANÚNCIOS DIRECIONADOS	DEBATE EM PODCAST	Um debate com especialistas na área de marketing nas redes sociais, com foco na questão ética da publicidade direcionada e perda de privacidade. Também explicando como empresas utilizam tecnologia para direcionar seus produtos aos consumidores se baseando em seus cliques e buscas relacionadas.	Especialista em Marketing digital e especialista em Direito na Internet	ESTÚDIO, APRESENTADOR, EQUIPAMENTO DE GRAVAÇÃO E EDIÇÃO
DEEPPAKE	VÍDEO ENSAIO	Apresentar o que é a tecnologia de deep fake e suas consequências e riscos para a propagação de fake news	Especialista em tecnologia emergentes e Deepfake	DESIGNER E EDITOR DE VÍDEO
IA NA WEB 4.0	CARROSSEL	Assistentes pessoais na Web 4.0 e como eles organizam nossa agenda e horários	Cortiz, professor da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUCPR-SB	DESIGNER
DEEP LEARNING TELEMEDICINA	PODCAST ENTREVISTA	Investigar como a tecnologia Deep learning é usada na telemedicina para tratamento de doenças e em que tipo de doenças.	Dr. Ivo Henrique Dantas, pesquisador em mídias digitais	APRESENTADOR, EQUIPAMENTOS DE GRAVAÇÃO E EDIÇÃO, ESTÚDIO
DISPOSITIVOS REMOTOS	IGTV	Vídeo mostrando o dia a dia de um paciente que usa um dispositivo remoto de monitoramento que capta dados como a saturação de oxigênio, pressão sanguínea e batimentos cardíacos, que ficam armazenados para comparação ou envio imediato ao médico responsável	Murilo Guedes, pesquisador pós-doutorando do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde (PPCCS) da PUCPR.	EQUIPAMENTOS DE GRAVAÇÃO
ROBÔS CIRURGIÕES	VÍDEO ENTREVISTA	Entrevista com o Dr. Alcides Branco sobre a primeira cirurgia contra diabetes tipo 2 feita com robôs no Brasil	Paciente que usa um dispositivo remoto de monitoramento	APRESENTADOR, EQUIPAMENTOS DE GRAVAÇÃO E EDIÇÃO, ESTÚDIO

ANEXO 12 - MAPA MIDIÁTICO-TEMÁTICO EXTERMINÍO NEGRO DA PERIFERIA

EXTERMINÍO NEGRO NAS PERIFERIAS										
TELEVISÃO	DESGUALDADE SOCIAL DE NEGROS PERIFÉRICOS			VIOLÊNCIA INSTITUCIONAL			RACISMO ESTRUCTURAL			COMBATE AO EXTERMINÍO NEGRO
	Diagnóstico do problema			Como acontece			Entender como o racismo é estruturado no Brasil a partir de suas origens...			Medidas de enfrentamento
	Glissaver de casos recentes de violência institucional (Ex: o negro alagoano morto pelo Miguel, chetina do Salgueiro etc)	Levantamento de dados: O caso da chetina no complexo Salgueiro. Caso da chetina no complexo do Alamoão. Caso João Pedro Complexo do Salgueiro	Falta de equidade	Divisão social que reforça os princípios da desigualdade	Distanciar que a maioria da população que é assassinada é negra / banalização da violência/normas	Abordar a percepção na sociedade de que a violência pública é das vítimas do sistema	Resquícios da colonização. Chagada da família real para o Rio de Janeiro. "criação da Milícia para proteger os bens dos privilegiados"	Negros eram tratados como inferiores	Políticas públicas	Causas econômicas
INSTAGRAM	IGTV com imagens dos casos de racismo institucional ou não pois recentes com vozeiro com trechos do artigo de opinião do site	Dados da desigualdade racial por renda, estatísticas de homicídios de brancos e negros, estatísticas de composição racial de menores infratores, etc)	Como a violência institucional acontece (série de posts)	Como a violência institucional acontece (série de posts)	IGTV/YoutTube visitando uma comunidade e entrevistando um líder comunitário sobre a ausência do estado na vida deles	Carrossel com estatísticas negros e ancors no Brasil (ex: divisão racial por renda, estatísticas de homicídios de brancos e negros, estatísticas de composição racial de menores infratores, etc)	Carrossel de pinturas do período colonial/imperial retratando a condição do negro na sociedade brasileira	INDICAÇÃO FILMES	FUNDACÃO PALMARES	Carrossel com recomendações de produtos artísticos (livros, filmes, músicas de negros que abordam ou tangenciam o racismo)
PLATAFORMA DE ÁUDIO		Histórico da desigualdade			Entrevista com pessoa negra encarcerada injustamente		Podcast entrevistando historiador especialista em formação do Brasil			Entrevista em podcast com parlamentares que tenham atuação antirracista
SITE	Artigo de opinião mais geral sobre o tema	Texto falando como a desigualdade afeta as pessoas negras periféricas		Crônica no site sobre a banalização da violência contra negros			MOVIMENTO NEGRO NO BRASIL	Mapeamento dessas ONGs e movimentos e suas ações pelo Brasil	Como a sociedade civil pode ajudar na luta contra racismo (artigo de opinião)	Texto condensado da entrevista acima no site

RETRANCA

MOVIMENTO NEGRO NO BRASIL

FILMES NEGROS

FUNDACÃO PALMARES

ESTATÍSTICAS

HISTÓRIA

ANTIRRACISMO NA POLÍTICA

VIOLÊNCIA INSTITUCIONAL

DESGUALDADE DE NEGROS PERIFÉRICOS

OPINIÃO

ARTIGO DE OPINIÃO

FORMATO

ARTIGO DE OPINIÃO

SÉRIE NO REELS

PODCAST COM ESPECIALISTA

CARROSEL NO INSTAGRAM

PODCAST COM ESPECIALISTA

ENTREVISTA COM ESPECIALISTA

SÉRIE DE POSTS

DESENVOLVIMENTO/ABORDAGEM

DESCREVER COMO NASCEU E PERDURA AS LUTAS DO MOVIMENTO NEGRO

INDICAÇÃO DE FILMES QUE TRATAM DA TEMÁTICA DO RACISMO...

DISCUTIR O ESVIAZAMENTO DA FUNDACÃO PALMARES COM AS ATITUDES DO ATUAL PRESIDENTE

EXIBIR POR MEIO DE GRÁFICOS ESTATÍSTICAS DE DESIGUALDADE RACIAL NO BRASIL

EXPOR A FORMAÇÃO HISTÓRICA RACISTA DA SOCIEDADE BRASILEIRA

Entrevista em podcast com parlamentares que tenham atuação antirracista

APRESENTAR MANEIRAS EM QUE A VIOLÊNCIA INSTITUCIONAL ACONTECE NO DIA A DIA DAS PESSOAS

FALAR COMO A DESIGUALDADE RACIAL OCORRE

FONTES

LÍDER DO MOV. NEGRO PE.

CRÍTICOS DE CINEMA NEGROS

EX-PRESID. / LÍDER MOV. NEGRO

IBGE, IPEA, DIEESE, BOPE, ETC

PROFESSOR DE HISTÓRIA DA UFPE

JUNTAS (ALEPE)

MORADORES E LÍDERES COMUNITÁRIOS

DADOS DE ORGAOS OFICIAIS E OPINIÃO DE UM ESPECIALISTA

RECURSOS

FOTO DO AUTOR/ TEXTO ESCRITO

GRAVAÇÃO DE VÍDEOS CURTOS

ESTÚDIO, GRAVADOR / CONEXÃO COM A INTERNET, LEI DE ACESSO À INFORMAÇÃO

ESTÚDIO OU GRAVADOR PORTÁTIL

GRAVADOR PORTÁTIL

ANEXO 13 – MAPA MIDIÁTICO-TEMÁTICO INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS – ISTs

TELEVISÃO	TEMA: Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs)									
	SINOPSE: Série de reportagens sobre Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs). Os três episódios abordarão diversos aspectos sobre as ISTs, partindo da mudança da terminologia, passando pelas suas manifestações no corpo e impacto na saúde mental, como prevenir e tratar e como conviver com as infecções.									
	Caracterização das ISTs (Ep 1)			Prevenção e Tratamento (Ep 2)			Tabu e preconceitos (Ep 3)			
	Este episódio pretende apresentar o que são ISTs e atualizar o debate sobre elas			Este episódio pretende conscientizar a população sobre as ISTs			Este episódio pretende abordar como é a vida de uma pessoa com ISTs e a relação dela com a sociedade			
STREAMING DE ÁUDIO	Mudança da terminologia de DST para IST		Principais ISTs		Incidências (infográfico com números, perfis e mortalidade)		Educação sexual		Prevenção	
	PRINCIPAIS SINTOMAS DAS ISTs		EDUCAÇÃO SEXUAL NA UNIVERSIDADE		CAMPANHA DEZEMBRO VERMELHO		AJUDA MÉDICA		MITOS E VERDADES SOBRE AS FORMAS DE CONTÁGIO	
SITE	5 ISTs MAIS RECORRENTES		LOCAIS DE TESTAGEM RÁPIDA E UNIDADES DE TRATAMENTO		VIDA SEXUAL E FILHOS		PREVENÇÃO AO SUICÍDIO		Vida com ISTs (como é possível viver uma vida normal mesmo com IST)	

SERVIÇO

CONTEXTUALIZAÇÃO

OPINIÃO

DETALHAMENTO DOS CONTEÚDOS DE EXPANSÃO				
RETRANCA	FORMATO	DESENVOLVIMENTO/ABORDAGEM	FONTES	RECURSOS
PRINCIPAIS SINTOMAS ISTS 5 ISTS MAIS RECORRENTES	VÍDEO NO IGTV DO INSTAGRAM LISTA NO SITE	ELENCAR OS PRINCIPAIS SINTOMAS DAS ISTS MAIS RECORRENTES ELENCAR AS ISTS MAIS RECORRENTES NO BRASIL DEBATE ENTRE REPRESENTANTE DO DIRETÓRIO CENTRAL DOS ESTUDANTES/DIRETÓRIO ACADÊMICO, SERVIDOR DE CARGO ELEVADO DE UMA UNIVERSIDADE E SEXÓLOGO	CARTILHA, SITES MÉDICOS, MÉDICOS MINISTÉRIO DA SAÚDE	PROGRAMA DE EDIÇÃO E ANIMAÇÃO E SMARTPHONE PARA GRAVAR OFF DESENVOLVEDOR DE SITES
EDUCAÇÃO SEXUAL NA UNIVERSIDADE	PODCAST	ENTREVISTA COM UM PEDAGOGO SOBRE COMO ABORDAR A EDUCAÇÃO SEXUAL COM OS FILHOS/CRIANÇAS CAMPANHA DE CONSCIENTIZAÇÃO E COMBATE À AIDS	MINISTÉRIO DA SAÚDE, SEXÓLOGO E ACERVO DE NOTÍCIAS SOBRE DECLARAÇÕES POLÍTICAS SOBRE AS UNIVERSIDADES PÚBLICAS PEDAGOGO E MINISTÉRIO DA MULHER, DA FAMÍLIA E DOS DIREITOS HUMANOS	ESTÚDIO DE SOM E EDITOR DE ÁUDIO SMARTPHONE, TRIPÉ E INTERNET
LIVE EDUCATIVA COM PEDAGOGO CAMPANHA DO DEZEMBRO VERMELHO	LIVE NO INSTAGRAM REELS NO INSTAGRAM	LISTA DE LOCAIS DE TESTAGEM RÁPIDA E TRATAMENTO ACESSÍVEL NOS MUNICÍPIOS DA REGIÃO	MINISTÉRIO DA SAÚDE E SECRETARIAS DE SAÚDE	ANIMADOR E EDITOR DE VÍDEO, COMPUTADOR COM PROGRAMA DE EDIÇÃO E ANIMAÇÃO E SMARTPHONE PARA GRAVAR OFF
LOCAIS DE TESTAGEM RÁPIDA E UNIDADES DE	LISTA E INFORMAÇÕES NO SITE	RELATOS DE COMO O PRECONCEITO IMPACTA NA PROCURA POR AJUDA MÉDICA - ESPECIALISTAS E PORTADOR FALANDO	SECRETARIAS MUNICIPAIS DE SAÚDE	ESTÚDIO DE SOM E EDITOR DE ÁUDIO
AJUDA MÉDICA	PODCAST	DEBATER OS IMPACTOS DO PRECONCEITO NA BUSCA POR AJUDA MÉDICA	MÉDICO INFECTOLOGISTA, PORTADOR DE IST MÉDICOS (GINECOLOGISTA, UROLOGISTA E INFECTOLOGISTA) E PORTADORES	ESTÚDIO DE SOM E EDITOR DE ÁUDIO
PREVENÇÃO AO SUICÍDIO	LIVE NO INSTAGRAM	SÉRIE DE VÍDEOS ESCLARECENDO O QUE É VERDADE E O QUE É MITO SOBRE A TRANSMISSÃO DE ISTS	CARTILHAS E SITES MÉDICOS	ANIMADOR E EDITOR DE VÍDEO, COMPUTADOR COM PROGRAMA DE EDIÇÃO E ANIMAÇÃO E SMARTPHONE PARA GRAVAR OFF
MITOS E VERDADES SOBRE AS FORMAS DE CON	SÉRIE DE REELS NO INSTAGRAM	RELATOS SOBRE A VIDA SEXUAL E FAMILIAR PÓS-DIAGNÓSTICO, RELATOS DE PORTADORES E ESPECIALISTAS	PORTADORES DE ISTS E ESPECIALISTAS	ESTÚDIO DE SOM E EDITOR DE ÁUDIO
VIDA SEXUAL E FILHOS	PODCAST COM ESPECIALISTA E PORTADOR			

ANEXO 14 - MAPA MIDIÁTICO-TEMÁTICO HIV

HIV															
Uma série de três episódios abordando temas pouco explorados pela mídia geral sobre o cotidiano de pessoas com HIV															
TELEVISÃO	DESMISTIFICAÇÃO				PREVENÇÃO E TRATAMENTO				COTIDIANO COM HIV						
	Panorama mais geral sobre o HIV para esclarecer conceitos sobre o tema.				Apresentar formas de transmissão, prevenção e tratamento do HIV.				Mostrar o cotidiano das pessoas que convivem com o HIV, usando personagens mais diversos possíveis						
	ABORDAR OS ESTIGMAS DA INFECÇÃO (IMAGINÁRIO SOCIAL)	ESCLARECER DIFERENÇA ENTRE HIV / AIDS	FALAR SOBRE OS GRUPOS VULNERÁVEIS E CASOS PARA ALÉM DESSES INDIVÍDUOS	INCIDÊNCIA DA IST NO BRASIL NOS ÚLTIMOS ANOS (NÚMEROS)	FORMAS DE TRANSMISSÃO DA IST	ANTIRETROVIRAIS (O QUE É, COMO FUNCIONA, EFICÁCIA, USO E ONDE ENCONTRAR A MEDICAÇÃO)	PREP E PEP (O QUE É, COMO FUNCIONA, EFICÁCIA, EVOLUÇÕES E ONDE ENCONTRAR A MEDICAÇÃO)	POSSIBILIDADE DE REVERSÃO DA AIDS PARA HIV	AVANÇOS DA CIÊNCIA PARA PREVENÇÃO	O QUE MUDA NA VIDA COM HIV? EXISTEM LIMITAÇÕES DE SAÚDE?	PRECONCEITOS E NA VIDA PESSOAL E RELACIONAMENTOS	PRECONCEITO NA VIDA PÚBLICA E PROFISSIONAL	PRECONCEITO NOS SERVIÇOS DE SAÚDE		
	MITOS E VERDADES SOBRE O HIV: RESPONDENDO DÚVIDAS DO PÚBLICO SOBRE O HIV				TESTES RÁPIDOS E SUS				GRUPOS DE APOIO						
INSTAGRAM	INFECTOLOGISTA A EXPLICA AIDS E HIV				A VIVÊNCIA DOS PROFISSIONAIS DO SEXO E OS DIFERENTES RISCOS DE INFECÇÃO DO HIV				VIDA SEXUAL DA PESSOA COM HIV						
SPOTIFY	LOCALS DE MAIOR INCIDÊNCIA				CAMISINHAS				PESQUISA COM VACINAS						
SITE									GRAVIDEZ COM HIV					LEGISLAÇÃO E DISCRIMINAÇÃO	

SERVIÇO

CONTEXTUALIZAÇÃO

DETALHAMENTO DOS CONTEÚDOS DE EXPANSÃO

RETRANCA	FORMATO	DESENVOLVIMENTO/ABORDAGEM	FONTES	RECURSOS
PROFISSIONAIS DO SEXO	Podcast com entrevista	Entrevistas contrapondo os estigmas que relacionam o trabalho sexual à HIV, investigando sobre as experiências do dia-a-dia de profissionais e como é feita a prevenção a ISTs	Luza Maria Silva , trabalhadora sexual, coordenadora-geral da APROSPB e integrante da CUTs / Márcia Bayma, trabalhadora sexual, integrante da APROSBA e da ANPROSEX	Materiais de gravação de áudio, como fones de ouvido e microfones. Locação de estúdio, se realização presencial. Também é necessário equipe de edição, para o pós-produção.
INFECTOLOGISTA EXPLICA AIDS E HIV	Podcast com entrevista	Aprofundamento da contextualização inicial oferecida pelo episódio televisivo, explicando de forma científica as características do HIV, e a diferença técnica entre a infecção pelo vírus e o desenvolvimento da Aids.	Melissa Medeiros, especialista em HIV e consultora da Sociedade Brasileira de Infectologia	Materiais de gravação de áudio, como fones de ouvido e microfones. Locação de estúdio, se realização presencial. Também é necessário equipe de edição, para o pós-produção.
GRUPOS DE APOIO	Posts para Instagram	Divulgar locais de tratamento e grupos de apoio para pessoas que acabaram de receber o diagnóstico ou estão passando por complicações decorrentes do HIV. Nestes posts, a doença seria abordada de maneira simplificada e objetiva para resultar na indicação de locais que acolhem, tanto de maneira clínica como emocional.	Gabriel Comichelli , ator, criador de conteúdo, streamer/ Sílvia Almeida , Palestrante. Consultora em prevenção ao HIV/AIDS. Avisia na luta contra a AIDS / Micaela Cyrino , Artista visual e diretora de Arte / Ariadne Ribeiro , assessora para apoio comunitário do UNAIDS / Devlyn Schil , farmacêutico e criador do perfil Tudo sobre HIV no Instagram	
A IMPORTÂNCIA DA CAMISINHA	Reportagem	Conteúdo de aprofundamento em relação à camisinha, desmitificando e esclarecendo sobre o uso tanto para homens como para mulheres.	Silvana Chedid , ginecologista e especialista em Reprodução Humana para pessoas com HIV	Repórter, material para captação de áudio e computador com acesso à internet. Também é necessário meio de transporte em caso de entrevista presencial
PESQUISA COM VACINAS	Reportagem	Trazer os diferentes tipos de pesquisa que tem sido feitas em relação ao desenvolvimento de vacinas, como por exemplo, a oral e a injetável. Trazer, também, quais perspectivas de avanço de cada uma dessas, para quando estão previstas e quais grupos vão abranger.	Bernardo Porto Maia , infectologista e coordenador do Estudo Mosaico, que conduz pesquisa com imunizante	Repórter, material para captação de áudio e computador com acesso à internet. Também é necessário meio de transporte em caso de entrevista presencial
GRAVIDEZ E HIV	Reportagem	Reportagem com diversas personagens grávidas para relatar a experiência específica desse grupo com HIV, buscando dar voz às necessidades dessas pessoas, quebrar estereótipos e suscitar empatia.	Pessoas grávidas com HIV	necessário meio de transporte em caso de entrevista presencial
MITOS E VERDADES SOBRE O HIV	Live no Instagram	Live com infectologista respondendo dúvidas sobre o HIV enviadas previamente por seguidores na caixa de perguntas dos stories. O intuito é abrir um espaço seguro e sigiloso para tirar dúvidas pessoais e específicas sobre HIV e auxiliar no combate ao estigma, vergonha e desinformação.	Leíclia Florio , médica infectologista.	Material de gravação de vídeo, como câmera e microfone. Além disso, é necessário equipe de edição para o pós-produção, incluindo legenda e adição do profissional intérprete de libras.
EFICÁCIA TESTES RÁPIDOS	Vídeos para o feed do Instagram	Vídeos explicativos para o feed do Instagram sobre como funcionam os testes rápidos feitos pelo SUS e onde eles podem ser feitos.	Profissionais do SUS que trabalham com testagem	Videomaker e social mídia/copywriter para a produção textual e planejamento
LEGISLAÇÃO E DISCRIMINAÇÃO	Reportagem	Reportagem sobre os direitos das pessoas com HIV que sofrem com discriminação em diferentes meios e como elas podem recorrer a canais de denúncia	Lei 12.984 / Reinaldo Bugarelli , secretário-executivo do Fórum de Empresas e Direitos LGBTQI+ / Claudia Velasquez , Diretora do UNAIDS no Brasil.	Repórter, material para captação de áudio e computador com acesso à internet. Também é necessário meio de transporte em caso de entrevista
LOCAIS DE MAIOR INCIDÊNCIA	Gráfico interativo	Com finalidade de desmistificar a ocorrência do HIV, demonstrando que ele afeta diversos grupos sociais, assim como segue sendo transmitido na atualidade e no mundo inteiro, reunimos estatísticas disponíveis de casos e tratamento a partir de dados sobre os locais com maior incidência. Reunimos essas informações em gráficos, ao exemplo do mapa interativo Coronavirus in the U.S. , acompanhando algumas explicações escritas sobre os dados disponibilizados para melhor compreensão.	Dados da UNAIDS Brasil	Repórter para criação do roteiro do gráfico elencando as principais informações e a ordem de apresentação delas. Equipe de design para confeccionar o gráfico.
VIDA SEXUAL DA PESSOA COM HIV	Podcast com entrevista	Entrevista com uma pessoa que conviva com a HIV por um tempo considerável e como é sua experiência individual, demonstrando realidade da vida com o vírus na atualidade. Aqui, diferentemente do conteúdo veiculado na TV, será dada ênfase aos aspectos da vida sexual de uma pessoa com HIV, explicando sobre os cuidados e como ocorre a comunicação sobre o assunto com os parceiros, por exemplo.	Teresinha Martins, diagnosticada com HIV, ativista e assessora de projetos sociais no Grupo de Incentivo à Vida	Materiais de gravação de áudio, como fones de ouvido e microfones. Também é necessário equipe de edição, para o pós-produção.

ANEXO 15 - MAPA MIDIÁTICO-TEMÁTICO VIDA TRANS

VIDA TRANS				
TELEVISÃO	Série televisiva que busca levantar questionamentos sobre as dificuldades de uma vivência trans e todas as suas lutas diárias, desde a infância, aceitação, até a vida adulta. A série contará com 5 episódios de 5 minutos cada, assim como também contará com atividades transmidiáticas a fim de expandir a temática e sua relevância.			
	O QUE É SER TRANS (Apresentação)	PRECONCEITO E VIOLÊNCIA	ACEITAÇÃO	TRABALHO E OCUPAÇÕES
	O EPISÓDIO CONTEXTUALIZARÁ E INTRODUZIRÁ O TELESPECTADOR ÀS PROBLEMATICAS E PRECONCEITOS EM TORNO DO QUE É SER TRANS.	ABORDARÁ OS DIVERSOS TIPOS DE VIOLÊNCIA VIVIDAS POR PESSOAS TRANS	BUSCARÁ MOSTRAR A CAMINHADA DE ACEITAÇÃO PRÓPRIA DE PESSOAS TRANS BEM COMO O APOIO DE PESSOAS AO SEU REDOR	MOSTRARÁ A DIFICULDADE QUE AS PESSOAS TRANS TEM AO PROCURAR EMPREGOS FORMAIS E BUSCARÁ DAR VISIBILIDADE A PERSONALIDADES DISTÓRICAS E ATUAIS DO MOVIMENTO TRANS
	TRANS GÊNERO X FEMININO E ORIENTAÇÃO MASCULINO	TRANS X TRAVESTITIS	EXPERIÊNCIA IDENTIFICAÇÃO E PERCEPÇÃO TRANS	PANORAMA: POLÍTICAS/ONGS PERSONALIDADES QUE AJUDAM A ADES OCUPAÇÕES E INTEGRAÇÃO NO HISTÓRICAS DE MERCADO DE TRABALHO FORMAL
	TRANS FÍSICO/ TRANSFEMININÍDIO	SÍMBOLO SAÚDE REGILIOSO	ACEITAÇÃO SOCIAL APOIO	CASOS DE POLÍTICAS/ONGS PERSONALIDADES QUE AJUDAM A ADES OCUPAÇÕES E INTEGRAÇÃO NO HISTÓRICAS DE MERCADO DE TRABALHO FORMAL
APLICATIVO		REDE DE ATENDIMENTO MEDICO		DIVULGAÇÃO DE VAGAS
PODCAST	O DIA A DIA	ORGULHO E IDENTIDADE	MATRIZ AFRICANA X CRISTIANISMO	PROFISSIONAIS DO SEXO + SERVIÇOS DE BELEZA
QUIZUR/SITE	TIPOS DE ORIENTAÇÃO	TRANSFOBIA ESTRUTURAL		
ZINE				ZINE CELEBRATIVA

OPINIÃO

CONTEXTUALIZAR

SERVIÇO

DETALHAMENTO DOS CONTEÚDOS DE EXPANSÃO

RETRANÇA	FORMATO	DESENVOLVIMENTO/ABORDAGEM	RECURSOS
REDE DE ATENDIMENTO MÉDICO TRANSFOBIA ESTRUTURAL TIPOS DE ORIENTAÇÃO RELATOS CONTEXTUALIZAÇÃO RELATOS OPINIÕES DIVULGAÇÃO DE VAGAS ZINE CELEBRATIVA	APLICATIVO DE GEOLOCALIZAÇÃO QUIZ PERGUNTAS E RESPOSTAS QUIZ PERGUNTAS E RESPOSTAS PODCAST PODCAST APLICATIVO DE GEOLOCALIZAÇÃO ZINE	LISTAR REDES DE ATENDIMENTO MÉDICO ESPECIALIZADA E QUE SEJAM SEGURAS PARA ATENDER PESSOAS TRANS O MAIS PERTO DE SUAS Cidades TESTAR O CONHECIMENTO PÚBLICO A RESPEITO DAS PESSOAS TRANS E FAZER COM QUE AS PESSOAS SE IDENTIFIQUEM E SE CONSCIENTIZEM RELATOS DE VIDAS DE PESSOAS TRANS RELATOS/OPINIÕES DE PESSOAS TRANS E/OU REDES DE APOIO DIVULGA UMA LISTAGEM DE VAGAS DE TRABALHOS FORMAIS DESTINADOS A PESSOAS TRANS E TRAVESTIS UM COMPILADO DE OBRAS CRIADAS POR PESSOAS TRANS JUNTAMENTE COM TODAS AS SUAS REDES SOCIAIS	PROGRAMADOR, WEBDESIGNER PLATAFORMA PLATAFORMA EDITOR DE AUDIO, ANCHOR EDITOR DE AUDIO, ANCHOR PROGRAMADOR, WEBDESIGNER JORNALISTA, DIAGRAMADOR, DESIGNER

ANEXO 16 - MAPA MIDIÁTICO-TEMÁTICO MOBILIDADE URBANA

MOBILIDADE URBANA														
TELEVISÃO	TRANSPORTE MOTORIZADO COLETIVO			TRANSPORTE FERROVIÁRIO			TRANSPORTE NÃO-MOTORIZADO INDIVIDUAL			TRANSPORTE MOTORIZADO INDIVIDUAL				
	A REALIDADE DE PASSAGEIROS, MOTORISTAS E EMPRESAS DE TRANSPORTE PÚBLICO			A AUSÊNCIA DE ESTRUTURAS, QUALIDADE E EXPANSÃO DO TRANSPORTE FERROVIÁRIO			QUEM UTILIZA E A BICICLETA E POR QUE ELA SÓ PENSADA APENAS COMO TRANSPORTE ALTERNATIVO			OS DESAFIOS PARA QUEM UTILIZA TRANSPORTE PARTICULAR				
	DESAFIOS DAS EMPRESAS DE ONIBUS	LIMITAÇÃO DE LINHAS	QUALIDADE DO SERVIÇO	HISTÓRICO SITUAÇÃO ATUAL DAS FERROVIAS	DISTRIBUIÇÃO DE LINHAS - RURAL E URBANO	QUALIDADE DO SERVIÇO	PRINCIPAIS USUÁRIOS	EXPANSÃO DAS CICLOFAIXAS	INSEGURANÇA NO TRANSITO	BICICLETA TRANSPORTE ESTRUTURAL	QUALIDADE DAS VIAS PÚBLICAS	TRANSPORTE POR APLICATIVO	PREÇO DO COMBUSTÍVEL	ACIDENTES E IMPRUDÊNCIA NO TRANSITO
TIKTOK		DESAFIO USUÁRIOS				DESAFIO USUÁRIOS								
STREAMING AUDIO			DUPLA FUNÇÃO MOTORISTAS			PRIVATIZAÇÃO METRÔ RECIFE		SITUAÇÃO CICLOFAIXAS					CUSTOS PARA MOTORISTAS	
INSTAGRAM														MUDANÇAS NO DPVAT
BLOG	MANUTENÇÃO SISTEMA				VLT - CABO								CANCELAMENTO DE VIAGENS	

RETRANCA	FORMATO	DESENVOLVIMENTO/ABORDAGEM	FONTES	RECURSOS
DESAFIOS-USUÁRIOS	VIDEO CURTO DE 1 MIN (DESAFIO)	OS PRÓPRIOS USUÁRIOS VÃO RELATAR AS DIFICULDADES POR MEIO DA INTERAÇÃO	USUÁRIOS DOS TRANSPORTES	OS PRÓPRIOS SMARTPHONES DOS USUÁRIOS
DUPLA-FUNÇÃO	PODCAST (ENTREVISTA)	MOTORISTAS E COBRADORES DEMITIDOS FALAM SOBRE A NOVA REALIDADE	MOTORISTAS E COBRADORES	ESTÚDIO PARA GRAVAÇÃO COM TODOS OS EQUIPAMENTOS; EDITOR
PASSAGEM CARA?	ENTREVISTA	APRESENTAR OS ARGUMENTOS DO OUTRO LADO: OS EMPRESÁRIOS	REPRESENTANTES DAS EMPRESAS DE ONIBUS	CARRO PARA O TRASLADO; MOTORISTA; GRAVADOR
DESAFIOS-USUÁRIOS	VIDEO CURTO DE 1 MIN (DESAFIO)	OS PRÓPRIOS USUÁRIOS VÃO RELATAR AS DIFICULDADES POR MEIO DA INTERAÇÃO	USUÁRIOS DOS TRANSPORTES	OS PRÓPRIOS SMARTPHONES DOS USUÁRIOS
PRIVATIZAÇÃO DO METRÔ	PODCAST (ENTREVISTA)	ESPECIALISTAS DISCUTEM A PRIVATIZAÇÃO, APRESENTANDO PRÓS E CONTRAS	ECONOMISTAS E REPRESENTANTES DO METRÔ	ESTÚDIO PARA GRAVAÇÃO COM TODOS OS EQUIPAMENTOS; EDITOR
VLT DO CABO	REPORTAGEM (BLOG)	MATÉRIA FALANDO DAS DIFICULDADES DO VLT DO CABO, EM SITUAÇÃO DE BARRIL	USUÁRIOS E FUNCIONÁRIOS	CARRO PARA O TRASLADO; MOTORISTA; GRAVADOR
CICLOCAIXA? ONDE?	PODCAST (ENTREVISTA)	USUÁRIOS DE BICICLETA FALAM SOBRE AS CICLOFAIXAS E DIFICULDADES EM RECIFE	REPRESENTANTES DA AMECICLO	ESTÚDIO PARA GRAVAÇÃO COM TODOS OS EQUIPAMENTOS; EDITOR
GASOLINA CARA QUE SÓ	PODCAST (ENTREVISTA)	BATE-PAPO SOBRE O PREÇO DA GASOLINA E CONSEQUÊNCIAS	MOTORISTA DE APLICATIVO	ESTÚDIO PARA GRAVAÇÃO COM TODOS OS EQUIPAMENTOS; EDITOR
TU SABIA DISSO?DPVAT	THREAD (TWITTER)	THREAD SOBRE OS SEGUROS (DPVAT) E AS PRINCIPAIS MUDANÇAS AO LONGO DOS ANOS	ÓRGÃOS RESPONSÁVEIS	CONTA NO TWITTER PARA PUBLICAÇÃO
VOU ANDANDO QUE É M	REPORTAGEM (BLOG)	MATÉRIA CONTANDO SOBRE A DIFICULDADE DE PEGAR UBER	USUÁRIOS E MOTORISTAS	CARRO PARA O TRASLADO; MOTORISTA; GRAVADOR

ANEXO 17 - MAPA MIDIÁTICO-TEMÁTICO DECLÍNIO DA CLASSE C

DECLÍNIO DA CLASSE C												
TELEVISÃO	Nesta série televisiva, apresentamos, a partir de três episódios subdivididos em temas, os meandros da dita classe C - como se definiu ao longo dos anos, qual contexto que permitiu sua ascensão e posterior queda no cenário brasileiro econômico, social e histórico.											
	O QUE É/ERA A CLASSE C?				POLÍTICA ECONÔMICA				A PANDEMIA			
	Compreender/abordar fatores que implicaram no surgimento dessa nova classe econômica e apresentar o (s) porquê (s) do seu declínio				Problematicar a nova reestruturação econômica do Brasil, principalmente a partir da retirada de direitos da classe trabalhadora				Trazer à tona os principais reflexos/impactados pela atual crise vivida no país em função da pandemia de Covid-19			
	CONCEITO (O QUE QUER DIZER...)	CONTEXTO ECONOMICO (QUANDO SURTIU)	QUEM SÃO?	REALIDADE ATUAL/ DECLÍNIO	ASCENÇÃO EXTREMA DIREITA	MODELO ECONÔMICO	REDUÇÃO DOS DIREITOS DOS TRABALHADORES	POLÍTICAS PÚBLICAS DO GOVERNO	INFLAÇÃO	PERDA DO PODER DE COMPRA	DESEMPREGO	INSEGURANÇA ALIMENTAR
			HETEROGEN EIDADE DE CLASSE	HÁBITOS DE CONSUMO		REFORMAS			INFLAÇÃO ANOS 80 E 90			
PLATAFORMA DE ÁUDIO												
SITE		A ERA LULA			BASE GOVERNO /BOLSONARO				O VALOR DO DINHEIRO			
INSTAGRAM	HISTÓRIAS TRABALHO						CLT X MEI				TRABALHO INFORMAL	
YOUTUBE								DESINFORMAÇÃO E AUXÍLIO EMERGENCIAL				DESAFIOS DE SOBREVIVER

Contextualização

Opinião

DETALHAMENTO DOS CONTEÚDOS DE EXPANSÃO

RETRANÇA	FORMATO	DESENVOLVIMENTO/ABORDAGEM	FONTES	RECURSOS
Histórias do trabalho	Sorte de Instagram/perguntas e respostas	Relatos sobre o primeiro emprego conquistado após anos sem ocupação formal	Os impactados pela mudança (um homem ou mulher de no máximo 30 anos)	Internet
A era Lula	Artigo de opinião	Esmiúçar as políticas públicas e o incentivo ao crédito efetivados na Era Lula como determinantes para o crescimento da classe C	E-mail, site	Programador, designer
Heterogeneidade de Classe	Podcasts com especialistas	Os vários abismos dentro de uma mesma classe - toda ela ainda próxima da pobreza	Cientistas sociais	Estúdio, edição de áudio, gravador, microfone
Hábitos de consumo	Rádiodocumentário	Os diretamente impactados pela perda do poder no poder de compra do Brasil	Maria Eduarda da Mota Rocha, socióloga da UFPE e do	Narrador, estúdio, edição, efeito sonoro
Base Governo Bolsonaro	Reportagem especial	Abordar como a direita ultracorporadora ocupou o Congresso, trabalhando para acelerar a recessão	Jornalista, cientista político e parlamentares da bancada	Programador, designer, internet
Reformas	Entrevista via Podcast	O que está por trás dessas reformas que minam os direitos trabalhistas e as classes mais abastadas?	Cientista político	Gravador de som, telefone, edição de áudio
CLT X MEI	Instagram/reels/stories	Publicar/tirar dúvidas sobre o o que é ser CLT e os seus ganhos/garantias x a precariedade do MEI	Advogado trabalhista	Social media, designer
Desinformação e auxílio	Youtube documentário	As dificuldades enfrentadas pela base da Classe C em conseguir o auxílio em meio à desinformação	Pessoas que vivenciaram o problema, cientista social, j	Câmera, gravador, lapela, estúdio, edição
Inflação anos 80 e 90	Podcast com especialista	Tematizar a grande inflação vivida no final da década de 80. É possível que este cenário se repita?	Cientista Político e Economista	Programador, designer
O valor do dinheiro	Panel interativo	Cálculos sobre o "valor" do dinheiro nos últimos anos. Os R\$ 100 de 2016 não são os mesmos de hoje	Contadores, advogados tributaristas/economistas	Internet, programador, designer
Trabalho informal	Instagram/stories	O trabalho informal como alternativa para superar o desemprego	Uma família da classe C que trabalha com "bicos"	Internet, celular
Os desafios de sobreviver	Youtube documentário	O dia a dia alimentar da classe C. O que fazem para garantir comida? O que comem?	Famílias de entrevistados (as)	Câmera, gravador, lapela, estúdio, edição

ANEXO 18 – PLANO DE ENSINO DA DISCIPLINA LABORATÓRIO DE WEBJORNALISMO E JORNALISMO MULTIMÍDIA



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL Plano de Curso

I - IDENTIFICAÇÃO

Disciplina: JORN034 - LABORATÓRIO DE WEBJORNALISMO E JORNALISMO MULTIMÍDIA

Curso: JORNALISMO - CAMPUS MACEIÓ Turma: N

Ano: 2022 - 1º Semestre

CH: 120

Docente: MARCOS CARVALHO MACEDO

II - EMENTA

Trabalhar as dimensões práticas do webjornalismo. Produção de conteúdo jornalístico multimídia para web. Manutenção de agência de notícias online com atualização diária e contínua. Cobertura online de eventos e fatos. Desenvolvimento e aplicação de ferramentas de interação e colaboração com o leitor. Relação prática e cotidiana do jornalismo com redes sociais online. Relação do jornalismo formal com o jornalismo participativo através da Internet e dispositivos móveis de comunicação.

III - OBJETIVOS

Capacitar o estudante de experiência em webjornalismo e jornalismo digital, habituando-se à rotina de produção de pautas, elaboração de notícias e reportagens, além de edição de conteúdo digital. Propiciar-lhe familiaridade com ferramentas multimídias para o jornalismo.

IV - CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

1. Planejamento e proposta da disciplina. O Contexto do jornalismo digital: convergência e cultura participativa.
2. As características do webjornalismo: hipertextualidade, interatividade, multimidialidade, interatividade, memória, personalização e ubiquidade.
 - 2.1. Análise de reportagens multimídia.
3. Transmídiação e Jornalismo (caracterização e estratégias de expansão)
 - 3.1. Análise de especiais transmídia
4. Roteirização de reportagem - serialização e tematização
 - 4.1. Pré-apuração de temas para reportagem
5. Roteirização transmídia - escolha do tema e pesquisa
 - 5.1. Pré-apuração para reportagem multimídia
6. Roteirização transmídia - planejamento da reportagem multimídia
 - 6.1. Roteirização em grupos
7. Roteirização transmídia - planejamento dos conteúdos de expansão
 - 7.1. Roteirização em grupos
8. Roteirização transmídia - funções dos conteúdos de expansão e interação
 - 8.1. Finalização dos Roteiros
9. Análise geral dos roteiros e ajustes para produção
 - 9.1. Agendamento com fontes
10. Produção Transmídia (processo de apuração: entrevistas, fotografias, vídeos, infográficos, etc.)
11. Apuração da reportagem transmídia
12. Redação da reportagem multimídia
13. Redação dos conteúdos de expansão transmídia
14. Edição da reportagem multimídia
15. Edição dos conteúdos de expansão
16. Redação e edição dos conteúdos de propagação transmídia
17. Semana de Publicação dos conteúdos
18. Avaliação e Aprendizados na Disciplina

A metodologia utilizada tem como base o processo de produção de uma reportagem multimídia utilizando-se de estratégias para expansão de conteúdos transmídia. Serão referenciados produtos jornalísticos na área como apoio para criação de repertório, paralelamente às atividades de roteirização, apuração, redação e edição do produto jornalístico realizadas em grupos sob orientação do professor.

VI - AVALIAÇÃO

AB1 - Elaboração do roteiro de reportagem especial transmídia

AB2 - Processo de produção, apuração, redação e edição da reportagem especial transmídia

VII - REFERÊNCIAS**BÁSICAS:**

BARBOSA, Suzana. A.; TORRES, Vitor. O paradigma 'Jornalismo Digital em Base de Dados': modos de narrar, formatos e visualização para conteúdos. *Galaxia*. 25, p. 152-164, 2013

CANAVILHAS, João (org). *Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença*. Covilhã: Labcom, 2014. Disponível em: https://labcom.ubi.pt/ficheiros/20141204-201404_webjornalismo_jcanavilhas.pdf

PALACIOS, Marcos; RIBAS, Beatriz. *Manual de laboratório de jornalismo na internet*. Salvador: Edufba, 2007. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ufba/142/3/ManualDeLaborat%c3%b3rioDeJornalismo-RI.pdf>

COMPLEMENTARES:

JENKINS, H. *Cultura da convergência: a colisão entre os velhos e os novos meios de comunicação*. São Paulo: Aleph, 2009.

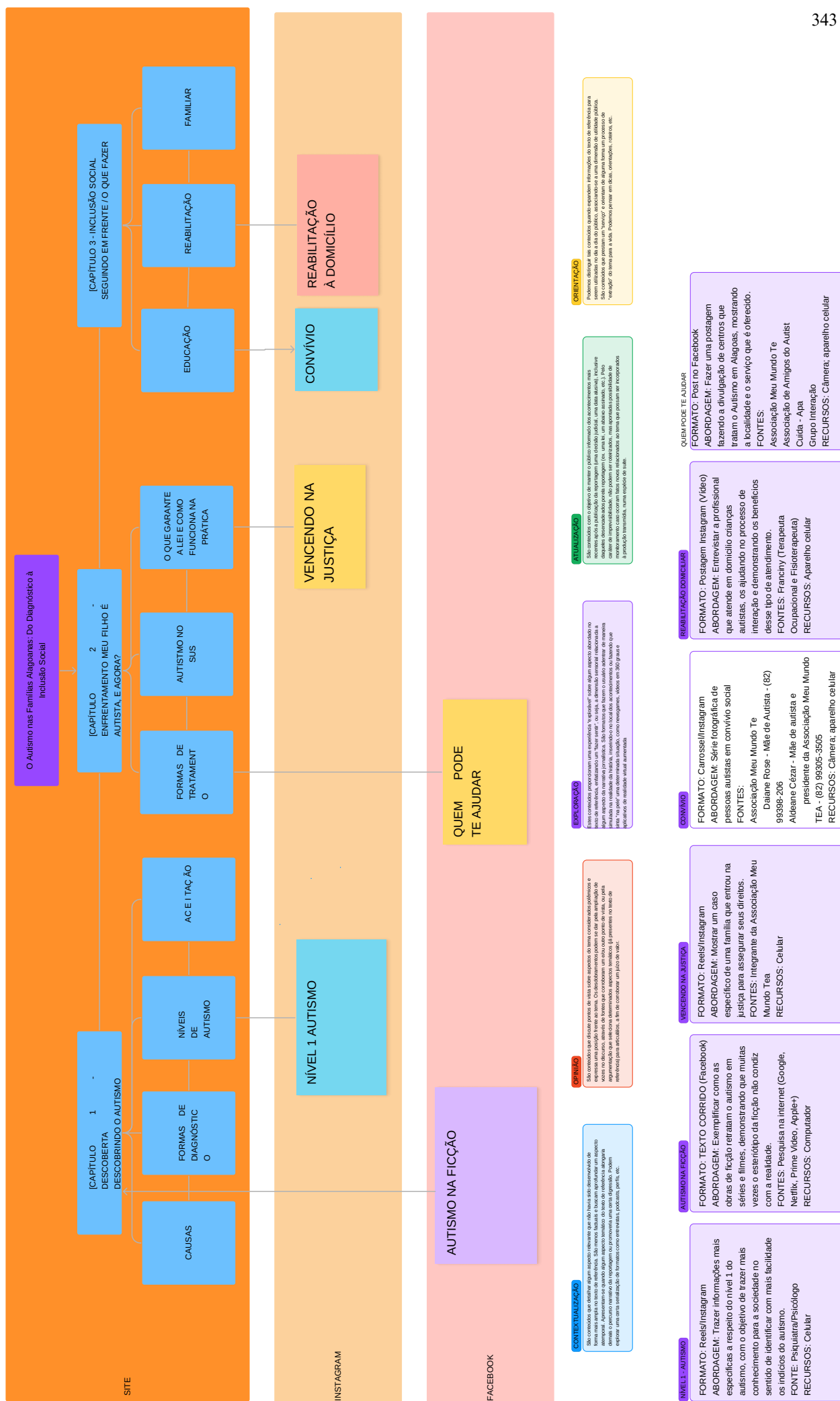
BARBOSA, S. *Jornalismo convergente e continuum multimídia na quinta geração do jornalismo nas redes digitais*. In: CANAVILHAS, J. (Org).

Notícia e mobilidade: jornalismo na era dos dispositivos móveis. Covilha: LabCom, 2013. Disponível em: <http://www.livroslabcom.ubi.pt/book/94>. Acesso em 20 de nov. 2015.

MACEDO, Marcos Carvalho; FECHINE, Yvana. *Narrativas Transmídia em Jornalismo: a expansão de aspectos temáticos*. In: *Revista GEMInIS*, São Carlos, UFSCar, v. 10, n. 2, pp.77-100, mai. / ago. 2019. Disponível em: <https://www.revistageminis.ufscar.br/index.php/geminis/article/view/445>

PRADO, Magaly. *Webjornalismo*. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

ANEXO 19 - MAPA MIDIÁTICO TEMÁTICO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA



Sinopse

SINOPSE: Trata-se de reportagem transmitida publicada que irá abordar o Autismo e os desafios enfrentados pelas famílias dos portadores. A proposta é trazer os desafios que as famílias enfrentam no diagnóstico, tratamento, educação e inclusão social do portador do transtorno, nominando esses desafios e as possíveis soluções, através de entrevistas com as famílias e com os profissionais. Sendo assim, o objetivo é informar os leitores sobre o assunto, despertando a curiosidade para que cada vez mais a sociedade entenda do que se trata o autismo e os problemas enfrentados pelas famílias.

A reportagem será dividida em 3 capítulos, onde o primeiro vai tratar do Diagnóstico, o segundo do enfrentamento e o terceiro da inclusão social, fazendo uma espécie de linha do tempo. Nos três capítulos se pretende trazer imagens/ vídeos.

DESCOBRINDO O AUTISMO

Neste início, pretendemos trazer a opinião de um especialista para informar as causas e os níveis do autismo e como se dá o diagnóstico, ao mesmo tempo em que aborda a luta de uma família por esse diagnóstico e o processo de aceitação.

Fontes:
Dr. Flávio Santana - Neuropediatra (Instagram: @dr.flaviosantana)
Daiane Rose - Mãe de Autista - (82) 99398-2063

Linguagens:
Imagens: 2 fotografias, uma do símbolo do autismo (quebra-cabeça); criança segurando brinquedo gráfico; exemplificando a quantidade de pessoas autistas no Brasil, tipificando a porcentagem de cada nível

Recursos: Celular, whatsapp, email e instagram e facebook.

MEU FILHO É AUTISTA, E AGORA?

O segundo capítulo continua no processo de aceitação, porém, de forma prática, trazendo as formas de tratamento, os desafios que a família encontra quando busca o SUS e o quais os direitos são garantidos por lei.

Fontes:
José Tenório Gameleira - Presidente da Comissão de Direito à Saúde da OAB/AL - (82) 98854-546
Aldeane Cézar - Mãe de autista e presidente da Associação Meu Mundo TEA - (82) 99305-3505

Linguagens:
Imagens: Atendimento multidisciplinar; Foto do Direito à Saúde da OAB/AL
Vídeo: parente relatando a experiência no SUS

Recursos: Celular, whatsapp, email e instagram e facebook.

SEGUNDO EM FRENTE / O QUE FAZER

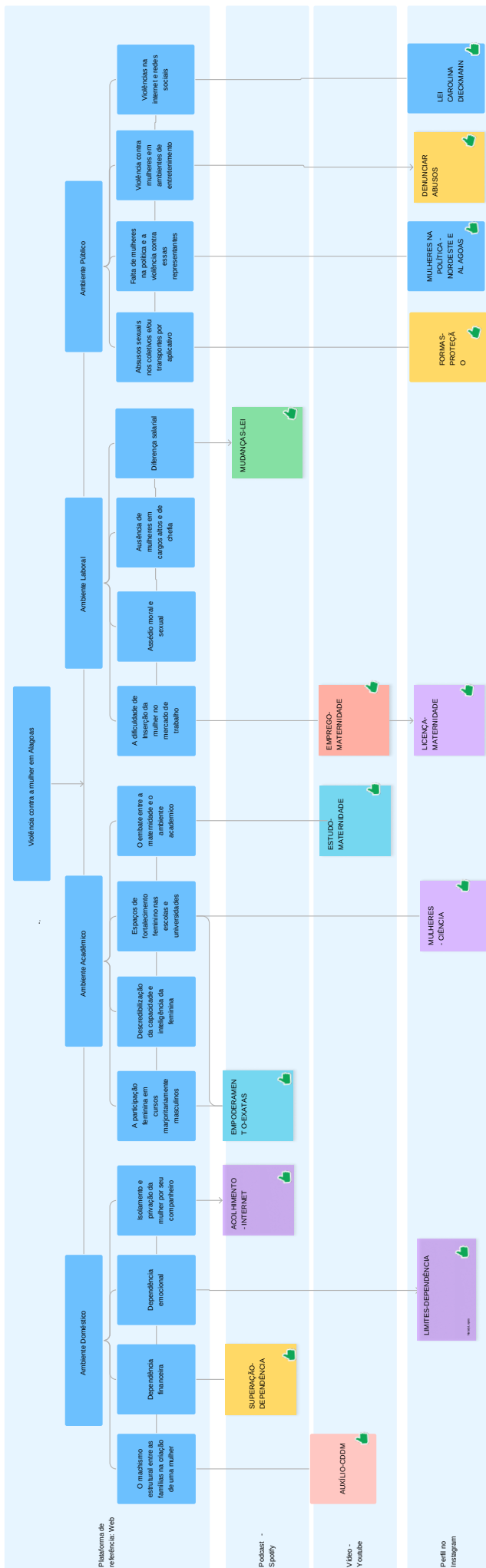
O terceiro capítulo vai trazer o processo de inclusão social do portador de autismo, ou seja, a procura por uma escola, como a escola se prepara para receber a criança, as dificuldades no meio familiar, convivência com vizinhos e o que pode ajudar no processo de interação da criança.

FONTES
Profa.: Ma. Renata Lima - Pedagoga
Projeto de Extensão: Atividades motoras para crianças com transtorno do espectro do autismo (PREMAUT) - Coordenadora: Profa. Dra. Chrystiane Vasconcelos Andrade Toscano.

Linguagens:
Fotografia: Autistas durante a recreação na associação; fotos na sala de aula
Vídeos: imagens do projeto de extensão e com a coordenadora professora Dra. Chrystiane Toscano.

Recursos: Celular, whatsapp, email e instagram e facebook.

ANEXO 20 - MAPA MIDIÁTICO-TEMÁTICO VIOLÊNCIA CONTRA MULHER EM ALAGOAS



CONTEXTUALIZACI

LIMITE-DEPENDÊNCIA

FORMATO: Instagram/ Relatos
ABORDAGEM: Mostrar experiências de mulheres que passaram por uma dependência emocional em relacionamentos amorosos e familiares.
FONTES: Procurar fontes que passem por dependência emocional através de um forms.
RECURSOS: Forms,

LICENÇA MATERNO-Inf

FORMATO: 3 posts sobre o assunto

ABORDAGEM: 1º post: carrossel explicando sobre o direito que as mulheres têm

2º post: vídeo curto de especialista explicando como as mulheres têm acesso ao direito e como enfrentar casos de negligência ou descumprimento aos direitos pelas empresas

3º post: arte gráfica com ilustração de como a lei mudou ao longo do tempo

FONTES: Sueli Cavalcanti (Promotora de Justiça, Mestre em Direito) - 30/07/2019

RECURSOS: OpenStax, Google e entrevista com especialista em direito da mulher, professora Carla Patrícia das Anes dos Santos, salicósta de vídeo gravado sobre a evolução do direito da mulher, especialmente o direito ao trabalho profissional e estado pelo caso que cria a equidade.

ATTENZIONE

FORMATO: Vídeo
ABORDAGEM: Entrevista
FONTES: Projeto Atena, K
Lais Rhiane - Engenharia
Meatrônica @laishianne
RECURSOS: Gravador, Ví
Conferência, anchor aud

COLHIMENTO-INTERNET

FORMATO: Podcast/Entrevista
BORDAGEM: Falar sobre com-
página no Instagram ajudou
mulheres a falarem sobre
relacionamentos tóxicos.
CONTES: Administradores da
página @maseleuncamebateu-
RECURSOS: Instagram,
whatsapp, gravador, chamada
de vídeo, anchor e audacity.

by NAB

São conteúdos que discutem pontos de vista sobre aspectos do tema, considerando padrões e expressões numa posição frente ao tema. Os desenvolvimento podem se dar pela aplicação de vozes no discurso, através de textos, com um enunciado pontual de vista, ou pela argumentação que seleciona determinados aspectos temáticos (j) presentes no texto de referência para analisá-los, a fim de corroborar um juízo de valor.

06-00000

Formado: Relato de entrevista
Abordagem: Conversar com o CDOM (Centro de Defesa da Mulher) sobre o auxílio que eles dão a diversas mulheres que procuram ajuda após serem vítimas de alguma violência dentro de casa, física ou psicológica. Falar sobre o trabalho da ONG, como eles recebem as vítimas, como a ajuda é prestada a todas.
Fontes: Paula Simony, advogada e especialista em Direitos Humanos e em Proteção a Mulheres Vítimas de Violência
Recursos: Gravador, chamada de vídeo.

2008-01-17 09:00 AM

FORMATO: Vídeo (depimento)
ABORDAGEM: Falar sobre se houve dificuldade para entrar no mercado de trabalho por ser mãe; quais os principais obstáculos que uma mulher enfrenta ao conciliar filho e carreira.
FONTES: Aline Dias (Relações Públicas; análise de agência de comunicação; mãe da Ana Elis) - 82 9177-3182.
RECURSOS: gravação e edição de vídeo pelo celular. Uso de imagens (arquivo da entrevistada).

PLONATO

nos artigos propõem uma experiência "topofórica" sobre alguns aspectos abordados no texto de referência, enfatizando um "ser sofrer", ou seja, a dimensão sensorial relacionada a um aspecto da realidade jornalística ou "fotográfica" que faz com o usuário aderir de maneira mais profunda à realidade da história, tornando-o o total dos acontecimentos ou fazendo que ele "se pele" a um determinado fato, como nos videogames, vídeos em 360 graus e simulações de realidade virtual aumentada.

Participating in

Formato: Carrossel no Instagram
Abordagem: Informar sobre grandes mulheres no ambiente acadêmico durante a história.
Fonte: Revista Galileu e Guia do Estudante
RECURSOS: Canva, Instagram

Entrevista Mães Estudantes

Formato: Vídeo no youtube
Abordagem: Conhecer as dificuldades de estudar e cuidar dos filhos ao mesmo tempo
Fonte: Neide Marinho - 82 917 2-6392
Recursos: Youtube Edit

Can I travel on my own?

FORMATO: Conversa de WhatsApp com relatos da fonte em áudio.

ABORDAGEM: Falar sobre como funciona o assédio contra as mulheres dentro do local de trabalho.

FONTE: Joana Araújo (Estudante de Jornalismo, assessora política) / (82) 9697-6847

RECURSOS: Entrevistas podem ocorrer pessoalmente ou via WhatsApp.

OS-LAZER

FORMATO: podcast
BORDAGEM: Relatos de mulheres que já sofreram abusos em ambientes de zez.

1

do correto com o objetivo de manter o público informado dos acontecimentos mais recentes após a publicação da reportagem (uma das duas ações), inclusive aquelas de desmentado pelo da reportagem (ou, uma vez, um assunto associado, etc.). Pelo caráter de privacidade dado não podem ser retransmitidos, mas a seguinte possibilidade de compartilhamento em um e-mail ou em uma rede social é possível, desde que os dados não sejam incorporados em um novo trabalho de mídia.

5 de novembro - Dia de combate à violência contra a mulher: <https://sapi.al.leg.br/media/sapi/public/formajuridica/2019/1641/>

UOM/INÇAS/LEI

FORMATO: Podcasts/revista
ABORDAGEM: Falar sobre o
antes e depois da lei sobre
equiparação salarial, além das
atualizações com a reforma
trabalhista e como se pode
denunciar casos.

FONTE: Seli Cavalcanti
(Promotora de Justiça, Mestre
em Direito) - 9.875.0789

CURSOS: gravação pelo
receptor; edição pelo audacity;
distribuição pelo spotify.

ORIENTAÇÃO

Problemas disto regalar são contínuos quando expandido: informações do teste de referência a par servirão filtradas no dia a dia do cotidiano, mas também a uma dimensão de nível de análise.

FORMAS-PROTEÇÃO

FORMATO: Cards no Instagram
ABORDAGEM: Informar como as mulheres podem se proteger.

FONTES: Júlia Nunes - Advogada (@julianunes_mulher)

RECURSOS: Canva, WhatsApp.

SEMINÁRIO - ABRIL 2008 - FESTAS

FORMATO: Vídeo de reels para o Instagram

ABORDAGEM: Dicas para em caso de abusos, como a mulher pode denunciar?

FONTES: Site do G1 Alagoas, site migalhas.com

RECURSOS: Canva, camera,

SUPERACÃO-DEPENDÊNCIA

Formato: Realiza/ entrevista
Abordagem: Conversa com um economista sobre a problemática da dependência financeira que impede muitas mulheres saírem de relacionamentos abusivos, como conquistar a dependência financeira? que ferramentas podem ajudar nesse processo? é isso que vamos questionar e entender.

Fontes: Chico Rosário, economista e professor, contato: 9909-5259.

Recursos: gravador, câmara de vídeo.

5.2.2.2

Este projeto é uma reportagem para web que tem como problemática principal o impacto que a violência de gênero exerce na vida das mulheres em Alagoas e como os casos de violências, em seus variados tipos, vêm aumentando no estado. A reportagem será dividida em quatro capítulos, abordando como as violências moral, física, psicológica, sexual, patrimonial e moral acontecem nos ambientes de trabalho, doméstico, escolar/acadêmico e em ambientes públicos, demonstrando como o machismo estrutural está presente na sociedade alagoana e como as mulheres alagoanas são afetadas por esse problema social.

1. Ambiente Doméstico

ABORDAGEM: Neste capítulo, vamos falar sobre os casos de violência contra mulher que acontecem dentro das residências, esse tipo de violência pode acontecer de forma física, psicológica, sexual, patrimonial e moral. Vamos discutir também como o ambiente doméstico, desde a infância, pode perpetuar a banalização da violência contra mulher e da aceitação do abuso. Também vamos discutir sobre a lei Maria da Penha e sobre centros que procuram auxiliar mulheres a saírem dessa situação.

Fontes: Paula Simony (Centro de Defesa dos Direitos da Mulher)
Chico Rosário (Professor da UFAL e economista); Página Mas Ele Nunca Me Bateu; Psicóloga da AME/CDDM);

Linguagens:
* Imagens: fotos de banco de dados, mulheres afastadas, recolhidas em ambiente escuro, em quartos sozinhas e tristes no chão chorando sem parar.
* Vídeos no Youtube
* Conteúdo para podcast
* Carrossel no Instagram
Recursos: Instagram, Youtube, Canva

2. Ambiente Acadêmico

ABORDAGEM: Neste capítulo trouxemos à luz as dificuldades enfrentadas pelas mulheres em ambientes acadêmicos que tem em sua maioria dominância masculina. Seja em cursos com maior quantidade de alunos homens ou até dificuldades enfrentadas puramente por serem mulheres.

Fontes: Laís Rhianna (Desenvolvedora de Software Front-end)

Katie (@Katieufal) é um grupo formado por mulheres do Instituto de Computação da UFAL. Com o objetivo de promover ações de apoio e incentivo às estudantes, @GrupoAthena Grupo com o intuito de incentivar mais mulheres a entrar e permanecer na área tecnológica

Linguagens:
Imagens: fotos com cadernos no primeiro plano, salas de aulas, fotos da universidade, fotos genéricas de jovens conversando
Vídeos no Youtube
Carrossel no Instagram
Recursos: Instagram, Youtube, Canva

3. Ambiente Laboral

ABORDAGEM: Neste capítulo, vamos falar sobre as violências que as mulheres sofrem no âmbito do trabalho. Destacamos aspectos como a dificuldade de inserção e manutenção desse público no mercado de trabalho; o impacto dos assédios moral e sexual nos empregos; ausência de mulheres em cargos altos, de chefia e liderança; além da diferença salarial entre os gêneros dentro das empresas. O objetivo é entender como cada um desses entraves vivenciados pela mulher alagoana reforça e reflete a desigualdade de gênero existente no Estado.

Fontes: Siela Cavalcanti (Promotora de Justiça, Mestre em Direito) - 98757-0789; Aline Dias (Relações Públicas, analista de agência de comunicação, mãe da Ana Elis) - 82 9177-3182; Dados sobre estudo de "Descriminação de Gênero/Racial no Mercado de Trabalho de Alagoas" - monografia de José Guilherme de Farias (Ciências Econômicas UFAL); Ver dados e ações da Coordenadoria de Promoção da Igualdade e Oportunidades (COORDIGUALDADE) de Alagoas (MPT) - Rafael - Ascom MPT - 82 9660-7155;

Linguagens: vídeos-depoimento de algumas fontes, gráficos com os dados das pesquisas e estudos; áudios-depoimentos ao longo do texto, imagens de mulheres em escritórios, fotos de mulheres trabalhando e fotos sedidas pelas fontes.

Recursos: Capcut para edição de vídeos; Audacity para edição de áudios; Canva para edição de gráficos e artes.

4. Ambiente Público

ABORDAGEM: Nesse capítulo buscamos apresentar os abusos vividos pelas mulheres em ambientes públicos, como meios de transportes, meio político, redes sociais e lugares destinados ao lazer.

Fontes:
Lenilda Luna (@lenildaluna) - Jornalista e presidente da UP Alagoas
Tainá Luz (@tainaluz_) Estudante de Jornalismo
Julia Nunes (@julianunes_mulher) Advogada
Maria Luiza (marialuizadantass) Estudante de Jornalismo

Linguagens:
Imagens: Fotos cedidas pelas personagens, principalmente os envolvidos na vida política; imagens genéricas de crimes cibernéticos, fotos de festas informais, gráficos com dados sobre violência em ambientes públicos.
Recursos: Forns, Instagram, Whatsapp, Canva.

SUGESTÃO DE FONTE
<http://mulhersegura.seguranca.al.gov.br/wp-content/uploads/2022/03/Mapa-da-Viol%C3%A2ncia-Contra-a-Mulher-Alagoas-2021.pdf>

SINOPSE A condição migratória dos venezuelanos ganhou um grande destaque esse ano, no entanto os primeiros imigrantes venezuelanos chegaram aqui em Alagoas em 2008. Por ser um assunto abrangente, resolvemos fazer uma reportagem transmiídia e utilizaremos além do recurso da escrita, documentários e podcasts, nos quais vamos focar nas condições dos imigrantes venezuelanos indígenas, os Waraos. O foco nos Waraos nos permite trabalhar de forma ampliada os impactos causados pela imigração e falar sobre respeito e acolhimento dado aos Waraos com relação aos seus costumes e tradições. Enumerando coisas que os Waraos fazem para manter um pouco da cultura deles viva mesmo estando longe do seu país natal. Mostra como a política migratória funciona no Brasil, principalmente em um estado como Alagoas que não tinha até então projeção para receber migrantes e como estão os venezuelanos que já estão integrados e o acesso à educação, moradia, saúde e lazer.	WARAOS Abordagem: Contar a História pregressa dos Waraos em um contexto macro, contextualizando suas vivências e lutas e traçando um perfil desta população indígena, passando pelos primeiros registros de indígenas Waraos em Alagoas e desaguando na atual problemática proposta pela temática da migração e explicitando as principais razões sociais, políticas e econômicas que os fizeram migrar até a atual localidade. Fontes: 1 - Michelle Reis Historiadora (UFAL) / atua com ênfase nos estudos da História Indígena - Contato: michellemacedo.historia@gmail.com 2- Anibal Perez Liderança indígena Contato: (84) 8732-8027 3- Argenis Marciano Liderança indígena dos Waraos Contato: (082) 98736-1477 4 - Adauto Santos da Rocha Historiador e pesquisador na área indígena Contato: (82) 8139-5401 Linguagens: Fotografias históricas dos Waraos Infográfico abordando dados do fluxo migratório da população indígena venezuelano para o Brasil Fotografia dos personagens Recursos: Computador/Celular	
	CONVERGÊNCIA CULTURAL Abordagem: Comentar sobre como as diferenças culturais geram impacto no modo de vida dos venezuelanos que estão vivendo aqui. Elencando coisas como o que os Waraos fazem para manter um pouco da cultura deles viva mesmo estando longe do seu país natal. Fontes: Anibal Perez Liderança indígena Contato: (84) 8732-8027 Linguagens: Documentário perfil, mostrando o dia a dia de um líder Waraos, o Anibal. Fotografias da liderança waraos (Anibal), imagens de como eles conseguem manter a cultura deles viva mesmo em outro país e a maneira que eles se adaptaram, fotos de objetos que representam sua nova forma de viver e fotos que retratem o seu cotidiano, entre outras. Recursos: Celular, notebook e tripé	POLÍTICA DE MIGRAÇÃO NO BRASIL Abordagem: Falar sobre a migração no Brasil de forma macro, abordando dados e aprofundando sobre a legislação que trata sobre o tema nacionalmente, e comparando esses dispositivos com a realidade retratada nos demais subtemas. Fontes: Linguagens: Texto traçando em linhas gerais as condições de vidas e acesso à direitos dos venezuelanos e áudio (podcasts) aprofundando sobre a política migratória brasileira com um especialista, além de um segundo sobre impactos da falta de acesso a serviços de saúde. Recursos: Celular, computador com software de edição de áudio.
	ANÁLISE DA EQUIPE Reportagem escrita: Documentários: Podcasts: Apoio com os infográficos: Apoio com as fotos:	